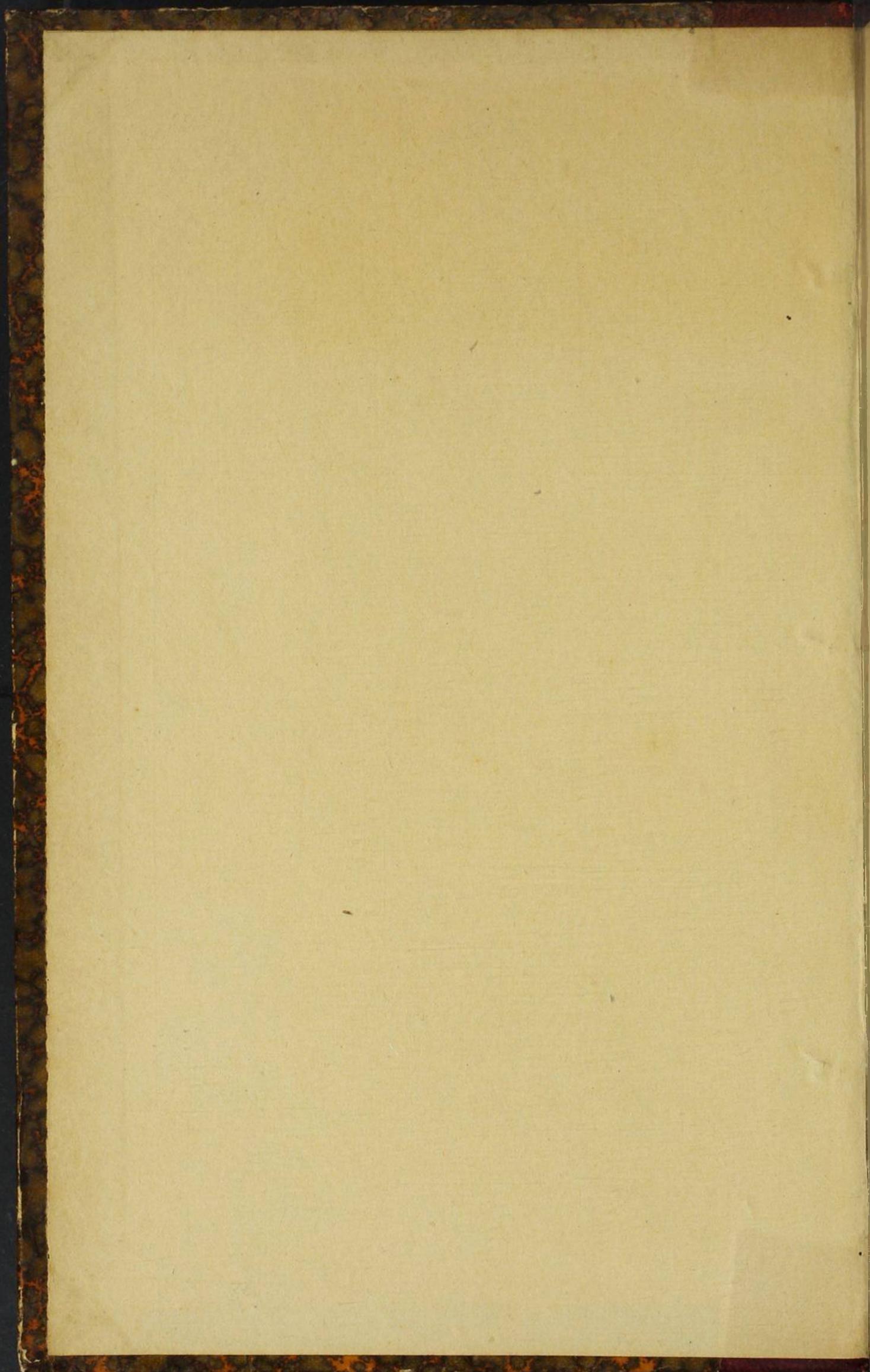
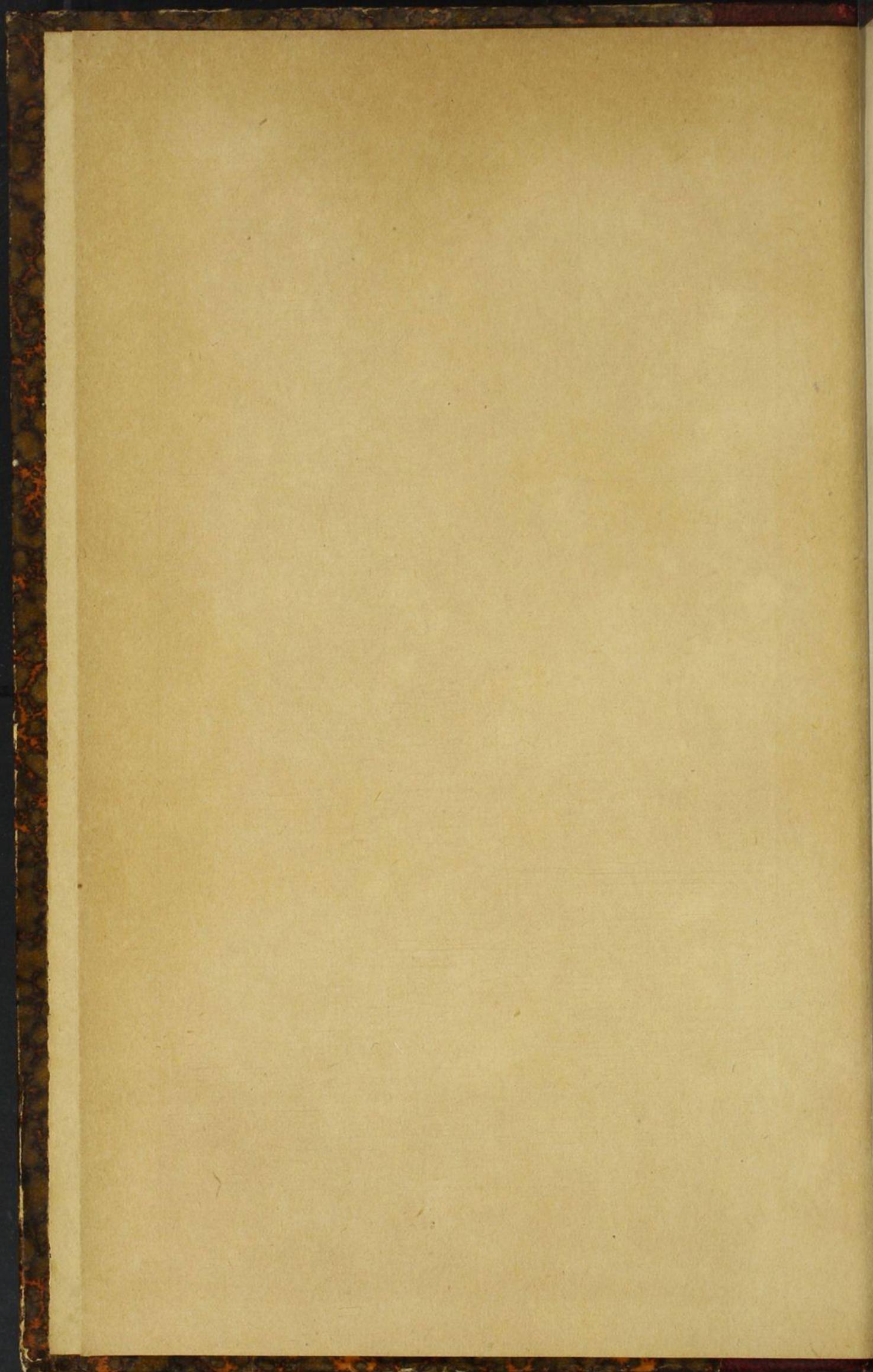


No. 411



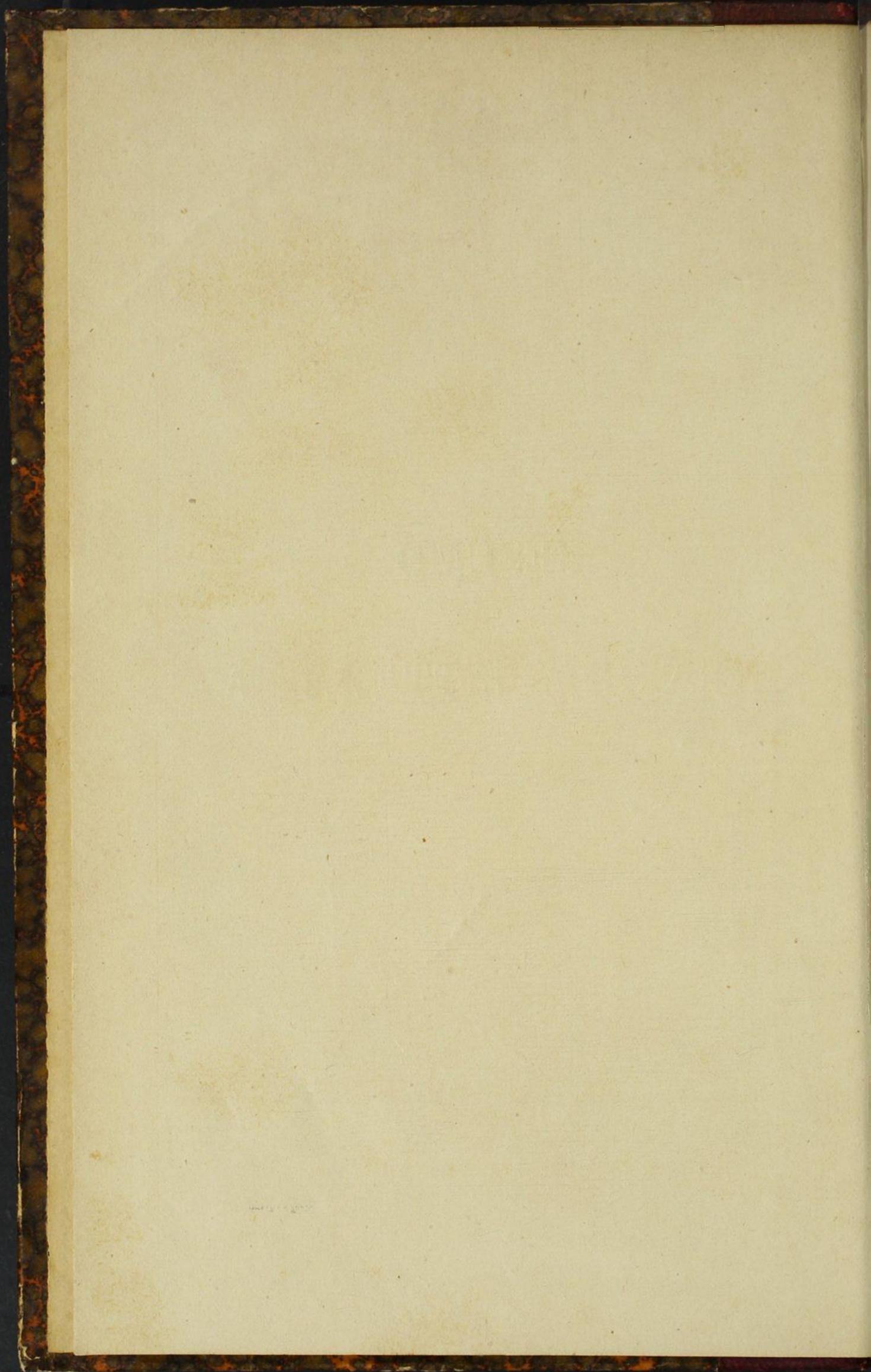




RESUMO

DE

HISTORIA LITTERARIA



# RESUMO

DE

# HISTORIA LITTERARIA

PELO CONEGO

**DOUTOR JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO**

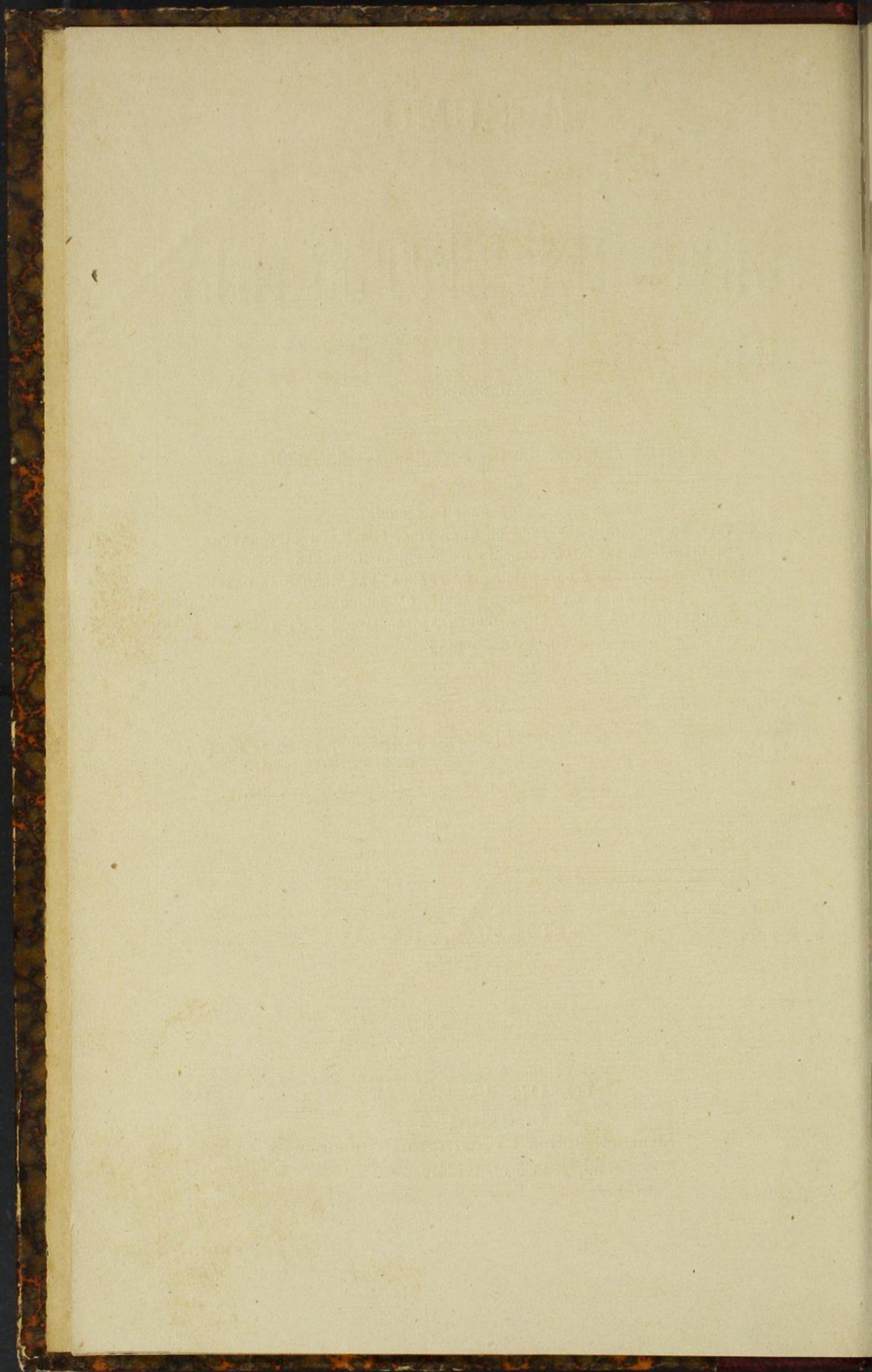
COMMENDADOR DA ORDEM DE CHRISTO,  
CHRONISTA DO IMPERIO, PROFESSOR DE RHETORICA, POETICA E LITTERATURA  
NACIONAL NO IMPERIAL COLLEGIO DE D. PEDRO II, MEMBRO DOS  
INSTITUTOS HISTORICOS DO BRASIL E DE FRANÇA, DAS ACADEMIAS DAS  
SCIENCIAS DE LISBOA E MADRID, DA SOCIEDADE  
GEOGRAPHICA DE NEW-YORK, E D'OUTRAS ASSOCIAÇÕES NACIONAES  
E ESTRANGEIRAS.

« Não é pequeno serviço ajuntar o disperso,  
abreviar o longo, e afastar o selecto.

MACEDO. — EVA E AVE.

TOMO II

RIO DE JANEIRO  
**B. L. GARNIER**  
LIVREIRO - EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO  
69, Rua do Ouvidor, 69



RESUMO  
DE  
HISTORIA LITTERARIA

---

LIVRO NONO

---

LITTERATURA PORTUGUEZA

Quasi que desconhecida é a litteratura portugueza, uma das mais fidalgas da familia neo-latina. Por incuria dos reinicolas e de seus descendentes ultra-marinos pouco se sabe no resto do mundo de tão opulenta litteratura; e esse pouco, em que nos pese confessa-lo, deve-se em grande parte aos luminosos escriptos de Bouterwek, Bellermann, Wolf, Dietz, Sismondi, Ferdinand Denis, Sané, e outros.

Começa felizmente a operar-se uma reacção contra esse culpavel indifferentismo; e tem vindo a lume nestes ultimos tempos em Portugal, obras estimaveis assignalando a origem, desenvolvimento e progressos da sua litteratura. Imperfeita synthese de tão importante trabalho será o estudo que ora encetamos.

ORIGENS

Habitadores do mesmo solo, sujeitos ás mesmas vicissitudes historicas, partindo de commum procedencia, hespanhóes e portuguezes formarão um só povo até o momento em que approuve a Affonso VI, rei de Leão, constituir o condado de Portucale em apagnio de sua filha D. Thereza, casada com Henrique de Borgonha.

Só pelo meiado do seculo XII (1140) é que começa a dar-se o nome de reino a esse feudo da monarchia leoneza, graças ao espirito altivo e independente de Affonso Henriques, filho e immediato successor de Henrique de Borgonha. A formal recusa do preito, devido a seu suzerano, e o augmento territorial que lhe proporcionara as constantes algaras feitas nos dominios musulmanos, forão os primordios d'essa monarchia, que ergueu-se na extremidade occidental da peninsula hispanica, e cuja autonomia se tem mantido á despeito de *tudo* e de *todos*.

Com a habitual proficiencia demonstrou o sr. Alexandre Herculano que só por amplificação pôde applicar-se a denominação de *Lusitania ao moderno Portugal*, concluindo a sua vigorosa argumentação por estas terminantes palavras:

« O que porém se deduz evidentemente de todos os geographos antigos, tanto d'aquelles que fallarão da Lusitania antes da conquista romana, como dos que só tomarão por fundamento as divisões estabelecidas por esta, é que os territorios a que se deu tal nome se estendião pelas provincias hespanholas muito além das modernas fronteiras orientaes de Portugal, ao passo que na primeira epocha não passavão pelo sul alem do Tejo, e na segunda findavão ao norte do Douro.

« Assim nos tempos da occupação celtica e do dominio romano o territorio da Lusitania, abrangendo de leste a oeste uma extensão mais do que duplicada da largura actual do nosso paiz, se dilatava a principio talvez até a extremidade septentrional da Galliza, em quanto ficava fóra d'ella metade do Alentejo e o Algarve; e depois de abranger estas provincias, nunca a porção do nosso sólo além do Guadiana, o qual ficou sempre pertencendo á Betica, perdia tudo o que jaz além do Douro até o cabo de Finisterra, isto é, metade da sua superficie, suppondo com Strabão que lhe pertencião os terretorios além d'este ultimo rio. É pois evidente que o Portugal moderno está longe de representar geographicamente a Lusitania antiga <sup>1</sup>. »

<sup>1</sup> HISTORIA DE PORTUGAL — tomo I — *Introdução*.

Caracterisando, poucas paginas adiante, a organização do novo reino serve-se o mesmo eminente historiador d'estas não menos eloquentes expressões :

« Provincia separada da monarchia de Leão e Castella pelos successos que em breve estudaremos, e constituida como individuo politico pelo esforço e tenacidade dos nossos primeiros principes e dos seus cavalleiros, o reino de Portugal formou-se pelos dous meios de revolução e conquista. A independencia, cujos fundamentos obscuros lançou, por morte de Affonso VI, o conde do districto portucalense, Henrique de Borgonha — independencia consolidada por sua viuva e estabelecida definitivamente por seu filho, — foi completada pelas conquistas d'este e dos seus quatro primeiros successores, até alem do meiado do seculo XIII, nos territorios do *Al-Gharb*, ou occidente. D'este modo a nova monarchia compoz-se de dous fragmentos; um leonez, e outro sarraceno; d'aquelle trouxe a origem, e com ella, digamo-lo, a physiologia e a physionomia da sociedade; a este impoz vencedora os proprios caracteres pelo que, como devera acontecer, d'elle recebeu modificações organicas. »

Pelo que acabamos de citar inutil parece-nos entrar em minuciosas indagações relativas ás tribus ibero celtas que estanciarão no periodo pre-historico no angulo da península pyrenaica, assim como relancear olhos sobre as diversas invasões de gregos, phenicios, carthaginezes, romanos, vandalos, alanos, suevos, wisigodos e arabes, que, attrahidos pela fama dos seus reconditos thesouros, ou pela uberdade do clima, procurarão estabelecer-se nessa abençoada região. Investiguemos de preferencia a origem da lingua, necessario instrumento de todas as litteraturas.

Conforme a theoria de Darwin (*the struggle for life*) applicada á linguistica por Schleicher, idiomas ha que pela pouca elasticidade de sua estrutura são condemnados a perecer na lucta com outros de natureza mais privilegiada. É este phenomeno cabalmente explicado pelo sr. Latino Coelho num notavel e recente trabalho, do qual pedimos-lhe venia para citar as seguintes luminosas reflexões:

« Desde o estado rudimentar das linguas australianas, citadas

por sir John Lubbock, e a imperfeição intellectual dos idiomas d'America Meridional, mencionados por Spix e von Martius; desde o periodo, por assim dizer physico e material, das linguagens até que ellas chegam a culminar, rasgando os seus vôos mais ousados, pelo poder d'abstracção, nos hymnos de *Rig-Veda*, nas rhapsodias da Iliada, e nos formosos poemas de Virgilio; desenrola-se um processo d'evolução, semelhante ao que decorre desde as mal seguras tentativas da fauna siluriana até as esplendidas e multiformes creações da fauna actual. Desde a interjeição e onomatopéa instintiva dos primeiros homens pre-historicos, nas trevas remotissimas d'uma idade em que vivião ainda na terra muitos animaes, hoje apenas existentes nas suas ossadas fosseis, até a linguagem altamente intellectual, onde se deparão expressões para tudo quanto ha de mais sublime na razão pura, na imaginação, no sentimento, desenrola-se uma cadêa immensa, a que só pode comparar-se a quasi infinita graduacção desde os *móneras* e os *protistas* do professor Ernesto Haeckel, de Jéna, até os typos mais perfeitos e as mais complexas organisações na immensa divisão dos vertebrados.

« Não ha pois, não pode haver, uma linguagem classica unica, exclusiva, imperatoria. Cada epocha tem a lingua que lhe convem, e quando um povo, num dado momento da sua historia, pensa e se exprime na linguagem d'um periodo antecedente, é um povo que declina, e que arrasta comsigo na queda um idioma que perdeu as condições de vitalidade.

. . . . .

« A variaçção das linguas não procede unicamente no tempo. O mesmo idioma, como a mesma planta, transportado a uma região diversa do primitivo centro de formação degenera e tendo a constituir pelas suas continuas variações uma especie, ou pelo menos uma sub-especie, mais do que uma variedade do idioma fundamental. Do latim provincial brotão as linguas romanicas de agora. Já o grande mestre da eloquencia latina, discreteando com Bruto ácerca da *urbanitas*, quasi atticismo romano, convidava o seu interlocutor a que fosse ás Gallias e alli acharia em uso muitos vocabulos que em Roma serião peregrinos: « — *Id tu, Brute, jam*

*intelliges, quum in Galliam veneris. Audies tu quidem etiam verba quædam non trita Romæ —<sup>1</sup>. »*

O mesmo deu-se na Hespanha, onde a lingua latina era igualmente official; e por isso usada nas transacções politicas, commerciaes, judicarias e litterarias, em sua pureza classica, mas onde o povo, privado da instrucção, apanagio das classes abastadas, empregava-a com grande abastardamento, produzindo numerosos solecismos, e locuções barbaras, fornecidas pelas linguas e dialectos, outr'ora fallados na peninsula. Á esse latim corrompido e degenerado denominou-se *vulgar*, ou *rustico*.

Observão os philologos que na propria Roma mui diverso era o fallar dos doutos da linguagem da gente ignára, tanto da cidade, como dos campos; e que gravissimo erro seria o suppor-se que um simples legionario podesse escrever uma carta como as de Cicero. Averiguada está que existião ahi as denominações de *lingua rustica*, *pedestris*, *quatidiana*, *sermo vulgaris*, etc.

Geral tornara-se porem o uso da lingua latina em toda a Hespanha e d'ella se servião os povos até o seculo V, em que os vandalos, alanos e suevos, partidos das regiões hyperboreas, precipitarão-se, atravez das gargantas dos Pyreneos. Conhecidas são as causas da curta duração do dominio d'esses barbaros que se virão supplantados pelos visigodos, bem cedo dominadores da Betica e Lusitania.

Nas continuas guerras trazidas por essas frequentes invasões definharão as letras, desaparecerão as escolas, e surgiu a ignorancia, natural effeito do grande cataclysmo politico e social. Nas cathedraes e mosteiros guardarão-se fracos restos d'antiga cultura intellectual, mas ainda ahi, pelo receio das doutrinas polytheistas, infiltradas nas paginas dos auctores gregos e latinos, prohibiu-se a sua leitura, e transcripção<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Relatorio da Commissão encarregada de propor á *Academia Real das Sciencias de Lisboa* o modo de levar a effeito a publicação do « *Diccionario da lingua Potuguesa* » Lisboa — 1870 —

<sup>2</sup> Affirma Ticknor que S. Isidoro, bispo de Sevilha, o ultimo que na Hespanha visigothica escrevera correctamente latim, prohibira aos seus monges a leitura dos livros pagãos (*Hist. de la Lit Espanola*—tomo III).

Facto analogo ao que se dera com outras regiões da Europa latina realisou-se em Hespanha, e por consequencia em Portugal: queremos fallar da adopção pelos vencedores da lingua e instituições dos vencidos. Urgidos pela necessidade de se communicarem com os povos conquistados aprenderão os barbaros o idioma d'estes em vez de imporem o seu proprio; dando assim eloquente testemunho da superioridade intellectual dos que nos campos de batalha lhes haviam sido inferiores.

Do intimo contacto das duas raças resultou para o romance hespanhol a aquisição de numerosos idiotismos, phrases e até vocabulos de procedencia germanica, cujos vestigios ainda hoje se descobrem nas duas linguas da peninsula.

Nova e tremenda invasão veio de novo mudar os destinos de Hespanha e exercer não pequena influencia em sua constituição glotica; comprehende o leitor que nos referimos a conquista que da monarchia visigothica fizeram os arabes no seculo VIII. Pasmosa foi a rapidez com que se operou a submissão de todo o paiz, com unica excepção das montanhas das Asturias e da Byscacia, onde Pelayo e seus heroicos paladinos defenderão as reliquias venerandas da religião e da patria.

Não se repetiu porem o phenomeno a que acima nos referimos; e por maior que fosse a mistura da população christã com a musulmana nem uns, nem outros abandonarão seus respectivos idiomas. Parece que o antagonismo organico d'esses idiomas, dos quaes um (o romano) pertence a familia aryana, e o outro (o arabe) a semitica oppunha-se formalmente a sua fusão, ou se quer assimilação.

Mas a incontestavel superioridade da civilização arabe, seus progressos scientificos, quando a Europa jazia immersa na mais supina ignorancia, seu excessivo amor pela poesia e bellas artes exercerão uma especie de fascinação sobre os conquistados, obliterando os costumes antigos, e transformando as novas gerações.

Já alguma cousa dissemos ácerca dos *mosárabes*, esse laço de união entre as duas raças que tão fundos odios conservavão por motivos politicos e religiosos. « De feito (diz o senhor Alexandre Herculano) os *mosárabes*, no meio das invasões, das mudanças

repetidas de dominio, dos fossados e algáras erão forçosamente os que menos padecião nessas transições politicas, nessas devastações repetidas. Nas povoções situadas pelas variaveis fronteiras das duas nações, e que não raro recebião dentro do mesmo anno, ora o jugo dos kalifas hespanhóes, ora o dos reis leonezes, os mósarabes, pelo seu duplicado character social, podião facilmente accommodar-se á qualquer dos dois dominios. Os sarracenos erão homens que fallavão a mesma lingua, vestião os mesmos trajos, e com que tinhamo semelhança de habitos, tracto antigo, e até relações de familia. Por outra parte, entre elles e os leoneses existião a identidade de origem e de religião, a communidade das leis que regulavão os direitos e deveres civis, e emfim tradições saudosas das glorias d'antiga patria gothica. E si aos mosárabes era facil accommodar-se a um, ou a outro senhorio, tudo devia incitar os guerreiros, quer do islam, quer do evangelho, a respeitarem a vida, a honra e a propriedade d'esses que não podião reputar derradeiros inimigos. <sup>1</sup>. »

Na epoca em que Portugal proclamou-se independente da monarchia leonesa era o dialecto *galliziano* o unico empregado pelo povo, e foi tambem por essa epoca, como affirma o sr. Adolpho Coelho <sup>2</sup> que começou elle a ser escripto. Á principio, e como que á medo, mostrou-se nas canções dos troveiros, mas quando D. Diniz, á exemplo de D. Affonso, serviu-se do romance vulgar para as suas composições poeticas, os tabelliães e officiaes publicos não desdenharão escrever nesse mesmo romance os documentos até então exarados em latim barbaro.

A affinidade entre a lingua portugueza e o dialecto galliziano revela sua commum origem; a inimizade porém entre esses conviñhos, e a circumstancia de haverem os reis de Hespanha erecto em lingua official o dialecto castelhano em vez do galliziano, ao passo que a independencia de Portugal, firmada pela victoriosa

*Historia de Portugal*, tomo III—Livro VII.

*A Lingua Portuguesa*—1 Fasciculo.

espada dos seus primeiros reis, lhe assegurava distincto lugar no congresso das nações, fez com que se constituísse a lingua portugueza em quanto seu rival mantinha-se na obscura posição de pobre e obscuro dialecto.

A conquista, alargando o perimetro do dominio determinou nova modificação linguistica; visto como nos territorios annexados, que pouco a pouco se estenderão até o Algarve, fallava-se um dialecto em que predominava o arabe, e que mais tarde recebeu o nome d'*aravia*.

No genesis da nossa lingua parece ter o Mon dego alguma analogia com o Loire no da franceza; porquanto tambem tivemos a lingua do *oc* e do *oil* como o reconhece um douto escriptor contemporaneo nestas palavras, das quaes nos apropriamos :

« Esta vocalisação que alguns querem attribuir, como as entonações nazaes, á influencia dos suevos, permaneceu do dialecto gallego e no portuguez do norte até o seculo XIII.

« De proposito dissemos no « dialecto do norte », porque entre a lingua usada na provincia d'Entre-Douro e Minho, e a que mais tarde apparece nas terras do Cima-Coa e na Estremadura ha uma differença bastante sensivel para o historiador philologo. Pode-se sem receio dizer-se que, á semelhança do que se dava além dos Pyrneos, em Portugal havia tambem uma *langue d'oc* e uma *langue d'oil*, a lingua do norte e a lingua do sul. E si no estudo dos monumentos diplomaticos attendermos para a historia dos dialectos, a situação topographica do ponto onde foi redigido o documento, estamos certos de que se poderá traçar uma linha divisoria, o Mondego, entre essas duas linguas. Ao norte é mais uniforme, mais correcta, mais suave e mais alatinada; ao sul menos igual, mais aspera e resentindo-se da lingua castelhana que influiu poderosamente na sua formação <sup>1</sup>. »

Mencionão os historiadores outro elemento que forneceu o seu contingente para a organização do nosso bello idioma : queremos

<sup>1</sup> *Origem da Lingua Portugueza* THESE — apresentada pelo sr. A. Soromenho e impressa em Lisboa no anno de 1867,

fallar do francez. Ninguem ignora que o primeiro conde portugalense pertencia a essa nação, e que no seu governo e no dos seus immediatos successores muitos fidalgos, desejosos de tentar fortuna nas continuas guerras entre christãos e mouros, forão com seus vassallos offerecer-lhe seus serviços, em devida conta apreciados. Dessa data parece serem alguns vocabulos francezes que se encontram nos codices contemporaneos á fundação da monarchia. Duarte Nunes de Leão referindo-se a esse facto assim se exprime :

« A outra razão era que desde do principio deste Reino sempre vierão a elle Francezes, como foi o conde D. Henrique, que vindo de Borgonha necessariamente havia de trazer a sua familia e gente daquella nação. Vierão tambem a este Reino os estrangeiros que ajudarão á tomar Lisboa, de que vinha por capitão geral Guilherme da longa espada, filho de Ricardo, conde de Anjou, com que muitos senhores francezes que neste Reino ficarão, e povoarão muitas villas e lugares de que hoje ha muitos fidalgos descendentes seus. Veio o Infante D. Affonso de Bolonha de Picardia, que casou com Mathilde, condessa daquelle estado, e foi Rei de Portugal, III do nome, que comsigo para o servir e ajudar a defender del Rei D. Sancho seu irmão, que vinha depor do governo, necessariamente havia de trazer grande companhia. Viera a Rainha D. Mafalda, Franceza, filha do conde Amadeu de Moriana e de Saboia, a casar com D. Affonso Henriquez, que tambem viera acompanhada de Damas e cavalleiros francezes. E por causa da navegação e trato vinhão tambem á este Reino tantos francezes que cuidarão muitos que se chamava Portugal, do porto de Gallos. (*Portus-Galorum*)<sup>1</sup>. »

Cumpre outrosim registrar o iufluxo que sobre o nosso idioma exerceu o provençal, como linguagem da galanteria e do amor; porquanto sabido é, que na cõrte de D. Sancho I era elle muito usado, como no-lo certifica o marquez de Santilhana em sua memoravel carta ao condestavel de Portugal.

<sup>1</sup> *Origem e Orthographia da Lingua Portuguesa*. Nova edicção correcta e emendada — Lisboa — 1784

« Quasi todos os fidalgos portuguezes (diz o senhor Theophilo Braga) usavão do poetar provençalesco ; a linguagem dos *Cancioneiros* por certo que nunca foi fallada, mas contribuiu bastante para fixar a prosodia da lingua. No mais antigo monumento da poesia portugueza, o *Cancioneiro do Collegio dos Nobres* ou *d'Ajuda*, é onde se encontra mais caracterizada a poesia provençal. Todo aquelle artificio de strophes é uma imitação directa da Provença <sup>1</sup>. »

Assignaladas deixamos as causas da divergencia entre o portuguez e o galliziano, que ainda mais salientes se tornarão quando o romance castelhano elevou-se á categoria de lingua hespanhola. Por suas frequentes relações com a França e Italia, suas guerras n'Allemanha e em Flandres, infiltrarão os hespanhóes em sua linguagem muitas locuções peregrinas, hauridas das fontes supra indicadas, ao passo que os portuguezes, mais concentrados e apenas entretendo relações de commercio ou dominio com povos barbaros e longinquos, poderão conservar sua genealogia latina. Já vimos como até o reinado de D. Diniz erão todos os documentos officiaes escriptos em latim, e ainda hoje nos sellos, moedas e inscripções monumentaes d'estylo é o emprego d'essa lingua. « A lingua portugueza, acrescenta o mencionado senhor T. Braga, alatinou-se artificialmente, e de todas as neo-romanas é a que está mais rude e mais proxima do seu typo. »

Não esqueçamos tambem de mencionar a efficaz protecção com que os monarchas da primeira e segunda dynastia acoroçoarão o desenvolvimento das letras, e implicitamente o da lingua, que se achou formada e apta para grandes emprehendimentos nos fins do XV seculo, quando o periodo classico ia succeder ao do renascimento.

Esboçadas as origens do povo do qual procedemos e da lingua que fallamos, dividiremos sua historia litteraria em quatro periodos, a saber: o do *desenvolvimento* (seculos XII-XV); o de *grandeza*, ou *aureo* (seculo XVI); o da *decadencia* (seculo XVII); o da *restauração* (seculo XVIII); e o da *reforma* (seculo XIX).

<sup>1</sup> *Historia da Litteratura Portugueza* — Introducção.

## PRIMEIRO PERIODO (Seculo XII-XV)

## ROMANCES OU NOVELLAS DE CAVALLARIA

No judicioso pensar do senhor A. Herculano <sup>1</sup>, podem se dividir em cinco cyclos, ou classes, os romances cavalleirescos que maior voga tiveram em Portugal no periodo embryonario da sua litteratura. São elles, o d'Amadis, d'Arthur, de Carlos Magno, do S. Brial ou S. Gral e o Grece-romano, ou erudito.

O cyclo dos romances d'Amadis começa pelo d'esse nome e continúa nos de Florismarte de Hircania, Galaos, Florestam, as Sergas d'Esplandiam, o de D. Duardos, os Palmeirins d'Oliva e de Inglaterra e muitos outros. De origem hespanhola escriptos nos dialectos da Peninsula, parece que só ali são conhecidos.

O cyclo d'Arthur, tambem denominado da *Tavola Redonda*, contém a historia fabulada d'esse ultimo rei bretão, que tão bizarramente defendeu seu paiz contra a invasão anglo-saxonia. Deu-se-lhe o nome de *Tavola Redonda* porque os cavalleiros, ou pares, sendo todos iguaes costumavão comer numa *meza redonda* nos paços do rei Arthur. Esses romances, muito apreciados na idade media, fazião parte da livraria d'el-rei D. Duarte.

O cyclo dos romances de Carlos Magno, ou *carolingio*, tem principio na legendaria chronica, falsamente attribuida ao arcebispo Turpin, e que por muito tempo gozou dos fóros de obra historica. Serviu essa chronica de élo a uma multidão de novellas relativas aos suppostos pares de França, ou paladinos de Carlos Magno.

O cyclo de S. Gral, por corrupção dito de S. Brial, versa sobre a tradiçãõ d'um vaso, ou copo, em que pretende se ter J. Christo comido com seus discipulos na noite da cêa, e em que José d'Arimathéa aparára o sangue do mesmo Christo quando derramado na cruz. Acrescentava a lenda que esse precioso vaso achava-se guardado

<sup>1</sup> *Panorama*, vol. IV pag. 7-8.

numa igreja d'Hespanha, em sitio porem desconhecido, esperando o momento opportuno em que os cavalleiros por Deus escolhidos o fossem descobrir, tendo-se mostrado dignos d'essa honra por brilhantes feitos d'armas e piedosas virtudes. Crêem alguns criticos que os romances d'esse cyclo podem ser comprehendidos no da *Tavola Redonda*; porquanto os cavalleiros d'Arthur empenharão-se quasi todos no descobrimento do sagrado gral.

O cyclo greco-romano, ou *erudito*, fazia um amalgama de historia e tradições da Grecia e Roma, juntando-lhe tambem os mythos troyanos, tudo isto d'envolta com personagens da cavallaria, burlescamente enxertados nos fastos heroicos do paganismo.

#### CANCIONEIROS

O emprego e distribuição dos cantos populares era determinado pela influencia d'alguma d'estas quatro escolas: *galliziana*, *jogrulesca*, *intermediaria* e *hespanhola*.

A *escola galliziana* dominou dos seculos XII-XIII, durante os quaes tão vulgar era esse idioma, hoje simples dialecto, que Affonso o sabio, serviu-se d'elle para as suas canções, o que fez acreditar ao padre Sarmiento que as compuzera elle em portuguez. No *Nobiliario* do conde de Barcellos faz-se menção dos trovadores portuguezes que o adoptarão para as suas composições e o *Cancioneiro*, intitulado do *Collegio dos Nobres*, encerra muitas d'essas poesias. « A natureza das canções que conservão neste monumento da primeira escola provençal portugueza (diz o senhor Theophilo Braga) apresenta caracteres distinctos, que os não podemos confundir com as imitações d'outra qualquer epocha. A tradição provençal acha-se alli na sua pureza; primeiramente o trovador nunca assigna a sua canção; é inspirado ainda pelo impossivel, pelo receio que lhe surprehendão o segredo da sua alma; raramente allude ao nome d'aquella a quem adora; e diante d'ella apresenta-se com uma passividade de tal forma que faz da mulher o ente forte <sup>1</sup>. » Essa escola a que se

<sup>1</sup> *Historia da Litteratura Portuy.* — Introducção.

póde com justiça qualificar d'*anonyma* floresceu em Portugal desde o reinado de D. Affonso Henriques até o de D. Affonso III.

A *escola jogralesca* abrange o periodo decorrido do fim do seculo XIII (1279) ao meiado do XIV (1357) e marca a decadencia da poesia provençal, sobre a qual desfechara profundos e rudes golpes a cruzada contra os albigenses. Dispersos e perseguidos os *trovadores*, que fazião o lustre da primeira escola, forão substituidos pelos *jograes*, que, á semelhança dos *rhapsodas* gregos, repetião as canções dos trovadores diante das multidões reunidas nas ruas e praças, mediante mesquinha esportula. Como facil é de conjecturar protestou a poesia fidalga contra essa plebeia usurpação; e no seu *Cancioneiro* queixa-se el-rei D. Diniz contra — *aquelles que só cantão num periodo do anno, na estação das flores, indo de porta em porta para explorar a caridade.*

Nesse mesmo *Cancioneiro*, dado á estampa em Paris no anno de 1847 pela solitudine do nosso compatriota o Dr. Caetano Lopes de Moura, encontrão-se os nomes de infanções e ricos-homens d'envolta com os d'alguns *jograes*.

Notão-se nos cantos dos poetas grandes transformações; por isso que menos possuidos de paixão, e como que convertendo em officio a sua nobre arte, já não receão comprometterem-se, assignão seus versos, e designão com clareza ás damas e donzellas a quem são endereçados.

Tambem menos natural se mostra a metrificação: a redondilha maior toma o lugar do endecasyllabo limosino: como se pode ver no *Cancioneirinho de trovas antigas*, dado ultimamente á estampa pelo sr. Varnhagen.

A *escola intermediaria* deveu esse nome á circumstancia de haver prosperado entre duas epochas bem determinadas, e ser uma como réacção operada por alguns bons portuguezes contra a tendencia, cada vez mais manifesta, da escola hespanhola. Podem-se-lhe assignar como balisas a segunda metade do seculo XIV (1357) e o principio do XV (1438). Á essa quadra pertenceu Vasco de Lobeira, em cujo romance (*Amadis de Gaula*) se encontrão duas canções no gosto provençal: e foi tambem então que mais voga tiverão as poesias de João de Mena, João Rodrigues del Pradon, e Hernan Perez

de Guzman. Sabe-se que el-rei D. Duarte era apaixonado pelas producções d'essa escola, como se collige do catalogo da sua livraria, dado ao publico por deligencias da critica moderna.

A *escola hespanhola*, dominante nos seculos XV-XVI (de 1438 a 1516), comprehende os poetas dos reinados de D. Affonso V, D. João II, e do principio do de D. Manoel. No vasto repositorio, chamado *Cancioneiro Geral*, colligido por Garcia de Rezende, registrarão-se as trovas de duzentos e oitenta e seis poetas, vinte e nove dos quaes escreverão em castelhano. Contra tão malefica influencia erguerão energicos brados Damião de Góes, apodando taes poetas de *chocarreiros de Castella*; e Jorge Ferreira de Vasconcellos, queixando-se do *despotismo com que as trovas hespanholas se apossarão dos ouvidos portuguezes*.

A essas influencias pode-se ainda juntar a da *escola ingleza*, que teve grande incremento pelo consorcio d'el-rei D. João I com uma princeza d'essa nação (D. Philippa), filha do duque de Lancastre. Os primeiros cavalleiros da epocha timbravão em seguir as pégadas dos heróes legendarios do cyclo bretão, ou da *Tavola Redonda*, e o famoso Nuno Alvares tomava por seu modelo Galaaz. Continuou a predilecção por essa escola no tempo dos immediatos successores do Mestre d'Aviz; na livraria d'el-rei D. Duarte, a que nos temos referido, encontra-se a enumeração dos romances de Tristão, Galaaz e Merlim; até na *Chronica da Conquista de Guiné* por G. E. d'Azurára allude-se as fabuladas viagens de S. Brindan, e ás *ilhas encantadas* da tradição celtica.

« A côrte de D. João I (diz o sr. Theophilo Braga) era uma academia litteraria; lião-se e discutião-se as obras mais queridas da idade media. O Mestre d'Aviz imitava o rei Arthur, como o condestavel a Galaaz; a allusão satyrica feita pelo monarcha no cerco de Coria revela-nos que os demais cavalleiros tambem imitavão os outros heróes dos poetas inglezes. No *Leal Conselheiro* conta el-rei D. Duarte as boas conversas que elle e seus irmãos tinham com seu pai, discutindo as regras como se poderião bem traduzir as obras classicas; o infante D. Pedro traduzia o livro de Cicero *De Officiis*; muitas obras da livraria de D. Duarte erão vertidas para portuguez; por influencia da côrte ingleza vierão para Portugal as relações

maravilhosas de São Brindan, as prophcias de Merlin e a confissão do amante do poeta inglez Chaucer <sup>1</sup>. »

Alem dos *Cancioneiros* de que temos feito menção contavão-se muitos outros, como o do conde de Marialva, e o do doutor Gualter Antunes, onde Antonio Ribeiro dos Santos diz ter visto a *canção de Gonçalo Hermiguez*, o *fragmento do poema da perda de Hespanha*, as *duas cartas d'Egas Muniz*, e as *cantigas de Guesto Ansur*. Nesse mesmo *Cancioneiro* achou-se a celebre *canção do Figueiral*, origem de tão porfiosos debates entre os nossos eruditos. Miguel Leitão, na sua *Miscellanea*, menciona te-la ouvido cantar a uma sua velha criada, natural do Algarve, e Frei Bernardo de Brito na *Monarchia Lusitana* fez-lhe um commentario tão erudito como inverosimil. A genuidade d'essa canção parece porém hoje incontestavel, apesar d'asseveração contraria do douto philologo João Pedro Ribeiro, que impropriamente pretendeu applicar-lhe os processos da critica paleographica.

#### PRINCIPES ESCRIPTORES

Fundára-se, como já vimos, a nacionalidade portugueza pela espada victoriosa de seus primeiros reis, alargando-se para o lado das possessões sarracenas na impossibilidade manifesta de faze-lo pelo de Hespanha. Do primeiro ao terceiro Affonso, caminha da foz do Douro ás praias do Algarve e da guarita de Sagres devassa os páramos do oceano. Era portanto a guerra a unica preocupação d'esses principes, « os quaes, como mui assisadamente observa o senhor D. Antonio da Costa <sup>2</sup> ou não sabião escrever, ou desdenhãõ de firmar os publicos documentos, onde nota-se completa ausencia de suas assignaturas, contraposta á insistencia de D. Diniz em declarar que os havia sobrescripto por sua propria mão. » É pois

<sup>1</sup> *Historia da Litteratura Portugæza* — Introducção.

<sup>2</sup> *Historia da Instrucção Popular de Portugal*.

infundada a afirmação de Freire de Carvalho <sup>1</sup> que ao primeiro monarcha deve-se a historia da conquista de Santarem, na qual — se deixa ver a pureza e elegancia com que escrevia a lingua latina —.

Essa tradição que o distincto litterato supra citado foi haurir nas paginas da *Monarchia Lusitania*, é contrariada pelo senhor A. Herculano nas seguintes palavras: « Existe uma relação da tomada de Santarem, especie de poema em prosa, em que figura o proprio rei narrando as particularidades da empreza. Esta composição é, segundo cremos, obra de um monge d'Alcobaça .<sup>2</sup> » Ao periodo das armas seguiu-se o das letras e das artes da paz; e coube a D. Diniz a gloria de inicia-lo, utilizando-se da esmerada educação que recebera de muitos estrangeiros que seu pai trouxera de França. Não contente de promover toda a especie de melhora mentos, quiz sobrar a lyra e pagar tributo á musa dos trovadores. Seu *Cancioneiro* de que já fallamos, é um dos mais gloriosos padrões da litteratura portugueza, na phase de formação.

Em sua curta passagem pelo throno revelou D. Duarte dotes do insigne cultor das letras, sendo considerado um dos principes mais doutos do seu seculo. Escreveu um livro de *trovas*, que se julgo perdido, compillou outro com o titulo d'*Arte de bem cavalgar*; mas o seu maior titulo á veneração postéra como escriptor está no *Leal Conselheiro*, dado pela primeira vez ao prelo em 1842 por diligencias do visconde de Santarem e do padre J. I. Roquete, que o enriquece de curiosas notas philologicas.

Ouçamos ácerca do merito d'estas obras as opiniões dos seus illustrados edictores:

« As obras d'el-rei D. Duarte (diz o visconde de Santarem) que se contêm neste volume são importantissimas pela epocha em que foram escriptas, pelo auctor que as compoz, e pelas materias que encerrão. Pela epocha, por serem o mais antigo monumento da nossa lingua que temos em corpo d'obra, pelo auctor, porque foi indubitavelmente o mais sabio soberano de seu tempo <sup>1</sup>. »

<sup>1</sup> *Primeiro Ensaio sobre a Hist. Lit. de Portugal.*

<sup>2</sup> *Historia de Portugal.* tom. I

<sup>3</sup> *Introdução ao Leal Conselheiro El-Rei D. Duarte.*

« Sua linguagem (acrescenta Roquete) é muito mais culta e engraçada que a de Fernão Lopes, mais natural e menos inchada que a d'Azurara; é por vezes menos rude que a de Rezende e Gil Vicente; e a simplicidade e clareza, juntas com a gravidade e decencia, fazem com que seus escriptos sejam os mais perfeitos da sua idade <sup>1</sup>. »

Partindo do solio tão nobre empenho, claro é que muitos e illustres imitadores tivesse; assim vemos que um filho natural de D. Diniz, (o conde de Barcellos) além d'um volume de poesias, conhecido pelo *Livro das Cantigas* <sup>2</sup>, foi auctor d'outra obra de maior tomo (o *Nobiliario*) que o senhor A. Herculano qualifica de registro aristocratico, cuja origem se perde no berço da monarchia. E falando dos predicados que o adornão ajunta « a singeleza, a credulidade, os costumes d'então surgem ahi ás vezes inesperadamente no meio do arido catalogo das gerações que é por assim dizer seu pensamento radical, a sua essencia, e foi o seu primeiro destino. Nas suas paginas sente-se viver a idade media, ou vê-se a anedocta cortezã, d'amor, vingança, ou dissolução, como a contavão escudeiros e pagens por salas d'armas, e as lendas como corrião de boca em boca, narradas pela velha cuvilheira, junto do lar no inverno. Assistimos por meio d'elle ás façanhas dos cavalleiros em desaggravo da propria honra, aos feitos de lealdade, ás covardias dos fracos, ás insolencias dos fortes, emfim á grande parte da vida intima do solar do infancção, do rico homem e do paço real, que as chronicas raro nos revelão, e que a historia, como o seculo XVI a reformou e puliu, achou indigna de occupar os seus periodos brilhantes, moldados pelos de Sallustio e Tito Livio <sup>3</sup>. »

Outro principe, immortalizado na historia portugueza com o titulo de duque de Coimbra, escreveu em additamento, varias cartas succulentas de pratica philosophia, e um tratado de moral denomi-

<sup>1</sup> Nota ao Capitulo XXIV do *Leal Conselheiro*.

<sup>2</sup> Publicado pela primeira vez em Madrid em 1341 pelo nosso compatricio o sr. F. A. de Varnhagen.

<sup>3</sup> *Memoria sobre a origem provavel dos Livros de Linhagens* inserta nas *Mem. d'Academia Real das Sciencias de Lisboa*.

nado — *Livro da virtuosa Bemfeitora* — dedicado a seu irmão el-rei D. Duarte, uma collecção de *Coplas* constantes de cento e vinte e quatro oitavas, e compostas quasi todas em lingua hespanhola. Atribuem-se-lhe tambem umas redondilhas em louvor da cidade de Lisboa citadas por Balbi <sup>1</sup>.

Muitas das *Coplas* do infante D. Pedro achão-se registradas no *Cancioneiro Geral* de Rezende, e outras forão transcriptas por frei Bernardo de Brito na *Monarchia Lusitana*. Offerecem essas trovas curiosissimo specimen d'antiga maneira de poetar; e ali encontra-se um soneto, visivelmente imitado de Petrarcha <sup>2</sup>, que demonstra que o cultivo da poesia italiana precedera a epocha de Sá de Miranda. Recommendão-se outrosim por certa elegancia, galanteria e donaire, caracteristicos d'um perfeito cavalleiro, do que deu exuberantes provas nos versos endereçados a João de Mena, agradecendo-lhe a remessa de suas poesias.

« Estes versos (pendera um distincto contemporaneo), escriptos por um principe no meio do lustre e das grandezas da cõrte, se não inspirão um vago presentimento do desenlace que o aguardava, significão de certo que elle sabia extremar e conhecer as pedras de valor subido que muitas vezes se deixão perder nos esterquilinios <sup>3</sup>. »

#### CRONISTAS

FERNÃO LOPES: — Não se sabe ao certo a data do nascimento d'este escriptor, que foi contemporaneo de D. João I e da gloriosa revolução de 1380. Segundo o testemunho do abbade Barbosa Machado serviu de secretario d'el rei D. Duarte, quando ainda infante, e contou-se no numero dos cavalleiros da casa do infante D. Hen-

<sup>1</sup> *Essai Statistique*, tom. I.

<sup>2</sup> O que principia por estas palavras:

« Vinha amor pelos campos trebellhando »

<sup>3</sup> Vide o artigo intitulado « *Factos do Seculo XV* » pelo sr. Vidal, transcripto no *Archivo Pittoresco*, vol. 7.

rique. Recebeu d'el-rei D. João I (em 1418) a guarda do archivo, que andava annexo á fazenda real. Parece que pelo longo tracto de trinta e seis annos desempenhou essas funcções, sendo nellas substituido por Gomes Eannes d'Azurara, em razão de se achar *tão velho e fraco que por si não podia servir o dito officio*. Assim como do nascimento ignora-se a data da sua morte, crendo-se que ainda vivia em 1459, cinco annos depois de haver sido exonerado.

Rezão as chronicas que D. Duarte, logo depois da sua exaltação ao throno (1434) « *deu carrego a Fernão Lopes, seu escripam, de poer em caronyca as estorias dos reis, que antigamente em Portugal foram; esso meesmo os grandes feytos e altos do muy virtuoso, e de grandes vertudes, el-rei seu senhor e padre.* » Em obediencia á essa ordem compoz elle a chronica de D. João I, servindo-se para isso d'algumas memorias esparsas, nomeadamente a que existia em Santa Cruz de Coimbra. Em seguida escreveu as de D. Pedro I e de D. Fernando, que forão mais tarde refundidas por Duarte Nunes de Leão com perda da graça e naturalidade primitivas.

Sinceros gabos mereceu Fernão Lopes d'estranhos e naturaes juizes: Francisco Dias Gomes considerava-o como o primeiro que na moderna Europa dignamente escrevera a historia, e o sr. Alexandre Herculano entre outras muitas expressões de louvor diz: « Nas chronicas de Fernão Lopes não ha só historia; ha poesia e drama; ha a idade media com a sua fè, seu enthusiasmo, seu amor de gloria. Nisto se parece com o quasi contemporaneo e chronista francez Froissart; mas em todos esses dotes lhe leva conhecida vantagem. Com isto, e com chamar a Fernão Lopes o Homero da grande epopéa das glorias portuguezas, teremos feito a tão illustre varão o mais cabal elogio <sup>1</sup>. »

GOMES EANNES D'AZURÁRA: — Consta que vivera no meiado do seculo XV, sendo nomeado chronista em 1459 para succeder a Fernão Lopes, impossibilitado pelos annos e molestias, como já vimos. Entrou ainda mancebo para a ordem de Christo, onde chegou a ter o grão de commendador d'Alcains, Pinheiro Grande e

<sup>1</sup> *Panorama*, vol. III — anno de 1839.

Granja de Ulmeiro. Descurou-se em seus verdes annos da cultura das letras, preferindo-lhes a das armas, e pelo que affirma Matheus Pisano, preceptor de D. Affonso V, parece que só em madura idade travara conhecimento com o idioma de Cicero, sendo até então hospede em quasi todos os ramos da litteratura. Foi auctor das chronicas do conde D. Pedro de Menezes, e de D. Duarte de Menezes, conde de Vianna; e das dos reis D. Duarte e D. Affonso V, que figurão na *Colleção dos livros ineditos da historia portugueza* como obras de Ruy de Pina, talvez por lhes haver este posto a ultima mão.

Sua principal obra foi porém a — *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné, escripta por mandado d'el rei D. Affonso V, sob a direcção scientifica, e segundo as instrucções do illustre infante D. Henrique.* — Tendo d'escrever sobre as cousas d'Africa entendeu acertado trasladar-se a essa região, onde demorou-se por algum tempo, empregado em examinar de perto os sitios e tomar conhecimento mais minucioso das circumstancias que devera historiar.

O visconde de Santarem avaliava por esta forma os predicados que exornão Azurára:

« A sua fidelidade como historiador é incontestavel. O seu escrupulo e amor da verdade era tal que preferia antes deixar a relação d'alguns acontecimentos imperfeita do que completa-la quando não podia obter já as noticias exactas dos que os tinham presenciado. A sua auctoridade como escriptor contemporaneo é immensa, pois Azurára viveu com o principe immortal que elle idolatrava, conheceu pessoalmente os principaes e intrepidos descobridores, os quaes, pela maior parte, erão criados do infante, e educados scientificamente debaixo dos seus auspicios <sup>1</sup>.

RUY DE PINA: Crê-se que nascera no anno de 1440 n'antiga cidade da Guarda sabendo-se que em 1482 fora mandado por D. João II á Castella como secretario d'embaixada e que nessa mesma

<sup>1</sup> *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné* — Introducção — Paris — 1844

categoria servira na de Roma. Desempenhou outras difficeis missões, gozando de grande privança dos reis D. João II e D. Manuel que o nomeou chronista-mór e guarda da torre do tombo. « Cheio de honras e recompensas (diz o abbade Corrêa da Serra) que para aquelle tempo erão grandes, viveu Ruy de Pina todo o reinado d'el rei D. Manuel, alcançando ainda alguns annos do d'el-rei D. João III, que lhe encommendou a chronica de seu pai, que deixou adiantada até a tomada d'Azamor e de que Damião de Góes confessa ter-se servido para a composição da sua. »

Grande é o numero das chronicas attribuidas a este escriptor (as de D. Sancho I, D. Affonso II, D. Sancho II, D. Affonso III, D. Diniz, D. Affonso IV, D. Duarte, D. Affonso V e D. João II) : algumas porém pertencem substancialmente a Fernão Lopes, existentes em poder d'um Fernão Novaes, que por ordem d'el-rei D. João II d'elles fez entrega a Ruy de Pina. Desapparecerão porém as prova d'essa fraude litteraria, ou porque os manuscriptos se houvessem extraviado, ou por haver-lhes dado consummo o mencionado Pina, a quem o Sr. A. Herculano appellida de corvo de D. João II em contraposição a Fernão Lopes a quem dá o epitheto de Homero de D. João I.

Apesar do encomiastico conceito que d'este escriptor fazia o abbade Corrêa da Serra é considerado como muito somenos ao primeiro chronista, posto que mais illustrado do que o segundo.

Foi Pina uma verdadeira potestade litteraria, dava e tirava reputações; sendo certo que o heroico Affonso d'Albuquerque mendigou-lhe elogios a troco da remessa de joias e outros objectos de valor. Referindo-se á está lamentavel condescendencia exclama o sr Alexandre Herculano: « Aquelle cujo nome devera encher o mundo não teve a consciencia de que era o maior capitão do seculo, e creu que a sua immortalidade dependia d'um chronista obscuro! Triste documento de que os genios mais portentosos estão, como os homens ordinarios, sujeitos as mais ridiculas fraquezas <sup>1</sup>! »

<sup>1</sup> *Panorama* — vol. III — anno de 1839.

GARCIA DE REZENDE : — Reina também ácerca d'este chronista grande incerteza quanto as datas do seu nascimento e morte : apenas se sabe que era natural d'Evora, e que muito joven entrára para o serviço do principe D. Affonso, filho de D. João II : e por morte d'esse principe passou a exercer o cargo de *moço de escrevaninha* d'el-rei, correspondente ao de secretario particular.

Grato a favores que recebera do soberano quiz desendividar-se escrevendo-lhe a vida, impressa em Evora no anno de 1554. Foi também auctor da *Ida da infanta D. Beatriz para a Saboya*, da *Entrada d'el rei D. Manuel em Castella*, e d'uma colleção de trovas satyricas que intitolou *Miscellanea*, mais tarde dada ao prelo com o titulo de *Cancioneiro Geral*. Não desmereceu Garcia de Rezende do honrado conceito que d'elle fizera D. João II ; porquanto vemos-lo escolhido por D. Manuel para secretario da embaixada com que Tristão da Cunha fôra a Roma (em 1554) saudar o summo pontifice Leão X. Em folgada abastança deslizarão-se-lhe os ultimos dias de vida, e ainda hoje contemplão os viandantes na cidade d'Evora uma janella do gosto manocelino, rica de labores e feit'os, que diz a tradição haver pertencido a casa de residencia que possuia o nosso auctor junto ao póço de S. Manços.

Copiamos textualmente do interessantissimo *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva o titulo da vida de D. João II escripta por Garcia de Rezende, conservando-lhe o sabor da velha orthographia. É o seguinte : — *Lyuro das obras de Garcia de Reséde que trata da vida e grãdissimas virtudes ; e bõdades ; magnanimo esforço : excellentes costumes e manhas e muy craros feytos do christianissimo : muito e muito poderoso principe el-Rei D. João, o segundo deste nome : e dos Reis de Portugal o trezeno, de gloriosa memoria : começado do seu nascimento e toda a sua vida até a hora da sua morte : cõ outras muitas obras que adiante se seguem. Com priuilegio.*

Esta obra em que se encontrão preciosos documentos para o estudo da epocha tem encontrado severos, ou benevolos juizes, que por bem differentes bitolas a avaliarão. Omittindo os antigo para só nos referirmos aos contemporaneos registaremos aqui o veridicto do abalisado historiador portuguez o sr. A. Herculano con-

frontando-o como o d'outro não menos celebre escriptor tambem coevo, (o senhor visconde de Castilho).

« Que distancia, diz o sr. Herculano, não ha com effeito entre o grande poema de Lopez (Fernão) e a mesquinha colleção de historietas de Garcia de Rezende, onde apenas avultão algumas paginas com o supplicio d'um nobre, o assassinio de outro, e o mysterio de um rei que morre, ao que parece, envenenado? — Que distancia espantosa d'um cadafalso, d'um punhal e d'uma taça de veneno ao cerco de Lisboa, à batalha d'Aljubarrota, ao haquear de Ceuta? — No livro de Garcia de Rezende vê-se o aspecto triste, e vida de agonia, e o sorrir forçado d'um rei sem familia, rodeado de cortezãos, cujos nomes pela maior parte se resolvem em fumo com a morte de seu senhor, a quem seguem os ginetes de Fernão Martins, os besteiros e espingardeiros da guarda, não para pelear com estranhos, mas para o defenderem contra o odio dos seus naturaes. Ahi o vulto real abrange quasi os horisontes do quadro, e só lá no fundo, mal desenhadas e indistinctas, se enchergão as personagens historicas d'aquella epocha, e as multidões agitadas, ou tranquilladas, a um volver d'olhos do monarcha, mas nullas, tanto em um, como em outro caso. Na chronica de Fernão Lopes ha pelo contrario a historia d'uma geração; é um quadro immenso de muitas figuras no primeiro plano. Nos degraos do throno de D. João I, estão assentados guerreiros e *sabedores*, e monges e clerigos e povo que tumultua a brada em voz de gigante — *patria!* — Ao pé da imagem homerica de Nun'Alvares vê-se a fronte serena e santa do arcebispo de Braga, e a face meditabunda e enrugada de João das Regras, e os vultos terriveis do Ajax portuguez Mem Rodrigues, e do esforçadissimo Martim Vasques, e de tantos outros cavalleiros a quem difficilmente sobrepuja o rei popular, o Mestre d'Aviz. O chronista faz-vos acompanhar as multidões quando rugem amotinadas pelas ruas e praças, guia aos campos de batalha onde se dão e recebem golpes temerosos; abre-vos as portas dos paços ao celebrar das cõrtes, ao discutir dos conselhos; arrasta-vos aos templos onde troa a voz do monge eloquente, lança-vos emfim, no existir dos tempos antigos, e embriagando-vos com o perfume da idade media, deslumbrando-vos com o brilho da epocha mais glo-

riosa da historia d'esta nossa boa terra portugueza, evoca inteiro o passado, e rasgando-lhe o sudario em que jaz, com o sopro do genio dá alma, e vida, e linguagem ao que era pó, e morte e silencio <sup>1</sup>. »

Preferindo o juizo absoluto ao comparativo descobriu-lhe o senhor Castilho qualidades caracteristica que havião passado despercebidos ao precedente critico, e na sua utilissima colleção d'excerptos denominada — *Livraria Classica* — assim se exprime.

« Pela vida de D. João II não desmerece Rezende os applausos que alguns auctores, assim nacionaes como estrangeiros, lhe tem dado. É escripta com singeleza, conhecimento muito particular das cousas, que trata, e, ao que parece, grande desejo d'acertar em todas. Nunca se remonta a grandes eloquencias, não despende erudições; mas como expressa tudo em termos claros e proprios, em estylo nunca mais alto do que o da chronica, e muita vez achegado ao da conversação, dá particular gosto a que o lê, e d'um folego se deixa levar até ao cabo. Para nossos dias, respira um grande interesse, pelas curiosas lavras que a moderna escola se apraz de fazer nas minas, apenas rotas e encetadas, dos usos e costumes patrios do tempo antigo. Quando não que o diga o delicioso Auto de Gil Vicente pelo senhor Garret <sup>2</sup>. »

Propendemos para a opinião do sr. visconde de Castilho que nos parece ter lido a obra de Rezende com olhos mais desprevenidos, e menos deslumbrados pela viva luz reflectida das paginas de Fernão Lopes, onde o sr. Alexandre Herculano foi encontrar tantos primores profusamente espargidos no *Monge de Cister* e nas *Lendas e Narrativas*. Quer-nos parecer ainda que o cantor da *Primavera* e dos *Ciumes do Bardo* comprehendeu d'esta vez melhor a magistratura da critica, e que mais singelo em sua apreciação fez-nos melhor conhecer as qualidades e defeitos do alludido chronista, que por não attingir as proporções d'um Fernão Lopes não deixou por isso de prestar bons e reaes serviços ás patrias letras.

<sup>1</sup>. *Panorama* Volume IV — anno de 1840.

<sup>2</sup>. Vide a 2<sup>a</sup> edição d'esta obra edictoriada no anno de 1863 pelo senhor B. L. garnier.

## INSTITUIÇÕES SCIENTIFICAS E LITTERARIAS

Ecclesiasticos forão os primeiros estabelecimentos d'instrucção e educação que recebeu Portugal da munificencia de seus primeiros reis: D. Affonso Henriques fundou e dotou os conventos de S. Cruz de Coimbra e S. Vicente de Fora em Lisboa, o de S. Maria d'Alcobaça, o de Tarouca e muitos outros. D. Affonso II habilitou por esplendidas doações aos dominicos, franciscanos, bentos, cruzios e bernardos a abrirem cursos de theologia, canones, medicina e estudos preparatorios. Mas, como muito bem observa o sr. D. Antonio da Costa <sup>1</sup>, nenhum character publico e secular tinha semelhante ensino, por isso que até a medicina era exercida por ecclesiasticos, como se deprehende da circumstancia de ser o bispo da Guarda, D. Martinho, o mais acreditado facultativo d'el-rei D. Diniz. Só a carreira ecclesiastica abria espaço às honras e grandezas, não adquiridas pela espada; assim pois quantos erão atraídos às escolas abertas nos mosteiros e conventos apressavão-se em filiar-se às ordens religiosas, ou ião em estranhas terras buscar o complemento das suas aspirações litterarias.

Começou a modificar-se este estado de cousas com a regencia do irmão de D. Sancho II, que devera ser depois D. Affonso III, o qual havendo passado os melhores annos da juventude em França e praticado com os mais proeminentes vultos das sciencias e letras envidou louvaveis esforços para chama-los ao reino que a fortuna tão imprevisamente lhe concedera. Á um d'esses *grandes sabedores* (Emeric d'Ebrard) incumbiu da educação do principe que devera subir ao throno com o nome de D. Diniz, dando-lhe em recompensa a mitra de Coimbra, e a outro igualmente celebre (Domingos Jarde) elevou á dignidade de bispo d'Evora, e mais tarde de Lisboa.

Derramarão esses benemeritos estrangeiros o gosto pelas boas

<sup>1</sup> *Historia da Instrucção Publica em Portugal* — cap. I — Lisboa — 1871.

letras, e prepararão por suas palavras e nobres exemplos essa regeneração que devera operar-se no reinado do rei trovador.

Em verdade cabe ao auctor do *Cancioneiro* a gloria de haver plantado o primeiro estabelecimento scientifico que contou Portugal, e que tanta gloria lhe grangeou dentro e fóra do paiz; referimo-nos á universidade, primeiro fundada em Lisboa (em 1289) e confirmada por bulla do papa Nicoláo IV (em 1290).

Dezoito annos depois foi essa universidade transferida para Coimbra pelo mesmo monarcha que outorgou-lhe os fundamentaes estatutos. Nota-se ali que o ensino da theologia era dado especialmente nos conventos de S. Domingos e S. Francisco, consistindo o curso universitario das seguintes materias: direito canonico, direito romano, medicina, grammatica, philosophia e musica.

Os dous poderes (o civil e o ecclesiastico) concorrião igualmente para a manutenção d'esses estudos, cuja proficuidade é assás demonstrada na supplica que por essa occasião endereçou o clero portuguez ao summo pontifice <sup>1</sup>, d'onde se collige que a necessidade de combater a heresia, e exaltar a fé, aconselhava aos prelados de se esmerarem na instrucção do clero.

Com a fundação da universidade secularisara-se o ensino: a medicina, vedada aos ecclesiasticos pelos ultimos concilios, convidava a actividade intellectual dos que não aspiravão pertencer á Igreja, e o direito romano, introduzido em Portugal no anterior reinado, attrahia ecclesiasticos e seculares, aos quaes igualmente assentava a garnacha doutoral.

Não esmoreceu a obra de D. Diniz nos subsequentes reinados. D. Affonso IV, D. Pedro I e D. Fernando seguirão com respeitosa veneração as pégadas do monarcha que se honrava com o modesto titulo de — *Lavrador*. — Entendeu o ultimo d'esses reis (D. Fernando) que os interesses dos mestres e a melhor fiscalisação do ensino reclamavão a transferencia da universidade para Lisboa (em 1377), e para lhe avigorar as forças com a innoculação de nova seiva mandou vir com grande dispendio mestres estrangeiros de

<sup>1</sup> Vide *Monarchia Lusitana*, liv. V— appenso.

provada reputação. Esse príncipe, a quem a historia não tem feito cabal justiça, era decidido protector das letras, que muito devem á sua memoria, e entre outros importantes serviços que prestou-lhes releva não deixar em olvido a primitiva organização da *Torre do Tombo*, precioso archivo nacional.

A revolução que exalçou ao solio o Mestre d'Aviz teve notavel influencia no desenvolvimento da instrucção publica. A universidade, que no mais alto gráo a synthetisava, chamou particular attenção do rei cavalheiro, que confirmando-a nos antigos privilegios augmentou-os com novos favores e isenções, dando outrosim maior amplitude ao estudo do direito romano, de cuja utilidade convencera-o o seu grande chanceller João das Regras, que de Bolonha trouxera o culto apaixonado por esse direito, commentado e glosado segundo os dictames de Bártolo, e seus sequazes.

Deu D. João I novo regulamento á universidade (1431), em virtude do qual incluiu-se a theologia no cyclo das materias já ahi leccionadas, e pela primeira vez foi determinado o trajo dos lentes, licenciados, bachareis e estudantes, bem como as habilitações e solemnidades para a conferencia dos gráos <sup>1</sup>.

O infante D. Henrique, appellidado *genio da navegação portugueza*, favoreceu com todo o seu poder e prestigio a mathematica, sciencia que começava então a ser conhecida e devidamente apreciada. Não contente com as liberalidades feitas aos estudos maiores, que, como sabemos, se achavão então em Lisboa, concebeu e realisou o luminoso plano da creação d'uma escola naval no promontorio de Sagres, e por tão rude habitação trocou as delicias da côrte, colhendo d'essa sua abnegação a indisputavel gloria de haver preparado e dirigido as famosas navegações que avassallarão o oceano ás quilhas portuguezas.

Seu irmão e estremecido amigo, que na serie dos reis se inscreve sob o nome de D. Duarte, foi desvelado cultor das letras, e além da importantissima obra (*o Leal Conselheiro*) de que já nos occupa-

<sup>1</sup> *Hist. dos Estabel. Scient. Litt. e Artist. de Portug.* pelo sr. J. Sylvestre Ribeiro — Introducção — Lisboa 1871.

mos assignalou-se pela criação da primeira livraria, que houve dentro dos Paços da Ribeira, colleccionando para isso obras raras, e fazendo verter para o patrio idioma muitos dos primores das litteraturas estranhas.

Proseguido na consecução do mesmo pensamento conseguiu seu filho e immediato successor (D. Affonso V) organizar a peso d'ouro uma das mais ricas bibliothecas nessa epocha existentes na Europa, não só em valiosas obras, como ainda em codices e manuscriptos.

Tencionou esse mesmo monarcha estabelecer outra universidade em Coimbra, sem prejuizo da já existente em Lisboa, ignorando-se os motivos que embargarão a realisação d'esse intento. Pensa o sr. D. Antonio da Costa que essa projectada universidade deveria ser a cupula da escola de Sagres.

Confirmou D. João II as graças concedidas á universidade ampliou-lhe os privilegios, e caprichando por se mostrar ao nivel dos conhecimentos da sua epocha ordenou a criação d'uma *junta* composta dos principaes mathematicos nacionaes para estudar os meios praticos de simplificar os instrumentos nauticos em ordem de facilitar novos descobrimentos.

Não levantaremos mão d'esta rapida resenha sem commemorar um acontecimento de magna importancia que só apparece no fim do periodo, queremos fallar da introduccão da imprensa, vinda d'Allemanha, e exercida por artistas quasi todos da communhão judaica.

Parece que fôra Leiria a primeira cidade de Portugal (e ainda de toda a Hespanha) onde pelos annos de 1470-1474 se estabeleceu uma officina typographica. Na sua mui erudita *Memoria sobre as origens da Typographia em Portugal no seculo XV*<sup>1</sup> diz Antonio Ribeiro dos Sanctos, referindo-se ao testemunho do conde da Ericeira (D. Luiz de Menezes), que na livraria do conde de Vimieiro (consumida pelo incendio do terremoto de 1755) existia uma anti-quissima edição das obras do infante D. Pedro, onde se lia a decla-

<sup>1</sup> *Memorias de Lit. Portug.* publicadas pela Acad. Real das Sciencias de Lisboa — tomo VIII.

ração de terem sido impressas seis annos depois que em Basilea fóra achada a famosa arte de imprimissão.

## SEGUNDO PERIODO (Seculo XVI)

Na ultima phase do periodo que acabamos de transcursar dominava a litteratura hespanhola, concorrendo para isso, além d'outras causas, os successivos casamentos dos principes e monarchas portuguezes com princezas d'essa nacionalidade. Succumbia o romance popular; pouco a pouco desapparecia da scena o elemento mósarabe, e o castelhano, usado como idioma da côrte, foi de preferencia adoptado para as obras de imaginação, á despeito das energicas reclamações e ferinos motejos d'alguns defensores das velhas usanças.

Com o despontar do novo seculo soára a derradeira hora da escola hespanhola: a luz vinha agora de Italia, que gozava do singular privilegio de fazer passar pelas forcas caudinas da civilisação os rudes soldados de Carlos VIII e Francisco I e os ferozes *lansquenets* e os *reitres* de Carlos V e do condestavel de Bourbon. Já nos ultimos annos do reinado de D. João II bruxuleava a renascença italiana nas margens do Tejo, e o severo monarcha, emulo da Luiz XI, entretinha epistolar escambo com o famoso Angelo Poliziano, a quem prodigalisava os mais carinhosos epithetos <sup>1</sup> incitando-o a escrever a historia de Portugal.

Já vimos como da estada de Navagero em Hespanha na qualidade d'embaixador de Veneza, quasi tanto como das frequentes relações entre os dous paizes, resultou a introdução da litteratura italiana e a sua irresistivel influencia sobre a hespanhola. Facil foi ao amigo de Bembo convencer a Boscan da inferioridade dos metros usado em sua patria, convertendo á nova escola esse estrenuo paladino de Mena e Santilhana, que no ardor do seu proselitismo arrastou o vigoroso engenho de Garcilaso de la Vega. Quasi pela mesma epocha

<sup>1</sup> Como por exemplo o d'*Angele noster*.

recolhia-se Sá de Miranda das suas peregrinações pela Italia, vivamente impressionado das intimas e doudas practicas que tivera com Lactancio Tolomei e João Rucellai, e bastante resolvido a tentar uma revolução litteraria, de que esperava ser coryptheo. É portanto evidente que a influencia italiana seguiu nos dous reinos da península iberica direcção parallela e synchronica. As mesmas causas produzirão os mesmos effeitos.

Semelhantemente ao que acontecera no reino vizinho onde Castillejo quebrára lanças contra os innovadores encontrou Sá de Miranda tres classes d'adversarios: os apaixonados dos villancete e esparsas do *Cancioneiro Geral*, os poetas dramaticos, propugnadores dos autos e farças populares, capitaneados por Gil Vicente e Antonio Prestes, e os amigos dos romances escriptos em versos octosyllabos que se vião desthronados pelo classico endecasyllabo.

Renhido foi o combate; mas como quasi sempre acontece pertenceu a victoria ás novas ideias.

Sob os pendões do illustre chefe alistarão-se os mais esperançosos talentos da nova geração: Ferreira, Bernardes, Sá de Menezes, Jorge de Monte-mór, Pero d'Andrade Caminha e o proprio infante D. Luiz que na expugnação de Goleta convivera com Garcilaso.

Essa efflorescencia simultanea de tão bellos e cultos engenhos fez dar ao XVI seculo a denominação d'*aureo*, e o venturoso monarcha que colhia a herança de D. Diniz e dos seus successores foi equiparado pelo juizo postero a Pericles, Augusto e Leão X.

Fazendo perpassar pelo nosso kaleidescopio os escriptores que maior nomeada adquirirão nesse periodo teremos opportuno ensejo d'apreciar a justiça de tal qualificação, deixando bem patente a parte que dos regios favores houverem recebido, qual o conceito que dos seus coetanos gozarão, não deixando tão pouco em silencio os ciumes e esquivanças de que forão victimas alguns, aliás dignos de bem diverso proceder.

Consente-nos agora a abundancia da messe a methodica classificação dos generos e especies, seguindo o processo que para com as demais litteraturas hemos practicado.

## POESIA LYRICA E DIDACTICA

BERNARDIM RIBEIRO. — Nasceu na villa do Torrão (Alentejo) no anno de 1475, e na idade de vinte e um annos foi para Lisboa, recommendado aos seus parentes Mascarenhas, que gozavão da privança de D. João II. Antes de deixar os patrios lares rendera amoroso culto a D. Maria Gonçalves Coresma, a qual casou-se, por ordem de seu pai, mamposteiro-mór dos captivos, com um viuvo d'Alentejo, por nome Alvaro Mendes Casco.

Vestigios d'esses amores achamo-los nós na ecloga IV, e no vilancete allusivo a sua partida para a côrte <sup>1</sup>; assim como na *Menina e Moça*, onde a referida dama apparece sob o nome de *Cruelsia*.

O sr. Camillo Castello Branco <sup>2</sup> contesta em termos positivos que o nosso poeta tenha sido governador da fortaleza de S. Jorge da Mina, como asseverão todos os seus biographos, e ainda recentemente um illustradissimo critico contemporaneo, numa obra de que muito nos aproveitamos, reformou em varios pontos o juizo que á tal respeito haviamos formado <sup>3</sup>, A semelhança de nome com outro Bernardim Ribeiro <sup>4</sup>, e a coincidencia de terem sido ambos governadores de S. Jorge da Mina, levou Barbosa Machado <sup>5</sup> ao engano d'attribuir ao cantor da saudade algumas circumstancias

<sup>1</sup> « N'outro tempo uma partida  
Que eu não quizera fazer  
Me magoou minha vida  
Quanto eu nella viver,  
D'esta já não posso crer  
Que pois que assim me leixaes  
E pera não tornar mais.

<sup>2</sup> Vide *Cousas Leves e Pezadas*, pag. 9 e seg.

<sup>3</sup> *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas* pelo sr. Theophilo Braga — Porto— 1872.

<sup>4</sup> Bernardim Ribeiro Pacheco, que tornou-se celebre no cerco de Mazagão.

<sup>5</sup> Vid. *Bibliotheca Lusitana*, tomo I.

pertencentes ao segundo, confundindo as respectivas biographias. Assim, por exemplo, como B. Ribeiro Pacheco fosse casado com D. Maria Vilhena e B. Ribeiro amasse a D. Joanna de Vilhena, resultou d'isso maior ambiguidade de personificação.

D'um codice manuscripto, existente na bibliotheca d'Evora, e consultado pelo sr. T. Braga <sup>1</sup>, collige-se que Bernardim Ribeiro era tratado de *capitão*, o que muito bem explica o seu governo posto em duvida, senão absolutamente negado, pelo sr. C. Castello Branco.

Manuseando suas poesias descobrem-se duas feições características, correspondentes a duas epochas distinctas da sua mocidade: a primeira em que obedecia ao impulso da *escola hespanhola*, e a segunda em que a influencia de Sá de Miranda faz-se já sentir filian-do-o na escola *hispano-italica*, dominante na primeira metade do seculo XVI.

Pertencem as eclogas a segunda phase litteraria, sendo todas ellas escriptas no metro octosyllabo, usado pelos antigos poetas, e ainda hoje popular. Encerrão essas eclogas allusões á vida particular do poeta e do seu intimo amigo e conterraneo Christovão Falcão, que ora apparece sob os traços de *Persio*, ora sob o de *Crisfal*. Outros notaveis poetas contemporaneos ahi tambem figurão, como sejam Sá de Miranda, disfarçado em poeta *Franco*, e Jorge de Monte-Mór no d'*Agrestes*.

Servem outrosim d'optimo commentario a historia de seus amores, quer com D. Maria Coresma, quer com D. Joanna de Vilhena, filha de D. Alvaro de Portugal, e prima d'el-rei D. Manuel. Deu lugar esta ultima paixão á lenda, repetida por graves biographos e que forneceu a Garrett um dos seus mais bellos dramas <sup>2</sup>.

Deixando para mais tarde o estudo do valor historico d'essa lenda prosigamos n'apreciação da sua bucolica.

A ecloga segunda foi escripta antes de 1516 quando constou-lhe

<sup>1</sup> Vid. *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*.

<sup>2</sup> *Um Auto de Gil Vicente*.

que el-rei pretendia casar sua prima com o conde de Vimioso, a ella tambem ligado p r laços de parentesco.

A terceira, intitulada *Sylvestre e Amador*, exprime o estado de melancolia e abatimento em que o deixarão seus mallogrados amores, e a resolução em que estava de ir para onde nunca mais se soubesse d'elle. Crê o sr. T. Braga que o pastor *Sylvestre* occulta aqui a personalidade de Christovão Falcão.

A quarta, denominada *Jano*, refere-se a epocha em que Bernar, dim se achava arredado da còrte pelo máo exito dos seus amores e a resolução, cada vez mais radicada, d'ausentar-se de Portugal.

Pensa o sempre alludido biographo e atilado critico que nos está servindo de *cicerone* que esta ecloga deve julgar-se escripta fóra da patria; sendo certo que a quinta e ultima da collecção revela uma ausencia prolongada e uma saudade entranhavel, suavizada pela esperanza de tornar a ver os sitios que lhe forão caros.

Sabe-se hoje (depois dos esforços da mais rigorosa exegetic-auxiliada pela erudicção) que Toledo servira d'asylo ao desolado poeta e que nessa cidade exercera elle as funcções de mestre capella <sup>1</sup>, deparando-se na *Lyra Sacro-Hispana*, publicada por D. Hilarion Eslava, dous *motetes* d'um compositor chamado *Bernardino Ribera*.

Do regresso á patria acha-se indicio na ecloga quinta que foi composta no anno de 1548, em que, fallecendo o conde de Vimioso, podia D. Joanna de Vilhena satisfazer aos ardentes votos do seu trovador. Ignora-se o motivo por que recusou-se esta a semelhante alvitre, tomando em 1549 o habito de freira mantelata na ordem de S. Agostinho.

A data da morte de Bernardim Ribeiro devera ser anterior ao anno de 1554, em que pela primeira vez sahiu dos prelos de Ferrara o seu romance intitulado — *Menina e Moça* — como obra posthuma.

Na bucolica d'esse mavioso poeta contempla-se a confluencia de duas escolas, e admiravel transição d'uma para outra. Nutrido

<sup>1</sup> Vide a citada obra do sr. T. Braga.

desde verdes annos com o leite da *escola hespanhola*, cantando em seus metros as primeiras impressões do amor, recebeu mais tarde da erudita influencia de Sá de Miranda o influxo da *escola italiana*, nesse periodo de transformação que aprouve a critica moderna de denominar de hispano-italica. Domina em seus versos um grande subjectivismo, uma expressão pessoal, que, não sendo comprehendida por Costa e Silva, pareceu-lhe fonte de incoherencias e anomalias.

Sem que buscasse penetrar o sentido occulto de muitas allusões do desditoso poeta julgou-o Garrett com bastante criterio quando disse :

« Bernardim Ribeiro foi um tanto mais original em sua simplicidade; o que lhe falta de sublime e culto sobeja-lhe em brandura, e numa ingenua ternura, que faz suspirar de saudade, d'aquella saudade, cujo poeta foi, cujos suaves tormentos tão longo padeceu, e tão bem pintou <sup>1</sup>. »

FALCÃO (*Christovão*). — Natural da cidade de Port'alegre (Alentejo) foi filho de João Vaz d'Almada Falcão, que exercera o cargo de capitão de S. Jorge da Mina, e de sua mulher D. Brites Pereira. Veio ao mundo entre os annos de 1500 a 1502 e falleceu em Evora em 1550. Pelo testemunho do abbade Barbosa Machado consta que nessa cidade passára os ultimos annos de sua vida, honrado com uma commenda da ordem de Christo e com a capitania da ilha da Madeira.

Seus amores com D. Maria Brandão tornarão-se quasi tão celebres como os de Bernardim Ribeiro, e as contrariedades que tambem nelles encontrou formarão uma poetica legenda.

Sob o nome pastoril de *Crisfal* figura elle nas eclogas, esparsas, voltas e trovas em que expande toda a sua paixão; e, guardadas as restricções e reservas, julgadas convenientes, relata todas as peripicias d'essa ardente paixão.

Seguindo o methodo exegetico d'onde tem colhido os melhores resultados, extrahiu o sr. T. Braga dos versos de Falcão o com-

<sup>1</sup> *Bosquejo da Historia da Poesia e da Ling. Portug.*

mentario da sua vida, na ordem inversa a que procedera para com Bernardim Ribeiro. Assim soubemos que D. Maria Brandão fôra recolhida ao convento cisterciense de Lervão; que ali vestira o *habito arenoso*, que seu estremecido amante supportára por sua causa cinco annos de *carcere privado*; e que á final triumphara a opposição dos poderosos parentes de D. Maria trocando esta a clausura pelas vestes nupciaes, e consentindo em casar-se com o individuo indigitado por sua familia.

As obras poeticas de C. Falcão de que se fizerão seis edições havião-se tornado extremamente raras, o que determinou o sr. Theophilo Braga, um dos mais desvelados cultores das letras portuguezas, a dar-lhes nova edição <sup>1</sup>.

Emulo de Bernardim Ribeiro, de cujo estylo e modo de composição muito se aproxima, fruiu Falcão de grande nomeada entre contemporaneos e os seus romanescos amores derão altos brados na cõrte de D. Manoel, encontrando-se d'elle referencias nas obras de Couto <sup>2</sup>, Faria e Sousa <sup>3</sup> e outros.

Manuseando essas poesias sentimo-nos agradavelmente impressionados pela simplicidade e candura dos sentimentos, viveza de colorido, e certo modo de dizer affectuoso e engraçado. Adoeceu porém do achaque commum aos da sua escola, e predilecta escola: as repetições de pensamentos e de palavras, vivas e brilhantes imagens confundidas com expressões burlescas, prolixidade desmesurada gerando o tédio e a desatenção, trocadilhos e antitheses de máo gosto são maculas que a critica não pode deixar de notar nas cantigas e trovas do amigo e fiel companheiro do mavioso Bernardim.

SÁ DE MIRANDA (*Francisco de*). — Nasceu em Coimbra a 24 d'outubro de 1495, no mesmo dia em que el-rei D. Manoel tomou posse da corõa de Portugal, e forão seus pais Gonçalo Mendes de

<sup>1</sup> Vide OBRAS DE CHRISTOVÃO FALCÃO *com um estudo sobre a sua vida, poesias e epocha* pelo sr. Theophilo Braga — Porto 1871.

<sup>2</sup> *Decada VIII* cap. 34.

<sup>3</sup> *Commentarios ás Rimas de Luiz de Camões*, tom. IV.

Sá e D. Philippa de Sá. Na sua cidade natal fez os estudos de humanidades, sendo mandado mais tarde a Lisboa afim de matricular-se no curso de direito da universidade. Em 1516 é já tratado de *doutor*, como se vê d'uma rubrica do *Cancioneiro Geral* colligido por Garcia de Rezende <sup>1</sup>.

Por seu illustre nascimento e poderosas amizades facil lhe foi o accesso na cõrte de D. Manuel, que continuava as gloriosas tradições deixadas por D. João de Menezes e outros fidalgos trovadores. Parece que na sua frequencia aos famosos *serões de palacio* concorrera com Bernardim Ribeiro, de quem julga-se haver recebido a inspiração bucolica. Resultou ainda d'essa convivencia que se estreasse, seguindo ás pégadas da *escola hespanhola*, e consagrando o estro aos *vilancetes*, *esparsas*, *voltas*, *coplas* de versos octossyllabos, que se encontrão na primeira parte de suas obras poeticas

Outra foi a consequencia do aturado estudo que fez da escola hespanhola, qual o de escrever nessa lingua com tal perfeição que póde ser contado no numero dos se us classicos. Nem se diga que era por falta de patriotismo que os poetas d'essa epocha empregavão o idioma do povo vizinho para nelle escreverem as suas composições; porque mais patriota do que Camões duvidamos que jamais houvesse poeta algum, e sabido é que em suas obras lyricas e dramaticas tinha por habito entremear o portuguez com o castelhano. Cedia-se a impulso da moda, e á falsa supposição de que a lingua de João de Mena e Affonso o Sabio era mais favoravel a pintura do amor do que a d'el-rei D. Diniz e de Vasco de Lobeira.

O desejo de instruir-se e quiçá o temor d'envolver-se nas intrigas que trazião revolta a cõrte de D. Manuel determinarão sua viagem a Italia, onde lhe foi dada a insigne ventura de relacionar-se com os primeiros luminares da sua litteratura. Por espaço de cinco annos (de 1521-1526) percorreu diversos estados e senhorios d'essa abençoada região d'onde emanava toda a luz que então esclarecia a Europa, e das palestras a que assistiu e nas quaes tomou activa

<sup>1</sup> Dizia ella: *Do Doutor Francisco de Saagrosando esta cantigua de Jorge Manrique.*

parte, do tracto intimo com os mais conspicuos representantes das sciencias, letras e artes, seguiu-se completa transformação em suas ideias e principios, e sem temor que o tachassem d'apostata passou-se com armas e bagagens para os arraiaes da escola italiana.

De volta de suas peregrinações assustou-se Sá de Miranda do estado de decadencia em que via a sua idolatrada patria, e anojado das scenas de hypocrisia e infrene corrupção de que era theatro a côrte resolveu recolher-se a Coimbra. Mas nem ahi encontrou o almejado retiro; porquanto havendo a peste accommettido as provincias da Estremadura e Alentejo forão D. João III e a rainha D. Catharina buscar refugio nas apraziveis ribas do Mondego. Por esse acontecimento, considerado fausto, houve esplendidas festas e solemnidades officiaes, recitando numa dellas o nosso poeta uma oração em que revelou pasmosa erudicção e eloquencia.

O auctor anonymo da biographia do nosso poeta, que o sr. Theophilo Braga <sup>1</sup> crê ter sido D. Gonçalo Coutinho, falla d'uma ecloga (a intitulada *Andrés*) que provocára as iras d'um personagem da côrte, que julgou descobrir nella allusões a sua pessoa. O que ha de liquido a tal respeito é que por essa epocha deixou elle definitivamente a capital da monarchia retirando-se a sua quinta da Tapada. Parece que referia se Miranda ao duque d'Aveiro, cujo serodio casamento dera azo á epigrammas e motejos, augmentando a serie d'escandalos que já se ião fazendo mui frequentes.

Conformando-se com o gosto do tempo costumava semear d'allusões suas mais innocuas poesias, como por exemplo a *Canção de Nossa Senhora*, que, supposto imitada de Petrarcha, está repleta de referencias aos homens e ás cousas contemporaneas.

Esquecíamos de mencionar que os serviços litterarios de Sá de Miranda havião sido devidamente aquilatados por D. João III, galardando-o com uma commenda da ordem de Christo.

Na soidão a que voluntariamente se condemnára conheceu a necessidade de ligar sua existencia a d'alguma dama que pela sua familia e educação o não desdenhasse. Recahiu a escolha em D. Brio-

<sup>1</sup> HISTORIA DOS QUINHENTISTAS — *Vida de Sá de Miranda.*

lanja d'Azevedo, irmã de seu amigo Manuel Machado d'Azevedo, « com a qual (diz o biographo anonymo) viveu annos em grande conformidade. »

Esse consorcio, realizado nas condições as mais prosaicas, não escapou á alçada da legenda com que á força se quer envolver a vida dos poetas e litteratos. Sob a auctoridade do mencionado biographo engendrou-se um romance no qual D. Briolanja era pintada tão feia e velha que seus irmãos não consentirão no enlace com o nosso poeta sem que primeiro este a examinasse, o que tendo feito exclamára: — *Castigue-me, senhora, com esse bastão, porque vim tão tarde.* — Da propria leitura dos versos de Sá de Miranda, allusivos á essa circumstancia, tirou o sr. Theophilo Braga bem opposta conclusão: o dito do poeta applica-se á sua propria pessoa, e é allusivo aos seus amores *encanecidos*; por quanto apesar de contar apenas quarenta e um annos achava-se alquebrado pelos desgostos e molestias que tinha padecido.

Dous filhos (Gonçalo Mendes de Sá e Jeronymo de Sá de Azevedo) forão a pro genie do eximio poeta, que passou pelo doloroso transe de perder um d'elles (Gonçalo) na deploravel catastrophe de Ceuta em 1553. Foi este o derradeiro golpe desfechado na sua felicidade domestica; e desd'então vemo-lo submerso em negra melancolia, de que o não podem distrahir os diligentes esforços d'amigos e parentes. A unica consolação, o unico refrigerio d'essa alma amargurada era a de lhe recordarem esse filho que estremecidamente amára; por isso summamente grata lhe foi a elegia que Antonio Ferreira (que então cursava a universidade de Coimbra) lhe endereçou. Dous annos depois arrebatava-lhe cruel enfermidade a virtuosa companheira de dezenove annos, e em 1558 chegou ao termo da sua peregrinação pela terra depois de ter nella vivido sessenta e tres annos.

Gozou Sá de Miranda dos fóros do homem mais douto que Portugal possuia em seu tempo: além da sciencia juridica, em que se guardara, trevial lhe era o conhecimento dos idiomas grego, latim, italiano, e hespanhol. Apaixonado em extremo pela leitura dos philosophos versava-os *nocturna ac diurna manu*; e em pontos de litteratura era tão abalisado contraste que de longe consultavão-no, acatando-lhe o auctorizado voto.

A variada erudição que constituia-lhe cabedal litterario suffocava-lhe o fogo de inspiração ; assim é elle mais didactico de que lyrico, e suas *Cartas*, preciosos repositarios de saber e philosophia practica, lhe valerão o epitheto de *Seneca Portuguez*.

Quando quiz seguir a trilha de Bernardim Ribeiro ficou-lhe muito somenos, os seus pastores tem ares d'academicos discutindo em doudas palestras, e não de simples habitantes do campo, filhos primitivos da natureza. Notão-lhe com razão os criticos certas vulgaridades e prosaismos que elle tomava por naturalidade, e sua imitação, bem que em extremo elogiada por F. Dias Gomes <sup>1</sup>, é antes servil do que hycastica.

Contribuiu grandemente para naturalisar na nossa poesia o verso endecasyllabo, e o septenario, á maneira dos italianos ; e bem que se não lhe possa attribuir a introdução do soneto, por haver d'elle já usado o celebre infante D. Pedro, dito d'Alfarrobeira, é certo que o seu exemplo acoroçoou o uso d'essa especie poetica.

D'entre as suas *Cartas* cita-se com muito louvor a que dirigiu a el-rei D. João III, na qual traçou com mão de mestre a fidelissima pintura dos perigos que rodeão os principes, illudidos pelos corte-zãos— *esses inchaços que vão por fóra e que se encolhem diante do rei*— É um modelo de respeitosa liberdade com que nesses tempos, por nós tão mal apreciados, se exprimião os homens da tempera de Sá de Miranda.

Na epistola a Antonio Pereira, senhor de Basto, ergueu vigoroso brado contra a corrupção que lavrava em todas as classes da sociedade portugueza, contaminadas pelo virus das riquezas mal adquiridas no Oriente. Neste ponto, como em muitos outros, é mais philosopho do que poeta.

Tambem foi dramaturgo, como teremos occasião d'examinar n'outra rubrica <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Vide *Analyse e Combinações Philosophicas sobre a elocução e estylo de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha e Camões*, inserta no tomo IV das *Mem de Litterat. d'Acad. R. das Sciencias de Lisboa*.

<sup>2</sup> Vide *Poesia Dramatica*.

FERREIRA (*Antonio*).— Nascido em Lisboa em 1528 teve por progenitores Martim Ferreira, escrivão da fazenda de D. Jorge, duque de Coimbra, e sua mulher D. Maria Fróes Varella. Fez seus primeiros estudos sem alongar-se do lar paterno, mas tendo a universidade sido transferida para Coimbra força foi acompanhá-la, calorosamente recommendado ao reitor do *Collegio das Artes*, onde completou o curso de humanidades antes de matricular-se no juridico.

Com a vinda dos professores francezes que D. João III mandara contractar para a universidade estabelecera-se o uso de viverem mestres e discipulos numa especie de communiidade, com o que muito lucrou Ferreira por ter ensejo de tractar de perto a muitos e abalisados varões, principes da sciencia contemporanea. Foi Diogo de Teive um dos que mais affeioou-se-lhe, que com sua pasmosa erudicção greco-latina estradadou-o nas letras. Observa o senhor Theophilo Braga <sup>1</sup> que a influencia d'esse erudito professor teria feito do moço poeta um acerrimo partidario da imitação classica si mais tarde a amisade e o exemplo de Sá de Miranda não lhe imprimisse diversa direcção, filiando-o na *pleiade* denominada dos *quinhentistas*.

Havendo-se doutorado em direito civil parece que regeu uma cadeira na universidade (si dermos credito ao epitaphio que lhe lavrarão na igreja do Carmo em Lisboa) regressando pouco depois para Lisboa, onde fôra chamado a exercer as funcções de desembargador da casa da supplicação.

Sem jamais faltar aos penosos deveres do seu cargo consagrou utilmente os ocios ao trato das musas, com as quaes convivia desde os bancos escolares, e alludindo á censura que lhe fazião por esse motivo alguns invejosos dirigiu ao cardeal D. Henrique uma judiciousa epistola na qual se lêm estes mui conhecidos versos :

« Não fazem damno as Musas aos doutores  
Antes ajuda as suas letras dão :  
E com ellas merecem mais favores  
Que em tudo cabem, para tudo são, <sup>2</sup> »

<sup>1</sup> *Historia dos Quinhentistas*, livro II, cap. II.

<sup>2</sup> *Carta* III. livro. II.

Noutra epistola mandada a seu amigo Manoel Sampaio, residente em Coimbra, preconisára as doçuras da vida conjugal, e desejando juntar á theoria a pratica ajustou casamento com D. Maria Pimentel, pertencente a uma illustre casa das visinhanças d'Almada. D'esta união, que parece ter sido pouca duradoura, resultou um filho por nome Miguel Leite Ferreira, que 1598 editorou-lhe os versos com o titulo de *Poemas Lusitanos*, dedicados ao principe D. Phelippe <sup>1</sup>.

Placida escôou-se a vida do illustre poeta até o anno de 1569, em que succumbiu ao assalto da peste que nesse anno assolou a capital da monarchia portugueza. Foi sepultado no cruzeiro da igreja do Carmo, gravando-se-lhe sobre o lapide sepulchral um epitaphio latino que termina por este bello pensamento :

« *Maximus est Doctor, qui docet e tumulo* »

Travando amizade com Sá de Miranda, por occasião da lastimosa perda de seu filho — morto gloriosamente em Ceuta —, constituiu-se Ferreira um dos maiores admiradores do *santo velho* como o chamava, promettendo conservar illesa a pura tradição que da lyra italiana trouxera. Assim foi elle o Garcilaso d'este novo Boscan.

Serviu ainda de centro aos poetas que continuavão a pelejar contra a *escola velha*, a qual, firmada na tradição, e quiçá nos instinctos populares, tenaz resistencia offerencia ás innovações.

D'assidua leitura dos exemplares gregos proveio a introdução operada por elle em nosa poesia da *ode* em substituição da *canção*, d'origem provençal, dos epitaphios, epithalamos epigrammas, e tambem do *córo*, nessa monumental tragedia que escreveu para honra e gloria das letras patrias.

Devem-se-lhe outrosim os primeiros ensaios da poesia descriptiva, inteiramente desconhecida antes d'elle, e que do grande genio de Camões esperava aperfeiçoamento.

Como seu predecessor primou Ferreira na poesia didactica, e por identico motivo, resente-se a sua lyrica de falta d'estro, que aliás se divisa aqui, ou acolá, ou nas sentidas e mogoadas endechas

<sup>1</sup> Vide o *Diccionario Bibliogr.* do sr. Innocencio F. da Silva, Tomo I.

das elegias, ou nos movimentos vivos e apaixonados do *córo*, na referida tragedia *Castro*.

Máo foi que, cedendo as tendencias da epocha, tentasse erigir-se em emulo de Theocrito e Virgilio: sendo manifesta a ausencia dos predicados que devem exornar o poeta bucolico; e supposto encerrar grandes bellezas algumas das suas eclogas, como por exemplo a dos *segadores*, visivel é o esforço que faz e a violencia com que lucha contra as inspiração quasi sempre a fugir-lhe.

Grande amator da lingua não commetteu nenhuma das infidelidades dos que outros contemporaneos não se poderão eximir; nunca escreveu senão no idioma vernaculo, que em summo grao conhecia; por isso é sua auctoridade juizo em ultima instancia.

Como quasi todos os sectarios da escola italiana prestava maior cuidado o substancia do que forma; empenhava-se em exprimir a maior somma possivel de conceitos, e sentenças dando de mão a melodia do verso, que muitas vezes ficava duro, incommodando os ouvidos, costumados as doçuras da poesia hespanhola.

Voltaremos a tratar d'este benemerito varão considerado como um dos *legisladores do Parnaso Lusitano*<sup>1</sup>, quando esboçarmos a historia do theatro portuguez na epocha em que nos achamos.

CAMINHA (*Pero d'Andrade*). — Foi natural da cidade do Porto e filho legitimo de João Caminha e de D. Philippa de Sousa. Ignora-se a data do seu nascimento, assim como os pormenores referentes aos seus primeiros estudos que parece pouco terem de profundos. Bem moço entrou para o serviço do infante D. Duarte, neto d'el-rei D. Manuel, de cuja privança gozou chegando a ser seu camareiro-mór, o que lhe proporcionava uma existencia folgada e azado ensejo de relacionar-se com as primeiras notabilidades do reino. Propenso ao cultivo das musas teve a boa fortuna de travar amizade com o doutor Antonio Ferreira, de quem sempre mostrou-se grande admirador e fervoroso discipulo.

Mediocre era porem o seu engenho poetico; e a aspereza que se

<sup>1</sup> No phrase do senhor Ferdinand Denis no seu *Resumé de Histoire Litteraire du Portugal et du Brésil*.

nota em seus versos, ferindo os delicados ouvidos de Camões, inspirou a este alguns epigrammas a que se attribue o concentrado odio que o camareiro de D. Duarte consagrou ao auctor dos *Lusíadas*. Sem jamais pronunciar o nome do maior poeta de que então se honrava Portugal perseguiu-o com suas insulsas satyras <sup>1</sup>.

Dir se-hia que o objectivo de seus cantares era o principe a quem servia e cujas raras virtudes celebrava em todos os tons. Tambem não lhe foi este ingrato; porquanto, além d'alcaidaria mór de Celorico de Basto com uma tença de duzentos mil réis, e a doação dos direitos reaes dos vinhos sahidos pela barra do Porto, obtidos por intercessão do infante, determinou este em seu testamento que lhe não pedissem conta de todas as joias e pratas que estavam confiadas á sua guarda, acrescentando ainda o legado de sessenta mil réis que el rei lhe concedera com faculdade de renunciar em quem lhe aprouvesse.

Continuador das tradições de familia reunia D. Duarte em seu palacio a gemma dos poetas contemporaneos, com excepção de Luiz de Camões, que sempre se conservou arredio de taes convívios, e a posição domestica que ahi occupava Caminha permittiu lhe de intimamente practicar com Ferreira, Sá de Miranda, Bernardes, frei Agostinho da Cruz e muitos outros, olhados como representantes das letras patrias.

Suppriu lhe essa convivencia a falta de solidos estudos, que na juventude crê-se não haver recebido, e a emulação servindo-lhe de incentivo logrou a posse d'uma reputação que o collocou entre Ferreira e Bernardes.

Verdade é que essa reputação, hoje bem minguada, deveu a elle aos elogios do eximio auctor dos *Poemas Lusitanos*, que lhe consa-

<sup>1</sup> Sirva d'exemplo a seguinte:

- « Por poeta *douto e mancebo* és julgado,
- « E esta opinião de ti não é isenta;
- « Mas vejo-te de ti ser tão louvado
- « De *mancebo*, e de *douto* e de *poeta*
- « Que de ti se perdoas não concebo
- « Que és *poeta*, nem *douto*, nem *mancebo*. »

grava paternal amizade. A posthuma publicação de suas poesias, considerada como fausto acontecimento pelos academicos Correia da Serra e Forjaz, veio contribuir poderosamente para o depreciamiento em que ora é tido o seu talento. É esta mais uma prova de que no tribunal da critica postera avocão-se os processos julgados findos, e reformão-se as sentenças dictadas pelas condescendencias contemporaneas.

O emulo de Camões sobreviveu-lhe nove annos, vindo a fallecer em 1589; e por um documento, emanado da chancellaria de D. Philippe II, sabemos que fôra casado com uma senhora por nome D. Pascoella de Gusmão, de quem tivera uma filha, chamada D. Marianna, tendo sido á ambas transferida a tença de duzentos mil réis de que em sua vida gozára o poeta.

Veio ainda afeiar o character pouco sympathico de Caminha uma circumstancia que passára desapercibida aos seus biographos, agora porém patenteada pelo sr. Theophilo Braga <sup>1</sup>; queremos fallar de haver deposto contra o illustrado historiador Damião de Góes no iniquo processo que lhe instaurou a inquisição. Não basta-lhe a triste gloria d'enegrecer com seus sarcasmos e doestos ao cantor do Gama, ambicionou ainda os louros de *delator* referindo a suspicazes juizes expansões colhidas no fôro da intimidade.

Não obstante o apoucado talento que lhe coubera em partilha e os serodios estudos a que se entregára não deixa Caminha de ser contemplado na categoria de classico, pertencente á luzida pleiade *quinhentista*. Suppria-lhe a falta d'originalidade a plastica imitação dos italianos, e dos que em Portugal seguíão-lhes as pégadas.

Como seu mestre ensaiou-se na poesia bucolica, escrevendo algumas soffríveis eclogas dentre as quaes se destaca a d'Andrageo e Pierio, que tantas reminiscencias desperta de Virgilio.

Discipulo do doutissimo Ferreira não era possivel que deixasse de cultivar a *ode*, que naturalisára este no parnaso portuguez, em substituição da *canção*, predilecta dos trovadores. No numero de suas odes occupa distincto lugar a VI pela vivacidade das imagens e brevidade d'expressão.

<sup>1</sup> *Historia dos Quinhentistas*, Cap. III.

Parece porém que de todas as especies lyricas era a elegiaca a que melhor quadrava ao seu engenho, e quiçá á disposição do seu animo. Restão-nos d'elle algumas que pela delicadeza dos sentimentos e sobriedade de colorido podem ser apontadas por modelos; taes como as dedicadas á morte do principe D. João, de Sá de Miranda, e sobretudo a endereçada a Bernardes por occasião da irreparavel perda do eximio poeta Antonio Ferreira, que lhe servira de preceptor e Mecenas.

Fallando d'esta notavel composição, a melhor (quanto a nós) de quantas escreveu Caminha, exprime-se Costa e Silva nos seguintes termos:

« Esta elegia, que é resposta a outra de Diogo Bernardo, já se vê que foi escripta passado algum tempo depois da morte de Ferreira, e por isso o poeta mui judiciosamente se absteve d'exprimir n'ella os lamentos, transportes e desespero que acompanhão os primeiros impetos da dor. Aqui só se ouvem os suspiros da saudade, e as reflexões d'uma philosophia resignada, que adoça e mitiga, mas não desvanece as magoas <sup>1</sup>.

Singular favor merecia aos petrarchistas a especie epistolar : Sá de Miranda e Ferreira havião-lhe dado carta de cidade; e Caminha, fiel imitador d'esses dois grandes engenhos, compoz algumas em tercetos, á guisa de Ferreira, e apenas uma em verso solto, dirigido a Luiz Alvares Pereira. É geralmente considerado como mais selecta a endereçada ao cardeal infante D. Henrique, regente do reino na minoridade de D. Sebastião, por se encontrarem ali pensamentos mui philosophicos expressos em opulentos versos.

Epithalamios, epitaphios, epigrammas canticos, e idyllios constituem o espolio poetico de Pero d'Andrade Caminha, cujo estro obedecendo á alheia inspiração, seguia por trilhadas veredas, receoso da propria iniciativa. Era um classico, na rigorosa accepção da palavra; um d'esses intrepreses da lei em quem a letra mata o espirito.

BERNARDES (*Diogo*):— Nascido em Ponte de Lima entre os annos

<sup>1</sup> *Ensaio Biogr. e Critico sobre os melhores poetas port.*—Tom. III

de 1530 a 1540. Pouco se sabe da sua infancia e puericia, na qual não consta que recebesse educação litteraria. Deprehende-se d'um trecho das suas *Rimas ao Bom Jesus* que em 1557 achava-se elle em Lisboa, talvez chamado por seu irmão Agostinho que conseguira accommodar-se na casa do infante D. Duarte, o protector de Caminha.

Á convivencia que abi teve com os principaes poetas da *pleiade* desenvolveu-lhe o natural estro, cujos primeiros fructos se podem filiar á *escolha velha*, ainda então popularissima. Pensa, com bons fundamentos, o senhor Theophilo Braga <sup>1</sup> que das assiduas peregrinações á *quinta da Tapada* <sup>2</sup> proveio completa revolução na maneira de poetar de Bernardes, que, absorto na contemplação dos primores da escola italiana, inscrevera-se entre os seus adeptos.

Mallogrados amores com uma donzella, cujo verdadeiro nome oculta sob o pseudonymo de *Sylvia*, fizeram-no deixar as doudas palestras de Lisboa para ir esconder suas magoas nas pictorescas margens do Lima, onde escreveu bellissimas canções celebrando as doçuras da vida campestre e os enganos da côrte.

Em sua villa natal conservou se até o anno de 1560 no qual regressou á capital, reatando o fio de suas relações com Caminha, Ferreira, Castilho, aos quaes deveu a protecção de Pero de Alcaçova Carneiro, grande valido de D. João III, de sua viuva, (a rainha regente) e a de D. Sebastião.

Tão subido conceito formava Pero d'Alcaçova da intelligencia e boas prendas do nosso poeta que escolheu-o para seu secretario quando em 1576 foi mandado a Madrid como embaixador afim de solicitar auxilios de Philippe II para essa malfadada expedição d'África. Escrevendo a chronica rimada da viagem do seu Mecenas ensaiava-se para obra de maior tomo, que nada menos era do que uma epopéa em honra dos sonhados triumphos do novo Carlos Magno, ou do legendario Arthur. Graças ao patrocínio do ministro

<sup>1</sup> *Historia dos Quinhentistas*, cap. IV

<sup>2</sup> Como deve recordar-se o leitor ali residia o eminente poeta Francisco de Sá de Miranda.

que seube insinua-lo nas boas graças do moço rei foi Bernardes escolhido para cantor official da jornada d'Africa preterindo a Luiz de Camões, que tambem ambicionava essa honra exhibindo titulos por de mais legitimos.

No infausto dia 4 d'agosto de 1578 combateu briosamente ao lado do monharcha lusitano, a quem viu sumir-se num turbilhão de inimigos, contra os quaes arremetia heroicamente. Quando toda a resistencia havia se tornado inutil rendeu Bernardes sua espada ao feliz vencedor, e como prisioneiro foi transportado ás margens Locuz, a que deu celebridade em seus mysticos canticos, repassados da mais viva saudade da desventurada pataia.

Resgatado, como quasi todos os cavalleiros portuguezes por ordem do rei de Hespanha ou pelos bons officios dos jesuitas e trinitarios regressou a seus lares que encontrou devastados parando em alheias mãos os seus fracos haveres. Nessa angustiosa conjunctura recorreu a Francisco de Sá de Menezes, um dos governadores do reino, obteve o emprego de *moço da toalha* que devera exercer junto a pessoa do cardeal archiduque Alberto, mandado por Philippe II administrar seus novos dominios. Parece porem que o poeta preferiu gozar dos proventos do emprego, fazendo-se substituir por um certo Solis, e passando o resto dos seus dias na solidão da Ponte da Barca, donde crê-se ter sido natural sua mulher D. Maria Coutinho.

Pelas minuciosas pesquisas do senhor visconde de Jeromenha chegamos ao conhecimento que fallecera no anno de 1605 entre o mez de março, em que ainda escrevia a seu irmão frei Agostinho da Cruz, por occasião de demittir-se da guardiania de S. José de Riba-mar; e o de setembro em que foi expedido a seu serventuario Solis o titulo de propriedade do officio de *moço da toalha*.

É considerado Bernardes como um dos primeiros lyricos portuguezes em razão da delicadeza dos sentimentos e da melodia dos versos; e a collecção das suas poesias, conhecida pela denominação — *O Lima*, — tem merecido justos gabos de mais competentes criticos. É porem na especie elegiaca que mais sobrepuja o estro do nosso auctor, e merece particularissima menção a elegia em que commemora a desastrosa batalha d'Alcácer-Kibir, e prantêa as des-

venturas de Portugal. O fecho d'essa elegia é um dos mais patrióticos arroubos do amor patrio de que temos noticia <sup>1</sup>.

Posto que inferiores em merecimento, recommendão-se as eclogas pela feliz imitação de Virgilio e dos poetas italianos e hespanhóes que mais voga havião grangeado nessa especie. É porem de todo infundada a tradição que pretende haver elle servido de modelo ao celebrado Lope de Vega.

Um dos caracteristicos das eclogas d'este poeta é a melancolia que resumbra em todas ellas, e o aprimorado gosto das suas descrições em que leva dicidida vantagem a Sá de Miranda e a Ferreira.

A epistola, a que a escola quinhentista ligava summo apreço, desafiou a inspiração ao nosso poeta, que, seguindo os dictames de Ferreira, compoz algumas, citadas com justos louvores. A XII em que, depois de louvar o eximio auctor da *Castro*, confessa ingenuamente dever-lhe conselhos e animações, abona a honestidade do seu character e contrasta com a feia pecha que em breve examinaremos. A VIII endereçada a seu irmão frei Agostinho da Cruz, recende certo perfume d'amor fraternal que deleita e consola, ao passo que offerece vivo quadro da ternura com que lhe exproba o haver-se furtado á sua convivencia para vestir a dura estamemha de capuchinho. A XXVI dirigida a João Gomes da Gran, ausente na India, é uma das melhores da collecção pela abundancia de ideias philosophicas que ahi se encontrão e pela fidelissima apreciação da pouca estima que por parte dos nobres e dos ricos gozavão as letras e seus cultores <sup>2</sup>.

A apparição das poesias de Bernardes quando a escola de Gongora

<sup>1</sup> Fallando dos cavalleiros portuguezes que succumbirão nessa batalha exclama :

« Morrestes, cavalleiros exforçados,  
« D'aquella multidão de bruta gente  
« Vencidos não, mas de vencer cançados. »

<sup>2</sup> Resentido-se quiçá de não ser sufficientemente remunerado o seu merito litterario diz com multissima razão :

« As estatuas do tempo são gastadas,  
« Tambem o forão já suas memorias  
« Si não forão das Musas conservadas. »

suplantára a de Petrarcha, foi parte para que não fossem ellas acolhidas na proporção do seu merecimento, que só mais tarde (depois da reacção arcadica) lhe foi reconhecido.

Havendo feito justiça aos dotes e predicados do cantor do *Lima* faltariamos ao nosso dever de critico si omittissimos a grave accusação que infelizmente pesa sobre sua memoria, e a que acima alludimos. Queremos fallar da coima de plagiario que lhe infligiu Faria e Sousa e que subseqüentes indagações vierão confirmar.

Foi o grande poeta, honra e gloria do seculo, Luiz de Camões a principal victima d'essas usurpações, verdadeiros latrocinios litterarios. Não contente de lhe haver imitado, ou servilmente copiado, crescido numero d'eclogas (e das melhores) canções e sonetos, apropriou-se de todo o poema sacro, intitulado — *Historia de Santa Ursula* — offerecendo-o com o maior desgarró á infanta D. Maria, filha de D. Manoel, e generosa protectora d'essa academia feminina em que fulguravão as irmãs Sigéas e D. Paula Vicente. Suspeita-se que Bernardes se servira d'uma má copia d'esse poema, naturalmente extrahida d'um volume extraviado de poesias a que seu auctor dera o titulo de — *Parnaso de Luiz de Camões* —. Não só d'essa obra, perdida no seu regresso da India, como de varias outras composições mais tarde colleccionadas por Fernão Rodrigues Lobo Soropita, sob a denominação generica de — *Rimas* — <sup>1</sup>, tirarão-se muitas copias, mais ou menos adulteradas, que attrahirão admiração e respeito dos contemporaneos <sup>2</sup>.

Conforme a asserção do senhor visconde de Juromenha, o proprio Camões contribuiu pela franqueza da sua indole, para essas expolições, não fazendo mysterio de seus versos e franqueando-os com summa facilidade a quantos desejavão prelibar-lhes o sabor.

D'essa franqueza facil era de prever que se aproveitarião todas as gralhas; e o que ainda é mais lamentavel, as que como Bernardes e Fernão Alvares, não necessitavão arreiar-se com alheias pennas.

<sup>1</sup> Publicadas pela primeira vez em 1595.

<sup>2</sup> Entre os poetas accusados de plagiarios de Camões, cita-se tambem o nome de Fernão Alvares d'Oriente, aliás dotado de grande talento e singular melodia.

As desditas do auctor dos *Luziadas*, a obscuridade em que se lhe escoou a existencia, animarão taes demasias; invejarão-lhe a gloria litteraria que só constituia-lhe a riqueza e nunca poderão se lembrar que esse quasi mendigo reivindicaria seus usurpados haveres, e que as calumnias, as intrigas, e gratuitos odios dos Caminhas e Bernardes apenas servirão para realçar-lhe a immorredoura fama.

CAMÕES (*Luiz de*). — Reservando para outro lugar <sup>1</sup> o esboço biographico d'este illustre poeta vamos proceder a uma rapida resenha das suas producções lyricas e didacticas. Cumpre porém antes de tudo estudarmos um phenomeno que tem-se diversamente explicado. Incontestavel é ter sido Camões o maior engenho poetico da epocha ao passo que seu nome foi acintosamente excluido da *pleiade dos quinhentistas*. Facilmente comprehende-se o silencio de Sá de Miranda recordando-nos que por esse tempo vivia elle *arredado dos homens e das cousas* em sua quinta da Tapada; o de Ferreira, attendendo a que seu puritanismo classico devera offender-se com as liberdades que tomava o joven cultor das musas, cujo espirito eminentemente eclectico conciliava João de Mena com Boscan e Petrarcha; mas o que não tem explicação decorosa é o desdem que lhe consagrão Caminha e Bernardes.

Á semelhança de todos os poetas contemporaneos estreou-se Camões rendendo preito á *velha escola*, moldando suas composições pelos antigos romances populares, adoptando a fôrma de decimas, voltas, glosas, villancetes, etc. Cultivou com esmero o metro octosyllabo em que escreveu seus *autos*, filiados aos de Gil Vicente; mas reconhecendo que a escola italiana supplantára a dos trovadores deu-se ao acurado estudo dos seus modelos e manuseou com proveito os exemplares de Petrarcha, Sannazaro, Bembo, Boscan e Garcilaso, sem esquecer os immortaes padrões legados pela antiguidade greco-latina.

Cedendo ao gosto da epocha trilhou a vereda de Theocrito e de Virgilio, modulou a avena pastoril; mas como Sá de Miranda e Ferreira emprestou aos seus zagaes linguagem por demais culta, e

<sup>1</sup> Vide *Poesia Epica*.

sentimentos incompatíveis com o viver campesino. Levou todavia decidida vantagem aos seus émulos; não só na melodia do verso, como ainda no colorido das descripções e na delicadeza dos sentimentos. É que, semelhante a Midas da fabula, convertia em ouro tudo em que tocava; e até mesmo quando, arrastado por máos exemplos, empregava *arrebiques e conceitos* sabia agradar pelo pictoresco da phrase.

Nessa especie lyrica foi introductor d'um grande melhoramento que Sannazaro acabava de revelar a Italia: queremos fallar do *idyllio piscatorio*, que quebrava a monotonia dos quadros bucolicos admittindo em scena novos actores. Não era porém Camões homem que se limitasse a pura imitação; assim pois combinou os dous elementos e creou a *ecloga mixta*, em que figuravão pastores e pescadores. O mais bello specimen d'essas eclogas é por certo a VI em que apparecem o pastor Agrario e o pescador Alicuto cantando ao desafio, e empregando cada qual imagens e pensamentos proprios de suas profissões.

Propenso naturalmente á melancolia, aggravada por tribulações quasi perennes, não é d'estranhar que primasse o nosso poeta na elegia de que deixou-nos excellentes modelos, nomeadamente a III em que prantea a morte de seu amigo D. Miguel de Menezes, que succumbira na India gloriosamente pelejando contra os inimigos da fé e do nome lusitano.

Censura o critico allemão Bouterweek nessas elegias o grande contacto com a especie epistolar da qual difficilmente se distinguem. Reconhecemos a justiça de tal reparo, aliás extensivo ás de Sá de Miranda e Ferreira, podendo unicamente offerecer como attenuante a circumstancia de que encerravão ellas muitos pormenores da vida do poeta, contribuindo para mais particularmente faze-lo conhecido.

Outro senão que se descobre nas elegias de Camões é a falta de brevidade, alliada a certa affectação e extrema subtilidade. Erão porém defeitos communs aos *quinhentistas*, resgatados por infinitas bellezas do mais subido e puro quilate.

Discipulo de Petrarcha, imitou-o nas *Canções* muitas das quaes passão por verdadeiros modelos; e supposto hajão incorrido na critica do illustrado bispo de Viseu D. Francisco Alexandre Lobo,

que nellas descobriu *subtilezas, affectos impossiveis, pensamentos vãos, paradoxos e brincos pueris*, é fóra de duvida que são as mais bellas que possui a nossa lingua, quer se attenda á delicadesa das ideias e á graça das pinturas, quer á elegancia do estylo e cadencia dos versos. Igualando quasi sempre o seu modelo excedeu-o por vezes, revelando mais variedade, elevação e força, sobretudo nas descripções de que parecia possuir o segredo. Da sua convivencia com as musas grega e latina, resultou a concepção da forma e a perfeição artistica dos seus quadros. Com prologos de muito louvor cita Costa e Silva <sup>1</sup> as Canções III, X, XII e XVI, como exemplares de summa mestria, e a respeito da ultima exprime-se nos seguintes termos: « Poucas canções de Luiz de Camões podem rivalisar com estas em variedade de pintura, riqueza de imaginação e amenidade. Distingue-se outrosim das outras no arteficio metrico, pois o poeta misturou nella alguns versos tetrasyllabos, que produzem a harmonia mais variada e musical. Essa mistura metrica desconhecida dos italianos foi algumas vezes empregada pelos poetas hespanhóes. »

Outra forma lyrica que mereceu preferencia do nosso poeta, foi a *ode*, que o doutor Antonio Ferreira acabava de naturalisar no nosso Parnaso: e a imparcial critica assigna-lhe distincto lugar entre os successores de Pindaro e Horacio. Em numero de doze são as que nos restão do seu espolio, caracterisadas todas por um cunho particular, destacando-se d'esse gracioso grupo a terceira, dirigida á lua, em que correndo parellas com Bernardo Tasso leva-lhe ás lampas <sup>2</sup>. A ode IX uma audaciosa e feliz tentativa de imitação, á VII do quarto livro de Horacio, rivalisa com seu modelo depurando nas finissimas tintas da sua palheta e na morbidez do seu pincel inexgotaveis recursos para descrever as scenas da natureza, passando graciosamente da pintura da primavera á do verão e d'este á do outono e á do inverno, semeando entre as gallas do

<sup>1</sup> *Ensaio Biographico-Critico*. tom. III, livro V

<sup>2</sup> Na citada obra de Costa e Silva, encontrará o leitor curioso a confrontação das duas odes, que sendo ao principio quasi semelhantes, diversificação do meio para o fim. (Tom. III - Livro V - Cap. I)

estylo judiciosas e profundas reflexões sobre a curta duração da nossa existencia e as vicissitudes das cousas humanas.

Devotado petrarchista consagrou Luiz de Camões seu brilhante estro ao soneto, no qual grangeou tão grande renome, que antes de Bocage não conheceu rival. Sabida é a difficuldade que offerece essa composição na qual Boileau queria ver a synthese d'um poema : e por isso tanto mais é para admirar que em tão crescido numero que d'elles nos restão, poucos sejam os que deslustrem a sua origem, e não possuão ainda hoje ser apresentados como exemplares. Entre estes citão-se os eroticos, nos quaes o poeta, deslumbrado por falsa aureola, cahiu repetidas vezes no vicio que mais tarde devêra denominar-se *gongorismo*, multiplicando conceitos, antitheses e pensamentos rebuscados, que attrahirão-lhe justas censuras de Sismondi, Lobo, Costa e Silva e ultimamente do senhor José Sylvestre Ribeiro <sup>1</sup>.

Como prova da exuberancia do seu talento metrico escreveu algumas *Sextinas*, forma hoje totalmente desusada e a que um critico hespanhol <sup>2</sup> chama *impertinente*. São consideradas infimas

<sup>1</sup> O seguinte soneto, um dos mais graciosos da collecção, póde servir d'exemplo do abuso que fazia o poeta das imagens e allegorias, em prejuizo da simplicidade d'expressão :

Está o lascivo e doce passarinho  
Com o biquinho as pennas ordenando  
O verso sem medida alegre e brando  
Despedindo no rustico raminho.

O cruel caçador que do caminho  
Se vêm callado e manso desviando  
Com prompta vista a seta endireitando  
Lhe dá no estygio lago eterno ninho,

D'est'arte o coração que livre andava  
Posto que já de longe destinado,  
Onde menos temia foi ferido.

Porque o frêcheiro cego me esperava  
Para que me tomasse descuidado,  
Em ramos claros olhos escondidos.

<sup>2</sup> D. Manuel José Quintana.

d'entre todas as suas composições talvez pela ruindade do metro, ou porque lhes prestasse o poeta menor solitudine. No entender do supra mencionado senhor J. Sylvestre Ribeiro — não chegaria Camões á immortalidade se apenas houvesse composto sextinas — <sup>1</sup>.

Na collecção de suas *Rimas* apparecem algumas *voltas* e *glosas*, productos da musa juvenil, ou brincos da phantasia, as quaes todavia se recommendão por certa ingenuidade e candura que trazem á lembrança o antigo modo de poetar dos portuguezes, quando adeptos da escola provençallesca.

Pelo rapido esboço que acabamos de fazer reconhecerá o leitor a justiça com que proclamamos a Luiz de Camões o primeiro poeta lyrico e didactico do seu tempo, titulo que junto ao de incomparavel epico e d'eximio dramaturgo, fazem d'elle uma poderosa individualidade, uma especie de mytho que symbolisa a gloria litteraria dos portuguezes e de seus descendentes ultra-marinos.

#### POESIA EPICA

CAMÕES (*Luiz de*): — A familia d'onde procedia este eximio poeta era natural da Galliza e um dos seus maiores, Vasco Pires de Camões, tendo ido a Portugal no reinado d'el-rei D. Fernando foi ahi tão bem recebido que resolveu fixar nesse reino a sua residencia. Por morte do desventurado monarcha havendo abraçado a parcialidade de sua filha D. Beatriz sustentou com bizzarria o castello d'Alenquer contra as tropas do mestre d'Aviz e feito prisioneiro na celebre batalha d'Aljubarrota perdeu as terras que devia a liberalidade do fallecido monarcha ficando-lhe porem bastantes cabedaes para viver com independencia e transmitti-las aos seus descendentes.

Foi um d'elles Simão Vaz de Camões, que por algum tempo residiu em Coimbra numa certa abastança, que, sem sabermos o motivo, cedeu o passo á penuria de meios de subsistencia, a ponto

de força-lo a mudar-se para Lisboa, onde foi exercer o cargo de procurador dos frades de S. Domingos. D'esse Simão Vaz de Camões e de sua mulher D. Anna de Sá de Macedo nasceu Luiz de Camões na cidade de Lisboa pelos fins do anno de 1524, ou nos principios do de 1525 <sup>1</sup>.

Feitos na cidade natal os primeiros rudimentaes estudos passou-se o menino Luiz á Coimbra afim de cursar as aulas da universidade, sob a direcção e patrocínio d'um tio que ali tinha, e desempenhava as funcções de geral dos conegos regentes de Santa Cruz. Parece que madrugou-lhe a vocação poetica, por quanto ainda nos bancos escolares compoz a comedia intitulada *Os Amphitriões* moldada pela de Plauto, a qual foi levada á scena pelos estudantes a quem taes divertimentos muito aprazião.

O frequente tracto com as musas acordando-lhe as paixões preparou-lhe n'aurora de existencia innumerous trabalhos e desgostos. Pretendem alguns biographos que nas margens do Mondego, e em annos ainda bem juvenis, concebera esse primeiro e ardente amor em que se lhe consubstanciara a attribulada vida. Uma donzella de peregrina formosura e elevados dotes fôra o objecto do culto do entusiastico mancebo, mas pertencendo ella a uma familia mais nobre e influente do que a sua, e por consequencia julgada desigual a união, foi ella acerrimamente combatida. Chamava-se essa donzella D. Catharina d'Athaide, e era filha de D. Antonio de Lima, mordomo mór do infante D. Duarte, sendo ella propria dama da rainha D. Catharina, mulher de D. João III. Sob o anagramma de *Natercia* celebrisou-a o poeta, collocando-a a par de Beatriz, Laura e Leonor, immortalizadas por Dante, Petrarcha e Torquato Tasso.

Como todos os cavalheiros d'essa epocha fiava Camões da sua espada glorias e adiantamentos, e mais firme tornou-se nessa crença ao ver o benevolo acolhimento com que o recebião na côrte os mancebos das principaes familias com quem convivera em Coimbra.

<sup>1</sup> O senhor visconde de Juromenha num succulento artigo publicado no *Diario Popular* deixa litigiosa essas duas datas.

Nem a menor acceitação teve nessa academia feminina, fundada pela infanta D. Maria, e na qual rutilavão os esplendorosos talentos das duas irmãs Sigéas, de Joanna Vaz e de Paula Vicente, filha e collaboradora do grande dramaturgo Gil Vicente.

A proeminencia do nosso poeta nesses famosos sarãos, a bemquerença das damas, e as predilecções de D. Catharina, despertarão a inveja e originarão esse primeiro desterro para Riba-Tejo de que tão magoadamente se queixa na elegia III.

De volta a Lisboa proseguiu no mesmo teor de vida, e porventura continuou a colher os mesmos louros, envoltos d'esta vez em mais asperos espinhos. Para subtrahir-se ao odio de seus inimigos, ou antes seus emulos, alistou-se numa expedição que partia para a Africa, onde conservou-se por espaço de tres annos. Em 1549 deixou Ceuta com o intento d'acompanhar a India D. Affonso de Noronha, nomeado para succeder a D. João de Castro.

Por autenticos documentos consta que se alistára para essa expedição no anno seguinte sem que se saiba ao certo o motivo que lhe demovera de semelhante proposito, que só levou avante em 1553 embarcando-se n'armada em que ia por capitão-mór Fernão Alvares Cabral.

Nas vespéras da partida occorreu uma emergencia que bem funesta lhe podera ser, posto que em demasia abone-lhe o character brioso. Passava pelo Rocio quando viu alguns amigos seus accommettidos por um certo Gonçalo Borges, criado d'el-rei, que lhes levava decidida vantagem pela superioridade das armas. Tanto bastou para que Camões se pozesse do lado mais fraco e acontecendo ferir gravemente ao dito Gonçalo Borges foi recolhido a cadeia do Limoeiro, d'onde pouco depois sahiu agraciado pelo monarcha em razão de ser — um homem mancebo e que o ia servir na India.—

Em viagem experimentou as tormentas do Cabo de Boa-Esperança, que tão magistralmente devera descrever em seu immortal poema, e aportando a Gôa, após afadigosa travessia, forão logo utilizados os seus serviços na expedição ordenada pelo novo vice-rei em auxilio do rei de Cochim contra o de Pimenta.

Durante todo o governo de D. Affonso de Noronha fruiu o poeta

de sua confiança e desempenhou com proverbial intelligencia e bravura as diversas commissões de que fôra incumbido.

Sucedeu-lhe Francisco Barreto, varão conspicuo e digno a todos os respeitos do honroso cargo para que o havião escolhido, do que deu testemunho o mesmo poeta compondo para as festas da sua investidura um drama que intitula-se — *Auto de Filodemo*.—

Querem alguns biographos attribuir a esse governador cruel perseguição movida contra o poeta pelo facto de haver composto uma satyra denominada — *Disparates da India* — em que o mencionado Barreto e alguns outros fidalgos erão expostos á irrisão. Com excellentes fundamentos contesta o sr. visconde de Juromenha semelhante versão allegando que o emprego para que fôra despachado Luiz de Camões (o de provedor dos defunctos e ausentes de Macau) era um dos mais honrosos e lucrativos com que costumavão os vice-reis e governadores agraciar os seus validos. A prisão a que se recolheu quando por ordem superior foi a Gôa prestar contas da sua gerencia era uma medida generica e mui consentanea com as ideias do tempo, pelas quaes o accusado, ou indiciado, era *ipso jure* considerado reo, e como tal tractado.

A probidade do provedor de Macau sahiu immune do inquerito a que se procedeu, mas não é menos certo que grandes desmandos e descaminhos dos dinheiros publicos se derão nos Estados da India, de que pode toinar conhecimento quem se der a pena de compulsar as paginas de Couto, Castanheda, Gaspar Correia, e outros escriptores contemporaneos.

De indole inquieta e espirito mordaz grangeou inimizadas poderosas que por diversas vezes forçarão-no a visitar os carceres, mesmo quando propicios lhe erão os governadores. Assim no vice-reinado de D. Constantino de Bragança, de cuja privança tanto se honrava, sabemo-lo preso por *certas travessuras*, no dizer d'uns, ou por meras calumnias, como affirmão outros. O conde de Redondo (D. Francisco Coutinho) para leva-lo comsigo á expedição planejada contra os Achens teve de mandar-lhe abrir as portas da prisão em que o retinha a queixa dada contra elle por um certo Miguel Rodrigues Coutinho (vulgo *Fios Seccos*).

Ao cabo de dezeseis annos de fadigas, por nenhuma vantagem

material compensadas, tomou o expediente de regressar ao reino tomando passagem em novembro de 1569 n'armada que se dirigia a Moçambique, e na qual teve por companheiro Diogo do Couto por quem sabemos da extrema pobreza a que então se via reduzido.

Durante a viagem occupava-se em compor uma collecção de poesias a que dera o titulo de — *Parnaso de Luiz de Camões* —, precioso codice cuja perda ainda hoje lamentão as patrias letras, e a que já precedentemente alludimos quando aquilatamos a gravidade d'accusação assacada á Diogo Bernardes.

Em abril de 1570 saudava com effusão as poéticas ribas do Tejo, não tardando porém em transformar-se em dó o seu jubilo quando informado da abundante ceifa que a segure da morte fizera em seus parentes, amigos e ainda na mais cara das suas affeições.

Uma só consolação restava ao poeta; conservara-lhe Deus os preciosos dias de sua velha mãe, cujos tremulos braços estreitaram-no d'encontro ao coração.

Saciado de decepções voltou-se todo para a gloria litteraria, e seriamente occupou-se com a impressão dos *Lusiadas* que vierão a lume no anno de 1572. Dedicado ao moço monarcha, que só respirava batalhas e conquistas, valeu-lhe uma pensão annual de quinze mil réis <sup>1</sup>.

Com quanto se haja bastante romanceado o final da vida de Camões figurando-o perseguido pelos frades e nobres e esmolando nocturnamente o pão por intermedio do seu fidelissimo — jão — não se pode contestar que por alguns apertos passou elle; devidos uns ás criticas circumstancias do paiz, e outros ao seu character imprevidente e perdulario. Não lhe visitou porém a miseria o lar domestico, que não lh'o consentiria a estreita amizade que lhe

<sup>1</sup> Essa pensão, que alguns biographos tem querido ridicularisar, correspondia a noventa mil réis da moeda portugueza actual, e foi-lhe paga com toda a pontualidade, como o demonstrou o sr. visconde de Juromenha dando ao prelo o ultimo recibo. Gravissima injustiça é querer apreciar os factos d'outras epochas pela estreita bitola da nossa, e quem se der a pena de calcular o valor da moeda conhecerá a leviandade com que se tem averbado de mesquinhas muitas remunerações pecuniarias que hoje serião consideradas medianas e regulares.

consagração os religiosos de S. Domingos, em cuja douta convivência escoavão-se os seus lazeres, nem tão pouco a valiosa protecção do duque d'Aveiro, e a do seu particular amigo D. Manuel de Portugal.

Sobre o animo nimiamente patriótico do cantor do Gama devera exercer dolorosa impressão o desastre d'Alcacer-Kebir; e numa carta mandada a D. Francisco d'Almeida, que organisava em Lamego a resistencia contra o propinquo dominio de Castella, lemos o seguinte passo: — *Emfim acabarei a vida; e verão todos que fui tão afeiçoado á minha patria que não me contentei de morrer nella, mas com ella.* — E de feito pouco sobreviveu á deshonra nacional, vindo a fallecer no dia 10 de junho de 1580 numa pequena casa da calçada de S. Anna, junto á praça onde hoje se ergue a sua estatua<sup>1</sup>. Reza a tradição que da casa de Vimioso fôra mandada a mortalha com que se deu sepultura ao cadaver na igreja das freiras franciscanas sob a invocação de S. Anna *pobre e plebeiramente*, como se exprime Pedro de Mariz.

Dezeseis annos depois D. Gonçalo Coutinho, da nobilissima casa de Marialva, aspirou associar seu nome ao do eximio epico mandando-lhe recolher os ossos numa modesta campa sobre a qual lavrou-se modesto mas expressivo epitaphio. Martim Gonçalves da Camara, escrivão da puridade d'el-rei D. Sebastião, que alguns auctores folgão de pintar como acerrimo inimigo e perseguidor de Camões, restaurou-lhe a sepultura que se ia arruinando e substituiu o epitaphio a que alludimos por outro em versos latinos da lavra do jesuita Matheus Cardozo. As vicissitudes politicas por que tem passado Portugal e tambem o desamor com que os seus naturaes e descendentes sóem galardoar os grandes feitos concorrerão para que tão tardia fosse a reparação do olvido em que havião deixado cahir os restos mortaes do egregio poeta. Ignorava-se até onde pousavão seus ossos, dispersos pelo terremoto de 1755, e a pun-

<sup>1</sup> No estudo consagrado ao illustre poeta pelo sr. visconde de Juromenha e publicado no *Diario Popular* menciona-se como digna de nota a versão de frei José Indio que assegurou *te-lo visto morrer num hospital de Lisboa sem ter um lençol com que se cobrisse (!!!)*

gente objurgatoria de Garrett fazia corar as faces dos que ainda não tinham repudiado as glorias patrias.

Em boa hora lembrarão-se alguns benemeritos cidadãos de solvêr essa divida de gratidão; e a circular de 14 de junho de 1860 produziu melhores resultados do que os louvaveis esforços do sr. visconde de Castilho em 1838; porquanto, arrecadada a somma julgada necessaria e confiado o trabalho artistico ao habil esculptor sr. Victor Bastos, poudo alfim ser inaugurada a estatua pedestre do auctor dos *Lusiadas* n'antiga praça de S. Anna, hoje denominada de — *Camões* —; e o dia 9 d'outubro de 1867 ficou marcado *albo lapillo* nos fastos lusitanos.

O maior e immorredouro monumento consagrado á memoria de Luiz de Camões erigiu-o elle por suas proprias mãos nessa admiravel epopéa que viu pela primeira vez a luz da imprensa no anno de 1572, honrada e festejada por todas as nações cultas, gozando do singularissimo privilegio d'achar se vertida em quinze linguas, segundo no-lo affirma o sempre citado e competentissimo sr. visconde de Juremenha.

É ainda este erudito escriptor quem reivindica os fóros da verdade contra a legendaria perseguição movida ao poema e ao seu auctor pelos jesuitas, cuja censura diz-se mutilára e deturpara as melhores passagens do poema. Á luz da evidencia prova que as unicas correções forão devidas aos prudentes e sabios conselhos de frei Bartholomeu Ferreira, religioso dominicano de grande reputação litteraria e extremoso amigo de Camões.

Numerosas tem sido as edições dos *Lusiadas*, crendo se que no mesmo anno da sua publicação sahira dos prelos do proprio edictor outra escrupulosamente corrigida pelo poeta, docil aos conselhos dos seus eruditos amigos e tambem ás criticas (às vezes apaixonadas e acerbadas) dos Zoilos e Bavios que jamais faltarão aos Homeros e Horacios. Por essa segunda edição, ou (como pretendem outros) *segunda tiragem*, pautou o sr. visconde de Juromenha a magistral edição da primeira epopéa portugueza, que constitue o sexto volume das *Obras completas* de Luiz de Camões, sahidas das officinas da imprensa nacional lisbonense, podendo servir de specimen do adiantamento d'arte typographica em Portugal.

Si, como pensava o doutissimo Hegel, a substancia e a forma da epopéa consistem no complexo das idéas e crenças d'um povo e o desenvolvimento do seu espirito sob a apparencia d'um acontecimento real, nenhuma ainda attingiu a esse escopo de modo mais significativo do que os *Lusiudas*, que pode-se dizer constituem o symbolo da nacionalidade portugueza. Até o proprio titulo, com grave infracção das regras, é colectivo e quasi *cyclico*. O ardente desejo que nutria de divulgar as proezas dos seus compatriotas levou-o a infringir essas regras, que aliás sobremodo acatava. É o caso de dizer-se *felix culpa* !

Bem inspirado andou na escolha do assumpto: o descobrimento do novo caminho da India era a synthese das emprezas maritimas, planejadas na escola de Sagres e estreadas pelos Camaras, Bittencourts, Perestrellos, Dias e tantos outros que apparellharão os tropheos de Gama e Cabral. A historia succedera á legenda, e a realidade circumscrevia num circulo de Popilio o maravilhoso, murchando as flores da imaginação.

Com a difficuldade da nova situação do espirito, luctou Camões logo na escolha do protagonista; visto como bem pouco heroico era o personagem de Vasco da Gama, e bem clara e explicita a sua missão.

Tomando por mestre e principal guia a Virgilio, pautou Camões sua epopéa pela Eneida, e deixou-se quiçá arrastar um pouco longe por esse amor da plastica imitação. Assim, por exemplo, a historia de Portugal contada ao rei de Melinde em bem impropria occasião, é visivelmente inspirada pela narrativa d'Eneas á rainha Dido, sem a minima attenção ás circumstancias de tempo e de lugar. Em verdade a que proposito vinha esse alarde das façanhas dos portuguezes a um principe da costa de Zanguebar, entremeada d'objurgatorias e doestos, contra a sua crença religiosa? E isto quando tratava-se de torna-lo propicio ao designio dos navegantes !

Outra grande inverosimilhança que se observa nesse poema, é quando Paulo da Gama mostra ao Catual de Melinde as bandeiras em que estão representadas os heroes nacionaes e as suas mais preclaras acções. Fallando d'esse descuido de Camões, assim se exprime um abalisado critico: « Não é muito verosimil que a his-

toria de tantas batalhas, acções e retratos de homens illustres, coubessem nas bandeiras, e dado que coubessem, não são as bandeiras lugares proprios para estarem pintadas acções insignes, pois nellas o que unicamente se põe para serem conhecidas são as armas do principe a que pertencem. Mais seguro iria Camões si nessa parte imitasse Virgilio, o qual, querendo fazer menção d'acções memoraveis, fingiu-as postas em quadros e não em bandeiras. Melhor lugar tinhão esses feitos portuguezes pintados em paineis na camara do capitão <sup>1</sup>. »

O syncretismo do sagrado com o profano, a lucta que em seu espirito devêra travar-se entre as reminiscencias classicas e os dogmas e crenças em que fôra educado, derão em resultado uma das maiores incongruencias, que lhe exprobra a critica. No sossobro d'uma tempestade invoca o protagonista o auxilio da

« Divina Guarda, angelica celestes,  
Que o céu, o mar, a terra senhorea... »

e quando esperamos ver baixar algum anjo, eis que surge Venus e um côro de nymphas !...

E já que tratamos de nymphas, não deixaremos de lamentar que os religiosos de S. Domingos, aos quaes, como acima dissemos, submetteu Camões o seu poema, não lhe houvessem aconselhado a suppressão d'algumas lubricas pinturas d'essas falsas divindades. « Um poema tão grave, diz o sabio bispo de Vizeu, e mais propriamente tão heroico, recusa descripções voluptuosas e maiormente tão nuas como estas (as dos cantos IX e X); menos proprias a encaminhar bem a imaginativa d'um mancebo generoso, do que renovar os embotados desejos d'um sybarita <sup>2</sup>. »

Poucas paginas adiante tendo o mencionado critico d'occupar-se com o episodio da ilha dos Amores serve-se d'estas expressões, de que pedimos venia para apropriarmos-nos, abundando em suas conclusões :

<sup>1</sup> F. J. FREIRE (CANDIDO LUSITANO) — *Arte Poetica* —

<sup>2</sup> *Mem. Historica e Crit. acerca de Luiz de Camões e suas obras*, — por D. Francisco Alexandre Lobo.

« A ilha de Venus, deixada agora á ponderação d'acrescer ao poema depois d'acção concluída, é muito de reprovar na idéa d'uma das suas partes, e não sei si ainda mais nas côres. Fallamos das côres quando tocamos na emenda que os dominicos de Lisboa com mais zelo do que coherencia, determinarão Camões a fazer na estancia LXXI do Canto IX. Tão vivos são com effeito como indecentes, ou antes indecorosas, a um poema de tal natureza. A idéa de recompensar o zelo da religião e da patria, o valor extremado, a mais atrevida e arrojada, porem virtuosa determinação, com delicias da mesa e do amor, não podia ser menos discreta, nem mais ruinosa da valia e preço dos Lusíadas. »

Não poude outrosim eximir-se o poeta do contagio dos trocadilhos e jogos de palavras, que de Italia tinham vindo. D'entre muitos apontaremos os seguintes :

« De ver que commenttendo tal caminho  
Entre no reino d'agua o rei do vinho. »

(Canto VI—est. 14)

« Não era despantar que se espantasse. »

(Canto VIII—est. 58)

« Que mande da fazenda emfim lhe manda. »

(Canto VII—est. 78)

« Da Lusitania postos em fugida

O Miralmmum só não fugiu,

Porque antes de fugir lhe foge a vida. »

Sabemos que nestes e quejandos passos, em que dormitava o Homero Portuguez mas tambem sabido é que a incauta juventude pode ser levada ao erro pela servil imitação dos mais auctorisados exemplares, e que a voz da critica, semelhante á do escravo romano, deve bradar-lhes : — *Cave, ne cadeas.*

« As mais bellas producções, (pensa um avisado contemporaneo,) são justamente as que devem ser mais cuidadosamente depuradas pela analyse ; porque são essas as que exercem maior influencia. A mediocridade servil, que não sabe, nem pode discriminar, imita-as, e imita de ordinario o menos bom, porque não tem folego

para chegar ao optimo. Assim se perverte o gosto, e se damnão com o contagio do máo exemplo as mais florentes esperanças.

« A critica, a boa critica, judiciosa, illustrada e imparcial, cumpre atalhar esses perigos, indicando nos melhores auctores o que é para seguir e o que é para evitar. E menos mal do que os outros fazem a estes as rectas severidades; porque do excellente lhes sobra para viverem na posteridade, e do inferior elles mesmos se corrigirão, se podessem ter seguido os aperfeiçoamentos successivamente elaborados pelo tempo <sup>1</sup>. »

Esses defeitos, ou antes ligeiros senões, que obumbrão o disco luminoso dos *Lusiadas* são remidos por infinitas bellezas de purissima agua. É o livro mais eminentemente patriotico que conhece a nossa litteratura, adornando simultaneamente a estante do sabio e o pobre bufete do operario. É a concentração de todas as glorias portuguezas, aprendidas com enthusiasmo na juventude e recordadas amoravelmente na velhice. « Resumir em si um povo, diz uma das mais brillhantes pennas contemporaneas, ou um seculo, é privilegios dos talentos superiores: esta união hypostatica do espirito de milhares de homens com o sangue e a carne de um só homem, demonstra o poderio dos eleitos. São estas reflexões as que primeiro salteião quem folheia e medita as paginas dos *Lusiadas*; comprehende-se então porque este livro se vulgarisou como nenhum outro porque nos acompanha da meninice á decrepitude, porque, a despeito d'animadversão dos censores catonianos, tresentos annos tem passado sem que o paiz se farte d'applaudir e lembrar. Vem de revez o que Garret escreveu algures: « nenhuma cousa pode ser nacional si não é popular <sup>2</sup>. »

Para melhor apreciar a magnitude do commettimento de Camões bastará que nos lembremos que primeiro arrostou elle os mares borrascosos da epopéa, num baixel de fragil construcção como por certo era a lingua que ainda não se podia dizer definitivamente

<sup>1</sup> Vide o artigo de Critica Litteraria assignado com as iniciaes M. L. e publicado no Jornal do Commercio de Lisboa n. 1874.

<sup>2</sup> Vide *Archivo PictoreSCO* artigo sobre Camões assignado pelo sr. E. A. Vidal.

formada. A dura versificação de Ferreira e Miranda, ainda arranhava os ouvidos delicados que na poesia italiana e hespanhola encontravam a doçura e melodia que sobremodo deleitavam. Verdade é que Bernardim Ribeiro parecera ter achado a gamma do sentimentalismo, mas nem o poeta da *Saudade*, nem o cantor do Lima podião servir de palinuros para a ousada navegação do Gama. Assim pois teve d'adaptar o instrumento á obra que planeára, e fe-lo de modo tal que é o unico dos escriptores d'essa epocha lido pelo povo, e comprehendido pelos indoutos sem commentarios.

Com razão admira a critica a força imaginativa com que descreveu os grandes phenomenos da natureza, parecendo aprazer-se principalmente na pintura do oceano, o que fez com que Chateaubriand denominasse os *Lusiadas* de primeiro poema maritimo. Com que arte, com que mestria, traça elle o imponente quadro d'uma tempestade em alto mar quando todos o elementos se desencadeião contra a audacia humana? Homero e Virgilio invejarião ao cantor do Gama a solemne magestade de sua descripção.

Não menos invejavel é o singularissimo talento com que burilava essas lamentaveis luctas do homem contra o homem a que chamamos batalhas e combates. Testemunha de muitos d'elles grava no marmore peregrinos grupos dos esquadrões que se enovelão e destaca a nobre figura do alferes de cujas robustas mãos se desfere o glorioso symbolo da patria. É Buonarotti, si o considermos esculptor, é Horacio Vernet si preferimos dar-lhe a qualificação de pintor.

Rivalisando com Tasso e Ariosto soube juntar a gravidade heroica ao entusiasmo amoroso; combina em sua palheta as côres brilhantes do episodios do Adamastor com a morbidez das tintas de mimoso quadro dos amores de Ignez: sabe ser imaginoso no sonho de D. Manuel, pictoresco na descripção dos sitios encantadores, illuminados pelo sol dos tropicos, conservando em tudo a riqueza de linguagem, o donaire da expressão.

Outra justiça cumpre fazer ao eximio poeta; é que não teve elle predecessor em nenhuma das litteraturas neo-latinas: porquanto a *Italia Liberata* de Trissino não lhe podia servir de fanal e só de baixio á tona d'agua. Navegando sem rumo *por mares nunca*

*d'antes navegados* recorreu ao peculio de suas classicas leituras, compulsou as obras consagradas pelo applauso dos seculos, e inemerato proseguiu na ideada empreza.

Finalisaremos este ligeiro esboço transcrevendo o juizo que sobre o eximio poeta emittiu outro, que, mais do que nenhum, se lhe approxima.

« Não estava ainda neste auge a poesia portugueza quando um homem pouco conhecido dos letrados, mas já celebre pelas suas aventuras e valor, foi para tão longe da ingrattissima patria despicar-se do seu desamor com a mais nobre vingança ; a de levantar-lhe um padrão, em que não entrão as idades, e que conservará ainda o nome portuguez quando já houver desaparecido da terra. Muita erudicção (pois sabia quanto se soube em seu tempo), engenho dos que vêm ao mundo de seculos à seculos se reunirão em Camões.

« Esse homem levantou a cabeça lá das extremidades d'Asia, e viu tudo pequeno á roda de si, todos os poetas pygmeus, todos acanhados com as linguas modernas ainda mal perfeitas, escravos da imitação classica, incertos e entalados todos entre o cego respeito d'antiguidade e as novas precisões que as novas ideias, que o novo estado do mundo requeria. Teve animo para conceber e força para executar um rasgado e necessario atrevimento de abrir caminho novo, de crear emfim a poesia moderna, dar, não só a Portugal, como a Europa toda um grande exemplo, e constituir-se o Homero das linguas vivas <sup>1</sup>. »

#### POESIA DRAMATICA

Como já vimos, tratando d'outras litteraturas, nunca desapareceu inteiramente da Europa o elemento dramatico durante esse periodo de formação, ou melhor de transformação, a que denominamos — idade-media — Sabemos que já no anno de 452 excomungou o concilio d'Arles os que se entregassem aos jogos scenicos ;

<sup>1</sup> GARRETT, *Bosquejo da Historia da Lingua e da Poesia*. inserto no 1. vol. do *Parnaso Lusitano*.

os de Chalons, Reins, e Tours condemnarão os histriões e prohibirão aos bispos assistirem aos seus jogos. Na Hespanha, e por consequencia em Portugal, dava-se a mesma persistencia; e no *Elucidario* do erudito Viterbo encontra-se o vocabulo — *arremedilho* — como synonymo de farça mimica.

Essa primeira manifestação dramatica foi hieratica de que nos dão testemunhos os *autos*, *hymnos* e *farças* cantados no metro e toada da lithurgia catholica; os abusos e profanações porém foram taes que a Igreja viu-se na necessidade de prohibi-los nas constituições de quasi todos os bispados <sup>1</sup>. O sr. Theophilo Braga, cujos recentes e succulentos trabalhos sobre o theatro portuguez nos vão servir de segura guia, lamenta semelhante repressão desejando que se deixasse toda a liberdade aos mosára bes, que d'ess'arte ficarão *tristes, desconfiados e incapazes de se apaixonarem*. Pedimos venia para discordar d'authorizada opinião do douto escriptor, porquanto entendemos que sem a censura ecclesiastica a arte dramatica se despenharia nos abysmos da obscenidade

Fiél á sua origem foi ainda á sombra do sanctuario que renasceu o theatro moderno; as ceremonias do nosso culto favorecerão em extremo a expansão d'esse sentimento innato a todos os povos os *autos* erão representados nas igrejas e os *nataes*, vindos de França, tiveram grande voga em Portugal até o tempo de Gil Vicente.

Em quanto deliciava-se o povo nas festas religiosas dramatisadas para seu recreio e edificação congregava-se a aristocracia nos paços reaes, e folgava com as *mimicas*, os *momos*, e os *entremezes*. Nos reinados de D. Affonso V e D. João II andavão elles em grande voga, e no *Cancioneiro Geral* faz-se menção d'essas representações dadas em festejo do casamento da infanta D. Leonor com Frederico III, imperador d'Allemanha.

Fallando dos *momos* eis como se exprimia um illustrado academico; « Os *momos* não passavão ordinariamente de representações *mimicas* acompanhadas de dansas que precedião quasi sempre as

<sup>1</sup> A d'Evora, promulgada no anno de 1531, prohibe terminantemente que se fação representações *ainda que sejam da Paixão de Nosso Senhor Jesus-Christo ou da sua Resurreição, ou Nascimento*.

justas e torneios e lhes servião de desafio <sup>1</sup>. » Contemporaneas a D. João I são as *quinolas* e as *touras* com que os mouros e judeus, de mascaras e rebuços, parodiavão os divertimentos da nobreza. Muito mais recente é a introduccão dos *entremezes*, incontestavelmente importados da Italia e França nos ultimos annos do reinado de D. Affonso V ou nos primeiros do de D. João II, o amigo e correspondente do famoso Angelo Poliziano. Registou Ruy de Pina uma d'essas festas scenicas que por sua singularidade cremos aprazerá aos leitores :— « E terça-feira logo seguinte houve na sala da madeira excellentes e ricos *momos*, entre os quaes el-rei para desafiar a justa que havia de manteer, veio primeiro *momo*, convencionado cavalleiro do cisne (*Cavalleiro do Cysne*) com muita riqueza, graça e gentileza, porque entrou pelas portas da sala com uma grande frota de grandes naos, mettidas em panos pintados de bravas e naturaes ondas do mar, com grande estrondo d'artilherias que jogavão, e trombetas e atabales e ministrées que tangião, com desvairados gritos e alvoroços de apitos de fingidos mestres, pilotos e marcantes vestidos de brocados e sedas, e verdadeiros e ricos trajos allemães <sup>2</sup>. »

Noutro chronista contemporaneo lemos a narração das grandes festas que se fizerão por motivo do casamento do filho do mencionado monarcha, o infante D. Affonso com uma filha dos reis catholicos, Fernando e Isabel, e a minuciosa descripção dos machinismos scenicos exhibidos por artistas vindo expressamente de Italia <sup>3</sup>. Arraigado o gosto pelas representações dramaticas tempo era d'apparecer quem as regulasse submettendo-as a certa ordem e filiando-as a revolução litteraria que então operava-se na Europa latina. O homem ardentemente esperado, o Messias do theatro portuguez foi:

GIL VICENTE. Suppõe-se pela confrontação da data de seu appa-

<sup>1</sup> Vide a *Memoria sobre o theatro portuguz* por F. T. d'Aragão Morato apresentada á *Academia Real das Sciencias de Lisboa* e inserta no tomo V das suas Mem.

<sup>2</sup> *Chronica d'El-Rei D. João II.*

<sup>3</sup> Vide Garcia de Rezende—*Vida de D. João II.*

recimento na cõrte de D. João II que nascera o illustre dramaturgo no anno de 1470. Teve por patria a cidade de Lisboa e por procedencia uma familia nobre, porem destituida dos bens da fortuna. Fez seus estudos na universidade, que então estanciava na capital da monarchia, e parece que chegou a graduar-se em leis recebendo o muito invejado titulo de *mestre*. Começou a frequentar a cõrte no anno de 1493 e deveu sua acceitação nella a sympathia que soube inspirar a rainha D. Leonor, grande protectora das letras e dos que d'ellas fazião mister. O jocoso parecer que exarou no *processo amoroso* de Vasco Abul mereceu-lhe as boas graças da rainha que desd'então jamais cessou de dispensar-lhe graças e mercês.

Os successivos lutos da cõrte portugueza nos reinados de D. João II e nos primeiros do de D. Manoel interromperão os *serões de palacio* e tornarão inopportunas as representações scenicas: quando porem os prantos pelos prematuros passamentos da rainha D. Isabel e do principe destinado a cingir o diadema dos dois reinos peninsulares se trocarão em jubilos pelo natalicio do infante que devera mais tarde chamar-se D. João III vemos logo apparecer a jovial figura de Gil Vicente na do *vaqueiro* admittido nos aposentos da nova rainha para recitar-lhe gracioso e apropriado monologo pastoril.

Este monologo era composto em lingua castelhana, assim como a mór parte das peças escriptas pelo nosso poeta em diversas epochas da sua vida; o que só pode achar explicação na circumstancia de procurar elle por tal forma agradar as rainhas que todas, desde D. Leonor até D. Catharina, pertencião a essa nacionalidade.

Á proposito do monologo que acabamos de nos referir, rectifica o sr. Theophilo Braga um equivoco em que cahiu Barreto Feio, e demonstra com toda a evidencia que a rainha a quem se dirigiu Gil Vicente era a segunda mulher de D. Manuel, por nome D. Maria, e não D. Beatriz, como disse o mencionado Barreto Feio, esquecendo que nenhuma das tres princezas com quem foi casado o *monarcha venturoso* teve semelhante nome <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Vide *Historia do Theatro Portuguez no seculo XVI*, cap. II.

Outro equívoco (e d'esta vez de muito maior alcance) corrige o mesmo atilado crítico quando refuta a asserção do supra mencionado Barreto Feio, que, no Prologo das obras de Gil-Vicente, diz: « que o castelhano João de la Encina e não os francezes, foi o modelo sobre que Gil Vicente compoz as suas primeiras producções dramaticas. » Da simples enumeração das eclogas d'Encina collige-se que obedecia elle aos usos e costumes hespanhóes, parallellos mas não identicos aos portuguezes. Outro caracteristico das peças d'Encina e que essencialmente as differença das de seu emulo é que as do poeta hespanhol principiavão por paraphrases das eclogas de Virgilio, o que jamais se encontra nas composições do dramaturgo portuguez.

Reconhecendo que pouco tinha d'original o engenho de Gil Vicente entendia Aragão Morato que mais se aproximava elle ás formas do theatro francez, e na erudita *Memoria* que já tivemos ensejo de citar, lavra seu laudo nos seguintes termos: « Mais possivel é que os francezes dessem a Gil Vicente a primeira ideia de composições dramaticas, seguindo o ponto de vista que elle as tomou; pois é certo que depois de passada a primeira metade do seculo XV tinha adquirido em França grande celebridade a representação da *Historia da Vida de Christo* por João Michel e a da *Farça do Advogad<sup>o</sup> Pathelin*. Gil Vicente podia ter seguido os auctores d'esses dramas, ou encontrar-se casualmente com elles na escolha dos assumptos e no character que deu ás suas composições: quem preferir a primeira opinião poderá talvez achar alguma semelhança entre a *Vida de Jesu-Christo*, composta pelo auctor francez, e o — *Breve Summario da Historia de Deus desde o principio do mundo até a Resurreição de Christo* — escripto pelo portuguez, e reflectir que as trovas e enseladas de França, cantadas no fim d'algumas peças de Gil Vicente, mostrão o conhecimento que este tinha da poesia franceza, e o apreço que fazia d'ella <sup>1</sup>. »

Mais uma prova dos empréstimos que costumava Gil Vicente fazer no theatro francez, achamo-la nas suas *farças*, imitadas das *moralidades*, levadas á scena pelos escreventes judiciaes (*clercs de la*

<sup>1</sup> *Mem. sobre o Theatro Port.*

*bazoche*), que tão grande rivalidade sustentarão com os *confrades da Paixão*. A *bazoche* era uma especie de tribunal comico perante o qual comparecião em epochas determinadas, os outros tribunaes incumbidos d'administração da justiça; e na lingua vernacula parece corresponder-lhe o vocabulo *bajouguice* empregado por Jorge Ferreira de Vasconcellos. Erão os estudantes da universidade que representavão nessas farças, como se deprehe de do prologo da comedia *Bristo* do doutor Antonio Ferreira. Em muitas peças de Gil Vicente descobrem-se vestigios d'essa imitação, especialmente nas intituladas *Romagem dos Aggravados*, *Juiz da Beira* e o *Testamento de Maria Parda*, condemnado no *indice expurgatorio* de 1624.

Proseguindo na narrativa biographica diremos que não nos consta que o distincto dramaturgo exercesse cargo algum de jurisprudencia; antes pelo exame acurado das rubricas de suas peças vemo-lo unicamente occupado em distrahir os tedios das côrtes de D. Manoel e D. João III. Sua inexgotavel musa comica fazia-se ouvir e admirar por occasião de todos os regosijos publicos, motivados ou por consorcios, como os dos dois monarchas supracitados, ou pelo nascimento dos principes, ou pela partida das infantas que ião se sentar em thronos estrangeiros.

Para essas grandes solemnidades compunha elle um genero hoje justamente condemnado a que denominára — *tragi-comedia* — amalgama monstruoso d'elementos heterogeneos.

Verdadeiro *poeta aulico* pouca, ou nenhuma iniciativa podia caber-lhe; sendo sempre estimulado o seu estro por causas estranhas, e não raro contrarias aos seus desejos. Na propria inspiração porém deparava com os recursos para bem desempenhar *suas encommendas*, injusta e calumniosa, sendo a imputação de *plagiario* que lhe quizerão assacar alguns invejosos. A esses *ruins*, para apropriarmos-nos d'uma expressão de Ferreira, respondeu victoriosamente o poeta escrevendo de improviso e sobre o thema por elles escolhido a espirituosa farça de *Ignez Pereira*<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> O thema dado por esses Zoilos com o manifesto fim d'atrapalha-lo foi o rifão popular: — *Antes quero asno que me leve do que cavallo que me derrube* —.

A morte da *rainha velha* (D. Leonor) foi-lhe summamente sensível; porque, como já dissemos era do seu valimento que lhe provinha toda animação e conforto. Baldo de qualquer outro meio de vida viu-se contragido a acompanhar a sombria côrte de D. João III, e por motivo do casamento da infanta D. Isabel com Carlos V sabemos que escrevera e representára um *Auto*, ainda convalescente d'umas febres que lhe havião acometido.

No anno de 1531 residia Gil Vicente em Santarem onde por occasião do terremoto acontecido no dia 25 de janeiro prestou relevantissimo serviço á causa da civilisação e da justiça. Alludimos aos esforços heroicamente empregados para impedir a reproducção das luctuosas scenas de que fôra testemunha Lisboa em 1506, tão magistralmente desenhada por Damião de Góes. A carta que então endereçou a el-rei D. João III é um modelo d'elevação de sentimentos e valentia de linguagem, que sobremodo abonão sua nobreza d'alma. Attingira a idade de sessenta e um annos, mas os desgostos e privações lhe havião apressado a velhice e avisinhado do tumulo, onde o aguardavão a esposa e um dos filhos.

Na cidade d'Evora, que particularmente presava, falleceu da vida presente no anno de 1536, sendo sepultado junto á campa que encerrava os ossos de sua mulher, sobre cuja campa lia-se o seguinte epitaphio que para si proprio escrevera.

« O grão juizo esperando,  
Jaz aqui nesta morada,  
D'esta vida tão cansada  
• Descançando ».

Dissemos que no tumulo aguardava-o um dos seus filhos; chamava-se este Gil, e era conhecido pelo diminutivo de *Gilete*. Revelára desde a puericia pasmosa propensão para o theatro, acoçoado por seu pai, que fazia-o representar em algumas das suas peças, como na do *Templo d'Appollo*, em que destinou-lhe o papel de *porteiro*. Tanto bastou para que Faria e Souza, adversario do poeta, por motivo que longo seria enumerar, se fizesse echo d'uma atroz calunnia asseverando com toda a impavidez que Gil Vicente

tinha grande inveja do talento dramatico de seu filho, e que para desembaraçar-se da concorrência que este lhe fazia empregára o seu valimento na cõrte afim de desterrar o mancebo para a India, onde achou a morte num campo de batalha. A gravidade d'accusação, contrastando como o animo benevolo o generoso do *Plauto Lusitano*, dispensa qualquer refutação, que aliás podera fornecer o silencio dos contemporaneos, e o systematico rancor do citado Faria e Souza bem como dos seus irreflectidos seguidores Diogo Barbosa Machado e João Baptista de Castro.

Dos outros dois filhos de Gil Vicente um (Luiz Vicente) foi o edictor das suas *Obras* dadas á estampa em 1562 e dedicadas a el-rei D. Sebastião, e outra (Paula Vicente) fez parte d'academia feminina da infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manoel, de quem era moça da camara, inscripta no livro dos assentamentos da casa real como *tangedora*, ou mestra de musica das donzellas, que sob a direcção da princeza apprendiã no paço. No dizer dos chronistas era Paula Vicente de grande illustração e singular talento, versada em varias linguas estrangeiras e auctora d'uma grammatica ingleza, talvez a primeira na ordem chronologica. Certifica o abbade Barbosa Machado que essa dama fõra tambem dotada de *vis comica* e escrevera um volume de poesias infelizmente perdido.

As *Obras* de Gil Vicente podem se classificar em tres categorias: as *hieraticas* (obras de devoção), *aristocraticas* (tragi-comedias) e *populares* (farças). Rasgadamente propenso á *escola velha* evitou cingir-se aos preceitos aristotelicos que a *renascença* havia posto em voga, e entendeu, com admiravel bom senso, que sendo o theatro a genuina expressão das ideias e tendencias d'um povo convinha stereotypar a sociedade portugueza em vez de trasfolear a grega, ou romana. « Esse mesmo desprezo (diz Barreto Feio), ou antes ignorancia dos preceitos d'Aristoteles e Horacio, foi porventura a fortuna de Gil Vicente. Houvera elle lido e meditado os modelos d'antiguidade, fõra sim mais correcto, mais judicioso, mais regular, mas talvez hoje não soubessemos que os nossos maiores possuirão entre si um genio original; a erudição, inimiga da originalidade, tem deprimido mais d'um talento poetico. Por isso nós não estranhamos nem sentimos encontrar em Gil Vicente

essa falta de unidade; já ellas tiverão mais ardentes sectarios do que hoje. É verdade que o poeta no auto da *Historia de Deus* chama successivamente á scena todos os patriarchas, desde Adão até J. Christo: que na comedia de *Rubena* o espectador vê nascer a heroína em Hespanha, de cinco annos pastorear gado, de quinze transportada a Creta ahi casar; são defeitos sem duvida, mas não d'aquelles que a critica deva occupar-se quando se trata d'um auctor do seculo e situação de Gil Vicente.

« Si do merito litterario das producções do nosso poeta passamos á olha-las debaixo d'outros pontos de vista, pelo lado moral e historico, ainda o seu merecimento será muito mais relevante. Não supponmos que Gil Vicente considerasse a moralidade dramatica como uma condição da comedia, antes julgamos que elle só teve em vista o agradável; porem como homem é naturalmente mais inclinado a rir-se do que a commiserar-se dos vicios e defeitos de seus semelhantes, tornão-se estes, materias indispensaveis da comedia. Assim se encontra no poeta um usurario logrado por um cavalleiro de industria, um ministro prevaricador, por uma moça ladina; ridicularisado o pedantismo d'um medico; a astrologia judiciaria, ainda em todo o vigor no tempo de Gil Vicente, coberta de ridiculo com uma graça e sal inimitavel; em fim a soberba dos grandes e poderosos abatida. Na propria presença da cõrte se fazem as mais amargas recriminações contra os reis pelas suas tyrantias; e a mesma cõrte não está á coberto de seus sarcasticos gracejos <sup>1</sup>. »

#### ESCOLA DE GIL VICENTE

Verdadeiro patriarcha da scena portugueza logrou Gil Vicente da satisfação de fundar uma escola na qual se filiarão vigorosos talentos, que por certo leva-la-hião ao apogêo a que attingiu o theatro hespanhol si logo nos seus começos não encontrasse as barreiras do *classicismo* e das *prohibições ecclesiasticas*, fulminadas

<sup>1</sup> Vide *Ensaio sobre a Vida e Escriptos de Gil Vicente* inserto no 1.º vol. das suas *Obras Completas*, edicção de Hamburgo—1834.

contra o desbagramento de linguagem e as tendencias heterodoxas, que forão como caracteristico d'essa escola. Houve por sem duvida excesso na repressão; convinha podar a arvore mas não derriba-la, corrigir as demasias, respeitando-se a proficuidade da ideia que lhe dera origem.

Entre os principaes representantes d'essa escola citão-se os nomes do infante D. Luiz, Antonio Ribeiro (*Chiado*), Jeronymo Ribeiro, Antonio Prestes e Luiz de Camões.

D. Luiz (*Infante*): — Nascido em Abrantes no anno de 1506 foi filho d'el-rei D. Manuel e da sua segunda mulher, a rainha D. Maria. Em verdes annos patenteou vocação para os exercicios dramaticos assistindo com grande assiduidade aos serões que nos paços da Ribeira costumava fazer Gil Vicente, de quem constituiu-se protector depois da morte da rainha D. Leonor. Cultivava com proveito as musas e ha mesmo quem pretenda que colloborára para algumas das peças do mencionado Gil Vicente. Attribue-se-lhe a auctoria da tragi-comedia *D. Duardos*, que apparece nas obras do grande dramaturgo sem a costumada rubrica, indicativo do anno e lugar da representação; assim como d'uma comedia intitulada — *Os Turcos*, ou *os Captivos*, ambas condemnadas no *indice expurgatorio* de 1559. Em seus porfiosos estudos e indagações bibliographicas não poude o sr. T. Braga liquidar esse ponto, que por em quanto fica *sub judice*.

ANTONIO RIBEIRO (*Chiado*): — Nos arrebaldes d'Evora e de pais obscuros nasceu este comico, a quem o renome de Gil Vicente despertou ao sahir da infancia vivo desejo de seguir-lhe a trilha. Como os estudantes das universidades allemãs, que outr'ora mendigavão cantando de porta em porta, o menino Antonio fez-se comparsa nos autos e comedias de Gil Vicente e grangeando com isso meios de subsistencia roborou a vocação que lhe assomára no berço. Mais tarde professou na ordem franciscana sem interromper seus exercicios scenicos, apenas modificados pela natureza dos assumptos, á guisa do que então practicavão frei Antonio de Lisboa, frei Francisco Vaz, e frei Boaventura Machado, mais conhecido pelo nome de Simão Machado.

O animo satyrico e bulhento de frei Antonio Ribeiro attrahirão-

lhe innumerables contrariedades que forçarão-no a despir o habito, annullando a profissão religiosa, sob pretexto de have-la feito com falta da idade canonica.

Deixando Evora foi residir em Lisboa e no sitio denominado — *Chiado* — d'onde lhe proveio a alcunha por que é geralmente conhecido. Foi ahi que travou conhecimento com Luiz de Camões que d'elle faz honrosa menção no prologo da comedia — *El-Rei Seleuco*.

Celebrado pela sua causticidade comica foi chamado á cõrte de D. João III, em cuja presença representou o *Auto da natural invenção*, que parece ter summamente agradado a el-rei, cuja melancolia ia cada vez mais tornando-se invencivel.

Muitos outros autos compoz o *Chiado*, como fossem o das *Regateiras*, a *Practica dos compadres*, representados no *pateo das comedias*, cuja empreza (como hoje diriamos) pertencia ao hospital de Todos os Sanctos de Lisboa.

A data da morte de Antonio Ribeiro (*Chiado*) é fixada no anno de 1591 e por consequencia em plena dominação hespanhola.

JERONYMO RIBEIRO : — Apenas sabemos que era irmão do precedente e como elle natural d'Evora. Crê-se que a extrema pobreza o constrangera a abraçar a profissão d'actor, e que em busca de melhor fortuna se dirigira a Lisboa onde talvez já o tivesse precedido o seu citado irmão. O que porém não é hypothetico é o ter sido auctor d'um auto muito estimado pelos contemporaneos e intitulado — *Auto do Physico* — dado á estampa por Alfonso Lopes no anno de 1583 numa *Collecção de Autos e Comedias*.

Eis como o aprecia o sr. Theophilo Braga, a cujo testemunho nos reportamos :

« O *Auto do Physico* tem lances perfeitamente comicos, e as vezes uma certa nudeza dos Autos de Gil Vicente sem comtudo lhe igualar o lyrismo. Notaremos esses lances expondo a urdidura da peça Mamede é o typo do creado do physico, sempre namorado das moças da sua igualha, sempre preguiçoso e illudindo por todos os modos o serviço : Ignez é a creada, typo derivado da *Celestina*, empiscando para Mamede, alcovitando a filha do patrão. Abre a scena com um cavaco amoroso entre esses dois galantes serven-

tuarios e quando estavam em colloquios apparece um escudeiro, que vem apaixonadissimo pela filha do physico e que lhe pergunta si a menina recebera a carta que lhe mandara. Mas o escudeiro quer ver a menina e a creada Ignez diz que se finja doente, e à pretexto de ir consultar o physico lhe entra em casa e assim a vê de perto. A segunda scena se passa entre o physico e sua filha, aquelle queixando-se da demora do creado Mamede, e a menina defendendo-o, e logo que o creado chega começa uma altercação que é interrompida pela entrada do escudeiro namorado, que faz de doente. Esta terceira scena é bastante dramatica; é o cavaco entre o doente por amor e o physico enfatuado, ainda citando Avicena:

« PHYSICO

Tem febre, mas é pequena  
 Senhor, a imaginação  
 faz causa, não deis a mão,  
 que isto é texto da *Vicena*  
*de morbis* do coração <sup>1</sup>. »

E prosegue n'analyse da supra citada peça apontando-lhe as muitas bellezas á par d'alguns defeitos oriundos da nenhuma preparação litteraria do auctor que tudo devia ao natural engenho,

ANTONIO PRESTES: — Pouco se sabe d'este escriptor que exerceu em Santarem o officio d'*inquiridor do civil* tendo nascido em Torres Vedras em epocha por nós desconhecida. Sua profissão judiciaria parece constitui-lo genuino representante dos *clerics de la bazoche*; e de feito em muitas das suas peças figurão anedoctas da vida forense.

Do estudo consciencioso do theatro d'Antonio Prestes collige-se que pertencia elle á escola de Gil Vicente, cujo grande admirador era, e os seus Autos, em numero de sete, parece terem sido escriptos antes do anno de 1587 sendo representados *quasi todos* nos theatros de provincia, escapando d'ess'arte aos raios fulminatorios dos *indices* de 1580 e 1624. Dissemos *quasi todos* porque no dos *Cantarinhos* se encontra a rubrica de ter sido representado na cidade de Lisboa.

<sup>1</sup> *Historia do Theatro Portug. no seculo XVI*, Livro II cap. IV.

Aquilatando o valor intrinseco do principal d'esses Autos (o d'*Ave Maria*) torna o senhor Theophilo Braga bem patente a *tendencia heterodoxa*, que notamos como caracteristico da escola de Gil Vicente. Citemos suas proprias palavras :

« O *Auto d'Ave Maria* lembra a primeira maneira de Gil Vicente, quando ainda não ia mais além das allegorias dos *Mysterios* ; o seu estylo e modo de conceber uma acção dramati ca prova a antiguidade do Auto, escripto pouco depois do triumpho da Reforma na Europa: aqui sustenta Prestes que a fé, sem ser coadjuvada pela razão, é esteril e sem obras. É este o resultado do grande movimento intellectual do seculo XVI, que não poderia ser proclamado vigorando a Inquisição <sup>1</sup>. »

Terminando o seu luminoso estudo acerca d'esse emulo de Gil Vicente, lamenta o supra mencionado senhor T. Braga a raridade de suas obras e promette quando dispozer d'alguns ocios, mimosear o publico com uma nova edição. Acha-se felizmente prehenchido o anhelos do distincto critico, graças á solitudine do illustrado bibliographo, senhor Tito de Noronha, que no anno de 1871 fez sahir dos prelos da conceituada casa Moré, na cidade do Porto, essa suspirada edição, totalmente moldada pela de 1587, e recommendavel pelo primor da impressão e ainda mais pelo esmero com que foi revista.

CAMÕES (*Luiz de*) : — Para que nada faltasse á gloria do grande epico ei-lo que desce á arena em que justavão os discipulos de Gil Vicente para disputar-lhes os louros de Thalia. Tres comedias nos restão d'esse prodigioso genio, o maior quicá de quantos tem nascido em terras portuguezas ; e são ellas os *Amphytriões*, *El-Rei Seleuco* e *Filodemo*.

Os *Amphytriões* é o titulo de uma comedia, ou antes um *auto*, imitado de Plauto, mas de tal modo vasado nos moldes portuguezes que bem póde passar por obra original. Serviu-se o poeta da redondilha maior e na pintura dos caracteres e dos costumes fez adrede uma combinação d'elementos novos e velhos que lhe prestão

<sup>1</sup> *Hist. do Theatro Port. no seculo XVI*, Livro cap. IV.

particular encanto. Consta que fôra escripta quando ainda frequentava os bancos da universidade de Coimbra entre os annos de 1539-1542 e levada ao palco pelos estudantes, conforme o costume do tempo.

Do exame da peça depreheende-se que seguia Camões as pisadas de Gil Vicente, não só na contextura como na fusão dos idiomas portuguez e castelhano deixando a este ultimo a parte mais grotesca, e como que para figurar a rude linguagem do povo. Nota-se-lhe tambem grande exuberancia lyrica, novo ponto de contacto com as produções do protegido de D. Leonor, e vehemente testemunho da entranhada amisade que consagrou ás cousas patrias.

Por largos annos conservou-se inedito o auto dos *Amphytriões*, que só foi dado ao prelo em 1587, conjuntamente com os d'Antonio Prestes de que acima fallamos.

*El-Rei Seleuco* denomina-se o outro auto d'assumpto classico e peregrino mas de desenvolvimento puramente nacional. Tambem nelle empregou Camões a redondilha, fórma metrica que tanto lhe aprazia. Suppõe-se ter sido composta pouco nepois do regresso da universidade, e quando frequentava a côrte de D. João III, entendendo estreitas relações com a flor da nobreza contemporanea. Á guisa de quasi todos os autos de Gil Vicente foi escripto para ser representado numa noite de Natal, como se collige do prologo, excellente commentario dos usos e costumes da epocha.

O thema foi-lhe ministrado pela historia antiga, e figura nas paginas de Valerio Maximo, Justino, Plutarcho e Polybio com ligeiras variantes. Refere-se ao facto (por demais problematico) de haver o rei Seleuco, por conselho do seu medico, cedido á joven esposa Stratonice a seu filho Antiocho, que por ella nutria ardentissima paixão. Posto que delicada e embaraçosa a situação soube d'ella tirar-se o poeta com summa mestria, respeitando as leis do decóro, sem prejuizo do interesse dramatico. Pensa o senhor T. Braga que encerra este auto uma allusão aos amores de D. João III (quando ainda principe) com sua madrasta a rainha D. Isabel; e da circumstancia de não ter sido impresso na collecção de Affonso Lopes (em 1587) deduz o perigo ou inconveniencia de da-lo á

estampa emquanto fresca estivesse a memoria do facto a que parecia referir-se.

Crê outrosim o mesmo illustradissimo critico, que talvez fosse essa a verdadeira causa do primeiro destino do poeta e não dos seus amores com D. Catharina d'Athaide, como pretendem quasi todos os biographos <sup>1</sup>. Remettemos o leitor curioso para a citada obra onde achará luminosamente discutida a hypothese que aqui mui de passagem registramos.

O auto de *Filodem* data de 1555 e deve sua origem ás festas que se celebrarão em Goa por occasião d'entrar na governança Francisco Barreto em successão de D. Pedro de Mascarenhas. Conservou-se este auto manuscripto até o anno de 1587 em que foi impresso por industria d'Affonso Alvares.

Nota-se ahi a dupla corrente da *escola italiana*, manifestada no pronunciado character pastoril, e da *hespanhola* nas repetidas imitações da comedia *Celestina*, que então passava pelo mais completo modelo do genero. Entremeado de prosa e verso avanta-se pelo felecissimo emprego das mais variadas e pictorescas locuções populares.

Como já ponderamos algures era Camões dotado d'espírito eminentemente ecclectico, do que ainda nos deu provas no auto de que estamos tractando : pois nelle vemos a alliança do elemento classico, resultante do suas variadas leituras e assidua convivencia com as litteraturas italiana e hespanhola, com as tradições da escola nacional, inaugurada por Gil Vicente.

É muito provavelmente que, cedendo aos estimulos do seu espirito folgazão e sarcastico, houvesse Camões escripto muitas outras comedias, e farças, subtrahidos a publicidade por motivos que nos são desconhecidos, perda extremamente sensivel aos verdadeiros amadores do theatro portuguez do qual foi elle um dos mais dignos representantes..

<sup>1</sup> Vide *Hist. do Theatro Port. no seculo XVI* Tomo I Livro I cap. V

## ESCOLA CLASSICA

Deu-se esta denominação a influencia italiana que desde o reinado de D. Affonso V imperou em Portugal com manifesto damno do theatro nacional; apenas sahido das faixas infantis. Investigando quaes os seus legitimos representantes deparamos com os nomes de Jorge Ferreira de Vasconcellos, e dos Drs. Francisco de Sá de Miranda e Antonio Ferreira.

JORGE FERREIRA (*de Vasconcellos*): — Não se sabe ao certo a data do seu nascimento, nem o lugar, que uns crêm ter sido em Coimbra, e outros em Monte-Mór-o-Velho. Manuseando as trovas insertas no *Cancioneiro Geral* de Rezende vê-se que desde muito moço frequentava elle os certames poeticos da côrte, sendo então estrenuo campeão da *escola velha*, a qual sempre guardou fidelidade como poeta lyrico, posto que mais tarde queimasse como dramaturgo incenso nas aras da escola italiana.

Era então, como já vimos, immenso o predominio d'essa escola; Sá de Miranda, regressando de suas viagens, apregoara-lhe a superioridade resultante da correcção e elegancia: e Ferreira consagra-va-lhe as primicias do seu talento, compondo comedias fundidas nos moldes aristotelicos.

Coube porém o Jorge Ferreira a honra de primeiro d'entre os seus emulos architectar a comedia *Euphrosina*, escripta em linguagem prosaica em vez da habitual redondilha. Nessa comedia frequentes são os empréstimos e referencias á celebre *Celestina* de Rojas, que já então contava seis edicções.

Do prologo consta que « á sombra dos grandes pinheiraes do Mondego » a escrevera, quando, fugindo ao flagello da peste, ahi se refugiára a côrte de D. João III. Attendendo-se às circumstancias e factos nella mencionados pode-se fixar a data da sua composição no anno de 1527, sendo dedicado ao principe D. João, cuja morte tanto prantearão os poetas quinhentistas.

Pensa o senhor T. Braga que a anonymia da *Euphrosina* fôra uma das causas da sua celebridade: e em verdade autorisa-nos a compartilhar do seu alvitre o exemplo da mesquinha guerra movida

pela inveja aos mais famigerados escriptores. Parece que conheceu o poeta a vantagem do expediente, porque nelle perseverou nas duas composições dramaticas que de sua lavra sahirão.

Forão ellas a *Ulyssipo* e a *Aulegraphia*, posthumamente publicadas por seu genro D. Antonio de Noronha, illustrando-as com prologos em que se colhem as escassas notícias biographicas que a seu respeito possuímos.

Assim informa-nos que occupava Jorge Ferreira o cargo d'escrivão do thesouro real e da casa da India, que contrahira nupcias com D. Anna da Silva, oriunda d'uma nobilissima familia da cidade de Coimbra, e que fallecera em 1585 depois de haver terminado o *Memorial da Tavola Redonda (rudis indigesta que molis)* dedicada a el-rei D. Sebastião.

Suppõe-se que a comedia *Ulyssipo* fôra composta pelos annos de 1547, e a d'*Aulegraphia* posteriormente ao anno de 1556. A primeira edicção da *Euphrosina* é de 1561, a da *Ulyssipo* de 1618 e a d'*Aulegraphia* de 1619.

Explicando a tardança da impressão da ultima d'estas comedias assim se exprime o referido D. Antonio de Noronha: « A derradeira comedia que o auctor compoz foi a sua *Aulegraphia* cortezã, em que cantando *cygnea voce*, como dizem, melhor que nunca, a não imprimiu por um *desgosto geral d'este reino, que nella se contará* <sup>1</sup>. »

Apartando-nos do conceito do illustre edictor cremos que a melhor e a mais esmerada das comedias de Jorge Ferreira foi a *Ulyssipo*, fidelissimo quadro dos costumes contemporaneos, e precioso repositorio de locuções fa miliares, proverbios, anexins, e até juras. A mais completa liberdade preside as mutações scenicas, e a vivacidade do dialogo, mantem o interesse d'acção que por vezes roça nos recifes da trivialidade. Posto que facilmente se reconheça não haver sido escripta para a scena recommenda-se todavia pelo vigor dos caracteres, e pela jovialidade dos lances nos quaes raramente se offendem os dictames do decóro. Um dos máos lances,

<sup>1</sup> O desgosto a que allude foi o motivado pela prematura e sentidissima morte do principe D. João, filho d'el-rei D. João III.

escapados á vivacidade da composição, é o que resulta da intervenção de Constança d'Ornellas, que apesar de metamorphoseada pela censura de *beata em viuva* ainda assim conserva-se em situação pouco edificante.

Fortalece-nos no juizo que formamos ácerca da *Ulyssipo* o competentissimo laudo do sr. Theophilo Braga que assim se exprime ;

« Ha alli a realidade da vida, os caracteres accentuadamente delineados, situações bastante comicas e a philosophia do senso commum, são qualidades que revelão um grande artista, que se fez uma comedia defeituosa foi por a não ter escripto intencionalmente para a scena. Nas imitações do theatro classico é frequente este defeito, tanto em Sá de Miranda, como em Ferreira ; gastavão mais tempo em estudar os modelos do que a vida real <sup>1</sup>. »

SÁ DE MIRANDA (*Francisco de*):—O patriarcha da *escola italiana*, não se limitou a exercer seu poderio nos generos lyrico e didatico, em que já o fomos admirar ; quiz tambem, á exemplo dos seus mestres das ribas do Arno e do Tibre, avassallar á seu sceptro a scena portugueza, e curvar a musa salgasã de Gil Vicente aos preceitos de Horacio e Jeronymo Vida.

Duas comedias, *Os Estrangeiros* e *Os Vilhalpandos* formão o repertorio dramatico de Sá de Miranda : são ambos legitimos productos da musa italiana, e visiveis imitações de Ariosto, Machiavelli, e Bibbiena.

Foi elle o primeiro que elevou a prosa ao palco scenico escrevendo nella, á exemplo de Ariosto, as supradictas comedias. Cingiu-se ao mesmo modelo na pintura dos caracteres, e em tudo o mais conformou-se com os estylos seguidos pelas denominadas *comedias dell'arte*, ou *commedie sostenute*.

A intitulada *Os Estrangeiros* parece ter sido composta pelos annos de 1526-1527 pouco depois do seu regresso de Italia, representada pelos estudantes da universidade de Coimbra, chegando ao conhecimento do cardeal D. Henrique, então arcebispo de Braga, os elogios de que era alvo mostrou desejos de ve-la em

<sup>1</sup> *Historia do Theatro Portug, nos seculos XVI e XVII* Livro III, cap. II

scena, ao que de bom grado prestou-se Sá de Miranda, pedindo venia para dedicar-lh'a.

Tomem os leitores nota d'esta circumstancia, e d'ella colligirão que os usos dos prelados italianos que favoneavão o desenvolvimento das letras, e especificadamente d'arte dramatica, se tinhão communicado a Portugal, e que um cardeal arcebispo não julgava menosprezar se mandando representar em seu palacio comedias; visto como o soberano pontifice dava elle proprio exemplo de iguaes distrações. Verdade é que mais tarde mostrou-se a Igreja adversa ao theatro que em seu regaço renascera, mas foi isso devido a duas causas ambas poderosas; aos desmandos e demasias dos dramaturgos, aos flagellos da intolerancia e fanatismo que acelaravão a decadencia da opulenta monarchia portugueza.

Recommenda-se ao estudo e meditação dos amadores das nossas cousas litterarias o prologo da comedia — *Os Estrangeiros* em que se faz o historico da *comedia classica* desde o tempo dos gregos até o seu renascimento em Italia descarregando em seguida rudes golpes sobre o theatro nacional, personificado nos *autos* de Gil Vicente.

*Os Vilhalpandos* é o titulo da outra comedia de Miranda, igualmente dedicada ao cardeal D. Henrique, e mui provalmente representada em sua presença. Cre-se que fôra composta depois do anno de 1545 em que o sobre dito D. Henrique recebera o chapéo de cardeal e talvez que á proposito das arrojadas festas que por essa occasião se celebrarão.

Na epocha da feitura d'essa segunda comedia já vivia Sá de Miranda arredado da Côrte; e buscando na sua quinta da *Tapada* fruir d'essa *aurea mediocritas* que a liberalidade regia lhe houvera proporcionado.

No frontispicio da primeira edição vê-se que forão impressas á expensa do cardeal-arcebispo por Antonio Mariz, livreiro da universidade nos annos de 1560-1561.

Quem superficialmente as ler dirá que nenhuma referencia tem os seus typos com os da sociedade portugueza contemporanea, parecem importados de Italia, onde os costumes dissolutos, ou *decameronicos* se achavão em pleno vigor: mas detido e conscien-

cioso exame convencerá porem ao leitor de que em seus contemporaneos devera Miranda ter encontrado perfeitissimos modelos; porque já então a proverbial severidade de costumes dos velhos portuguezes ia pouco a pouco se derrancando. Na famosa carta de Nicoláo Clenardo, sabio flamengo que visitou Lisboa e as principaes cidades do reino na segunda metade do seculo XVI, encontra-se veridico painel d'essa precoce decadencia, originada pelo errado e funesto emprego das riquezas (quicá mal adquiridas) nas partes do Oriente

Diversamente julgadas tem sido as comedias de Sá de Miranda exaggerados gabos e jaculatorias de uns e acres censuras de outros. Nos seus *Discursos Varios e Politicos* Manoel Severim de Faria considera-as como *verdadeiros modelos do genero comico*; Costa e Silva diz — « que a cada passo se encontrão n'ellas cousas que denuncião a infancia d'arte e a falta de conhecimento do effeito theatral, extensos dialogos, e muitas vezes pesados; falta de ligação entre as scenas, de que resulta mil vezes ficar o theatro vasio; pouca acção, e menos interesse; e soliloquios sem termo nem fim — <sup>1</sup> Outro mais auctorizado critico exprime-se nestes termos: « São de admirar suas comedias (as de Sá de Miranda) e bem notaveis monumentos para a historia das artes pela feliz imitação dos antigos, e pelo que excedem quanto até então se tinha escripto <sup>1</sup>. »

No meio de tão desencontrados alvitres é com verdadeiro acanhamento que exhibimos nosso humilde parecer, que pode-se assim resumir: — As comedias de Sá de Miranda tem o incontestavel merito de haverem facultado o accesso da scena italiana em Portugal, que sem a sua immensa influencia e o prestigio de seu illustre nome jámais arcarião vantajosamente contra o gosto popular, propenso ás chocarrices da escola hespanhola. Mas si, como acabamos de reconhecer, foi elle o fundador, ou introductor da escola ita-

<sup>1</sup> *Ensaio Biographico Critico dos melhores poetas portuguezes* tomo II, livro II, cap. II.

<sup>2</sup> GARRETT *Bosquejo da Historia da Poesia da Ling. Portug.*

liana, participou em summo gráo de todos os defeitos e incorrecções de seus mestres: assim, por exemplo, incorreu na infracção das unidades, na falta de connexão dos episodios, na deficiência do movimento progressivo, aggrávido pela frequencia de inverosimilhanças, na diffusão dos dialogos e monologos, e muitos outros peccadilhos. O grande cabedal de philosophia de que dispunha habilitava-o para semear em suas peças maximas e reflexões de subido quilate; mas a falta de convivencia com as classe inferiores, e a consequente igonorancia de suas phrases e idiotismos impedião que como verdade e expressão desenhasse seus caracteres, que d'ess'arte ressentem se de pouca naturalidade. Numa palavra essas comedias nunca forão, nem podião ser populares; e si conseguirão supplantar as de Gil Vicente explica-se isso pelas causas que deixamos apontadas. Entre as causas da sua impopularidade cumpre fazer expressa menção da longa ausencia do paiz em annos de florescencia, e do seu isolamento.

FERREIRA (*Antonio*): — Á exemplo de Sá de Miranda quiz este illustre poeta prestar á escola classica o concurso do seu talento e erudição no ponto em que mais viva se travara a peleja, isto é, no genero dramatico. Frequentava ainda os bancos universitarios tendo de idade vinte quatro annos quando escreveu uma comedia denominada — *Bristo*. — Da circumstancia, por elle confessado no prologo d'have-la — *ordenado em poucos dias* — deprehende-se que imitára, ou traduzira <sup>1</sup>, algum exemplar italiano, hoje desconhecido.

Julga-se que fôra composta para ser representada pelos estudantes, por occasião das grandes festas que se celebrarão em Coimbra pelo consorcio do infante D. João com a princeza D. Joanna, filha de Carlos V. Rasgadamente classica era um como manifesto de guerra lançado contra a escola de Gil Vicente, ainda representada

<sup>1</sup> O sr. Theophilo Braga sustenta que esta e a seguinte comedia (o *Cioso*) não são mais do que traducções do italiano, e corrobora a sua opinião allegando que os nomes dos personagens, seus caracteres, costumes e allusões a factos historicos não pertecem por forma alguma a sociedade portugueza. Vide *Hist. do Theatr. Port. nos seculos XVI e XVII* — Livro III, cap. IV.

por Antonio Prestes e o *Chiado*, e tambem por Luiz de Camões, cuja adhesão ao theatro nacional noutro lugar commemoramos.

Prescidindo das situações immoraes e phrases pouco decorosas aos nossos ouvidos que empregou Ferreira para conformar-se com os estylos de seus mestres encerra a *Bristo* bellezas de finissimo quilate, e revelão no auctor grande propensão para o theatro. O desenho d'alguns caracteres, como o de Bristo, Annibal, e Mont'alvão, é primoroso, os dialogos quasi sempre bem travados, e a linguagem de grande correccão e fluencia.

O *Cioso* denomina-se a segunda comedia de Ferreira, igualmente imitada (ou traduzida) do theatro italiano, mas cuja superioridade sobre a precedente é geralmente reconhecida e apregoada. É por sem duvida a primeira de *character* que possui a nossa litteratura.

Na hypothese (que nos parece mais provavel) de ser antes imitador do que traductor claro é que servirão-lhe de norma a *Celestina* de Bibbiena e a *Mándragora* de Machiavelli: posto qua a lição de Plauto e Terencio, com que tão intimamente practicava, não fosse totalmente alheia a sua composição.

As comedias do Dr. Antonio Ferreira, por muito tempo ineditas, forão pela primeira vez dadas ao prelo por industria do livreiro Antonio Alvares na cidade de Lisboa e no anno de 1622.

Referentes a uma epoca de grande laxidão de costumes, como fosse a Italia do seculo XVI, advertimos aos deligentes pais de familias que afastem-nas da bibliotheca de suas filhas, e ainda da de seus filhos na primeira quadra da vida para que a corolla da innocencia não seja maculada pelo pólen do vicio.

O mais brilhante festão da gloria de Ferreira não está nas suas poesias, a que intitolou — *Poemas Lusitanos* <sup>1</sup>, — nem nas comedias de que acabamos de fallar, mas sim na tragedia que escreveu com o titulo de — *Castro*. —

Arrojado commettimento foi por certo a concepção d'essa estatu vasada nos moldes gregos com purissimo metal portuguez.

<sup>1</sup> No anno de 1865 edictorou o sr. B. L. Garnier uma bella edição das *Obras Completas* do nosso poeta, por nós annotadas, e precedida d'um estudo (tambem nosso) sobre a sua vida e escriptos.

Aproveitou-se d'uma bellissima lenda, eminentemente popular nas margens do Mondego, e que em tempos anteriores dispertára o estro d'alguns trovadores, nomeadamente de Garcia de Rezende <sup>1</sup>.

Em sua traducção do *Amor Perdido* de Anacreonte revelára profundo conhecimento da lingua grega, o que permittiu-lhe manusear as paginas de Sophocles e Euripides, haurindo nas fontes a chrystalina lympha que outros ião buscar nos regatos de Ovidio e de Seneca.

Foi ainda o nosso doutissimo Ferreira quem primeiro na Europa moderna escreveu uma tragedia verdadeiramente classica. Verdade é que nos podem oppor a *Sophonisba* de Trissino ; no juizo porém dos competentes contrastes tão superior é a obra do magistrado portuguez a do prelado italiano que deve-se considerar a peça d'aquelle como um ensaio, um tentamen escolastico, confrontado com a d'este. Através dos seculos, e a despeito da radical alteração do gosto, a *Castro* mantem o primado d'honra.

Defeitos e incoherencias notão-se nesse primoroso trabalho, provenientes uns da inexperencia de quem por tão diffices veredas se estreava, e outros da escrupulosa imitação dos modelos a que se quizera cingir. Por isso parece-nos que mal inspirado andou quando quiz naturalisar na scena portugueza os córos da tragedia grega, sem attender a suprema revolução que se operára n'arte dramatica. Os formosissimos trechos lyricos entrettecidos n'acção retardão, entibião as peripecias, e difficultão senão impossibilitão-lhe a representação. Os caracteres são em geral mal sustentados, e alguns se tornão odiosos e até *ignobeis*, como o del-rei D. Affonso IV. É tambem notado o afastamente em que fica durante quasi toda a peça o segundo personagem (o principe D. Pedro) cujos dialogos com a protagonista deverão fornecer lances summamente interessantes.

Além d'essas imperfeições, que bem se podem classificar de intrinsecas, existem outras accidentaes, ou extrinsecas, como seião

<sup>1</sup> Vide CANCIONEIRO GERAL — *Trovas a morte de D. Iñez de Castro.* —

a dureza da versificação e o emprego de locuções por demais familiares e incompatíveis com a gravidade tragica.

Esses senões, que a imparcialidade obriga-nos a não deixar em olvido; são resgatados por muitas bellezas, intuitivas umas, e dependentes outras de mais delido exame. Assim, por exemplo, avança-se pela vivacidade o dialogo entre o rei e os seus conselheiros; bem como o monologo que se lhe segue em que maravilhosamente se espelha a hesitação do vencedor do Salado e a luta travada entre a voz da natureza e os paternos deveres de monarcha. A falla de D. Pedro, no ultimo acto, bem que declamatoria, recomenda se pela valentia d'expressão e os assomos d'apaixonado amor.

Esta obra prima do illustre amigo e collaborador de Sá de Miranda permaneceu por largos annos desconhecida do publico até que a piedade filial a resgatasse do immerecido esquecimento <sup>1</sup>. Nesse intervallo publicou (em 1577) o dominicano Jeronymo Bermudez, com o pseudonymo de *Antonio da Silva*, uma tragedia em lingua castelhana sobre identico assumpto com o titulo de — *Nise Lastimosa* — continuada mais tarde com o de — *Nise Laureada*.

Apesar da prioridade da impressão da tragedia de Bermudez ninguem por muito tempo lembrou-se de disputar ao poeta portuguez a propriedade do pensamento primordial. Essa posse mansa e pacifica era devida a *paz octaviana* que reinava na republica das letras, jamais perturbada pelo alarido da critica. Mudarão-se porem os tempos, e com elles a sorte dos homens e das mais bem firmadas reputações.

Bouterwerck foi o primeiro que sahiu a terreiro fazendo notar a similitude que existia entre a *Nise Lastimosa* e a *Castro*; e depois d'uma erudita dissertação, no gosto dos seus conterraneos, deixou indicisa a questão. Com o cavalheirismo proprio do seu nobre paiz desceu a arena o erudito Martinez de la Rosa, e, derramando sobre o ponto litigioso a esplendida luz da sua muita sciencia e acryso-

<sup>1</sup> No prologo da primeira edição dos *Poemas Lusitanos* dados a luz em 1598 diz Miguel Leite Ferreira: « Esteve este livro por espaço de quarenta annos, assi em vida do meu pay, como depois de seu failecimento, offerecido por vezes a se imprimir, e sem se entender a causa que o impedisse, não houve effeito. »

lado talento, advogou a causa do poeta portuguez fazendo pender para seu lado a balança da opinião publica. Julgada parecia a causa em ultima instancia quando appareceu a appellação do distincto critico José Maria da Costa e Silva, que collocando-se (a exemplo de Martinez de la Rosa) á cima dos vulgares sentimentos requereu revisão do processo, tendo-se em attenção á algumas circumstancias que luminosamente expendeu, em ordem de provar que o seu compatriota fôra o plagiario. Proseguindo a causa alguns benemeritos advogados se tem inscripto em sustentação dos direitos de Ferreira, sendo muito para estudar e meditar a argumentação, tão cerrada quão lucida que offerece o topico da *Historia do Theatro Portuguez* em que o sr. T. Braga magistralmente ventila esse assumpto. No 8º vol. do *Diccionario Bibliographico Portuguez* do sr. Innocencio Francisco da Silva deparará o leitor curioso com uma interessantissima carta do sr. Pereira Caldas (de Coimbra) na qual (a nosso ver) fica provada com toda a evidencia que a tragedia Castro é obra original do doutor Antonio Ferreira, fallecido oito annos antes da publicação da *Nise Lastimos*.

Pela confrontação que na mencionada carta fez o mesmo illustrado professor d'algumas scenas das duas tragedias vê-se claramente quem foi o plagiario.

Pouca, ou nenhuma attenção merece a *Nise Laureada* do referido Bermudez, acervo de gongorismo, que apenas servem para demonstrar que o frade hespanhol despenhava-se nos abyssos do máo gosto quando desamparado do sustentaculo de Ferreira.

Rematando este estudo lamentamos que a limitadissima orbita em que o idioma portuguez se circumscreve haja contribuido em grande parte para que os escriptores estrangeiros tivessem mais conhecimento do plagio de Bermudez do que da tragedia original de Ferreira, a qual, demais a mais foi tarde confiada ao prelo como sabemos da confissão do primeiro edictor de suas obras poeticas.

## ROMANCE

BERNARDIM RIBEIRO : — Este illustre poeta, com o qual já nos occupamos n'outro lugar, tornou-se igualmente celebre como auctor d'um romance conhecido pelo improprio nome de

MENINA E MOÇA <sup>1</sup> : — Quem fosse a heroína d'esse romance ignorou-o a critica até que derradeiramente revelou-se ella ás pesquisas e ás sabias investigações do douto professor de litteratura do Curso Superior de Letras de Lisboa <sup>2</sup>. Ficou a todas as luzes demonstrado que a dama dos pensares do nosso poeta fôra, como já dissemos D. Joanna de Vilhena, sobrinha do duque de Bragança (D. Fernando II) decapitado por ordem de D. João II na praça publica d'Evora, no dia 20 de junho de 1483. Em consequencia de tão lastimoso acontecimento, expatriou-se seu irmão D. Alvaro de Portugal, levando comsigo para a Hespanha toda a familia, inclusive D. Joanna, terceiro fructo do seu consorcio com D. Philippa de Mello. Na côrte dos reis catholicos conservou-se D. Alvaro por todo o tempo que reinou D. João II, mas havendo subido ao throno seu sobrinho o duque de Beja, decidiu-se a volver á patria, trazendo em sua companhia sua filha D. Joanna, camareira da infanta D. Isabel, viuva do principe D. Affonso e de novo casada com D. Manoel. Nos paços d'Almeirim, em que se reunia a luzida côrte d'esse fastoso monarcha, é que Bernardim enamorou-se da formosa camareira, ignorando que seu real primo a destinasse a um dos seus validos (o conde de Vimioso).

Não parecerá estranha a aspiração amorosa do poeta a quem souber que pertencia elle á nobilissima casa dos Mascarenhas; e

<sup>1</sup> Esta denominação lhe foi dada porque faltando-lhe o titulo os editores para faze-lo conhecido recorrerão ao expediente, então usado, de caracteriza-lo pelas primeiras palavras, que são : « Menina e moça me levarão da casa de meu pai pera longes terras, qual fosse então a causa d'aquella minha levada, era pequena, não na soube. »

<sup>2</sup> O senhor doutor Theophilo Braga, dignissimo successor do nosso saudoso consocio o senhor L. A. Rebello da Silva.

que mui frequentes erão nessa epocha as allianças matrimoniaes entre as princezas e os membros mais proeminentes da fidalguia portugueza. Cremos mesmo que da parte d'el-rei não appareceria nenhum impedimento a semelhante enlace si anteriormente não houvesse disposto da mão de D. Joanna.

A lenda dos amores de Bernardim Ribeiro com uma filha de D. Manuel, por nome D. Beatriz, não se sabe como foi urdida, e unicamente que fôra acolhida no seculo X VII por Faria e Sousa, e que com a sua proverbial falta de critica, conferiu-lhe os fóros de tradição historica. Barbosa Machado teve por certo noticia d'essa tradição, ou antes legenda, mas receioso de comprometter-se e faltar ao respeito supersticioso á realeza, passou por alto e quiz explicar a *perenne saudade* de Bernardim aos amores de D. Maria de Vilhena, confundindo d'ess'arte os dous Bernardins. Em nossos dias Costa e Silva, Garrett e o proprio senhor Herculano, derão incremento a semelhante fabula, que quiçá continuaria a passar incolume sem as louvaveis e profiquas diligencias do senhor T. Braga.

Os personagens do romance são todos *anagrammaticos*, como era conveniente em attenção á sua referencia a pessoas e a factos do dominio publico. Além de que o uso do *anagramma* começava então a introduzir-se, e em França merecera particulares cuidados ao mui celebre Rabelais. O protagonista é o auctor sob o nome de *Bimnardar*, a heroína *Aonia*, (Joanna); o rei apparece disfarçado *Lamentar*, (Manuel); a rainha no de *Belisa*, (Isabel); o *cavalleiro da Ponte* é o principe D. Affonso, primeiro marido de D. Isabel, e victima d'uma desastrosa queda; o escudeiro de que ahi se falla é D. João de Menezes, guarda-mór do principe.

Na intelligente leitura das chronicas e cancioneros da epocha, encontrar-se-ha o fio conductor para penetrar no enredado labyrintho d'esse romance palaciano, que não foi terminado por Bernardim Ribeiro, nem por elle destinado á publicidade.

Nesta obra primorosa, justamente apreciada por nacionaes e estrangeiros, introduziu-se uma parte apocripha, que ainda mais complica a sua já difficil comprehensão. Oxalá que em nova e acurada edição desapareça tal macula, e que em toda a sua nitidez se possa

admirar a novella pastoril mais graciosa e de maior naturalidade que se encontra nas litteraturas neo-latinas.

BARROS (*João de*): — Segundo o testemunho do abbade Barbosa Machado, confirmado pelo senhor Innocencio da Silva, nasceu este distincto classico na cidade de Vizeu no anno de 1496. Foi na sua puericia moço da guarda-roupa d'el-rei D. Manuel, e de seu filho o principe D. João (depois terceiro monarcha d'esse nome) cujas boas graças tendo sabido adquirir recebeu a nomeação de capitão-mór da fortaleza de S. Jorge da Min a, onde conservou-se por espaço de tres annos. De volta á patria foi despachado thesoureiro da casa da India, e mais tarde feitor da mesma casa. Renunciando esse rendoso emprego, não sabemos porque motivo, teve em compensação a tença de quatrocentos mil reis e o fò ro de fidalgo, além da faculdade de mandar vir annualmente nas náos da carreira da India, fazendas e mercadorias até o valor de quatro mil crusados, livres de direitos. Recolhido á sua quinta de Pombal, ahi falleceu em 1570 na idade de setenta e quatro annos. Amargurada correu-lhe a derradeira quadra da existencia pela perda d'avultado cabedal na mallograda empreza de colonisação, e o fallecimento de seus dous filhos, victimas d'um naufragio nos baixios que rodeão a ilha do Maranhão. Adestrando-se para escrever a historia geral do reino, e quando apenas contava pouco mais de vinte annos, compoz no curto periodo de oito mezes a

CHRONICA DO EMPERADOR CLARIMUNDO, *donde os reis de Portugal descendem, tirada da lingua ungara em a nossa portugueza e dirigida ao esclarecido principe D. João, filho do muy poderoso rey D. Manuel.*

O argumento d'este romance cavalheiresco, denominado de chronica, á guisa dos da mesma escola, consta das fabulosas aventuras do principe Clarimundo, filho d'Adriano, rei de Hungria, que chegou a ser imperador de Constantinopla, e tronco dos reis de Portugal por seu consorcio com a princeza Clarinda, filha primogenita do imperador Polinario, sendo por isso avô do conde D. Henrique de Borgonha. Ficticia é a declaração de ter sido *tirada* da lingua hungara; porquanto nem Barros conhecia semelhante lingua, nem se esforçou de guardar a verosimilhança confessando no prologo que

o escrevera « por cima das arcas de vossa guarda-roupa (do principe D. João) publicamente, como muitos sabem, sem mais recolhimento onde o juizo quieto podesse escolher as *cousas que a fantasia lhe representava*, fez o que o meu amor e vosso favor ordenarão. »

A fluencia d'estylo, viço de imagens e vig or de caracteres, principalmente o do protagonista e o do sabio Fanimor, recommendão este livro cujos defeitos, aliás numerosos, são fructos dos poucos annos do auctor, e mui principalmente da escabrosa vereda em que se embrenhára. Corroboramos o nosso acerto com a auctorisada opinião do illustrado professor maranhense F. Sotero dos Reis, que no seu *Curso de Litteratura Portugueza e Brasileira* assim se exprime :

« Ha certamente a notar na obra os amiudados e incriveis combates de gigantes contra cavalleiros d'estatura ordinaria, que d'elles obtinhão victoria, e algumas fabulas por demais inverosimeis; mas nem por isso deixa ella de ter merito intrinseco de invenção, e de attestar a fertilissima imaginação do auctor, si a compararmos com outras do mesmo genero, porque to do esse inverosimil figurava nos livros de cavallaria que inundavão então a Europa, e constituia por assim dizer a sua principal base <sup>1</sup>. »

É sobretudo pela puresa de dicção que se avantajá a prematura obra de Barros: é essa apreciavel qualidade que a propõe ao estudo de quantos desejassem possuir cabal conhecimento do nosso bellissimo idioma, hoje tão disfigurado pela plastica imitação d'extranhos exemplares.

Ainda outra qualidade caracteristica do precitado romance, é a parte musical, ou euphonica, a que os rhetoricos chamão — *numero*. — Sem o minimo esforço collocão-se os periodos na ordem progressiva, acompanhados dos respectivos complementos resultando d'esse todo a maior belleza e harmonia possiveis.

Por tão mimosa estréa annunciava-se Barros como exímio prosador, entrando em competencia com o grande epico para a commum empreza d'erguerem a nossa lingua a esse pinaculo de grandeza e

<sup>1</sup> Vide Tomo II, Secção IV Lição XXXIV.

prosperidade a que felizmente attingiu na epocha a que nos estamos referindo.

Do colossal commettimento que valeu a João de Barros a antonomasia de *Tito Livio Portuguez* nos occuparemos mais d'espaco, em tempo e lugar opportunos.

MORAES (*Francisco de*): — Constestada é tambem a naturalidade d'este escriptor; affirmando seu bisneto, o padre Balthazar Telles <sup>1</sup>, que vira a luz na cidade de Bragança, ao passo que o abbade Barbosa Machado <sup>2</sup> dá preferencia a versão que fa-lo nascido em Lisboa onde vivera seu pai e onde tinha um morgado no sitio denominado Xabregas.

Reina a mesma incerteza quanto ao anno do seu nascimento, que devera ter-se realisado pelos fins do seculo XV ou começo do XVI. Consta que se matrimoniára com Barbara Madeira, de quem houve numerosa descendencia, que fôra thesoureiro de D. João III e professára na ordem de Christo, chegando a ser nella commendador. Em 1540 acompanhou a França D. Francisco de Noronha, segundo conde de Linhares, mandado á corte de Francisco I na qualidade d'embaixador de Portugal, prestando nessa missão muitos e relevantes serviços. Desastroso foi o seu fim; visto como, diz-nos o referido abbade Barbosa Machado, *morrera violentamente* á porta do rocio d'Evora no anno ds 1572. Nenhuma outra circumstancia ajuntando vemo-nos impossibilitado de satisfazer a justa curiosidade do leitor. A mais celebre e conhecida das obras de Moraes é a que tem por titulo :

CHRONICA DE PALMEIRIM DE INGLATERRA, cuja primeira e segunda parte forão dadas á estampa em Evora no anno de 1567 por industria de André de Burgos.

Incontroversa andou a auctoria d'esta obra, genuino romance de cavallaria, até o anno de 1826 em que publicando D. Vicente Salvá um catalogo de livros hespanhóes e portuguezes attribuiu-o a Luiz Hurtado, estribando a sua argumentação no facto de ter sido publi-

<sup>1</sup> *Historia da Ethíopia, cap. 1.*

<sup>2</sup> *Bibliotheca Lusit. tomo IV.*

cado em lingua hespanhola no anno de 1547 ao passo que só em 1567 apparecera a edição portugueza.

Tão concludente pareceu esta confrontação de datas que os bibliophilos portuguezes, incluindo o primeiro d'entre todos o sr. Innocencio da Silva <sup>1</sup>, accusarão de plagio ao seu compatriota, e como que se envergonharão de tão feia accção. Reservada estava ao nosso benemerito e fallecido patricio Manuel Odorico Mendes a gloria de reivindicar a originalidade de F. de Moraes, demonstrando, ao clarão da evidencia, que fôra elle quem durante a sua residencia em França (de 1540-1543) compozera o *Palmeirim* ajudando-se d'uma velha chronica existente em francez, ou em provençal, e que em seu regresso a Portugal a dedicára a infante D. Maria. A grande acceitação d'esse romance induziu o escriptor hespanhol Hurtado a verte-lo para o seu idioma antecipando-se em dá-lo ao prelo 20 annos antes que no reino visinho alguém se lembrasse de faze-lo <sup>2</sup>.

Havemos por mais d'uma vez lamentado o descuido com que deixavão os nossos antigos de patentear as suas riquezas litterarias expondo-as ás depredações d'estranhos, sempre avidos em defraudar-nos, e sempre propensos a marcar-nos com o ferrete do desprezo, ou ignorancia. Victima d'essa culpavel indifferença foi o alludido romancista, que, sem o vigoroso protesto do erudito brasileiro, continuaria a passar á posteridade com a feia nodoa que apontamos.

Nas mesmas censuras que fizemos a *Chronica do imperador Clarimundo* incorre a *Chronica de Palmeirim de Inglaterra*: são ambas phantasticas, invorosimeis, impossiveis; e sua leitura, como a dos poemas de Boiardo e Ariosto, não pode offerecer attractivos ao publico de nossos dias. A multiplicidade das aventuras e complicação do entrecho origina a obscuridade; e até o estylo, em que principalmente prima, é aqui, ou acolá, deleixado e incorrecto. Vencida porem a primeira repugnancia encontra o leitor erudito

<sup>1</sup> Vide *Dicc. Bibliogr.* tomo III, combine-se com o tomo IX (*Suppl.*) no qual, com louvavel desprendimento, rende-se aos racionios do nosso conterraneo.

<sup>2</sup> Vide o *Opusculo á cerca do Palmeirim de Inglaterra e o seu auctor* — Lisboa 1860.

ampla indemisação no crescente interesse que lhe inspira o dito romance, cuja acção deslisa-se por entre os floreios da mais opulenta imaginação.

Enthusiasta pela obra, que tão bizarramente restituiu á nossa litteratura, não dissimulou Odorico Mendes os senões que assidua lição lhe revelára, e apreciando-o no ponto de vista da sensibilidade serviu se d'estas expressões :

« Moraes não sabe tocar o sensível corda do amor ; falta-lhe o profundo e o mavioso de Virgilio na antiguidade, ou de Torquato Tasso, ou d'alguns tragicos e romanceiros modernos : alambica nas fallas as expressões, e é nisto da escola de Petrarcha, sem ter contudo a sua belleza. O forte do homem é a imaginação ; comparavel commumamente ao cantor ferrarez, muitas vezes a Homero, quasi nunca o é a Virgilio. Tem fluido e nervoso estylo, dicção pura e variada, é cheio de bellissimas imagens ; mas a abundancia de suas expressões de quando em quando lá degenera em profusão e prolixidade repete os vocabulos no mesmo periodo. Em alguns lugares quiz imitar os antigos ; é sem gosto a sua imitação : tal é uma em que elle traduz e encaixa pedaços de Virgilio <sup>1</sup>. »

#### HISTORIA

A chronica, simples e singela narrativa dos factos succedidos em tempos rudes e semi barbaros, já não podia convir ao esplendido seculo manuelino, em que o ouropel da gloria encobria as miseras e cancerosas chagas reveladas hoje pela irreverente critica. A epopéa da India pedia um Herodoto ou um Tito-Livio aguardando a appareição do novo Virgilio : foi então que revelou-se João de Barros, o romanceador de Clarimundo.

Trasfoleando a monumental obra do valido d'Augusto adoptou-lhe até a divisão chronologica, e deu a sua ASIA o titulo de *Décadas*, não lhe consentindo porém a morte que ultrapassasse o numero de quatro.

<sup>1</sup> Vide o *Opusculo* supra citado, Parte II—pag. 69.

Sob dois diversos aspectos pôde ser ella considerada: si a submettermos ao crysol da critica historica intuitivos serão os defeitos que ahi notaremos, sendo de todos o principal a absoluta falta de imparcialidade e o deliberado proposito d'enegrecer a tudo o que não pertence a sua grei. O tom emphatico e declamatorio com que apregôa as façanhas dos seus compatriotas tornava seu auctor por demais suspeito, e dir-se-hia que adrede desprezára os abundantes subsidios, postos a sua disposição, para narrar os factos, não como havião acontecido, mas como melhor aprazião á sua fertil imaginação. Escrevendo a historia da conquista da India pelo portuguezes, empregava identico processo ao que recorrera ao narrar as fabuladas aventuras de Clarimundo. Mas si estudarmos como philologos reconhecerem os que encerra uns thesouros nunca assaz explorados, e que tão grandes gabos merecerão do eruditissimo padre Antonio Pereira de Figueiredo, um dos maiores sabedores do idioma vernaculo <sup>1</sup>.

Semelhante a Herodoto e a Tito-Livio ambicionou Barros as palmas da eloquencia, e conseguiu dar ao seu estylo uma magestade e imponencia que frisão com o *som alto e sublimado* do cantor do Gama. Pertence pois incontestavelmente a escola rhetorica e cinge-se ao conceito de Cicero quando diz: *Nihil est magis oratorium quam historia*.

Como já dissemos foi elle eminentemente patriota, exaltando, quiçá sem o necessario criterio, os factos, aliás heroicos, que nas partes do Oriente haviam praticado seus conterraneos, e occultando, ou sophismando, as graves accusações que se lhes fazia. Assim procedendo apartava-se do pensar de Luciano que desejava que o historiador fosse um indifferente, *sem patria e sem altares*.

A nobreza do commettimento e a pompa da dicção das *Décadas* de Barros fascinarão a mór parte dos criticos que só lhe descobrem bellezas e perfeições chegando até a reconhecer-lhe quali-

<sup>1</sup> Vide a interessantissimo trabalho por elle apresentado á Academia Real das Sciencias de Lisboa e publicado no tomo III das suas *Memorias de Litteratura*, sob o titulo d'*Espirito da Língua Portuguesa*.

dades que jamais possuiu. Assim o illustradissimo professor F. Sotero dos Reis julgava -o pelo modo seguinte :

« Quando este illustre escriptor tracta, por exemplo, de qual-quer imperio d'Asia vai na *propria litteratura* d'esse imperio beber as causas primordiaes de sua origem e as occasionaes de sua prosperidade, ou decadencia: *dá-nos ajustada ideia do seu poder, producções, commercio, crença religiosa, usos e costumes dos seus habitantes* ; e acompanha d'ordinario tudo isto da descripção geographica do respectivo paiz. Por esta maneira nunca se escreveu a historia antes d'elle, nem tão pouco na Europa, relativamente a Africa e Asia, porque não havia até então igual noticia das cousas do Oriente <sup>1</sup>. »

Deixamos griphados os lugares em que o entusiasmo do philologo prejudicou o critico, a quem se pode n'este caso applicar o proloquio latino do *quod volumus facile credimus*. Desconhecia Barros a *litteratura indiana*, que era igualmente desconhecida por todos os sabios de seu tempo ; e desprezava por demais os sectarios de Brahma, ou de Budha para dar-se ao estudo das suas instituições, ou das fontes da sua riqueza e poderio. Foi sempre pelo prisma essencialmente portuguez que examinou os povos orientaes ; e, obsecado pelo odio e desdem que lhes votava, accintosamente recusou-lhes a minima virtude, chegando a condemnar n'elles as mesmas acções que lhe dictavão encomios, quando practicadas pelos conquistadores.

CASTANHEDA (*Fernão Lopes de*): — Natural de Santarem era filho natural de Lopo Fernandes de Castanheda a quem acompanhou para a India quando mandado a exercer o cargo d'ouvidor de Gôa. Ignora-se qual fosse ahi a sua eccupação constando apenas que ainda mancebo planeára escrever a historia das possessões portuguezas n'Asia e nesse empenho consummira vinte annos da sua vida, pesquisando cartorios, interrogando testemunhas coevas, ou tradicionaes, e visitando o theatro em que se havião desdobrado os principaes acontecimentos. De volta a patria, cheio d'esperan-

<sup>1</sup> *Curso da Litterat. Portug. e Braz.*, tomo II, secção 3.

ças e nobres aspirações, encontrou o triste desengano que sóe acolher os cultores das letras, vendo-se obrigado para grangear o pão quotidiano a solicitar o modesto cargo de bedel do Collegio das Artes da Universidade de Coimbra, em cujo exercicio surprehendeu-o a morte no dia 23 de Março de 1559.

*Historia do Descobrimento e Conquista da India pelos Portuguezes* tal é o titulo da obra de Castanheda, dividida em dez livros, e publicados de 1554-1561 <sup>2</sup>.

Abrange essa historia um periodo muito mais vasto do que a de Barros, e leva-lhe decidida vantagem nos dotes intrinsecos; por isso que melhor averiguou os factos e mais despretenciosamente contou-os. Nota-se-lhe decidido desejo d'acertar, e certa candura e simplicidade dos antigos chronistas. Escreve *ad narrandum* e não *ad probandum*: vê-se que não parte de principios anteriormente fixados e cuja applicação procura na serie dos successos. Não é um doutrinario, como em nossos dias o sr. Guizot, porém um ingenuo expositor da verdade como Agostinho Thierry.

Para que se convença o leitor da justiça em que baseamos o nosso asserto convidamo-lo para que leia attentamente o seguinte periodo da dedicatoria endereçada a el-rei D. João III.

« ..... E sentindo eu tamanha perda como fôra perder-se a memoria de feitos tão notaveis que hos portuguezes fizerão e pelos mais resões que digo, me dispus a tamanho trabalho, como levei em fazer, para o que me ajudou muito hir a India, onde fuy com Nuno da Cunha em companhia do licenciado Lopo Fernandes de Castanheda, meu pai, que por mandado de V. A. foi o primeiro ouvidor da cidade de Goa. E a riqueza que lá trabalhei por alcançar foi saber muito particularmente o que até aquelle tempo fizerão os portuguezes no descobrimento e conquista da India, e isto não de

<sup>1</sup> Diz o sr. Innocencio da Silva (*D. Bibl.* tom. II) que os dois ultimos livros nunca sahirão a luz, apesar de feitos e promettidos.

<sup>2</sup> Refere tambem o mencionado diligentissimo bibliographo que do livro I se fizera uma edicção em 1551 de que existe um exemplar na real livraria das Necessidades.

peçoas quaesquer senão de Capitães e Fidalgos que o sabião muito bem por serem presentes nos conselhos das causas e na execução d'ellas, e por cartas e summarios que examiney com estas testemunhas. E assi vy hos lugares em que se fizerão as cousas que havia de escrever pera que fossem mais certas, porque muytos escriptores fizerão grandes erros no que escreverão por não sabermos hos lugares de que escreverão..... »

Quasi sempre correctã, por vezes elegante a phrase de Castanheda é alguma vezas eivada de solecismos, productos ou de más copias, ou do desasocego d'espírito com que muitas vezes devera compor sua obra. Talvez tambem se possão lançar muitos erros á conta dos varias typographias em que foi impressa, d'onde resultou uma confusão orthographica que não é dos menores senões que se lhe possão notar.

Rendemos preito a simplicidade com que o laborioso escriptor redigiu o seu estimabilissimo livro, e não hesitamos em affirmar que nos predicados, que especialmente caracterisão o historiador, leva ás lampas ao *Tito Livio Portuguez*, exige porém a severidade de juizo que não dissimulemos que numerosas fabulas e falsas apreciações se innocularão nas paginas da supra citada obra, ou porque quizesse elle comprazer aos contemporaneos, aos quaes taes abusões erão summamente gratas, ou porque escapassem elles as poucas luzes que em longinquos climas podera adquirir nos seus verdes annos.

Da publicação das *Lendas da India* de Gaspar Correia, feita por ordem d'Academia Real das Sciencias de Lisboa <sup>1</sup>, proveio singular

<sup>1</sup> Gaspar Correia passou a India pelo annos 1512 e ahi conservou-se até 1529. De volta ao reino emprehendeu narrar os memorandos feitos praticados pelos portuguezes nessa região no longo periodo de cincoenta e tres annos. Sua obra escripta em estylo singelo e algumas vezes rude (como coivinha a um soldado que não havia frequentado aulas) permaneceu inedita por mais de tres seculos, até que fosse dada a estampa por ordem d'Academia Real das Sciencias de Lisboa com o seguinte titulo :

*Lendas da India* por Gaspar Correia, publicadas de ordem da classe de sciencias, moraes, politicas e bellas letras d'Academia Real das Sciencias de Lisboa, e sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner, socio effectivo da mesma Academia. Lisboa — 1858-1866 — 4 vol. »

augmento de consideração e estima ao quasi esquecido historiador Fernão Lopes de Castanheda.

## BIOGRAPHIA

Bem que se possam considerarar como parte integrante da historia as vidas dos reis, principes e outros illustres personagens, pensão os criticos que pelas circumstancias particularissimas que narrão convém assignalar-lhes genero distincto. Seguindo essa opinião vamos occuparmo-nos com os importantissimos trabalhos que sobre tal assumpto escreveu.

DAMIÃO DE GÓES:—Nascido em Alenquer no anno de 1501, e filho de Rui Dias, e Isabel Gomes de Limi, d'origem flamenga. Consta que em verdes annos entrára para o serviço de D. Manuel no qual permanecera até a morte d'esse soberano. Dois annos depois em 1523) deixou Portugal para ir adquirir os conhecimentos que dão as viagens pelos paizes mais cultos, recebendo por essa occasião incumbencia de tratar de varios negocios d'Estado. Quer no desempenho d'essas commissões, quer por impulso proprio visitou differentes nações da Europa e travou relações com os sabios e litteratos de maior fama. Benignamente acolhido por muitos por varios monarchas recebeu d'elles inequivocas provas de consideração nas mercês com que o agraciarão; e de volta a patria foi nomeado chronista e guarda-mór da torre do tomo. Em 1558, e durante a regencia do cardeal-infante D. Henrique; incumbiu-lhe este d'escrever a chronica de seu pai, o *selecissimo* rei D. Manuel.

Occupava-se activamente na composição d'essa obra quando (em 1545) foi denunciado a inquisição d'Evora pelo padre Simão Rodrigues (da companhia de Jesus), de sympathisar com as doutrinas de Luthero, Melanchthon e outros heresiarchas d'Allemanha. Parece que d'esta primeira denuncia não se seguirão os desejados effeitos; por isso que vemo-lo dando á estampa em 1567 á ultima parte da referida chronica de D. Manoel, logo seguida da do principe (depois rei D. João II).

Com a publicação d'essas obras nas quaes bem patente tornou o seu espirito livre, porem não heterodoxo, exasperou-se o odio

de seus adversarios que porfiando em'perde-lo de novo o denuncião ao sancto-officio, que d'esta feita fe-lo recolher aos seus carceres.

Pendente ainda o processo que se lhe formára recebeu a demissão dos cargos publicos que exercia; e ao cabo de torturas, mais moraes do que physicas, ouviu ler a iniqua sentença que o condemnava ao confisco dos seus bens, mandando-se-lhe fazer penitencia rigorosa no mosteiro da Batalha. D'algumas noticias vagas, collidas em memorias contemporaneas, collige-se que se lhe commutára a sentença permittindo-se-lhe licença para recolher-se a sua casa, onde morrerá por modo mysterioso.

Fallando d'esse infausto acontecimento assim se exprime um dos mais robustos e mallogrados talentos do nova geração :

« A morte de Damião de Góes está envolvida em sombras de mysterio. Consta vagamente que, restituído ao seio da sua familia, fallecera em sua propria casa, uns dizem d'accidente aplopetico, outros dizem que assassinado pelos seus criados. Parece-nos pouco verosimeis ambas estas versões. Conduzido para o convento da Batalha, como sabemos pelo recibo que da sua entrega vem incluído no processo, é natural que não durasse muito, exausto por dezoito mezes de prisão e onde lhe não forão poupados os tormentos physicos e moraes <sup>1</sup>. »

Atribuimos á recrudescencia dos odios contra Damião de Góes a publicação das suas obras biographicas, saturadas d'*espirito livre*; de feito o grande amor á verdade levou-o a negar aos seus compatriotas a prioridade das navegações para a India, ao infante D. Henrique as *inspirações divinas*, dadas como causas dos seus grandes commettimentos; bem como o reduzir as suas naturaes proporções a legendaria estatua da ilha do Corvo.

Erão porém esses veniaes peccados comparados com a audacia com que censurou na *Chronica de D. Manoel* o fanatico e cruelissimo procedimento d'alguns religiosos de S. Domingos, que, no

<sup>1</sup> Vide—DAMIÃO GÓES E A INQUISIÇÃO—*Estudo Biographico* por A. P. Lopes de Mendonça—Lisboa—1859

dia dezenove d'Abril de 1506, concitárão o povileo de Lisboa a commetter homicidios, roubos e violencias de todo o genero contra os mesquinhos christãos novos, que vivião á sombra de mercanceados privilegios e regateadas franquezas.

Ninguém judiciosamente poderá exigir do camareiro e guarda-roupa de D. Manoel que julgue seus actos com imparcialidade, afinando-se no crysol da critica. Habitudo desde a puericia a contemplar o rei aureolado pelo prestigio da gloria e da magnificencia não sabia servir-se á seu respeito d'expressões que não fossem encomiasticas vedando-lhe outrosim a gratidão de dar ouvidos as vozes e clamores que destoassem do hosanna quasi universal.

Dando-se-lhes devido desconto são os trabalhos biographicos de Damião de Góes valiosissimos subsidios para a historia d'esse periodo, e estimabilissimas monographias que convem sejão manuseada por quantos desejarem possuir cabal conhecimento das coisas do tempo.

Quanto ao estylo grande é a parecença que nella se nota com o de Fernão Lopes pelo que respeita a singeleza e simplicidade; posto que muitas vezes, forçado pela magnitude do sujeito, elevou-se a altiloquencia de João de Barros. « É que o seu estylo (dizia Lopes de Mendonça) revela verdadeiramente o homem. A phrase franca e desambiciosa, e ás vezes rude, traduzia o fallar da sociedade em que passára os primeiros annos, quando ainda vivião francas na memoria as recordações de D. João II, e d'aquella cavalheira escola que se formára na côrte de D. Affonso V. Repugnavao-lhe os artificios e enredos nas relações da vida como nas combinações da palavra, e alludindo a Gomes Eannes d'Azurara diz « dos quaes cercos não trato aqui particularmente por Gomes « Eannes d'Azurara o fazer na chronica do conde de Vianna « D. Duarte de Menezes « *com a superflua abundancia e copia de « palavras poeticas e metaphoricas* que usou em todas as coisas « que escreveu <sup>1</sup>. »

<sup>1</sup> Vide o mesmo *Estudo* pag. 115.

## VIAGENS

« É agradável (diz um erudito contemporaneo) no agasalho do lar domestico a leitura d'uma extensa e arriscada peregrinação, matisada de descripção, ora de populosas cidades, ora de pobres aldeias, ora de ermos agrestes ; que comprehende os quadros de serras, de campinas, de florestas, d'aguas, com a pintura das produções da natureza, tão diversas quanto aos climas, o desenho dos monumentos da polida arte e o das obras de povos rusticos, a historia dos habitos singulares de nações remotas e a dos instinctos maravilhosos de animaes estranhos ; as recordações e vestigios d'antigos tempos junto das scenas e realidades d'epoca recente. Tem-se noticias tão variadas com as aventuras do viajante; e por isso tanto deleitão e instruem essas narrações, principalmente se as faz realçar a pureza e propriedade do estylo <sup>1</sup>. »

Quem melhor do que os portuguezes que avassalárão o oceano ás quilhas de seus galeões e caravellas devassando inhospitos e ignotos climas, poderião escrever novas *Anabases*, mil vezes mais interessantes do que as de Xenophonte e Ariano ? — Foi porem sempre usança d'esse heroico povo, do qual nos orgulhamos de descender, mostrar maior empenho na pratica de grandes acções do que em transmitti-las á posteridade, preferindo a gloria de Albuquerque, Pacheco e D. João de Castro a de Barros, Castanheda e Couto, e a de Zarco, Bartholomeu Dias, Vasco da Gama e Cabral a do proprio Camões.

Por essa erronea apreciação (perdoe-nos sua honrada memoria) mui defraudada ficou a geographia e as sciencias com que ella intimamente se allião, dando outrosim azo para que viessem forragear na seara dos descobrimentos portuguezes audazes aventureiros que em estranhos idiomas se arrogarão a uma prioridade que por certo lhes não pertencia.

<sup>1</sup> Vide a Prefação da 2.<sup>a</sup> edição da « *Relação do Novo Caminho que fez por terra e mar vindo da India para Portugal no anno de 1563 o Padre Manoel Godinho, da Companhia de Jesus*—Lisboa—1842

D'entre os raros escriptores que tomarão por thema de suas obras narrativas de viagens avulta o nome de

MENDES PINTO (*Fernão*): — Nascido em Monte-mór, o velho, no anno de 1509, foi filho de pais humildes e baldos de meios pecuniarios como se deprehe de da descripção que elle proprio faz *da miseria e estreiteza da pobre casa de seu pai*. Escassa são as noticias que ácerca da sua vida possuímos; constando-nos apenas que em menino fôra mandado servir em Lisboa em casa d'uma dama rica, d'onde sahira para salvar a vida, e que fugindo numa caravela cahira em poder de corsarios. Sabe-se tambem que regresando ao reino entrára para o serviço do duque de Coimbra. D. Jorge, filho natural d'el-rei D. João II <sup>1</sup>; até que, descontente da servidão e desejando melhorar de fortuna, partira para a India em 1547.

Ao cabo de longas e perigosissimas peregrinações dispunha-se a voltar a patria, eis que, passando por Gôa, assaltou-lhe o subito desejo d'entrar para o instituto de Loyola, a qual fez cessão de todos os seus bens. Permaneceu por algum tempo nessa ordem; e, em companhia do padre Belchior Nunes, fez a viagem do Japão, servindo d'embaixador do vice-rei D. Affonso de Noronha junto ao rei de Bungo. Parece porém que lhe foi defeso o professar, sem que se saiba as causas da irregularidade que lhe encontrarão. Desenganado do seu proposito deixou a roupeta de noviço e embarcou-se para Lisboa onde aportou no anno de 1558, pauperrimo de dinheiro, mas opulento d'esperanças nas recompensas que dos seus relevantissimos serviços aguardava.

Como quasi todos os pretendentes que chegavão das possessões ultramarinas colheu Fernão Mendes multiplicadas decepções, e no fim de quatro annos e meio conheceu que lhe convinha mudar de rumo, o que realisou retirando-se para a villa d'Almada, onde casou-se e teve filhos, constando que fallecera na idade de setenta e um annos, e que fôra sepultado na igreja parochial de S. Thiago.

<sup>1</sup> Seguimos aqui a versão do sr. Innocencio da Silva que em sua interessantissimo *Diccionario Bibliographico* demonstra o equívoco de Barbosa e dos que lhe seguirão as pégadas, quando o suppõe criado do duque d'Aveiro.

Compõe-se o seu espolio litterario d'uma obra (que deixou inedita) com o titulo de — *Peregrinaçam de Fernan Mendez Pinto*, e cuja primeira edição sahiu em 1614 das officinas de Belchior de Faria *cavalleiro da casa d'el-rey nosso senhor, e seu livreiro*. —

Falla o abbade Barbosa Machado d'umas *Cartas escriptas de Malaca* pelo mesmo auctor, e d'uma *Informação das cousas da India por um homem*; esses trabalhos porém, cuja authenticidade é por demais duvidosa, não podem hombrear com a narrativa de suas viagens, immorredouro padrão de gloria posthuma.

Os estupendos casos que relatou os inverosimeis usos e costumes dos paizes por onde andou forão partes para que se duvidasse da sua veracidade, chegando até a fazer-se do seu nome um trocadilho de máo gosto <sup>1</sup>. No entanto se menos superficial fosse a critica verificaria no livro do viajante portuguez todos os caracteriscos de quem despretenciosamente conta o que viu, sem fazer alarde de conhecimentos que não tinha mas que facil lhe seria plagiar <sup>2</sup>, nem estabelecendo *a priori* proposições de que os factos apresentados serião naturaes corollarios.

Não se limitarão esses degenerados discipulos de Pyrrho a recusarem crença as singelas narrativas de Fernão Mendes levarão seu arrojo a ponto de collocarem-no na categoria das entidades fabulosas, assegurando que jamais existira semelhante homem, ou que pelo menos essa peregrinação aventurosa occorrera com um inglez cujo manuscripto, indo casualmente parar ás mãos d'um portuguez, fôra a origem da obra tão apregoada. Tão evidentemente absurdas (diz o senhor conselheiro J. F. de Castilho) erão estas invenções que para logo se lhes deu de mão, e talvez por um *acaso* singular apoderou-se de chofre uma estranha mania d'alguns estrangeiros, que fizerão os maiores esforços por comprar, em

<sup>1</sup> Em vez de Fernão Mendes Pinto dizião — Fernão, Mentos? — Minto. —

<sup>2</sup> Como fez o padre João de Lucena apressando-se com o maior desembaraço de desconhecido trabalho de Fernão Mendes, e copiando (com ligeiros variantes) as noticias biographicas que ácerca de S. Francisco Xavier escrevera o padre Tursellino. (Vide *Livraria Classica* dos irmãos Castilho — Noticia da Vida e Obras do padre João de Lucena.)

toda a parte, e por todo o preço porque encontravão, todos os exemplares que apparecessem de quaesquer das, já então mui raras, edições do famoso livro. Não suppomos que o intuito fosse tentar aniquilar uma obra incommoda, e destruir assim certos vestígios e titulos de nossa prioridade. Limitamo-nos a apontar um successo, de que a memoria está fresca em alguns ; mas a outros deixamos o encargo de moralisar <sup>1</sup>. »

Cumpre attender a uma circumstancia, que tem passado quasi desapercibida, e é que o ousado explorador referia-se a uma civilisação antiquissima, mas que em seu desenvolvimento seguira direcção mui diversa da dos povos occidentaes, e que ainda assim quando relata cousas com visos de maravilhosas diz-nos ingenuamente que as extrahira d'alheia fonte; dos livros e documentos que manuseara, ou da tradição popular.

Mais commodo é duvidar, e até mesmo negar, a existencia de qualquer factó do que proceder ao seu exame assiduo e consciencioso ; por isso é que a torrente dos escriptores portuguezes lançou ás gemonias a obra do seu benemerito compatriota em quanto peregrinas pennas exalçavão-lhe o merito com enthusiaslicas expressões <sup>2</sup>.

Não foi esta a ultima provação por que teve de passar a memoria de Fernão Mendes Pinto: no calice das amarguras faltava-lhe ainda a accusação de plagiario de Lucena, cuja obra (*Vida do Padre Francisco Xavier*) dada a estampa em 1600 é em muitos lugares verdadeira paraphrase da *Peregrinação*, que só veio a luz em 1614. Esmagadora é a simples confrontação das datas ; e para os que se contentão com meras apparencias perdida em ultima instancia está a causa do pobre chatim.

Não pertence felizmente a essa classe o illustrado critico, senhor conselheiro J. F. de Castilho, que, com uma *paciencia benedictina*, confrontou ambos os auctores, e exhibiu em seu succulento estudo

<sup>1</sup> Vide *Noticia da Vida e Obra de Fernão Mendes Pinto*, inserta no tomo V da *Livraria Classica*, edição de Paris — 1865.

<sup>2</sup> Vide Herrera (*Apologia*) ; Viagens, (*Grande Diccionario*) ; La Harpe (*Collecção Vesperr*), etc.

os lugares parallellos dos quaes facilmente se deprehende que o original è de Mendes Pinto, e as rindilhadas imitações do padre Lucena.

Como por mais d'uma vez havemos assignalado parece perseguir as obras dos maiores engenhos portuguezes certo máo fado: é pois, cedendo a essa ignota causa, que o manuscripto do infatigavel peregrino das regiões orientaes só foi confiado ao prelo trinta annos depois da sua morte, tendo permanecido durante esse longo trato de tempo no cartorio da Casa Pia dos Penitentes de Lisboa, legado pelo proprio auctor, ou por sua viuva e filha. Ahi poude muita gente consultal-o; sendo certo que andára por mão de Francisco de Andrade, a quem se attribuem a redação dos capitulos. Á esta circumstancia vem ainda adduzir-se a de possuir a Casa Professa de S. Roque os relatorios e cartas do referido Fernão Mendes, endereçadas aos seus superiores quando ainda vestia a roupeta de S. Ignacio; e, pertencendo Lucena a referida Casa, provavel é que consultasse essas importantes peças das quaes não pouco aproveitou-se, com a singular dissimulação de jamais apontar as fontes a que recorrera, tratando de paizes para elle totalmento desconhecidos, e de factos de que não fôra testemunha presencial.

Chegado o momento de formular o nosso juizo ácerca do merito litterario de Fernão Mendes confessamo-nos inteiramente prevenido pelo tantas vezes citado sr. Castilho, a cujo laudo sobrevivemos, pedindo-lhe venia para com elle enriquecer as paginas d'este livro:

« Leão-se depois de Fernão Mendes todos os prosadores que ante d'elle vierão, como para avaliar Camões cumpre percorrer os poetas que o antecederão, e achar-se-ha com assombro que aquelle portuguez que Pinto nos deixára não fora o portuguez que elle achou. Milhares de termos bem aproveitados ou introduzidos na lingua, ou fôrão por elle empregados pela vez primeira, ou como desenterrados. Em muitos assumptos, em que nunca antes d'elle se escrevera, trouxe ao prelo muitas vozes e phrases que o prelo nunca vira. Com inimitavel propriedade empregou sempre a palavra que pinta, o som que falla, a falla que sôa. A singeleza e

sympathica rudeza da narração, a modestia do escripto, o instincto de não sobre carregar a sua historia com estranhos atavios, não são qualidades que os exemplos lhe ensinasse. A prudencia e concisão com que dos lances arranca uma maxima sã, brilhante, sem estender, nem repisar; a industria com que torna todos os leitores seus companheiros de viagem, seus commensaes, seus amigos, igualmente interessados como elle no prospero successo das suas empresas, igualmente curiosos na investigação d'aquella natureza e d'aquelles costumes; a incrível arte com que soube constantemente resolver o mais difficil de todos os problemas, o que Ariosto, Molière, Fénélon, Lafontaine e outros, custou a polir, castigar, modificar, emendar, rescrever, cem vezes, o problema de ser natural, ao mesmo tempo que elegante e puro; o dom que só á natureza se agradece, de muito chã clareza, e por vezes de inimitavel pittoresco, o engenho com que, por tornar-se popular, soube revestir a sua *Peregrinação* de um apparente grão de maravilhoso, que todo está na locução, e não nos successos irrecusavelmente verdadeiros, e que prende a imaginação do indouto, do homem do mundo, do inimigo da leitura, como a do sabio... Todas essas partes dão a Fernão Mendes Pinto uma superioridade por bom preço paga, a todos os nossos prosadores. Note-se que não sobreviveu a catastrophe de Portugal; falleceu com a independencia de sua patria; confronte-se o seu escripto com os que o procederão, e dar-se-ha a palavra de primeiro entre os primeiros <sup>1</sup>. »

### TERCEIRO PERIODO (Seculo XVII)

Mergulhára-se o seculo XVI no oceano do passado legando a Portugal a derrota d'Alcacer-Kebir e o opprobrio da dominação castelhana. A rapida matamorphose dos esplendores preteritos na triste situação que se lhe seguirão desnortou o commum dos his-

<sup>1</sup> *Livraria Classica*, tomo II dos *Excerptos da Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto Paris—1865.

toridores que desprezando o estudo das causas assignalarão apenas os effeitos, ou contentarão-se com a mais proxima e intuitiva, assim pois attribuirão ao ferrenho despotismo dos Philipes a decadencia revelada em todas as condições e estados sociaes, e mais especificadamente nas obras inspiradas pelo engenho humano.

Muito por certo concorrera para esse lamentavel successo a perda d'autonomia nacional, não era porem a unica causa, nem tão pouco a primordial, como imparcialmente confessa Rebello da Silva nestas mui judiciosas palavras :

« A declinação das sciencias, das letras na primeira metade do seculo XVII foi attribuida a um plano do governo hespanhol, calculado para embrutecer o povo, pervertendo o gosto, e envolvendo insensivelmente o paiz na mais profunda obscuridade. Esta accusação peca, alem d'exagerada, por injusta. A côrte de Madrid desejava por certo reduzir o reino ás condições das suas outras provincias, mas não lhe occorreu conspirar para isso contra a intelligencia, viciando de proposito deliberado os methodos de ensino. Os Philipes não são reus de todos os attentados que lhes imputou o resentimento nacional. A decadencia datava dos fins do reinado de D. João III, augmentára nos annos da menoridade e do governo de D. Sebastião, e nos dias do rei catholico acabou de se caracterisar com mais vigor. As causas que influirão para amortecer o esplendor da epocha de D. Manoel, e dos primeiros annos do reinado de seu filho, não dependia da vontade dos monarchas castelhanos atalha-las, ou vence-las. Erão mais fortes do que ella, e derivavão-se da acção combinada das intituições, dos costumes, e d'uma profunda alteração no character nacional <sup>1</sup>. »

Si obstinadamente quizermos procurar a incognita do problema releva que altêemos nossos olhos para o fanal da instrucção publica e contemplamos as côres que ahi estavão luzindo. A reforma da universidade e a sua transferencia para Coimbra, ordenada por D. João III em 1537, marcou uma epocha notavel nos fastos de Portugal. Receberão as sciencias e letras grande desenvolvimento,

<sup>1</sup> *Historia de Portugal nos Seculos XVII e XVIII*—tomo V

e os mais afamados professores da Europa correrão às margens do Mondego a franquearem a uma juventude estudiosa, os thesouros de sua pasmosa erudição.

Parallelo ao ensino, que podemos chamar leigo e official, prosperava o ecclesiastico, dado liberalmente nos conventos e mosteiros de todo o reino, com especialidade nos das ordens de S. Francisco e S. Domingos.

Sasonados fructos começava a produzir a reforma; e sob a diligente administração do reitor D. Garcia d'Almeida pareceu a universidade de Coimbra haver attingido ao summo grao de propriedade. Precaria era porem a sua situação; visto como apresentação-nos os historiadores D. João III como espirito fraco, vacillante, e dominado, nos ultimos annos de sua vida, por escrupulos e terrores que o punhão a mercê d'estranhas influencias. Um notavel escriptor contemporaneo, que ninguem averbará de suspeito ás intuições monarchicas e religiosas, debucha com vigoroso lapis, o lobrego quadro da decadencia que ia apresentar-se. Contemplo-lo:

« O movimento scientifico e a organização do ensino brilhavão no primeiro periodo do reinado de D. João III, quando caminhou para o reino um vulto sombrio, com passos firmes e vagarosos, de costumes austeros, de razão profunda, mas sem o entusiasmo da imaginação que attrahe, nem a doçura do sentimento que afaga. Pendia-lhe ao peito um sagrado symbolo, diante do qual os povos ajoelhão com o instincto da fé, mas que o ensombra de todo. Esse vulto era um grande poder, que vinha lançando as bases d'uma vigorosa instituição. Trazia os olhos pregados no monopolio do ensino publico e o ensino publico foi conquistado por esse poder, que, sujeitando a si o dos proprios monarchas, veria a reinar com toda a sofreguidão d'uma força nova que intenta assumir o mundo <sup>1</sup>. »

Preveniui-nos por sem duvida a prespicacia do leitor reconhecendo na Companhia de Jesus o vulto a que se refere o auctor do

trecho supra citado. Em verdade grande foi o deslumbramento que tornou-se extensivo a muitos e bem notaveis personagens, alguns dos quaes (como cardeal infante D. Henrique) lhes havião ao principio sido desfavoraveis.

Presentirão o perigo que os ameaçava os mestres da universidade para quem inexplicavel era que abrisse o monarcha as portas do reino e das aulas a homens novos e desconhecidos que parecia possuirem o condão de attrahir a mocidade ás suas predicas, deixando desertas as aulas.

Á despeito das queixas e representações da universidade proseguirão os jesuitas em seus planos de conquistas: palmo a palmo, ou talvez melhor de polegada em polegada, forão solapando o velho edificio da instrucção publica. Em 1542 obteve o padre Simão Rodrigues as casas que havião servido de geraes a universidade e ahi fundou um collegio confiado a dez religiosos, em 1555 alcançarão da regia munificencia a direcção do collegio das artes, entregando-lhes o ultimo reitor, o celebre dr. Diogo de Teive, toda a mobilia, prata e accessorios.

Por continuas usurpações, auctorisadas pela excessiva piedade dos principes, chegarão ao desejado ponto de que ao seus religiosos, examinados no collegio de Coimbra, *se conferissem os grãos sem obrigação de juramento e gratuitamente, e no caso de lhes não serem conferidos fossem tido para todos os effeitos, como graduados* <sup>1</sup>.

Cedo manifestarão-se os effeitos d'essas exorbitantes e impoliticas concessões; de posse das chaves do ensino pelo monopolio dos preparatorios, de cuja validade erão os unicos arbitros abrirão brecha na universidade e tomarão-n'a d'assalto obrigando os professores a fugirem espavoridos, com eiva de pouco firmes na fê, e receiosos de futuras e mais serias perseguições.

Antes porém que lograssem do seu anhelos monopolizador tiverão de sustentar porfiosa lucta com a mencionada universidade de Coimbra, abroquelada por antigos e respeitabelissimos pri-

<sup>1</sup> Vide Alvará de 2 de janeiro de 1562

vilegios: assim além dos arteficios de guerra que deixamos apontados, fallão os historiadores d'outro que lhes produziu extraordinario proveito: refirimo-nos a instituição do collegio d'Evora (em 1551) altamente patrocinado pelo cardeal D. Henrique e cujo fito era (como ingenuamente confessa o padre Balthasar Telles, chronista da Companhia) *de converte-lo em uma universidade que podesse competir com a de Coimbra.*

Só poude ser satisfeita essa aspiração no seguinte reinado; e coube a rainha D. Catharina, regente na menoridade de D. Sebastião, a *gloria* d'expedir a provisão que mandava dar cumprimento a bulla de Pio V, instituindo essa nova universidade a qual devera ficar isenta da *jurisdicção real.*

Mui sagazes erão os jesuitas para desconhecere[m] que, apesar dos singulares privilegios e isenções de que rodeavão a sua predilecta universidade, não lhes ficaria bem solido o dominio emquanto o não firmassem sobre os derrocados muros do alcaçar scientifico de D. Diniz; assim pois não descançarão em quanto não alcançarão a plenitude de seus desejos pelo modo que já deixamos registado.

Conhecerão outrosim que mui pequeno era Portugal, e mui pouco derramado o gosto pelas sciencias e letras para que folgadamente se podessem manter duas universidades: e como a de Evora apenas lhes servira d'ariete para oppugnar a de Coimbra, deixarão-na cahir no olvido; concentrarão toda a sua actividade na introducção dos novos methodos escolasticos com que substituirão o systema simples e analyticos de Buchmanns, Teives, Nunes e outros.

Não se limitarão os discipulos de Santo Ignacio de Loyola a monopolisarem o ensino universitario: estendeu-se sua influencia ás demais ordens religiosas, chegando sua audacia a nullificarem a dos proprios bispos; em materias de ensino erão arbitros; tudo d'elles exclusivamente dependia; a instrucção de todas as classes da sociedade portugueza achava-se literalmente fechada em suas mãos.

Reconhecemos, e nenhuma duvida temos de proclama-lo, que á Companhia de Jesus contou desde a sua fundação varões eminentes nas sciencias, letras e artes; mas, admittindo-se mesmo que fossem elles superiores aos que de igual, senão melhor quilate, possuia a universidade de Coimbra, e outras corporações docentes, é para

nós inquestionavel que foi uma fatalidade para o paiz intellectual o dominio exclusivo dessa ordem ; porquanto ahi está a historia de todos os povos a provar-nos que as epochas de decadencia forão sempre assignaladas pela perda da liberdade, e que a mais sagrada de todas é por sem duvida a — do pensamento —.

Necessaria consequencia foi do exclusivismo do ensino o abaixamento do nivel intellectual, traduzido na degeneração do gosto.

A escola petrarchista que no periodo anterior dominára nos dous reinos da peninsula iberica, e a que se filiarão os mais bellos e robustos talentos, enlangueceu, definhou e por ultimo succumbiu. Dessa mesma Italia d'onde partira o verbo da regeneração litteraria viera depois a degenerescencia. Tasso, achára um rival em Marini; a *Jerusalem* foi esquecida pelo *Adonis*.

Multiplices e estreitos vinculos prendião Portugal á Hespanha, assim pois si cumpre ir procurar no segundo d'esses paizes os mananciaes dos grandes rios que fertilisão as veigas e quebradas do primeiro, tambem é na litteratura hespanhola que vamos quasi sempre encontrar o mote glozado pela portugueza.

Na epocha a que nos imos referindo empunhava o sceptro das letras o celebre Gongora, discipulo e admirador de Marini, que na patria de Boscán e do Garcilaso inaugurára o reinado dos *conceitos* e se fizera chefe da escola *cultista*. Impregnada dos mesmos effluvios se achava a atmospherá d'ambos os reinos convisinhos, unidos pela fraternidade litteraria, antes e depois, que a ambição dos principes os unisse, ou separasse politicamente.

« No periodo gongorico, diz um illustrado professor, os destinos de Portugal e Castella confundem-se na commum decrepitude da escola classica : por isso Bouterweck não abre para elle livro especial na sua obra e só lhe dedica um capitulo, como de supplemento a esta escola.

« Então, litterariamente fallando, nem Castella era senhora, nem nós dominados por ella : ambos colhiamos os envenenados fructos dos tempos de D. João III e de D. Philippe II, ambos vergando sob o peso da superstição, da hypocrisia, da expoliação e da immoralidade, graduadas em systema de governação publica, penava-mos iguaes dôres, gemiamos iguaes angustias, ; ambos sentiamos em

nós mesmos confrangerem-se os grandes pensamentos e os nobres affectos por effeito, talvez simultaneo do *calor* da fogueira no auto da fé, e do *frio* do gelo moral na realidade da vida; de sorte que, quando as ideias tentavão saciar os espiritos famintos de verdade e d'amor, o susto as transformava, como outr'ora no regaço de S. Isabel, a esmola de ouro em flores, flores só; pétalas de linguagem aromaticas, coloridas, ainda viçosas, dobradas mas estereis, como residuos que erão: *boninas cortadas*! E — quem sabe? — talvez que essa mesma communhão d'opressão e desventura fosse o combustivel que alimentava o fogo sagrado da fraternidade litteraria na Peninsula, por modo que não só não se apagou, mas entre nós até durou muito para àquem do dominio castelhano, ficando depois latente para resurgir um dia <sup>1</sup>. »

Outra prova d'affinidade dos dous povos, está no emprego do idioma castelhano pelos maiores escriptores portuguezes, ainda pelos do grande seculo, como Sá de Miranda, Camões e Gil Vicente, dos quaes lhes succederão depois do brado da independencia nacional, como fossem Sá de Menezes, Quevedo, Antonio de Sousa de Macedo, Manoel de Faria e Sousa e D. Francisco Manoel de Mello, que logrou a rarissima e invejada gloria de ser considerado *classico* nas duas linguas rivaes. Nem era, como pretendeu o senhor A. Cardozo Borges de Figueiredo <sup>2</sup> por *desprezo do idioma patrio que escrevião em hespanhol*, mas para se pôrem mais em contacto com o resto da Europa, onde ainda hoje é a nossa litteratura quasi que desconhecida. Bem patriota era Sylvestre Pinheiro Ferreira, e todavia suas melhores obras forão compostas em francez. Além de que poucos erão os homens doutos d'esse tempo que não fossem *bilingues*, e alguns até *trilingues*; escrevendo com toda a correcção e elegancia em portuguez, hespanhol e latim.

Voltando por ultimo ás causas concomitantes da decadencia da litteratura portugueza, resta-nos assignalar mais duas que lhe des-

<sup>1</sup> *Esboço Critico Litterario* pelo senhor Alvaro Rodrigues d'Azevedo, Cap. V.

<sup>2</sup> Vide o *Bosquejo Historico da Litteratura Classica Grega, Latina e Portugueza* 4.<sup>a</sup> edição. Coimbra 1856.

fecharão o *golpe de misericórdia*: isto é, a *inquisição*, estabelecida pela bulla de Paulo IV, de 23 de maio de 1536, á solicitação de D. João III; e a *censura*, instituída definitivamente pelo mesmo monarcha em 1539: *afim de que todos os livros fossem examinados pelos vedores da inquisição*.

## POESIA LYRICA

Por sua natureza, essencialmente subjectiva e particularista, resentiu-se primeiro a poesia lyrica da decadencia do gosto. Vedava-lhe a censura o devanear pelos páramos da philosophia, e poucas erão as impressões que colhia do acanhado ambiente que respirava. Na deficiencia d'esses rasgos do genio que immortalisarão os Davids e os Pindaros, só no estylo poderião os poetas d'então encontrar encanto e interesse para as suas composições: mas essa roupagem do pensamento era por demais ridicula senão truanesca.

« Criados (os poetas seiscentistas) entre argucias, distincções e subtilezas que lhes nutrião o espirito (diz Costa e Silva) força era que elle se fosse depravando e corrompendo; e como o bom estylo nasce das ideias claras e do bom pensar, como era possivel que adquirissem um estylo puro, correcto e elegante? Quem não vê em taes circumstancias, quanto maior fosse o talento mais se perderia nas ideias alambicadas e exageradas, grangeando assim um estylo pretençioso, affectado, cheio de trocodilhos, de jogos de palavras e de combinações pueris, de metaphoras exquesitas e mal formadas? Como podião colher fructos sasonados os que só procuravão flores brilhantes? O que então se chamava dizer bem, era dizer as cousas d'uma maneira extraordinaria e fóra do natural, tal juiso era qualidade, para ser admirado era necessario ser discreto, e o discreto segundo a opinião do tempo, era pensar e expressar-se d'um modo insolito, extravagante e quasi sempre inintelligivel <sup>1</sup>. »

Dos defeitos judiciosamente apontados pelo critico cujas palavras acabamos de transcrever dão testemunho as obras poeticas d'essa

<sup>1</sup> *Ensaio Biographico-Critico dos melhores poetas portug.* tom X, livro XXV, Cap. V.

epoca de singular decadencia ; e si quizermos num só repositório encontra-los reunidos não temos mais do que abrir as paginas da vastissima collecção de bagatellas, conhecida pelo pretencioso nome de *Phenix Renascida*.

Mais do que qualquer outro ahi avulta o genero lyrico, exprimindo as intimas cogitações dos *poetastros*, que em seus ambiciosos sonhos talvez se julgassem iguaes, senão maiores engenhos, do que os de Miranda, Ferreira e Camões.

Nem tudo porem era digno de desprezo ; e em algumas d'essas composições havião bonitos pensamentos, bem ordenadas rimas e pureza de dicção : distinguindo-se entre todas as firmadas por Manoel da Veiga, que mereceu honrosa menção do illustre Garrett, e Francisco Rodrigues Lobo, que pela maviosidade de suas eclogas foi denominado de *Theocrito Portuguez*. Pensamos ser este ameno poeta um extraviado da epocha antecedente, vindo muito tarde para enfileirar-se entre os genuinos *petrarchistas*, e muito cedo para receber todo o influxo de Gongora. Tomando-o para como representante da poesia lyrica do terceiro periodo estudemo-lo mais detidamente.

RODRIGUES LOBO (*Francisco*):—Natural de Leiria foi filho de André Lazaro Lobo e de sua mulher D. Joanna de Brito Gavião, pessoas de qualificada nobreza e possuidoras de avultados cabedaes. De um soneto, que vem annexo ao sermão de frei Antonio dos Innocentes, prégado por occasião das exequias d'el-rei D. Philippe III deprehende-se que o nosso poeta frequentára a universidade de Coimbra onde recebera o grão de *licenciado*; e das *Memorias Ineditas* de frei João de S. José Queiroz, bispo do Pará, consta que entretivera relação amorosas com uma dama do palacio do duque de Caminha, senão com a propria duqueza <sup>1</sup>. Nada mais se sabe a seu

<sup>1</sup> Eis como se exprime o prelado nas citadas *Memorias* dadas a estampa (em 1868) pelo sr. C. Castello Branco.

« Este poeta é excellentes em o lyrico, ainda que a primasia se concede em Hespanha ao nosso Jorge de Montemayor. Morreu afogado no Tejo, e foi enterrado em S. Francisco, da cidade na capella dos Queimados. Morrendo, dizia talvez inspirado de melhor nume » Formoso Tejo meu, quão differente... « etc. Queira

respeito senão que vivia retirado dos homens e das cousas administrando suas propriedades ruraes, e que morrera afogado no Tejo, indo de Santarem para Lisboa, e isto pelos annos de 1623-1627.

Além das eclogas e romances pastoris, entremeados de prosa e verso, á guisa de Sannazaro e de Fernão Alvares d'Oriente, foi auctor d'um poema com pretensões a epico, intitulado o *Condestabre*, e uma obra de moral modelada pelo *Cortegiano* de Balthazar Castiglione e a que deu o nome de *Côrte n'Aldeia*.

Em má hora lembrou-se Rodrigues Lobo d'escrever uma epopéa, tomando por protagonista o famoso condestavel D. Nuno Alvares Pereira, cedeu aos impulsos do patriotismo e quiçá ao desejo de protestar por essa forma contra a usurpação castelhana; não era porem o timbre da sua voz apropriado ao canto heroico; por isso desafinou immoderadamente e só a magnitude do assumpto e a magia de seus versos, tão melodosos como correctos, podem attrahir ao *Condestabre* alguns raros leitores.

É a *Côrte n'Aldeia* a maior obra em prosa devida a penna do mavioso poeta, e na opinião dos criticos um dos melhores padrões de vernaculidade. Compondo-a teve em vistas seguir as pisadas de Cicero e especialmente do auctor italiano supra indicado, e bem que haja perdido grande parte do seu valor e interesse pela passmosa variação de costumes que se notão na sociedade moderna, encerra ainda mui proveitosas lições tanto de moral, como d'urbanidade, d'envolta com uma profusão de conselhos, e reflexões applicaveis a todos os passos da vida, tudo expresso numa linguagem fluentissima e mantido o interesse pela vivacidade do dialogo. Outra, e maxima vantagem, se pode colher da leitura d'esse livro, e consiste no conhecimento que nos ministra dos costumes, opiniões e preconceitos contemporaneos, muitos dos quaes parecem-nos hoje extraordinarios, e até certo ponto inexplicaveis.

Deus que tivesse n'aquellas correntesa de lagrimas para chorar quanto tenha cantado nas ribeiras do Liz e Lena, nos loucos amores da aia, ou dama do palacio do duque de Caminha em Leiria, si não forão mais altos seus pensamentos, que em fim se não forão de Icaro, parecerão de Phaetonte, no sitio da sepultura. • (pag. 124).

Consideremos a Rodrigues Lobo sob o seu mais bello aspecto e *per summa capita* apreciemo-lo como poeta bucolico.

Sob os varios titulos d'*Eclogas, Romances e Primavera* destribuiu elle as producções da sua fecunda musa educada nas lições de Sannazaro, Boscan, Garcilaso, Miranda, Ferreira, Camões, Bernardes e Fernão Alvares, entre os modernos, e de Theocrito e Virgilio, entre os antigos. No character attribuido aos seus pastores incorreu nas mesmas censuras feitas ao Mantuano e aos seus: o tom dogmatico e a erudição philosophica que lhes presta destoa da simplicidade ideal do seu viver, tal como o concebera e melhor do que ninguem o descrevera o fundador d'essa especie lyrica, que tanto tem de graciosa, como de difficil execução.

Sem recusar a Rodrigues Lobo a homenagem de sincero louvor pelas muitas e finissimas bellezas das suas eclogas, principalmente na parte descriptiva, força-nos a justiça a proclamar que não logrou elle emparelhar com Camões, nem ainda com Diogo Bernardes, nas poesias que indisputavelmente lhe são attribuidas. É porem muito superior, tanto na substancia, como na forma, a Sá de Miranda, Ferreira, Caminha, e Fernão Alvares de Oriente, a quem dir-se-hia ter particular empenho em imitar, para levar-lhe ás lampas.

A *Primavera*, titulo generico das tres novellas pastoris <sup>1</sup>, é por sem duvida o mais duradouro padrão da gloria poetica de Rodrigues Lobo, não só pela ineffavel doçura que a caracteriza como pelas maximas da mais pura e christã philosophia que d'ella transsuda.

Não escapou o nosso suaviloquo poeta a coima de plagiario que lhe irrogou Faria e Souza: fez-lhe porem completa justiça Costa e Silva, e com vigorosa dialectica profligou a leviana accusação do commentador das *Rimas* de Camões, demonstrando q uão infundadas erão os seus argumentos, baseados nas reminiscencias da folgasã idade dos doze annos <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Divide-se em tres partes: *Primavera, Pastor, Peregrino e Desenganado*, publicadas separadamente.

<sup>2</sup> Vide *Ensaio Biographico Critico dos melhores poetas portug.* tomo V, livro VIII, cap III.

« Em que consistiu o plágio? (pergunta o mencionado Costa e Silva)— Em Francisco Rodrigues Lobo dar por sua, com differente nome, a obra de Camões? Não pode ser; porque, confrontadas as pouquissimas prosas que nos restão de Camões com a *Primavera*, vê-se que é impossivel que sahisses da mesma penna, porque a prosa de Francisco Rodrigues Lobo é tão superior a de Camões como a poesia d'este á poesia d'aquelle; e a prosa da *Primavera* é irmã genuina da que lemos na *Côrte d'Aldeia*. »

## POESIA EPICA

Facto singular é por sem duvida que na epocha em que murchavão as flores do Parnaso Lusitano surgissem tantas epopéas, e algumas de incontestavel merito. Parece que se consolavão os poetas das desditas porque passava o patrio torrão rememorando amoravelmente as façanhas obradas em outros tempos, sobre o tumulto da nacionalidade depositando grinaldas de goivos e perpetuas. Deixando de parte as de somenos valia occupar-nos-hemos tão somente com as epopéas denominadas *Ulyssea*, *Malaca Conquistada* e *Affonso Africano*, obras de Gabriel Pereira de Castro, Francisco de Sá de Menezes e Vasco Mousinho de Quevedo Castello Branco.

PEREIRA DE CASTRO (*Gabriel*): — Oriundo d'uma familia distincta nasceu em Braga a 7 de Fevereiro do anno de 1571, anterior ao da publicação dos *Lusiadas* de Camões, cuja gloria pareceu servir-lhe de perenne pesadello, como outr'ora a de Melciades a Themistocles. Dos bancos universitarios subiu a cadeira magistral, que trocou pela beca de desembargador da relação do Porto, sendo mas tarde removido para a casa da supplicação de Lisboa. Exerceu successivamente os cargos de corregedor do crime da côrte e casa, procurador geral das ordens militares, e finalmente de chanceller-mór do reino. Honrado e considerado como um dos maiores luminares da sciencia juridica desmereceu todavia no conceito dos contemporaneos pela sua decidida adhesão á causa castelhana, defendendo com calor os pretensos direitos de D. Philippe II. Ha quem attribua a essa condescendencia as honras com que foi galardoado pelo intruso monarcha, em cuja mansa e pacifica posse

manteve-se até o dia 18 de outubro de 1632 no qual falleceu da vida presente.

Foi G. Pereira de Castro auctor de duas obras juridicas de que muito caso fazem ainda hoje os profissionaes referimo-nos ao tratado intitulado de *Manu Regia*, e a *Monamachia* <sup>1</sup>. Alem do seu poema epico, diz o sr. Innocencio da Silva, que escrevera dois volumes de poesias denominadas *Obras Poeticas em diversas linguas*, os quaes conservão-se manuscritos.

Não tanto em dissertações juridicas como tambem nas produções de sua erudita musa revelou a grande sympathia que consagra ao paiz vizinho, e a extraordinaria admiração que lhe merecião os seus melhores engenhos. Encomiasta de Gongora esforçou-se por naturalisar-lhe o estylo, apregoado como o derradeiro requinte do que se denominava *cultismo*: e na opinião dos criticos e qualificado como o protagonista da segunda escola castelhana, a qual, como já vimos, supplantou a italiana, apenas censuravel por certa nudez de forma.

A *Ulyssea* é uma epopéa em dez cantos d'oitavas rimas, cujo argumento fornece a edificação de Lisboa por Ulysses. Nenhuma duvida temos em assignar-lhe o primeiro lugar depois dos *Lusiadas* pela mestria com que desenhou os caracteres, interesse d'acção, brilhantismo das descripções, variedades dos episodios, delicadeza de imagens e primor de dicção, onde apenas se descobrem alguns lapsos, devidos quiçá a impericia dos copistas, ou dos typographos.

O maior e mais grave peccado que com justiça se possa exprobar a *Ulyssea* é da absoluta falta d'originalidade, podendo-se dizer d'ella que é um magnifico mosaico, cujas preciosas pedras forão fornecidas pelos mais eminentes poetas antigos e modernos, inclu-

<sup>1</sup> O titulo por extenso da primeira obra é seguinte :

« *De Manu Regia Tractatus in quo omnium legum regiarum quibus regi-Portugallia in causis ecclesiasticis cogniti est ex jure.* Olissipone—1622-1673—tom. 2

O titulo da segunda é este :

« *Monomachia sobre as concordias que fizerão os reis com os prelados de Portuyal nas duvidas da jurisdicção ecclesiastica e temporal* Lisboa—1738—

sive Luiz de Camões, a quem Gabriel de Castro parecia menosprezar <sup>1</sup>.

Infeliz na escolha do titulo e do assumpto viu logo em começo erguer-se a assombrosa figura de Homero como qual todavia conseguiu justar com certa vantagem em mais d'um passo. Tal foi, por exemplo, no character que o auctor da *Iliada* attribuiu a Paris, cobarde e fanfarrão, allegando proesas e fugindo vergonhosamente diante de Meneláo, e que o poeta da *Ulyssea* pintou-nos como digno herdeiro de tantos heroes, e rival não desprezível do rei de Sparta.

Levou outrosim ás lampas ao seu modelo na pintura do combate entre Achilles e Heitor, aos quaes concedeu igual pujança no jogo das armas. Não se temem, respeitão-se; não são dois individuos e sim duas entidades fatidicas.

Sabe-se que a descripção é a pedra de toque do verdadeiro talento, e que tanto mais difficil se torna quanto se refere a objectos pouco, ou nada conhecidos. Como por um previo accordo entenderão todos os epicos que deverião descrever o inferno, em cujo portico gravou Dante a fatal sentença :

« *Lasciate ogni speranza voi che'ntrate.* »

Admiravel é que depois de Homero, de Virgilio e do exul florentino, podesse Gabriel de Castro encontrar imagens vivas e tetricas côres para com o buonarotico pincel pintar-nos a horrosa mansão da dor e do remorso.

Dissemos que no bellissimo artefacto da *Ulyssea* havião cahido algumas nodoas, accreditamos que á mór parte d'ellas não deverão com equidade ser lançadas por conta do poeta e sim dos copistas, por via de regra ignorantes, ou dos compositores typographicos,

<sup>1</sup> Este poema foi pela primeira vez publicado em 1636 por industria do livreiro Lourenço Craesbeeck, precedido de varias poesias em seu louvor d'um discurso encomiastico de Manuel de Galhegos. Os argumentos, collocados nos começo dos cantos, são da illustre poetisa D. Bernarda Ferreira de Lacerda. Segundo o testemunho do erudito bibliographo o sr. Innocencio da Silva tem tido cinco edições, sendo a ultima a do 1827.

classe tambem mui pouco illustrada nessa epocha. Ha porem defeitos, que poderiamos chamar intrinsecos, naturaes productos da escola a que se filiára o nosso poeta, como seião o abuso das antitheses, hyperboles, a má escolha d'epithetos, as longas hyperbatons, que degenerão em verdadeiras synereses, e algumas bem que raras, antilogias.

Com um rigor, mais de grammatico do que de critico, enumerou Francisco José Freire, conhecido por *Candido Lusitano*<sup>1</sup> todas as nugas que decobriu no longo poema do digno emulo de Ulpiano e de Homero parecendo esquecer o judicioso conceito do eximio critico.

« . . . . . *Pictoribus atque poetes*  
« *Quidlibet audendi semper fuit æqua potestas*<sup>2</sup>. »

SÁ DE MENEZES (*Francisco*):— Não se sabe ao certo o anno em que veio ao mundo este distincto poeta, julgando Costa e Silva que não se afastára muito do começo do seculo XVII. Forão seus pais João Rodrigues de Sá, irmão de Francisco de Sá de Miranda, e D. Maria da Silva, da nobre prosapia dos marquezes d'Abrantes. A cidade do Porto ufana-se de conta-lo entre seus preclaros filhos.

Feitos os estudos preparatorios e avantajando-se particularmente nos idiomas grego e latino, assim como nos dos povos mais cultos da moderna Europa, que lhe franquearão os thesouros das sciencias e letras, habilitou-se para o exercicio de honrosos empregos, que com bizarrria desempenhou, merecendo muitos e não regateados louvores.

Uniu-se pelos laços do matrimonio com sua prima D. Antonia d'Andrade, senhora de grande belleza e maior espirito, cuja prematura morte causou-lhe insuperavel amargura. Acabrunhado de perenne melancolia renunciou o mundo em que gozava de honras e considerações, para encerrar-se no mosteiro de Bemfica onde tomou o habito dominicano com o nome de Frei Francisco de Jesus. Todo entregue aos exercicios de piedade servia d'edificante

<sup>1</sup> *Reflexões sobre a Ling. Portug.* Part. III

<sup>2</sup> *Horatius*,—*Ars Poetica*, verso 9—10

modelo aos seus irmãos de habito, que sinceramente lhe prantearão a morte, acontecida em 11 de dezembro de 1641.

Francisco de Sá de Menezes foi commendador da ordem de Christo, e senhor d'uma opulenta casa, e um dos varões mais respeitadas pelas suas luzes e virtudes

Consta que escrevera varias poesias apreciadas pelos contemporaneos, e entre ellas uma tragedia intitulada—*D. Maria Telles*,— que se conservava manuscripta na bibliotheca do Paço Real, onde ardera por occasião do terremoto de 1755. É porem considerada como sua melhor obra a epopéa com o titulo de *Malaca Conquistada* que veio a lume em 1634, sahida das officinas de Mathias Rodrigues sendo dedicada á Catholica Magestade d'El-Rei D. Philippe III<sup>1</sup>.

Diversos e contradictorios tem sido os juizos emittidos ácerca da *Malaca Conquistada*: para uns, como F. Dias Gomes, é *a mais inferior das nossas epopéas regulares, sem que contudo sirva de descredito ao nosso idioma*; para Garrett, é *um dos derradeiros titulos de gloria da litteratura portugueza*; ao passo que para outros, como Costa e Silva, *cabe-lhe de justiça o primeiro lugar entre os nossos epicos, depois de Camões*.

Tomando a media proporcional entre tão desencontrados alvitres julgaremos a obra de Menezes pelos principios da imparcial critica.

Grande em si e nas suas consequencias é a acção; porquanto heroica façanha era tomar, á fina força, a metropole d'um grande reino, forte pela sua posição e valor dos habitantes; e cuja posse abria aos portuguezes as portas do commercio da China, Arabia, ilhas Philippinas e Molucas.

Escrupulosamente observada foi a lei da unidade, convergindo para o mesmo fim todas as partes do poema, cujos episodios, admiravelmente entretecidos, encantão pela variedade na unidade.

Nobre e magestoso é o character do protagonista, digno emulo de Godofredo de Bouillon, e muito superior a Vasco da Gama. « É Afonso d'Albuquerque (diz Costa e Silva) o unico homem que passou

<sup>1</sup> Tem tido mais duas edições (a de 1658 e de 1779) sendo a segunda a mais acreditada pelas correções e acrescentamentos que lhe fizera o auctor.

a India sem manchar-se com piratarias e crueldades inuteis, que, valente como Achilles, prudente como Nestor, sabendo vencer inimigos muito superiores em numero, concebeu a ideia politica de fundar um grande imperio n'Oriente, civilisar os Indios, castigar os desmandos dos seus, preferir a justiça ao lucro e deixar n'Asia uma memoria respeitavel, mesmo entre os povos por elle conquistados <sup>1</sup>. »

Merecerão-lhe tambem particular desvello os caracteres secundarios, quasi sempre menosprezados : Aladino, Gueimal, Garcia, Jayme, Abreu, Etol, Thitonia e Glaura, são creações poeticas que muito abonão o engenho de Sá de Menezes.

Sobr'elevou-se outrosim na pintura dos usos e costumes orientaes, descrevendo com graciosa fidelidade os ritos e ceremonias religiosas d'esses povos, mais arredados de nós pelas suas crenças e instituições do que pela situação geographica.

É, por via de regra, morbido o seu pincel, mas adquire por vezes certo vigor e vivacidade, como quando nos descreve as terriveis procellas que assaltarão os impavidos portuguezes *em mares nunca d'antes navegados* ; as sangrentas batalhas pelejadas em remotos e inhospitos climas, as desditas de Glaura, e a catastrophe dos companheiros de Diogo de Siqueira. O seu maravilhoso, que como se sabe, é o principal caracteristico do poema epico, é inteiramente novo em nossa litteratura. Ninguem antes de Sá de Menezes, se lembrára de pedir ás crenças christãs esse engenhoso mecanismo que faz intervir o sobrenatural no desfecho de situações de difficil, senão impossivel solução. Bastante arrojo mostrava o poeta em quebrar tradições anachronicas, que a tantos synchretismos obrigáram ao proprio Camões.

São igualmente superiores aos do cantor do Gama os seus quadros amorosos, tanto em elegancia como em decóro, que, como poucos, soube observar

Não se pense porém que só bellezas achamos no primoroso lavor de Sá de Menezes : alguns defeitos lhe vamos apontar, uns proprios da epocha em que viveu, e outros reversos de suas brilhantes qualidades.

<sup>1</sup> *Ensaio Biographico-Critico*, tomo IV livro VI cap. IV.

Admirador do petrarchismo, cujo patriarcha em Portugal fôra seu tio, parecia desdenhar o vivo colorido da forma de que tanto caso fazião os contemporaneos, notando-se por isso em sua obra certa pallidez, ou tibieza d'estylo, que por vezes degenera em prosaismo.

Parece que no recesso dos quinhentistas procurava abrigar-se das emanações mephticas do gongorismo : as quaes, máu grado seu, macularão aqui, ou acolá, as paginas do seu poema com inuteis epithetos, methaphoras improprias, trocadilhos de máo gosto e almiscarados conceitos.

Afeião o poema equivocos de metrificacão, intoleraveis solecismos, e até grosseiros erros de linguagem, que por forma alguma podem ser attribuidos ao auctor, e unicamente á incuria, ou ignorancia de copistas, ou typographos.

O ambicionado louvor dos contemporaneos não faltou á *Maluca*, cujas primeiras laudas se arreião de bombasticos encomios dos principes da poesia, entre os quaes primavão duas senhoras, recomendaveis pela amenidade de seus versos <sup>1</sup>.

QUEVEDO E CASTELLO-BRANCO (*Vasco Mousinho*) : — Natural de Setubal ignora-se o anno de seu nascimento e da sua morte, apenas consta que se graduára em direito civil e canonico na universidade de Coimbra, e exercera a profissão d'advogado. Foi auctor d'um — *Discurso sobre a vida e morte de S. Isabel, rainha de Portugal e d'outras varias rimas* — e d'um poema em seis cantos em oitavas

<sup>1</sup> Forão ellas : D. Bernarda Ferreira de Lacerda, auctora d'uma collecção de vinte romances octosyllabos em castelhano, seguidas d'outras poesias na mesma lingua, e nas portugueza, italiana e latina, tudo sob o titulo de *Saudades de Bus. saço*. Foi tambem auctora d'um poema com aspirações a epico e igualmente escripto em castelhano com o titulo de *Espana Libertada*.

A outra celebre poetisa foi Soror Violante do Céu, religiosa dominicana professa no convento da Rosa em Lisboa, nascida n'essa cidade e ali fallecida na avançada idade de noventa annos. Escreveu varias poesias mysticas, e umas oitavas em applauso da victoria de Montes-Claros. Fallando d'essa illustre poetisa, dizia Costa e Silva no seu mui justamente apreciado *Ensaio Riographico-Critico* (tom. VIII, cap. III) : « Ha em suas poesias muita imaginação, viveza e demasiado espirito, e engenho. A linguagem é geralmente pura, correcta e elegante, a expressão facil e a versificação harmoniosa. »

rimadas intitulado — *Triumpho del monarcha Filippo tercero en la felicissima entrada en Lisboa*. — Sua obra porem magistral e que collocou-o na cathegoria de chefe da escola hespanhola, inaugurada por Gabriel Pereira de Castro, foi a epopea denominada — AFFONSO AFRICANO — *poema heroico da preza d'Arzila e Tanger*\* — em doze cantos de oitavas rimadas <sup>1</sup>.

Relativamente ao merito litterario d'este poema, bem pode applicar-se o tão conhecido como sentencioso verso de Horacio :

« *Grammatici certant, et adhuc sub iudice lis est* <sup>2</sup>. »

Letigioso é o lugar que lhe compete entre as nossas epopéas ; e como succedeu com a *Malaca Conquistada* achão-se em discordancia Garrett e Costa e Silva, mui competentes e abalisados contrastes. Eis como se exprime o primeiro dos citados criticos :

« Vasco Mousinho de Quevedo, que sem disputar é depois de Camões, nosso primeiro epico, ali tem já em toda a nobreza dos seus versos a quebra de bastardia d'esse defeito (o gongorismo) que todavia nelle é ainda raro. Mas que bellezas tem esse tão mal avaliado *Affonso Africano*, a que a cegueira e o máu gosto tem querido preferir a *quichotica* e sesquipedal *Ulysséa*, á hyperborea e campanuda *Malaca* ! Não é regular o poema, não é um todo perfeito, o maravilhoso é frio; e a acção toda não mui bem deduzida; mas que riquissimos episodios o enfeitão ! A descripção de Zara, o jardim encantado onde aporta o principe D. João, e alguns outros trechos, são cunhados com o sello da verdadeira poesia, e animados da luz que só dá o engenho. Quanto ao estylo é, com poucas excepções, fluido e elegante; custa a achar em tão longo poema uma rima forçada, ou má; e a mesma linguagem, supposto decline um tanto da primeira pureza, é ainda de boa lei e valiosos quilates <sup>3</sup>. »

Oiçamos agora a contrariedade opposta por Costa e Silva :

<sup>1</sup> A primeira edicção d'este poema é a de 1611, a segunda de 1787 e a terceira de 1844.

<sup>2</sup> *Epistola ad Pizones*

<sup>3</sup> *Bosquejo da Hist. da Ling. e da Poesia Portug.*

« O *Affonso Africano* è muito inferior pela urdidura da fabula, pelo movimento d'acção e pela pintura dos caracteres á *Malaca Conquistada* e á *Ulysséa*; é muito mais inferior aos *Lusiadas* pela versificação, estylo imaginoso, expressão poetica e perfeição dos versos, em que Camões não conheceu rival; deve contudo ser contado no numero das nossas epopéas de primeira ordem, tendo entre ellas o terceiro lugar, isto é, o primeiro depois da *Malaca*; e na verdade a merece pelos excellentes trechos de poesia em que abunda, pela belleza das comparações e pela profundidade e abundancia das sentenças, e porque Quevedo, ainda que discipulo da escola de Gongora, soube ser mais parco nos conceitos, nos trocadilhos, no excessivo das hyperboles e no uso das metaphoras, o que prova que nelle havia mais bom senso e melhor gosto, que na maior parte se tornão insupportaveis pelos seus desconchavos d'estylo <sup>1</sup>. »

Appliquemos á epopéa de Quevedo o processo anteriormente seguido em relação á *Malaca Conquistada*.

No nosso conceito pertence ella mais á classe dos poemas historicos do que á dos epicos; visto como a tomada d'Arzila e Tanger, que lhe serve d'argumento, é d'uma grandeza e interesse relativos. D. Affonso V, o protagonista, representa um papel secundario e resente-se o seu character de certa frouxidão incongruente a quem pretendia — *dilatar as fronteiras da fé e da patria*. — Não lhe levão vantagem na perfeição do desenho os outros caracteres: e o de Zara, cujos amores com o principe D. João tão patheticos lances poderia fornecer, perde-se em amaneirados soliloquios; Eudolo, furibundo magico, verdadeiro *deus ex machina*, é tibiamente esboçado, e sua gruta, pavoroso antro d'onde arremessava terriveis anathemas contra os christãos, assemelha-se a um *armazem de brucharias*, na pictoresca phrase de Costa e Silva.

Os episodios, que tanto agradarão a Garrett, raras vezes nascem d'acção, e ainda mais raramente se lhe prendem. As historias de Cendazunda, de Hermerico e d'Ataces, contadas pelo conde de Palmella, a pretexto d'explicar as armas da cidade de Coimbra, mui

<sup>1</sup> *Ensaio Biographico-Critico* tom. VIII, Livro XIX, cap. II.

pouco apropriadas são ao sitio e á occasião. Nem mais adequada parece-nos a lenda da invenção do corpo de S. Vicente e a sua trasladação para Lisboa, rememorada pela circumstancia de passar a esquadra á vista do cabo d'esse nome. O que porem leva ás lampas em inverosimilhança é o episodio em que figura o magico Eudolo, qual outro Balaan, a amaldiçoar os campos d'Alcacer-Kebir que tão gloriosos devem ser para os marroquinos como os de Marathon para os gregos.

Sobresahe no numero dos defeitos d'este poema a tacha do abuso d'allegoria, que dir-se-hia d'ante-mão idejada, subordinando-se-lhe toda a traça e desenvolvimento do mesmo poema <sup>1</sup>. Obedecendo a esse pessimo gosto representou em Arzila sete cavalleiros, filhos do governador, como symbolos dos sete peccados mortaes, e no campo christão outros sete guerreiros, caracterisados pelas sete virtudes cardeaes; seguindo se d'esse parallelismo que a humildade succumbisse ás mãos da soberba, a liberalidade d'avareza e a temperança da gula que metteu-lhe pela boca uma espada! *Du sublime au ridicule il n'ya qu' un pas*, disse com grande discernimento Boileau.

Não se pode com justiça recusar a Quevedo alguns brilhantes predicados; avantajando-se entre elles o talento descriptivo. Primorosamente pintado é o retrato de Zara, com que se deliciava o cantor de D. Branca, no que deixou-nos dos horrores da peste rivalisou com Tasso no bellissimo episodio d'Olinto e Sophronia e revelou assidua lição de Thucydides, Lucrecio, Virgilio e outros grandes engenhos d'antiguidade.

Foi o nosso poeta eximio pintor de batalhas; e tanto mais admiravel é essa qualidade quanto não consta que jamais assistisse ao

<sup>1</sup> Para que possa o leitor avaliar da exactidão do nosso juizo registamos aqui o principio d'*allegoria do poema segundo a fabula* :

« Uma das arriscadas emprezas que ha no mundo, é aquella que emprenhe um varão forte contra si mesmo, trabalhando render e avassallar a cidade de sua alma, com que se lhe tem levantado o inimigo humano. Esta se afigura em Arzila, situada ao longo do mar nas partes d'Africa, de muros altos cercada, que dão entrada e sahida por cinco portas abertas, que são os cinco sentidos, na mais alta parte sua se levanta uma torre com tres baluartes, que são as potencias d'essa alma, e no meio a fortaleza da mesquita, que é o coração humano... »

minimo combate, nem nunca deixasse o conchego do lar. No não interrupto tracto dos livros e no fulgurante prisma da sua imaginação encontrou o segredo d'assistir mentalmente a scenas passadas em varios tempos e diversos climas.

Arrastava-o o torvelinho da phantasia a frequentes violações das classicas unidades; como quando desejando acompanhar seus heroes ao termo d'arrojada empreza prosegue a acção do poema depois da preza d'Arzilla, olvidando-se que a de Tanger era forçado corollario da primeira.

O esplendoroso estylo de Quevedo tem-lhe captado numerosas sympathias: colorista de primeira força, vivendo numa epocha em que o brilho da forma era anteposto á solidez da substancia, e em que Ticiano e Tintoreto erão preferidos a Raphael e ao Dominiquino, não nos devemos maravilhar que se estradasse pela peor vereda, e concorresse pelo predominio de seu exemplo para a corrupção do gosto, acelerando a decadencia e ruina da poesia portugueza <sup>1</sup>.

#### POESIA DRAMATICA

Podem-se reduzir a duas, as principaes causas da decadencia do theatro portuguez no seculo XVII; influencia dos hespanhóes e dos jesuitas.

Era o *Pateo das Arcas* o sitio em que se levavão a scena as peças que attrahião a attenção publica, e tendo passado a sua administração para a do hospital de Todos os Santos entendeu esta que como seguro meio d'obter boas recitas convinha-lhe mandar contractar em Madrid uma das companhias dramaticas mais applaudidas. Foi então que se entabolarão negociações com a d'*Escamilha*, assás afamada pela pericia com que representava os primores dos grandes engenhos hespanhóes d'esse seculo. Parece porém que

<sup>1</sup> Alguns outros poemas epicos, ou melhor historicos, e romanescos, conta a litteratura portugueza, como sejão o *Viriato Tragico* de Braz Garcia de Mascarenhas; o *Oriente Conquistado* pelo padre Francisco de Sousa; o *Condestavel* de Francisco Rodrigues Lobo; o *Naufragio de Sepulveda* de Jeronymo Côte-Real; a *Insulana* de Manuel Thomaz; etc., cuja analyse omittimos; não só por sua importancia secundaria, como pela brevidade que adoptamos por lei.

não se chegou a um accordo ; porquanto não consta que essa companhia fosse a Portugal, sendo substituída por outras de somenos nomeada.

Conhecerão desde seus principios os jesuitas o immenso partido que poderião tirar do theatro ; por isso vemo-los tão açodados em escrever autos que fazião representar pelos seus neophitos e catechumenos no Brasil e na India <sup>1</sup>. Combaterão por meio das suas *Selectas* o theatro classico oppondo-lhe as suas tragi-comedias, escriptas em verso heroico. Eis, em que termos, aprecia um abalitado critico contemporaneo, o valor de taes composições.

« Historiar o theatro dos jesuitas é verter com phrases as frias allegorias, que elles usavão na cananosição dos seus santos, como na de S. Francisco Xavier, ou na entrada dos reis invasores, como na tragi-comedia representada na entrada de Philippe II, ou nas festas lithurgicas, como a *Angola Triumphante*, e o *Sedecias*. Falsos no seu principio religioso os jesuitas conhecerão que ao tocar n'arca santa d'arte se lhe secavão as mãos. O seu theatro está muito abaixo da sua architectura : esta tem a grandeza inerte, aquelle tem a pequenez emphatica, que em vão tanto cobrio a falta de ideal <sup>2</sup>. »

Para descarregar o derradeiro golpe na scena nacional, espavorida pelos anathemos dos *indices expurgatorios*, veio ainda juntar se o gosto que começou-se a introduzir pelas representações dos *bonifrates*, correspondentes ás *marionettes* de França, aos *burattini* de Italia, e aos *titeres* de Hespanha. Erão representações burlescas que só miravão á hilaridade, com grave prejuizo d'arte, e tambem da moral pelo funesto abuso dos trocadilhos e allusões. Agradavão porem em extremo aos nossos maiores a ponto de dizer D. Fran-

<sup>1</sup> O padre José d'Anchieta compoz e levou a scena em Piratininga um auto com o titulo de—*Pregação Universal* :—e pelo testemunho de Camões sabemos que em 1555 representou-se em Goa um auto anonymo deuominado — *Braz Quadrado*.

<sup>2</sup> *Historia do Theatro Portug. nos seculos XVII e XVIII* pelo sr. dr. Theophilo Braga, Livro IV.

cisco Manuel de Mello; « Mulheres ha, d'estas appetitas, que por um *bonifrate* venderão um padrão de juro da camara <sup>1</sup>. »

Será o auctor, cujas palavras acabamos de citar, o escolhido para representante do theatro portuguez na luc tuosa quadra que atravessamos.

MELLO (*D. Francisco Manuel de*):—Filho de pais nobres nasceu em Lisboa á 23 de novembro de 1611, fez seus primeiros estudos no collegio de S. Antão pertencente aos jesuitas, tendo tido por mestre de rhetorica o padre Balthazar Telles, afamado chronista da companhia. Por morte de seu pai abraçou a profissão militar, e havendo-se tornado suspeito ao governo metropolitano foi chamado a Hespanha, onde commandava um terço na occasião do conflicto entre esta potencia e a Inglaterra, occorrido no anno de 1639. Militava na Catalunha quando rompeu o brado da independencia de Portugal, e sendo muito de presumir que não perdesse azado ensejo para ir pôr sua espada ao serviço da patria preveniu-lhe o intento a vigilancia do conde duque d'Olivares mandando-o recolher a uma prisão, mas concedendo-lhe pouco depois ampla liberdade, d'ella utilisou-se para passar-se a Hollanda, e d'ahi a Lisboa. Assistiu as festas da corte de D. João IV para as quaes compoz um chistoso auto intitulado — *O Fidalgo Aprendiz* —. Escreveu ainda outras farças, assim como *tonos e operetas* para aprazer a el-rei que mostrava se grandemente apaixonado pela musica.

Por espaço de tres annos gozou da privança do monarcha por cuja ordem porem foi encarcerado na Torre-Velha, onde permaneceu por nove annos. Diversos forão os commentos que se fizeram ácerca das causas d'essa prisão; que parece have-la encontrado o bispo do Pará, D. Fr. João de S. José Queiroz, que nas suas *Memorias*, ultimamente publicadas pelo sr. Camillo Castello Branco, assim se exprime :

« A condessa de VillaNova e Figueiró foi o objecto das affeições de D. Francisco Manuel de Mello. Allude a ella quando diz—*nuevo la vi*—D. João IV querendo provar a fidelidade de D. Francisco

<sup>1</sup> *Carta de Guia de Casados*, folha 27—v.

Manuel persuadiu a condessa que o tentasse ; D. Francisco, para lisongea-la, disse que seguiria o partido de Castella, foi preso ; assim m'ò revelou o conde de S. Lourenço. »

Depois de longos soffrimento foi-lhe commutada a prisão em degredo temporario para o Brasil que cumpriu com stoica resignação. De volta a Europa percorreu diversos paizes residindo por alguns annos em Roma, onde começou a dar a estampa uma edição completa das suas obras, que ignora-se porque não completou. Ao cabo de suas peregrinações recolheu-se à patria, onde falleceu a 13 de outubro de 1666, em estado de solteiro, deixando porem um filho natural que gloriosamente succumbiu na batalha de Senef.

Para specimen do talento comico de D. Francisco Manuel tomamos o auto do *Fidalgo Aprendiz*, composto, como já dissemos, na epocha em que gozava das boas graças de D. João IV. Dividido em *jornadas*, á guisa das peças de Lope de Vega, de quem era grande admirador, serviu-se com vantagem da redondilha e soube imprimir ao dialogo chiste e movimento particulares, e aprimorados rasgos do character nacional.

O protagonista é um certo D. Gil Cogominho, fidalgo de fresca data, que se expõe a toda a especie d'estreitezas para figurar na còrte, e não tendo nada de seu falla com emphase do *solar de seus antepassados*.

Escrevendo essa comedia numa epocha de reacção não temeu incorrer no desagrado dos pseudo-patriotas expon do ao ridiculo os que fazião alarde dos seus sentimentos de nacionalidade vestindo-se segundo a velha usança portugueza, e desenterrando vocabulos *sepultados nos Elucidarios*.

O typo do criado astuto e velhaco foi elle tomal-o nas comedias italianas, d'onde mais tarde devera Molière importa-lo para a scena franceza, synthetizando-o em *Sganarello* e *Scapin*. Affonso Mendes serve ao provinciano, phantasiado em fidalgo, e apesar de servi-lo pela modica soldada de dois mil e cem reis, não vê cruzes ao dinheiro, assemelhando-se nesse ponto ao criado da *Farça dos Almocreves*, tão bem caracterizado por Gil Vicente. Para vingar-se da impontualidade do amo arma-lhe uma cilada propondo-lhe uns amores com uma senhora Isabel d'equivoca reputação.

A scena em que figurão o pretense fidalgo e o mestre d'esgrima é de sabor verdadeiramente comico distinguindo-se outrosim pela verdade da situação e decencia de linguagem.

Nem menos espirituosa é outra entre os tres mestres de solfa, de dansa e de trova: ao primeiro que pede um instrumento musico para acompanhar a dansa da-se-lhe um birimbáo, em quanto que o ultimo—*estudentão muito sujo e muito mal vestido*—ensina ao cavalheiro a fazer motes, sonetos, romances, decimas e tercetos.

Em toda peça sobresaem as louçanias e galas da elocução, verdadeiramente portugueza, enriquecida por grande copia d'anne-xins e proverbios populares, e fidelissimos quadros de costumes. Visivel porém é a imitação dos modelos castelhanos no decurso de todo o auto, maxime no desenho dos caracteres do protagonista e de seu criado, genuinos transumptos de D. Quichote e de Sancho Pansa. Releva porém que tenhamos presente a memoria que D. Francisco Manuel de Mello passou grande parte da sua existencia em Hespanha, cuja litteratura amavelmente cultivou, não lhe consentindo as condições de tempo, nem os poucos ocios de que dispunha entregar-se ao acurado estudo da sociedade portugueza, do que só poderia resultar-lhe a gloria de ser considerado como digno emulo do famigerado Gil Vicente.

## HISTORIA

Couto (*Diogo do*):—Nasceu em Lisboa em 1542 e ainda muito moço entrou para o serviço do infante D. Luiz, filho d'el-rei D. Manuel. Foi companheiro d'estudos de D. Antonio, prior do Crato, e ambos frequentarão o curso de philosophia leccionado em Bemfica pelo celebre D. Frei Bartholomeu dos Martyres. A morte do infante, seu protector, cortou-lhe a carreira litteraria, vendo-se obrigado a abraçar a profissão das armas embarcando-se para a India, onde serviu por espaço de oito annos. De volta a patria forão-lhe reconhecidos e galardoados os serviços com a nomeação de guarda mór da torre do tombo e chronista do Estado da India, com a incumbencia de continuar as *Decadas* de João de Barros. No con-

chego da vida domestica viu aproximar-se-lhe o termo da existencia que prolongou se ao septuagesimo quarto anno.

Alem das *Decadas* escreveu um livro summamente curioso e instructivo com o titulo de *Soldado Practico*, o qual conservou-se inedito por mais de dois seculos sendo ultimamente dado á estampa por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Compoz tambem a *Vida de D. Paulo de Lima*, capitão-mór da India; a *Relação do naufragio da náó S. Thomé*: e uma *Falla em nome da camara de Góá e dirigida André Furtado de Mendonça*.

Numa resumida noticia biographica publicada no tomo I do *Panorama* lê-se o seguinte :

« Muitas outras obras manuscriptas dizem deixára este celebre historiador; mas, ou o tempo as consumiu, ou estão sepultadas em parte onde á ninguém são uteis. »

Incompleto ficára pela morte de João de Barros o magestoso monumento das suas *Decadas*; nessa arca sagrada ninguem ousava tocar receoso da sorte dos filhos de Heli, e semelhante as figuras do dia e da noite escapadas ao escopro de Miguel Angelo preferia-se deixar inacabado o padrão mais immoredouro, depois do dos *Lusiadas*, da gloria portugueza n'Oriente.

Em boa hora porém demoveu-se el-rei D. Philippe II de semelhante proposito commettendo a Diogo do Couto a tarefa de proseguir a obra de Barros. Preparado por longos e succulentos estudos, conhecedor do theatro em que se havião passado esses memorandos feitos, dotado d'um espirito d'analyse e d'observação bem superiores ao de seu emulo, e sabendo conciliar severidade historica com os dictames d'um bem entendido patriotismo, conseguiu ser viridico sem deixar de ser eloquente.

Considerado quanto aos esplendores do estylo e a essa pompa epica, que tanto recommendão o primeiro auctor das *Decadas*, é por certo inferior o chronista da India, que parece mais ter em mira a substancia do que a forma, preocupar-se mais com a lucida exposição dos factos, e o exame das causas que originarão espantosos desfechos, do que em arredondar periodos, escolher brilhantes figuras e animados tropos, desenhar caracteres, modelados

pelos de Plutarcho, e numa palavra relatar os acontecimentos, não como tinham sido, mas como deverião ser.

Não se pense porem que o nosso historiador se descurasse dos deveres d'estylista, a ponto de tornar-se tediosa a leitura da sua obra; pelo contrario é ella attractiva e interessante, e em muitos lugares consegue igualar e até exceder o seu modelo. Haviamos reconhecido e proclamado esses caracteristicos <sup>1</sup> antes que tivessemos a ventura de ve-los abonados por auctoridades dignas de todo o conceito e veneração; referimo-nos aos srs. Pinheiro Chagas e Rebello da Silva.

Num substancioso artigo inserto no tomo IX do *Archivo Pittoresco*, assim se exprime o primeiro d'esses criticos.

« Mas si o estylista não pôde por forma alguma competir com a eloquencia magestosa de João de Barros; si a lingua portugueza sem perder uma só das suas galas, e sem se desfigurar com europeis não ganha novos esplendores, e espera que a voz poderosa d'Antonio Vieira alevante de novo á alturas vertiginosas, em compensação o historiador, o narrador, e o apreciador dos factos não só não fica inferior a João de Barros mas até mesmo o excede. É nisto que vemos o acerto com que Diogo do Couto, escolhendo um outro rumo, conseguiu resplandecer com luz propria na lista dos nossos chronistas, e não ficar sepultado no immenso fulgor que irradia o genio do amigo de D. João II. Narrando com singeleza, mas narrando com exactidão e apreciando com supremo tacto Diogo do Couto torna-se credor da estima da posteridade, a quem ás vezes revoltão as apreciações cortezãs de J. de Barros, e a ausencia do sentimento do justo que nacionaes e estrangeiros encontram nessas paginas soberbas, onde os esplendores da phrase podem occultar a suprema indiferença com que o chronista das Indias narra os actos de crueldade, d'avareza, e de injustiça praticados por nossos valentes mas ferozes avoengos. »

Na sua infelizmente interrompida *Historia da Portugal nos Seculos XVII e XVIII* exarou o sr. Rebello da Silva o seguinte laudo:

<sup>1</sup> Vide o nosso *Curso Elementar de Litteratura Nacional*, Paris 1862.

« Diogo do Couto, encarregado por Philippe II de continuar as *Décadas de India* não podia competir com as prendas que assegurarão a Barros a reputação merecida d'eminente prosador. Muito inferior, como estylista, suas faculdades erão contudo mais apropriadas ao officio de historiador, e a rapidez com que compunha parece quasi inacreditavel. Desde que acceitou completar as narrações de Barros até 1616 em que falleceu, sete decadas divididas em muitos livros, provarão a sua fecundidade, fadiga improba aggravada pela leitura dos documentos e memorias que teve de consultar! Muito mais imparcial e menos aulico do que o seu predecessor homem honrado e inimigo jurado dos abusos, como demonstrão os dialogos do *Soldado Practico*, não esconde, nem attenua a hediondez dos vicios, nem disfarça, ou desculpa as acções torpes. Antevê-se, lendo-o, e notando as sombras do quadro qual será em breve o desenlace da lucta, que só uma raça forte, verdadeira raça de gigantes, poderia sustentar. O lavor da phrase não o seduz. Timbra em ser justo e exacto, e a locução clara, e por vezes sentenciosa exprime quasi com lealdade os sentimentos que o inspirão. Quando o assumpto sóbe, sabe subir com elle, e a vehemencia e os affectos, as pinturas energicas e os traços dedicados não assustão o seu talento, mas não o tentão. Hyperboles arriscadas e conceitos refinados menos proprios d'um gosto puro, quebrão em parte a belleza desaffecteda de seu livro. Estes pronuncios por pouco repetidos, se já accusão a decadencia, ainda apparecem felizmente como nodoas fugitivas <sup>1</sup>. »

Apesar do apuro com que Diogo do Couto evitava as syrtes do gongorismo nem assim poudedeixar algumas vezes de nellas roçar a quilha do seu vistoso e empavezado baixel. Os trocadilhos que passavão em seu tempo por lampejos d'espírito brilhão, quaes lentijoulas, nas laudas da sua preciosa obra e destoão da linguagem fluente e despretenciosa que lhe constituem o fundamento. Não lhe foi outrosim possivel escoimar e estylo das hyperboles arrendilhadas, dos ociosos ou sedicões epithetos, e d'esses sinuosos hyperba-

<sup>1</sup> Vide o tomo V, livro XIII, cap. IX.

tons, que suspendendo a attenção do leitor, e conduzindo-o por entre meandros de filagranosos periodos, embarração e difficultão a simples e boa comprehensão do pensamentos.

Bem que lhe reconheção todos os criticos dotes rarissimos para a sua epocha, como por exemplo o da imparcialidade, não se pôde todavia escurecer que nem sempre tomou-a por guia de suas apreciações quando teve de julgar os feitos dos adversarios de seu paiz, ou da sua crença.

BRITO (*Frei Bernardo de*);— Chamava-se no seculo Balthasar de Brito e Andrade nasceu no anno de 1569 na villa e praça d'Almeida. Ainda menino acompanhou seu pai, o capitão Pedro Cardoso, a Flandres a Italia, onde foi mandado servir pelo intruso governo castelhano. Neste ultimo paiz ponde aproveitar do grande desenvolvimento das sciencias e letras, dando se ao estudo das humanidades e com grande afinco ao das linguas grega, hebraica, chaldaica e syriaca, alem da latina que como a propria conhecia. Applicou-se igualmente aos mais cultos idiomas da Europa moderna, principalmente ao hespanhol, italiano e francez. Cultivou com esmero a poesia do que deixou-nos irrefragavel testemunho na lyrica denominado — *Sylvia de Lisardo*. —

O grande amor que desde a puericia revelara pela meditação levou-o a procurar o abrigo do claustro dando preferencia ao da ordem de S. Bernardo, no qual professou em 1585 contra a vontade paterna que desejava outra applicação ao seu grande talento e descomunal erudicção.

Nomeado chronista da ordem escreveu a *Chronica de Cister*, que Costa e Silva, qualifica da obra mais bem acabada que neste genero possuimos.

Em 1612 recebeu o titulo de chronista-mór do reino, e com elle o encargo d'escrever a vida d'el-rei D. Sebastião, do que consta se desempenhára num volume que nunca viu a luz da imprensa por motivo que nos é desconhecido.

Foi tambem auctor d'outra obra que se crê perdida a que dera o titulo *Tractado da Republica Antiga da Lusitania*, dedicada a serenissima senhora infanta D. Isabel Clara Eugenia em 21 de março de 1596

Os *Elogios dos reis de Portugal com os mais verdadeiros retratos que se poderam achar, dirigidos a el-rei catholico D. Philippe, terceiro do nome.* — sahirão das officinas de Pedro Craesbeeck em 1603, e encerrão os requintes da elo quencia encomiastica com a concomitancia de falsas imagens e phosph orescentes figuras.

Dotado de sincero patriotismo resistiu sempre às solicitações de compor sua obras em peregrino idioma ; dizendo « — *que seria indigno do nome portuguez em ter tão pouco conhecimento da lingua patria que a julgasse por inferior á castelhana...* »

Cozou Fr. Bernardo de Brito de grande consideração dentro e fora do claustro honrando com seu muito saber os diplomas de doutor em theologia pela universidade de Coimbra, e chronista da sua congregação, para que foi escolhido antes que D. Philippe o designasse para succeder a Francisco de Andrade no cargo de chronista-mór do reino. Alquebrado por excessos de trabalho falleceu da vida presente na villa d'Almeida, onde nascera, quando apenas contava quarenta e oito annos de idade.

A principal obra de Brito é a vasta compillação historica que denominou — *Monarchia Lusitana* — cuja primeira parte sahiu a lume em 1597 com um appenso intitulado — *Geographia Antiga da Lusitania* —, e a segunda doze annos depois (em 1609).

Inspirando-se no exemplo de Garibay que começara a historia de Hespanha pelo diluvio universal, deu principio á de Portugal pela criação do mundo ; e accumulando thesouros d'erudicção, suspendeu-a exactamente no ponto que devia servir-lhe de partida. Judiciosamente pondera Costa e Silva, que « Frei Bernardo de Brito foi um architecto que encarregado da edificação de um templo magnifico, traçou d'elle uma planta tão vasta que trabalhando toda a sua vida apenas conseguiu levantar-lhe o peristylo <sup>1</sup> ! ».

Graves tem sido as accusações formuladas entre este infatigavel escriptor, não faltando quem o acoime de destituido de critica, summamente credulo e até de falsario e forjador de documentos ! ! Infelizmente fundadas são algumas d'essa arguições e só podem

<sup>1</sup> *Ensaio Biographico-Critico*, tomo livro IX, cap. III.

achar attenuante na circumstancia de pertencer ella a uma época em que semelhantes fraudes passavão por actos louvaveis quando tinham origem no amor da patria e no desejo d'illustrar-lhe o berço com a aureola d'absurdas ficções. N'esta consideração pode-se ainda addiccionar outra nascida da impureza das fontes a que devera ir buscar o genesis da sua historia, fontes hoje reconhecidas d'espurias, mas que então passavão por superiores a toda a excepção. Em mais d'um lugar da *Monarchia Lusitana* descobre-se o intento que tinha em mente de provar que desde as mais remotas éras existira a autonomia portugueza, e que os dois povos habitantes da peninsula, bem que de commum origem, tinham physionomias distinctas ; e que se recordar que era isto escripto durante o dominio hespanhol e que a obra fóra dedicada a um monarcha d'essa nação, confessará que debaixo do habito de S. Bernardo pulsava um coração verdadeiramente patriotico, que no silencio do claustro lavrava um protesto contra a usurpação dos Philippes.

Si prescindirmos dos predicados incompativeis com as ideias do tempo e com a educação litteraria do auctor, e analysarmos a obra no ponto de vista do estylo e da vernaculidade seremos obrigados a reconhecer que é uma das mais aprimoradas, podendo a sua elocução servir de modelo de pureza e correcção. Ao invez dos chronistas contemporaneos, anima se Brito com a narração dos factos de importancia absoluta, ou sequer relativa, traça vigorosamente os caracteres dos personagens, e nos quadros de batalhas, combates, ou cataclysmos da natureza, não desdenha o felicissimo emprego do colorido de lingugem.

O mallogrado historiador que a morte acaba d'arrebatar á estima e gratidão de quantos fallão a lingua portugueza, assim se exprime tratando do auctor da *Monarchia Lusitana*:

« Frei Bernardo de Brito nascera com a imaginação prompta e inflamavel d'um poeta. Ha capitulos na sua *Chronica de Cister* que os melhores coloristas das escolas modernas invejarião. Grande pureza e abundancia na dicção enobrecião os outros dotes do espirito, ministrando áquelle fino pincel, tintas para os mais delicados cambiantes. Mais curioso do que investigador, a sua erudicção, menos profunda do que extensa, procura o aparato e nem sempre encon-

tra a realidade. Visitando quasi todas as ruinas e logares notaveis do paiz, colligira copiosos apontamentos de todas as antiguidades, mas a critica leviana das apreciações, o pouco escrupulo das asserções, e ás vezes a credulidade voluntária, roubão á I e II partes do vasto monumento de que lançou os alicerces o conceito e a auctoridade desmentidos pela introduccão d'erros e fabulas indesculpaveis. Brandão <sup>1</sup> recommenda-se justamente pelas qualidades contrarias. Infatigavel na averiguação dos cartorios do reino e no exame das chronicas nacionaes e estranhas, até das mais raras, não acceita para a laboriosa reconstrucção das primeiras epochas da nossa historia senão materiaes escolhidos e de provada solidez. A veracidade que Brito tantas vezes ousara tratar de leve, serve-lhe a elle de divisa, e a sua rara comprehensão do sentir e crer da meia idade portugueza, maravilhosa em um escripto do seculo XVII, quasi sempre adivinha sem esforço a indole e a significação dos factos e as verdadeiras razões d'elles. Methodico, lucido e circumspecto destrama sem precipitação o fio dos acontecimenlos, pinta os homens e as cousas como as viu, e sem se remontar a grandes alturas nunca descae da gravidade e singeleza cultas <sup>2</sup>. »

## BIOGRAPHIA

SOUSA (*Frei Luiz de*): — Antes da sua profissão religiosa chamava-se Manoel de Sousa Coitinho, e nasceu em Santarem no anno de 1555, segundo a opinião de alguns biographos, ou nos de 1557-1559,

<sup>1</sup> Frei Antonio Brandão, monge cisterriense da congregação de S. Bernardo, nasceu em Alcobaça em 1584 e ahi falleceu em 1637. Professou a 27 d'outubro de 1599, indo depois estudar a Coimbra em cuja universidade graduou-se em theologia, exercendo depois os honrosos cargos d'abbade do mosteiro do Desterro da cidade de Lisboa, geral da ordem, e chronista-mór do reino, em substituição ao seu douto co-religionario Frei Bernardo de Brito, cuja obra (a *Monarchia Lusitana*) addicionou com a III e IV partes, que deleve-se no reinado de D. Affonso III. A III parte foi publicada pela primeira vez em 1630, e a IV em 1632, sahidas ambas das officinas de Pedro Craesbeeck. Diz-nos o senhor Innocencio da Silva que a III parte fôra reimpressa em 1690, e novamente em 1806 por deliberação d'Acad. Real das Sciencias, e a IV em 1725 com additamentos do padre Bayão.

<sup>2</sup> *Hist. de Portugal nos seculos XVII e XVIII* por L. A. Rebello da Silva, tomo V, Livro VIII cap. IV.

conforme as supposições do sr. A. Herculano. Foi o quarto filho de Lopo de Sousa Coutinho, e de D. Maria de Noronha, pessoas de grande nobreza de sangue e de merecimentos. Applicou-se desde a puericia ao cultivo das letras, não tanto por propria vocação, como para conformar-se com os exemplos domesticos <sup>1</sup>.

Não lhe cabendo o morgadio que existia em sua familia, dicidiu-se pela vida militar, e findo os preliminares estudos alistou-se na ordem de Malta; tendo a desgraça de ser aprisionado pelos mouros e levado captivo a Argel, onde permaneceu dous annos. Resgatado em 1557, no mesmo anno do fallecimento de seu pai, regressou a Portugal por via de Hespanha, desistindo do proposito de professar na religião de Malta, contrahiui matrimonio com D. Magdalena de Vilhena, casada em primeiras nupcias com D. João de Portugal, que se cria morto na batalha d'Alcacer-Kibir. As circumstancias que acompanharão esse consorcio, assim como as suas relações em Argel com Miguel Cervantes, servirão de thema para duas lendas que aureolão a já de si romantica vida do grave e circumspecto escriptor <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Lopo de Sousa Coutinho gozou entre os contemporaneos dos fóros de homem de bastante illustração, tendo sido auctor d'algumas obras de intrinseco merito, entre outras a *Historia do primeiro cerco de Diu*.

<sup>2</sup> Frei Antonio da Encarnação, no prologo da sgunda parte da *Historia de S. Domingos* diz o seguinte:

« Estando D. Magdalena na sua quinta d'Almada a conversar com frei Jorge Coutinho, irmão de Manuel de Sousa Coutinho, que então se achava ausente de-rão-lhe recado que lhe desejava fallar um peregrino chegado de fóra do reino. Introduzido, disse este que vinha de Jerusalém, onde fôra ter com elle um portuguez e lhe pedira, sabendo que partia para o reino, que procurasse por D. Magdalena, e si fosse viva lhe dissesse que ainda por lá vivia quem d'ella se lembrava. Ficou D. Magdalena sobresaltada; e inquirindo do peregrino que estatura de corpo, feições e côr de rôsto, tinha o homem que lhe dera o recado, tudo que a tal respeito foi por elle descripto quadrava ao vivo com a pessoa de D. João de Portugal. Teve D. Magdalena um desmaio; e que vendo frei Jorge, levou o peregrino para uma sala, onde, entre outros retratos, se achava o de D. João de Portugal, e disse-lhe: si virdes a imagem do homem que vos deu o recado em Jerusalém conhece-lo-hias? Respondeu o peregrino que sim; e correndo os olhos pelos retratos apontou sem demora para o de D. João de Portugal dizendo: — é aquelle — e despediu-se.

« Quando voltou Manuel de Sousa Coutinho deu-lhe D. Magdalena de Vilhena conta do succedido; e ambos por instigações d'este, tomarão o accordo de separar-se para sempre, entrando elle para o convento de S. Domingos de Bemfica, onde a cabo d'um anno de noviciado, professou a 8 ee setembro de 1614, e ella para o

No recesso que voluntariamente escolhera, viveu desenove annos durante os quaes recusou-se aceitar qualquer cargo, á excepção do de chronista, que com grande mestria desempenhou compondo, ou retocando trabalhos indigestos, onde só poderia colher factos e datas, não se dispensando todavia de faze-los passar pello esmeril da critica. Nesse arduo mister chegou á idade de 73, ou 75 annos, fallecendo em 1632.

A unica obra original que possuímos d'este aprimorado auctor é a intitulada *Annaes d'el-rei D. João III* que se conservarão ineditos até o anno de 1844 em que o senhor Alexandre Herculano os entregou ao prelo. Dando conta dos motivos que o impellirão a essa publicação diz o eximio editor na *Advertencia Preliminar* :

« O apparecimento d'uma obra de frei Luiz de Sousa, obra que indubitavelmente existira nos tempos passados, e cuja perda que já se cria irreparavel, todos os homens de letras lamentavão, é um successo importante nos annaes da litteratura portugueza; importante para a historia, para a lingua e para a biographia d'um dos nossos mais illustres escriptores.

« Embora não seja preciso ler muitas paginas do presente livro, para se poder affirmar que as traçou a mesma penna que escreveu a

mosteiro do Sacramento, onde professou na mesma data com o nome de soror Magdalena das Chagas. Nem d'ahi em diante se virão mais, nem sequer escreverão. »

Esta tradição que nenhum outro fundamento tem, ministrou a Garrett assumpto para o melhor drama de que até hoje se honra o theatro portuguez (o *Frei Luiz de Souza*.)

As relações, amigaveis entre Miguel Cervantes de Saavedra e Manoel de Sousa Coutinho, socios no captiveiro d'Argel, tem por base uma passagem do romance do primeiro intitulado *Persiles e Segismundo*, em que se falla d'um certo portuguez d'identico nome. Explicando essa coincidencia, escreveu o senhor Camillo Castello-Branco estas mui ponderosas palavras :

« A meu juizo, o auctor de *Persiles y Sigismundo* usou d'um nome portuguez que succedeu ser o d'um captivo seu coevo na escravidão d'Argel; ou porque lhe chegasse a noticia de tal escravo com alguma historia diversa d'amores, ou casualmente lh'o desse assim a phantasia quando compunha a novella. Inferencias de intimidade entre os dous insignes escriptores só poderá tira-las do lugar citado da novella quem tiver mais paradoxal imaginação que a do novellista. »

(*Mosaico e Sylva de curiosidades Historicæ, Litterariæ e Biographicas* — Porto — 1863 —).

*Vida do Arcebispo de Braga e a Historia de S. Domingos*, nós hesitaríamos todavia em estampar com o nome de Frei Luiz de Sousa no rosto do manuscripto que tivemos a boa dita d'encontrar, si as allusões do chronista no decurso da Chronica, si as declarações por elle feitas no principio da sua collecção d'apontamentos, e mais que tudo o authographo do proprio manuscripto, não tirasse qualquer sombra de duvida que podesse recescer sobre o verdadeiro auctor d'elle. »

Passando depois a aquilatar o merecimento litterario do seu *precioso achado*, acrescentava o mesmo sr. Herculano:

« Ha muitos annos que a perda da chronica de D. João III se deplorava. Deplorava-se não só por ser obra de Sousa, mas porque, sendo a sua materia mais alta e de mais substancia que a *Vida do Arcebispo e a Historia de S. Domingos*, o maravilhoso estylo do auctor subiria em quilates á proporção do objecto. Nesta parte parece-nos que as conjecturas passarão além da realidade, ao menos d'aquellas que nos resta. Si, como é de crer, Frei Luiz de Sousa, cumprindo as ordens de Philippe IV, entregou uma copia da primeira parte do seu trabalho nos principios de 1632, esta sahiu por certo de suas mãos com aquelle grão de primor que d'elle se esperava ; porque estando, como vimos, concluida em 1630, o tempo que decorreu até começar a segunda parte, podia e devia gasta-lo em por-lhe a ultima lima. E de feito, no manuscripto todo o livro primeiro se conhece ser já copia, posto que da mesma letra do auctor, e cheio de muitas emendas, mais d'estylo e linguagem que d'outra cousa. D'ahi avante, é o proprio borrão original o que temos diante dos olhos : é a primeira e quasi impensada inspiração do escriptor : é a estatua de Miguel Angelo onde apparece o desbistar firme e seguro do grande mestre, o palpar dos membros, o lançar das roupas, o avultar do rosto, mas onde faltão os derradeiros traços que hão de dar suavidade, graça e perfeição a tudo ; onde falta este ultimo halito em que o artifice, semelhante ao Creador, diz á sua obra — vive —. »

A *Vida de D. Frei Berthomeu dos Martyres, da Ordem dos Prédigadores, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas, repartida em seis livros com a solemnidade da sua trasladação*, escripta em lingua castelhana por Frei Luiz de Cácegas, foi refor-

*mada no estylo e ordem, e ampliada em successos e particularidades*, por Frei Luiz de Sousa, e sahiu pela primeira vez dos prelos de Nicoláo Carvalho, estabelecido n'anti ga villa (hoje cidade) de Vianna no anno de 1619 <sup>1</sup>.

A modestia, ou antes a sublime humildade, do chronista portuguez levou-o a dar-se como mero compillador do castelhana, cuja obra completamente refundira, dando-lhe forma litteraria que absolutamente faltava-lhe e corrigindo não poucos equivocos e até erros que lhe havião escapado. Sem o minimo escrupulo podia Sousa apresentar-se como auctor d'essa biographia na qual por certo teve muito maior parte do que o seu confrade hespanhol, occultou-se porem á sombra d'elle; o seu agigantado vulto excedendo muito ao de Cácegas, assemelha-se a uma estatua que se ergue sobre mesquinho pedestal.

Tanto por suas qualidades intrinsecas como pelas extrinsecas deve ser esta obra considerada como modelo digno d'assiduo estudo e imitação. Visitou quasi todas as localidades illustradas pela presença do grande arcebispo, que, como acertadamente reflecte o senhor Ferdinand Dénis, tanta analogia apresenta com Fénélon, inquiriu coevos e competentes testemunhos, e munuiu-se d'uma provisão de factos, que por vezes sobrecarregão a narrativa e demorão a acção. Possuindo como nenhum outro prosador os segredos da linguagem vê-se que experimentava certa satisfação em adornar de flores a pobreza dos assumptos e prender a attenção dos leitores pela magia do estylo. E esse estylo nada tem d'artificial e rebuscado, é puro, simples, fluente, mana doce e suavemente á maneira do regato que serpeia por entre as flores d'um jardim.

*A Historia de S. Domingos particular do reino e conquistas de Portugal* por Frei Luiz de Cácegas, chronista da ordem, *reformada em estylo e ordem e ampliada em successos e particularidades* por Frei Luiz de Souza, foi impressa a primeira parte no convento de Bemfica

<sup>1</sup> Segundo o testemunho do senhor Innocencio tem tido até hoje cinco edições, sendo a ultima a de 1850 em dous tomos de 8º.

em 1623, a segunda em Lisboa em 1662 e a terceira tambem em Lisboa em 1678 <sup>1</sup>.

É essa historia um dos mais e smerados escriptos que existe em lingua portugueza, tanto em su substancia como principalmente em fórma. Indisputavel é o interesse que se liga aos annaes da celebre instituição, que se constituirá primeiro tribunal da orthodoxia, especie d'alfandega religiosa que malsinava a introd ucção das novas ideias. Com o mesmo delicado pincel com que retocára os grosseiros esboços de Frei Luiz de Cácegas na *Vida de D. Frei Bartholomeu dos Martyres* soube dar nova expressão e mais vigoroso colorido á chronica da ordem, que, assim transfo rmada, tornou-se d'agradavel e attrahente leitura.

Quem ha ahi, medianamente versado na lição dos nossos classicos, que não haja lido, cheio d'arroubo, a magnífica descripção que fez do convento de Bemfica? D'entre os innumerados testemunhos d'admiração que tem merecido esse precioso trecho d'eloquencia, citaremos o d'um compatriota nosso, cuja laboriosa existencia escoou-se em manusear thesouros litterarios.

« Começa o auctor (diz Sotero dos Reis) por descrever todos os accidentes do terreno em que se acha edificado o convento de Bemfica com a sua vasta cerca, não lhe escapando um só que possa servir á clareza, ou dar realce á pintura, como o valle formado por dous graciosos outeiros, em um dos quaes assenta o edificio; o ribeiro que o corta, e fuge por uma estreita garganta: depois a frescura das aguas que jorrão em fontes, estendem-se em tanques e formão lagos, ou piscinas pelos lugares do convento, onde podem ser necessarias; os conductos que a trazem; as arcadas que a protegem; o frondoso das arvores sylvestres e fructiferas que as ensombrão, e d'ellas se alimentão e reverdecem; a amenidade dos jardins que deleitão o olfacto; a verdura das hortas que encantão os olhos; as soberbas vistas que se gozão de diversos sitios e posições; e por ultimo o

<sup>1</sup> Diz o senhor Innocencio da Silva que d'essas tres partes, da lavra do nosso auctor, assim como da 4.<sup>a</sup> devida a Frei Luiz de S. Catharina, tirou-se uma segunda edição em quatro tomos em 1767.

edificio; isto é, a igreja com o seu claustro, sua sacristia, seus dormitórios e officinas, onde o util se reune ao agradável <sup>1</sup>. »

Aferida pelo thermometro da critica, mais d'um defeito intrinseco se lhe poderá notar: no nobre empenho d'accumular feitos gloriosos para a ordem que espontaneamente abraçára, não foi Sousa bastante severo em inquirir a procedencia e o quilate d'esses feitos; mas antes, cedendo ao natural pendor que o levava para o maravilhoso, acolheu com extrema indulgencia as tradições milagreiras, e illuminou as fabulas do povo com a doce e suave luz do seu mavioso e inimitavel estylo. Muito seria para desejar que tão illustrado varão se soubesse erguer acima dos abusões contemporaneos; e, inspirando-se tão sómente na verdade, erigisse por suas piedosas mãos o maior padrão da gloria litteraria de sua patria.

FREIRE D'ANDRADE (*Jacyntho*): — Nascido em Beja em 1597 e fallecido em Lisboa em 1657, foi presbytero secular, bacharel em canones, e abbade da igreja de Santa Maria de Chans no bispado de Vizeu.

Destinado por seus pais á carreira ecclesiastica fez seus estudos nas universidades d'Evora e de Coimbra, na qual graduou-se, depois do que passou-se à côrte de Madrid, d'onde não tardou a regressar provido na abbadia de N. S. d'Assumpção de S. Bade, uma das mais rendosas de Traz-os-Montes, que mais tarde trocou pela de S. Maria de Chans, por se lhe antolhar ainda mais pingue.

Apesar dos favores recebidos do governo hespanhol não vacilou Jacyntho Freire no partido que devera seguir quando em 1º de dezembro de 1640 rebentou o brado da restauração de Portugal. Deixando o socego de sua abbadia apresentou-se a el-rei D. João IV, que tratou-o com a devida consideração, e, querendo utilizar-se das suas muitas luzes, confiou-lhe a educação do infante D. Affonso, que veio a reinar com o titulo d'Affonso VI. Recusou o abbade de Chans a honra que se lhe queria fazer, assim como a do bispado de Vizeu, com o que desagradou ao monarcha e aos cortezãos, que

<sup>1</sup> *Curso de Litteratura Portugueza e Brazileira* por Francisco Sotero dos Reis Tomo III, Livro III, Secção I, Lição XL.

tão pressurosos até ahí se haviam mostrado em aprazer-lhe. Vendo que da sua permanencia na côrte só desgostos poderia colher resolveu-se a voltar para o seu retiro, que mais tarde desamparou para ir fazer companhia a sua irmã D. Maria Coutinho, residente em Lisboa. Forão os derradeiros annos dedicados á poesia, em que todavia não primou, e á composição d'uma obra em prosa, que, apesar dos senões que lhe apontaremos, é um dos bellos documentos da biographia portugueza.

Seu titulo é — *Vida de Dom João de Castro, quarto visor-rei da India. Offerecida ao ill.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> sr. D. Francisco de Castro, do conselho geral do santo officio e de S. Alteza* <sup>1</sup>.

Em suas poesias, cujos specimens podem-se apreciar na *Phenix Renascida*, mostrara-se Jacyntho Freire ardente admirador de Marini e Gongora, e cobrando applausos da degeneração do gosto entendeu que convinha applicar a biographia do austero vice-rei da India os requintes d'estylo que então se denominava *cultismo*.

O immoderado uso das hyperboles, certa predilecção pela antithese, as constantes hyperbatons, e os circumloquios que escondem a oração principal em interminaveis labyrinthos, desgostão e afastão d'este livro os leitores educados na escola da senhora de Sevigné que, quando queria elogiar qualquer obra costumava dizer: *c'est un livre qui se laisse très bien lire*.

Escrevendo, a instancias d'um neto de D. João de Castro, abundante era a seára de documentos de que podia dispor, e dos quaes infelizmente pouco soube, ou quiz aproveitar-se, preferindo relatar os acontecimentos como se lhe figuravão em sua phantasia, e não como realmente se haviam urdido na tã da historia.

Essas maculas assáz sensiveis a quem desprevenido compulsa as paginas da *Vida de D. João de Castro*, forão postas em relevo pelo illustrado bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, no

<sup>1</sup> A primeira edição, sahida das officinas de Craesbeeck tem a data de 1651, e foi seguida de muitas outras que fielmente a reproduzirão. A mais estimada das edições d'esta obra é a de 1835, feita sob os auspicios d'Academia Real das Sciencias de Lisboa, enriquecida de raros e importantes documentos e illustrada com preciosas notas por D. Frei Francisco de S. Luiz.

parallello que estabeleceu entre o estylo do padre Jacyntho Freire d'Andrade e de Fr. Luiz de Souza :

« Si os escriptos de Souza são isentos, como dizia o censor Fr. Agostinho, *d'effeitos e artificios viciosos*, não podemos dizer outro tanto da *Vida de D. João de Castro*. Logo na primeira e segunda linha perde Jacyntho Freire o conceito de moderado, emprega uma agudeza, e uma agudeza que não é muito facil d'entender. No arcebispo (D. Frei Bartholomeu dos Martyres) vemos, tratamos o prelado e o homem; em D. João de Castro não vemos senão o soldado, e se vemos o homem é nas suas cartas, de que Freire nos offerece as copias. Um estylo tão discreto, tão agudo, tão affectado, não diz com heroe tão grave; diria melhor, por exemplo, com *Persiles e Segismundo*. Quer ser eloquente e não é senão inchado. A larga oração de Coge-Cofar não tem verosimilhança, nem tem em varios rasgos senso commum; e só poderá ser tolerada de portuguezes de quem é a satyra apparente e dissimulado elogio. Até o numero e cadencia das palavras, em todo o livro são pouco entendidas, porque fogem do que é dado á prosa e vão entrar no que pertence á poesia. A cada paragrapho, e quasi a cada oração topamos com versos. Não nego que com tantos e taes defeitos de substancia e forma tem tido estimação muito sustentada, o que é prova de merecimento; que se lê uma e muitas vezes com prazer e se imprimem facilmente na memoria do leitor e se conservão os seus fragmentos, o que tambem argúe muita valia, mas a nobre generosidade do assumpto, algumas sentenças justas, certas expressões bem achadas, grande concisão, e esse mesmo ar e tom poetico, são causas d'aquelles effeitos. As faltas de Freire d'Andrade convem com as de Souza em serem agradaveis; e o meu compatriota a par de Frei Luiz de Souza, traz a memoria, guardadas as proporções, Lucio Floro confrontado com Tito Livio, muito abaixo d'elle na verdade, sem ser todo desprezivel <sup>1</sup>. »

Pareceu demasiadamente severa a Sotero a critica do bispo de Vizeu, que acabamos de transcrever; não se deu porém ao tra-

<sup>1</sup> Vide *Obras do Bispo de Vizeu*, tomo III.

balho de refuta-la, antes deixando-se arrastar pelo enthusiasmo que lhe inspirara o estylo sesquipedal de Freire, abundou em amplificações do que a seu respeito escreverão *Candido Lusitano*<sup>1</sup> e Pedro José da Fonseca<sup>2</sup>. Os discursos entresachados na narrativa, á maneira de Quinto Curcio, a quem tanto buscou imitar, são uma das maiores inverosimilhanças d'essa biographia, e provão o grande apego que tinha ao autor aos exercicios declamatorios com que a rhetorica grega e romana, adultera o brilho da verdadeira eloquencia. Comparem-se os originaes das cartas do heroe da India, que se lêem no supplemento da edição academica, com as arrebitadas epistolas que o abbade de Chans emprestou ao vencedor de Diu, e reconhecer-se-ha que os artificios gongoristicos estavam muito longe da tocante, e quiçá rude, simplicidade do guerreiro.

## ELOQUENCIA E EPISTOLOGRAPHIA

VIEIRA (*Antonio*): — Nasceu em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1608 e foi filho de Christovão Vieira Ravasco e de sua mulher D. Maria de Azevedo. Com oito annos incompletos passou-se á cidade da Bahia, então capital da America Portugueza, onde seu pae vinha exercer o cargo de secretario d'Estado. Precoce foi a manifestação do seu descommunal talento, e no estudo de humanidades assombrou os seus mestres, os jesuitas, que buscarão attrahi-lo para seu gremio, vestindo-lhe a roupeta, quando apenas contava tres lustros. A despeito da opposição paterna manteve-se o menino Antonio em seu proposito, e completado os dois annos de noviciado (em 1625) professou solemnemente fazendo voto de consagrar-se á catechese dos indigenas do Brazil e dos escravos africanos. Aos dezoito annos teve a incumbencia de redigir na lingua latina as *annuas*, relatorios dirigidos ao geral da ordem dando-lhe conta do estado das provincias, e tão satisfactoriamente desempenhou essa incum-

<sup>1</sup> Vide *Reflexões sobre a Lingua Portugueza*, por Francisco José Freire, (*Candido Lusitano*).

<sup>2</sup> Vide o *Catalogo que precede o Diccionario da Lingua Portugueza*, publicado pela Academia Real des Sciencias.

bencia que foi julgado digno de reger uma cadeira de rhetorica no collegio d'Olinda. Aos vinte e um annos foi elevado a professor de philosophia, sendo-lhe annullados os votos que fizera de dedicar-se á conversão dos gentios e africanos. Attingido a idade cãnonica (em 1635) recebeu o presbyterado, e entregou-se com santo ardor ao ministerio do pulpito.

No exercicio desse ministerio obteve os mais brilhantes triumphos do que ha noticia nos fastos da egreja lusitana, sendo notavel pelo seu merito e prioridade chronologica o celebre sermão pregado em 1640) *pelo bom successo das armas de Portugal contra a Hollanda* que mereceu ser traduzido em francez pelo padre Raynal.

Chegando nesse mesmo anno a Bahia a noticia d'acclamação de D. João IV, foi o padre Vieira mandado a Lisboa em companhia de D. Fernando de Mascarenhas, enviado por seu pae, o marquez de Montalvão vice-rei do Brazil, a cumprimentar o novo monarcha. Quasi ao abicar as costas de Portugal assaltou horrivel procella o navio em que iam os messageiros que difficilmente poderão desembarcar em Peniche, onde o esperava tormenta de diversa especie. Consistiu ella n'uma reacção popular, de que ia sendo victima o joven Mascarenhas, a pretexto de que alguns membros da sua familia havião abraçado o partido d'Hespanha. Salvos por intervenção do conde d'Atougua, governador da praça, estiverão por algum tempo em custodia, até que, reconhecida a sua innocencia, forão postos em liberdade, podendo livremente desempenhar o mandato de que vinhão encarregados.

De tal modo soube o padre Vieira captar a benevolencia d'el-rei que no dia 1º de janeiro de 1642 pregou perante a cõrte na capella real, produzindo desde logo extraordinaria impressão no animo dos ouvintes. Não tardou que D. João IV o quizesse prender intimamente a sua pessoa e interesses nomeando-o pregador regio e mestre do principe herdeiro e dando-lhe todas as mostras de confiança e consideração. Como soe acontecer causou isso inveja da parte dos seus proprios irmãos de habito que por pouco tiverão o pensamento d'eliminá-lo de suas fileiras. Constando á el-rei que se preparava tal desar a um dos ecclesiasticos mais eminentes do reino mandou-lhe offerecer uma mitra, como meio de sahir airosamente

da Companhia. Agradeceu Vieira a munificencia regia e manifestou o proposito em que estava de permanecer na Ordem, soffrendo resignadamente tudo o que lhe quizessem fazer. Á vista de tão nobre e christão procedimento desvaneceu-se a intriga e cessou e perseguição.

Cedo conhecerão os jesuitas o quanto perderião si semelhante homem se desligasse do seu instituto; por isso que não tardou em dar elle provas de ser o primeiro estadista de Portugal. Frequentemente chamado aos conselhos da corôa propunha os melhores alvitre; como fossem o da organização de duas grandes companhias de commercio (a oriental e a occidental); o do plantio no Brazil das drogas indiaticas para combater o monopolio do commercio hollandez; e o da compra de quinze fragatas levantando para isso um emprestimo de tresentos mil cruzados, que por seu proprio credito contrahiui.

Não só no reino se revelarão os singulares dotes do padre Vieira: mal parados andavão os negocios portuguezes nos paizes estrangeiros; por isso julgou el-rei conveniente envia-lo a Paris e a Haya, em delicadissima missão na qual houve-se com felicidade e presteza taes que já se achava de volta em agosto d'esse mesmo anno de 1646. No seguinte verão foi de novo mandado a essas capitaes passando por Londres e Douvres; e d'essa missão resultou a remessa de tres fragatas, construidas em Hamburgo, que entrarão o Tejo carregadas de petrechos bellicos.

Longe iriamos si quizessemos rememorar todas as commissões diplomaticas de que foi incumbido o illustre jesuita, bastando dizer-se que nada de difficil e delicado se fez nessa epocha, dentro e fóra do paiz, sem o seu voto e consentimento. Manuseando sua volumosa correspondencia, parte da qual ainda se acha inedita <sup>1</sup>, poder-se ha formar ideia da immensa capacidade d'esse padre, de cujas mãos pendião os enredados fios da politica de seu paiz.

<sup>1</sup> Adverte o senhor Innocencio da Silva (tomo VIII do *Dicc. Bibl.*) aos futuros editores das obras do padre A. Vieira, que na bibliotheca d'Evora existem vinte e uma cartas ineditas d'esse padre dirigidas ao marquez de Niza, assim como parece-lha que na collecção do senhor conselheiro Costa e Simas ha algumas cartas ainda não publicadas, escriptas pelo mesmo Vieira a Duarte Ribeiro de Macedo.

No apogêo do valimento experimentou Vieira novos effeitos da domestica inveja; parece que o seu vulto projectava demasiada sombra, porquanto vemo-lo partir para o Brazil (em 1652) em obediencia ás ordens de seus superiores ecclesiasticos. Collige-se da leitura das suas cartas que até á ultima hora esperava elle uma contra-ordem, que não sabemos porque motivo não lhe enviarão.

Foi o Maranhão o theatro escolhido para a exhibição de raros predicados até certo ponto antinomicos com os que tanto lustre lhe havião grangeado. Dissemos que em verdes annos aspirára Vieira a palma de catechista, e que só por obediencia deixára incumpridos os seus votos; parece porém que a Divina Providencia não quiz que menos admiravel fosse sob esse aspecto facultando-lhe ampla seára de louros na prégação do Evangelho á tribu dos *Poquizes*, habitadora das margens do Tocantins, e a dos ferozes *Nheengaibas*, contra os quaes se confessára impotente o governador Pedro de Mello.

Seis annos complectos empregou o padre Vieira nesses apostolicos trabalhos; e quiçá nelles proseguiria si a morte de D. João IV não viesse mudar o curso dos acontecimentos.

Sabido é quão desagradavel era aos colonos do Pará e Maranhão a liberdade dos indios; assim, apenas constou-lhe o passamento do monarcha, que se constituiria propugnador d'essa grande ideia, revoltarão-se contra os jesuitas que a punhão em execução e em seu desatino prenderão-nos e remetterão-nos para o reino. Foi o padre Vieira victima d'igual violencia quando pelos sertões do Pará andava annunciando a palavra divina, e com os seus companheiros soffreu os insultos e vilipendios da gentalha da cidade de S. Luiz do Maranhão.

Bem amarga desillusão o esperava tambem em Lisboa, não encontrando na rainha-regente aquelle favor e carinho a queo habituára seu fallecido consorte. Superou porém a eloquencia a frieza e a *razão d'estado*; visto como prégando diante da côrte no dia de reis do anno de 1662, tão viva e pathetica pintura fez da oppressão dos indios d'America, reduzidos a injusto e cruel captiveiro, que commoveu o auditorio, e com especialidade a rainha, que dias depois nomeou novo governador para o Maranhão com ordem de restabelecer as missões dos jesuitas, desaggravando os das injurias recebidas.

Dispertou-lhe a residencia na capital o gosto pela politica; assim, pois, adiando o regresso para o Brazil que se lhe offercia, preferiu deixar-se ficar no reino ingerindo-se nas desintelligencias entre a rainha, D. Luiza e seu filho D. Affonso VI; e mais tarde entre a d'este desditoso monarcha e seu irmão o principe D. Pedro, que veio a reinar com o nome de D. Pedro II.

D'essa sua ingerencia em negocios, totalmente alheios á sua profissão, provierão-lhe não pequenos desgostos e contrariedades, como fossem desterros e processos, v. g. o que lhe moveu a inquisição do Coimbra por motivo d'algumas proposições ousadas que lhe havião escapado no pulpito e em conversas particulares <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> « As suppostas heresias do padre Antonio Vieira (diz J. F. Lisboa) não erão mais do que extravagancias nascidas da sua singularidade e de certo torneio original do seu espirito, no modo de propor as cousas. Acabamos de ver os argumentos sublis e abstrusos que a inquisição empregava no refutar, vejamos agora como o padre A. Vieira propunha. O sermão do sanctissimo sacramento, prégado em Lisboa em 1645, offerece um exemplo notavel da maneira habitual com que tractava os assumptos theologicos, e bem podia figurar, pela sua incongruencia, entre os denunciados á inquisição. Propoz-se elle provar a verdade do mysterio da eucharistia, e a forma que preferiu foi a da refutação, que erão não menos de sete: um judeu, um herege, um philosopho, um politico, um devoto e o proprio diabo emfim.

« Quando chega ao ultimo, depois de comparar com o politico, chasqueando na forma do costume, continua por este teor: « O primeiro inventor (ninguem se espante do que digo) o primeiro inventor da traça, ou desenho do mysterio da eucharistia, foi o demonio. Quando o demonio tentou a Eva disse-lhe assim: *Comei do pomo vedado, porque no dia que comerdes ficareis com Deus (Gen es. III-5)*. Eis-aqui o mysterio da eucharistia, não só quanto á substancia, senão tambem quanto aos effeitos. Quanto á substancia, porque diz o demonio que está a divindade em um pomo; quanto aos effeitos, porque diz que comendo, o homem ha de ficar como Deus. Pois vem cá diabo. *De ore tuo te judico (Luc. XIX - 22)*. Se tu dizes que o homem comendo ficará como Deus, é que no pomo d'aquella arvore está encoberta a divindade, como negas que pode estar encoberta a divindade debaixo das especies do pão; e que comendo o homem pode ficar como Deus? O que Christo nos concedeu neste mysterio é o que o diabo nos prometteu no paraíso. Fez Christo verdadeira a mentira do diabo para d'esta maneira o vencer a elle, e nos desafrontar a nós. Christo fez da sua promessa dadiva, e da sua tentação sacramento. Da promessa do demonio fez dadiva, porque nos deu a comer a divindade que elle nos promettera comendo; e fez da sua tentação sacramento, porque consagrou debaixo das especies de pão o que elle fingira debaixo das apparencias de pomo. De sorte que o demonio ficou vencido, porque a sua mentira ficou verdadeira e o homem desaffron-

Ao cabo de seis mezes de reclusão foi-lhe relevada a pena e poudo reapparecer na cõrte onde triumphára o partido do infante D. Pedro pelo qual se bandeára. Rehabilitado em todas as suas honras e privilegios de novo fulgurou nos pulpitos prégando por essa epocha o memorando sermão de S. Ignacio, uma das mais esplendidas gemmas da sua corôa oratoria.

Readquirido o prestigio, por momentos eclipsado, pretendeu tirar desforra da injuria recebida; e para esse fim encaminhou-se a Roma (em 1669) com calorosas recommendações do principe-regente. Receberão-no os jesuitas com testemunhos de muito affecto e distincção, indo espera-lo a duas milhas da cidade e levando-o como em triumpho para o Gesù.

Nem menos fervoroso foi o acolhimento que lhe fizerão os portuguezes residentes na capital do orbe christão, e desejando mostrar o assombroso talento e peregrinos dotes oratorios de seu compatriota, pedirão-lhe que subisse ao pulpito em alguma grande festividade religiosa. Accedeu Vieira a esse anhelos, e fez o panegyrico de S. Antonio na igreja d'essa invocação que os portuguezes erigirão á sua custa; e mais tarde mostrou-se em diversos outros templos, vencida a repugnancia que ao principio mostrára d'orar em estranho idioma. Pode-se porém com verdade affirmar que todas as vezes que o padre Vieira usou da palavra, juntou novas flôres á sua grinalda oratoria. Estava-lhe porém reservada a maior e mais invejada de todas as glorias a que um pregador catholico pode aspirar: qual a de fazer-se ouvir pelo Summo Pontifice. Á instancia de Clemente X e da rainha Christina da Suecia abriu elle as torrentes de eloquencia e fez reboar pelas magestosas abobadas da basilica vaticana seus melodosos accentos.

D'elle só dependia fixar-se em Roma, e ahi gozar da privança do Papa e dos cardeaes, preferiu porém volver á patria, obtida a isenção da sua pessoa d'auctoridade do santo officio em Portugal;

tado, porque o seu engano ficou fé. O que crerão os nossos primeiros paes no paraíso é o que nós cremos no sacramento; elles erradamente ao diabo; nós acertadamente a Deus.» (*Vida do P. Antonio Vieira* no tomo IV das *Obras Completas de João Francisco Lisboa*, mais conhecido por *Timon Maranhense*).

sem que todavia alcançasse a revocação da sentença condemnatoria, que só foi cancellada.

« Não é crível (diz um seu biographo) que fosse o desapego das glorias mundanas que o arrancasse do splendido theatro de Roma para o restituir á patria, era antes a esperança de figurar nella, como no tempo d'el-rei D. João IV, sem que fossem cabaes a destitui-los de todo os muitos desenganos que recebera constantemente da cõrte e dos cortezãos. O principe regente é certo que continuou a dispensar alguns favores; e assim elle, como seus ministros, o consultavão em alguns pontos graves da politica e administração; mas apenas quanto bastava para o decóro, repellindo as mais das vezes na pratica os alvitres que parecião buscar com mostras de tanto respeito e attenção <sup>1</sup>.

Desgostoso de pouco apreço que davão aos seus conselhos e tambem da direcção que toma vão os publicos negocios solicitou licença para regressar á Bahia, para ahi findar seus dias no socego e recolhimento d'espírito dos quaes (dizia elle) tanto necessitava. Foi-lhe facilmente outorgada essa licença, e a 27 de janeiro de 1681 deixou pela ultima vez a barra de Lisboa.

Chegando á Bahia pouco de morou-se na casa capitular partindo logo para a *quinta do Tanque*, pittoresca solidão que possuião os jesuitas nos arredores da cidade do Salvador.

Por algum tempo pareceu Vieira absorto no estudo e na oração, empregando seus ocios em redigir os sermões que em varias epochas pregára e as cartas que a diversas pessoas escrevera.

Não tardou porém que d'essa quietação o distrahisse a desavença entre seu irmão Bernardo Vieira Ravasco, secretario do Estado, e o governador Antonio de Souza Menezes, alcunhado de *Braço de Prata*. D'essa desavença resultou a prisão d'um filho do dito Ravasco, e mais tarde d'elle proprio, accusado de mandante do homicidio d'um certo Francisco Telles de Menezes.

Não contente de ter arrojado n'uma enxovia incommunicavel ao

<sup>1</sup> *Vida do P. Antonio Vieira* por João Francisco Lisboa, no tomo IV das suas *Obras Completas* — Maranhão — 1865.

secretario d'Estado, levou o governador suas suspeitas á veneranda pessoa do padre Antonio Vieira, que dando-se por muito aggravado deixou o seu piedoso retiro para exigir condigna satisfação, longe de da-la, desattendeu-o o supradito governador, e repelliu-o com expressões affrontosas; e logo depois conhecendo o quão errado andára e temendo-se da influencia de que ainda gozava o celebre jesuita, despizou-se em calumnia-lo pintando-o nas communições ao principe regente como revel ás ordens regias e fautor de insubordinações.

Informado por seu sobrinho Gonçalo Ravasco d'Albuquerque do descredito em que estava no animo do regente, succumbiu o padre a tão grande dor, e assaltado por gravissima enfermidade quasi que tocou ás portas do tumulo. Como era porém d'esperar fez-se a luz, e de novo entrou nas regias graças, de que nos dão testemunho as encomiasticas expressões de que se serviu no sermão recitado por occasião das exequias da rainha D. Isabel de Saboya.

Accedendo aos instantes pedidos d'amigos e ardentes admiradores decidiu-se Vieira a pregar ainda alguns sermões; e quando dispunha-se a volver ao seu querido ermo do *Tanque*, veio surprehendelo a patente de provincial dos jesuitas do Brazil (em 1688). É verdadeiramente pasmosa a actividade desenvolvida por este exímio varão em tão adiantada velhice; com zelo juvenil attendia ás necessidades da administração interna, mantinha com el-rei assidua correspondencia sobre os negocios das missões, e ainda restava-lhe tempo para corrigir sermões que por essa epocha dava á estampa.

Protestou a natureza contra esse supremo esforço e os sentidos da vista e d'audição foram-lhe desemparando de modo que já o duodecimo volume dos seus sermões e a *Clave dos Prophetas* forão dictados a amanuenses.

Com quasi noventa annos de idade e setenta e cinco de habito falleceu o padre Vieira no collegio da cidade da Bahia aos 18 de julho de 1697, fazendo-se-lhe esplendidas exequias em que tomarão parte todas as auctoridades ecclesiasticas, civis e militares. Logo que chegou ao reino tão infausta noticia foi ella profundamente sentida, manifestando-se o luto nacional nos numerosos officios

funebres entre os quaes se distinguuiu o ordenado pelo conde da Ericeira, filho do auctor do *Portugal Restaurado*.

O grande homem cuja vida acabamos d'esboçar legou á posteridade dois immorreduros padrões da sua gloria litteraria nos sermões e cartas, sobre os quaes emitteremos rapido e imparcial juizo.

Ninguem antes do padre Vieira penetrára em Portugal nos arcanos da verdadeira eloquencia, e de quantos pregadores se conservava honrosa tradição, nenhum affrontára os raios da imprensa, sendo por isso impossivel aquilatar-lhe o merito. Não consentiu (em bem nosso) o espirito nimio vaidoso do padre Vieira que se escondessem nas minas da humildade os raios da sua eloquencia e razoavelmente collegiu-os em treze volumes que ainda em sua vida receberão as ovações populares.

Participava de quasi heterogeneos predicados ; possuia a violencia de Demosthenes, a abundancia e fluencia de Cicero, não desconhecia os recursos oratorios de S. João Crysostomo, nem o imaginoso estylo dos padres alexandrinos, entresachado de distincções e subtilidades. Arrastava-o o excessivo amor do paradoxo, era-lhe a antithese saboroso alimento, e nos requintes do espirito assemelhava-se aos que hoje chamariamos *calimburistas*. Abrão-se seus sermões e ver-se-ha que não exageramos o nosso veredicto, aliás apoiado em auctoridades de todo o peso e consideração. Preferimos d'entre outras a d'um doutissimo varão cujos escriptos em muito contribuirão para a restauração das letras em Portugal. Fallando da decadencia do pulpito pela funesta influencia do gongorismo eis como se exprimia o padre L. A. Verney.

« E começando pelo mais famoso o padre Vieira teve mui bom talento, grande facilidade para se explicar ; fallou mui bem a sua lingua, e nas suas cartas e auctor que se pode ler com gosto e utilidade. Quanto aos sermões e orações deixou-se arrebatado do estylo do seu tempo, e talvez foi aquelle que com o seu exemplo deu materia a tanta subtileza que são as que destroem a eloquencia. Nos seus sermões não achará V. P. artificio algum rhetorico, nenhuma eloquencia que persuada. Muitos que gostão d'aquellas galantarias lendo-o sahirão divertidos ; mas nenhum homem de juizo sahirá persuadido d'ellas. São d'aquellas teias d'aranha bonitas para

se observarem mas que não prendem a ninguém. Eu comparo esta sorte de sermões aos equivoccos que parecem bonitos a primeira vez mas quando se examinão de perto não concluem nada. Porque finalmente si V. P. ler os seus sermões e examinar as provas e artificios d'elles verá muitas cousas que cheirão á metaphysica das escolas mas achará alguma das que acima aponto como necessarias. Os exemplos que acima apontei são communmente tirados dos seus sermões, e com elles á vista poderá V. P. ver quantas coisas eu dei-xei que poderia apontar. Si isto se chama pregar, e pregar bem, eu deixo considerar aos desapaixonados <sup>1</sup> ».

Nos defeitos apontados pelo illustre arcediago d'Evora vê-se que pagou o padre Vieira pingue tributo ao máo gosto da epocha em que vivia, e que, sedento de popularidade, desdenhava os conselhos da boa razão, e renunciava quiçá o seu proprio esclarecido juizo. Nem d'outra sorte se poderão explicar as argutas extravagancias, os insensatos e irrisorios similes, o escandaloso abuso das sanctas escripturas, e a forçada intelligencia que procurava dar as sentenças dos doutores da Igreja. E tanto mais perigoso erão esses excessos quanto partião de tão auctorisada fonte, e despenhavão-se em torrentes d'arreatadora eloquencia, ou manavão suave e naturalmente como outr'ora dos labios de S. Basilio. Verdade é que raras erão as vezes que isso acontecia, porque o pathetico e o simples pouco se conciliavão com a indole batalhadora de discipulo de Loyola.

O que, quanto a nós, tem deslumbrado grande numero de criticos, é a admiração pelo magestoso estylo de Vieira e pelo cabal conhecimento que tinha da lingua vernacula de que ainda é um dos primeiros classicos. Cumpre porém que não nos olvidemos que o estylo e a linguagem são revestimentos, dotes extinsecos do orador, mas que só não podem conferir-lhe o ambicionado fôro. Sabemos que muitas das ousadias do eminente pregador tinhão razão d'exis-

<sup>1</sup> Vide o *Verdadeiro Methodo d'estudar para ser util á republica e á Igreja, proporcionado ao estylo e necessidade de Portugal, exposto em varias cartas, escriptas pelo R. P.\*\*\* Barbadinho da Congregação de Italia ao R. P.\*\*\* Doutor na Universidade de Coimbra*. Valença na officina de Antonio Balle-1746 tom. II

tencia nas circumstancias especiaes em que se achou collocado, confundindo muitas vezes o papel de ministro da religião com o tribuno, e verberando os erros, os desfaecimentos, e traições politicas com a mesma sancta indignação com que devera fulminar o peccado. Podem taes considerações servir d'attenuantes, nunca porém de justificação : são escolhidos meados a entrada dos portos que cumpre sejam assignalados aos inexpertos navegantes.

À imitação das de Cicero são as *cartas* do padre Vieira uma especie d'auto - biographia repleta d'abundantes dados para a historia de seu tempo. Mas tambem como nas do seu modelo ninguem vá ali buscar a expressão singela e desapaixonada da verdade, nem a expressão fiel dos sentimentos intimos do preclaro ecclesiastico. Talhado para a diplomacia conheceu e praticou, muito antes de Tayllerand, a funesta maxima attribuida a esse sagacissimo politico <sup>1</sup>; e na sua correspondencia vê-se que calculava o que escrevia, pesava o valor e o sentido claro e oculto dos vocabulos, e que só uma, ou outra vez, e, como a mão grado seu, escapava-lhe uma expressão de despeito, ou de desafogo.

Sublime, ainda nos soliloquios, nunca se julgava inteiramente isolado, parecia-lhe que os contemporaneos, ou talvez a posteridade, sempre o contemplavão; e nos momentos de mais intima expansão compunha a phrase, arredondava o periodo dizendo entre si — *plaudite*—. D'escola bem diversa da da marquezia de Sevigné não poderia dar a ninguem o conselho d'essa espirituosa escriptora a sua filha, a condessa de Grignan <sup>2</sup>.

Si nas laudas de suas *Cartas* não se espelha a alma do padre Vieira, si não são ellas photographias de seus mais reconditos pensamentos, impossivel é contestar o grande fructo que da sua leitura poderá colher quem desejar conhecer com proficiencia a enredada politica d'esse tempo. Iniciado nos maiores segredos, em immediata relações com os mais proeminentes vultos politicos, falla sempre o

<sup>1</sup> As palavras servem antes para esconder de que para manifestar os pensamentos

<sup>2</sup> *Laissez trotter la plume la bride sur le cou.*

jesuita *ex cathedra*, e sob as apparencias de modestia, ou humildade, occulta um orgulho só comparavel ao do correspondente d'Attico.

Descontados os senões, que uma imparcial critica não pode deixar de mencionar, como preservativo de funestas imitações, ainda assim muito fica para admirar, e muito de que a nossa litteratura pode justamente ufanar-se.

Privado d'auditorio que inspirava os vôos gongoricos e á puridade com seus amigos usava de linguagem mais chã e por vezes esquecia-se dos arrebiques da phrase para attender á essencia dos objectos. Releva outrosim que lhe reconhecamos o invejavel dote de accomodar o estylo ás circumstancias, e de praticar com os indoutos depois de haver admirado os sabios.

D'entre os encontrados juizos que havemos lido relativamente ao valor das cartas do padre Vieira, mais se coaduna com o nosso modo d'entender, o que passamos a citar copiado d'um auctor cujo voto em eloquencia sagrada é geralmente acceito e acatado.

« As *Cartas* do P. Vieira (diz o conego J. I. Roquette) posto que não tenham as graças das de Cicero, nem o delicado gosto das de Sevigné, são a umas e outras pouco inferiores na elegancia e nobreza de linguagem, e por ventura superiores na qualidade e importancia dos assumptos. São modelos de estylo epistolar, e não se encontram nellas aquelles defeitos tão frequentes nos sermões, de que tanto adoecia o seu seculo; por isso forão sempre tidos pelos portuguezes entendidos em muita estimacão <sup>1</sup>. »

#### QUARTO PERIODO (Seculo XVIII)

A *revolução fidalga*, que, na phrase do senhor Luciano Cordeiro <sup>2</sup>, quebrou no dia 1.º de dezembro de 1640 os ferros do captiveiro que por sessenta annos manietarão os pulsos do heroico Portugal,

<sup>1</sup> Vide *Cartas Selectas do P. Antonio Vieira*, precedidas d'um Epitome da sua vida e seguida d'um indice analytico dos assumptos e materias — Paris — 1838 —

<sup>2</sup> Vide — *Livro de Critica — Arte e Litteratura Portugueza de hoje* — Porto — 1869 — tomo I — Parte I.

não teve bastante força para liberta-lo do jugo da litteratura hespanhola, que ainda por largos annos continuou a manter exclusivo dominio. Já vimos que uma das manifestações d'esse dominio consistia no idioma do povo inimigo, empregado quasi que instinctivamente por benemeritos cidadãos, dedicados patriotas, como D. Francisco Manoel de Mello e o doutor Antonio de Sousa de Macedo <sup>1</sup>.

Não era ainda esse o peor dos males; comquanto poderosamente contribuisse para o apagamento da linha divisoria entre as duas nações peninsulares, facilitando d'ess'arte a perda d'autonomia portugueza. A poderosa voz do canhão reboando pelas quebradas de Montijo, Ameixal e Montes-Claros, dispertára de seus leitos marmoreos os heroes d'Aljubarrota, e a espada do condestavel D. Nuno Alvares Pereira flamejára ultriz nas mãos de Mathias d'Albuquerque, do conde de Villa-Flor e do marquez de Marialva. Recobrava-se nos hymnos da victoria o uso da lingua vernacula: o que porem permanecia immanente era o máo gosto, incestuoso filho do *cultismo*.

Contemplenos o quadro que d'esse periodo nos traçou um dos mais vigorosos talentos da geração contemporanea :

« O veneno de Gongora e Marini insinuava-se por todos os póros, e corrompia até as compleições mais robustas.

« Usavão aquellas excrescencias no estylo, como os signaes, os donaires e os riçados altos se trajavão nos atavios cortezãos, desfigurando a physionomia e as mais esbeltas proporções.

« O que não tinha resaibos d'artificio, uma tinta violenta e afogueada, desprezava-se como inferior á fama do escriptor; e por isso naquelle seculo, propenso ás agudezas e argucias de theses

<sup>1</sup> Verdade é que buscou esle ultimo attenuar o máo effeito resultante do uso d'estranho idioma escrevendo no prologo da sua obra — *Flores de Espana, Excelencius de Portugal* — estas notaveis palavras :

« Perdonad, si dexada la excelente lingua portugueza, escribo en la castellana; porque, como mi entento es pregonaros por el mondo todo, he usado desta por mas universal, y porque tambien los portuguezes saben estas excelencias, y assi para ellos no es menester escrevirias. »

e argumentos nebulosos, intrincados e sophistas, ninguem se eximiu inteiramente do contagio <sup>1</sup>. »

Para sanar os funestos effeitos d'essa geral decadencia forão lembradas diversas traças, merecendo preferencia a da creação d'academias e sociedades litterarias, que em Italia tinham andado muito em voga, e cuja repercussão em França derão origem aos famosos serões da marquezia de Rambouillet.

Em seguida á exaltação da dynastia de Bragança viu-se surgir em Lisboa e nas principaes cidades e villas do reino uma serie d'associações litterarias, cujas denominações, á guisa das italianas, nem sempre escapavão ás ervadas setas do ridiculo. Entre os mais celebres figuravão a academia dos *Generosos*, fundada por D. Antonio Alvares da Cunha, (em 1647) trinchante-mór de D. João IV, e restaurada por seu filho D. Luiz da Cunha; a dos *Singulares*, inaugurada a 4 d'outubro de 1663, o que funcionava na residencia de inquiridor-mór Pedro Duarte Ferrão; a *Sertoria* (d'Evora); a dos *Ambientes*, dos *Anonymos*, dos *Occultos*, dos *Ignorantes et reliqua prolis volucrum*, como diria Ovidio.

Cumpre exceptuar d'essa vegetação parasitica as *Conferencias discretas*, que, desde o anno de 1669, se celebravão na livraria do conde da Ericeira, e onde aos domingos á noite reunia se a flor da fidalguia portugueza afim de discutir pontos de philosophia, litteratura, linguistica, moral, etc; e em cujo gremio é mui provavel nascesse a ideia do *Vocabulario* do padre D. Raphael Bluteau primordio do *Diccionario* de Antonio de Moraes e Silva <sup>2</sup>. Não pode-

<sup>1</sup> Vide *Memoria sobre a Arcadia Portugueza* por L. A. Rebello da Silva, inserto no tomo I dos *Annaes das Sciencias e Letras* — Lisboa — 1858. —

<sup>2</sup> Consta este *Vocabulario Portuguez e Latino* de dez volumes que sahirão successivamente a lume de 1722-1727, e ácerca do seu merito conformamo-nos com o juizo do douto e laborioso bibliographo o sr. Innocencio da Silva, concebido nestes termos :

« O maior defeito d'este Diccionario (afora a sua nimia extensão e as intempestivas digressões trazidas á miudo pelo desejo d'alardear erudicção), é talvez, na opinião dos criticos, a falta d'escrupulo com que o auctor procede na auctorisação dos vocabulos; allegando indifferentemente a cada passo reputados classicos pelo consenso geral, ora com outros de inferior nota, que não devera citar. »

(Vide *Diccionario Bibliographico* tomo VII.)

rão porem os patrióticos esforços do douto amigo e correspondente de Boileau debellar a corrosiva influencia do *gongorismo*, que, semelhante á Phenix da mythologia grega, parecia renascer das suas proprias cinzas. Em improficuos tentames escoarão-se os reinados de D. João IV, D. Affonso VI e D. Pedro II; e só quando ao solio lusitano subiu D. João V foi que proclamou-se vencido perante a invasão da escola franceza, que esse monarcha favoneára por todos os modos.

Imitador de Luiz XIV lançou os fundamentos da *Academia de Historia Portugueza*, simulacro da franceza, e deu-lhe solemne consagração no dia 8 de dezembro de 1720. Ideou em Mafra um novo Versailles, no aqueducto das aguas livres um arremedo do de Maintenon, nas numerosas edificações do seu fastaso reinado seguiu os desenhos dos architectos francezes e até nos jardins dos fidalgos imperava o gosto do cavalheiros de Bernin.

Pode-se considerar como energico brado contra a má direcção dada aos estudos o erudito livro do arcediago d'Evora (*Verdadeiro Methodo d'Estudar*) publicado nos ultimos annos do reinado de D. João V, que tão fundos golpes descarregou na pedagogia jesuitica.

« Desde a philosophia (diz Rebello da Silva) e a theologia, até ás linguas orientaes e ás humanidades, Verney percorreu todas as provincias do saber, analysou as obras, avaliou os defeitos, indicou as fontes corrompidas, e inculcando ao mesmo tempo os bons principios, levou a luz ás trevas sem hesitar; e seguro de si e da razão, patenteou a verdade, castigando asperamente os auctores dos methodos existentes, que não duvidou qualificar de nocivos, de incompletos, e de si aptos para entreterem o gosto depravado, a falta d'erudicção, e um insanavel atrazo <sup>1</sup>. »

Releva outrosim mencionar como um dos maiores concurrentes para a restauração das letras o ensino dado á juventude pela congregação dos padres do Oratorio, altamente protegidos por D. João V, facto este que bastante singular pareceu ao sr. D. Antonio da

<sup>1</sup> Vide Memoria supra citada nos *Annaes de Sciencias e Letras* tomo I.

Costa, que na seu bellissimo livro sobre a instrucção publica em Portugal assim se exprime :

« O brado contra o ensino dos jesuitas partiu de Roma. Não está bem averiguado o enredo. É certo que D. João V mudára de confessor da comanhia para os congregados. Não erão indifferentes então circumstancias taes para a politica e administração do paiz. Ao pé do ensino dos jesuitas veio collocar se outra fonte de instrucção protegida pelo rei ; foi a congregação do Oratorio para a qual D. João V fundou o hospicio das Necessidades, que mandou considerar como collegio principal do ensino publico. D'ahi em diante os estudantes que se matriculassem na universidade forão dispensados de certidões do collegio das artes pertencentes aos jesuitas, bastando-lhes provar terem feito os exames perante a referida congregação de Oratorio <sup>1</sup>. »

Sabido é que á essa congregação pertencerão homens doutissimos, como os padres Theodoro d'Almeida e Antonio Pereira, cujas lições e escriptos assás contribuirão para a diffusão das luzes, tanto no reino como nas colonias.

Com o leuavel fito d'auxiliar a regeneração que se operava entenderão alguns homens eminentes que conviria fundar-se uma associação, moldada pela *Arcadia Romana*, e cujo programma consistisse em apurar o gosto fazendo passar as obras de seus membros pelo esmeril da critica.

Tal foi o genesis d'*Arcadia Portugueza* <sup>2</sup> que em setembro de 1756 fundaram dois illustres magistrados, Antonio Diniz da Cruz e Silva e Manoel Nicoláo Esteves Negrão.

Approvados os estatutos pela auctoridade competente começou a funcionar em julho de 1751 não se descuidando d'amparar-se sob a egide do preclarissimo Sebastião José de Carvalho e Mello, mais conhecido por marquez de Pombal.

Como seu emulo (o cardeal de Richelieu,) folgava o poderoso

<sup>1</sup> *Historia da Instrucção Popular em Portugal* — Lisboa — 1871 —

<sup>2</sup> Esta associação é tambem conhecida pelo nome d'*Arcadia Ulysiponense* que parece lhe haverem dado os seus fundadores.

ministro de D. José I de tomar ares de Mecenas ; e em seus minutos ocios, dirigia-se algumas vezes a livraria do hospicio de N. S. das Necessidades, ou á sala da junta do commercio, metamorphoseadas em Ménalo, com grande alvoroço dos árcades que se expandião em jubilosos idyllios.

Apezar da reconhecida subserviencia dos Melibeus e Mopsus causou esse cenaculo alguma inquietação ao prespicaz politico, que dispersando, ou perseguindo os que mais perigosos lhe antolhavão, deixou-o definhado d'inanição.

Sem que se deva negar a relevancia dos serviços prestados á causa do bom gosto por essa instituição no periodo de vinte annos de existencia importa que se diga que a sua influencia foi por demais circumscripta, visto como limitou-se á plastica imitação da classica antiguidade, ou do renascimento italiano e francez. Jamais preocupou-se com o povo cujas crenças e tradições, sempre desprezou, por isso que as reputava bárbaras e indignas das cogitações dos doutos. Foi talvez por tal motivo que não lamentou o povo o desaparecimento d'essa, aliás importante, associação.

Dispertado o gosto pela cultura do espirito entendeu o governo que não lhe convinha entrega-la a iniciativa particular, e amestrado pelo malogro d'*Academia da Historia Portugueza* firmou sobre mais amplas e solidas bases outra a que deu o titulo d'*Academia Real das Sciencia de Lisboa*, creada por decreto de 24 de dezembro de 1779, tendo por seu primeiro presidente o duque de Lafões, tio da rainha D. Maria I, e assáz conhecido em quasi toda a Europa pela illustração e nobreza de character. De volta de suas viagens envergonhou-se do estado d'atrazo em que ainda se achavão as letras no seu paiz natal, e empregou sua bem merecida influencia em liga-lo ao movimento intellectual que se manifestava nos outros paizes da Europa <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Na oração recitada no dia 1 de julho de 1789 dizia o mencionado duque :

« Que admirados ficareis, senhores, se soubesseis quão vil é o conceito que mesmo os estrangeiros fazem injustamente de nós. Quando lá fóra apparece casualmente algum portuguez d'engenho mediocre, admirados se espantao como de phenomeno raro. É como assim (dizem) de Portugal ? do centro da ignorancia ?

Os sasonados fructos d'essa frondosa arvore. que ainda hoje sombreia a litteratura portugueza, bem mirradas serião si o terreno não fosse desbravado, e, em profundos sulcos, semeada fecunda semente. Referimo-nos a reforma dos estudos ordenada pelo marquez de Pombal, que começando na escola primaria pousou no secular edificio da universidade.

Póde-se com verdade affirmar que antes do memorando decreto de 6 de novembro de 1772 illusoria era a instrucção dada as classes populares, e que as disposições que figurão na legislação jamais tinham recebido começo d'execução, apesar de deficientes. A creação da mesa censoria, dando unidade ao ensino, e transferindo-o da Igreja para o Estado, foi um grande passo na via do progresso. Cumpria combater o monopolio pelo monopolio, e a liberdade d'ensino, alvo das mais ardentes aspirações dos modernos publicistas, era então absolutamente inexequivel, e até perniciosa.

Acendendo um pharol em cada escola dissiminada por aldeias e povoados determinava tambem o ministro que todas as villas possuissem uma cadeira de portuguez e latim e que nas cidades de mais importancia houvessem aulas de philosophia, rhetorica e grego. Com esses preliminares preparou-se para collocar a chave d'aboboda reguendo do seu lastimoso abatimento a universidade de Coimbra, agonisante nos braços dos jesuitas. Leião-se desapassionadamente os estatutos, formulados por essa occasião, e ver-se-ha que uma grande ideia, um generoso pensamento, presidiu a sua redacção. Homens abalisados em todos os ramos de conhecimentos humanos forão chamados para tornar effectivo o plano do marquez de Pombal. Á brilhante pleiade de professores portuguezes, aos Rochas, aos Maias, aos Anastacios da Cunha, aos Stocklers, e outros vierão juntar se Franzini, Cierra, Vandelli, Dallabela, e mais alguns que trocarão as delicias de Italia pelo placida e monotona existencia da cidade do Mondego.

Assim cheguei a ouvir — E onde estão os vossos livros? me perguntavão: aonde os auctores? as vossas academias? os vossos descobrimentos? As gazetas litterarias que correm guardão do vosso reino o mesmo silencio que de Marrocos. Ouvindo estes injustos opprobrios os olhos se me fechavão com pejo, emmudecia a lingua, e a face se me cobria de confusão. »

Centralisando o ensino e imprimindo-lhe o cunho official não entendeu o grande ministro tolher á igreja o livre exercicio d'uma das suas mais augustas funcções. Commemorão autores contemporaneos a grande parte que na renovação dos estudos ecclesiasticos teve o illustre oratoriano Fr. Manoel do Cenaculo, bispo de Beja, e mais tarde arcebispo d'Evora, cujo *plano de reforma da ordem terceira de S. Francisco*, foi adoptado com summo proveito pelos cruzios, bentos e outros religiosos do reino, e possessões ultramarinas. No celebre mosteiro d'Alcobaça franquearão-se as aulas aos mancebos seculares, que ahi poderão frequentar cursos de humanidades, e das linguas latinas, franceza, grega hebraica e arabe.

« Qualquer das reformas da instrucção de per si, (diz o citado sr. D. Antonio da Costa) emprehendidas pelo marquez de Pombal seria um progresso, mas o que promoveu realmente no reino uma revolução na educação geral, foi o complexo de todas ellas. O espirito nacional resuscitava da epocha jesuitica em pleno governo absoluto, exactamente como do governo absoluto costumão nascer as instituições liberaes. O pensamento harmonico e homogeneo progredia <sup>1</sup>. »

Renovados os estudos secundarios e superiores, e ministrado ao povo o viatico da instrucção primaria, maior confiança podião inspirar os trabalhos academicos, que esses largos alicerces nunca tinhão passado d'estereis exercicios escolasticos.

Foi indubitavelmente o XVIII seculo para Portugal um periodo de restauração intellectual, penumbra da revolução que si approximava, e cujos symptomas fazião-se sentir nas canções dos poetas, nos devaneios dos romancistas, nos juizos dos historiadores e até nas abstracções dos sabios. Dedilhando o clavario da litteratura d'esse periodo prestemos attento ouvido a cada um dos sons d'elle exhalados.

<sup>1</sup> *Historia da Instrucção popular em Portugal*, cap. V.

## POESIA LYRICA

GARÇÃO (*Pedro Antonio Corrêa*): — Nasceu em Lisboa a 29 de de Abril de 1724, e foi filho de Philippe Corrêa da Silva, e de sua mulher D. Luisa Maria da Visitação Ogier Garção. Terminados os seus preliminares estudos, sob a direcção dos jesuitas, passou-se a Coimbra em cuja universidade seguiu o curso de direito, ignorando-se o motivo que o inhibiu de graduar-se nessa faculdade. Volvendo á sua cidade natal contrahiu matrimonio com uma senhora da illustre casa dos Salemas d'Alcacer do Sal, que lhe trouxe em dote algumas propriedades ruraes, e entre ellas uma quinta no sitio denominado *Fonte Sancta*, que tornou-se celebre em seus versos como outr'ora Tibur nos de Horacio. Consta que exerceu por algum tempo o officio d'escrivão da receita da mesa do consulado geral da entrada e sahida na casa da India, cujos redditos lhe asseguravão certa abastança. Parece porém que não foi esta duradoura, porque da leitura de seus versos conhece-se que luctava com certos embarços pecuniarios, e padecia estreitesa de meios para conseguir a subsistencia de sua familia.

Com animo varonil ia arrostando os vaivens da sorte e suavizando a existencia com o tracto das musas e convivencia d'amigos, dotados d'identico pendor, quando uma ordem, emanada da secretaria do reino (a 9 d'Abril de 1771) lançou-o num carcere da cadêa da capital, onde permaneceu por espaço de oito mezes, sendo-lhe intimada a ordem de soltura no mesmo dia (10 de novembro de 1772) em que succumbiu, victima da cruel enfermidade que o accommettera no dito carcere d'onde só sahio para ser sepultado *pobremente* na igreja de S. Martinho que serve de parochia aos presos.

Ainda hoje cobre o espesso véo do mysterio o motivo de semelhante arbitraria prisão; sendo todas as versões, mais, ou menos verosimeis, concordes em attribui-la ao odio e vingança do marquez de Pombal. Crê-se que o espirito livre de Garção desagradára ao prepotente ministro, que fulminando com os raios da sua colera o mais prestigioso poeta d'Arcadia, quiz d'ess'arte tirar a todos os

outros as velleidades d'exame e discussão de seus actos. Á semelhança do valido de Luiz XIII não duvidava Pombal favonear as letras, uma vez que se mostrassem ellas doces, submissas e voluntariamente acceitassem a suprema direcção que se dignava dar-lhes.

Pensava Rebello da Silva que talvez tivesse sido causa primordial dos desastres do nosso poeta a — *Falla do Infante D. Pedro aos Portuguezes* — lida no gremio d'Arcadia, e na qual transparentes erão as allusões á immodestia com que ordenára Pombal que se erigisse uma estatua a el-rei D. José, procedimento este que contrastava com o nobre desprendimento do duque de Coimbra; mas, com razão observa o sr. Innocencio da Silva, que — « a composição d'essa falla é de data muito mais antiga e de tempo em que talvez se não sonhava na erecção da estatua; e que em todo o caso as allusões nella contidas, se querem á força toma-las como taes, serião de certo muito mas offensivas para o proprio monarcha que para o seu ministro <sup>1</sup> ! »

Cedo associado á obra de Negrão e Diniz cabe-lhe a distincta honra de ter sido um dos fundadores d'Arcadia, onde tomou o nome de *Corydon Erymanthéo*, e onde exerceu incontestavel e incontestada influencia. No dizer d'um judicioso critico, (Pato Moniz) foi elle — « quem verdadeiramente restaurou o bom gosto em poesia, foi elle quem, por sua atilada imitação de todos os bons antigos, desterrou a conceituosa monstruosidade dos seiscentistas; foi elle quem primeiro escreveu odes ao modo de Horacio, e tão elegantes e graciosas as compoz que parece lendo-as, ser cousa facil a composição d'outras taes <sup>2</sup> ! »

Não parecerá exagerado este juizo a quem se der ao trabalho de compulsar as obras poeticas do desditoso árcade, principalmente as suas odes, vasadas nos moldes horacianos, em que a imitação confunde-se de tal modo com o paradigma que fica-se em duvida quem levaria ás lampas da perfeição. A ode V, consagrada á virtude,

<sup>1</sup> Vide *Diccionario Bibliographico* tomo VI.

<sup>2</sup> Vide o mesmo *Diccion.* do sr Inn. da Silva tomo VI.

foi visivelmente inspirada pela mui celebre do venusino que assim começa :

« *Justum et tenacem propositi virum.* »

E é como uma pareo em que os dois engenhos do Lacio e da Lusitania disputão a palma da perfeição esthetica.

A mais mimosa porem das composições de Garção é incontestavelmente a *Cantata de Dido*, entresachada na comedia — *A Assembléa* —, como um diamante de primeira agua num adereço de stalactites e lentojoulas. A bellesa da forma, fazendo esquecer a falta d'originalidade da ideia, despertou nos criticos um certame d'elogios nos quaes cabe a primasia ao visconde d'Almeida Garrett que assim se exprime : — « Tal é a cantata do Dido, uma das mais sublimes concepções de engenho humano, uma das mais perfeitas obras executadas da mão do homem <sup>1</sup>. »

Menos entusiasta, e por isso mais visinho ao mister de juiz, reconhecia Rebello da Silva nesse lavor alguns senões, principalmente na aria que destoa da formusura do corpo da cantata, indicando que lhe não dera o auctor o ultimo retoque, deixando para mais tarde submete-la aos rigores da lima do seu mestre Horacio.

Apreciaremos no competente lugar as obras dramaticas de Garção, e devendo considera-lo aqui unicamente como lyrico não lhe regatearemos o testemunho d'admiração pelo seu preclaro engenho nesse genero, pelos heroicos esforços com que arcou braço á braço com a funesta reminiscencia da *Phenix Renascida* e do *Postilhão d'Appollo*, sobre os derrocados muros do gongorismo plantando as quinas da regeneração do gosto.

Suas obras poeticas forão dadas ao prelo pela primeira vez em 1778 e dedicadas ao visconde da Villa Nova da Cerveira. Foi esta edição enriquecida com algumas dissertações e discursos quasi todos lidos n'Arcadia. A segunda (diminuidas das prosas) foi impressa no Rio de Janeiro em 1817 em dois tomos de XVI. Fallamos Rebello da Silva <sup>2</sup> d'outras poesias que não nos consta que jamais viessem á lume.

<sup>1</sup> Vide *Bosquejo da Historia da Poesia e da Ling. Port.*

<sup>2</sup> Vide *Panorama*, vol. IX — anno de 1852. —

DINIZ (*Antonio — da Cruz e Silva*):— Filho legitimo do sargento-mór João da Cruz Lisboa e de D. Eugenia Thereza nasceu em Lisboa no dia 4 de julho de 1731. Destinado á carreira das letras aprendeu com mestres particulares os rudimentos das linguas vernacula e latina, indo depois frequentar, as aulas de philosophia e rhetorica franqueadas á juventude estudiosa pela congregação do Oratorio. Terminados os preparatorios partiu para Coimbra, e matriculou-se no curso de direito civil quando apenas contava dezesseis annos d'idade. Em 1753 regressou á casa paterna de posse do titulo de bacharel formado, e o que mais valia da estima e consideração de seus mestres e condiscipulos. Foi na villa denominada — Castello de Vide — que exerceu o lugar de juiz de fóra, primeira entrancia da magistratura d'essa epocha. Parece porem que pouco se demorou nessa modesta povoação do Alentejo, não tardando a voltar a Lisboa, onde dividia o tempo entre a consulta dos monumentos de jurisprudencia e as amenidades litterarias, maxime as poeticas as quaes desde verdes annos se mostrára mui propenso.

A convivencia com os homens mais estimados pelo culto que prestavão ás boas letras dispertou-lhe quiçá a ideia da formação d'uma sociedade com o titulo d'*Arcadia Ulysiponense*, onde tomou o nome d'*Elpino Nonacriense*. No gremio d'essa associação, ácerca da qual já alguma coisa dissemos, ia receber conselhos, e animações quando d'esse innocente passatempo foi distrahido pela nomeação d'auditor do regimento chamado de *Mexia*, de guarnição na praça d'Elvas.

O tedio resultante do monotono viver d'uma pequena cidade de provincia suavizava-o Diniz frequentando assiduamente a casa de Francisco José da Silveira Falcato, onde se reunia a nata da sociedade, e de cujas palestras meio joviaes, meio picantes, nasceu, no dizer dos seus biographos, a ideia primordial do *Hysope*, como mais tarde explanaremos.

Não se póde ao certo fixar o tempo que conservou-se o nosso poeta na cidade fronteira, sabemos porem que a 20 de janeiro de 1774 achava-se elle em Lisboa assistindo á ultima solemnidade d'*Arcadia* em applauso dos gloriosos feitos do primeiro ministro

d'el-rei D. José, e ahi lendo uma ode e um dythirambo por tão fausto motivo.

É provavel que se conservasse na metropole no intervallo que vai d'essa data a de 1776 em que foi despachado desembargador da relação do Rio de Janeiro, para onde embarcou-se nesse mesmo anno em companhia do nosso illustre compatriota Ignacio José d'Alvarenga Peixoto, nomeado ouvidor da comarca do Rio das Mortes (Minas Geraes).

Sempre dado á poesia e sabendo compartilhar o exercicio das suas arduas funcções com o tracto das musas escreveu diversas poesias, empregnadas de côr local, e inspiradas pelos esplendores da nossa natureza. São ellas conhecidas pelo nome de *Metamorphoses*, e por sem duvida um dos mais fracos titulos da sua reputação litteraria.

No anno de 1787 foi removido para a relação do Porto, e deixou as nossas plagas crente de jamais reve-las. Outra porem era a disposição do destino; visto como em 1790 ordenou-lhe a rainha D. Maria I que voltasse ao Rio de Janeiro para, conjunctamente com o chanceller da relação d'essa cidade Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho e o doutor Antonio Gomes Ribeiro, constituirem a alçada que devera julgar summariamente os reos da conjuração planejada na capitania de Minas Geraes no tempo do governador visconde de Barbacena <sup>1</sup>.

Incumbido do penoso mister de julgar a homens accusados d'um crime nefando, segundo as ideias do epocha, e encontrando entre elles muitos collegas da universidade, e irmãos de letras houve-se Diniz com *apparente severidade*, que deu azo algumas acerbas, e. quanto a nós, injustas accusações <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Essa conjuração chamada da *Inconfidencia*, ou mais vulgarmente do *Tiradentes*, tinha por fim proclamar a independencia da capitania e a sua organização politica sob a forma republicana.

<sup>2</sup> Vide o que a tal respeito escrevemos na nossa memoria intitulada — *Os Ultimos Vice-Reis do Brazil* — impressa no tomo XXVIII (anno de 1865) da *Revista Trimensal do Instituto Historico Geographico Brasileiro*.

Em recompensa dos serviços por essa ocasião prestados foi elevado á categoria de chanceller da relação d'esta cidade, que honrada e integerrimamente exerceu contribuindo para minorar os rigores do conde de Rezende, como succedeu no processo de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga e Marianno José Pereira da Fonseca (depois marquez de Maricá) suspeitos de *jacobinismo* <sup>1</sup>.

Recebera o diploma de membro do conselho ultramarino e dispunha-se a volver á patria quando o acommetteu a morte no dia 5 d'outubro de 1799, sendo sepultado na igreja dos capuchinhos italianos <sup>2</sup>, filial á parochia de S. José da mesma cidade de Rio de Janeiro.

As POESIAS d'Antonio Diniz da Cruz e Silva n'Arcadia Elpino *Nonacriense* foram publicados em seis volumes de 8°. d'entre os annos de 1807-1817. Esta edição edictorada por Manoel Pedro de Lacerda foi presidida por Francisco Manoel Trigoso de quem são os prefacios e notas philologicas. As *Odes Pindaricas* sahirão separadamente das officinas da imprensa da universidade de Coimbra em 1801 e das de Hansard (Londres) em 1820. Mais feliz do que as precedentes poesias teve o *Hyssope* tres edições quasi que successivas (a de Londres-1802, e as de Pariz-1817 e 1821), além da inserção no 6°. volume do PARNASO LUSITANO (*Satyricos Portuguezes*).

São igualmente consideradas as *Odes Pindaricas* como primores lyricos de Diniz, e supposto inspiradas pelas reminiscencias classicas de Pindaro e Horacio, n'antiguidade, e de Chiabrera, entre os modernos, não lhes falta o cunho nacional, e atravez das allusões mythologicas patente é o seu estremecido amor a terra natal. Seguindo as pegadas do cantor hubano arrouba-se na contemplação dos memorandos feitos dos heroes da India ; d'esse Duarte Pacheco, a quem denominarão os contemporaneos — *leão do mar* — ; de

<sup>1</sup> Vide a citada *Revista do Inst.* Primeira Parte — pag. 157

<sup>2</sup> Essa igreja fazia parte do hospicio dos padres capuchinhos italianos, edificada em 1442 por ordem do governador Gomes Freire d'Andrade, no sitio onde hoje se acha o quartel do corpo policial, sito n'antiga rua dos *Barbonos* e actualmente denominada d'*Evaristo da Veiga*.

Vasco da Gama, felicissimo descobridor das terras d'Oriente ; e d'Alfonso d'Albuquerque o qual

« Em nobre sangue dos avós guerreiros  
Valor não degenera <sup>1</sup>. »

As imagens desatão-se, como dizia Bocage, em accessos turbilhões, os episodios e as digressões precipitão-se n'um sublime delirio, mas que a arte rege e domina. O estylo, quasi sempre grandiloquo, attinge algumas vezes ás proporções da emphase, e sossobra nas syrtes da metaphora e d'antithese.

No nobre empenho de purificar a poesia portugueza das fezes marinistas, e gongoristas procurou retempera-la nas fontes greco-latinas, e envidou todos os esforços para avisinhar-se dos modelos. Foi sobretudo Pindaro que mereceu-lhes singulares preferencias, e em cujos moldes pretendeu vasar o bronze de suas estatuas. « Imitar a Pindaro (dizia Rebello da Silva) no ponto de vista d'aquella escola (*a arcadica*) consistia em transportar do opulento e harmonioso dialecto do cantor Hubano para a lingua portugueza as formas geraes da composição do hymno triumphal, e forçando o metro e a indole até das cousas, distribuiu os versos por estrophes, antistrophes e epodos, affectando conceito obscuro, interrompendo a cada passo o vôo para correr com allusões pagãs e gastas atraz d'uma digressão forçada, impertinente as vezes, e sem sentido ! « Louvores, apezar disso, ao engenho, que em prova tão ardua, não succumbindo, quebrou com bizzarria mais d'uma lança galhardamente. Para não cahir de tão alto para sempre derretidas as azas pelos ardores do modelo inimitavel, como aponta Horacio, é preciso uma robustez que poucos alcanção : e a gloria de Diniz é justamente ser um d'esses <sup>2</sup>. »

Outro distincto critico, cujas obras não poderão infelizmente vir todas á lume, avaliava nestas conceituosas palavras as differenças

<sup>1</sup> ODE XVII a D. Vasco da Gama, conde de Vidigueira.

<sup>2</sup> Vid PANORAMA vol. XIII *Poetas d'Arcadia Portugueza*.

características que se lhe antolhãõ entre as odes de Diniz e as de Pindaro e Chiabrera :

« . . . . Nas odes de Pindaro vemos constantemente alliada a poesia com a philosophia, e falta esta nas de Antonio Diniz ; em Pindaro ha muito poesia descriptiva em Diniz quasi nenhuma. Pindaro em quasi todas as suas odes tem grandes e mui variadas digressões ; as que achamos em Diniz são quasi todas historicas, e em historia foi elle na verdade um dos nossos poetas mais sabedores : em Pindaro ha muitas e excellentes comparações allegoricas, prosopeas, e muitas atrevidas e felicissimas metaphoras ; eis aqui no que é elle imitado por Antonio Diniz ; advertindo porém que a pluralidade das metaphoras que tomou d'emprestimo forão tomadas não de Pindaro, mas sim de Chiabrera, um dos melhores lyricos italianos : o que não obstante deve notar-se que de todos estes magnificos adornos da lyrica poesia alguns ha que Diniz póde chamar propriamente seus, já por serem de sua propria invenção, já por que tão feliz e artisticamente as revestiu e trajou, que ao todo parecem novas. O estylo é em Pindaro uma das mais avantajadas condições, nem de outro sabemos que mais o tenha sublime e sustentado, nem de mais perfeita harmonia metrica ; na primeira parte o imita Diniz, posto que com muitas e grandes desigualdades, e mal na segunda se lhe poderá comparar, por ser elle dentre nossos bons modernos o mais frouxo e descuidado metrificador, e cheio de muitos e rigorosos prosaismos : dir se-ha porém, e de justiça é que se diga, serem todos esses defeitos como pequenas manchas em mui soberbos quadros ; pois quando a phantasia de Diniz é assaltada pela foga torrente do estro, que tantas vezes a inflamou, a sua expressão é não somente pura, propria e energica, senão que é ardente e impetuosa, e arrebatada consigo a alma dos seus leitores ; mas não era elle dotado de tão creadora imaginação como incendiada phantasia : sabia bem engrandecer os objectos que encarava, raro porém creava outros que com estes embellecesse ; e eis ahi o porque as sua odes são, pela maior parte, batidas debaixo do mesmo cunho ; verdade é que a uniformidade dos assumptos devia na expressão da sua grandeza, produzir alguma monotonia, mas nem tanta que o artificio de todas as odes não fosse, como é em Diniz,

fundado na comparação e paralelo de cada um dos nossos heroes com algum outro de mais famosa antiguidade. Por certo que os nobres feitos dos portuguezes na India tiveram bem mais grandeza e variedade de que os solemnes jogos da Grecia, e sobre elles soube Pindaro diversificar as suas tão estimadas odes. Finalmente confrontem-se as odes de Diniz com as de Pindaro e com as de Chiabrera, e aqui e alli semeado se lhe acharão as imitações do primeiro, quando aliás o segundo se achará quasi a cada pagina imitado: e ainda isso, quanto a mim, com esta differença; Chiabrera tem mais philosophia e mais variedade, porém não mais alteza nos pensamentos, mais arrojo nas figuras, mas nem mais riqueza e magestade na dicção: as suas odes heroicas são quasi todas volcanicas, porém as suas explosões não são mais violentas, e os vãos de Diniz são quasi sempre sustentados: talvez poderia dizer-se que as odes de Chiabrera são ardentes e brilhantissimos phosphoros, e as de Diniz fulgorosos e bem caudatos cometas...<sup>1</sup> ».

Mais conciso, porém não menos justo, é o voto do illustradissimo auctor do *Bosquejo da Historia da Lingua e Poesia Portugueza*, que assim se exprime: « Em quanto lyrico tem rasgos pindaricos, verdadeiramente sublimes; mas o todo das suas odes é em demasia ornamentado; e ellas entre si peccão a miudo de monotonias e repetições<sup>2</sup> ».

QUITA (*Domingos dos Reis*): — Nascido em Lisbôa aos 6 de janeiro de 1726 achou-se desde a infancia á braços com a adversidade vendo-se obrigado á apprender o officio de cabelleireiro afim de não ser pesado á sua mãe, que numa antecipada viuvez

<sup>1</sup> O critico, cujo juizo acabamos d'extractar, trasladando-o do utilissimo *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio F. da Silva (tomo I), é Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, nascido em Lisboa em 1781 e fallecido, segundo se crê, no desterro da ilha do Fogo (Cabo-Verde) no anno de 1827. Amigo e admirador de Bocage foi acerrimo adversario de José Agostinho do Macedo, contra quem escreveu varias e bem ferinas satyras, especialmente a *Agostinheida*, repleta de personalidades e injurias, apenas temperadas pelas graças do estylo, e melodias metrica.

<sup>2</sup> Vide *Parnaso Lusitano*, tomo I.

escassissimos meios encontrava de subsistencia. Fadára-o porem a natureza para outro bem diverso mister; e de continuo era encontrado lendo e meditando as obras poeticas de Bernardim Ribeiro, Camões e Rodrigues Lobo, que sobre todas aprazião-lhe. Ignorante das regras d'arte abalançou-se a compor uma ecloga, onde atravez de muitas imperfeições, notão-se bellezas de subido quilate.

O talento poetico do moço cabelleireiro era apenas conhecido pelo limitadissimo numero d'amigos a quem muito, á puridade, confiava suas ingenuas inspirações, pedindo-lhes conselhos e emendas, Rasgou-se porem o véo do incognito por occasião d'um divertimento havido na quinta de S. Antonio, no sitio denominado *Moita*, sendo ahi reconhecido e victoriado como um dos maiores poetas contemporaneos.

O entusiasmo despertado por esse feliz achado levou o distincto cavalheiro José Antonio de Brito a aponta-lo ao conde de S. Lourenço, disvellado protector das musas. Sympathisando com a meiga physionomia e modestas maneiras do esperançoso poeta disputou-se a servir-lhe de Mecenas quando incorrendo nas iras do marquez de Pombal teve de trocar o conchego do seu palácio pelas durezas do forte da Junqueira

Privado de tão poderoso protector consolou-se Quita convivendo com os mais conspicuos cultores das letras, que, não desdenhando sua humilde profissão, convidarão-no para fazer parte d'*Arcadia Ulysiponense* onde assumiu o nome de *Alcino Mycenio*.

Momento houve que pareceu-lhe haver auspiciado sua mofina sorte; foi quando, confiado na benevolencia com que o distinguia D. Gaspar de Bragança, filho natural d'el-rei D. João V, valeu-se d'elle para admitti-lo no numero dos familiares que deverão acompanhá-lo ao seu arcebispado de Braga. Propenso estava o principe a annuir a semelhante pedido; já os intimos do poeta lhe davão os emboras, eis que surge — « um falso devoto (no dizer de Rebello da Silva) d'esses que disfarção a perversidade com exterioridades de mentirosa austeridade, para não perderem o lanço de molestar, abusando da indole facil do prelado e dos seus escrupulos, capacitou-o de que si admittisse Domingos dos Reis Quita entre os

seus familiares arriscaria sua alteza o seu socego a dissabores, causados pela conhecida viveza do poeta <sup>1</sup>. »

Voltou-se então o desventurado *Alcino* para o poderoso conde d'Oeiras <sup>2</sup> que ambicionava seguir a trilha de Rechilieu e Colbert ; mas que, *ad instar* d'esses estadistas, subordinava o mais esplendido merito litterario aos mentidos preitos da bajulação e subserviencia. Não lhe regateou encomios e louvaminhas, sempre improficuos ; porquanto, como muito bem pondera o referido Rebello da Silva, « avaliava-lhe (o ministro) o talento, prezava-o, e promettia despachal-o ; mas os dias e os annos correrão em vão, e os projectos do Mecenas ficarão em palavras. »

Ralado de desgosto e contrariedades foi arrastando a amargurada existencia até que inesperado e fatal acontecimento precipitou-o no abysmo da miseria. O terremoto de 1755 deixou-o sem tecto, sem roupa, e reduzido a mendigar o pão quotidiano. Compadeceu-se de tão lastimoso estado uma senhora d'animo caridoso, e cujo nome, bem como o do seu magnanimo marido, devem passar á posteridade, cobertos de bençãos e louvores. Queremos fallar de D. Theresa Alboim e do Dr. Balthazar Tara, que cheios de carinhos e solicitude, abrigarão o alumno das musas, tratarão-no em suas crueis enfermidades, adoçarão-lhe o restante da vida e piedosamente cerrarão-lhe os olhos, quando, extenuado pela tenaz lucha que travára com a morte, succumbiu a 26 de agosto de 1770.

Tal foi o eximio escriptor que faz assumpto d'este estudo, ácerca do qual emittiu um illustre contemporaneo e amigo o seguinte imparcial juizo : « Domingos dos Reis Quita, que por isso mesmo a sua fortuna e educação o pozerão num lugar bem distante do Parmaso, a que elle com tanto afinco e gloria se endereçou, devia ser protegido a animado ; foi pelo contrario perseguido e atacado com criticas e invectivas, que até o insultavão pela sua

<sup>1</sup> Vide *Panorama* Volume XVI (1854) onde se acha inserto o estudo intitulado —*Poetas d'Arcadia Portugueza*—

<sup>2</sup> Depois marquez de Pombal

pouca ventura : criticas mais dictadas pela inveja que pela razão <sup>1</sup>. »

Avaliava o outro grande poeta em termos tão lisongeiros que frizarião ao panegyrico se não tivessem por norma a verdade. No seu, tantas vezes citado, *Bosquejo da historia da Lingua e Poesia Portugueza* dizia o conceituoso Garrett :

« Após estes vem o virtuoso e honrado Quita, a quem pagou a patria com miserias e fome as immensas riquezas que para a lingua e litteratura de seus versos herdou. Um pobre cabelleireiro, a quem as musas que serviu, os grandes que com ellas honrou nunca tirarão do triste officio, não poude da sua baixa condição social alevantar-se do primeiro grão litterario, que acaso lhe disputão ignorantes, ou presumpçosos, nenhum homem de gosto deixará de lh'o dar.

« Este é, em meu humilde conceito, o nosso melhor bucolico : tomo a liberdade de contrastar a opinião commum, porque o meu dever de critico me obriga a enunciar lealmente o meu pensamento. Tenho para mim (e fico que acharei quem me siga de boa fé se quizerem entrar no exame) que a immensa copia de composições pastoris, as quaes não são riquezas mas desperdicio de nossas musas, ou peccão por empolladas, por inverosimeis, por baixas, por demasiado naturaes, por sobejo elevadas. Um meio termo difficilimo de tocar, de nelle permanecer, um estylo singelo como o campo mas não rustico como as brenhas, são dos mais difficeis riquisitos que d'um poeta se podem exigir. Si tem engenho custalhe a amoldar-se e a rete-lo que não suba mais alto que a difficil medida, e raro deixa de a exceder, de perder-se do bosque e acabar em jardins-cidadãos, e conversas de damas e cavalheiros o que começára no monte, ou na varzea entre pastores e serranas.

« Nem Virgilio d'ahi escapou, nem Sannazaro, nem Camões : Gesner sim, e depois de Gesner o nosso Quita. Não digo que não tenha defeitos, ainda em seu genero pastoril ; mas a boa e honrada

<sup>1</sup> Vide *Poesias* d'Antonio Diniz da Cruz e Silva (n'Arcadia *Elpino Nonacriense*, tomo II. Idyllio XXII Nota — a pag. 295.

critica falla em geral, louva o bom, nota o máo, porém não faz timbre em achar defeitos e erros na menor falta para se rigosijar da censura <sup>1</sup>... »

Forão collegidas em dois volumes as poesias de Quita, e d'ellas se tem até hoje feito tres edições, sendo no competentissimo parecer do sr. Innocencio F. da Silva, preferivel a segunda, que sahiu dos prelos da typographia Rollandiana em 1781.

Consta o primeiro volume, alem do prologo, do epitome da vida do poeta <sup>2</sup>, e d'uma carta acerca da utilidade da poesia, d'eclogas, idyllios, odes, sonetos elegias, canções, epistolas, epithalamios, terminando com o bellissimo drama pastoril intitulado — *Lycore*.

Figurão no segundo volume mais alguns idyllos e uma sylva, vindo em seguida quatro tragedias (*Astarto*, *Mégara*, *Hermione*, e *Castro*) e pondo-lhe remate alguns versos em honra do poeta, devidos a fraternal musa de Domingos Maximiano Torres <sup>3</sup>. A ultima d'essas tragedias mereceu as honras d'uma versão em lingua ingleza feita em 1800 por Benjamin Tompson.

Como todos os poetas d'Arcadia consagrou Quita seu estro á ode, e bem que n'essa especie ficasse somenos á Garção e a Diniz; algumas ha que se fazem merecedoras de particular menção. Entre ellas destacão-se endereçada á princeza do Brasil (depois D. Maria I), ao conde de Lippe, e ao d'Oeiras. Notão-se porém em quasi todas essas composições certos descahimentos p'ovenientes d'ausencia de verdadeira inspiração, e do esforço constante para elevar o estylo á supposta magnitude do assumpto. Deslumbrantes figuras, arrojados tropos, se mesclão com vulgares pensamentos e lugares communs de má tempera. Visivel é a imitação do lyrico

<sup>1</sup> *Parnaso Lusitano* tomo I.

<sup>2</sup> Este ensaio foi escripto por Miguel Tiberio Pedagache Brandão Ivo tambem distincto poeta, e que se diz colloborára na tragedia *Mégara*.

<sup>3</sup> Conhecido entre os árcades *Alfeno Cynthio*, e auctor de varias poesias estimadissimas, principalmente na especie bucolica.

francez que de maior nomeada então gozava <sup>1</sup> e cuja gloria a bem mesquinhas proporções acha-se hoje reduzida.

A morte de seu amigo e protector José Antonio de Brito dictou-lhe uma bellissima elegia na qual desafogou a sincera dor de que se achava possuido. Infelizmente o pessimo gosto da epocha que em tudo intromettia o bucolismo foi parte para que descabisse em inspidas allegorias e allusões á imaginarios pastores e falsas ser-ranas.

Mais conforme com a sua indole poetica era por certo a canção ; por isso vemo-lo imitar com felicidade a Camões e pintar com finis-simas côres as angustias da saudade e do amor.

A epistola foi igualmente cultivada pelo nosso sympathico poeta ; pena é que desperdiçasse tantos primores para render homenagem ao orgulhoso ministro que as condemnava aos limbos do indifferentismo. « Para ser desprezadas as supplicas (diz Rebello da Silva), e ficar sempre esquecido na pasta do marquez não valia a pena curvar-se a tantas lisonjas um espirito que honraria o despacho em vez de se honrar com elle. Quem merece muito accêita pouco e não pede nunca <sup>2</sup>. »

Pagando tributo aos preconceitos do tempo entendeu Quita que incompleta estaria a sua collecção poetica sem a infallivel centuria de sonetos, especie de difficilima execução na qual, como veremos, primou Bocage á ponto de não se lhe conhecer rival. Cingiu-se a imitação de Camões e em alguns lugares emparelhou com Diniz e Philinto.

Tudo o que até aqui temos examinado nas obras poeticas do desvallido árcade não passa de preludios da especie que particularmente presava e na qual canquistou immarcesciveis louros. É na bucolica que Quita revela o seu original talento e delicadissimo gosto. D'entre os poetas portuguezes servirão-lhe de seguros guias Camões, Bernardes e sobretudo Rodrigues Lobo, e na litteratura

<sup>1</sup> João Baptista Rousseau nascido em Paris em 1671 e fallecido em 1741 — (Vide tomo I, livro V, *Litteratura Franceza*).

<sup>2</sup> Vide *Panorama*. Vol. XII — *Poetas d'Arcadia Portug.*

estrangeira conhece-se facilmente que fôra beber inspirações e procurar modelos nos olorosos idyllios de Gesner.

Treze eclogas e desenove idyllios constituem o precioso legado que á seus honrados socios devemos, sem incluir o drama pastoril *Lycore*, a mais graciosa composição que nesse especie pussue a nossa litteratura <sup>1</sup>.

Dissemos que *Alcino Mycenio* fôra de preferencia beber inspirações nos idyllios de Gesner, não se deverá todavia entender essa proposição de modo tão absoluto que exclúa a imitação de Theocrito e Virgilio, por elle bastante manuseados nas mais acreditadas versões existentes nos idiomas de que tenha conhecimento. Descubrem-se na bucolica do nosso poeta alguns defeitos apontados pela critica nas d'esses grandes mestres, como sejam as violações das unidades de ideia e de desenho, deixando duvidoso o fim a que se queria propor. No traçar o character e costumes dos pastores soube ser discreto e sobrio evitando com igual cuidado os excessos dos italianos e francezes e aproximando-se da singeleza e naturalidade do poeta de Zurich <sup>2</sup>.

Algumas vezes não se prestavão os assumptos a suavidade pastoril, como por exemplo o da ecloga VII, dedicada ao conde d'Oeiras como restaurador do commercio, o da X destinada a pintar as perseguições que lhe movia a inveja e a sobranceria d'animo com que as arrastava.

Lamentão, com razão, os biographos de Quita que não proseguisse na senda em que tão galhardamente se estreára na sua *Lycore*, descambando para o genero tragico, antipoda do seu meigo

<sup>1</sup> O já mencionado critico Pato Muniz apreciava nestes termos o referido drama :

« . . . . . E que não vale a sua divina tragedia pastoril, a sua *Lycore*? — Nenhuma lhe conheço eu superior, se não for a *Aminta* de Tasso. . . . . »

(Vide *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva, tomo 2).

<sup>2</sup> Salomão Gesner, nascido em Zurich (Suissa) em 1730 e fallecido em 1780 — (Vide tomo I, Livro VII, *Litteratura Allemã*).

character. Ambicionou as palmas de Racine, mas distanciou-se d'elle por espaços incommensuraveis.

Com as bellezas e defeitos, perfunctoriamente esboçados, julgamos poder assignar a Domingos dos Reis Quita o terceiro lugar entre os poetas lyricos portuguezes do XVIII seculo.

## POESIA ELEGIACA

DIAS GOMES (*Francisco*):— Filho do honrado mercieiro Fructuoso Dias e de sua mulher Vicencia Gomes nasceu em Lisboa em 1745. Mostrando desde os mais verdes annos grande propensão para as letras mandou-o seu pae seguir as aulas da congregação do Oratorio, estudando fóra d'ahi rhetorica e poetica, sob a direcção do professor regio Pedro José da Fonseca. Terminados os preparatorios partio para Coimbra, em cuja universidade matriculou-se no curso de direito civil. Frequentava ainda as aulas do primeiro anno quando foi mandado retirar por suggestões d'um tio, que propoz-se estabelece-lo com uma loja de mercearia. A influencia que esse parente exercia na familia determinou a interrupção dos estudos do joven Dias Gomes, que, máo grado seu, abraçou uma carreira para a qual nenhuma vocação sentia. Conhecia elle quão prejudicial seria para o sua cultura d'espírito o trafego com a gente indouta, e as diversões positivas da vida commercial, por isso tractou de fortificar-se n'assidua convivencia dos escriptores mais avantajados, antigos e modernos; adquirindo d'est'arte uma somma de conhecimentos, verdadeiramente assombrosa.

Verdade é que essa immensa erudição suffocou-lhe a inspiração poetica, e privou-o quasi que totalmente d'originalidade. Reconheceu-o o seu illustradissimo biographo <sup>1</sup> quando disse:

<sup>1</sup> Francisco de Borja Garção Stockler (barão da Villa da Praia) secretario d'academia real das sciencias de Lisboa, por cuja incumbencia serviu d'edictor as *Obras Poeticas* de F. Dias Gomes, fazendo-as preceder d'uma breve noticia sobre a sua vida e escriptos.

« É uma observação constante que tenho feito no decurso da minha vida e estudos, que os homens muito eruditos são raras vezes originaes. A imitação é o talento universal da especie humana, ou antes uma disposição constante de que a natureza dotou todos os homens, para supprir n'elles a falta do instincto, que concedeu aos outros animaes, e por isso com alguma propriedade lhe podemos chamar o instincto dos seres racionaes. Habitados desde os primeiros instantes da nossa existencia a obedecer a esta lei imperiosa da natureza, fortificada cada vez mais pelo habito da sujeição, que lhes prestamos, já voluntariamente, já forçados d'auctoridade de imperitos educadores, só grandes forças são capazes de desviar-nos da direcção que ella tende continuamente a dar ao nosso espirito <sup>1</sup>. »

A estreiteza do seu commercio e o nenhum gosto que para elle tinha, forão causas da obscuridade em que viveu, luctando com falta de meios e arredado, por prudencia, do convivio dos homens de letras, que, quasi todos, olhavão com certo desdem para o pobre mercieiro. Honrosas excepções teve porém esta regra; folgando nós de mencionar dentre os sinceros amigos e admiradores de Dias Gomes o illustre general que se constituiu seu biographo. Pede outrosim a verdade historica que declaremos que a academia real das sciencias de Lisboa apressou-se em inscreve-lo no numero de seus socios, e mais tarde constando-lhe o desamparo em que deixára a familia, ordenou que, á expensas suas e sob o seu privilegio, se fizesse uma edição das suas *Obras Poeticas* applicando o producto da venda em beneficio da viuva, dois filhos e uma filha do distincto escriptor <sup>2</sup>.

Parece que não lhe ministrava a mercearia a parca subsistencia, por isso que sabemo-lo occupado em dar lições por casas particulares, subsidio tão penoso como pouco lucrativo.

De character lhano occultava cuidadosamente as dores que o minavão, achando-se portanto nessa disposição d'animo nimia.

<sup>1</sup> Vide *Breve Noticia sobre a vida e obras de F. D. Gomes* supra citada.

<sup>2</sup> Esta edição sahiu dos prelos d'academia no anno de 1799.

mente melindrosa quando por ventura somos accommettidos de graves enfermidades. No anno de 1795 desenvolveu-se em Lisboa uma molestia epidemica da qual foram victimas todas as pessoas da familia de Dias Gomes, e quando, graças aos seus nobres esforços, as viu fóra de perigo, cahiu elle prostrado pela fadiga, e quiçá pela preocupação da mingoa de recursos pecuniarios; e a 30 de setembro deu a alma ao Creador, legando a familia, como já dissemos, por unica herança um nome sem macula e uma reputação litteraria, tão solida em substancia como pouco brilhante na forma.

Além das *Obras Poeticas*, a que já nos referimos, são da lavra do benemerito academico duas tragedias (*Iphigenia e Electra*) ambas tiradas da historia grega e dadas á estampa em Lisboa nos annos de 1798 e 1799, destituídas porém do movimento e interesse dramaticos.

Escreveu tambem *A Analyse e combinações philosophicas sobre a elocução e estylo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha e Camões*, trabalho este que mereceu ser coroado na sessão publica d'academia real das sciencias de Lisboa do mez de maio de 1792 e publicado no tomo IV das suas *Mamorias de Litteratura*.

Ainda que Dias Gomes seja auctor d'algumas odes, epistolas e cantos, o genero que mais lhe aprazia e melhor se coadunava com a sua indole era a elegia. Nenhum contemporaneo comprehendeu e executou tão magistralmente as difficilimas leis que regem essa especilidade lyrica, em que primarão Simonides, Ovidio, Tibullo, mas que ninguem levou ao gráo de perfeição ideal do *Livro de Job*, È que tambem ninguem possuiu-se tanto do seu assumpto como o auctor desconhecido d'esse admiravel poema elegiaco, no qual a dor se traduz com expressões, tão verdadeiras como moderadas.

Sem que pretadamos fazer de F. Dias Gomes um emulo do eximio poeta biblico todavia nenhuma duvida temos em affirmar que jamais escreveu elle suas elegias para produzirem effeito, nem fingiu sentimentos que não sentisse. Naturalmente melancolico e arcando com a adversidade facil é d'explicar a tendencia, diriamos quasi, a *cór*, que revelão suas composições, as mais correctas que possue a lingua portugueza.

Já que fallamos de correcção força é confessar que nesse ponto

excedeu elle ao proprio Garção, e o finissimo *tacto*, de que era dotado, constituirão-no o mais aprimorado critico do seu tempo, sendo ainda acatados os juizos emittidos nas eruditissimas notas com que illustrou as poesias, compostas em varias phases da sua tão atribulada existencia.

Fallando d'essas notas diz o sr. J. Sylvestre Rebello :

« Não entra no meu proposito julgar as suas *Poesias*, cabe-me unicamente recomendar as *notas* das differentes elegias odes e cantos, como sendo um precioso thesouro de philologia, erudicção e de boa critica.

« Os juizos de Francisco Dias Gomes são de muito peso e auctoridade <sup>1</sup>. »

#### POESIA DIDACTICA

MACEDO (*José Agostinho de*) : — Nascido na cidade de Béja a 11 de Setembro de 1761 e fallecido em Pedrouços (suburbio de Lisboa) em 2 d'outubro de 1831. Aos dezeseite annos d'idade professou no convento de N. S. da Graça (de Lisboa) pertencente á ordem dos eremitas de S. Agostinho, e após doze annos de luctas com seus superiores e de muitas reclusões disciplinares foi expulso solemne-mente da mencionada ordem por sentença conventual, confirmada pelo defnitorio. D'essa sentença appellou elle para os tribunaes civis e para a nunciatura apostolica da qual obteve breve de secularisação para passar ao estado de presbytero secular, trocando por essa occasião o seu nome monastico (frei José de S. Agostinho) pelo de padre José Agostinho de Macedo com que fez-se mais conhecido. Pregador regio desde 1802, foi nomeado censor episcopal em 1825; tomou assento nas côrtes de 1822 como deputado supplente, e em 1830 recebeu de D. Miguel o titulo de substituto do chronista-do reino. Pertenceu á Arcadia Romana e a ephemera Academia das

<sup>1</sup> Vide *Primeiros Traços d'uma Resenha da Litteratura Portugueza* — Lisboa — 1853

Bellas Letras Lisbonense, onde assumiu o nome pastoril de *Belmiro Tagideo*.

Gozou o padre Macedo da reputação d'eximio prégador sobrelevando-se aos mais esplendorosos talentos que então illustravão a tribuna ecclesiastica pasmosa e phenomenal era a sua erudição, e por isso grande foi a influencia que exerceu sobre os contemporaneos. Maior e mais perduravel seria essa influencia si, desmedido orgulho não lhe alineasse muitas sympathias, e si a inveja que o torturava não lhe levedasse os juizos com o tormento da parcialidade.

Verdadeiro polygrapho escreveu sobre quasi todos os assumptos scientificos e litterarios: ensaiou todos os genero poeticos propendendo porém para o didactico, que, fundado na imitação, é por sua natureza convidativo aos espiritos amadurecidos por longos porfiosos estudos.

Renunciando, em beneficio do plano que havemos adoptado, acompanhar o fecundissimo escriptor nas innumeradas irradições do seu extraordinario talento considera-lo-heimos tão sómente como didactico e epico, generos em que particularmente esmerou-se, e sob cujo aspecto mostrou desejos de ser julgado pela posteridade.

Comecemos pela poesia didactica.

O primeiro e sasonado fructo da musa philosophica de José Agostinho foi o poema que intitidou — *A Meditação* — em quatro cantos, de versos endecasyllabos soltos <sup>1</sup>, julgado com demasiada severidade pelo mallogrado critico Lopes de Mendonça <sup>2</sup>, que, (quanto á nós) debalde pretendeu reformar a sentença pronunciada pelo illustre Garrett nestas tão concisas como judiciosas palavras:

« . . . pedirei uma venia mais para mencionar como um poema que faz summa honra ao nome portuguez a *Meditação* do sr. José Agostinho de Macedo, que tem sido censurada por quem não é capaz d'entende-la. Não sei se n'ella tem defeitos; é obra humana,

<sup>1</sup> Tem tido quatro edições: a 1.<sup>a</sup> em 1813 (Lisboa): a 2.<sup>a</sup> em 1818 (Lisboa): a 3.<sup>a</sup> em 1847 (Pernambuco), e 4.<sup>a</sup> em 1854 (Porto).

<sup>2</sup> Vide *Annaes das Sciencias e Letras*, tomo II — (Liboa — 1858).

e de certo lhes não escapou : mas sublimidade, copia de doutrina, phrase portugueza, e grandes ideias, só lh'o negára a cegueira, ou a paixão <sup>1</sup>. »

Foi por certo este ultimo sentimento o que desva irou o alvitre do critico a que acima nos referimos a quem as opiniões politicas do egresso agostiniano irritarão-no á ponto de lhe recusar a homenagem a que lhe davão jus seu descommunal talento e erudicção. Não perdoava o ardente liberal ao apostolo do absolutismo o haver em seus libellos insuflado os ferozes instinctos da multidão ignorante e fanatisada, que só respirava odio e vingança. Perdoe-nos porém a memoria do festejado escriptor, cuja prematura morte ainda pranteão as letras, si lhe exprobramos o haver infringido a imparcialidade da critica litteraria para tomar represalias em campo neutral.

NEWTON, poema em quatro cantos d'identica metrificacção sahiu pela primeira vez a luz em 1813 dos prelos da imprensa regia <sup>2</sup>.

Numa epocha em que pouco se lia, e em que raros se podião dizer ao facto do movimento litterario que toda a pujança se ostentava em França e nos paizes mais cultos da Europa devera causar assombro a somma de conhecimentos scientificos que revelava Macedo em seu poema, para o qual principalmente contribuiu o muito estimada revista scientifica conhecida por *Journal de Savans*, Na deficiencia do verdadeiro estro buscava compensações no tom declamatorio e no rhythmo vibrante e sonoro. Accumulando epithetos, semeando metaphoras e antitheses, aproximava-se aos despenhadeiros do gongorismo, apenas agonisante aos certos golpes d'Arcadia sem que ainda houvesse exhalado o derradeiro anhelito.

Condemnado o abuso que fazia da tropologia, extremo recurso do

<sup>1</sup> *Bosquejo da Hist., Ling. e da Poesia Portug. no Parnaso Lusitano.*

<sup>2</sup> A segunda edição, correcta e augmentada foi impressa na mesma officina em 1815; e a terceira foi exarada no jornal litterario (*o Iris*) que pelos annos de 1849 publicou nesta cidade o sr. conselheiro José Feliciano de Castilho, auctor de dois interessantes artigos ácerca do poeta e da sua obra.

poeta, não duvidamos subscrever em parte, o seguinte juizo de seu severissimo critico: « José Agostinho de Macedo que não podia tornar-se seiscentistas em relação ao estylo, porque para isso carecia d'uma certa opulencia de imaginação, e de phantasia, embora absurda, era de certo modo *seiscentista* nas apopleticas palavras que empregava e na sua tumida linguagem <sup>1</sup>. »

Não é mais do que uma nova edição refundida do poema *Newton* a *Viagem Estatica ao templo da Sabedoria*, igualmente em quatro cantos de versos endecasyllabos soltos <sup>2</sup>. Na dedicatoria ao mosteiro d'Alcobaça, a cujas expensas fora feita a primeira e nitida edição, leem-se estas vangloriosas palavras: --« No momento em que sinto apagar-se-me a luz da existencia, em que tem de se extinguir e é natural que derrame maior clarão, recolhi quanto poudo o fugitivo alento, e quiz sujeitar a numeros cadentes, ou eloquencia harmoniosa, que esta é a definição da poesia, o deposito adquirido na vasta e nunca acabada carreira das sciencias. »

A *Natureza*, poema em seis cantos, posthumamente dada a estampa <sup>3</sup>, não passa d'um elencho da *Meditação* e do *Novo Argonauta*, outro poema didactico publicado pela primeira vez em 1809 e de novo em 1825, com alguns retoques.

Abundão nesses poemas os mesmos defeitos que se notão na *Meditação* e no *Newton*, ao passo que escasseão as bellezas, e primores que do safáro sólo didactico soube por vezes extrahir <sup>4</sup>.

<sup>1</sup> *Annaes das Sciencias e Artes*, tomo II — José Agostinho de Macedo e sua *Epocha* por A. P. Lopes de Mendonça.

<sup>2</sup> Sahirão d'esse poema mais uma edição pernambucana em 1836, e outra portuense em 1854.

<sup>3</sup> Sahiu em 1846 da Typographia Rollandiana por industria do dr. Rego Abranches, que obsequiosamente incumbiu-se da revisão das provas. Parece que, composto antes de 1806, não o destinava ao auctor ao publico, havendo d'elle extrahido varios trechos para os poemas supra citados.

<sup>4</sup> Alguns criticos, em cujo numero distingue-se Hegel, não considerão o genero didactico nas condições da verdadeira poesia; por isso que dirigindo-se a intelligencia e a reflexão exclue a inspiração e o estro, que se alimenta do entusiasmo e das impressões de momento. Admittidas estas premissas maior deverá ser a nossa veneração pelos que, como Macedo, superarão obices e franquearão barreiras quasi inacessiveis.

Em lugar proprio analysaremos o *Oriente*, titulo principal da gloria poetica do padre José Agostinho de Macedo.

FRANCISCO MANOEL DO NASCIMENTO (*Philinto Elysio*): — Veio a luz do dia na cidade de Lisboa aos 23 de dezembro de 1734 <sup>1</sup>. Seguiu a vida ecclesiastica e depois d'ordenado presbytero recebeu a nomeação de thesoureiro collado na igreja das Chagas de Christo, cujo emprego exercia com bastante zelo e honradez quando a 22 de junho de 1778 foi denunciado á inquisição por um clerigo do arcebispado de Braga de haver proferido proposições pouco orthodoxas, ou malsonantes. Em virtude d'essa denuncia expediu-se ordem de prisão contra o padre Francisco Manoel, que teve a fortuna d'escapar ás deligencias do Santo Officio refugiando-se ao principio no palacio do conde da Cunha <sup>2</sup>, e depois em casa do negociante Timotheo Lecussan Verdier que lhe proporcionou meios de fugir á bordo d'um navio que partia para o Havre. Aportando á essa cidade, depois d'uma penosa viagem, trasladou-se á de Paris, onde viveu alguns annos em grandes apuros pecuniaros. D'esse estado tirou-o o cavalleiro d'Araujo (Antonio d'Araujo d'Azevedo, mais tarde conde da Barca) convidando-o para seu secretario particular, e levando-o para Haya onde desempenhava as funcções d'encarregado de negocios de Portugal. A aspereza porem de clima, e as difficuldades que encontrava d'aprender o idioma hollandez, forão causa para que renunciasse o emprego e regressasse a Paris, onde permaneceu o resto da sua longa existencia. Reintegrado nos fóros de cidadão portuguez, por esforços do mencionado cavalleiro d'Araujo, recusou-se volver á patria sem a completa restituição dos bens que lhe havião sido sequestrados, o que não tendo logrado, determinou-se a prolongar o seu, já

<sup>1</sup> Esta data, repetidas vezes citadas pelo proprio poeta, acha-se em discordancia com a certidão authentica do assento de baptismo, que assigna o dia 21 do dito mez e anno como o do seu natalicio. (Vide o *Diccion. Bibliog.* do sr. Innocencio da Silva).

<sup>2</sup> O mesmo que governou o Brasil na qualidade de vice-rei e cuja administração estudamos n'um trabalho offerecido ao Instituto Historico com o titulo — *Os Ultimos Vice Reis do Brazil* — (Vide *Rev. Trim do Inst.* tomo XXVIII)

então, voluntario exilio. Vivendo em terra estranha do producto de sua penna e das liberalidades d'amigos facil é de conjecturar quão mesquinha devera-lhe ser a sorte, servindo tambem isso de commentario á fraqueza de muitos dos seus escriptos, visivelmente inspirados pela musa da fome, e a acrimonia que distillão algumas das suas suas notas. Aos oitenta e cinco annos de idade succumbiu victima d'uma hydropisia do peito, conforme o diagnostico do seu medico (o doutor F. S. Constancio), sendo sepultado na igreja parochial de S. Philippe do Roule (25 de fevereiro de 1819), te correndo as despezas do funeral por conta do embaixador portuguez (*marquez de Marialva*)<sup>1</sup>. Vinte e tres annos depois (em 1842) forão transferidos seus restos mortaes para a terra portugueza, que tanto amára e illustrára, sendo conduzidos pelo seu amigo o conselheiro Philippe Ferreira d'Araujo e Castro. Depositados provisoriamente numa capella do claustro interior da cathedral de Lisboa acharão ultimo jazigo no cemiterio do Alto de S. João, para onde solemnemente se trasladarão no dia 19 de junho de 1856. Bem que tarde saldada ficou a conta que existia em aberto, e os restos mortaes do eximio poeta repousão em terra da patria, em simples, porem condigno moimento.

Francisco Manoel do Nascimento, mais conhecido pelo nome pastoril de *Philinto Elysio*, foi como Macedo e Bocage, poeta polygrapho, sendo difficil de classifica-lo em qualquer dos generos e especies convencionados. Garrett e Pato Muniz pretenderão assignar-lhe o primeiro lugar entre os lyricos, ao passo que o sr. Castilho (visconde) recusa-lhe os dotes da melodia e inspiração inherentes a esse genero.

Acatando, como nos cumpre, a opinião de tão abalisados mestres, cremos que Philinto podera achar lugar de honra em qualquer das provincias da poesia estando porém mais à larga e respirando mais folgadamente no genero didactico; por isso que, á imitação dos modelos classicos, a que desde a puericia se habituára, suffocava-

<sup>1</sup> Chegára a tal estado de penuria que o seu espolio foi vendido pela insignificante quantia de *doze mil reis*!—

lhe a inspiração nativa e convergia toda a sua actividade na correcção e belleza da forma.

Um distincto critico contemporaneo, cujo voto nos tem mais d'uma vez abroquelado, (Lopes de Mendonça,) aquilatava nestes termos o merito de Philinto Elysio :

« Parece impossivel que um poeta desterrado da patria, vivendo n'uma sociedade tão differente d'aquella em que primeiro abriera os olhos á razão e ao estudo, tivesse uma tão superior influencia sobre a escola poetica moderna. Para que Philinto fosse um poeta completo, para que creasse uma escola de invenção, faltou-lhe só no completamento da sua epocha: e em vez de procurar o matizado e o mimoso da musa horaciana embeber-se no estudo e convivencia da poesia, que se afastára das tradições mythologicas <sup>1</sup>. »

As condições de sua vida, que deixamos ligeiramente esboçadas, contribuirão para que indecisa e transitoria lhe fosse a physionomia na nessa historia litteraria. Velho, pobre, perseguido pelo fanatismo religioso, preso a gleba do trabalho, quasi sempre improfiquo, e ás vezes inglorio, esse socerdote, que honrava ao mesmo tempo a igreja e a patria, desfinhava nas margens do Sena, deixando vago o solio das musas lusitanas, que pela mais indisputavel das legitimidades lhe pertencia.

Tão erudito como José Agostinho de Macedo e infinitamente mais correcto parecia fadado para dirigir a revolução litteraria que se preludiava arrigementando e acoroçoando essa pleiade de poetas que batalhavão nos bandos indisciplinados de Bocage, e de outros menos celebres guerrilheiros.

Dissemos que na poesia didactica primava o nosso poeta; mas nem por isso desconhecemos que por momentos teve elle inspirações e arroubos verdadeiramente lyricos, como nas famosas odes a Affonso d'Albuquerque, aos novos Gamas, á liberdade, e algumas outras. Nota-se porém n'esses bellissimos trechos um senão que

<sup>1</sup> *Memorias da Litteratura Contemporanea*, Lisboa 1855

lhe desbota o brillantismo referimo-nos a dureza de metrificacão que tanto escandalisou ao cantor dos *Ciumes do Bardo* <sup>1</sup>.

Chamava-o porém a sua vocacão e o immenso cabedal de luzes que adquirira para as placidas veigas di dascalicas : ahi rivalisou com seu mestre Horacio e pediu meças a Garção. A arte poetica, em forma de carta endereçada a seu amigo F. J. M. de Brito, é digna da celebre epistola aos Pisões, e as que dirigiu a diversas pessoas, sempre vasadas no mesmo molde, igualão senão exceedem as que devemos ao desventurado auctor da cantata de Dido.

O gosto (quiçá necessidade) das traducções devera contribuir não pouco para seccar a seiva da originalidade do nosso poeta ; porquanto, como muito bem pondera Blair, o habito de traduzir, bem que a primeira vista pareça fructifero, vem por ultimo a desgostar-nos a faculdade inventiva. Verdade é que legou-nos primores de subido quilate, como a versão das fabulas de Lafontaine, a do *Oberon* de Wieland, a dos *Martyres* de Chateaubriand, etc. : preferiríamos porém vê-lo consagrar seu estro á obras originaes, e cujos assumptos fossem ministrados pelas reminiscencias patrias.

Constrangido a procurar alimentos adaptaveis ao difficil paladar dos contemporaneos indemanisou-se Philinto da ausencia de inspiracão pelo nimio cuidado na pureza da linguagem, que frisa ás raias do *puritanismo*. Ahi prestou elle valiosos e reaes serviços que lh'c agradece Garrett nestas encomiasticas palavras :

« Nenhum poeta desde Camões havia feito tantos serviços a lingua portugueza : só por si Francisco Manoel valeu uma academia, e fez mais que ella ; muita gente abriu os olhos, e adquiriu amor a seu tão rico e bello quanto desprezado idioma ; e se ainda hoje em Portugal ha quem estude os classicos, quem se não envergonhe de ler Barros e Lucena, deve-se ao exemplo, aos brados, ás invectivas do grande propugnador dos seus fóros e liberdades <sup>2</sup>. »

<sup>1</sup> Vide as notas a *Primavera* do sr. A. F. de Castilho (hoje visconde) edição de 1887.

<sup>2</sup> *Bosquejo da Historia da Lingua e da Poesia Portugueza*, servindo de introduccão ao *Parnaso Lusitano*.

Como sóe acontecer, a reacção foi muito além d'acção : receoso dos gallicismos, que lhe constituíam um como ambiente, lançou-se nos archaismos, desenterrou vocabulos e locuções cobertas pelo pó dos seculos, deu-se ao pueril exercicio de innovar palavras compostas d'elementos, nem sempre homologos, guindou o estylo com interminaveis hyperbatos, e tornou necessario um glossario para boa comprehensão das suas obras.

Trouxerão esses excessos, aliás reprehensíveis, algumas vantagens, sendo de todas a mais incontestavel a tendencia que começou a manifestar-se em prol do estudo da lingua, que tão descurado andava, e de que tão habilmente aproveitou-se o chefe da reforma litteraria em Portugal, que, fazendo tacita homenagem do seu laureado poema<sup>1</sup> á memoria do eminente e saudoso escriptor, buscou seguir-lhe as pisadas na vernaculidade da phrase, emquanto compativel com a natureza do assumpto e o cunho romantico que lhe queria imprimir

#### POESIA SATYRICA

DINIZ (*Antonio—da Cruz e Silva*): — Este illustre poeta sobre o qual já alguma cousa dissemos, foi o auctor do primeiro e mais afamado poema satyrico que possui a litteratura portugueza. Denomina-se elle

HYSSOPE, poema heroi-comico, em oito cantos de versos endecasyllabos soltos<sup>2</sup>.

Duas versões existem ácerca da origem do poema, uma do fallecido litterato L. A. R. da Silva<sup>3</sup>, e outra do distincto bibliographo, e

<sup>1</sup> *D. Branca*, de J. B. d'Almeida Garrett, que veio á luz como obra posthuma de F. E. (*Filinto Elysio*).

<sup>2</sup> Este poema foi traduzido para o idioma francez por J. F. Boissonade e dado a estampa em Paris no anno de 1828. A segunda edição (que temos á vista) tem á data de 1867 e sahiu da officina typographica do sr. Léon Techner, livreiro de Paris, sendo precedido d'uma interessantissima noticia biographica do poeta, devido á erudita e elegante penna do senhor Ferdinand Denis.

<sup>3</sup> Vide *Panorama*, vol. XII (anno de 1855).

tambem litterato, sr. Innocencio Francisco da Silva <sup>1</sup>: damos preferencia á segunda que passamos a consubstanciar.

Nos primeiros mezes do anno de 1764, desempenhava Diniz as funcções d'auditor de guerra na praça d'Elvas, e gozava de geraes sympathias pela delicadesa com que a todos tractava, apesar do seu genio taciturno.

Procurava-lhe a amizade a gente mais grada da terra, habitualmente reunida em casa do doutor Francisco José da Silveira Falcato, que exerceu mais tarde varios cargos da magistratura. Era essa casa o ponto de reunião da boa sociedade elvense, attrahida pela affabilidade do proprietario, e ahi passavão-se horas d'agradavel e instructiva conversação, em que tomava pequena mas proveitosa parte o nosso auctor.

Em certo dia, ou antes em certa noite, trouxerão ao *sotão* de Falcato, para nos servirmos da expressão local, uma noticia que causou ahi algum alvoroço, e despertou a musa comica de Diniz. Era o caso que fôra remettido de Lisboa ao juiz de fôra d'Elvas, um requerimento do deão (Ignacio Joaquim Alberto de Mattos) no qual interpunha recurso do accordão capitular proferido contra seu tio e antecessor (José Carlos de Lara), o qual annos antes se recusára offerer o hyssope ao bispo da diocese, D. Lourenço de Lencastre. O bispo e os conegos, prevendo o máo exito que teria o processo que ia ser revisto, apressarão-se em mandar trancar o referido accordão, « dispostos a negar todos os factos que o deão allegava em seu requerimento. »

Satisfeito com semelhante resultado fôra o deão em pessoa communica-lo ao cenaculo em que tambem era admittido, e narrou-o com circumstancias que punhão em bastante relevo a inconsistencia de character do prelado e dos seus adherentes. Um pouco arredado se achava um homem, que evitava os raios da luz, em consequencia d'uma ophtalmia de que estava soffrendo, o qual prestando desvelada attenção á narrativa ideou logo uma satyra, que em voz sonora recitou com grandes applausos do auditorio. Esse homem era o doutor

<sup>1</sup> Vide *Archivo Pictoresco*, vol. I anno de (1837-1838).

Antonio Diniz da Cruz e Silva, que assim indemnizava-se d'absoluta privação que lhe fôra imposta de ler e escrever.

Não quiz Falcato que se perdesse tão feliz inspiração, e deu-se pressa de confia-la ao papel. Nas seguintes noites voltando o caso á collecção, acompanhado d'accessorios, sempre ridiculos, forneceu ensejo a Diniz para ir dando incremento á satyra que pouco a pouco assumiu as proporções d'um poema heroi-comico.

O embryão do *Hyssope* (si assim nos podemos exprimir) ficou em poder de Falcato até o anno de 1805 em que o auctor tirou d'elle uma copia para si, e outra para o thesoureiro-mór da Sé (Antonio Mendes Sacchetti) e por algum tempo não se fallou mais de semelhante obra, apenas conhecida e apreciada no limitadissimo circulo que lhe servira de berço.

Annos depois indo a Lisboa o doutor Caetano José Vaz d'Oliveira; advogado em Elvas, hospedou-se em casa do doutor Theotónio Gomes de Carvalho, onde tambem se achava Diniz, de quem era amigo intimo. Obteve o doutor Caetano licença para tirar uma copia do mencionado poema, na qual se introduzirão algumas incorrecções, levou-a ccm-sigo para casa, e franqueou a alguns outros amigos e admiradores do poeta, que d'ella extrahirão successivas copias, inquiridas de novas incorrecções. Diz-se que uma d'ellas fôra parar ás mãos do conde d'Oeiras, filho primogenito do marquez de Pombal, que desejando possuir um exemplar correcto entendeu-se com o auctor, por intermedio do doutor Theotónio, de quem, como já dissemos, era hospede. Logrado o seu intento e descobrindo n'esse trabalho um chiste pouco vulgar, fez d'elle participante seu pai, que sendo do mesmo alvitre complimentou o auctor e fez-lhe o mais benevolo acolhimento quando foi agradecer-lhe o despacho de desembargador da relação do Rio de Janeiro.

Feitas algumas emendas e additamentos foi o manuscripto confiado ao prelo pela primeira vez em Paris <sup>1</sup> no anno de 1802, quando já fallecido o auctor.

Um edital do intendente geral da policia de Lisboa (Manique)

<sup>1</sup> Sob a indicação de Londres.

prohibiu rigorosamente a introdução dos exemplares d'essa edição, que chegarão a ser tão raros que se venderão a 1,200 reis brochados e em papel de infima qualidade.

Tal foi a origem do *Hyssope*, que, no nosso humilde parecer constitue o mais bello florão da grinalda poetica de Diniz. Averbão-no de pouco original, e ha mesmo quem pretenda que é elle de todo trasfoleado do *Lutrin* de Boileau. Leia-se sem paixão um e outro poema, e reconhecer-se-ha, que, si o pensamento primordial do *Hyssope* nasceu d'assidua leitura da obra do poeta francez, como acontecera a este, manuseando a *Secchia Rapita* de Tassoni e o *Scherno de gli Dei* de Bracciolini, indabitavel é que, tanto na urdidura da tela, como ainda nos lineamentos e contornos, ha muito de original e bastante amplidão e liberdade quando imita, ou segue de perto, ou de longe, o modelo pelo qual optára.

« Parece certo (diz o sr. F. Denis) que a lembrança do *Lutrin* e do seu exito, verdadeiramente popular, apossou-se do espirito do poeta quando ao acaso e por mero brinco improvisou seus primeiros versos em casa do amigo, que teve a feliz ideia de não deixa-los cahir no olvido; mas não é menos certo que os conselhos dados por Boileau aos que se abalancão á grande arte dos versos, não lhe sahirão da mente levando insensivelmente seu poema a esse grao de perfeição que só os mestres realisão pela inspiração e o trabalho, duas fecundas fontes d'onde manão todos os primores da arte<sup>1</sup>. »

Pretendeu Sismondi<sup>2</sup> que fosse esse poema imitação da *Madeira Roubada* (*The Rape of the Lock*) de Pope, que parece jamais ter sido conhecida de Diniz, o qual, no dizer do sr. Innocencio F. da Silva, era mui pouco versado (senão de todo ignorante) no idioma inglez.

Sediça usança é dos criticos o irem procurar semelhanças e analogias em estranhas litteraturas para recusarem aos autores os fóros da originalidade, desconhecendo o principio de que as mesmas causas produzem os mesmos effeitos, e que o conjuncto de circums-

<sup>1</sup> Vide *Notice Biographique sur Antonio Diniz da Cruz et Silva* dans la 2<sup>m</sup> édition du *Goupillon*.

<sup>2</sup> Vide — *De la Litterature du Medi de l'Europe* tom. IV — edit. de 1829

tancias identicas, ou quasi identicas, podem dar origem a productos similares, partindo de intelligencia congeneres.

Ninguem haverá que lendo o poema de Diniz deixe d'admirar o espirito, o atticismo que n'elle dominão. Habilmente entreteceu o sublime com o ridiculo, ondulou o estylo com infinita graça, fazendo-o ora remontar-se aos pincaros neva dos da epopéa, ora descer aos abysmos do comico. Soube crear caracteres que são verdadeiros typos, e que, como os de Molière, se naturalisarão na vida practica. Com rara mestria soube travar o dialogo, sendo de todos o mais notavel o da cerca dos capuchos que não conhece rival em litteratura alguma.

Mareão infelizmente algumas nodoas tão mimosa tela, quiçá pelas circumstancias que presidirão a sua feitura, ou por não lhe haver o auctor posto a ultima mão, nem disposto para a imprensa. Nota-se por exemplo certo desalinho na metrificacão, o emprego d'expressões mal soantes provocadoras da hilaridade (por certo occasional), e até o uso de vocabulos antagonicos a pureza da lingua da qual tão grande sabedor era.

NICOLÃO TOLENTINO (*d'Almeida*): — Natural de Lisboa nasceu a 10 de setembro de 1741 e foi filho de Francisco Soares d'Almeida, advogado, e de sua mulher D. Anna Soares. Destinado a seguir a profissão paterna fez o seu curso de preparatorios na propria cidade natal partindo depois para Coimbra, em cuja universidade matriculou-se, ignorando-se o motivo porque não conseguira a formatura. Regressando á capital, quando já contava vinte e quatro annos d'idade, conheceu a necessidade de procurar um meio de vida com que auxiliasse a penuria do lar domestico. Achando-se então vaga a cadeira de rhetorica para ella concorreu e foi provido, apesar da má vontade dos examinadores, graças á preteccão de director dos estudos, principal Almeida, ao qual se mostra sumamente grato n'umas decimas dedicadas ao seu anniversario natalicio. Por espaço de quatorze a quinze annos exerceu elle o professorado, até que aspirando mais commoda e pingue collocação poz-se a solicitar outro emprego servindo-se de tão exageradas expressões que á alguém pareceu que soffria grandes necessidades e *até fome!* Fatigado de suas importunações despachou-o então o ministro do

reino, visconde da Villa Nova da Cerveira <sup>1</sup> official da sua secretaria d'onde tirava licitos proventos que lhe permittião morar em vastas e agradaveis habitações, ter sege propria, reunindo a essas vantagens materiaes as horas e perogativas de cavalleiro das ordens de S. Thiago e de N. S. J. Christo, cuja venera trazia ao peito da casaca encarnada com que se mostrava em todas as festas e sarãos.

« Tolentino (diz um dos seus recentes biographos) gozou quanto poude, e talvez mais do que poude, sobretudo nos ultimos trinta annos da sua vida, as commodidades a que a situação a que chegara e a sociedade do seu tempo lhe offerecião, ou excitavão <sup>2</sup>. »

Consta que profunda impressão exercera sobre seu animo a occupação franceza, abysmando-o em negra melancolia. Sybarita, na honrosa accepção do vocabulo, viu-se de repente subtrahido a essa sociedade folgasona e inconsciente em que passára os melho-res annos da virilidade, e as caliginosas nuvens que se accumulavão sobre o horisonte politico da patria toldavão-lhe o ceo dos prazeres faceis com que se habituára. No mais completo retiro viveu os ultimos tres annos soffrendo repetidos assal tos de sesões, combinados com a debilidade d'estomago, resultante do immoderado exercicio que a essa viscera dera em annos de saude e robustez. Tiverão termo seus padecimentos no dia 24 de junho de 1821, em que falleceu, sendo sepultado, *sem distincção alguma particular*, no cemiterio da parochia de N. S. das Mercês.

Não se sabe ao certo o motivo porque recusára Tolentino fazer parte da academia de bellas letras, ou *Nova Arcadia*, em que tinhão assento os primeiros poetas da época : assevera porém o sr. José de Torres que fôra elle admittido á academia real das sciencias de Lisboa, como socio supranumerario, por proposta do marquez d'Alegrete e do conde de S. Lourenço. Parece porém que nenhum concurso prestára aos trabalhos academicos, incorrendo por isso

<sup>1</sup> Mais tarde marquez de Ponte de Lima.

<sup>2</sup> Vide *Ensaio Biographico Critico* á cerca de Nicoláo Tolentino d'Almeida pelo sr. José de Torres, em seguida a edição illustrada de suas *Obras Completas* Lisboa 1861.

na penalidade imposta pelos estatutos, e em virtude da qual deixou d'aparecer o seu nome no *Almanach de Lisboa* do anno de 1788 em diante.

Não pequena estranheza tem causado que n'uma época em que os cultores das musas formavão uma especie de confraria, quiçá associação de mutuos elogios, ou adversos arraiaes d'onde se arremessavão as mais ferinas setas, não se encontra nos versos de Tolentino nenhuma allusão favoravel, ou contraria aos contemporaneos, que tambem por sua vez (com excepção d'Elpino Duriense e Philinto Elysio) deixarão-no em absoluto olvido. Semelhante phenomeno só pode achar explicação no modo de vida adoptado pelo poeta, cujos ocios erão consagrados á frequencia dos sarãos e partidas dos fidalgos e poderosos, *mendigando-lhes* protecção e favores em troco de bajulatorias poesias. Um certo ciume, ou inveja d'officio, devera tolhe-lo na confissão do merito de seus emulos, a quem poupava, receioso de represalias, que lhe embaraçassem os planos.

Ainda que consagrasse o seu estro a varios generos e especies ninguem contestará que foi a satyra a que melhor se quadrou com as condições do seu caracter. Cumpre porém reconhecer que esse mesmo caracter, sempre dubio, por demais lisongeiro, era um obice para o bom desempenho das difficilimas funções de censor dos costumes. » Em Tolentino (diz o sr. J. de Torres) havia uma feição caracteristica, rara em poetas satyricos e para elle pouco lisongeira; erão as dependencias que confessava a cada hora; as lamurias contra a adversidade que lhe fazia pesado e insuportavel o encargo da familia; as solicitações systematicas em favor seu e d'ella. A sua situação até chegar a ser official de secretaria não seria em verdade invejavel; mas os proprios desarranjos, a propria incontinencia, talvez fossem mais culpados que a sorte nas penas de que se doia. As lastimas familiares forão mina inexaurivel de semsibilidade para as queixas e thema para toda a casta de variações em corda tão plangente. O que mais admira é que soubesse accommodar em paz *Babylonia com Sião*, a musa de Juvenal com a baixa cortezania <sup>1</sup> ! »

<sup>1</sup> Vide o *Ensaio Biographico-Critico* supra citado.

Não foi por certo o discípulo de Quintiliano <sup>1</sup> que lhe serviu de modelo; muito longe estava de imitar lhe a virtuosa indignação que lhe inspirava o verso <sup>2</sup> o que mareava com ferro candente a fronte dos Neros, Claudios, Caligulas e Domicianos: era nas elentes paginas do cortezão d'Augusto <sup>3</sup>, nesses admiraveis *Sermoes*, que buscava exemplares do gracejo delicado e anodymo, do estylo sempre ameno, sempre gracioso.

A maneira porque comprehendia a missão do satyrico explicou-a desenvolvida e francamente na dedicatória da satyra denominada — *Os Amantes* — dirigida ao marquez d'Angeja (D. João de Noronha).

« Como o meu intento era divertir a V. Exa. ajuntei o prazer a philosophia da obra e tracei uma satyra. Este nome assusta o vulgo ignorante; confunde as satyras com os libellos infamatorios; as que ha d'esta natureza são um crime do poeta, que quer emendar erros fazendo mais um; das melhores cousas se pode usar mal; a espada nas mãos do assassino é um escandalo da humanidade; nas mãos do soldado fiel é a guarda do throno e das leis; V. Exa. sabe que a severa Athenas prohibindo a satyra da comedia antiga e média, levantou theatros a nova; porque expunha a irrisão do povo os vicios, sem apontar os homens. O riso não implica com a doutrina: Platão e Horacio caminharão por estradas diversas; mas ambos forão philosophos; ambos instruirão os homens; imitando-os na intenção me animei a ordenar e a offerecer a V. Exa. uma satyra, que se excitar riso em uns, não o tira das lagrimas de outros; e V. Exa. consinta que a minha musa humilde ponha este tributo d'agradecimento nas mãos protectoras do bemfeitor que a honra, etc, <sup>4</sup>. »

No unanime consenso dos criticos é a do *Bilhar* a mais primo-

<sup>1</sup> Juvenal. —

<sup>2</sup> *Facit indignatio versum.*

<sup>3</sup> Horacio.

<sup>4</sup> *Obras Completas* de N. Tolentino d'Almeida, edição illustrada dos srs, Castro e Irmãos — Lisboa — 1861.

rosa das suas satyras, tendo o incontestavel merito de photographiar os costumes e os ridiculos contemporaneos. « Que singelesa unida o uma arte infinita ! (exclama o collector do *Parnaso Lusitano*) que propriedade d'estylo, e que atticismo ! É impossivel narrar melhor. O auctor possuia o segredo de dar vida e graça a tudo. »

Na satyra do *Passeio* admira-se o fidelissimo retrato dos janotas estrangeirados, e dos *politicos do monte de S. Catharina*, legitimos avoengos dos do *Chiado* e da *rua d'Ouvidor*. É sempre a mesma raça, atravessando incolume os seculos, zombando dos accidentes do clima, e da civilisação e desmentindo d'ess'arte as doutrinas de Darwin !

A *Funcção*, escripta em forma de dialogo, resplandece pelo espirito, e finissima ironia, e offerece-nos veridico quadro das usanças d'uma epocha, que tão anomala nos parece. Julgamos descubrir nessa mimosa producção não poucos vestigios d'assidua leitura de Boileau.

A satyra intitulada a *Guerra* recommenda-se pelo chiste com que soube agrupar paradoxos expondo-os ao ridiculo com delicadissimo tacto. Ahi tambem se encontram algumas felizes imitações de Boileau, como n'allusão ao *Te Deum* que se costuma celebrar depois de todas as victorias <sup>1</sup>

Não faltarão a Tolentino elogios e vituperios ; para uns (como Garrett) tocou elle a meta da perfeição ; excedeu a Boileau e foi « o mais engraçado, mais *b m homem* de todos os nossos escriptores <sup>2</sup> » para outros (como Costa e Silva) é « um poeta que todos gabão e que poucas pessoas o leem, e que escreveu mais para os salões do que para o publico <sup>3</sup> »

<sup>1</sup> « Entre horrosos tropheos  
O general deshumano  
Manda falso insenso aos ecos  
E d'espalhar sangue humano  
Vai dando louvor a Deus ! »

<sup>2</sup> Vide *Bosquejo da Hist. da Poesia e Ling. Portug.*

<sup>3</sup> Vide *Poesias de J. M. da Costa e Silva* tomo III — Lisboa — 1814.

Quanto a nós reuniu elle predicados mui raros de possuirem-se e combinarem-se, desenhou primorosamente a sociedade de seu tempo, que tão bem conhecia, e si não encontrou expressões bastante energicas para estigmatizar os vicios foi porque a dependencia em que sempre viveu, a condição de perpetuo pretendente em que se constituiu, obstou-lhe o julgamento livre e desasombrado do que via e observava. Versou com proveito os exemplares da litteratura antiga e moderna, practicou com os clasicos de quem aprendeu a formosura da forma e a solidez da substancia. Aperfeiçoou a quintilha de Sá de Miranda, e utilisou-se com arte dos conceitos de Ferreira e Garção. Repugnava-lhe a ostentação de saber; por isso raros erão as suas citações e referencias, mas do succo de suas leituras fornecem nos a prova da sublimidade e acerto dos pensamentos, a fluencia e correcção da phrase, digna de estudo e meditação dos amadores da boa vernaculidade.

BOCAGE (*Manoel Maria de Barbosa du*) : — Nasceu n'antiga villa (hoje cidade) de Setubal a 15 de Setembro de 1765 e teve por progenitores o bacharel José Luiz Soares de Barbosa e sua mulher D. Marianna Joaquina Xavier du Bocage <sup>1</sup>. Ainda que hereditario em sua familia o talento poetico causa assombro que aos oito annos já fizesse bellissimos versos, como os da quadra improvisada quando voltava de Lisboa onde assistira uma procissão de cinza. Citada em todas as collecções, e ainda em alguns excerptos de suas poesias, distingue-se peia graça e naturalidade d'expressões <sup>2</sup>. Diz

<sup>1</sup> O tronco da familia Bocage era originario da Normandia, e um dos seus membros (Gil le Doux du Bocage) passou-se a Portugal em 1704, e entrando para o serviço da marinha real chegou ao posto de coronel de mar e guerra (vice-almirante). Da importante parte que tomou na defeza d'esta cidade do Rio de Janeiro, quando em 1811 foi accommettida por Duguay Trouim, fizemos menção na Memoria lida perante o Instituto Historico e publicada na sua *Revista* (Tomo XXII—1859) sob o titulo de *França Antartica*.

<sup>2</sup> Tambem aqui transcrevemo-la copiando-a da ultima edição de suas Poesias (Lisboa—1853).

« Fui ver a procissão de S. Francisco,  
A quem o vulgo chama da cidade ;  
E supposto o apertão foi raridade  
Que indo eu em carne, não viesse em cisco ! »

um dos seus biographos (Antonio Maria do Couto) que nessa tenra idade já lia e escrevia com acerto « dando a leitura a inflexão de voz propria de quem entende a fundo e saborea o pensamento do auctor. »

Aos quatorze annos (depois de haver aprendido o francez com seu pai e latim com um ecclesiastico hespanhol, (por nome D. João de Medina) assentou praça de cadete, no regimento numero 7 de infantaria de Setubal, indo pouco depois residir em Lisboa.

Ahi chegando entendeu que melhor convinha-lhe mudar de arma e entrar para a marinha, em que se illustrára se avò materno; e, obtida a competente paterna venia, entrou para a academia dos guardas-marinhas, de recente creação.

Terminado o curso embarcou para a India no posto de guarda-marinha <sup>1</sup>; e no seu trajecto aportou a nossa cidade, onde governava Luiz de Vasconcellos e Souza, que reccheu-o com sua habitual affabilidade.

Em outubro de 1789 chegou a Gôa, que na, elegante phrase de Rebello da Silva <sup>2</sup> « dos semi-deuses que fizerão a sua gloria, apenas guardava os retratos! » Tudo estava mudado; dir-se-hia que um cataclysmo social passára por sobre as cabeças dos degenerados netos de tantos heroes. » Dos Albuquerque, dos Castros, e dos Gamas nem a sombra! (continúa o citado e saudoso escriptor). Aquelles mares, theatro das proezas de Duarte Pacheco e de tantos capitães, que o temor dos vencidos denominou *leão das aguas*, estavam quasi solitarios de navios portuguezes; a guerra heroica fôra convertida nos enredos e pequenas rixas dos governantes com os governadores. As cousas e os homens n'Asia, assim como em Portugal, tinham perdido a estatura epica. A vaidade das fidalguias

<sup>1</sup> Acerca d'esta circumstancias e dos motivos que determinarão a viagem consultar-se-ha (sempre com muito proveito) a erudita Memoria do sr. conselheiro José Feliciano de Castilho (em complemento aos excerptos da *Livraria Classica* tomo VII) que nos serviu de principal e segura guia para o nosso mesquinho trabalho.

<sup>2</sup> *Estudo Biographico-Litterario* inserto no tomo I da edição das Poesias de Bocage de 1853.

as conjurações venenosas das raças, e a barbaridade litteraria d'um verdadeiro basar de mercadorias e pilotos substituição as virtudes e os rasgos da primeira epocha da conquista. »

Facil é de conjecturar o influxo que sobre a ardente imaginação de Bocage deveira exercer tão desolador espectaculo. Semelhante a Ovidio, com quem tantos pontos tinha de contacto, poderia exclamar :

« *Barbarus hic ego sum, quia non intelligor ulli.* »

E de facto onde empregar os thesouros da sua cultivada intelligencia? onde arrostar os perigos da gloria marcial? A inacção, tão contraria á sua indole, desenvolveu-lhe o sentimento nostalgico, e em sentidos versos rememorou as bealdades a quem successivamente rendera cultos na terra natal.

Não era sómente a essas e ndechas que consagrava os ocios: aguçava-lhe a corrupção dos costumes a veia satyrica; e com mais inspiração do que prudencia fustigava os ridiculos, e até as usanças locaes <sup>1</sup>.

Como era d'esperar irritou-se o animo dos habitantes contra o acerbo censor, chegando ao extremo de lhe armarem ciladas e pôrem-lhe em risco a existencia. Verdade é, que, segundo affirma o sr. conselheiro Castilho, motivos de honra e pundonor, offendidos por leviandade do joven official, contribuirão principalmente para essa exaltação.

<sup>1</sup> Sirva de exemplo o seguinte trecho d'um dos seus sonetos :

Eu vim c'rôar em ti minhas desgraças,  
Bem como Ovidio misero entre os Getas,  
Terra sem lei, madrasta de poetas,  
Estuporada mãe de gentes baças.

Teus filhos, antes cães de muitas raças,  
Que não mordem com dentes, mas com tretas  
E que impingir-vos vem, como a patetas  
Gatos por lebres, ostras por vidraças! <sup>a</sup>.

<sup>a</sup> Na India usava-se d'ostras nas janellas em lugar de vidraças.

Rectifica o mesmo illustre escriptor um equivoco em que tem laborado quasi todos os anteriores biographos: queremos fallar da perseguição que se diz ordenada pelo capitão-general do Estado da India, D. Frederico Guilherme de Sousa, em odio a uma escandalosa satyra denominada *Manteigui*, da qual resultou o seu desterro e consequente baixa do serviço militar.

Munido de documentos de toda authenticidade, extrahidos dos livros da India pelo sr. Philippe Nery Xavier (e publicado no *Archivo Universal*, vol. IV n. 20), provou o doutissimo litterato a que nos estamos referindo, que a chegada de Bocage á capital da India portugueza, apenas precedera quatro dias á retirada para o reino do mencionado D. Frederico Guilherme; e que tão limitado lapso de tempo era por certo insufficiente para adquirir conhecimento necessario dos lances ridiculos da vida do governador, de quem aliás nenhuma injuria tinha que vingar.

Parece pois que mui diverso fôra o motivo que o determinara a pedir sua remoção para a praça de Damão, sendo promovido a tenente de infantaria do aregimento ahi quartelado.

Conforme as recentissimas averiguações commetteu Bocage nessa praça um delicto, severamente punido pelas leis militares, que não se sabe porque não lhe forão infligido; alludimos á sua deserção, effeituada no dia 8 d'abril de 1789, em companhia do alferes Manuel José Dyonisio, individuo de má nota e crivado de dividas. Esse acto de indisciplina foi commettido com culpavel premeditação, e crê-se planeado em Gôa, servindo a remoção de meio facil de leva-lo ao cabo. A causa efficiente é por emquanto desconhecida

Em um soneto allude a penosa jornada que emprehendera

« *Por barbaros sertões gemi vagante...* »

quando em Bombaim, ou Surrate, embarcou-se para Macau, onde hospedando-se em casa do negociante de Goa Joaquim Pereira d'Almeida, conseguiu relacionar-se com a sociedade selecta d'essa colonia, e grangear a protecção do governador interino, desembargador Lazaro da Silva Ferreira, a quem deveu os necessarios auxilios para regressar á patria.

Em agosto de 1790 aportou Bocage ás plagas lisbonenses, e, achando-se baldo de dinheiro, lembrou-se de colleccionar seus versos, e fazer d'elles um volume, que, sob o titulo de *Rimas*, editorou Simão Thadeu Ferreira em 1791 <sup>1</sup>.

Se tenues forão os proventos que d'essa publicação lhe resultarão grande foi a nomeada que adquiriu como poeta, sobretudo na especialidade de *repentista* na qual ninguem lhe levava ás lampas. Pelo longo periodo de sete annos teve existencia *folgada e milagrosa*, como elle proprio se expressava, contentando-se com o dia de hoje no mais completo descuido do d'amanhã.

Coincide esse periodo com as porfiosas luctas da *Nova-Arcadia*, em que tomou activa parte sendo um dos mais conspicuos batalhadores.

« As primeiras discordias do Parnaso (diz Rebello da Silva) começarão apenas entrou na capital, ou pouco depois; e procederão da sobrançeria e da mudavel condição do seu character. Na boca d'elle o elogio andava perto da satyra, e a intenção de dominar, de sobresahir e d'escurecer os outros declarava-se tão altiva e intolerante, que as dissensões e as rivalidades nascião umas das outras, distrahindo-lhe a intelligencia em pugilatos inglorios, prejudicando-lhe o credito não poucas vezes pelas represalias, em que se excedeu. Desde o padre José Agostinho, desde Curvo Semedo e o abbade de Almoester, até o inoffensivo e rasteiro alcaide das trovas, José Daniel, o latego da satyra alcança a todos e deixa-os assignalados de vergões eternos. O numero das victimas foi consideravel, e o que deve censurar-se ainda mais, os seus amigos e bemfeitores não escapão, figurando a par dos zoilos despreziveis, e de invejosos reptis, apenas dignos da risada da Nemesis, que os flagellou <sup>2</sup>! »

Pelo brado que deu essa luta na nossa historia litteraria, merece que esboçemos a largos traços a origem e fim da sociedade que lhe

<sup>1</sup> Consta que esse mui conhecido livreiro dera por essa edição a insignificante somma de dez moedas, ou quarenta e oito mil reis!

<sup>2</sup> *Estudo Biographico e Litterario*, no tomo I das Poesias de M. M. de Barbosa du Bocage.

serviu d'arena, abrindo para isso um parentheses na biographia que estamos escrevendo.

A *Academia das Bellas Letras de Lisboa*, ou *Nova Arcadia*, floresceu de 1790-1806 e funcionava no palacio do conde de Pombeiro (depois marquez de Bellas). Teve por fundador o padre Domingos Caldas Barbosa <sup>1</sup>. Logo ao nascer, e por motivo da presidencia, começou a discordia entre os poetas; indignarão-se alguns que o posto de honra fosse occupado por Caldas Barbosa, que além de mediano em talento não possuía pureza de sangue <sup>2</sup>, e nesse numero teve Bocage a primeira plana sendo mui conhecidas as ferinas setas que lhe despediu. Não é bastante liquido de quem partisse a aggressão, sendo ainda contestavel a paternidade do celebre soneto, que começa por estas palavras:

« Preside o neto da rainha Ginga.

« A corja vil adulatora, insana. . . »

crendo uns que fora obra do nosso poeta, e outros de Belchior Curvo Semedo, que lhe imitára o estylo. Como quer que seja serviu de brandão incendiario, arremeçado no seio d'*Arcadia*; e provocou o mais violento desforço. Consistiu elle em riscarem o nome d'*Elmano Sadino* (Bocage) da matricula dos poetas, e darem lugar no *Almanach das Musas* <sup>3</sup> as mais violentas diatribes com o seu endereço.

Extremarão-se na seita ante-bocagiana Curvo Semedo (*Belmiro Transtagano*) e J. Agostinho de Macedo (*Elmiro Tragideo*), seguindo-se-lhes no encalço o abbade d'Almoester Joaquim Franco

<sup>1</sup> Nascido no Rio de Janeiro pelos annos de 1740 e fallecido em Lisboa no de 1800. Tinha tomado o nome bucolico de *Lereno Selinuntino*.

<sup>2</sup> Diz o sr. Varnhagem (*Florilegio da Poesia Brasileira*, tomo I) que Domingos Caldas Barbosa, fôra filho d'um portuguez e d'uma preta, escrava sua, e que esta accidental circumstancia o alligia em extremo. A presidencia d'academia coube-lhe, não só por ter sido elle o principal fundador, como por ser capellão do conde em cujo palacio celebravão-se as sessões, como ficou dito.

<sup>3</sup> Orgão official d'academia, dirigido por Caldas Barbosa, e constante das poesias dos novos árcades. Cada caderneta vendia-se a duzentos e quarenta reis. —

d'Araujo (*Corydon Neptunino*), e o doutor Luiz Correa França Amaral (*Mileséo Selenio*).

Sustentavão a parcialidade de Bocage não menos distinctos paladinos, avultando entre elles Francisco Joaquim Bingre (*Francilio Vougensé*), o Dr. José Thomaz Quintanilha (*Eurindo Nonacriense*) Francisco de Paula Cardoso (morgado d'Assentis) e Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

Emvenou-se o debate: choverão os doestos d'envolta com chocarrices, descerrou-se o sanctuario da vida privada e os arminhos poeticos nodoarão-se nos paúes da obscenidade. Força era acabar com semelhante escandalo; e a *Nova Arcadia* expirou em satisfação às leis do decóro.

« A *Nova Arcadia* (diz o sr. Theophilo Braga) deixou muitas odes, epistolas e sonetos, mas desenvolveu um genero que estava no gosto do tempo — o elogio dramatico, allegorico, incolor e falso. — Foi o mais a que chegou <sup>1</sup>. »

A popularidade de que gozava Bocage, e o circulo d'admiradores que o rodeavão forão partes para que mais d'uma vez se extraviasse o seu preclarissimo talento. Vogavão na epocha, a que nos vamos referindo, ideias heterodoxas e subversivas de toda a moral, as quaes, apesar dos rigores da policia e do temor da inquisição, haviam franqueado as lusas raias, vindas principalmente de França, onde, como se sabe, fizerão tão medonha explosão. Sedento d'applausos buscou lisongear todas às más paixões e nas ideias ante-religiosas encontrou o attractivo do fructo prohibido. Tal foi a origem da *Pavorosa*, « poema assassino da innocencia, e vergonhosa aberração do espirito humano » na energica expressão do sr. conselheiro Castilho.

Attrahiu-lhe essa diatribe a perseguição da policia, cujo intendente geral Diogo Ignacio de Pina Manique, mandou-o recolher a cadeia da cidade (*Limoeiro*), no dia 10 d'agosto de 1797 como auctor

<sup>1</sup> Vide *Theoria da Historia Litteraria Portugueza* — Dissertação para o concurso da 3. cadeira do Curso Superior de Letras — 1872. —

de *papeis impios, sediciosos e criticos*, instaurando-se-lhe o respectivo processo.

Semelhante aos passaros cantores exhalou suas magoas em plangentes versos, dedicados á varios personagens e socios dos antigos prazeres. Pelo testemunho d'um elles (Bingre) sabe-se hoje que José de Seabra, então ministro d'estado e um dos mais fervorosos economistas do poeta, excogitou um meio, bem singular, para subtrahi-lo aos rigores da prisão e as delongas d'um processo. Consistiu esse meio em fazer com que a inquisição requisitasse a policia o auctor do *impio poema*, que não lhe podendo ser recusado achou nos seus carceres (outr'ora tão horrorosos!) linitivos e consolações que chegarão a maravilha-lo temendo-se d'alguma cilada. É que a epocha das cruezas havia passado; e o tremendo tribunal, vendo aproximar-se a hora em que o seu poderio ia findar, procurava gratidão no futuro e tolerancia na actualidade. Solemnemente entregue ao inquisidor geral, D. José Maria de Mello, foi transferido da prisão civil para a ecclesiastica no dia 7 de novembro de 1797. « Já ião longe os autos da fé (diz o supracitado sr. conselheiro Castilho); já o tribunal da inquisição era um refugio contra os tribunaes civis, um degrão para a liberdade. »

Passados quatros mezes foi transferido para o mosteiro de S. Bento da Saúde, e d'ahi para o hospicio de N. S. das Necessidades, pertencente aos congregados do Oratorio (de S. Philippe Nery). Essa congregação, altamente protegida pelo marquez de Pombal, que confiou-lhe a educação da mocidade até então entregue os jesuitas, havia se feito illustre pelo grande numero de varões pios e doutissimos que nos ultimos tempos contára, e ainda contava em seu gremio <sup>1</sup>. Em tão proveitosa convivencia muito lucrou o espirito e o coração de Bocage, e pode-se datar d'essa epocha a metamorphose que se operára em sua vida.

Foi ainda nesse abençoado asylo que empreendeu trabalhos

<sup>1</sup> Bastará citar os preclaros nome do padre Bernardes, mavioso escriptor e rival de Vieira em vernaculidade, do sabio Theodoro d'Almeida, do celebre latinista A. Pereira Figueiredo, e do douto Francisco José Freire (*Candido Lusitano*) esmerado traductor de Horacio.

litterarios que muito exalçarão a sua já bem firmada reputação. Começou a versão das *Metamorphoses* d'Ovidio, monumento incompleto do seu cultivado e fecundo engenho, e escreveu tres epistolas, endereçadas a tres marquezes (os de Ponte de Lima, Pombal e Abrantes) consideradas como modelos da especie.

Recobrou alfim a liberdade no anno de 1788 pela poderosa intercessão dos seus Mecenas, e volveu ao gremio da sociedade. Pago o primeiro tributo ao alvoroço que tão fausto acontecimento lhe causára, reflectiu Bocage na sua precaria sorte, e então principiarão a germinar as sementes que em sua alma havião depositado os padres d'Oratorio. Mandou buscar para sua companhia uma irmã solteira, que estremecidamente presava, e resolveu-se a aceitar a offerta que lhe fizera o director da officina chalcographica (tambem chamada do *Arco Cego*) frei José Marianno da Conceição Velloso <sup>1</sup> por intermedio de José Nunes Esteves, guarda-livros da mencionada officina.

Si attendermos ás circumstancias de tempo e lugar desvantajosas não forão as condições estipuladas; consistentes no onus do rever acuradamente as provas das obras impressas no estabelecimento e de compôr, ou traduzir, outras apropriadas a diffusão de conhecimentos uteis, mediante o estipendio de vinte e quatro mil reis mensaes <sup>1</sup>.

Das boas relações havidas entre o nosso sabio compatriota e o grande poeta portuguez abundão testemunhos nos escriptos d'este ultimo, nomeadamente na dedicatória do drama — *A Virtude Laureada* — impresso no mesmo anno do seu fallecimento.

Derradeiro e imbelles ataque da fanatismo veio perturbar a serenidade de que gozava Bocage, referimo-nos a denuncia dada a inquisição

<sup>1</sup> Nascido em 1742 no sitio denominado S. José do Rio das Mortes (Minas-Geraes) e fallecido no Rio de Janeiro a 11 (ou 14) de julho 1811. Foi auctor da *Flora Fluminense*, que começou a imprimir-se em Lisboa e terminou-se no Rio de Janeiro em 1825. As estampas forão gravadas em Paris, sob a direcção de Domingos Borges de Barros (depois visconde da Pedra Branca).

<sup>2</sup> Cumpre acrescentar que das obras originaes, ou traduzidas, ficava-lhe a propriedade, exceptuando a primeira edição deixada á officina para indemnisação das despezas.

por uma senhora, filha do administrador do correio de Lisboa, de pertencer elle a *condemnada seita dos pedreiros livres*. Parece que pouco, ou nenhuma attenção prestou o tribunal a tal denuncia; porque não nos consta que fosse o poeta incommodado, morrendo o processo logo ao nascedouro.

O estrago das forças physicas correspondendo ao desperdicio dos dotes intellectuaes, abreviarão a existencia do lau reado poeta, para quem sôou a ultima hora a 21 de dezembro de 1805. Uma dilatação das carotidas, convertida logo em aneurisma, poz termo a essa existencia, tão cara aos apreciadores da gloria litteraria.

Suas exequias, celebradas na igreja das Mercês, forão á expensas do prestimoso José Pedro da Silva <sup>1</sup> e á beira da campa renderão amigos e até emulos <sup>2</sup> sincera homenagem. A 10 de abril de 1864 quizerão por seu turno pagar-lhe os setubalenses tardio preito ordenando que no frontispicio da casa em que nascera se assentasse uma lapida commemorativa; finalmente a 21 de dezembro de 1871 erigiu-se nessa mesma cidade uma estatua a um dos mais assombrosos genios de que jamais honrou-se a terra portugueza <sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Este individuo, destituido de instrueção, mas dotado d'uma alma angelica, tornou-se celebre nos nossos fastos litterarios pela sua liberalidade em favor d'alguns litteratos, summamente desfavorecidos da sorte: occupando entre elles distincto lugar o nosso poeta. Era dono d'um botequim, sito no Rocio, conhecido pela pictoresca denominação d'*agulheiro dos sabios*.

<sup>2</sup> José Agostinho de Macedo, que como já dissemos, fôra um dos mais acerrimos inimigos de Bocage, reconciliou-se com elle na sua derradeira e fatal enfermidade, e pranteou-lhe a morte numa epistola e num epicedio; verdade é que annos depois (em 1812) mostrou-se arrependido de tão boa acção, e de novo accommetteu contra a memoria d'*Elmano*. (Vide a Carta d'um pai para seu filho, estudante de Coimbra, sobre o espirito do *Investigador Portuguez*).

<sup>3</sup> Por iniciativa do sr. conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto de Noronha reunirão-se n'esta cidade do Rio de Janeiro no dia 15 de setembro de 1863 (centenario do nascimento de Bocage) alguns distinctos cavalheiros (brasileiros e portuguezes) e resolverão abrir uma subscrição em ambos os paizes em que se falla a bella lingua de Camões, cujo producto fosse applicado á erecção d'uma estatua pedestre, consagrada á memoria do eximio poeta na mesma terra do seu nascimento. Levada avante tão grandiosa ideia, pelos assiduos esforços do mesmo sr. conselheiro e de seus illustres collaboradores, foi, como acima dissemos, erecto o modesto munumento numa das praças de Setubal, attestando d'ess'arte aos vin-

Demos descommunal desenvolvimento a biographia de Focage; porque entendemos ser ella o melhor commentario de suas obras, e uma como synthese da vida litteraria de seculo XVIII em Portugal.

A immensa irradiação do seu estro chegou aos mais reconditos recessos da poesia; todos os generos lhe devem mimosos specimen; em alguns porem sobrelevou-se a ponto de não conhecer rivaes. Como *repentista*, já o dissemos; ninguem se atrevia a sahir-lhe ao encontro; nas odes, seguiu os passos da Lebrum e J. B. Rousseau, antepassados de Lamartine e Victor Hugo; na canção, em que derramára Camões toda a sua sensibilidade, teve por vezes felizes inspirações, supposto abusasse por demais da allegria e das machinas mythologicas.

Preciosas gemmas são sem duvida os *Cantos á Conceição de N. Senhora*, em que sua alma, essencialmente religiosa, arrouba-se toda em mysticos effluvios, e parece despregar-se do seu involucro terreno. É uma antecipação da musa de Manzoni e de Lamartine.

No apologo, bem que mirasse a simplicidade, e conseguisse encantar pela concisa expressão do pensamento, ficou muito inferior a Curvo Semedo<sup>1</sup>, que lhe era em tudo o mais somenos.

Na cantata arcou braço á braço com o athletico Garção, e si não lhe levou a primazia foi porque a cantata de Dido não podia ser excedida<sup>2</sup>. As quatro (de Medéa, á morte de Ignez, de Leandro e Hero e á Conceição da Virgem) são obras primas que não se temem

douros que se acha felizmente terminada a ferrenha epocha do esquecimento e ingratição para os grandes homens. Oxalá prosigão as rehabilitações e o pagamento de retardadas dividas!

<sup>1</sup> Nascido em Monte-mór-o-novo (Algarve) em 1766 e fallecido em Lisboa em 1838 foi auctor d'uma collecção de poesias de bastante merito e publicadas (de 1803-1835) com o titulo de *Composições Poeticas* de B. M. C. S. entre os árcades — *Belmiro Transtagano*.

<sup>2</sup> Entende-se na fórma, contextura e finissima urdidura da tã, não assim na substancia, visto como falta a obra de Garção a originalidade, sendo-lhe o assumpto totalmente fornecido pelo livro IV da Encida.

do confronto com as que de melhor possuem as outras litteraturas. Si d'entre ellas tivessemos de fazer escolha dariamos preferencia a de Leandro e Hero, onde, como muito bem se expressava Rebello da Silva, « a harmonia imitativa, como em Virgilio e Horacio, tira effeitos seductores da collocação das phrases e da conjunção dos sons <sup>1</sup>. »

Foi porém no soneto e na satyra que encontrou Bocage as mais afinadas cordas da sua lyra : no primeiro revelou-se desde o principio d'uma superioridade indisputavel e attingira ao zenith da perfeição, semeando de *torpedos* os difficeis passos em que até então tinham vindo quebrar-se as pujantes quilhas d'alterosos galiões. Hombreado com o proprio Camões deixou-o tão distanceado como estão os *Lusiadas* do Oriente de Macedo.

Fallando d'essas primorosas composições dizia o sempre citado Rebello da Silva : « É uma galeria de inimitaveis miniaturas, muitas respirando a malicia d'um painel de Hogarth, estas exprimindo os sentimentos e os affectos delicados em mimoso apuro, aquellas reproduzindo os movimentos impetuosos do amor e do ciume em passos vehementes. N'esses quadros d'espontanea perfeição, ou estale a risada de Juvenal, ou se queixe a ternura de Propercio, ou a aspiração catholica eleve o canto, a chave d'ouro arremata sempre com realce, é corôa de brilhante conceito o verso ultimo <sup>2</sup>. »

Desde que despira as fachas infantís sentira-se Bocage impellido para a satyra por ardente e irresistivel vocação : parece porém que a jocosidade ser-lhe-hia predilecta si as necessidades da lucta em que se achou empenhado não o tivessem armado do latego de Nemesis. Desprezou o exemplo de Horacio e ainda os de Persio, e foi pedir inspirações a Aristophanes, a Juvenal e até ao *Aretino*. Ceifando n'abundante messe que nos fornecem seus versos bastar-

<sup>1</sup> Vide *Estudo Litterario para servir de commento á biographia de M. M. Barbosa de Bocage*, inserto no tomo VI das suas *Poesias* edição de A. J. F. Lopes, Lisboa 1853

<sup>2</sup> Vide *Estudo Litterario*, (loco citatio).

nos-ha tomar para exemplo a dirigida contra J. Agostinho de Macedo, e conhecida por *Pena de Talião* <sup>1</sup>.

Confrontem-se ambas as satyras e ver-se-ha que a inspiração de Bocage é impetuosa, volcanica, muitas vezes injusta, nunca porém declamatoria, e deficiente de conceitos e profundos pensamentos, « podendo muitos dos seus trechos, como se exprime o sr. conselheiro Castilho, serem bem aproveitados para uma arte poetica <sup>2</sup>. »

Outro não menos illustrado critico, de cujos trabalhos nos havemos copiosamente soccorrido (Rebello da Silva) lavrou sobre esse monumental satyra o seguinte laudo :

« Ferido no mais sensivel, ardendo em despeito, e certo de que era uma calumnia pelo proprio merito, Bocage ergue-se terrivel, e em uma apostrophe inspirada vindica a elevação que lhe pertence; juiz e parte ao mesmo tempo, n'um arrojo desculpavel, cinge a si mesmo a corôa, e celebra os seus louvores. É das poucas vezes em que falla de si, como a posteridade fallaria, não auctorisa a censura. Elmano tinha jus para citar seus dotes quando a parcialidade e

<sup>1</sup> Este nome foi devido a circumstancia de ser uma satyra escripta em desforço d'outra do referido Macedo, que começa por estas palavras :

« Sempre, oh Bocage as satyras servirão  
« Para dar nome eterno e fama a um tolo. »

Esta ultima qualificação irritou sobre modo o animo já de si irascivil de Bocage, que tendo conhecimento da injusta aggressão de que era victima dictou ao morgado d'Assentis (*no agulheiro dos sabios*) a virulenta resposta, que como a lava do Vesuvio, calcina tudo em sua passagem.

<sup>2</sup> Avalie o leitor por si proprio lendo o começo d'ambas as satyras. Aggrediu Macedo com seu proverbial orgulho.

« Sempre, oh ! Bocage as satyras servirão  
Para dar nome eterno e fama a um tolo  
Vive Crispino e Cloviano e Codro  
De Juvenal nas satyras sublimes,  
E de Horacio o rival deu nome e fama  
Ao pedante Cotin. Eu não quizera  
Teu nome eternisar ; mas a verdade  
A justiça, a razão, mais alto bradão,  
E o flagello da satyra merece  
Teu estouvado orgulho e audacia tua. »

o odio lh'os contestavão, confundindo-o na plebe dos repentistas obscuros <sup>1</sup>. »

POESIA EPICA

MACEDO (*José Agostinho*). Avido de renome e cobiçando todos os laureis litterarios arrojou-se á arena em que triumphára Camões; e, á semelhança d'Estacio, estradou-se por identica vereda, e remodelando os *Lusiadas* transformou-os n'outra epopéa a que deu o nome de

ORIENTE. Assombrou-o porém a magnitude do commettimento; e na dedicatoria á nação portugueza busca desculpar-se nestes termos.

« Não imagines que eu intente profanar, ou inquietar as cinzas, e mesmo offuscar a gloria de Luiz de Camões, nem arrancar-lhe das mãos aquella palma, que o merito e os seculos n'ella tem firmado; deve-te aprazer um filho que se atreve a luctar contra a mais agra de todas as difficuldades litterarias, qual é uma epopéa, cuja acção é grande em si, e muito maior em suas consequencias,

Perido em seus brios respondeu Bocage :

« Satyras prestão, satyras se estimão  
Quando n'ellas calunnia o fel não verte,  
Quando voz de censor, não voz de zoilo,  
O vicio nota, o merito gradúa ;  
Quando forçado epitheto affrontoso  
(Tal que nem cabe a ti) não cabe áquelles  
Que ja na infancia consultavão Phebo.  
Elmiro de Pariz, Cotins são vivos  
No metro de Boileau mordaz, mas pulehro  
Codros, Crispinos, Clovianos soão  
No latido feroz do cão d'Aquino,  
D'esse cuja moral, mordendo imitas  
E cuja phantasia em vão rastejas.  
Nos igneos versos que Venusa illustrão  
Nos que de fama eterna honrarão Mantua.  
Envoltos no ludibrio existem Bavios,  
Mevios existem ; e a existencia d'elles  
Se podesse durar, seria a tua... »

<sup>1</sup> *Estudo Litterario* inserto no VI tomo das Poesias de M. M. de B. de Bocage.

qual foi o descobrimento do Indostão pelo oceano, mas por certo destituído d'aquellas circumstancias com que se fertilisa um poema epico, a não querer lançar mão do monstruoso e do extravagante, e que muito mais difficil se torna depois de haver sido tratado por Luiz de Camões <sup>1</sup>. »

Sob as apparencias de falsa modestia occultou Macedo o delibrado proposito de sobreelevar-se ao cantor do Gama; não quiz porém que o seu pensamento fôsse custoso de decifrar; e por isso logo na epigraphe escreveu — *Plus ultra* — e no corpo da dedicatória a que nos referimos disse claramente: « Institua-se um parallello entre um e outro poema; decida a justiça e não a prevenção. »

Esse juizo de Páris para o qual com tanta confiança appellava José Agostinho já proferiu-o a posteridade: e cada vez mais grandioso ergue-se o vulto dos *Lusiadas*, ao passo que só admira-se n'*Oriente* a perfeição da forma, a rigorosa observancia das regras aristotelicas, que não são bastantes para dissimular a ausencia de ideal e completa deficiencia d'originalidade. É um poema frio, calculado, systematico, em que falta a inspiração, o estro arrojado e inconsciente.

O merito dos *Lusiadas*, desconhecido pela quasi totalidade dos criticos, é o de ter quebrado os moldes classicos, demasiado estreito para a grandeza do plano: é o de ter sabido fundir d'um só jacto as epopéas nacionaes, balbuciadas pelo povo em sua infancia: agrupado com engenhoso artificio as tradições historicas e legendarias, e nos meandros dos episodios semeado de descripções e pinturas de vivissimas cores e interesse local. « Quando põe em scena personagens historicas (diz o sr. Pinheiro Chagas) é notavel como elle consubstancia com os chronistas que estiverão em comunicação directa com a alma popular: o seu Nuno Alvares é perfeitamente o condestavel de Fernão Lopez. Os personagens que figurão no enredo principal do livro, os companheiros de Vasco da Gama não são copias dos personagens de Homero e Virgilio, como não deixaria de fazer um epico erudito, são os typos verdadeiros <sup>2</sup>... »

<sup>1</sup> Vide *O Oriente*, poema epico de José Agostinho de Macedo Lisboa 1827

<sup>2</sup> Vide *Desenvolvimento da Litteratura Portuguesa* — These para o concurso da terceira cadeira do Curso superior de letras Lisboa 1872.

Esse *epico erudito* foi Macedo que arrebitou o caracter do Gama pedindo a Homero e a Virgilio que lhe emprestassem suas palhetas para d'ellas extrahir as finissimas tintas com que havião desenhado seus protagonistas. Afastando-se accintamente da verdade historica pintou-nos o chefe da famosa expedição mui diverso do que o encontramos nas estancias de Camões, que visinho dos acontecimentos não podia falsea-los, nem sophisma-los. A criação de Tinoja, rei d'Onor, reflexo de Heitor e de Turno, é summamente bella e captiva-nos a attenção, principalmente na passagem em que traça-nos o combate das duas armadas.

Essencialmente christão é o maravilhoso empregado n'*Oriente*; mas recente-se de frieza, falta-lhe movimento e interesse dramatico, e não raro descae em repetições e insulsas imagens.

Incorreu Macedo na pecha que exprobrára a Camões relativamente a prolixa narrativa historica, que ao rei de Melinde fez o capitão mór d'armada; com a especifica differença que o auctor dos *Lusiadas*, arrastado pelo seu ardor patriotico, não teme fatigar o principe africano com a comemoração dos feitos gloriosos da sua historia em quanto que só no desejo d'ostentar erudicção se poderá achar o movel da tediosa dissertação theologica que o cantor d'*Oriente* põe na boca do seu protagonista.

Mostrou-se o novo epico entusiastico admirador da natureza a ponto d'affirmar (dirigindo-se a nação portugueza): « Eu juntei do inexhausto thesouro da tua apurada linguagem as riquezas da eloquencia, dei a minha imaginação o que o poeta deve só ver, a natureza. — Lembrei-me, quando compuz, que eu era só no universo; e só quem se esquece d'exemplares pode ser original. »

Á vista d'este pretencioso programma dir-se-hia que, deixando o conchego do lar, iria interrogar os arcanos do mundo physico, surprehender-lhes as bellezas e sublimidades e photographa-las no *album* de suas impressões. Nada disso. Seus guias são J. J. Rousseau e Raynal, e, á guisa de Delille, faz miniaturas e quadros de convenção. Quão differente era o proceder de Camões a quem o sabio Humboldt saúda pela — pasmosa verdade com que descreve a natureza!

Pretende-se que n'alma de José Agostinho faltava a corda do

sentimentalismo: o facto é que na sua longa epopea, na qual (segundo elle proprio no-lo diz) consummira nove annos, um só episodio apparece inspirado pelos sentimentos patheticos. É o da donzella cujo amante desprendera-se-lhes dos braços para seguir a Fama, e que no auge da desesperação arrojou-se ás ondas. Ah! mesmo é declamatorio e trivial em seus similes, deixando-se eclipsar pela simples e energica objurgatoria do velho d'*aspecto venerando* que nos *Lusiadas* amaldiçôa o primeir o navegante.

Havendo reconhecido e proclamado a inferioridade epica de Macedo dissentimos todavia do laudo que á seu respeito lavrou Lopes de Mendonça nestas expressões:

« *O Oriente* é o poema mais abstruso e incongruente que tem produzido a intelligencia humana. José Agostinho de Macedo resolveu um difficil problema; o d'escrever milhares de versos, sem um unico raio de poesia. Os versos frouxos são ás dezenas. A rima obriga-o a commetter os mais extravagantes disparates. O estylo sua aquelle sangue e agua, de que se queixava Racine. Os pensamentos, quasi com identicas palavras, reproduzem-se no mesmo canto, e ás vezes na mesma pagina <sup>1</sup>. »

Por demais severa, quiçá injusta, parece-nos semelhante apreciação; não disfarçamos as maculas do poema, mas impossivel é desconhecer que ha nelle lugares eminentemente bellos, e ainda sublimes, como, entre outros, o magnifico epilogo em que sobre-saem as figuras d'Alexandre e de S. Thomé, prognosticando a Vasco da Gama os grandiosos destino que aguardavão os portuguezes *nas terras d'Oriente*. Si outro fosse o thema escolhido outra seria tambem a aureola que circumdaria o nome de Macedo, a quem não se pode recusar conspicuo assento entre os epicos nacionaes.

#### POESIA DRAMATICA

Na primeira metade do seculo XVIII dominou exclusivamente no theatro portuguez a influencia hespanhola, sendo baldados os esforços dos que com a independencia da patria querião consubstanciar a

<sup>1</sup> Vide *J. A. Macedo e sua Epocha* — Estudo critico publicado no tomo II dos *Annaes das Sciencias e Letras*. —

da litteratura. Facil era encontrar soldados que fossem na fronteiras desafrontar o pavilhão nacional, estadistas que tomassem o timão dos publicos negocios, diplomaticos que tecessem allianças nas côrtes dos principes, ou nas capitaes dos estados republicanos, e nos congressos e conferencias pleiteassem offendidos, ou olvidados direitos. Onde porém achar poetas e prosadores que de momento creassem uma litteratura propria, quebrando o involucro das tradições, e libertando-se do influxo da educação?

« As revoluções litterarias (diz um erudito critico contemporaneo) não se operão pela força das iras da vaidade nacional, senão pela evolução e progresso das ideias disseminadas e fructificadas por elementos combinados e fortemente conciliados para este fim; e Portugal carecia de todos, esses elementos, porque desde muito tempo não conhecia outro Parnaso que não fosse o hespanhol. A pureza e simplicidade dos nossos melhores poetas tinham sido esquecidos para se imitar o estylo alambicado dos trocadilhos castelhanos, e, na impossibilidade d'emaranhar o engenho em tantos arabescos de filagrana litteraria, escrevião-se as proprias obras no idioma hespanhol. Até o reinado de D. João V, quadra verdadeiramente climaterica d'estes poemetos de *conceitos d'alambique*, a degeneração foi sempre em deploravel e progressivo augmento. Assim livramo-nos do jugo politico de Castella, porém nas regiões da phantasia, o seu influxo permaneceu ainda quasi absoluto. Deixamos de ser hespanhóes, mas ficamos *hespanholados* por muito tempo <sup>1</sup>. »

Seguindo as pisadas do douto escriptor que mais proficiente-mente tem tratado de semelhante assumpto (o sr. dr. Theophilo Braga) estudaremos o theatro portuguez no XVIII seculo nas suas tres phases, ou manifestações; a saber a *baixa comedia*, a *restauração arcadia*, e a *opera*.

<sup>1</sup> Vide os excellentes estudos do sr. José Maria d'Andrade Ferreira intitulados — *Litteratura, Musica e Bellas Artes* — Lisboa — 1871-1872. —

## A BAIXA COMEDIA

A concentração de todos os poderes nas mãos do monarcha, aconselhada quiçá pela necessidade da defeza contra a invasão estrangeira e as traições internas, o espaçamento, e por ultimo a total suppressão das côrtes, degenerarão num absolutismo ferrenho, que muito se assemelharia a dos Cesares si fosse aureolado da gloria militar. Não era porém prudente fechar todas as valvulas do descontamento popular; por isso animarão os governos a transformação dos *pateos* em theatros.

Dois d'esses theatros ganharão certa celebridade na epocha a que nos referimos: o de *Mouraria*<sup>1</sup> na qual até o anno de 1735 se representavão comedias de *bonifrates*, ou bonecos; e o do *Bairro Alto*<sup>2</sup>, em que trabalharão as companhias hespanholas e subirão á scena as peças d'Antonio José e Nicoláo Luiz, creadas d'um genero especial conhecido pela pictoresca denominação de *comedias de cordel*.

Deveu-se ás companhias de comicos ambulantes, vindos de Hespanha, as primeiras representações scenicas a que assistirão nossos maiores no começo do seculo passado. Á principio erão levadas ao palco as proprias peças de Lope de Vega, Calderon de la Barca e outros afamados comicos, mais tarde vierão as imitações e parodias, recolhidas por Francisco Vaz Lobo sob o titulo de *Flor de Entremeses escolhidos dos maiores engenhos de Portugal e de Castella*.

Do character burlesco, e por vezes indecentes d'essas farças, affiança-nos o appellido de *Mogigangas*<sup>3</sup> que lhe attribuião os con-

<sup>1</sup> Conhecido no seculo XVI pelo nome de Pateo da Bitesga.

<sup>2</sup> Sito no pateo do conde de Loure, no fim da rua da Rosa

<sup>3</sup> *Mogiganga* (define o *Diccionario Universal-Hespanhol e Francez e vice versa de Dominguez*) — é uma mascarada, ou disfarce de muitas pessoas, que se mascarão para algum divertimento — É tambem synonymo de momice, acção ridicula.

temporaneos, e o testemunho dos eruditos que confessão a repugnancia, senão asco, com que procederão a sua leitura.

Cumulativamente com essas peças representarão-se alguns *autos*, singularisando-se entre elles o da *Degolação de S. João Baptista*, devido a Balthazar Luiz da Fonseca, de quem tambem são os de *S. Genoveva, do Natal, Reis, etc.*

A ultima especie d'auctor era summamente popular, concorrendo poderosamente para isso o uso dos *presepios*, muito communs em Portugal, d'onde se passarão para a nossa terra com os primeiros colonos.

Lançados estes rapidos lineamentos dos primordios da comedia vulgar esbocemos levemente as physionomias dos seus naturaes representantes.

ANTONIO JOSÉ (*da Silva*)—Oriundo d'uma familia de *christãos-novos*, desterrada para a America Portugueza, nasceu na cidade do Rio de Janeiro aos 8 de maio de 1705. Forão seus pais o advogado João Mendes da Silva e Lourença Coutinho tambem nascidos e domiciliados na mesma cidade <sup>1</sup>. Contava apenas oito annos d'idade quando em companhia de seu progenitores deixou para ir visitar os carcereiros da inquisição de Lisboa, para onde era remetida sua mãe, como culpada de judaismo.

Curta foi a assistencia nos *estios* do Rocio; visto como a 9 de julho d'esse mesmo anno de 1713 sahiu penitenciada Lourença Coutinho no *auto da fé*, como *reconciliada*. Determinou este acontecimento a fixação em Lisboa do domicilio do advogado João Mendes, que recorrendo á sua profissão achou meios de honesta e folgada subsistencia.

Terminado o curso de humanidades seguiu Antonio José para Coimbra em cuja universidade matriculou-se nas aulas das scien-

<sup>1</sup> Parecerá á alguém estranho que incluamos este nosso compatriota na galeria dos dramaturgos portuguezes do seculo XVIII; mas a tal observação responderemos que, á nosso ver, não deve servir de linha divisoria das litteraturas o lugar do nascimento dos escriptores e sim as ideias que elles representam, e ninguem nos contestará que foi Antonio José genuino interprete da sociedade em cujo gremio educou-se e viveu.

cias juridica e canonica. D'esse util e innocuo exercicio arrancou-o a inquisição intimando-o á comparecer á barra do seu tribunal, onde de novo comparecia Lourença Coutinho accusada de *relapsia*.

Como caracteristico d'esse *bom tempo* convém se saiba que o moço estudante teve a subida honra de ser preso pelo conde de Villar-Mayor, *familiar do Sancto Officio!*...

Enredado nas malhas d'um sophistico interrogatorio confessou faltas que talvez nunca commettesse e declarou que, *em junho d'esse anno (1726) abjurára o mosaismo, convencido d'erro pela poderosa dialectica d'um riligioso que na igreja de S. Domingos prégára sobre as excellencias da Virgem Santissima, dissipando-lhe de subito o Espirito Santo as trevas que obscurcião-lhe a alma*<sup>1</sup>. »

Mediante essa retratação obteve a liberdade com a clusula de ser previamente doutrinado, sendo porem submettido a *caridosa* prova da tortura da qual resultou-lhe *tal lesão nos dedos que por muito tempo não pode assignar seu nome!*

De volta a Coimbra proseguiu em seus estudos e em 1733 regressou aos patrios lares munido do diploma de bacharel em direito civil e canonico associando-se ao escriptorio d'advocacia, que, como dissemos, mantinha sua familia.

De posse de boa clientela e justamente estimado pela illustração e nobre character pensou em tomar estado escolhendo para companheira de sua vida a uma prima que tinha em Covilhã, chamada Leonor Maria de Carvalho, que tambem em verdes annos soffrera os rigores da inquisição de Valladolid. Este consorcio parece ter-se realisado entre os annos de 1734-1735.

Pouco antes d'essa epocha começou elle a escrever para o theatro do *Bairro Alto*, cujo empregario Antonio Rodrigues, achava-se em grandes apuros em consequencia de não haver podido escripturar o celebre Garcez e sua companhia que trabalhava em Valencia.

Em outubro de 1733 estreou-se com a representação da opera — *Vida do grande D. Quichote de la Mancha e do gordo Sancho*

<sup>1</sup> Vide o nosso estudo *Antonio José e a Inquisição* publicado no tomo XIV da *Revista Popular* do Rio de Janeiro e reproduzido (com os excerptos do processo) no tomo XXV da *Revista Trimensal do Instituto Historico Geogr. Brasileiro*.

*Pansa* — visivelmente inspirada pelas operas italianas cantadas nos paços de D. João V e pelas *modinhas brasileiras* <sup>1</sup>.

Não lhe permittião o nascimento e posição social frequentar os saráos do paço, onde se ouvia a boa musica italiana tinha porem franco accesso no theatro do largo da Trindade onde Paghetti ex-hauria o repertorio dos mais applaudidos compositores.

Revelou-se logo nesta peça a veia satyrica do nosso poeta, que parecendo, haver adrede escolhido assumpto anachronico, dispara certas setas sobre muitos ridiculos coetaneos; e, atravez d'alluções, por demais transparentes, desenha com vigoroso lapis alguns retratos, faceis de reconhecer pela sua parença com os originaes.

Ha nessa opera situações comicas que não desdenharião Molière e Goldoni, tal, por exemplo, o d'allucinação de D. Quichote crendo que a sua Dulcinéa se occultára sob a forma grosseira e aparvalhada do escudeiro Sancho Pansa. Era essa chistosa scena que (no dizer da Costa e Silva) tão gostosas risadas provocava a Bocage,

<sup>1</sup> Acerca d'essas producções da musa popular cremos aprazer aos leitores transcrevendo o juizo que á seu respeito emite o sr. Theophilo Braga.

« A *modinha* é uma creação do genio portuguez; á medida que esta forma se ia obliterando nas classes elevadas, foi ficando privativa dos costumes populares como vemos na *Vida de Manoel Machado de Azevedo*. O mesmo succedeu com a festa do Espirito Santo. No principio do seculo XVII as cantatas e serenatas italianas corromperão a originalidade da *modinha*, deu-se então o mesmo factó que já mostramos com o romanceiro popular; assim como nas ilhas dos Açores se conservou pura a tradição epica do tempo dos colonisadores, quando já em Portugal, se extinguirão os cantares cavalleirescos tambem no Brasil se conservou a *modinha* levada para alli pelos negociantes e colonos, e do Brasil a trouxe em sua inteireza primitiva Antonio José da Silva, que abandonára a patria aos oito annos de idade e achava nessas cançonetas uma recordação da infancia. » (*Vide a Historia do Theatro Portuguez no seculo XVIII*).

Na *Historia da Musica* de Stafford (citada pelo precedente auctor) acha-se a seguinte lisongeira apreciação.

« O povo portuguez possui um grande numero de arias lindissimas e de uma grande antiguidade. Estas arias naturaes são os *lunduns e modinhas*. Estas em nada se parecem com as arias das outras nações; a modulação é absolutamente original. As melodias portuguezes são simples, nobres e muito expressivas. É para sentir que os compositores portuguezes abandonem o estylo da sua musica nacional para adoptarem a maneira italiana. »

que se admirava que uma ideia tão extravagante houvesse escapado a Cervantes <sup>1</sup>.

Á guisa das comedias hespanholas dividia Antonio José as suas peças em duas partes, correspondentes ao que hoje chamamos actos, subdivididas em secções, (quadros, ou scenas), não sendo a entrada e sahida dos personagens indicada senão por uma simples rubrica. A illusão optica obtinha-se por meio de certos machinismos, conhecidos pela denominação vulgar de *tramoias* <sup>2</sup>.

A *Esopaida*, ou *Vida d'Esopo*, foi representada no mesmo theatro do Bairro Alto no mez de Abril de de 1734. Era uma satyra mordente ás theses escolasticas, que ainda estavam em voga, inexpugnável baluarte do pedantismo. « O catafalco carunchoso da escolastica da idade media (diz o sr. T. Braga) levou aqui o primeiro solavanco, antes das renhidas polemicas de Verney. Antonio José deixou á nú este ridiculo do seu seculo, mas foi este acto de heroicidade um dos que mais contribuiu para a sua morte. Ainda hoje se guardão em todas as bibliothecas de Portugal um sem numero de theses academicas como as propostas por Periandro e impugnadas por Esopo <sup>3</sup>.

O *Amphitrião*, ou *Jupiter e Almena*, levado a scena em maio de 1736, foi talvez a maior temeridade practicada pelo nosso desditoso compatriota. A acção, aparentemente innocente, tinha grande alcance politico e referia-se a factos do conhecimento de todos, e que todos murmuravão em segredo <sup>4</sup>.

Ha um tracto d'essa mesma peça no qual Costa e Silva quiz encherger a causa primordial do fundo odio que lhe votou o Sancto Officio, traduzido na mais feroz vingança. Referimo-nos a falla d'Amphitrião na qual se descrevem tormentos que só se poderião encontrar nos carceres do *tribunal da fé*, tormentos por que já

<sup>1</sup> Vide *Ensaio Biographico-Critico*, tomo X.

<sup>2</sup> Conta-se que D. João V mandara vir de Italia varios *tramoistas* para o theatro da rua dos Cond es.

<sup>3</sup> Vide *Historia do Theatro Portuguez no seculo XVIII*.

<sup>4</sup> Vide o que tal respeito diz o referido sr. T. Braga na obra supra citada.

passára, ou a que assistira o auctor, e que sob o mais tremendo juramento se obrigára a jamais revelar.

O *Labyrintho de Creta*, escripto em 1736, é um perenne motejo á mythologia acatada, como religião poetica, indispensavel machina para architectar massudos versos.

A mais espirituosa e a mais local das comedias d'Antonio José e a que intitulou — *Guerras do Alecrim e da Mangerona*. — Apresenta ella fidelissimo transumpto da sociedade portugueza da primeira metade do seculo XVIII, e versa sobre factos reaes, levemente modificados pelas conveniencias scenicas. Em verdade, assevera o já citado Costa e Silva, que existião nesse tempo dois *ranchos*, denominados do *alecrim* e da *mangerona*, cujos raminhos usavão trazer ao peito; que na estrada dos Pisões, junto á quinta da Regaleira na pictoresca Cintra, ião todas as tardes de verão *politicar e tractar d'amores*<sup>1</sup>. Acerados golpes ahi se desfechão contra o empirismo medico, representado pela escola que então se chamava *polyanthéa*, que tão grande mistura fazia de drogas como de textos latinos. Os typos de D. Lansarote, D. Gilvaz, D. Fuas, D. Cloris e D. Nise são de grande perfeição comica, sobrelevando-se a todos os de *Semicupio*, que parece vasado no molde do *Fidalgo Aprendiz* de D. Francisco Manuel de Mello.

Fazia Garrett grande caso d'esta chistosa comedia, e no seu *Bosquejo da Historia da Lingua e da Poesia Portugueza*, assim s'expressiu.

« . . . Talvez que o *Alecrim e a Mangerona* seja a melhor de todas; e de certo o assumpto é eminentemente comico e portuguez, e hoje teria todo o merito d'uma comedia historica; se fóra tratada no genero de Beaumarchais, produziria uma excellente peça. »

Trabalhara noutra comedia (*Precipicio de Phaetonte*) quando pela segunda vez foi recolhido aos carceres do Sancto Oficio (a 5 d'outubro de 1737), conjunctamente com sua mulher Leonor de Carvalho. Sete dias depois veio juntar-se a essa malaventurada familia a velha Lourença Coutinho, que pela terceira vez visitava essa lo-

<sup>1</sup> Vide *Ensaio Biographico Critico*, tomo X.

brega morada. Consta do processo que o motivo (antes pretexto) da nova perseguição consistiu na denuncia dada por uma escrava por nome Leonor, que a mãe d'Antonio José levava do Brazil, a qual, servindo de docil instrumento aos inimigos do poeta, accusara-o de *judaisar*, fundamentando-se em futeis apparencias. Resa a chronica que tão aterrada ficára a denunciante com a clausura, a que tambem recolherão-na, que morreu em meio do anno se guinte em estado de completo idiotismo.

Ao cabo de dois annos de padecimentos physicos e moraes ouviu o novo Plauto ler a sentença que o relaxava ao braço secular <sup>1</sup> por culpas de judaismo, *convicto, negativo e relapso*. Sua mulher foi condemnada a prisão arbitraria, assim como sua mãe, — ambas convictas ds relapsia judaica.

Já não se fazião as execuções no Rocio ; assim pois foi no *Campo da Lã*, que levantou-se o poste onde degolarão Antonio José, o qual, como *judaisante* e não judeu, gozou do privilegio de não ser queimado vivo. A fogueira que crepitava no meio da praça apenas consumiu seu mutilado cadaver.

Foi Antonio José legitimo successor de Gil Vicente, orgão do descontentamento que lavrava nas classes media e infima, e a quem estava reservada a gloria de Molière si D. João V soubesse em tudo imitar Luiz XIV. Teve por auditorio a *chusma* quando necessitava de *publico*.

Assim pensavamos antes que tivéssemos a fortuna de vermos apoiado pela respeitavel auctoridade do sr. J. M. d'Andrade Ferreira, que, no seu interessantissimo *Bosquejo da Litteratura em Portugal desde o seculo XVII*, serve-se d'estas conceituosas palavras, tractando do mallogrado dramaturgo.

« Mas antes de todos saudemos Antonio José da Silva, conhecido pelo *judeu*, que é o verdadeiro restaurador da scena nacional e o creador da nossa comedia, depois de Gil Vicente. O seu theatro, em que a musa d'Aristophanes solta a gargalhada maliciosa da

<sup>1</sup> « Pedindo com muita instancia se houvesse com elle *benigna e piedosamente*, e não procedesse *a pena de morte nem effusão de sangue !!!* »

satyra popular, ainda vive comnosco e identifica-se com as nossas predileções. Quem ha ahi que não tenha rido com todas as veras do seu coração lendo a *Guerra do Alecrim e da Mangerona*, as *Variedades de Prothéo*, o *Amphytrião*, os *Encantos de Medéa*, e a *Esopaida*?—Um sainete picante salgando um dialogo facil, bem replicado, fluente e incisivo, e isto junto a um verdadeiro tacto dos segredos e efeitos da scena, qualifica as obras d'Antonio José. O povo applaudi-las-hia ainda hoje si as visse sobre o palco, porque sente-se viver nellas, e a razão é porque afinão pelo seu pensar e sentir. Contudo a sua originalidade não passa da forma e do dialogo, pois basta relancear os olhos pelos titulos, para conhecer que os assumptos são quasi todos mythologicos e heroicos, e a exceptuar *São Gonçalo d'Amarante*, e os *Amantes d'Escabeche*, que algum criticos attribuem á este auctor e outros a Alexandre Antonio de Lima, poucos entrechos d'origem nacional ahi encontramos <sup>1</sup>. »

NICOLÁO LUIZ:—A gloriosa escola inaugurada no theatro do Bairro Alto por aquelle a quem (depois de sua morte) appellidavão o *judeu* foi continuada por um mestre de meninos que morava no fim da rua da Rosa, e parece ser o mesmo que por occasião do terramoto de 1755 fora mandado *levantar vara* para servir cumulativamente com o juiz do povo Antonio Rodrigues Leão prestando relevantissimos serviços <sup>2</sup>.

O talento comico de Nicoláo Luiz passaria quiçá desaperecebido sem a casualidade, mencionada por Costa e Silva <sup>3</sup>, de haver o actor José Procopio, de quem era intimo amigo, descoberto nas gavetas d'uma velha papeleira uma mina d'espirtuosissimas comedias, imitadas quasi todas de Lope de Vega, Calderon, Moreto, Alarcon, e Roxas, cujas obras ornamentavão sua escassa livraria.

Enthusiasmado por semelhante descobrimento induziu José Procopio a seu amigo que depozesse a ferula e se consagrasse ao theatro; cujo alvitre sendo adoptado passou a exercer as funcções d'ensaia-

<sup>1</sup> Vide *Litteratura, Musica e Bellas Artes*, tomo II.

<sup>2</sup> Vide *Diccionario Bibliogr.* do sr. Innocencio da Silva.

<sup>3</sup> *Ensaio Biograph.* — *Critico* — tomo X.

dor da companhia que então representava no Bairro Alto. Á darmos credito ao testemunho de contemporaneos, referidos por Costa e Silva, inexcedivel era a aptidão que fora esse emprego patenteou o ex-professor primario.

Escolheu Procopio <sup>1</sup> para seu beneficio a comedia intitulada *D. Ignez de Castro* <sup>2</sup> que produzio nos espectadores inesperado effeito, sendo repetidas vezes applaudida, principalmente no papel do protagonista desempenhado com mestria pela actriz Cecilia Rosa.

O *Amor e Obrigação* que se lhe seguiu foi acolhido com indetico favor, vindo após muitas outras comedias, escriptas umas em versos octosyllabos, e outras em endecasyllabos.

Discipulo dos hespanhões pouco curava d'exactidão na pintura dos costumes, e na integridade dos caracteres. Seus heroes, qualquer que fosse a nacionalidade fallavão e procedião como hespanhões, ou portuguezes. É porém delicado no jogo dos affectos e attinge por vezes as raias do pathetico, como na falla de Gualbarino na *Ilha Deshabitada*.

Não só no repertorio hespanhol, mas ainda no italiano, ia Niccaláo Luiz procurar seus themes: podendo servir de prova a comedia *Bella Selvagem*, haurida na lição de Carlos Goldoni que, como sabemos, era n'esse tempo o mais avantajado comico que possuia Veneza, e com ella toda a Italia.

Podem-se dividir em duas classes as comedias do ensaiador do theatro do Bairro Alto, a saber as *heroicas*, em cujo numero se comprehendem as de *D. Ignez de Castro*, *Amor e Obrigação*, *Cordova Restaurada*, *Aspasia na Syria*, e o *Conde de Marcos*; e as chamadas de *capa e espada* entre as quaes fulgurão *D. João de Alvarado* a *Dama dos Encantos*, e os *Tributos da Mocidade*.

Chegou o nosso dramaturgo a bem avançada idade, e morreu pobre pela nenhuma previdencia em acautelar nos bons dias o peculio para a velhice.

<sup>1</sup> Era elle juiz mui competente; porque antes de abraçar a vida d'actor comico jôra professor de rhetorica e poetica.

<sup>2</sup> Chamada a *velha* para differença-la da tragedia de J. Baptista Gomes, conhecida pela *Nova Castro*.

Nenhum apreço dava elle as suas composições dramaticas que a troco de barato cedia aos cegos, que as andavam apregoando pelas ruas, ou vendião pendentes d'um braban te, ou *cordel*, pregado nas paredes <sup>1</sup>.

#### RESTAURAÇÃO ARCADICA

Emulo de Richelieu, suprema encarnação do dogmatismo monarchico, quiz o marquez de Pombal ter em suas mãos todos os fios da teia politica, e sopear todas as valvulas da vida intellectual. Devera incommoda-lo a liberdade que se ia manifestando no theatro, por isso insinuou elle a *Arcadia* que se encarregasse da reforma, ou restauração da scena lusitana, o brigando-a a cingir-se á fiel observancia dos preceitos classicos

Como já vimos, era a *Arcadia* uma sociedade de poetas, que nenhum character tinha official, mas que aspirava os fóros d'academia, *ad instar* da que nas margens do Sena fundára o poderoso ministro de Luiz XIII. Para lisongear ao potentado de quem esperava todo o favor e protecção, tomou a si tarefa, tão difficil como ingloria, qual a de reagir contra o espirito e tendencias modernas, e hastear nos baluartes das letras o pendão do *quincentismo*. Para bem caracterisara natureza d'essa empreza, peçamos ao sr. Alexandre Herculano que nos empreste sua eloquente palavra e oiçamo-lo com o devido acatamento.

« *Arcadia* e a influencia que esta corporação teve nas letras foi uma nova reacção litteraria, e o dogmatismo em que se restaurarão as doutrinas romanas, posto que reflexas já de Italia e da França, foi ainda mais intolerante e absoluta que na epocha do *renascimento*. O *seiscentismo* acabou ás mãos dos árcades, que restabelecêrão o predomínio d'arte antiga e revocavão o pensar e o estylo dos poetas

<sup>1</sup> D'esse uso derivou-se a qualificação de *comedias de cordel*, que serviu para caracterisar todo o genero. Á elle referia-se Nicoláo Tolentino quando na sua satyra o *Bilhar* disse :

« . . . de todos os famosos entremezes  
Que no Arsenal ao vago viandante  
Se vendem a cavallo n'um brabant. »

do tempo de D. João III e de D. Sebastião, ao passo que o marquez de Pombal procurava restaurar a esquecida robustez da monarchia com a austeridade dos seus principios administrativos e com a acção vigorosa do seu governo de ferro. A monarchia do marquez de Pombal era anachronica em politica: a restauração d'arte romana era anachronica em litteratura. Ambas deverão necessariamente passar e passar rapidas. Assim aconteceu. A formula politica nunca fôra tão absolutamente monarchica. Nunca o motu-proprio fôra tão cabal explicação de todas as leis: nunca os nomes e exemplos de Aristoteles e de Quintiliano, de Horacio e de Virgilio substituirão o raciocinio na critica. Mas o marquez de Pombal começava por discutir com a aristocracia e com a theocracia, e a *Arcadia* com o *seiscen-tismo* <sup>1</sup>. »

Na propaganda classica se assignalarão Manuel de Figueiredo, Garção, Diniz, Freire e Quita, cujas obras vamos passar em rapida resenha.

MANUEL DE FIGUEIREDO (*Lycidas Cynthio*): — Nascido em Lisboa em 15 de julho de 1725 e fallecido na mesma cidade a 27 d'agosto de 1801, foi um dos fundadores d'*Arcadia Ulysiponene*, e o mais ardente propugnador da reforma dramatica. Logo na primeira sessão <sup>2</sup> leu a sua tragedia denominada *OEdipo*, cuja censura foi commetida ao árcaide *Sincero Jerabricense* <sup>3</sup>.

Os *prologos*, ou *discursos preliminares*, das suas peças recommen-dão-se pela abundancia de dados, tanto auto-biographicos, como allusivos aos costumes e ás ideias dominantes entre os contempora-neos, podem ainda servir d'*arte poetica*, no pensar d'um illustrado philologo a quem muito devem as letras portuguezas <sup>4</sup>. Encontra-se n'um d'elles (o VII) o juizo tão justo quão severo, que ácerca das suas proprias obras formava Figueiredo:

<sup>1</sup> Vide *Memorias do Conservatorio Real de Lisboa*, tomo II.

<sup>2</sup> Celebrada a 19 de julho de 1757.

<sup>3</sup> José Xavier de Valladares e Sousa.

<sup>4</sup> Pedro José da Fonseca, professor regio de rethorica e poetica em Lisboa, aue-tor de varias obras de merito, e director da commissão encarregada da composição do *Diccionario da Lingua Portugueza*.

« O meu theatro tem o maior defeito que podem ter os poemas dramaticos, não o teria porem se o escrevesse d'aqui a cem annos. Este defeito é a parte didactica que nelle ha, sempre insupportavel na scena... Isto é quanto ao theatro comico, que quanto ao tragico, escrevi como se o fizesse para o theatro d'Athenas, sem mais consideração que me atasse, ou contivesse para contar os seus tragicos, do que a falta de magnificencia dos theatros modernos. Passaráõ os meus poemas á excepção dos que contém o primeiro tomo, pela censura da unica pessoa <sup>1</sup> que eu conheço em Portugal, fizesse estudo serio e nas fontes gregas e latinas, sobre este assumpto; e da mesma sorte uma grande e erudita meditação sobre a nossa lingua. »

Encontrando excellentes modelos nos theatros grego, francez e inglez buscou naturalisar no nosso a *Andromaca* e a *Iphigenia* d'Euripedes, o *Cid* e o *Cinna* de Corneille, e o *Catão* d'Addison. Indignado de que Nicoláo Luiz, imitando a Vellez Guevera, fizesse descer ao palco comico os lastimosos amores de D. Ignez de Castro, escreveu uma tragedia sobre tão trilhado assumpto e logrou interessar pela simplicidade d'acção e nobreza dos caracteres.

Lançado n'arena das imitações, quiz remodelar o *Cioso* do dr. Antonio Ferreira, *acommodando-o* (segundo a sua expressão) *ao melindre dos ouvidos do seu seculo*. Menos feliz foi nesse tentamen; talvez porque o thema não se prestasse a amplificações.

Garrett considerava Manoel de Figueiredo uma especie d'Ennio, e diz « que algumas das suas peças com bem pouco trabalho, com um dialogo mais vivo, um estylo mais animado, farião comedias excellentes <sup>2</sup> » e o distincto professor que com dedicada affeição, he reviu as obras <sup>3</sup> exprime-se n'estes termos:

« O talento de Manoel de Figueiredo desenvolve-se melhor na comedia que na tragedia; n'ella tem o character nacional, e pinta ás vezes com fidelidade a viveza e antigos costumes nacionaes. Si

<sup>1</sup> Pensa o senhor Theophilo Braga que essa pessoa devera ser o padre Francisco José Freire, mais conhecido por *Candido Lusitano*.

<sup>2</sup> Vide *Viagens na minha terra* Cap. IX

<sup>3</sup> Pedro José da Fonseca.

fossem menos didacticas, menos diffusas si o dialogo tivesse mais rapidez e energia, si finalmente houvesse mais acção e mais graça estas comedias poderião valer ao auctor as honras de pai do novo theatro comico. »

Á estes defeitos pode-se ainda addicionar que era máo metrificador ; faltava-lhe paciencia para corrigir seus versos, como acontecia á La Motte, que por vezes soccorreu-se da boa vontade e generoso concurso de seu amigo Voltaire <sup>1</sup>.

GARÇÃO (*Corydon*):— Duas comedias, impropriamente denominadas *dramas*, constituem o espolio dramatico d'este illustre poeta, cuja vida e escriptos estudamos n'outro lugar.

O *Theatro Novo* é uma satyra contra as operas d'Antonio José, que fazião as delicias da platea do theatro do Bairro Alto, um protesto contra o que considerava degeneração da scena, e um rigoroso brado em pról da restauração arcadica. Excellente para ser lida e apreciada no gabinete, não nos consta que jamais subisse ao palco, onde por certo encontraria indifferença, senão desfavor.

Em identicas circumstancias consideramos a *Assembléa* ou *Partida*, photographia dos ridiculos da sociedade portugueza na segunda metade do seculo XVIII. O amor immoderado do luxo, a vaidade dos burguezes, ávidos de hombraem com a aristocracia, e sedentos de honrarias e distincções, achão-se ahi desenhados com côres magistraes, infelizmente porem em demasia didacticas para serem entendidas pelo commum dos espectadores.

Ao invéz do precedente dramaturgo a versificação é aqui esplendida e a linguagem de finissimo quilate.

DIXIZ (*Elpino Nonacriense*). Contribuiu para empreza commum escrevendo uma comedia original e traduzindo uma tragedia. A comedia intitidou-a *O Falso Heroismo*, e teve por escopo censurar a mania de certos fidalgos fanfarrões, que provocavão rixas e desordens, sob as apparencias d'um falso ponto de honra. O caracter assomado e violento de D. Thadeo, contrastando com a índole

<sup>1</sup> Diz o sr. T. Braga que o nosso distincto compatriota José Basilio da Gama offerecer a igual concurso a Figuciredo, não se sabendo porque d'elle não utilisou-se

pacifica, animo sensato do virtuoso mancebo Lisuarte, constituem todo o interesse da comedia, que, á semelhança das de Garção, dirige-se a leitores, e não a espectadores.

A tragedia, vertida do idioma francez, e d'um auctor quasi desconhecido (de la Touche) é pallida imitação d'um dos primores d'Euripides. Denomina-se *Iphigenia em Tauride*. Numerosos são os seus defeitos apenas remidos pelas galas da versificação de Diniz, cuja escolha, honrando-a em extremo, injustificada é a nossos olhos.

FREIRE (*Candido Lusitano*). Apenas imprimiu-se d'este infatigavel philologo a magistral traducção d'*Athalia* de Racine, lida numa das sessões d'*Arcadia*, e acompanhada d'uma erudita dissertação em que pretendeu demonstrar que só no theatro francez do seculo de Luiz XIV se encontravão os verdadeiros exemplares do genero. Assevera o senr. Rivára que na bibliotheca d'Evora conservão-se manuscriptas quatorze tragedias, vertidas dos melhores auctores gregos, latinos, italianos e francezes. Oxalá que algum corajoso e patriotico edictor lembre-se de subtrahi-las d'esse limbo para lustre e gloria da nossa litteratura.

QUITA (*Alcino Mycenio*). O nosso primeiro poeta bucolico ambicionou cingir a frente com os laureis de Melpomene, e deixando o arrabil para calçar o cothurno, soube arrancar lagrimas narrando os malaventurados amores da *misera e mesquinha* D. Ignez de Castro, distanceando-se vantajosamente de Figueiredo, e ás vezes do proprio Ferreira.

Diz-se que a concepção e o plano da Mégara forão devidos a Pedegache, cabendo unicamente a Quita a parte metrica. Como quer que seja não abona semelhante obra o talento inventivo (pois que nenhum existe) nem o executivo; salvas apenas a belleza dos versos e vernaculidade da linguagem.

*Astarto e Hermione*, são ambas tiradas d'assumptos gregos, imitações pouco felizes do repertorio d'esse engenhoso povo, cuja litteratura tão amplas e uteis lições fornece. Pretende-se que tambem nessas tragedias fõra Quita poderosamente auxiliado por seu amigo Pedegache, cuja instrucção lhe era muito superior, posto

que não podesse com elle competir em doçura e delicadeza d'expressão.

A tragedia pastoril *Lycore*, ácerca já alguma coisa dissemos, forma na opinião dos mais competentes juizos a grinalda poetica do inspirado árcade.

## A OPERA

A predilecção manifestada á musica italiana pelos reis de Portugal, especificadamente por D. João V, foi parte para que exercesse ella poderoso influxo sobre a direcção e destinos da scena dramatica. Antonio José trouxe do theatro da Trindade a inspiração de introduzir as nossas *modinhas e lunduns* no palco do Bairro Alto, em substituições as *arias e cavatinas*, que ahi deliciavão os ouvidos dos fidalgos, e a mesma escola deveu elle os melhoramentos scenographicos com que aperfeiçoou as grosseiras *tramoias* do antigo palco. Nicoláo Luiz foi tambem no seu tanto discipulo dos italianos, e igualmente utilisou-se das suas operas para maior vantagem das *comedias de cordel*.

Graças aos desenhos dos architectos italianos erigirão-se em Lisbôa theatros regulares sobre as ruinas dos antigos *pateos*; e quando o terremoto de 1755 arrasou os que existião forão ainda sob os planos d'artistas italianos que se construirão os de Salvaterra, Ajuda e Queluz, onde o monarcha e a côrte ião applaudir as operas dos grandes *maestros*.

Desenvolveu-se extraordinaria paixão pelo theatro lyrico, e não só os reis, mas ainda os nobres e ricos quizerão ter em seus palacetes e casas theatrinhos em que se representassem operas italianas, e até nos conventos de freiras se fazião *academias de musicas*, como se deprehende da leitura d'uma carta de lord Beckford, citada pelo sr. T. Braga <sup>1</sup>.

Os theatros, a que poderíamos chamar populares <sup>2</sup>, seguirão no encalço e accommodarão á musica italiana *motivos* nacionaes; a

<sup>1</sup> Vide *Historia do Theatro Portug, no seculo XVIII*

<sup>2</sup> Como os do Bairro Alto, Salitre e rua dos Condes,

scenographia perdeu o cunho caracteristico, e as vestes dos theatros egios forão, sem o minimo discernimento, transplantadas para os populares.

Um grande engenho, que abrilhanta os fastos musicaes d'essa epocha <sup>1</sup>, tentou debalde introduzir o costume de cantar-se no idioma patrio; o *estrangeirismo*, escudado pela moda, levou-o de vencida.

O derradeiro golpe contra o theatro portuguez descarregou o *elogio dramatico*, genero espario, gerado pela bajulação e nascido nos catres da dependencia.

#### ROMANCE

THEODORO D'ALMEIDA (*Padre*): — Nasceu em Lisboa a 7 de janeiro de 1722 e foi filho de Ivo Francisco d'Almeida e de sua mulher Luiza Maria. Entrou aos treze annos de idade para a Congregação do Oratorio, onde teve por mestre o celebre padre João Baptista, o primeiro que em Portugal ensinou philosophia segundo o methodo experimental. Tão grandes progressos fez o mancebo nessa sciencia que aos vinte e quatro annos lhe era conferida a patente de professor substituto; e aos vinte e nove passava a effectivo.

Então deu a estampa a sua *Recreação Philosophica*, que tão subida nomeada grangeou-lhe.

Não só na cadeira de magisterio, mas ainda na do pulpito e do confessionario, era solida a reputação do padre Theodoro; e as damas da mais alta distincção procuravão-no de preferencia para seu director espirital.

Ignora-se ainda o motivo porque, tanto elle como alguns co-religionario seus, incorrerão na animadversão do marquez de Pombal,

<sup>1</sup> Referimo-nos a Marcos Portugal

<sup>2</sup> « Esta obra (diz o sr. Innocencio no seu *Diccionario Bibliogr.* tomo VII) é ainda popular entre nós. Não ha muitos annos que se fez d'ella uma nova edição completa; e os exemplares das antigas, que muitas vezes apparecem no mercado, achão compradores; principalmente os dos tomos VIII, IX, e X, quando se encontram á venda separados; pois servem aos curiosos para completar as collecções dos seis primeiros tomos. »

sendo certo que a 20 de junho de 1760 fôrão desterrados, juntamente com alguns fidalgos.

Escolhendo a França para lugar do seu exilio lecionou em varias cidades: em Bayonna abriu um curso de geometria e algebra; em Auch outro de geometria, physica e geographia; e sendo convidado para reger uma cadeira d'esta ultima sciencia em Brest, excusou-se allegando a sua esperanza de ser proximamente chamado á patria.

Esse ardente anheló só pdeu realizar-se em março de 1778; e havendo-se terminado em outubro de 1792 a casa do Espirito Santo, que o terremoto de 1755 arrasára, passou-se o padre Theodoro d'Almeida para a dita casa, proseguindo em seu magisterio de philosophia ao qual só a morte poz termo no dia 18 d'Abril de 1804, succumbindo á um ataque d'apoplexia.

Num interessante romance do fallecido e estimavel litterato Rebello da Silva, inspirado pela leitura das preciosissimas cartas de lord Beckford <sup>1</sup> lemos « que o padre Theodoro d'Almeida dirigira em Belem um recolhimento de senhoras, vindas do convento d'Annecy na Saboya; em cujo recolhimento se educavão as filhas das familias mais illustres da córte. »

Consta outrosim que concorrera para a fundação do seminario d'orphãos instituido pelo padre Antonio Luiz de Carvalho, bem como para varias outras obras pias que se emprehenderão em seu tempo.

No louvavel proposito de vulgarisar as sciencias compoz diversos livros elementares e recreativos, como fossem (além da *Recreação Philosophica*) as *Cartas Physico-Mathematicas* de Theodoro a Eugenio <sup>2</sup> e o *Methodo para Geographia*, offerecido ás religiosas da Visitação de S. Maria de Lisboa.

Crescido numero d'obras e opusculos religiosos sahirão da labo-

<sup>1</sup> *Lagrimas e Thesouros*, (*Fragmento d'uma historia verdadeira*). Porto—1862.

<sup>2</sup> Estas *Cartas*, destinadas a servirem de complemento as *Recreações Philosophicas*, sahirão a lume (em 3 volumes) sob o pseudonymo de Dorotheo d'Almeida. Versavão sobre geometria e mechanica elementares, e fôrão vertidas em hespanhol por Francisco Vellasquez.

riosa penna do douto oratoriano, que tambem competiu n'arena da poesia e do romance.

O poema por elle firmado intitula-se *Lisboa Destruida* pelo terramoto de 1755, e consta de seis cantos em oitavas rimadas. Apesar dos elogios do seu confrade Antonio das Neves Pereira, que se incumbiu das notas e illustrações, é este poema destituído de todos os predicados que se exigem para iguaes commettimentos; por isso não deixamos de concordar com o severo juizo que a seu respeito formava Costa e Silva, quando no tomo IX do seu *Ensaio Biographico-Critico* disse: « Este douto padre, talvez por um excesso de humildade christã, quiz mortificar o seu orgulho de sabio, tornando-se ridiculo na posteridade, publicando um poema, já não digo sem vocação, mas com a mais completa negação e inhabilidade para a poesia. O que é sobretudo para admirar é que o padre Antonio das Neves, homem de grande erudicção e litteratura, como mostram as suas *Memorias*, não tivesse pejo de publicar a *Lisboa Destruida*, acompanhada de notas e commentarios em que pretende mostrar que tal obra não é só um poema de muito merecimento, mas o melhor que se havia escripto até seu tempo! A tanto pôde levar-nos o espirito de corporação! »

Melhor inspiração guiou-o, quando, abrindo mão do proposito d'escrever outro poema em que discutisse a these da verdadeira felicidade, inclinou-se para a prosa e compoz um romance a que deu o titulo de

FELIZ INDEPENDENTE DO MUNDO E DA FORTUNA, ou *Arte de viver contente em qualquer trabalho da vida* <sup>1</sup>.

Qualquer que seja o conceito que se queira formar d'esta obra incontestavel é que á sua concepção presidiu um pensamento eminentemente philosophico qual o demonstrar « que a maior parte dos que se chamão infelizes, podião não o ser, se tivessem no

<sup>1</sup> Segundo o mui auctorizado testemunho do sr. Innocencio da Silva tem tido esta obra quatro edições; e a segunda (que elle julga preferivel a primeira) vinha precedida d'uma declaração amphibologica, que muito prestou-se aos risos e moitejos. Dizia ella — *Dedicada á Jesu Christo Crucificado pelo P. Theodoro de Almeida.*

entendimento outro modo de pensar, e na vontade outra moderação no querer <sup>1</sup>.

Como confessa o proprio auctor foi a leitura do monumental romance de Fenélon que ministrou-lhe a ideia de gizar outro em identicas proporções.

« Tomei por modelo (diz elle no prologo) o grande arcebispo de Cambray no seu *Telemaco* e outras obras d'este genero, em que com a suavidade do nectar encantador da poesia se dão as maximas mais salutiferas para os costumes. Ao principio intentei fazer esta obra em verso rimado; e tendo já feito uma boa parte, mudei para o verso solto, querendo mais liberdade na penna: levava-me então no dictame de Horacio que dá a palma a quem souber misturar com o suave o util; e queria embriagar de sorte o espirito dos meus leitores com a doçura do metro que tragassem, sem o perceber, a medicina salutifera d'alma. Via-os desprezar com tal frenesi tudo o que cheirava a devoção e virtude que me parecia forçoso a engana-los felizmente, dourando as pilulas, ou pondo doçura do mel na borda dos vasos, onde se lhes devião ministrar as medicinas amargas. Porem depois de segundo, e não pequeno trabalho, vi que sempre o numero e cadencia, que devião com leis mui severas supprir a falta de rima, me obrigavão ás vezes, ou a não dizer o que queria, ou dize-lo d'outra maneira, não me deixando a prisão do verso discorrer o pensamento com a naturalidade e vehemencia com que desejava. Desisti então da empreza; e, semelhante ao que preparando-se para o duello d'empenho e perigo, não quer consentir enfeite algum que lhe embarace os pés, as mãos, ou os braços, desejando estar agil para ferir, ou rebater os golpes do adversario, assim fiz ultimamente: e sacrificando toda a belleza do metro, que só podia recrear, á mui importante força e energia dos argumentos, que devem ferir e prostrar, principiei de novo a obra. Conservei porem as leis da poesia, que me erão convenientes, mas na liberdade da prosa; conforme antes de mim tinhão feito alguns e com successo feliz <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Vide *O Feliz Independente* — Prologo.

<sup>2</sup> Idem, Idem.

Collige-se do que acabamos de citar que pertence este livro ao numero dos que se appellidão de — *longo folego*. — Foi maduramente pensado e escripto em conformidade dos principios horacianos ; abunda em reflexões philosophicas e exhala effluvios de suavissima moral christã. Falta-lhe porem o estro, e a uncção que mmortalisarão o *Telemaco* do sabio Finél on. Southey, que, ás vezes, julgava com discernimento a nossa litteratura cria « que este romance poderia ser reduzido a metade, ficando a outra para compor bons sermões <sup>1</sup>. »

Não nos parece injusto semelhante laudo ; visto como as longas dissertações de Misseno, aliás repletas de sabedoria, entibião a acção e prejudicão lhe o interesse. As descripções, posto que na mór parte graciosas, são por demais extensas, vicio de que tambem participão as narrativas, como seja a da tomada de Constantinopla pelo exercito dos cruzados, onde todavia rasplandecem bellezas de purissima agua. Banindo o maravilhoso pagão, e não se atrevendo a recorrer ao do christianismo, fez escolha dos *seres allegoricos*, que, na opinião dos mais abalisados criticos, jamais se poderão prestar a semelhante emprego.

Não obstante as maculas que deixamos notadas *O Feliz Independente* deve ornar as bibliothecas dos amadores das boas letras, certos de que da sua lição resultará fructuoso pabulo a juveniude.

#### ELOQUENCIA

MACEDO (*José Agostinho de*) : — Não só como poeta mas ainda como orador sagrado regista-se esse nome em nossa litteratura. Numa epocha em que tantos luzeiros brilhavão nos pulpitos da capital da então vastissima monarchia portugueza conseguiu ser apontado como o primeiro d'entre todos, digno émulo do grande padre Antonio Vieira.

Era sobretudo nos panegyricos onde mais avultava o seu pomposo estylo e a admiravel ordem com que dispunha os discursos.

<sup>1</sup> Vide *Memorias sobre a Litteratura Portugueza* traduzidas por J. G. C. Müller.

O de S. Francisco Xavier, á despeito do tom emphatico que nelle domina, pode ser considerado como um primor do genero, e a mais esplendida amplificação dos *Lusiadas*, na parte em que traça o magestoso painel das peregrinações do *Apostolo das Indias*.

Não menos feliz foi noutro difficil genero em que tão grandes applausos adquirião S. Gregorio Nazianzeno, S. Basilio, entre os antigos, e Bossuet e Fléchier entre os modernos: queremos fallar da oração funebre, na qual naufragára o descommunal talento de Vieira. As orações recitadas pelo padre Macedo por occasião do officio celebrado na igreja do Coração de Jesus em memoria do rei imperador D. João VI, e a do barão de Quintela, recommendão-se pela elevação de pensamentos, delicadesa de imagens, e galas de dicção. A primeira é sobretudo notavel pelo brilhantissimo bosquejo da historia patria desde o dominio arabe até o epico reinado de D. Manoel.

Constituém os *sermões políticos* as paginas negras da sua vida oratoria: a proverbial versatilidade de seu character espelhavão-se não só nos innumeros libellos de que foi auctor, mas ainda nas lições que do alto da tribuna sagrada dava ao povo. Despeitado com o partido liberal, a quem ao principio servira <sup>1</sup>, lançou-se nos braços da reacção absolutista, cujo esforçado paladino mostrou-se, alistando-se, na pictoresca phrase de Lopes do Mendonça, « *entre os demagogos da realza.* »

A linguagem virulenta do jornal politico transportava-a elle para a cadeira da verdade; e ora, sob o vèlo de transparentes allusões, ora descendo ao lodoso terreno das personalidades, invectivava seus contrarios; e abroquelado pela immuniidade do pulpito aggre-dia-os desapiadadamente numa linguagem descabelada e dirigida ás turbas que o victoriavão.

<sup>1</sup> Em 1283 mostrava-se José Agostinho decidido partidista das ideias liberaes, e redigiu o *Escudo, ou Semanario de instrucção publica* — jornal subsidiado pelos membros do governo de quem recebia as immediatas inspirações. (Vide — *José Agostinho e a suu Epocha* — Estudo Critico de Lopes de Mendonça, publicado nos *Annaes das Sciencias e Letras* — Lisboa — 1858).

Pena é que assim malbarateasse os raros dotes oratorios com que a natureza o opulentára, e de que não poucas provas deu, até mesmo em alguns d'esses sermões, como por exemplo no pregado na igreja de N. S. da Graça pelo restabelecimento do governo absoluto, no qual resplandece um primorosissimo quadro dos horrores da guerra, desenhado com as mais tetricas côres.

## HISTORIA

SOUZA (*D. Antonio Caetano de*): — Apenas se sabe da vida d'este douto ecclesiastico que nascera em Lisboa a 30 de maio de 1674-entrára muito moço para ordem de S. Caetano, chamada dos Theatinos, ahi professára, chegando a occupar por duas vezes o cargo de prelado, que se denominava *preposito*. Consta tambem que fora deputado da junta da Bulla da Cruzada e um dos cincoenta socios fundadores d'Academia Real da Historia Portugueza. Falleceu no convento da sua ordem (em Lisboa) a 5 de julho de 1759.

O titulo pelo qual adquiriu jus a ser contemplado na illustre familia dos escriptores dos portuguezes foi a

*Historia Genealogica da Casa Real Portugueza desde a sua origem até o presente, com as familias illustres que procedem dos Reis e dos Serenissimos Duques de Bragança, justificada com instrumentos e escriptores de inviolavel fé — Lisboa 1735 — 1748 — 13 tomos em 4.<sup>o</sup> 1.*

A esta colossal obra juntou elle :

*Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza, tirada dos instrumentos do Archivo da Torre do Tombo, da Serenissima Casa de Bragança, de diversas Cathedraes, Mosteiros, e outros particulares d'este reino — Lisboa de 1739-1748 em 6 tomos de quarto.*

*Indice Geral dos appellidos, nomes proprios, e cousas notaveis que se comprehendem nos treze tomos da Historia Genealogica, e dos documentos comprehendidos nos seis volumes de Provas com*

<sup>1</sup> Como o tomo XII é demasiadamente grosso costuma encadernar-se em dois volumes, formando assim toda a obra 14 volumes.

que se acha auctorisada a mesma *Historia* — Lisboa — 1749 em 1 vol. de 4º.

Esta vastissima encyclopedia historica foi por seu auctor dedicada a el-rei D. João V, a cujas expensas imprimiu-se, e muito auxiliou lhe a composição, que é d'est'arte explicada pelo abbade Barbosa Machado :

« Sendo eleito academico (D. Antonio Caetano de Souza) dos primeiros cincoenta que se formou este litterario corpo em quanto não desempenhava o argumento das memorias dos bispados ultramarinos que lhe forão commettidos á sua penna, para não ser accusado de menos deligente ideou, e felizmente conseguiu a *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, para cujo estudo, além de ser muito versado, revolveu com escrupuloso exame e grande investigação o archivo real, d'onde extrahiu documentos solidos para estabelecer as suas opiniões, e das quaes grande parte tinha fugido á profunda indagação do Britos e Brandões, chronistas geraes d'este reino e celebres corypheus de sua historia <sup>1</sup>. »

Superando a esterilidade annexa ás obras genealogicas, ao tedio inseparavel das pesquisas relativas aos troncos e ramos das familias reaes, principescas, ou sómente fidalgas, conseguiu D. Antonio Caetano escrever uma historia interessante, e abundantissima de dados e particularidades que havião escapado aos seus predecesores.

A amenidade do estylo (sempre flórido e algumas vezes pomposo) serve de condimento ás investigaçõees historicas e heraldicas attrahindo doce e suavemente o leitor assombrado pelo gigantesco aspecto do monumento.

Quem se der ao trabalho de manusear semelhante obra será amplamente compensado pela somma de conhecimentos que terá adquirido e fiamos que nenhum dissabor encontrará em sua leitura, na qual, como acima dissemos, soube o auctor tão habilmente conciliar o util com o agradável.

As *Provas* verdadeiras peças justificativas, incorrerão nas acres

<sup>1</sup> *Bibliotheca Lusitana*, tomo I.

censuras do douto João Pedro Ribeiro que á seu respeito serviu-se d'estas expressões :

« D. Antonio Caetano de Souza nas *Provas* que juntou a sua *Historia Genealogica*, semeou tantos erros e tão grosseiros, que apenas se pôde suppor que elle chegasse a ler alguns monumentos que ahi produziu ; tendo-se servido de pessoas inteiramente ineptas para lhe tirar copias <sup>1</sup>. »

Discorda de tal alvitre o não menos douto e infatigavel bibliographo sr. Innocencio Francisco da Silva allegando que « as imperfeições não passam de pequenas manchas que não podem privar a obra do conceito e estima que merece, nem seu auctor da gloria que lhe compete por te-la emprehendido e terminado a custa de porfiado estudo e das fadigas de tantos annos, e com a efficacia e perseverança de que não ha entre nós muito exemplos <sup>2</sup>. »

#### BIOGRAPHIA

BARBOSA MACHADO (*Diogo*): — Natural de Lisboa, e nascido a 31 de março de 1682 foi filho segundo do capitão João Barbosa Machado e de sua mulher D. Catharina Barbosa. Consagrou-se desde os mais tenros annos á vida ecclesiastica e exerceu com honra as funcções d'abbade da parochial igreja de S. Adrião de Sever, no bispado do Porto, sendo tambem do numero dos fundadores d'Academia Real da Historia Portugueza. Ao cabo d'uma longa existencia, votada á religião e ás letras, falleceu na sua cidade natal aos 9 de agosto de 1772.

Muitos são os escriptos elaborados por esse erudito ecclesiastico, devendo porém ser collocada em primeira plana a

*Bibliotheca Lusitana, Historica, Critica e Chronologica na qual se comprehende a noticia dos auctores portuguezes, e das obras que compuzerão desde o tempo da promulgação da lei da Graça, até o*

<sup>1</sup> Vide *Observações Diplomaticas*.

<sup>2</sup> *Diccionario Bibliographico* tomo I

*tempo presente. Offerecida á Augusta Magestade de D. João V, Nosso Senhor.* — Lisboa — 1741-1759 em quatro tomos *in folio* <sup>1</sup>.

Grandioso era o plano que engehára o abbade de Sever, e assaz conhecia elle a magnitude da empreza quando dizia :

« De todas as producções litterarias com que os maiores seculos eternisarão a sua fama nos annaes da posteridade, nenhum lhes mereceu mais gloriosos elogios e celebres applausos que o laborioso estudo d'uma *Bibliotheca*, onde pelo impulso de suas pennas renascem á nova vida os escriptores que tinham alcançado immortal na republica das letras... <sup>2</sup> »

Quanto o permittião as ideias do tempo e o atraso em que se achavão os estudos bibliographicos, preencheu o *desideratum* que concebêra, e satisfez a geral expectativa. Trabalhou com indefessa actividade, colligiu rarissimos e esparsos documentos, interrogou os cartorios e archivos de familia, ouviu o testemunho dos contemporaneos, e attendeu ás tradições, (nem sempre porém com o preciso discernimento); e, repleto de noticias reconditas e ineditas informações, proferiu seus laudos ácerca das obras de quantos havião nascido em terras portuguezas, expellindo inexoravelmente da sua *Bibliotheca* aos que lhe erão estranhos; embora nesse idioma houvessem escripto. « Por isso (diz o sr. Rivara) o venerando abbade conserva ha mais d'um seculo o sceptro da bibliographia portugueza e recebe as homenagens das successivas gerações d'estudiosos, sem embargo dos vicios inevitaveis do seu tempo, e ainda de outros resultantes da disposição menos acertada do seu plano <sup>3</sup>. »

<sup>1</sup> Sabem os bibliophilos que o terceiro tomo d'esta obra é mais escasso do que os dous primeiros e por isso rara é a collecção completa: explica o sr. Innocencio esta anomalia pela tradição, devida ao academico Pedro José de Figueredo, e que lhe fôra transmittida pelo seu amigo A. J. Moreira, segundo a qual ao proprio abbade Barbosa Machado se deve attribuir tal lacuna; porquanto inutilisára elle (num accesso de mau humor pela pouca extracção da obra) grande numero d'exemplares do referido terceiro volume. Acrescenta o sr. Innocencio que esta explicação não lhe parece de todo plausivel e satisfactoria.

<sup>2</sup> Vide *Bibliotheca Lusitana* — Prologo.

<sup>3</sup> Vide — *Algumas Lembranças para a formação da Bibliotheca Portuguesa* — inserto no vol. X do *Panorama* (1853).

Levado por uma irresistivel paixão a esse genero d'estudos, por muitos amesquinhado, conheceu praticamente o sr. Innocencio da Silva os numerosos equivocos e omissões em que incorrera o creador da bio-bibliographia portugueza, e formando desde logo o proposito de corrigir-lhe os defeitos, não regateou elogios ao seu digno antecessor, a quem teceu os mais sinceros e merecidos encomios <sup>1</sup>.

Temos para nós que a boa fé foi dos principaes escolhos com que naufragou o bom abbade, que mal poderia crer que houvesse quem para exalçar a gloria dos seus, ou encobrir-lhes as maculas, immolasse accintosamente a verdade, illudindo d'ess'arte a confiança que em seu cavalheirismo depositára o ostiario do *panthéon lusitano*.

A linguagem do sabio academico é immune d'eiva, escoimada de bastardia, em summo gráo abona o sasonado fructo que da lição dos classicos colhera. É porém menos florída do que a de D. Antonio Caetano de Sousa, como tambem convinha á diversa natureza do assumpto.

#### EPISTOLOGRAPHIA

GUSMÃO (*Alexandre de*): — Natural d'antiga villa, e hoje cidade de Sanctos, na provincia de S. Paulo <sup>2</sup> vio a luz do dia no anno de 1695 sendo o nono filho do cirurgião-mór do presidio Francisco Lourenço e de sua mulher D. Maria Alvares. Deveu o nome e appellido de que usou a seu padrinho o celebre jesuita Alexandre de Gusmão, que lhe serviu de seguro mentor nos primeiros passos da carreira litteraria que por decidida vocação abraçou.

Completando o curso de humanidades no collegio que possuíão na sua villa natal os padres da companhia de Jesus foi mandado para Lisboa, e entregue aos cuidados de seu irmão mais velho, o padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão <sup>3</sup>, que o adestrou no

<sup>1</sup> Vide *Diccionario Bibliographico Portuguez* - Prologo.

<sup>2</sup> Por motivo analogo ao que expendemos, tratando d'Antonio José da Silva, incluimos este nosso illustre conterraneo na categoria dos escriptores portuguezes do XVIII seculo.

<sup>3</sup> O mesmo que foi chamado — o *Voador* — em razão de haver inventado os aerostatos e subido aos ares muito tempo antes da celebre ascensão dos irmãos Mongolfiers.

conhecimento de algumas linguas vivas e no das sciencias naturaes em que era versadissimo.

Acompanhou ao referido irmão á França, e matriculou-se na universidade de Paris, onde obteve o gráu de doutor em direito civil. De volta a Portugal cursou as aulas de Coimbra para inteirar-se das leis patras, e assombrou á mestres e condiscipulos pela sua applicação e perspicacia.

Não podião ficar por muito tempo desaproveitadas as habilitações de que era dotado; assim pois recebeu ordem d'el-rei D. João V para assistir, com mais dois embaixadores portuguezes, ao congresso da Cambraia; mas tendo sido julgada a sua presença mais necessaria em Roma partiu para esta ultima cidade, onde já estava seu irmão Bartholomeu Lourenço, á solicitar do Papa o titulo de *Fidelissimo* para os reis de Portugal e varios prerogativas em favor da igreja patriarchal de Lisbôa.

De tal modo houve-se Alexandre de Gusmão, que, diz Antonio Martins <sup>1</sup>, lhe quizera o summo Pontefice distinguir com o titulo de *principe romano*, deixando d'acceptar esse titulo para conformar se com a vontade de seu monarcha.

No regresso á patria foi eleito membro d'Academia Real da Historia Portugueza, em substituição ao conselheiro Antonio Rodrigues da Costa, que acabava de fallecer, sendo incumbido de escrever em lingua latina a historia das possessões ultramarinas.

No character de secretario particular d'el rei manejou os mais transcendentos negocios d'estado desde o anno de 1731 até o de 1740 como se deprehende da leitura de suas cartas. Ainda mesmo depois da nomeação do Cardeal da Motta para esse cargo continuou a ter decidida ingerencia, maxime nos negocios estrangeiros, que cabalmente conhecia, e na decisão dos pontos contraversos de direito.

Da sua feliz interferencia nas negociações diplomaticas resta irrefragavel documento nesse famoso tratado de limites de 13 de janeiro

<sup>1</sup> Vide o *Elogio Historico d'Alexandre de Gusmão*, lido n'Academia Real da Historia Portugueza, e impresso em Lisbôa no anno de 1754.

de 1650, o mais completo e equitativo de quantos até hoje se hão celebrado <sup>1</sup>.

Attribue-se também a esse douto brasileiro a criação do imposto da — *capitação* — que substituiu a antiga arbitraria e onerosissima cobrança dos direitos sobre a mineração do ouro. Este methodo, julgado por alguns historiadores com demasiada severidade, foi apreciado pelo visconde de S. Leopoldo nas seguintes mui judiciosas palavras, exaradas no supracitado opusculo,

« Ao clarão da experiencia e da sciencia economica é que ao depois se discernirão os vicios e defeitos d'um systema que pesa todo sobre o pessoal; em que o proprio homem, sua liberdade, sua existencia, se achão hypothecadas; em que as leis que deverão tender a proteger o pobre e fraco, antes o opprimem, reduzindo os contribuintes a ultima extremidade, si é um miseravel artista que não tem com que pagar a quota da capitação, fiscal exactor nem ainda perdoa os proprios instrumentos do trabalho com os quaes grangea a subsistencia: culpa foi de quem mais de perto conhecedor dos effeitos da voragem, não sei porque fins, incessantemente instigou. »

Parece que tardia (senão mesquinha) fôra a remuneração de tão relevantes serviços, a julgar pelas sentidas queixas que fez subir a presença d'el-rei D. João V numa petição que lhe dirigiu, na qual diz: « Si o amor proprio não engana ao supplicante parece que nenhum dos ministros que se achão occupados por V. M. (não fallando nos de maior character) poderá allegar serviços tão importantes e continuados, nem tão larga experiencia e instrucção das dependencias e interesses da corôa como o supplicante; contudo está o supplicante vendo á cada passo subirem para maiores lugares outros ministros, ficando o supplicante parado em este, que na commum estimação e na graduacão dos despachos se reputa quasi pelo ultimo dos tribunaes <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Vide a memoria do visconde de S. Leopoldo intitulada — *Da Vida e Fellos d'Alexandre de Gusmão e de seu irmão Bartholomeu Lonrenço de Gusmão* — impressa no colleção das *Memorias do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* — tomo I — Rio de Janeiro — 1841.

<sup>2</sup> Vide *Panorama* volume IV (1840)

O lugar em que *estava parado* era o de conselheiro ultramarino, para que fôra nomeado em 1742, e que desempenhou até o fim de seus dias, terminados em Lisboa a 31 de dezembro de 1753, sendo sepultado na igreja do convento de N. S. dos Remedios, pertencente aos carmelistas descalços.

Foi cavalleiro professo da ordem de Christo e fidalgo da casa real. Casou-se em Lisboa e teve dois filhos aos quaes deu nomes heroicos <sup>1</sup>, perecendo ambos num incendio que devorou a casa da sua residencia, e nella os poucos haveres que accumulára em afanosa existencia.

Era dotado de excessiva modestia a ponto de recusar se prestar informações relativas a sua vida e escriptos que lh'os solicitava o abbade Barbosa Machado para a sua *Bibliotheca Lusitana* <sup>2</sup>.

Na *Collecção de Varios Escriptos Ineditos Politicos e Litterarios de Alexandre de Gusmão* <sup>3</sup> encontrão-se algumas poesias que lhe forão attribuidas, assim como uma comedia, vertida do idioma francez e intitulada — *O Marido Confundido* <sup>4</sup>. —

Litigiosa entre elle e D. Thereza Margarida da Silva Horta tem andado a autoria d'uma novella, que sob o pseudonymo de Dorothea Engracia Taveda Dalmira, veio a lume com o titulo d'*Aventuras de Diofanes, imitando o sapientissimo Fénélon na sua viagem*

<sup>1</sup> Os de Veriato e Trajano.

<sup>2</sup> Na carta que por essa occasião escreveu-lhe usou d'estas expressões « Alguns amigos me fazem a mercê d'espalhar no publico um conceito vantajoso dos meus estudos; porem como estes, em quanto se não dão a conhecer pelas obras, dependem de mui pia fé para se acreditarem e não devo attribuir o estabelecimento d'aquella fama senão á benevolencia dos que me favorecem, pois até o presente não tenho mostrado composição por onde pudesse adquiri-la, e fazendo contas com o meu talento tenho por mui favoravel que o perderia de todo, sahindo aliás com algum volume.

<sup>3</sup> Dados á luz publica por J. M. de C. — Porto — 1841.

<sup>4</sup> No frontespicio d'essa comedia lê-se a seguinte declaração: — Foi posta em scena no theatro de Lisboa no anno de 1737 por um actor d'esse tempo, Nicoláo Felix Feris, para comprazer a lord Tirawley, que desejava ver representar uma comedia em portuguez.

*de Telemaco* <sup>1</sup>. Alguns outros trabalhos de somenos valia, sahidos da penna de Gusmão forão honrados com a publicidade; insufficientes porém para lhe assegurarem um lugar no catalogo dos auctores portuguezes dignos de particular menção. Deveu a nomeada, de que justamente goza, ás suas cartas, por muito tempo ineditas, que offerecem vasto repositório de dados historicos, juridicos, e politicos da epocha em que tão activa parte tomára na governança do estado.

Devem essas cartas ser maduramente lidas pelos que desejarem possuir cabal conhecimento dos successos e occurrencias do reinado de D. João V, afim de julga-lo com maior exactidão do que até agora se tem feito. Na respeitosa liberdade com que fallava o nosso compatriota aos primeiros personagens do reino, na maneira porque pleiteava os impreteriveis direitos da coròna (na phraseologia do tempo) encontrarão o fiel transumpto do seu nobilissimo character, e das muitas luzes que lhe adornavão o espirito. Do talento com que manejava a satyra servem de prova as cartas endereçadas a D. Luiz da Cunha, embaixador portuguez em Paris, da sua modestia, ou antes humildade, a que mandou ao diligente auctor da *Bibliotheca Lusitana*, anteriormente citada; e dos generosos sentimentos que enriquecião a sua bellissima alma as que escreveu ao seu particular amigo, o arcediogo d'Oliveira.

Superiores as de Vieira na valentia do raciocinio, talento d'observação, chiste com que descreve as scenas gravemente comicas que se passavão a seus olhos, ficção muito abaixo das do douto jesuita na pureza e genuidade da dicção e na immensa ductilidade com que manuseava o idioma nacional. Ha nessa preciosa collecção muito que reparar em pontos d'estylo, em dureza de linguagem, e e na impropriedade dos vocabulos: são como fezes de precioso liquido; cascalho de finissimo ouro.

<sup>1</sup> Inclina-se o sr. Innocencio da Silva para a hypothese que a faz obra de D. Thereza Horta extranhando « que o abbade Barbosa, que devera estar sciente d'essas coisas passadas em seu tempo, se deixasse illudir a ponto de desconhecer completamente o auctor da obra. »

## QUINTO PERIODO (Seculo XIX)

Havemos por vezes feito observar aos nossos leitores que certa conformidade existe no desenvolvimento do espirito dos povos de raça latina, cuja historia politica e litteraria em muitos pontos se assemelha. Esta conformidade ainda mais saliente se torna ao manusear os fastos de Hespanha e Portugal, que dir-se hia correrem linhas parallelas : assim vimos que a apathia litteraria de que Moratin não poude erguer seu paiz muito se assemelha ao marasmo que zombou dos esforços de Philinto Elysio. A espada do primeiro Napoleão pesou igualmente sobre os dois povos da peninsula berica, que na defeza de communs ultrages esquecerão antigas rivalidades e seculares odios. Exhaustos por uma guerra titanica procurarão hespanhóes e portuguezes temperar seus musculos nas aguas da liberdade, e o brado erguido n'antiga colonia phenicia <sup>1</sup> echoou oito annos depois nas margens do Douro <sup>2</sup>. Respeitando o throno, como uma instituição nacional, buscarão conciliar os novos com os velhos principios, e nem o mallogro de suas esperanças lançou-os nos braços da democracia. O animo desconfiado de D. Fernando VII e a extrema bondade de D. João VI derão auso aos representantes do antigo regimen para violarem os mais solemnes pactos. Sanguinolentos funeraes tiverão esses dois principe, e uma nova guerra d'*epigones*, cobriu de ruinas as veigas e quebradas por onde se despenhão o Tejo, o Douro, o Ebro e o Guadalquivir ; nos remidos solios sentarão-se duas meninas, pupillas das nações que deverão mais tarde guiar pela larga estrada da liberdade.

Pela completa emformidade no destino dos dois povos peninsulares apparecerão pela mesma epocha dois homens eminentes, que, na escola do exilio, haviam aprendido novas theorias estheticas, conhecido de perto os iniciadores da revolução litteraria, e conce-

<sup>1</sup> Cadix, antigamente *Gades*, ou *Julia Gaditana* dos romanos.

<sup>2</sup> Na cidade do Porto (a antiga *Portu Caliae* d'onde se derivou o nome do reino).

bido audaciosos planos de restauração e progresso : D. Angelo de Saavedra (duque de Rivas) e Almeida Garrett (depois visconde) forão os Pedros Eremitas da nova cruzada : *El M6ro Esposito* é irmão de *D. Branca* e de *Camões* e *D. Alvaro de Frei Luiz de Souza*.

Assim como encontrára o duque de Rivas poderosos auxiliares em Espronceda e Zorilla achou o visconde d'Almeida Garrett nos senhores Castilho e Alexandre Herculano quem lhe completasse o pensamento, quem de boa fé e animo desprevenido se associasse ao seu patriotico intento. Esta revolução, ou antes restauração, denominou-se — *romantica* — para identificar-se até no titulo com a que pouco antes se operára em França e Italia pelos esforços de Chateaubriand, Victor Hugo, Lamartine, Manzoni, F6scolo e Nicolini. Relancemos perfunctorio olhar sobre cada uma das suas brilhantes manifestações.

#### POESIA LYRICA

Ao começar o presente seculo predominava em Portugal o elemento elegiaco ; os derradeiros representantes da segunda Arcadia (Bingre e Castilho) fazião ouvir suas magoadas endechas, e as *Cartas d'Echo a Narcizo*, do ultimo d'esses poetas, obtinhão sympathico acolhimento de todas as classes como correspondendo a uma necessidade physiologica : o austero, o horaciano Philinto, preludiava a revolução *romantica* traduzindo o *Oberon* de Wieland ; e o padre Macedo arcava com os *Lusíadas* de Camões em defeza da *forma classica*, prestes á expirar. Havia um geral incommodo, um máo estar, prenuncio de proxima borrasca.

Foi d'essa mesma França d'onde partira a restauração arcadica, manifestada na servil imitação dos modelos horacianos, que partiu o brado da reforma romantica presentida por Stael e Chateaubriand, e levada ao cabo por Lamartine, Victor Hugo, Delavigne, e tantos outros.

Coube a um illustre mancebo, que nas agruras do desterro preparava-se para gloriosos empreendimentos, a honra de inaugurar o novo periodo da historia litteraria portugueza. Preveniu-nos por certo a perspicacia do leitor pronunciaudo o nome de João Baptista

da Silva Leitão d'Almeida Garrett, mais tarde condecorado com o titulo de visconde do seu proprio appellido.

Com expressões tão eloquentes como verdadeiras exprimiu o sr. Mendes Leal a natureza e o alcance d'essa revolução quando no seio d'Academia Real das Sciencias de Lisboa disse:

« A poesia estava cançada de pedir uma alma emprestada a gregos e romanos ; gastá ra-se o velho molde da epopéa desconjuntado e roto de muito se rvir a plebe dos plagiarios ; — Ferreira e Sá de Miranda com a sua cultura artificial tinham adiantado não pouco em beneficio da forma ; o es tro nacional apagára-se nos seus continuadores. Haviamo-nos aperfeiçoado nas letras ; haviamo-las feito tudo, menos portuguezas ! Veio depois o reinnado das *decimas* e dos *sonetos*. A ambição do poeta era ser, ou parecer, improvisador, A litteratura só aspirava o cenaculo. O acrostico equilibra se desde o seculo XVI, e deleitava os fabricantes de versos symetricos. Bocage, Malhão, Curvo Semedo e Guerreiro tinham sido apenas luzeiros fugitivos, scintillando n'um cahos.

« O povo queria outra cousa.

« Em tal conjuctura e disposição dos espiritos, os dois poemas, que pelo estylo e pelo sentimento, fallavão tanto ao coração de Portugal, forão, como devião ser, duplamente acclamados em nome do passado, e em nome do futuro. A poesia de convenção cedia o lugar á poesia da patria. Os modelos, que havião servido de leito de Procusto, erão emfim racionavelmente applicados. Resurgia a ardente musa peninsular. Atava-se a cadea das tradições continuando os fastos interruptos. Entendia-se finalmente, ao cabo de muito desvio e aberração, que para ser poe ta como os antigos, importava, antes de tudo, ser da sua terra, como elles, modular o canto no diapasão natural, temperar a lyra pela toada materna, beber a inspiração nas suas fontes vivas <sup>1</sup>.

Os poemas, a que se referiu o sr. Mendes Leal são os de *D. Branca e Camões* nos quaes predomina o elemento lyrico, caracteristico da nova escola.

<sup>1</sup> *Elogio Historico do socio effectivo Visconde d'Almeida Garrett*, recitado na sessão publica de 19 de novembro de 1856.

Funda-se *D. Branca* n'uma graciosa lenda do tempo de D. Affonso III, o conquistador do Algarve, habilmente aproveitada pelo poeta para o desenho dos usos e costumes da epocha, e contraste da civilisação romano gothico com a hispano arabe. Foi ahi que pela vez primeira rompeu com as divindades mythologicas declarando-se abertamente *romantico*<sup>1</sup>. Timido, como soem ser os estreantes de verdadeiro merito, collocou o audacioso ensaio á sombra do vulto venerando de Philinto Elisio foi porém descoberta a piedosa fraude; e, chamado a autoria, mostrou-se reo confesso e convicto.

Novo attentado contra o regimen classico não tardou á assigna-lo á indignação dos puritanos: d'esta vez abraçou-se com as vaporosas tradições que circumdavam a vida do excelso cantor do Gama; e, tirando todo o possivel partido d'essas legendas ergueu um allisonante brado em pról da sua posthuma gloria, e imperioso exigiu o pagamento da divida. *Camões* não foi só um bom poema, mas tambem uma boa acção. Si d'esse cofre, em que tão ricas gemmas se achão encerradas, devassemos tomar só duas cahiria a nossa escolha sobre a invocação á *saudade* e a objurgatoria com que remata o epilogo.

A *Adozinda*, gracioso romance, tão eminentemente portuguez, tão intimo, tão resplendente de interesse dramatico, foi o novo élo da cadeia adamantina, que prendendo-se a *Lyrical de João Minimo* vai terminar nas *Folhas Cahidas*, serodio fructo do seu engenho lyrico.

Nem menos valioso foi o auxilio que para a resurreição d'esse tão depreciado genero poetico prestou a publicação do *Romanceiro*,

<sup>1</sup> A tradicional invocação substituiu pela seguinte:

« Aureos numes do Ascreu, ficções risonhas  
Da culta Grecia amavel. . . . .  
. . . . .  
. . . . .  
. . . . . teu culto abjuro.  
Tuas aras profanas renuncio;  
Professei outra fé, sigo outro rito.  
E para novo altar meus hymnos canto.»

« ramo de flores dispersas, laboriosamente colhido, e esmeradamente matisadas pela mais esperta mão de jardineiro, que nunca se foi a colligi-las e respiga-las por agruras abandonadas, » para apropriarmos-nos das expressões do sr. Mendes Leal.

Favorecidos pelas circumstancias politicas aclimou-se com facilidade o romantismo em Portugal, vindo alistar-se em suas bandeiras talentos peregrinos como o do sr. Antonio Feliciano de Castilho, já vantajosamente conhecido e fervorosamente applaudido pelas suas *Cartas d'Echo a Narciso*. Interprete esclarecido, e feliz continuador das tradições classicas serviu de poderoso auxiliar para a renovação que se operava foi elle quem iniciou a nova pleiade nos segredos do estylo e da forma; quem enriqueceu a poetica com novos, ou renovados metros; quem, franqueando os thesouros de descommunal erudição, preceituou os poetas noveis, sendo para a litteratura patria o que Delavigne lôra para a franceza.

*Os Ciumes do Bardo* é um poema lyrico no gosto do *Manfredo* e do *Giaour* de Byron, adocendo dos mesmos achaques e resplandecendo com os mesmos fulgores. Distingue-se porém na obra do poeta portuguez certa melancolia, certa ternura d'expressão, de que são carecentes as do cantor de Child-Harold.

*A Noite do Castello* foi outro poema lyrico, sombreado com as côres medievaes, postas em voga pela escola dominante, que num dos artigos fundamentaes do seu credo determinara a restauração da forma gothica, supplantadada pela renascença. É emphatico, artificial, inverosimil na pintura dos caracteres. mas esplendido de imagens e figuras finissimas, e escripto naquelle portuguez terso e fluente como rarissimos o tem escripto.

Na *Primavera* em que rescendem as flores da musa juvenil e no *Outono* em que os sasonados fructos d'essa mesma musa se deixão admirar deixou o sr. Castilho firmada a sua reputação de poeta lyrico e esmerado mentor da nova geração.

Como Garrett temperou o sr. Herculano as rijas fibras de que é dotado nas aguas do Tamisa e do Sena, como soldado da liberdade desembarcou nas praias do Mindello com esse punhado de heroes, que, derribando o solio do despotismo, hastearão na torre de Belem o estandarte da Serra do Pilar. Finda essa homerica lucta, e

quando teve de largar a escopeta sobraçou o alaúde; e, prestando attento ouvido á voz do mestre, exhalou plangentes threnos na *Harpa do Crente*, elegia repassada d'uncção christã e sentimento patriótico. A forma, e ás vezes a propria substancia, resente-se de certa aspereza, nascida d'austeridade do character do auctor, verdadeiro homem de Plutarcho, semelhante aos heroes de que nos falla Homero que alimentavão-se com a medula dos leões. Conheceu, primeiro que lh'o dissessem, a impossibilidade de lutar com vantagem n'arena poetica com Garrett e Castilho; e alongando as vistas para horisontes mal conhecidos, ou totalmente ignotos, absorveu-se na visão do passado e dotou as patrias letras com o romance e a historia, vasados nos admiraveis moldes de Walter Scott e Niebhur.

No rapido inventario a que estamos procedendo da lyrica portugueza contemporanea injustiça grave fôra si omittissemos o nome do sr. José Freire de Serpa, o restaurador dos *solãos*, forma obsoleta da elegia, tão grata ao saudoso Bernardim. « *As Innocencias* d'esse inspirado poeta, tem (na phrase do sr. L. A. Palmeirim) o respirar tranquillo da creança que adormeceu brincando, e as vestes candidas que bem dizem á idade em que o rosto se afogueia de pejo, e os olhos que se abaixão são a expressão do arrependimento da travessura punida <sup>1</sup>. »

Arrastado no torvelinho em que se despedaçarão os imitadores do *Ernani* e do *Roi s'amuse* viu quebrarem-se as taboas dos brilhantes baixéis que intitulára *D. Sismando e Almansor*, e no seu desanimo voltou-se amavelmente para os *solãos* que lhe conquistarão avantajado posto na hierarchia litteraria. » Os *solãos* (diz o sr. Palmeirim acima citado) são o livro mais original, do cunho mais portuguez, e de inspiração mais propria que José Freire escreveu separando-se com dignidade dos moldes já vistos, e podendo com orgulho dizer *este livro sou eu*, como do estado affirmava um rei absoluto. »

Motivos ponderosos, e que nos cumpre respeitar, arredarão

<sup>1</sup> Vide *Panorama* Vol. XIII. — anno de 1856. —

d'arena, esse denodado athleta, que, ainda nos bancos universitarios, conversava com as musas, e esquecia por vezes Ulpiano para scismar nos amores de D. Ignez de Castro á sombra dos salgueirae do Mondego.

O sr. Mendes Leal apresenta-se como herdeiro natural e instituido de Garrett; e si dermos credito (como devemos) ao auctorisado testemunho do sr. F. Gomes d'Amorim, foi ao autor do *Ave Cesar* a quem o novo Alexandre legou o seu annel lyrico <sup>1</sup>. »

Logo ao sahir da puericia pagou pingue tributo ao sentimentalismo lamartiniano, mas pouco a pouco emancipou-se d'essa influencia, e, evocando as reminiscencias da gloria patria, escreveu as *Indianas*, esplendido vestibulo do *Ave Cesar*, do *Kremlin* e do *Pavilhão Negro* em que o plectro de David e de Pindaro converte-se na tuba de Homero e Virgilio.

Sincero e caloroso em suas convicções legitimistas o sr. João de Lemos é um *vidente do passado*. Seu lyrismo, essencialmente subjectivo, povoa-lhe a mente de visões e de sonhos; e as recordações da infancia arrojão-se do ambiente liberal para os arraiaes do absolutismo. Desde o *Livro d'Elisa*, elegia erotica e repassada de sentimento, até o *Tumulo de Nero*, o *Festim de Balthasar*, e o *Natus est Jesus*, sublimes intuições dos tempos já idos, a musa do poeta miguelista aturou-se de melancolia para dar-nos d'ella admiravel synthese na nostalgica *Lua de Londres*.

Inspirando-se no *Romanceiro* de Garrett, e tomando por mestre Beranger, constituiu-se o sr. Luiz Augusto Palmeirim genuino

<sup>1</sup> Julgamos agradavel aos leitores a transcripção do seguinte tracto do bellissim estudo do mais dedicado amigo de Garrett:

« No dia em que o poeta foi sacramentado fazia um frio horroroso. Gonçalves sahiu as onze horas e eu fiquei dormitando ao pé do fogão; Garrett quiz que o deixassem só para ver se conseguia passar pelo somno. Ao meio dia chamou-me dizendo que não podia adormecer, que lhe contasse alguns coisa. Fallei-lhe de poesias; recitei-lhe fragmentos do seu *Camões*, que elle tanto gostava d'ouvir, bocados da *D. Branca*, e por fim o *Ave Cesar* do sr. Mendes Leal. Esta bella poesia era-lhe desconhecida, e foi tal a satisfação que lhe causou que me obrigou a repeti-la segunda vez. Concordou commigo que erão os melhores versos do sr. Mendes Leal, e fez muitos merecidos elogios a este insigne poeta. » (*Archivo Pittoresco* Vol. III — anno de 1856.

interprete da musa popular. A sua *Vivandeira* e o seu *Guerrilheiro* fallão a todas as imaginações e despertão lembranças de todos conhecidas. Notão-se-lhe porem certa manotonia, certa ausencia de inspiração individualista, caracteristico dos que se estradão por essa vereda.

É por certo o sr. Raymundo Bulhão Pato um dos mais illustres representantes do romantismo portuguez: ha na sua physionomia poetica alguma coisa d'original, de particularissimo, maxime si attendermos que no meio dos hosannas á escola franceza foi o primeiro que lembrou-se de reagir contra ella escrevendo a sua *Paqueta*, poema-romance, no gosto d'Orlando e Forteguerra. Mereceu esta tentativa favoravel acolhimento do sr. Alexandre Herculano que numa carta endereçada ao auctor assim se expressa.

« A *Paqueta* é um protesto contra a poesia franceza que nos invadiu, e que privada das harmonias metricas, até nos lança na caricatura d'outra caricatura, na imitação bastardada do seu monotono rythmo, saguão litterario para onde mais d'uma vez nesta epocha de corrupção em tudo, ainda os melhores poetas atirão composições bellissimas no sentir e no pensamento; saguão que é o paraiso dos poetastros, e as delicias das nossas eruditas *blue-stockings* <sup>1</sup>. »

Outro poema-romance, aureolado pela critica discreta e imparcial, foi o *D. Jayme* do sr. dr. Thomaz Ribeiro, sumptuosa exhibição lyrica com seus laivos d'epopea. Por todos os nove cantos espalhão-se brilhantes descripções, imagens scintilantes e conceitos finissimos, tudo expressado numa metrificacão fluentissima, e numa linguagem de lei, « limpa de fezes, e sem sombra de liga » como se exprime o sr. visconde de Castilho <sup>2</sup>. Á este mesmo amavel poeta deve a lyrica contemporanea algumas excellentes producções, como sejam as *Novas Conquistas*, a *Festa da Caridade*, a *Judia*, e outro poema romance (*Delphina do Mal*) infelizmente somenos a

<sup>1</sup> Vide *Paqueta* por R. Bulhão Pato — Lisboa 1866.

<sup>2</sup> Vide *D. Jayme* — *Conversação Preambular*—

seu primogenito e denotando precoce decadencia, que oxalá se não verifique.

Um grande talento, cedo arrebatado ás patrias letras, foi Soares de Passos, em quem o sr. Herculano julgou entrever o primeiro dos poetas contemporaneos. Resta-nos d'elle um excellente volume de poesias lyricas das quaes se destacão o *Firmamento* e *Camões*, dignas d'emparelhar com o que de melhor possui á litteratura portugueza.

Fecharemos o cyclo dos poetas lyricos com o auspicioso mancebo cujas estreas tantos e tão grandes encómios merecerão : é claro que nos referimos ao sr. João de Deus. Como Bocage nasceu poeta, e inconsciente balbuciou os primeiros versos, e ainda hoje va poetisando com a espontaneidade de Goethe, sem que lhe sirvão d'embarços regras e preceitos. « Sabendo como poucos (diz um illustrado critico) apropriar a locução popular á expressão dos sentimentos elementares e calmos d'alma humana, e manejar a lingua portugueza sem descahir no archaismo, ou no alatinado d'affectado do classicismo, João de Deus tem um estylo franco, natural e espontaneo, que reflecte as modulidades da laboração psychica com admiravel fidelidade no rythmo, no *imaginoso*, nas proprias irregularidades e incorrecções <sup>1</sup>. »

#### POESIA SATYRICA

Profundas modificações experimentou a musa de Tolentino e de Bocage com a nova physionomia que assumiu a sociedade moderna. Mais vasto tornou-se o amphitheatro da critica e maior a variedade de typos caricatos. Foi o padre José Agostinho de Macedo o derradeiro representante da Nemesis classica, e as suas setas, empregadas do *curare* politico, entoxicavão os adversarios, ainda quando levemente feridos.

Na falta d'um Henrique Heine, d'um Augusto Barbier, que flagellasse com sua pungente ironia os dyscolos da civilisação e os

<sup>1</sup> *Livro de Critica* pelo sr. Luciano Cordeiro — Lisboa 1869. —

pseudo hierophantes do progresso teve a litteratura portugueza a boa fortuna de possuir um Faustino Xavier de Novaes, cujo estro, bem que inferior ao dos supracitados, accommodava-se perfeitamente á intelligencia popular, para quem escrevia e cujo applauso só ambicionava.

Attenuou o sr C. Castello Branco, e até o certo ponto justificou-o, quando disse-lhe :

« O teu auditorio era o povo, o povo inculto, o povo que satyriza com um gesto zombeteiro, e fareja os — *ridiculos* — com aquelle fino olfacto do selvagem, só affeito aos aromas naturaes das suas selvas.

« Si o povo te não entendesse, si o povo não batesse as palmas, si o povo não soltasse a estralada de riso, como castigarias tu a ralé engravatada? Si andasses com a satyra da forja para a lima e da lima para a forja, até sahires a lume com as trabalhadas trovas d'um engenho retorcido mil vezes, com que gente contarias que gritasse — *rabo-leva* — aos teus heroes d'entrudo.

« Quando muito serias encomiado por meia duzia de litteratos, e esmorecerias de animo e vontade quando visses o barão cada vez mais parvo, e o teu livro cada vez mais pulverisado no lote do livreiro <sup>1</sup>. »

As palavras do distincto escriptor, que acabamos de transcrever, forão tomadas antes como animação do que como conselhos; por isso em annos mais sasonados completou seus bosquejos o emulo de Tolentino, e no segundo volume das *Poesias*, dadas ao prelo em 1858, reuniu a vivacidade do espirto a correccão da forma.

Pelo singular progresso que em tão curto lapso fizera cumpriu-o o mesmo critico endereçando-lhe estas agradaveis expressões :

« Não sei se leste, si adivinhaste muito em dous annos : si meditaste Ferreira, Bernardes e Camões ; hauristes d'esses mananciaes o mais selecto, e o menos aproveitado pelos metrificadores

<sup>1</sup> *Esboço d'Apreeiações Litterarias* por C. Castello Branco — *Carta a Faustino Xavier Novaes* — Porto — 1865. —

modernos. Aposto que tenhas degene rado de teu natural si andas-  
ses enfronhado em francezias de Hugo, e de Musset. Desluzia-se-te  
essa indole toda portugueza e lhana que tão raros resguardarão do  
coito damnado do estangeirismo. Escrevias lamurias, isso é ver-  
dade, d'essas que os Heraclitos denom inão a vera poesia; mas  
palavra de honra, eu não te lia, nem te lia alguém que se ache  
de sobejo apouquentado com os desgostos proprios. »

Esse segundo volume denominado *Novas Poesias* encerra primo-  
res de critica e fidelissimos quadros de costumes. Logo no começo  
defrontamos com as *Pretensões* em que Novaes verberou as vaidades  
audaciosas de muitos cogumellos litterarios, que inundão os  
prelos com myriadas de versos attentatorios ás leis da grammatica  
e do bom senso, — *Um Novo Paturot* — intitula-se a espirituosa  
satyra em que desenhou com o lapis de Gavarni ou de Cham  
os ridiculos mais salientes da sociedade contemporanea, e essa  
sede insaciavel de gózos que tão característica se lhe torna. — *A  
Vespa* á uma feliz imitação das *Guépes* d'Affonso Karr, mais tão  
sómente na ideia e não na execução em que visível é o intuito de  
dirigir-se aos seus conterraneos, invocando por isso a musa popu-  
lar. Esplendido d'atticismo e de chiste é o *Dialogo entre um progres-  
sista e um retrogrado*, no qual discute a musa faceta a these tantas  
vezes debatida pelos apologistas do passado e do presente. Asse-  
melha-se a uma faisca d'espírito, *bluette* (como lhe chamão os france-  
zes) a mimosa satyra — *Virou-se o mundo* — que ninguem poderá ler  
sem que se lhe dissipem as nuvens da melancolia. Como Bocage  
tomou os medicos e os seus systemas para objectivos, e os motejos  
que lhes endereça na poesia nomeada — *N'uma doença* — deverão-  
lhes ser tão sensiveis como os acerados epigrammas d'Elmano. Na  
epistola a *Manuel Coco* segue os passos de Tolentino na *Funcção* e  
excede-o quiçá em delicadeza.

Longe iriamos si quizessemos apontar todas as bellezas que se  
deparão nas poesias de F. Xavier de Novaes, e as que em castiça  
prosa disseminou pelas revistas e jornaes por elle redigidos, ou  
collaborados, tanto em Portugal, como nesta cidade, onde, arrojado  
pelas vicissitudes de mesquinha sorte, veio terminar seus dias.

Descurando os antigos moldes em que tanto ainda se avantajára

o mallogrado poeta a que acabamos de nos referir, recorreu o sr. Manuel Roussado a *parodia* para nella estrear o seu auspicioso talento. Não ambicionou o triste mister do escravo romano aguarrentando os jubilos do triumphador, navegou nas mesmas aguas d'alteroso galeão, e approando para diverso rumo abicou a não menos glorioso porto. *Roberto* nenhuma hostilidade manifesta contra o poema do sr. dr. Thomaz Ribeiro, conhecido e apreciado por todos os amadores das boas letras. Reconheceu-o este quando escrevendo ao novel escriptor disse-lhe :

« Regozijo-me que o meu *D. Jayme* e as minhas instancias concorressem para que Portugal possúa em breve este bonito poema. »

A ideia matriz nasceu do titulo complementar do *D. Jayme*, ou a *Dominação de Castella*, a que o sr. Roussado oppoz — *Roberto*, ou *Dominação dos agiotas*. — A moralidade resulta da confrontação das duas epochas carregando o auctor nas cores d'actualidade que se antolha ainda mais decadente do que a contemporanea dos Philippes. Não o acompanharemos em taes apreciações, licitas aos poetas satyricos, ou meramente *humoristas*, em geral a todos que na mais lata accepção comprehendem e applicão a venia horaciana <sup>1</sup>.

Esripto com bastante graça e num tom convenientemente jovial agradou este poemeto ainda aos que pouco ou nada sympathisavão com semelhante especie de composição. Afagou-o o sr. visconde de Castilho, patrono do poema *D. Jayme*, mostrando unicamente receios de que « escrevedores de poucas posses litterarias, de ruim consciencia, e eivados de inveja contra tudo que por meritos se destingue, hão de (oxalá que não) atirar-se d'aqui em diante a quantas obras insígnies acertarem de nascer em Portugal. » O fallecido Rebello da Silva, tambem pouco inclinado á parodias, por lhe parecer que contralazem, senão afeião, ou aviltão os modelos, reconheceu que na do sr. Roussado havia um feliz desvio d'esse escolho, e que, parodiando o poema do sr. Thomaz Ribeiro « respeitou e admirou a obra do auctor ; e si aproveitou-se da forma

<sup>1</sup> Vide — *Roberto* — Poema Comico por M. Roussado — Porto — 1867.

que caprichosamente inverteu no sentido comico, inclinou-se diante da ideia e não a profanou.

## POESIA DRAMATICA

O *elogio dramático* que, como já dissemos, fôra a ruina do theatro portuguez no seculo XVIII, continuou no principio do actual a produzir funestos resultados derrancando o gosto publico. Quasi todos os poetas pagarão tributo a esse genero bastardo, avolumando entre elles Francisco Joaquim Bingre, conhecido na Nova Arcadia pelo nome de *Francelio Vouguense*, que tambem singularisou-se pela sua fertilidade na composição dos dramas allegoricos, outra corruptela da epocha, de que pode servir de specimen o intitulado — *A Revolução de 24 d'agosto de 1820, feita no Porto* — no qual são interlocutores Lisia, Affonso Henriques, o Patriotismo, o Despotismo, o Douro, o Povo e a Tropa.

Não limitou-se a influencia dos neo-arcades a essas degenerescencias dramaticas, arrojou-se ainda á tragedia declamada na melopéa elmanista. O mais legitimo representante d'essa escola foi João Baptista Gomes, auctor da mais popular das *Castros*, que tanto deliciou aos nossos maiores, sob a denominação de *Nova Castro*, enriquecida da incongruente scena da — *coroação* — <sup>1</sup>.

Inspirando-se na tragedia do poeta francez de Lamotte por ella modificou a segunda *Castro* de Quita e d'essa fusão resultou a obra que tão grandes applausos mereceu das platéas portugueza e brasileira, podendo-se considerar como a sua predilecta peça. Como prova da variedade do gosto bastará ao leitor desprevenido o confronto d'essa popularidade com o merito intrinseco da referida peça aferido por conscienciosa analyse. « Sem descobrir por si a paixão (diz o sr. T. Braga) nem dispor os lances em que ella se manifesta, teve de

<sup>1</sup> Refere o sr. Theophilo Braga que essa anomalia nascera do desejo que tiverão os actores em condescender com o *bom gosto* do publico que folgava de ver a apparatusa reparação do crime commettido contra — a *misera e mesquinha* — que depois de ser morta foi rainha — não duvidando para isso annexar á tragedia de J. B. Gomes a scena final da coroação, tirada da folha volante de Nicolao Luiz.

recorrer a um systema de versificação artificial, em que todas as palavras andão escudadas com o competente epitheto, dentro d'um certo molde, em um arranjo harmonioso mas uniforme, em que o segundo hemistichio é a antithese, ou tambem um pleonasma do primeiro <sup>1</sup>. »

Liga-se estreitamente a historia do theatro portuguez com a historia politica d'esse reino; colonia litteraria da França desde que sacudindo o jugo hespanhol obedeceu submisso ás inspirações da nova metropole, foi raciniano com a primeira Arcadia, com a segunda seguiu as pisadas de Voltaire, e quando o volcão revolucionario subverteu o solio de S. Luiz e calcinou as velhas instituições começou-se a ouvir no paleo lusitano uma linguagem tão livre e philosophica que a muitos pareceu inintelligivel, mas que em verdade não era mais do que prenuncio de grandes mutações politicas que prestes virião abalar os alicerces d'antiga sociedade.

Essencialmente symptomaticas forão algumas tragedias levadas á scena nas vespersas da revolução de 1820; como fossem a *Ambição* de Francisco d'Alpoim de Menezes; o *Jesualdo* de José Joaquim Bordalo; a *Virginia* de Manoel Caetano Pimenta d'Aguiar; e os *Irmãos Inimigos* do mesmo auctor, a quem igualmente se deve a *Arria*, a *Destruição de Jerusalém*, *D. João I*, e *D. Sebastião em Africa*, tiradas dos fastos nacionaes, as quaes todas podem-se considerar prelimares da que deu á estampa em 1820 com o titulo de *Character dos Lusitanos*, tendo por protagonista Veriato.

Em quanto a tragedia fazia soprar o vento das novas ideias sobre os pinaros alpestres da aristocracia, contentava-se a comedia em divertir o povo consolando-o da abjecção em que jazia. Quatro nomes devem ser citados como dos que mais se empenharão nessa missão; e forão elles os de Antonio Xavier Ferreira d'Azevedo, Ricardo José Fortuna, Manoel Rodrigues Maia, e padre José Manoel Abreu e Lima.

O primeiro d'esses auctores obteve grande nomeada e suas farças são ainda hoje em dia citadas com satisfação pelos poucos representantes d'essa epocha, extraviados na actualidade. Qual de nós em sua

<sup>1</sup> *Historia do Theatro Portuguez no seculo XIX*, cap. II.

puerícia não ouviu citar algum trecho do *Manoel Mendes*, do *Palafox em Saragossa*, do *Marido Mandrião* etc. ? A *Zanguizarra* de Ricardo Fortuna, recebeu caloroso acolhimento do publico e a previa approvação do *Agulheiro dos Sabios*; a do *Doutor Sovina* de Rodrigues Maia, bem que imitada do *Manoel Mendes*, não foi menos festejada, nem menos lesiva ao decóro, de continuo immolado ás provocações do riso.

Tal era o estado do theatro portuguez no primeiro terço do seculo XIX quando os acontecimentos politicos que inaugurarão o reinado de D. Maria II accelerarão a reforma que inevitavelmente devera fazer-se. Essa reforma conhecida pela denominação de *romantica* foi o producto do engenho germanico caldeado com o latino: foi Shakspeare combinado com Lope de Vega e Calderon de la Barca nos alambiques de Lessing, Schlegel, Schiller e Goethe.

Mas a grande transformação, que tão radicalmente devêra alterar os classicos moldes aristotelicos, não receberão-na os portuguezes do immediato connubio da sua litteratura com a dos povos germanicos, mas por intermedio da franceza, que ainda nesse novissimo periodo continuou e continúa a reinar.

Já deixamos commemorada a influencia de Garrett na grande revolução litteraria de nossos dias, já vimos que no seu exilio por terras de França concebera a grandiosa ideia de restaurar as patrias letras: sabemos (pelo seu proprio testemunho) que no Havre escreveu elle *D. Branca* no anno de 1824 e em Paris acabou o seu *Camões* no inverno de 1824-1825. Ora, por esse tempo operava-se nesse paiz o grande movimento romantico; e da sua convivencia com os corypheus da nova escola restão vestigios em suas obras e nas memorias contemporaneas <sup>1</sup>.

A interferencia de Garrett na scena portugueza data do anno de 1836 em que foi nomeado inspector geral dos theatros e incumbido d'apresentar um plano de sua reorganisação. Convicto do quanto conviria reunir o exemplo ao preceito, compoz o drama — *Um Auto*

<sup>1</sup> Parece incontestavel o influxo que sobre o animo de Garrett exercerão as revolucionarias doutrinas dramaticas, apregoadas por Victor Hugo no seu famoso prologo do drama *Cromwell*.

*de Gil Vicente* — haurido na leitura das obras d'esse grande engenheiro do XVI seculo, que acabavão de sahir a lume pelos esforços de Barreto Feio e Monteiro. Profunda metamorphose se operára em seu espirito, e as reminiscencias da *Merope* e do *Catão*, que lhe havião em annos juvenis laureado a frente, forão substituidas pela imitação dos novos exemplares.

A coroçado pelo felicissimo exito do alludido drama escreveu logo outro que intitolou — *Philippa de Vilhena* — baseado na tradição do spartanico feito da condessa d'Atouguia armando por suas proprias mãos os filhos em defeza da independencia nacional.

*O Alfageme de Santarem*, ou a *Espada do Condestavel*, partiu da mesma inspiração patriótica, e foi tanto mais applaudido quanto correspondia á esse velho odio que sepára ha tantos seculos os dois povos peninsulares. Poucos typos ha em Portugal mais verdadeiramente populares do que a de D. Nuno Alvares Pereira, o heroe d'Aljubarrota: e por isso facil é aos poetas, ainda muito inferiores a Garrett, colherem entusiasticas palmas com a idealisação d'esse sympathico personagem.

O zimbório, que como o da basilica de S. Pedro em Roma, corôa o templo d'arte dramatica em Portugal é o *Frei Luiz de Sousa*, vertido em quasi todos os idiomas modernos, e considerado como o paradigma da nova tragedia.

Descobriu o sr. T. Braga certa afinidade no genesis d'essa peça com o da obra prima de Goethe: havendo ambas se originado da tradição popular levada ás rampas dos theatrinhos de bonifrates <sup>1</sup>. *Fausto* e *Frei Luiz d Souza* são irmãos no genio, e nada

<sup>1</sup> Numa memoria lida no *Conservatorio Dramatico* de Lisboa refere Garrett: « Ha muitos annos percorrendo um verão pela deliciosa beira-mar da provincia do Minho fui dar com um theatro ambulante d'actores castelhanos fazendo suas recitas numa tenda de lona no areal da Povia de Varzim, além da Villa do Conde. Era tempo de banhos, havia feira e concurrencia grande: fomos á noite ao theatro: davão a *comedia famosa* não sei de quem, mas o assumpto era esse mesino de Luiz de Sousa. Lembra-me que ri muito d'um homem que nadava em certas ondas de papelão, em quanto num altinho mais baixo que o cotovello dos actores, ardia um palaciosinho tambem de papelão... era o de Manuel de Souza Coutinho em Almada. Fosse de mim, dos actores, ou da peça a acção não me

perdem com a assimilação. Aproveitou-se o poeta da lenda monastica, de que já em outro lugar fizemos menção, e illuminou-a com os reflexos da sua esplenderosa imaginação e psicologicos estudos. Respeitando o severo character do protagonista pinta-o com vigorosos traços arcando com a corrupção coetanea, e impondo pelo seu sublime desprendimento a admiração dos tenebrosos agentes do Escurial. Sua resignação sobre humana quando o vem ferir o mais cruel e pungente dos supplicios, a unção religiosa, através da qual vem-se luzir os relampagos d'agonia occulta, que só junto aos altares encontra guarida, são d'uma expressão e verdade indiziveis. Sob diverso aspecto não menos tocante é o character de D. Magdalena de Vilhena, victima da fatalidade e cujas cruciantes dôres tambem só na religião achão lenitivo. Essa pobre menina, essa candida Maria, que aos treze annos conhece a vergonha de seu berço, é semelhante ao botão de rosa tocado pela aspide que antes de desabrochar definha e morre. Os contrastes são ahí admiravelmente proporcionados, as perepecias naturaes e sempre verosimeis. Mais surprehendente será o effeito que no animo do leitor produzirá tão esmerado primor si lhe dissermos que foi elle fructo da inspiração quasi momentanea, architectado no meio das distrações e palestras d'amigavel convivencia <sup>1</sup>.

pareceu nada do que hoje a acho, grande, bella, sublime de tragica magestade. Não se obliterão facilmente em mim impressões, que me entalhem, por mais leve que seja, nas fibraes do coração: e as que ali recebi estavam inteiramente apagadas, quando poucos annos depois, lendo a celebre memoria do sr. bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, e relendo por causa d'ella a romanesca mas sincera narrativa do padre frei Antonio da Encarnação pela primeira vez attendi no que era de dramatico aquelle assumpto. »

<sup>1</sup> Na sua tão fructuosa *Historia do Theatro Portuguez* refere o sr. Theophilo Braga :

« Conta-se que Herculano convidara Garrett para passar algum tempo no retiro d'Ajuda e ali escrever o novo drama; notou que antes do amigo vinhão bahús com fatos e cosmeticos, e que vendo o poeta dispender depois o tempo em conversas, se molestára com elle, mas não erão passados muitos dias Garrett apresentava-lhe para a primeira leitura o drama — *Frei Luiz de Souza* —. Foi apresentado o trabalho ao Conservatorio em conferencia de 6 de maio de 1853 logo a 4 de julho se representou no theatro particular da Quinta do Pinheiro, desempenhando Garrett o papel de Telmo — Paes. » —

Ensaaiou-se tambem Garrett com proveito na especie comica, revelando ali a graça natural e o chiste de que era dotado. *O Tio Simplicio* foi representado a 11 d'abril de 1844 por uma sociedade de curiosos da qual era o auctor vice-presidente; *Fallar verdade a mentir*, representada a 7 d'abril do anno seguinte, é uma liberrima imitação do *Menteur Veridique* de Scribe. A ultima das suas comedias, é a que melhor exprime a epocha em que passa-se a acção, é a *Sobrinha do Marquez*, vasada na tradição de pretender o poderoso ministro de D. José I ligar sua familia a dos Tavoras, na previsão de futuras vindictas.

Mais afortunado do que Gil Vicente e Antonio José logrou Garrett da gloria de ver ainda em seus dias uma pleiade d'esperançosos mancebos alistarem-se sob seus pendões e fundarem o novo theatro portuguez. O mais avantajado d'esses mancebos (hoje homens feitos e sasonados talentos) foi o sr. José da Silva Mendes Leal, que logo nos *Dois Renegados* revelou um talento excepcional e uma aptidão dramatica, que nem seus proprios emulos lhe recusão.

Em má hora porém deixarão-se alguns dos noveis dramaturgos influenciar pelo espirito da escola *ultra-romantica*, que em França patrocinarão Dumas Senior, F. Soulié e outros brilhantes talentos, e em tempos ainda mais visinhos pelas creações *realistas* de Dumas Junior, Octavio Feuillet, e essa pleiade de jovens escriptores que, havendo perdido a bussola da esthetica, errão pelos paramos do *positivismo*.

#### ROMANCE

Numa obra devida a penna d'um dos mais esperançosos talentos da nova geração litteraria em Portugal encontramos a seguinte definição do moderno romance, que parece-nos exprimir sua melhor e mais caracteristica feição :

« Creação relativamente subjectiva (diz o sr. Luciano Cordeiro), moldada nas relações do *eu* com o *não eu*, o romance estuda e retrata estas relações em sua esphera propriamente psicologica e individual, sem se importar com a successão e ligação dos factos positivos da historia, ou se immerge na subjectividade d'esta e

e constroe alli o seu edificio, dando o predominio ás relações propriamente sociaes <sup>1</sup>. »

Comprehendeu o romantismo o grande partido que das ficções em prosa poderia tirar ; por isso vemo-lo recorrer a ellas n'aurora da sua apresentação ; ora sentimental como em *Werther*, ora intimo e quasi subjectivo como em *René*, ora sarcastico como em *D. Juan e Mansfredo*, ora phantastico e archeologico como em *Nossa Senhora de Paris*, ora religioso e patriotico como nos *Desposados (I Promessi Sposi)*.

Coube ao apostolo da renovação romantica a gloria de iniciar em Portugal o romance historico : o *Arco de Sant'Anna* foi ideado e escripto por Garrett quando em prol da liberdade pelejava nas ribas do Douro <sup>2</sup>. Foi um ensaio no genero em que tanto se avantajára Walter Scott, e em bem da verdade releva dizer se que fraqueou-lhe o pulso no meneio do pincel ; e, descontada a fluencia e elegancia da forma que lhe são particularissimas, o resultado não correspondeu ao anhelos do auctor e as esperanças de seus admiradores. Vê-se que lhe faltão solidos estudos da epocha e dos caracteres que evocava em sua, aliás grandiosa téla, e que semelhante esforço era superior ás suas tendencias por demais artisticas e superficiaes.

O que não entrava na esphera litteraria de Garrett quadrava perfeitamente na do seu amigo e companheiro d'armas, o sr. Alexandre Herculano. Ninguem melhor do que elle prescruou os arcanos do passado manuseou com mais indefessa actividade os codices pulverulentos sepultados nos archivos, as chronicas monasticas desdenhadas, ou meio esquecidas, e reconstruiu pela força da sua pujante imaginação uma sociedade que se subvertera nas ruinas d'uma falsa grandesa. O *Monasticon*, em sua sombria mages-

<sup>1</sup> *Livro de Critica — Arte e Litteratura Portuguesa d'hoje — Porto — 1869.*

<sup>2</sup> Na dedicatória ao coronel Luna, commandante do batalhão academico no cerco do Porto, diz :

« Escrevi-o (o *Arco de Sant'Anna*) estando ás ordens de vossa senhoria, que tantas vezes me dispensou do serviço da peça e do fuzil para me deixar rabiscar com a penna. Dizia v. s. que não era menos util o serviço que eu fazia... » (*Arco de S. Anna — tomo I*). —

tade, agrada-nos muito mais do que as obras de Manzoni, Victor Hugo e Lamartine que lhe servirão de modelos : nossas preferencias porém são todas pelo *Eurico*, sublime elegia de ignotas dôres, mais intimas, mais sinceras mais expressivas do que as do *Jocelyn*.

Somenos em valor subjectivo tem o *Monge de Cistér* uma alta significação historica : é a reconstrucção da epocha de D. João I, a photographia do elemento cavalheiroso, prestes á desapparecer da scena para dar espaço a renascença e aos tempos modernos. Os dois typos que dominão o quadro (o do condestavel e o do chanceller) figurão a lucta entre o homem da espada e o da lei, entre o direito da força e a força do direito.

As *Lendas e Narrativas* são lindissimos arabescos, rendilhas de fino lavor, semelhantes as que se vem sobre as columnas das cathedraes gothicas : *O Bobo*, *Arrhas por fóro de Hespanha*, *Mestre Gil* e sobretudo *A Abobada*, riquissimos paineis da poetica historia portugueza. D'essa galeria destaca-se o mimoso quadro do *Parocho d'Aldeia*, mixto d'elegia e d'idyllio, pintura tão fiel como despre-tenciosa da modesta vida do presbyterio, e da salutar influencia que sobre suas ovelhas exerce um virtuoso pastor d'almas. O estylo do sr. Herculano, habitualmente alteroso, abaixa aqui o tom, torna-se melifluo, insinuante, commove e seduz á forç de candura e simplicidade.

Si passou o sceptro da poesia lyrica e dramatica das mãos de Garrett para as do sr. Mendes Leal pode se dizer que Rebello da Silva compartilhou o imperio do romance historico com o sr. Alexandre Herculano : — *A Mocida de de D. João V* — é um dos mais preciosos artefactos de que se honra a litteratura contemporanea, reunindo num surprehendente conjuncto qualidades e predicados que recomendão os mais applaudidos trabalhos de seus predecessores, reflectindo como num prisma os coruscantes raios de Walter Scott, Manzoni, Hugo, Zorilla e Espronceda.

Não se diga porém que convertemos a critica em louvaminhas, e que, deslumbrados pelos esplendores do romance de Rebello da Silva, lhe occultamos os defeitos : preserve-nos Deus de semelhante tacha. Quando dissemos que reunia os predicados de seus antecessores não queremos com isso sustentar que nelle sobreleve á

sciencia historica e archeologica do sr. Herculano, nem tão pouco pretendemos que leve ás lampas a Garret na elegancia, delicadesa de ideias e d'expressão : participa porém d'ambas as naturezas, e funde-as num raro e bello eclectismo. Igualmente inferior aos modelos peregrinos, supra citados, hauriu em suas obras primores exquisitos, assimilados pela pasmosa volubildade do seu engenho. Confessamos por ultimo que o character do moço principe que tanta sympathia nos inspira nos primeiros capitulos, descahe e degenera com a continuação do romance . O personagem do padre Ventura é a mais completa idealisação da companhia de Jesus, qual o concebera Loyola e completára Laynez ; e deixa na sombra o typo de *Rodin* que Eugenio Sue popularisára no seu *Judeu Errante*.

Detenhamo-nos um momento diante do tumulo meio aberto d'Arnaldo Gama, que inspirando-se em Balzac ousou applicar o bísturi da critica á gangrena do corpo social, e que tão crua guerra moveu ao *mercantilismo burguez*, sem que todavia lograsse legar á posteridade uma physiologia da sociedade em cujo seio vivera, e cujos aleijões tão proficientemente conhecia. *O Genio do Mal*, com que se estreára no romance, abunda em bellezas secundarias as quaes um estylo pesado e archaico torna pouco apreciaveis ao commum dos leitores.

*Um anno na Córte*, do sr. Andrade Corvo é um dos romances cuja leitura mais attrahiu-nos e cujas impressões mais duradouras nos tem sido. A combinação artistica dos dous elementos, que parece excluirem-se, a historia e a ficção, sem que jamais um prejudique ao outro, deixando como bem visiveis a linha divisoria entre ambos, revelou no auctor um talento de primeira plana, promettedor de grandes commettimentos que infelizmente muito se tem feito esperar <sup>1</sup>.

A sociedade que Arnaldo Gama queria delinear foi submettida a rigorosa analyse psycologica e physiologica, por um talento de

<sup>1</sup> Com franqueza diremos que bem diversa foi a impressão que causou-nos o seu ultimo romance intitulado — *O Sentimentalismo* —.

ordem muito superior, a cujo microscopio nada pôde occultar-se: referimo-nos ao sr. Camillo Castello-Branco, o rei do romance familiar, e cuja fecundidade pede meças á de Alexandre Dumas Senior. Dir-se-hia que desce a todas as camadas sociaes, que estuda todas as faces pelas quaes costumão ellas revelar-se, e subjugando o Protêo de nova especie a que chamamos mundo, obriga-o a segredar-lhe seus intimos pensamentos, suas verdadeiras aspirações atravez das metamorphoses porque successivamente passa. Todos os caracteres caricatos dislisão pelo campo do seu diorama e são, um apos outro, verberados e expostos á vindicta dos contemporaneos, e ao severo juizo dos pósteros: e si nessa immensa galeria reproduzem-se algumas vezes os typos, é porque o *veio* d'onde os extrahе apresenta uma desoladora uniformidade, « um *mar morto* (como se expressa o sr. Luciano Cordeiro) em que muitas cousas boas e valiosas fluctuão, mas onde se não erguem vagalhões magestosos, impellidos por grandes ventanias. »

Um mancebo que na positiva sciencia de Hypocrates absorvera os albores da existencia volveu-se para as scenas campestres, quiçá desgostoso do viver falseado das cidades. Queremos fallar de Joaquim Guilherme Gomes Coelho, que sob o pseudonymo de *Julio Diniz*, apresentou-se na republica das letras patrocinado pelo prestigioso nome do sr. Alexandre Herculano. *As Pupillas do Senhor Reitor*, tal foi o titulo escolhido pelo novel escriptor, cujo intento parecia ser o prosecução do plano que o auctor d'*Eurico* deixára esboçado no seu *Parocho d'Aldeia*. Como sóe acontecer aos desprotegidos faltarão a esse romance os costumados encomios, de que tão prodiga se mostra a imprensa periodica para com certos e predilectos nomes, e teria talvez d'atravessar o estadio de Milton <sup>1</sup> si não encontrasse no sr. Herculano um opportuno Addison.

Relendo a obra que desaperecebida passava, reconheceu-lhe a critica predicados pouco vulgares, como fossem descripções delica-

<sup>1</sup> Conta-se que o *Paraiso Perdido* de Milton, fôra vendido a um livreiro de Londres por trinta libras sterlinas, o qual ainda julgou-se prejudicado, attenta a frieza do publico, que só sahiu do seu culpavel lethargo, quando despertado por Addison no seu *Spectator*, vinte annos depois da publicação do sublime poema.

dissimas, aquarellas de finissimo lavor, scenas mui originaes e ao mesmo tempo mui conhecidas, e certo ar de innocencia e d'amenidade que embalsama o ambiente em que colloca seus personagens. Vê-se que Gomes Coelho acceitava da escola realista o que lhe parecia aproveitavel, que versava com proveito as paginas de Octavio Feuillet, mas que por via de regra pedia inspirações aos romancistas inglezes e americanos, que mais perto estudavão a natureza e sondavão os mysterios do coração humano. Seguiu-se a este modesto romance outros da mesma tempera <sup>1</sup>, nos quaes successiva e gradualmente adestrava-se a penna do moço cirurgião, quando veio surprehende-lo o archanjo da morte no dia 13 de setembro de 1871.

« Gomes Coelho (diz o *Jornal do Porto*) deixou retratado o seu espirito nas paginas suaves, doces e innocentes dos seus romances. Era uma alma singela como as scenas que tão delicadamente escrevia. »

## HISTORIA

Uma das feições mais caracteristicas do seculo em que vivemos é a do gosto pelos estudos historicos, pelas acuradas investigações archeologicas e artistica reconstrução do passado. Obedecendo a esse impulso viu a Allemanha surgirem Grimm, Niebuhr, Curtius, Mommsen; a Inglaterra Maccaulay e Carlyle; a França Guizot, Thierry, Michelet e Ampère; a Italia Botta, Cantù, Vannuci, Farina, Gualterio e Villari; e a Hespanha Lafuente, Cavanilles, Gayangos, Conde e Amador de los Rios. Cumpria que não ficasse Portugal estranho a esse movimento, cumpria-lhe acompanhar a marcha do espirito humano nessa sua complexa manifestação. Já não era tempo da historia vasada nos moldes de Herodoto e Tito Livio, reproduzidos por Barros e Brito: condemnado pela severa critica estava o falso patriotismo que se ufana em occultar, ou pelo menos dissimular as maculas que por ventura nodoão algumas paginas dos fastos nacionaes, ou mareão o brilho d'alguns caracteres que

<sup>1</sup> A *Morgadinha dos Canaviaes*, *Uma Familia Ingleza*, e por ultimo *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, cujas ultimas provas não chegou a rever.

estamos habituados a venerar, ou quebrão o enleio das piedosas crenças com que fomos emballados.

Semelhante ao escriptor sueco Gejer que no romance temperou o buril com que devera gravar a historia, passou-se o sr. Alexandre Herculano dos arraiaes da ficção para os da realidade, e secundando os esforços de seu amigo Garrett ambicionou para si o lugar de Herder e Muller ao lado de Goethe e de Schiller.

A primitiva ideia de depurar as origens da nacionalidade portugueza, foi-lhe ministrada pelo exemplo d'Agostinho Thierry e começada a realisar se numa serie de cartas que fez imprimir na *Revista Universal Lisbonense* <sup>1</sup>. Mudou mais tarde de plano, e adestrada a mão apprehendeu a publicação da *Historia de Portugal*, que por lamentaveis occurrencias estanceou no tomo quarto.

Resolvido a « *fallar em tudo verdade a quem em tudo a devia* » na phrase de Sá de Miranda, conheceu o sr. Herculano que teria d'offender mais d'uma susceptibilidade, e d'affrontar ideias geralmente recebidas e acatadas como se fossem dogmas. Não desanimou-o a difficuldade da empreza, que aliás perfeitamente conhecia, e cujas consequencias se lhe antolhavão, como se collige das seguintes palavras :

« Não ignoro o risco da situação em que me colloquei. Ha muito para quem os seculos legitimão e sanctificão todo o genero de fabulas, como legitimão e sanctificão as dynastias nascidas d'uma usurpação. Aos olhos d'estes as cans da mentira são tambem respeitaveis. A critica, dizem elles, mata a poesia das eras antigas, como se a poesia de qualquer epocha estivesse nas patranhas mui posteriormente inventadas. São excellentes talvez as suas intenções; não sei si o mesmo se poderá dizer da sua intelligencia. Para estes o meu livro será um grande escandalo, e o melhor fôra deixarem de o ler. Não faltão entre nós monographias historicas : lá acharão fonte copiosa em que possão saciar-se ; porque eu escrevo apenas para os singelos amigos da verdade, e ainda receoso, apesar da pureza dos meus desejos de não ser exacto, ou pelo escasseza dos

<sup>1</sup> Sob o titulo de *Cartas sobre a Historia de Portugal*.

monumentos, ou por engano proprio na apreciação dos factos. Quanto a successos maravilhosos, a tradições embusteiras ataviadas, para bem parecerem ao vulgo, não as busquem neste livro o que movidos por um falso pundonor nacional, serião capazes de tomar por materia historica as lendas das *Mil e Uma Noites*, si lá encontrassem alguma cousa que lhes lisongeassem o apetite.

« É sem duvida custoso ver desfazerem se em fumo crenças arreigadas por seculos, a cuja inspiração nossos avós deverão, em parte, o esforço e a confiança na providencia em meio dos grandes riscos da patria; crenças inventadas, talvez, para espertar os animos abatidos em circumstancias difficultosas. Sei isto; mas tambem sei que a sciencia da historia caminha na Europa com passos ao mesmo tempo firmes e rapidos, e que si não tivermos o generoso animo de dizermos á nos proprios a verdade, os estranhos no-la virão dizer com mais cruel franqueza. Calumniadores involuntarios de seu paiz são aquelles, que imaginão estar vinculada a reputação dos antepassadas a successos ou vãos, ou engrandecidos com particularidades não provadas, nem provaveis. A caso Portugal não achará nas memorias veridicas da sua longa existencia recordações formosas e puras para nos reprehender, com a energia e gloria de outros tempos, da degeneração e decadencia presentes? Quem assim o crê insulta a memoria de gerações que valião mais que nós, e que recusarião, se podessem faze-lo, façanhas que não praticarão, virtudes que não tiverão; porque possuirão outras que erão suas, e de que nunca os progressos da historia hão de esbulha-las. Temei que o resultado d'este aferro a tradições mentirosas seja perfeitamente contrario aos vossos desejos, e que o escarpello da critica, ás vezes demasiado subtil, querendo apagar os vestigios da credulidade involuntariamente córte pelo são em successos, aliás grandes e indubitaveis <sup>1</sup>. »

Nas eloquentes expressões que acabamos de transcrever justificou o eminente escriptor o seu proposito, e, com habitual lhaneza, expoz o seu plano, do qual jamais arredou-se nos volumes até hoje

<sup>1</sup> *Historia de Portugal* tomo I — *Advertencia*.

dados a estampa. Assim procedendo ergueu immorredouro padrão da sua gloria, e porventura o mais sumptuoso monumento da litteratura portugueza contemporanea.

Lacunas e senões lhe pode apontar a critica, falta-lhe, por exemplo, a generalisação philosophica de Vico e Herder, escasseia-lhe ás vezes o methodo prejudicando-lhe a clareza, e nos desenvolvimentos d'analyse soffre quiça a synthese.

Procedem porém taes defeitos da magnitude da obra, e si ha culpa é (como elle proprio no-lo diz) « de quem pretende que o architecto dê o traço do edificio e carreie para elle a pedra e o cimento. » Todo concentrado na averiguação do passado, submettendo ao esmeril da historia factos e datas, e classificando-os na ordem dos tempos, esqueceu se algumas vezes de indagar as causas d'onde procedião semelhantes effeitos, e, absorvido no estudo das cartas e foraes, privou-nos d'um primoroso quadro systematico e philosophico, no qual, a guisa de Guizot, po der-nos-hia traçar o viver intimo do municipio portuguez, fiel representante da communa italiana e franceza. Pelo que toca a sobriedade d'estylo e pureza de dicção não conhecemos quem lhe seja superior.

Aquirida a certeza de que o sr. Herculano não continuaria na sua monumental *Historia de Portugal* resolveu-se o erudito Rebello da Silva a tomar para thema dos seus estudos o periodo importantissimo dos annos patrios abrangendo os seculos XVII e XVIII. Relanceando os olhos para os curtos reinados de D. Sebastião e D. Henrique relatou com louvavel franqueza as peripecias da negra trama que entregou o inanime reino á dominação castelhana, e condemnou á vindicta da posteridade a apostasia d'esses degenerados portuguezes que venderão á patria ao estrangeiro.

A lucta heroica da independencia nacional dictou-lhe paginas d'arrebatedora eloquencia, em que jamais forão sacrificados os fóros da verdade, occupando cada personagem o plano em que se desenvolveu sua esphera d'acção. A narrativa das batalhas combina-se admiravelmente com a das negociações diplomaticas, e as deliberações dos estadistas, que nessa epocha empunhavão o timão dos publicos negocios.

Semelhante ao eximio historiador inglez Maccaulay escreveu

Rebello da Silva a historia politica, social e administrativa, estudou conscienciosamente as causas efficientes e occasionaes dos acontecimentos, que a ellas se prendião, e nesse ponto, releva confessar, levou ás lampas ao seu illustre emulo e predecessor, a quem igualmente excedeu na clareza e lucidez d'exposição. Taes qualidades perdem porém um tanto do seu brilho contrastadas com o desalinho que por vezes se nota em seu estylo, algumas repetições e prolixidades, provenientes da extrema rapidez com que compunha, e dos poucos lazeres que lhe sobravão para corrigir seus escriptos.

Não obstante as maculas que, por desencargo de consciencia, deixamos apontadas a *Historia de Portugal nos Seculos XVII e XVIII* de Luiz Augusto Rebello da Silva pôde ser citada como uma das mais perfectas e conscienciosas obras ultimamente publicadas, sendo para lamentar que a prematura morte do auctor a deixasse incompleta <sup>1</sup>. Possa tão patriotico commettimento achar digno continuador !

Outra obra, abundante de subsidios, està tambem em via de publicação, referimo-nos a *Historia da Guerra Civil e do Estabelecimento do Governo Parlamentar em Portugal* pelo sr. Simão José da Luiz Soriano.

Vasto repositório de factos, muitos dos quaes são pouco conhecidos e ainda mal apreciados, torna-se a sua consulta d'absoluta necessidade aos que desejarem conhecer proficientemente os fastos diplomaticos, militares e politicos da nação portugueza, desde o anno de 1777 até o de 1834, em que se pôde julgar definitivamente firmado o regimen constitucional.

Estimavel por mais d'um titulo esse importante trabalho historico, por cuja conclusão anhelamos, cremo-lo todavia inferior aos que precedentemente mencionamos.

<sup>1</sup> O V. volume, dedicado a Sua Magestade o Imperador o Senhor D. Pedro II, veio a luz pouco depois da morte do illustrado escriptor, que felizmente poude-lhe corrigir as provas nos intervallos da cruel enfermidade que o torturava.

## ELOQUENCIA SAGRADA E PARLAMENTAR

Illuminara o padre José Agostinho de Macedo o pulpito portuguez com os raios do seu brilhante engenho ; infelizmente porém puzera sua prestigiosa palavra ao serviço das paixões, alienando-lhe d'ess'arte o respeito e consideração que lhe erão devidas. A virulencia dos ataques, e o desabrimento da linguagem, e não ás suas convicções politicas, deveu elle a perda das sympathias da gente sensata, que não podia jamais tolerar que a cadeira da verdade se convertesse em pelourinho, e que o ministro d'um Deus de paz e de bondade assumisse as proporções d'um tribuno do despotismo.

Bem que legitimista sincero mui diverso foi o proceder do beneficiado Francisco Raphael da Silveira Malhão, que soube grangear a estima e a veneração de quantos tiverão a ventura de conhece-lo e practica-lo. Herdeiro do talento oratorio do padre Macedo como o primeiro e considerado prégador contemporaneo, sua morte, occorrida em 1860, causou profunda e dolorosa sensação.

Dando conta d'esse lamentavel acontecimento eis como se exprimia um dos mais acreditados representantes da imprensa portugueza :

« O primeiro orador sagrado de Portugal era de certo actualmente o beneficiado Francisco Raphael da Silveira Malhão, que ha pouco se finou na villa d'Obidos. Com a extinção das ordens religiosas, a escola, e por assim dizer, o seminario practico dos prégadores tinha acabado, ficando apenas um, ou outro d'esses evangelisadores eloquentes, que davão fama das boas letras e virtudes dos seus mosteiros, e honravão a cadeira sagrada d'onde proclamavão a palavra do Evangelho. O beneficiado Malhão fôra uma rara excepção d'esta regra. O seu tyrocinio oratorio não o deveu elle a lição d'esses mestres do pulpito : com quanto pelos annos não pertencesse a presente quadra de reacção litteraria, pelo genero da eloquencia energica que o caracterisava pertencia á escola que baniu a metaphysica theologica da boca dos prégadores animando-lhes a palavra das grandes verdades da moral christã. Nas suas orações a religião perdia o ardor das controversias, em que muitas

vezes se inflama o zelo do missionario, mas onde não poucas se exalta o espirito de fanatismo clerical. Deus e a caridade erão, se pôde dizer, o texto permanente e o mais fecundo manancial das suas dissertações <sup>1</sup>. »

Recommenda-se particularmente á homenagem dos conhecedores a excellente oração funebre que recitou por occasião das exequias do conde de Barbacena, celebradas na igreja de S. Vicente de Fora no dia 25 d'Agosto de 1854. Compunha-se o auditorio da flor da sociedade lisbonense, onde todos os partidos se achavão representados, igualmente attrahidos pela fama do orador. Com tal destreza houve-se este, com tal mestria guiou seu baixel por entre as syrtes das susceptibilidades, que sem o minimo sacrificio de suas convicções, não offendeu a quem quer que fosse, logrando universaes applausos.

Na expectativa d'algum outro celebre prégador que arrecade a herança jacente volta-se a attenção publica para a tribuna parlamentar, amplo estadio da eloquencia moderna

Nas côrtes geraes e extraordinarias da nação portugueza apparecerão oradores de primeira força que não era licito esperar d'um povo condemnado ha muito ao mutismo dos governos despoticos. Dado o desconto da inexperiencia e da má fonte em que ião beber as suas inspirações pede a justiça que confessemos ser esse um dos periodos mais esplendidos da eloquencia portugueza. Fernandes Thomaz, Ferreira Moura, Trigoso, Borges Carneiro e tantos outros pelejarão galhardamente em pról dos principios liberaes, e architectarão essa constituição, cujo unico defeito era o de ser por demais perfeita, e portanto inadequada às circumstancias peculiares do paiz.

Reverdecendo a arvore da liberdade, infelizmente á custa do sangue fraticida, abriu-se novamente o parlamento, onde homens que, no bulicio das armas, ou no remanso do gabinete, já havião adquirido honrado nome, vierão inscrever-se entre os mais dis-

<sup>1</sup> Vide a excellente noticia necrologica pelo sr. J. M. d'Andrade Ferreira reproduzida na sua recente obra intitulada -- *Litteratura, Musica e Bellas Artes*.

tinctos oradores. O duque de Palmella, emulo de Talleyrand e de Metternich, José da Silva Carvalho, politico habil que com tanta finura completou a temerária empreza de Mousinho da Silveira, revelarão na arena da discussão dotes até então desconhecidos, e travarão gigantescas luctas com essa mocidade aurea, cheia de vida e d'esperanças, que das plagas do exilio correra pressurosa a tomar parte nos publicos negocios.

Nessa pleiade achavão-se nomes que a geração actual ouve com respeito e de longe busca imitar: Rodrigo da Fonseca Magalhães, parlamentar da escola ingleza, argumentador subtil, e adversario polido, posto que ás vezes ironico, foi um dos maiores vultos da tribuna portugueza, um dos seus mais fluentes e mais correctos oradores; Garrett, ambicioso de todas as glorias, desceu tambem ao *forum* para colher as palmas tribunicias; e, esgrimindo com os mais adestrados athletas ficou por mais d'uma vez senhor do campo. Seus discursos, pronunciados nas côrtes de 1837, quando se tratava da formação da segunda camara, são modelos d'elegancia e de proficiencia politica; mas o que sobre todos valeu-lhe o titulo de consummado orador foi o proferido na camara dos deputados na sessão de 1840 discutindo a resposta á falla do throno. É conhecido pela denominação do *Porto Pyreu*, em consequencia da bellissima objurgatoria que ali se encontra, no gosto das de Mirabeau.

Pago o tributo de respeito a cada um dos precedentes oradores, guardemos o d'admiração para o Hercules da tribuna portugueza, para o novo Demosthenes, numa palavra, para José Estevão Coelho de Magalhães. Nascido em outro clima, em diversa epocha seria eminente orador; em Portugal contentou-se de seguir as pégadas de Benjamin Constant e do general Foy, seus predilectos modelos, salvo o direito d'afastar-se d'elles quando as circumstancias o determinavão. Apostolo fervoroso da liberdade, pela qual derramára seu sangue, erguia sua portentosa voz em defesa dos direitos do povo, sempre que os suspeitava em perigo, ou quando audaz estrangeiro conculcava os brios nacionaes. Sirva d'exemplo a sublime philippica, pronunciada na sessão legislativa de 1857, por occasião do insulto irrogado ao pavilhão portuguez na desgraçada questão do

*Charles et George* <sup>1</sup>. Esse discurso, porventura o mais eloquente de quantos se tem até hoje proferido na tribuna portugueza, encerra primores de ordem dos seguintes:

« A aguia imperial enfadada da sua força de inacção, saudosa d'aventuras, avida de gloria, vôou do seu ninho de pedra, d'esses penhascos artificiaes de Cherbourg até as margens do Tejo, só guarnecidas de sua natural belleza e de venerandas recordações: e veio aqui (grande e nobre façanha!) repôr a bandeira franceza em um navio, d'onde nós a haviamos arrancado para que não continuasse a manchar-se, cobrindo o trafico da escravatura.

« Esta visita á nossa terra foi mais feliz do que outras, porque já vimos essa mesma aguia levantar-se das eminencias que bordão o Tejo, e arrastar-se em vôos atordoados e incertos de serro em serro atravez das Hespanhas, até se recolher na guarida d'onde sahira, levando apenas nas garras, já mal seguras, o desengano de imaginados dominios e poderios. »

Encontra-se nesse mesmo discurso uma pintura da entidade — *heroe* — que pareceu-nos digna de Cicero, S. João Chrysostomo ou Bossuet: pensando que o leitor será da nossa opinião pedimos-lhe venia para cita-la integralmente:

« Os heroes são excepções monstruosas da nossa natureza; podemos vangloriar-nos de vermos os seres da nossa especie exceder as condições ordinarias da nossa existencia, mas essa vaidosa satisfação custa sempre cara. Os heroes são uns filhos prodigos da natureza e da sociedade que dispõem em proveito das suas paixões, do ocio, do sangue e da honra do mundo; que sacrificão aos seus caprichos quanto ha de mais santo, de mais nobre, de mais sympa-

<sup>1</sup> Um navio de guerra portuguez, aprisionára nas aguas de Moçambique a barca franceza *Charles et George* que se preparava para fazer um carregamento d'escravos, sob o titulo de *colonos livres*, e levou-o, em virtude dos tratados existentes entre ambas as nações, para Lisboa, onde foi julgado boa preza, e adjudicado ao aprisionador. O governo francez reclamou a entrega do navio, allegando que tinha elle a seu bordo um commissario imperial, e sob recusa do gabinete de Lisboa, mandou uma esquadra ao Tejo para toma-lo á viva força. Em presença d'essa attitude cedeu o governo portuguez e obrigou-se a pagar a indemnisação exigida pela demora havida na entrega da embarcação negreira.

thico, e a Providencia, que castiga sempre, ainda que por diversos modos, os que se esquecem da humildade do berço commum, ou lhes esconde a loisa da sepultura para que os deslembrem, ou lh'a deixa apontada á indignação publica para que os aborreção.

« As ondas tocadas da tempestade batem furiosamente no penhasco que as assoberba. Nesta lide atropellão-se, amontoão-se; sobem umas sobre as outras, e repetem assim os ataques, redobráo os arremeços até que galgão a altura onde a resistencia os levou; e de lá, fatigadas e desfeitas em espuma, cahem no mar que lhes dera a força, no mar em que se tornão. Os heroes são estas cataractas passageiras, estes cachões espumosos. O mar é a humanidade; como elle larga, vasta, immensa; como elle, querendo sempre saltar fóra das suas barreiras, fugir ás leis que a dominão, e voltando sempre, apezar da sua inquietação aos principios de harmonia natural a que perpetuamente está sujeita, e para conservar os quaes foi creada. E serenada a tempestade, que resta dos penhascos em que as ondas já não batem, que o mar apenas roça, que já não attrahem as nossas vistas pela luta que sobre elles se travára? — Pedras de irregular conformação, sem belleza que satisfaça a nossa curiosidade, nem excitem o nosso pasmo. »

Depois do eximio orador de cuja colossal fecundia acabamos d'apresentar um ligeiro specimem, e cuja prematura morte foi tão legitima e sinceramente pranteada pelos orgãos de todos os partidos, pode-se citar como estrenuos paladinos da eloquencia parlamentar portugueza alguns distinctos cavalheiros, como sejam o saudoso Rebello da Silva, os senhores Mendes Leal, Latino Coelho, Casal Ribeiro, Andrade Corvo, Fontes Pereira de Mello e outros, cujos nomes são assás conhecidos para que nos seja mister repeti-los e cujo merito relativo não nos é possivel bem aquilatar.

#### CRITICA LITTERARIA

A *critica litteraria*, essa verdadeira magistratura intellectual, que induz e deduz, analysa e synthetisa, numa palavra *judga*, e profere o seu *veredictum* com a consciencia calma e segura de quem cumpriu um nobre e penoso dever, foi por muito tempo desconhecida

em Portugal. Confundirão-na com a maledicencia, com o mesquinho espirito de inveja, que faz achar pessimo tudo o que não é nosso nem dos nossos intimos; ou com essa mutua condescendencia, esse elogio reciproco, que foi espirituosamente denominado — *critica de campanario* — <sup>1</sup>.

« A verdadeira critica (diz o sr. Andrade Férreira) é mister que seja não só illustrada mas proba, e assim realisada falta a estas duas condições essenciaes da sua natureza. A critica deve obedecer a um pensamento mais fecundo e nobre do que ás pequenissimas considerações de individuo para individuo, que se perdem de vista olhadas d'altura d'onde unicamente se podem abranger os grandes quadros do progresso intellectual. A verdade, a doutrina, o exemplo, que a critica procura num livro não devem pertencer a nenhuma ordem d'estas relações, este exemplo, esta verdade e esta doutrina, devem resumir grandes e valiosas theses de illustração, ou de moralidade que seja facil a todos os entendimentos negar, ou reconhecer examinando-os segundo as regras eternas do bello, os principios philosophicos, e os nobres e puros dictames do coração humano <sup>2</sup>. »

Sabemos o quão difficil é preencher semelhante programma, e quão raros sejam os criticos que, na mais lata accepção do vocabulo, o tenham satisfeito: Hegel, Richter, Herder, Muller, Addison, Pope, La Harpe, Planche e Sainte Beuve, considerados como mestres, não passarão immunes da coima de parcialidade, ou precipitação em seus alvedrios. É portanto mui desculpavel que a litteratura portugueza não possuisse nenhum d'esses tremendos juizes, que aferem pela bitola da critica a obra do entendimento humano, antecipando a sentença da posteridade.

Preciso foi que a reforma romantica raiasse no firmamento das letras para que, á guisa dos outros paizes, ensaiasse a critica os seus primeiros passos; e, largando as tradicionaes andadeiras, se

<sup>1</sup> Numa das suas mais chistosas comedias, define Scribe essa especie de criticos: « *Nous sommes une douzaine d'amis intimes, qui nous portons, qui nous soutiennent, qui nous admirons; une société pour l'admiration mutuelle.* »

<sup>2</sup> *Litteratura, Musica e Bellas-Artes*, tomo II.

estradasse por novas veredas. O *Panorama* <sup>1</sup> e a *Revista Universal Lisbonense* <sup>2</sup>, são duas preciosíssimas collecções, nas quaes, como em um cofre de sandalo, se achão encerrados as primeiras tentativas da custosissima arte de que nos occupamos. O sr. Herculano, na primeira d'essas publicações, e o sr. Castilho na segunda, derão o exemplo d'apreciações calmas e desapaixonadas, em que a arte era julgada pela arte, e a *camaradagem* sotoposta ao merito intrinseco, absoluto, ou relativo.

Seríamos injusto si exigissemos dos novos argonautas liberdade d'apreciações incompativel com a sua commum procedencia e identidade de vistas: si partindo do mesmo campo para a conquista do mesmo vellocino se degladiassem como os homens nascidos dos dentes do dragão de Cadmo. Notou-se porém nos combatentes certa cortezia, certa amenidade de discussão a que não estavam habitua-dos os contemporaneos de José Agostinho de Macedo e de Manuel Maria Barbosa du Bocage: e o epigramma chistoso, que, uma ou outra vez resvalava, nada tinha de commum com os grosseiros doestos da *penna de Talião*. Havia progresso nos costumes, e esse progresso, cumpre confessa-lo, não se tem desmentido, por via de regra <sup>3</sup>.

O *Archivo Pittoresco* <sup>4</sup> e a *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil* <sup>5</sup>, continuarão as gloriosas tradições do *Panorama* e da *Revista Universal Lisbonense*, e constituirão-se vastos repositarios

<sup>1</sup> O *Panorama*, forma uma collecção de quinze volumes, in 4.<sup>o</sup>, illustrados com gravuras em madeira e abundantes de conhecimentos uteis.

<sup>2</sup> A *Revista Universal Lisbonense*, consta de doze volumes completos e alguns numeros avulsos do XIII, que devera constituir a segunda serie, mas cuja publicação suspendeu-se por causas que desconhecemos.

<sup>3</sup> Durante a azêda discussão suscitada por motivo da carta do sr. visconde de Castilho ao editor do *Poema da Mocidade*, alguns cavalheiros (aliás estimaveis pelo seu caracter e illustração) excederão-se nos meios d'ataque e defeza, ferindo muito além do seu alvo.

<sup>4</sup> Este Semanario illustrado (que começou a publicar-se em 1857 e suspendeu-se em 1868) forma onze volumes in 4.<sup>o</sup>

<sup>5</sup> Começada em 1859 e suspensa em 1865, compõe-se de cinco volumes in 8.<sup>o</sup>

até este data são 18 vol.

d'artigos criticos, elaborados pelas mais brilhantes e applaudidas intelligencias. Sua consulta torna-se d'absoluta necessidade aos amadores das nossas boas letras, sendo para sentir que o acolhimento publico que, ao principio tanto favoreceu essas patrioticas emprezas, viesse a definhar por causas que cumpre averiguar, afim de que mais duradouros, senão mais proficuas, sejam os novos commettimentos.

Tomando a palavra *bibliographia* em sua mais elevada accepção está erguendo o sr. Innocencio Francisco da Silva um verdadeiro monumento critico litterario em seu *Diccionario Bio-Bibliographico*<sup>1</sup>, cujos valiosos subsidios de muito nos tem servido na composição d'este nosso livro, e a quem por isso folgamos de render humilde, porem sincera homenagem.

Um talentoso mancebo que a segure da morte ceifou no meio dos seus triumphos<sup>2</sup> publicou em 1855 uma serie d'estudos criticos, notaveis pela elevação de sentimentos e vivo colorido da phrase. Intitulou-os modestamente—*Memoria de Litteratura Contemporanea*.

Foi elle tambem um dos naturalisadores d'um genero novo na litteratura portugueza: isto é, do — *folhetim* — chronica ligeira, impressões hodiernas, especie de photographia do pensamento, rapido e fugaz por sua propria natureza. Seguirão-lhe, ou acompanharão-lhe o impulso alguns engenhos peregrinos da nova geração; como, entre muitos outros, os srs. Andrade Ferreira, Julio Cesar Machado, Teixeira de Vasconcellos, Vidal, e Pinheiro Chagas.

Além d'essas criticas fugitivas, ou *à vol d'oiseau*, como dirião os francezes, tem apparecido ultimamente alguns trabalhos mais succulentos, v. g. *O Aristarcho, Portuguez*,<sup>3</sup> e o *Primeiro e Segundo Livro de Critica* do sr. Luciano Cordeiro, succulentos d'erudição,

<sup>1</sup> D'esta importante e utilissima obra tem se dado ao prelo até hoje (agosto de 1872) nove volumes, sendo sete do corpo da dita obra e dois do supplemento.

<sup>2</sup> Antonio Pedro Lopes de Mendonça nascido em 1826 e fallecido em 1863.

<sup>3</sup> Começou a publicar-se em Coimbra no anno de 1868 e prometteu ser uma revista annual de critica litteraria. Ignoramos o motivo da sua interrupção.

observadores da esthetica, mas algumas vezes injustos e parciaes nas apreciações.

Pondo aqui termo ao bosquejo que da litteratura portugueza desejavamos fazer diz-nos a consciencia que nenhum outro sentimento, senão o da justiça, guiou a nossa penna ; tanto mais, por que, como ver-se-ha no seguinte livro, não cremos que a litteratura brasileira seja producto de geração espontanea ; e temos verdadeiro orgulho de descender d'esse povo generoso, cuja historia, no começo dos tempos modernos, se identificou com a da civilização.

---

## LIVRO DECIMO

## LITTERATURA LUSO-BRAZILEIRA

A epigrapha que adoptamos para este livro manifesta a toda a luz nosso modo de sentir na debatida questão da nacionalidade litteraria que alguns eruditos quizerão attribuir aos escriptores brazileiros. Havendo lido e meditado no que a tal respeito disserão os senhores Magalhães <sup>1</sup> Varnhagen <sup>2</sup> Pereira da Silva, Abreu e Lima, Gama e Castro, Santiago, Norberto, Alencar, e outros, chegamos a intima convicção de que — a nossa litteratura é um garfo do tronco portuguez, um angulo que se afasta do seu vertice, á proporção que se distancia a epocha do descobrimento e colonisação, e pela força das causas que modificão á indole e os costumes dos dois povos co-irmãos. — Em vez d'entrar no pleito, onde nada de novo poderíamos ajuntar ao que tão luminosamente foi allegado pró e contra, preferimos demonstrar practicamente a nossa opinião bosquejando a historia d'essa litteratura, desde a aurora da sua apparição até o momento em que estas linhas traçamos <sup>3</sup>. Dividi-la-hemos em tres periodos a saber o da *formação* (seculos XVI-XVII), o do *desenvolvimento* (seculo XVIII) e o da *reforma* (seculo XIX).

<sup>1</sup> Hoje barão d'Araguaya.

<sup>2</sup> Actualmente barão do Porto-Seguro.

<sup>3</sup> *Scribitur ad narrandum, non ad probandum*, como dizia Tacito.

## PRIMEIRO PERIODO (Seculo XVI-XVII)

O acaso, ou a obediencia á *secretas instrucções* <sup>1</sup> permittiu a Pedro Alvares Cabral o descobrimento da terra ao principio denominada de *Vera Cruz* e mais tarde *Brazil*. Póde-se dizer que este importante feito foi o zimborio do templo da gloria maritima de Portugal, seu canto do cysne, e o perennal pregão da sua epica historia. Esse mesmo seculo, que contemplára assombrado os prodigios dos heroes do Oriente, devera assistir em seus derradeiros dias a jornada d'Alcacer-Kebir e o desdouro do pavilhão que nos campos d'Aljubarrota tão alto erguera o *sancto condestavel* <sup>2</sup>.

Lançando retrospectivo olhar para os priscos annaes confessão abalisados publicistas portuguezes <sup>3</sup> que esteril fôra o germen da conquista e catechese que guerreiros e missionarios de seu paiz procurarão espargir em terras d'Africa, Asia e Oceania, e que da sua passada grandeza apenas restão miserrimas reliquias definhando ao bafo lethifero da indifferença metropolitana.

Por um feliz conjuncto de circumstancias escapou o Brazil á dura lei a que parecião condemnadas todas as colonias portuguezas. Mingoada colheita de louros offerecia a fraca resistencia opposta pelas nomadas tribus que vagueavão pelo immenso perimetro circumscripto pelos gigantes fluviaes: a enchada e o machado erão antepostos á espada e ao mosquete, colonos e não soldados reclamavão as novas possessões. Á esse imperioso anhelos não poude de prompto satisfazer a escassa população reinol, empenhada nas correrias d'Africa ou nas aventurosas expedições da India, China, Japão, etc.

<sup>1</sup> Este problema, debatido no seio do Instituto Historico Geographico Brasileiro *adhuc sub judice est*.

<sup>2</sup> Assim era chamado D. Nuno Alvares Pereira.

<sup>3</sup> Entre outros o sr. J. M. Latino Coelho num brilhante artigo inserto num dos numeros do *Correio do Brazil* d'este anno (1872).

Deslumbrava aos governantes as riquezas do Oriente, e persuadidos de que a nossa terra não encerrava as minas de Golconda descurarão se da sua colonisação, e quiçá te-la-hião olvidado, si as excursões dos flibusteiros normandos, inglezes e flamengos não lhes chamassem a attenção para este lado do athlantico, desperutando-os do seu funesto lethargo.

Frustrada a tentativa dos donatorios forçoso foi que a corôa tomasse a peito a fundação d'algumas feitorias e erigisse estabelecimentos de character permanente: d'ahi a creação d'um governo geral que Thomé de Souza fixou na Bahia de Todos os Santos, dando nascimento a cidade do Salvador.

Recapitulando esses factos é do nosso intento provar que ninguem então cogitava de letras, que os recém-chegados, pertencentes as classes menos favorecidas da fortuna, e sobre muitas de cujas cabeças pesava a espada da lei, buscavão no aspero cultivo da terra a subsistencia de seus amargurados dias, ou a rehabilitação de seu nodado nome.

Semelhantes aos judeus que por concessão de Cyro regressarão a Jerusalém e que na reedificação do templo erão obrigados a reve-sarem o alvião com a espada os primeiros colonos vião-se na dura necessidade de defenderem seus campos, ou pobres alvergues, contra as irupções das hordas antropophagas que as salteavão, deixando após si um sulco de sangue.

Nessas perennes e inglorias luctas consummiu-se todo o seculo XVI, podendo apenas mencionar-se, como digna de nota a expulsão dos francezes, que, apoiados n'amizade dos tamoyos, se havião domiciliado nas margens da bahia de Nictheroy. A vinda do terceiro governador geral <sup>1</sup> capitaneando uma esquadrilla d'oito pequenos vasos mercantes, e o açodamento com que concorrerão para essa expedição os moradores das capitánias dos Ilhéos, Porto-Seguro e e Espirito Sancto revelavão a imminencia do perigo e o receio que nutrião de que Villegaignon, voltando de França com valiosos auxilios, firmasse, definitivamente seu dominio na plaga austral

<sup>1</sup> Mem de Sá, irmão de famoso poeta Sá de Miranda.

d'America Portugueza. Sem a errada politica d'esse caudilho e os odios que sobre a sua cabeça soubera acumular é muito provavel que não fossem os fluminenses oriundos da raça portugueza, e que outros e mui diversos destinos nos estivessem preparados.

Com Thomé de Souza aportarão a Bahia os primeiros jesuitas, aos quaes se deve o estabelecimento das primeiras aulas da lingua latina, que houve em nossa terra, e com ellas os primitivos lineamentos da nossa educação litteraria.

Conceberão tambem elles um grandioso plano, infelizmente mallogrado : queremos fallar das escolas da lingua tupy, estabelecidas nas suas aldeias e collegios, com o louvavel intuito de reduzir a um idioma culto os varios dialectos usados pelos indigenas do Brazil. Alguns d'esses regulares conseguirão tornar-se habilissimos nessa linguagem na qual compunhão canções os padres Anchieta e Navarro, cognominado d'*Orpheo brazilico*.

Tocando nesse ponto cumpre lamentar que não seguissem os jesuitas melhor róta, que não pesquisassem o sentido occulto das fabulas que constituíão a theogonia dos nossos authochtonos, desvendando o symbolismo das lendas e usanças que tão profundos mysterios deverão encerrar, como ácerca dos *quichüa*, acaba de practicar o sr. Vicente Fidel Lopez <sup>1</sup>. » Não é dado a pessoa alguma caminhar adiante do seu seculo » ponderava judiciosamente um distincto philosopho francez de nossos dias ; por isso não podião os discipulos de Loyola fazer n'America Portugueza o que no Mexico e no Perú não tinham feito os hespanhóes para com os monumentos da civilisação dos *toltecas*, *aztecas*, e *quichüas*. O conhecimento que procuravão adquirir da *lingua geral* dos indigenas servia-lhe unicamente para derramar suas proprias ideias.

Mostrára-lhes a experiencia que a posse da juventude era a chave com que poderião abrir os corações dos pais, e nada pouparão para se tornarem agradaveis a ella ; já deliciando-a com festas escolares,

<sup>1</sup> Vide *Les Races Aryennes du Perou* — Paris — 1871.

já amestrando-a na musica com que commovião seus sensiveis corações <sup>1</sup>.

Outro valioso subsidio encontrarão nas representações theatraes, que transplantarão de seus collegios de Coimbra e Evora para os Bahia, Pernambuco São Vicente e Rio de Janeiro. *A Pregação Universal* <sup>2</sup> auto escriptor em verso e em duas linguas (portugueza e tupica) dirigia-se aos colonos e indigenas, cujos vicios condemnava, e o *Rico Avarento e Lazaro Pobre*, levado a scena em Pernambuco no anno de 1575, originou a conversão de muitos peccadores e serviu de causa efficiente para muitas esmolos e actor de beneficencia.

Nesta mesma cidade do Rio de Janeiro, presenciarão nossos maiores uma procissão das onze mil virgens vindas numa não que entrava pela terra á dentro, toda embandeirada e disparando tiros, em honra do martyrio do padre Ignacio d'Azevedo, cujos louvores entoavão algumas d'essas virgens <sup>3</sup>.

« Esses dramas (diz o sr. Magalhães) tinham todos os caracteres da prisca comedia, e ainda mais os actores do drama, que não erão comicos de profissão, mas sim particulares, a que damos o titulo d'amadores, fallavão em seu proprio nome, e se accusavão de seus propios erros <sup>4</sup>. »

Não erão tão pouco creações suscitadas pela natureza do meio em que se achavão collocados, nem inspirados pelas condições ethnologicas. Verdadeiras transplantações continuavão, áquem do atlantico, a surda guerra que ao theatro de Gil Vicente e de Antonio Prestes, Sá de Miranda e Ferreira tinham movido com as suas tragi-comedias, dignas do repertorio chinez.

<sup>1</sup> Na sua mui conhecida e estimada *Narrativa Epistolar* diz Fernão Cardim: « Pelas aldeias dos filhos dos indios já muitos tangião frauta, viola, oravão e officiavão missa com canto de orgão; coisa que os pais estimavão muito. »

<sup>2</sup> É attribuido ao padre José d'Anchieta, que a fez representar pelas discipulos do collegio de Piratininga, mais tarde denominado de S. Paulo.

<sup>3</sup> Vide *Narrativa Epistolar d'uma viagem e missão jesuitica pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Rio de Janeiro, Espirito Santo, etc.*, escripta em duas cartas ao padre provincial em Portugal pelo padre Fernão Cardim.

<sup>4</sup> *Opusculos Historicos e Litterarios* Vienna — 1865.

« Não contentes (diz um illustrado contemporaneo) com matar o *theatro classico*, os jesuitas introduzirão a fôrma dramatica no Brazil, em um paiz primitivo, que ainda estava nesse estado genial do espirito que leva ás grandes creações epicas. Fizerão o contrasenso de implantar uma forma privativa dos mais altos periodos de civilisação em um paiz que ia começar as suas lendas seculares.

« O que aconteceu? Ficou a litteratura brasileira sem cunho de nacionalidade: andou sempre mendigando formas arcadicas, já obsoletas, sem conhecer as ricas tradições que tinha em casa. Desde a colonisação não cessarão de representar os cathechumenos: ao principio tiverão a audacia de se servirem da forma simples dos autos, depois conhecerão que não estavam á sua vontade nessa forma simples que se faz valer pela clãreza e sinceridade jovial, e deixarão-na pela tragi-comedia erudita <sup>1</sup>. »

Bento Teixeira Pinto, nascido em Pernambuco pelo meiado do seculo XVI, passa pelo nosso primeiro poeta. Compoz uma obrinha com o titulo de *Prosopopéa*, em oitava-rima e dedicada a Jorge d'Albuquerque Coelho, terceiro donatario de Pernambuco.

Esse poemeto que julgava-se perdido; e de que nenhum historiadore litterario pudera dar conta, encontrou-o o sr. Varnhagen (barão de Porto Seguro) na bibliotheca de Lisboa <sup>2</sup>. Tem por as-

<sup>1</sup> *Historia do Theatro Portuguez no seculo XVII*, pelo sr. dr. T. Braga.

<sup>2</sup> Em officio mandado de Vienna (d'Austria) em 8 de outubro de 1872, diz o illustre diplomatico:

« O poema, já por muitos julgado perdido, sorte que tem corrido varios livros impressos, resurge, graças á fortuna de se haver conservado um exemplar. A relação do naufragio, publicada conjunctamente, causando confusões ácerca do seu verdadeiro titulo, verifica-se não ser obra de Bento Teixeira, conforme tinha já sido por mim annuciado desde 1857.

• Eis os factos: consegui ver na bibliotheca publica de Lisboa no dia 18 de julho d'este anno, um livro de 4º, impresso em 1601, sem paginação, contendo ambas estas composições: primeiro a relação do naufragio, e depois o poema *Prosopopéa*; com a circumstancia de se declarar no mesmo livro, que esta edição de 1601, com uma tiragem de mil exemplares, era já a segunda, e havia sido precedida de outra tambem de mil exemplares (« e porque na primeira impressão se não fizerão mais que mil livrinhos... acrescentando-lhe mais estes quadernos que andão a elle unidos, que se não puzerão na primeira impressão por esquecerem ») Não se diz em

sumpto o naufragio que em face do cabo da Roca experimentou o illustre donatario quando em 1265 demandava as plagas lusitanas á bordo da náó S. Antonio.

Descobridor de tão precioso thesouro, promette o referido sr. Varnhagen analysa-lo no 3.º volume da nova edição do seu *Florilegio da Poesia Brazileira*, que affiança estar no prelo <sup>1</sup>. Aguardamos

que anno essa primeira edição havia sido feita, nem provavelmente o saberemos, si por algum feliz acaso, não vier ainda com o tempo a apparecer d'ella um exemplar, como apparece este da segunda de 1601 <sup>2</sup>. »

(Vide *Diario Official do Imperio do Brazil* de 6 de novembro de 1872).

<sup>1</sup> Como anti-gosto das delicias que de tal leitura devera causar aos amadores das cousas patrias, faz o dito sr. um excerpto que lhe pedimos venia para transcrever neste lugar.

#### DESCRIPÇÃO DO RECIFE DE PERNAMBUCO

« Para a parte do sul onde a pequena  
 « Ursa se vê, de guardas rodeada  
 « Onde o céu luminoso mais serena  
 « Tem sua influição e temperada  
 « Junto da nova Luzitania ordena  
 « A natureza mãe bem attentada  
 « Um porto tão quieto e tão seguro  
 « Que para as curvas náos serve de muro.

« É este porto tal, por estar posta  
 « Uma cinta de pedra, inculta e viva  
 « Ao longo da soberba e larga costa  
 « Onde quebra Neptuno a furia esquiva  
 « Ante a praia e pedra descomposta  
 « O entranhado elemento se deriva  
 « Com tanta mansidão, que uma fateixa  
 « Basta ter a fatal Argos anneixa.

« Em o meio d'esta obra alpestre e dura  
 « Uma boca rompeu o mar inchado,  
 « Que na lingua dos barbaros escura  
 « Pernambuco de todos é chamada,

• Depois d'escripta esta nota soubemos que na Bibliotheca Publica d'esta cidade existe outro exemplar da *Prosopopéa*, o qual por deliberação do governo imperial (de 19 de novembro de 1872), vai servir para a reimpressão da referida obra, ordenada pelo mencionado governo.

com impaciencia esse importantissimo trabalho, sentindo que não chegue elle a tempo d'esclarecer-nos na vereda que trilhamos.

O valioso documento a que nos estamos referindo mantêm a duvida anteriormente manifestada ácerca do *Dialogo das grandezas do Brazil*, e estranha que sua publicação, encetada ha mais de vinte annos nas columnas d'uma revista litteraria que então imprimia-se nesta capital<sup>1</sup>, ficasse interrompida por causas desconhecidas.

Não passaremos ávante sem commemorar outro relevantissimo serviço nessa mesma occasião prestado ás letras patrias pelo diligente e erudito diplomatico: queremos fallar da elucidação da letigiosa autoria da narração do naufragio de Jorge d'Albuquerque, reproduzida na *Historia Tragico-Maritima*, e trasladadas para as paginas da *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, (tomo XIII — 1850). Do detido exame d'esse codice, colheu o citado critico a convicção de que fôra originariamente composta pelo piloto Affonso Luiz á rogo d'Albuquerque, e corrigido por Antonio de Castro, mestre de D. Duarte de Bragança.

Supposto nascesse em Braga é Pero de Magalhães Gandavo digno

« De Para-ná que é mar, *Puca* rotura  
 « Feita com furia d'esse mar salgado,  
 « Que sem no derivar commetter mingua  
 « Corôa de mar se chama em nossa lingua.

« Par'a entrada da barra, á parte esquerda  
 « Está uma lagem grande e espaçosa  
 « Que de piratas fôra total perda  
 « Si uma torre tivera sumptuosa,  
 « Mas quem por seus serviços hem não herda  
 « Desgosta de fazer cousa lustrosa  
 « Que a condição do rei que não é franco  
 « O vassallo faz ver nas obras manco. »

Judiciosamente observa o senhor Varnhagen que a liberdade d'expressão dos dois ultimos versos seria causa sufficiente para suppressão da obra, e d'ahi a sua consequente raridade, attendendo-se a que nessa epocha supportavão os portuguezes o jugo de D. Philippe III.

<sup>1</sup> O *Iris*, collaborado por varios litteratos portuguezes e brasileiros, sob a direcção do sr. conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. Vierão á luz tres tomos entre os annos de 1848-1849.

de ser contemplado no catalogo dos escriptores que do nosso paiz se occuparão, visto como lhe devemos uma *Historia da Provincia de S. Cruz, a que vulgarmente chamamos Brazil*, dada pela primeira vez á luz em Lisboa no anno de 1576<sup>1</sup>, e em cujo prologo com louvavel modestia confessa « *que não faltavão na terra pessoas d'engenho e curiosas, que, em melhor estylo, e mais copiosamente que elle escrevessem.* »

O outro filho do reino<sup>2</sup> que tambem occupou-se nessa primeira epocha com a descripção da recente e ignorada colonia foi Gabriel Soares de Sousa a quem uma residencia de desesete annos em terras da actual provincia da Bahia, e o exercicio de diversos cargos de governança, habilitarão-no para conhece-la cabalmente.

Sua obra, dedicada a D. Christovão de Moura, tem por titulo — *Tractado Descriptivo do Brasil em 1587* — e por mais de dois seculos permaneceu inedita, devendo-se a iniciativa da sua publicação ao distincto brasileiro frei José Marianno da Conceição Velloso, que, na qualidade de director da officina do Arco do Cego, confiou aos prelos o precioso manuscrito. Ignora o sr. Innocencio da Silva, a quem devemos estas informações, o motivo que determinou a suspensão de tão meritoria empreza, que só mais tarde poudeser concluida por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisbôa, comprehendida na *Collecção de Noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, e illustrada com as *Reflexões Criticas* do douto e infatigavel sr. Varnhagen.

Por deligencia d'esse mesmo senhor sahiu aqui no Rio de Janeiro no anno de 1851 outra edição mais *castigada pelo estudo e exame de*

<sup>1</sup> Esta obra tem tido mais duas edições: uma feita pelo Instituto Historico e Geographico do Brazil, e incorporada no tomo XXI (anno de 1858) da sua *Revista*; e outra (no mesmo anno) pela Academia Real das Sciencias de Lisboa. O distincto bibliographo sr. Innocencio da Silva, dá preferencia á edição brasileira.

<sup>2</sup> Pretendem alguns biographos que era elle natural de Lisbôa, e outros d'algunha pequena povoação do Ribatejo, e conjectura-se que vira a luz do dia no anno de 1540, e viera para o Brazil entre os de 1565-1569. Consta que fallecera em 1591 na volta da sua viagem a Madrid onde fora solicitar auxilios para o descobrimento d'umas minas d'ouro existentes nas cabeceiras do rio S. Francisco.

*muitos codices manuscriptos existentes em Portugal Hespanha e França, e acrescentadas d'alguns commentarios.*

Attendendo-se ao tempo em que foi composto este livro, as circumstancias da vida do auctor, á sua pouca illustração, é elle digno dos maiores encomios pelo escrupulo com que observou os factos e phenomenos, assim como pela naturalidade e simplesa d'estylo. « Prestou valiosos serviços (diz o sr. Varnhagen) aos escriptos do padre Casal, e dos contemporaneos Southey, Martius e Dénis, que d'elle fazem menção com elogios não equivococ. Pedro Mariz, Simão de Vasconcellos e Jaboatão tambem d'elle se aproveitirão, copiando bons pedaços. »

Foi auctor d'uma *Historia d'America*, infelizmente perdida, e de que muito caso fazia Laet, um jesuita nascido pelos fins do seculo XVI na moderna provincia de S. Paulo. Chamava-se elle Manuel de Moraes, e era sujeito de grandes talentos e erudicção, do que fez pessimo uso chegando a ponto de renegar o que de mais caro e sagrado possue o homem <sup>1</sup>.

Sepultada nos areiaes africanos a bizzarria portugueza e consummada em Thomar a mais iniqua das usurpações pesou sobre nossos avoengos o jugo da dominação castelhana. Como um satellite acompanhou o Brazil a rotação do seu planeta, que por sua vez via-se condemnado a gravitar em torno d'outro astro.

Já dissemos, fallando das causas da decadencia das letras no seculo XVII, que não deve ser ella unicamente attribuida a perda da nacionalidade, mas ao complexo de muitas outras causas que deixamos epilogadas. Actuarão essas mesmas causas para o rachitico desenvolvimento da longinqua colonia, que, entregue as suas

<sup>1</sup> Consta que esse degenerado brasileiro, expulso da companhia de Jesus por certas irregularidades de vida, abjurára a religião catholica abraçando a seita de Calvino, e fôra se estabelecer em Amsterdão. Arrepellido mais tarde de seu erro volveu ao seio do catholicismo, e pungido de saudades da patria regressou a Lisboa onde foi garroteado no auto da fé de 13 de dezembro de 1647. O sr. Pereira da Silva tomou a aventurosa vida d'esse nosso desditoso compatriota para assumpto d'um romance historico intitulado — *Manuel de Moraes — Chronica do seculo XVII* — dada a luz em Paris no anno de 1856 sendo edictor o sr. B. L. Garnier.

proprias e mesquinhas forças, nada podia fazer para a cultura do espirito, sendo para admirar que no meio das preocupações d'outro genero, e no torvelinho dos interesses materiaes houvesse quem pensasse em escrever obras em verso, ou em prosa, que por muito tempo jazerão nos limbos do esquecimento.

O mais celebre poeta d'essa quadra foi por sem duvida Gregorio de Mattos Guerra, nascido na cidade da Bahia aos 20 de dezembro de 1633. Feitos os preliminares estudos no collegio dos jesuitas, onde se achavão os mais abalisados mestres, transferiu-se para Coimbra, em cuja universidade matriculou-se, fazendo-se desde logo notar pela vivacidade d'espirito e pelo talento com que manejava a satyra. Testemunha da mordacidade do nosso patricio escrevia o desembargador Brochado estas palavras numa carta mandada a um amigo de Lisbôa: « Anda aqui um estudante brasileiro tão refinado na satyra que com as suas imagens e seus tropos parece que baila Momo as cançonetas d'Apollo <sup>1</sup>. »

Com grandes applausos de seus mestres e condiscipulos chegou a termo da carreira academica graduando-se na faculdade de direito, e adquirindo em verdes annos fama de bom advogado. Serviu alguns cargos de magistratura, como o de juiz do crime e de orphãos: e consta que recusára o lugar de desembargador da Casa da Supplicação, que lhe fôra offerecido para vir ao Rio de Janeiro syndicar dos actos administrativos do governador Salvador Correia de Sá e Benevides. Perdendo com tal recusa as boas graças do principe regente D. Pedro deliberou regressar á patria, onde chegando foi nomeado thesoureiro-mór da cathedral e vigario geral do arcebispo por D. Gaspar Barata de Mendonça.

Estes empregos conservou os elle tão sómente em vida de seu protector, por isso que sabemos que havendo tomado conta da diocese D. João da Madre de Deus pediu exoneração d'elles, talvez por não poder conformar-se com o character do novo arcebispo, ou por haver-se malquistado no exercicio das suas funcções.

<sup>1</sup> Vide a *Biographia de Gregorio de Mattos* escripta pelo conego Januario da Cunhha Barbosa e inserta no tomo III da *Revista Trimensal do Instituto Hist. Geogr. Braz.*

Voltando á banca d'advocacia continuou a grangear honesta e folgada subsistencia, tanto para si como para a sua mulher e filhos, os quaes por um singularidade do seu espirito quiz que todos se chamassem — *Gonçalos* <sup>1</sup>.

Fôra seu grande admirador D. João d'Alencastre que então governava a Bahia chegando a ter um livro em que mandava registrar todas as satyras e epigrammas do novo Juvenal: mas sendo uma vez ferido por essas perigosas armas tomou o expediente de desterrar o poeta para Angola, recomenando-o todavia aos cuidados e obsequiosidades do capitão-general Pedro Jacques de Magalhães.

Nesse desterro teve Gregorio de Mattos occasião de prestar importantes serviços applicando um tumulto popular, pelo que lhe foi facultado regressar ao Brazil. D'esta vez escolheu para lugar de residencia a capitania de Pernambuco, governada por Caetano de Mello e Castro, que lhe deu honrado agasalho e amparo para sua amargurada velhice, impondo-lhe porém o rigoroso preceito de jamais fazer satyras. Parece porém que uma vez esteve á ponto de violar o referido preceito, sentindo-se irrestivelmente possuido da veia satyrica a vista da contenda de duas mulheres de má vida, que se mimoseavão com os mais selectos termos do vocabulario das regateiras.

Accommettido de febres viu chegar o seu derradeiro momento, recebendo os sacramentos das mãos do bispo D. Fr. Francisco de

<sup>1</sup> Entre as anedoctas, attribuidas ao nosso poeta, refere o conego Januario a seguinte que parece-nos assás característica. Casara-se elle com uma viuva honesta e formosa, por nome Maria de Povos, que exasperada pelas excentricidades de seu marido, sahiu de casa e recolheu-se a d'um seu tio. Passado o primeiro resentimento desejou a esposa regressar a seus lares, e expediu como mediador da reconciliação o citado tio. Nenhuma difficuldade oppoz Gregorio de Mattos aos votos de D. Maria de Povos, mas estabeleceu como condição previa que a receberia das mãos de um *capitão do mato*, como escrava fugida. Ao principio recusou-se D. Maria a tão avillante condição, mas vendo inflexivel o marido teve de submeter-se do modo que mais conveniente pareceu. Pagou Gregorio de Mattos generosamente ao capitão do mato, e protestou que todos os filhos que tivesse d'essa senhora se chamariam Gonçalos para que se dissesse que a sua casa era de Gonçalos na qual *as gallinhas podem mais do que os gallos*.

Lima, que pressuroso abeirou-se-lhe do leito sabendo que recusára recebe-los das mãos do vigario da freguezia do Corpo Sancto, o P. Francisco da Fonseca Rego <sup>1</sup>. Dava-se isto em 1695, no qual completára o nosso poeta o seu 73.º anno d'existencia.

No dizer do conego Januario formavão as poesias de Gregorio de Mattos seis grossos volumes de 4.º que corrião manuscriptos, e dos quaes affirmava possuir algumas <sup>1</sup> que « por sua desenvoltura não convinha dar a luz publica <sup>2</sup>. » Assevera o sr. Innocencio F. da Silva que na bibliotheca nacional de Lisboa existe um grosso volume de 4.º contendo boa porção de poesias; e que elle proprio possúe dois volumes do mesmo formato, encerrando as *obras sacras e divinas*, precedidas da *vida e morte* do poeta pelo licenciado Manoel Pereira Rebello <sup>3</sup>.

Era o nosso compatriota temido pela sua proverbial malidicencia; e geralmente conhecido pela pouco lisongeira antonomasia de

<sup>1</sup> Nas *Memorias* de Fr. João de S. José Queiroz, bispo do Grão-Pará, editoradas pelo sr. C. Castello Branco, lê-se que « Gregorio de Mattos morrera como impio sem embargo de o exhortarem padres mui doutos, chegando o bispo de Pernambuco a ir pessoalmente dispo-lo. Diz-se mais que, instado por aquelle benigno pastor que se arrimasse e pedisse perdão a Deos, voltou-se, e vendo na mão um Crucificado com os olhos cobertos de sangue, prostrira, tão impia como jocosamente, o sabido quarteto :

« Quando meus olhos mortaes  
Ponho nos vossos divinos,  
Cuido que vejo os meninos  
De Gregorio de Moraes. »

Ora, os meninos d'este Gregorio de Moraes, seus visinhos, tinham os olhos inflamados !

Creemos que o prelado paraense deu livre expansão a seu animo mordaz repetindo essa anedocta, que julgamos totalmente contradictada pela formal declaração de todos os biographos, e a tradição mencionada pelo conego Januario do soneto achado pelo bispo e escripto com letras mui tremidas no qual manifestava-se arrependido das extravagancias de toda a sua vida.

<sup>2</sup> A escolhida livraria do conego Januario, em que se encerravão thesouros d'inestimavel valor, levou o descaminho habitual entre nós. Sem suscitar odiosas e inuteis suspeitas pedimos aos possuidores d'esses thesouros que não se convertão em *bibliotaphos*.

<sup>3</sup> Vide *Diccionario Bibliographico Portug.* tomo III.

— *boca do inferno*. — Á ninguém poupava : nem ainda a sua virtuosa esposa, a quem, como já vimos, expunha ás chacotas da multidão. Foi um Rabelais forrado do Aretino, discipulo degenerado da escola de Lucilio e Marcial. Popular e corrente a sua linguagem, facil e fluente a metrificacão ; pictorescas as imagens ; felizes os similes, chistosas as satyras, quando não descambão em grosseiras allusões e intoleraveis obscenidades.

Os collectores de suas poesias *ubi plura nitent* seguirão o preceito de Quintiliano em relação aos classicos latinos <sup>1</sup> ; e derão-nos specimens apreciaveis por muitos titulos <sup>2</sup>.

Entre elles releva fazer expressa menção da satyra dos namorados, dirigida a Antonio Luiz da Camara, apresentando-lhe o seu retrato, na qual com magistral pincel desenhou os costumes da Bahia ; e da que tem por titulo *Marinicolas. As Verdades Miudas* são farpas agudissimas disparadas contra alguns vicios e ridiculos da sociedade co ntemporanea ; o *Dialogo entre o demonio e a alma*, parodiando a modinha que então se cantava.

« *Bangué que será de ti ?* »

tem a fragrancia da musa popular, e apraz pela sua extrema simplicidade.

É outras vezes aristophanesco e atira-se aos defeitos physicos, como quando escarnece do *braço de prata* do governador Antonio de Souza de Menezes, ou da excessiva pequenez de certo letrado pernambucano.

Por certo terão observado os leitores quanto somos opposto á satyra pessoal, principalmente a que se dirige a imperfeições corporeas, que em nossas mãos não está remediar. Podem semelhantes satyras provocar a hilaridade ; nunca porém corrigem, nem melhorão os costumes.

Irmão mais velho do precedente poeta foi Eusebio de Mattos

<sup>1</sup> *Non auctores modo, sed partes operis elegeris.*

<sup>2</sup> Vide os *Parnasos Brasileiros* do conego Januario e do sr. conselheiro Pereira da Silva, e o *Florilegio* do sr. Varnhagen.

tambem alumno das musas, abalisado orador e consummado theologo. Viu a luz do dia na cidade da Bahia no anno de 1629 e nella falleceu no de 1662. Não consta que jamais deixasse o seu paiz natal, onde vestiu a roupeta de jesuita em 1644, trocando-a mais tarde pelo habito carmelitano <sup>1</sup>. Consummiu sua honrada existencia nos deveres do magisterio, da predica e do confessorio, deixando em todos esses lugares padrões de suas muitas luzes e purissimos costumes. Formava uma antithese com seu irmão Gregorio; e apesar da diversidade das indoles, ou talvez por isso mesmo, unia-os a mais cordial amizade.

Attribuem se-lhes algumas poesias d'exquisito lavor; mas como apparecerão confundidas com as de Gregorio de Mattos, entendeu o sr. Varnhagen que devera inclui-las no seu *Florilegio*, sob a rubrica de — *letigiosas*. — Parece porém que poder-se-hão, sem o minimo escrupulo, lançar por conta do primeiro as que se recomendão pela piedade sincera e summa simplicidade, destoantes dos caracteristicos do segundo poeta.

Foi porém o pulpito o capitolio d'Eusebio de Mattos: ahi adquiriu elle fóros tão avantajados que só poderão ser excedidos pelos do padre Antonio Vieira. As practicas, prégadas no Collegio da Bahia ás sextas feiras á noite em que se mostrava o *Ecce Homo*, forão reunidas em um volume de 4.º e dadas ao prelo em Lisboa no anno de 1677.

São ainda do distincto bahiano o *sermão da soledade e lagrimas da Maria Sanctissima* <sup>2</sup>, a oração funebre do bispo do Brazil D. Estevão dos Sanctos <sup>3</sup> e uma collecção contendo quinze sermões dados a estampa por deligencia de Fr. João de Sancta Maria, que na advertencia preliminar qualifica seu confrade « de engenho singularmente fecundo e em todo o genero de letras divinas e humanas, a todas as luzes grande... de cujos applausos em sua vida voarão desde a America até a Europa, sendo a meu ver abono

<sup>1</sup> Onde tomou o nome de Fr. Eusebio da Soledade.

<sup>2</sup> Impresso em Lisboa em 1681.

<sup>3</sup> Impressa tambem em Lisboa no anno de 1735.

assás realisado merecer as mais vivas attenções do maior orador do nosso seculo o padre Antonio Vieira. <sup>1</sup>. »

A este juizo pode-se addicionar o do abbade Barbosa Machado que na sua *Bibliotheca Lusitana* diz ter sido Eusebio de Mattos «insigne pregador; assim em a subtileza dos discursos como na vehemencia dos affectos; poeta vulgar e latino, cujos versos erão tão discretos como elegantes; musico por arte e natureza, compondo as letras que accomodava aos preceitos da solfa; arithmetico grande, sendo sempre eleito para arbitro das maiores contas; pintor engenhoso do qual se conservão com estimação particular muitos debuxos; discreto, jovial na conversação; e ultimamente tão consummado em todas as partes que constituem um homem perfeito, que affirmava d'elle o padre A. Vieira que Deus se aposentára em o fazer em tudo grande, e não fôra mais por não querer. »

Outro distincto brasileiro, que tambem parece ter sido discipulo do *Chrysostomo Portuguez* foi o padre Antonio de Sá, nascido nesta cidade do Rio de Janeiro em 1620 e nella fallecido em 1678. Aos doze annos de idade entrou para a Companhia de Jesus e ahi fez todos os estudos grangeando dos seus mestres e superiores elevadissimo conceito. Mereceu ser escolhido para prégador regio, cargo summamente ambicionado, e ao qual andavão annexos privilegios e isenções, que fôra dos claustros não encontrão equivalentes.

Apreciando os seus dotes oratorios assim se exprime um seu notavel biographo :

« O ornato das palavras, mais filho da natureza que d'arte, a viveza das acções reguladas pela vehemencia do espirito, a expressão de voz clara e sonora, a delicadeza dos discursos sempre solida, a profundidade dos textos nunca imperceptivel, e a novidade das ideias inimitavel, conciliarão taes applausos ao seu sublime engenho que chegou a brilhar com toda a intenção na presença do primeiro astro da esphera concionatoria, o grande Vieira, que muitas vezes affirmou não ser sensivel a sua ausencia quando tinha por substi-

<sup>1</sup> Diz-nos o sr. Varnhagen, no seu muitas vezes citado *Florilegio*, que Eusebio de Mattos fôra discipulo de philosophia do padre Antonio Vieira, a quem substituiria na regencia da referida cadeira.

tuto Antonio de Sá. Toda esta fama merecida por seu insigne talento desprezou heroicamente e foi para o Brazil a tomar parte nas missões <sup>1</sup>. »

Hyperbolico nos parece o laudo do erudito abbade de Sever, e, em que nos pese o sentimento patriotico, confessamos que pelo que temos lido dos sermões do padre Antonio de Sá não julgamo-lo tão proximo de Vieira que podesse fazer-lhe ás vezes sem *sensível differença*; devendo attribuir-se esse dito (a ser viridico) a delicadeza, o quiçá á espirito de classe, de que tantas mostras dera o amigo e conselheiro de D. João IV.

O sermão, prégado na capella real no dia de Cinza, justamente citado como o mais eloquente e substancioso, abunda em lugares communs, trocadilhos e conceitos de refinado gongorismo <sup>2</sup>. Correcta era porem a linguagem e o estylo abrilhantado de imagens vivas, nascidas d'uma imaginação poetica. Seguia *pari passu* os vôos de Vieira; mas, receoso da sorte de Icaro, não arrojava-se com igual intrepidez á região das nuvens; por isso tambem menos perigosas erão suas quedas.

Por industria de Miguel Rodrigues forão os sermões d'este nosso illustre conterraneo colleccionados n'um só volume, e dados á estampa em 1750, e, talvez pelo escasso numero d'exemplares da tiragem, tornou-se hoje esta obra extremamente rara.

Avantajou-se Manoel Botelho d'Oliveira pela circumstancia de ter sido o primeiro brasileiro que entregou á imprensa as suas obras, e tambem por que, antes dè qualquer outro, presentiu os elementos genesicos que com o andar dos tempos hão de constituir a nossa idyocrasia litteraria. Viu a luz do dia na cidade da Bahia

<sup>1</sup> *Bibliotheca Lusitana* tomo I.

<sup>2</sup> Sirvão de exemplo os seguintes :

- « Que é o amor, senão um inferno com fogo sem eternidade ?
- « Que são os gostos, senão ciladas dos prazeres ?
- « Que são os deleites, senão remansos enlodados ?
- « Que são riquezas, senão maré do oceano ?
- « Que são amizades, senão lisonjas da herva do sol ?
- « Que é finalmente a còrte senão uma roda arrebatada, onde atados de seus desejos volteão os cortezãos miseravelmente atados ? »

no decurso do anno de 1636 e forão seus pais o capitão de infantaria Antonio Alvares d'Oliveira e sua mulher, (cujo nome não chegou ao nosso conhecimento).

Terminados os estudos que então existião na capital do Brazil embarcou-se para o reino, e ali chegando tomou o caminho de Coimbra, e matriculou-se no curso de jurisprudencia, logrando o almejado grão de licenciado.

Nos lazeres que lhe sobravão applicou-se ao aperfeiçoamento da lingua latina, iniciou-se nos segredos da italiana e hespanhola, então muito em voga, e reputada essencialmente poetica por ser a do famoso Gongora oraculo das musas peninsulares.

D'uma antiga tradição conservada em Coimbra e referida por Costa e Silva, consta que nos seus recreios juvenis teve Botelho de Oliveira por constante companheiro á Gregorio de Mattos; e que juntos frequentavão os *outeiros*, que se celebravão na cidade e suburbios, especialmente nos conventos de freiras, por occasião das festas dos oragos, da eleição das preladas, ou dos seus anniversarios natalicios.

Não era porem só nos *outeiros* que ouvião os descantes das suas musas; mas em todos os lugares em que as *nynphas* do Mondego fazião admirar suas graças; differençando-se ali mesmo a diversa indole dos jovens poetas brasileiros.

Desfolhadas as rosas da primavera da vida cuidou Botelho d'Oliveira de regressar aos seus lares, e na sua cidade natal começou a exercer as funcções d'avogado com honra propria e applauso dos contemporaneos. Fez-se notavel pela força subtileza dos argumentos, pela lucidez das provas, e mais que tudo pelo interesse que tomava pelos clientes, sem jamais preterir as formulas e preceitos legaes. Fruindo de geral estima foi escolhido para os cargos da governança da terra, como o de vereador do senado da camara, e capitão mór das ordenanças <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> *Ensaio Biographico-Critico* tomo X.

<sup>2</sup> No antigo regimen as *ordenanças* correspondião a guarda nacional da reserva.

Não sabemo-lo rico; mas sim de posse d'*aurea mediocritas*, desejada por Horacio; e nella terminou a sua existencia terrena no dia 5 de janeiro de 1711.

Ambicioso de gloria reuniu num volume as varias poesias que na dourada quadra da juventude compozera, e as que em annos reflectidos lhe dictara a phantasia, ou o imponente espectaculo da natureza a seus olhos patenteada. O titulo da obra, que no anno de 1705 sahiu da officina typographica de Miguel Manescal, é o requinte do gongorismo; e por si mesmo caracteristico. Denomina-se elle — *Musica do Parnaso, dividido em quatro chóros de rimas portuguezas, castelhanas, italianas e latinas, com o seu descante comico reduzido em duas comedias* — .

Dado o devido desconto ao pessimo gosto da epocha, com o qual infelizmente conformou-se o nosso compatriota, e ao immoderado desejo que nutria d'ostentar erudição linguistica, ainda resta muito para louvar-lhes nesse nobre empreendimento, nesse arrojo com que « não se envergonhou (como diz Costa e Silva) de ser tido por americano <sup>1</sup>. »

Da vernaculidade da sua elocução serve de fiança o honroso voto d'Academia Real das Sciencias de Lisboa, mandando inclui-lo no catalogo dos classicos portuguezes; e da louçania de seus versos e do cunho nativo que buscou imprimir-lhes, serve de padrão a bellissima descripção da *ilha da Maré*, esmaltada com a

<sup>1</sup> Na dedicatoria da citada obra explica esse arrojo nos seguintes termos:

« Nesta America, inculta habitação antigamente de barbaros indios, mal se podia esperar que as musas se fizessem brazileiras: contudo quizerão tambem passar-se a este imperio, onde com a doçura do assucar é tão sympathica com a suavidade do seu canto, achavão muitos engenhos, que, imitando os poetas de Italia e Hespanha, o applicassem a tão discreto entretenimento para que não se queixasse esta ultima parte do mundo que assim como Apollo lhe communica os raios para os dias lhe negasse luz para os entendimentos. Ao meu, posto que inferior aos de que é tão fertil este paiz, dictarão as Musas as presentes Rimas que me resolvi expor á publicidade de todos para ao menos ser o primeiro filho do Brazil que faça publica a suavidade do metro, já que o não sou em merecer outros maiores creditos na poesia. »

amoravel pintura de nossos peixes, plantas, fructos, legumes e flores <sup>1</sup>.

Bastante esforço de vontade lhe foi preciso para arrostar preconceitos, para cantar em sonoros versos aquillo que aos seus coetaneos parecia prosaico; porque o commum dos homens estima o que não possúe, só admira o que não conhece.

O discipulo de Marini, Gongora, Gabriel de Castro, Quevedo e outros luminares do cultismo, queimou incensolouvaminheiro a alguns governadores, como a Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, tão maltratado por Gregorio de Mattos, e occupou seu estro com assumptos, que o espirituoso Diniz desterraria para o *paiz das bagatellas*.

## SEGUNDO PERIODO (Seculo XVIII)

Já vimos no Livro anterior que o seculo XVIII fôra um periodo de verdadeira restauração para as letras portuguezas: e que os esforços dos contemporaneos de D. João IV, D. Affonso VI e de D. Pedro II, receberão a sancção do exito nos reinados de D. João V, D. José e D. Maria I.

Como humilde satellite gravitava o Brazil em torno do astro metropolitano; e para bem comprehender a sua historia e as tendencias dominantes releva atravessar o athlantico e procurar em Lisboa o fio d'Ariadne.

A homerica lucta sustentada pelos pernambucanos contra o poderio da Hollanda e o descobrimento das minas d'ouro e diamantes no

<sup>1</sup> Como adamantina chave fecha a descripção da ilha :

« Esta ilha da Maré, ou da alegria  
 Que é termo da Bahia,  
 Tem quasi tudo quanto o Brazil todo  
 Que de todo o Brazil é breve apodo ;  
 E si algum tempo Cytherea achára  
 Por essa sua Chypre desprezára ;  
 Porém tem com Maria verdadeira  
 Outra Venus melhor por padroeira. »

interior do paiz despertarão a attenção do governo central para a remota colonia, por tanto tempo esquecida, ou desprezada.

Contribuiu outrosim para que sobre ella se fixassem as vistas dos governantes a circumstancia de ser o unico campo deixado á actividade dos reinões: porquanto fôra-lhe arrebatado o theatro e suas glorias (o Oriente) em quanto jazia immerso no somno lethargico do dominio castelhanao.

Erecto em principado desde 1745 <sup>1</sup>, só mereceu particulares cuidados na epocha que deixamos apontada, e sua importancia bem apreciada ao celebrar-se o tratado de Utrecht (1715) em que solememente se lhe pactuarão os limites com as possessões francezas e hespanholas. Só então é que, inventariando suas riquezas, reconheceu Portugal que no Brazil possuia a melhor e mais solida parte d'essas mesmas riquezas.

Mas nem o reconhecimento de tal verdade obrigou-o a prestar mais serio cuidado á cultura intellectual dos colonos luso-americanos, deixados ao acaso nos dois primeiros seculos que se seguirão ao descobrimento e conquista do paiz.

Pelo ligeiro esboço que traçamos da vida d'alguns brasileiros que mais se distinguirão, vê-se que havião elles adquirido as primeiras noções das letras nos collegios da Companhia de Jesus, que então quasi que exclusivamente ministravão-na á juventude estudiosa <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Por decreto de 27 d'outubro d'esse anno determinou-se que d'então por diante os primogenitos e herdeiros presumptivos da corôa portugueza assumissem o titulo de — *principes do Brazil* —.

<sup>2</sup> É certo que as outras ordens religiosas, como a dos franciscanos, carmelitas, beneditinos e oratorianos, introduzidas successivamente, franquearão suas aulas ao publico; nenhuma d'ellas porém poude competir nesse ponto com os jesuitas que possuíão então os mais habéis professores. « Sustentavão os padres da companhia de Jesus, (diz o sr. conselheiro J. M. Pereira da Silva) durante o tempo que residirão no Brazil, aulas servidas por sugeitos de verdadeira distincção. Professavão nellas materias importantes dos conhecimentos humanos, posto não entrassem estas na cathegoria da instrucção superior. Concedião grãos litterarios e theologicos. Espalhavão assim o gosto das letras sagradas e profanas, e preparavão os talentos anciosos de se nutrirem com o estudo das sciencias. Em todas as capitánias, em que os jesuitas tinham casas encontrava o povo escolas organisadas e dirigidas methodica e regularmente, onde podia aprender o que era necessario á instrucção primaria e o que dizia respeito ao conhecimento das humanidades. Não os igualarão as ordens

A paz d'espírito de que gozavão nossos maiores, seu natural talento forão partes para que se entregassem aos exercicios litterarios; os quaes regulando-se pelo diapasão ultramarino reproduzião os velhos moldes, com leves e insignificantes alterações.

Já dissemos que a paixão pelas academias e arcadias, á guisa das italianas, fizera erupção em Portugal na segunda metade do seculo XVII; e que D. Luiz da Cunha e o conde da Ericeira (D. Francisco Xavier de Menezes) podem ser considerados como os corypheus d'essa propaganda. A *Academia dos Singulares*, fundada pelo inquisidor-mór Pedro Duarte Ferrão, serviu de modelo á *Brazilica dos Esquecidos*, que no dia sete de março do anno de 1724 celebrou a sua primeira sessão na cidade do Salvador da Bahia e no palacio do vice-rei Vasco Fernandes Cezar de Menezes, depois conde de Sabugosa.

Foi-nos licito compulsar as actas d'essa academia, de que fizerão parte os engenhos mais peregrinos que existião na capital do vice-reino, e pudemos aquilatar da natureza dos seus trabalhos e do character das suas deliberações. Num estudo que tivemos a honra d'apresentar ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, demos conta da impressão em nós causada por semelhante leitura, e pedimos venia para reproduzir a conclusão a que chegamos.

« Descendente em linha recta das academias italianas, hespanholas e portuguezas, foi a *Academia Brazilica dos Esquecidos* a legitima representante do espirito futil e da incontínencia tropologica que tanto prejudicarão as suas avoengas. Os homens porém que consagrarão os seus lazeres ao cultivo da intelligencia, postoque mal encaminhada, numa epocha em que tão poucas aspirações erão deixadas ás letras, devem ser considerados benemeritos da patria, e

que os substituirão no ensino publico, com quanto algumas se hajão illustrado por varões insignes que as honrarão devidamente. Ainda assim as aulas melhores que possuiu a colonia, posteriormente á expulsão dos jesuitas, forão as dos claustros, sustentadas pelos religiosos distinctos que primarão particularmente nas ordens do Carmo, S. Antonio e S. Bento. » (*Historia da Fundação do Imperio Brasileiro*. Tomo I, Livro II, Secção IV).

sua saudosa memoria religiosamente guardada na urna do respeito e da veneração dos posteros <sup>1</sup>. »

Collige-se das actas das suas sessões que interrompera ella seus trabalhos no dia 4 de fevereiro de 1725, no qual com a 18.<sup>a</sup> conferencia finalisára o primeiro anno. Ignoramos porque não proseguiu no estreado plano; si por dessidencia dos seus membros, ou pelo arrefecimento do favor do seu Mecenas.

Onze annos depois congregarão-se nesta cidade do Rio de Janeiro alguns homens de letras e derão nascimento a uma academia que intitulou-se — *dos Felizes* —, e tomou por empreza — Hercules afugentando com sua clava o ocio, e por divisa a letra — *ignavia fuganda et fugienda* —.

Favorecida como sua primogenita irmã, pelo influxo official, e como ella tambem funcionando no palacio do governador, não se lhe dilatarão os dias d'existencia, succumbindo por causas que nos são igualmente desconhecidas.

« Rastejando os vestigios de suas funcções (diz o visconde de S. Leopoldo) deparei com algumas memorias no gosto e estylo d'aquelles tempos, recitadas em suas reuniões por um seu mais abalisado e laborioso membro, o dr. Matheus Saraiva, physico-mór do presidio do Rio de Janeiro, medico da camara e cirurgião-mór da capitania <sup>2</sup>. »

No governo de Gomes Freire d'Andrade <sup>3</sup> organisou-se uma

<sup>1</sup> Vide *A Academia Brazílica dos Esquecidos — Estudo Historico e Litterario* — lido pelo socio effectivo, conego doutor J. C. Fernandes Pinheiro, e impresso na Rev. do mesmo Instituto, tomo XXXI, — Parte II —.

<sup>2</sup> Vide o desenvolvimento do programma historico — o *Instituto Historico e Geographico Brazileiro, é o representante das ideias de illustração que em differentes epochas, se manifestarão em nosso continente?* — impresso na Rev. do mesmo Instituto I.

<sup>3</sup> Galardoado mais tarde com o titulo de cende de Bobadela e elevado á categoria de vice-rei. Falleceu nesta cidade no dia 1.<sup>o</sup> de janeiro de 1763 em consequencia da grande paixão que experimentou com a perda da Colonia do Sacramento. Governou este benemerito varão a maior parte do Brasil por mais de trinta annos, o seu retrato orna a sala das sessões da nossa camara municipal re-inaugurado e restaurado por proposta do nosso douto anigo o sr. commendador M. A. Porto-Alegre, actualmente consul geral do Brasil em Lisbõa

sociedade que tomou o pretencioso titulo d'*Academia dos Selectos*—, e cujas elucubrações parece haverem-se limitado aos elogios sesquipedaes em honra do seu protector que se lêem num livro, hoje rarissimo, com o titulo de *JUBILOS D'AMERICA na gloriosa exaltação e promoção do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Gomes Freire d'Andrade, Governador das Capitánias do Rio de Janeiro, Minas-Geraes e S. Paulo. Collecção das obras d'Academia dos Selectos, que na cidade do Rio de Janeiro se celebrou em obsequio e applauso do dito Excellentissimo heroe — Pelo douctor Manoel Tavares de Siqueira e Sá, secretario da mesma Academia — Lisbôa — 1754 —*

Mais ephemera do que as suas predecessoras foi essa academia; porquanto apenas consta que celebrasse uma sessão no dia 30 de janeiro de 1752 empregando nella toda a pompa e esplendor, compatíveis com as circumstancias locais.

Semelhantes a fabulosa phenix renascião as academias das suas proprias cinzas: demonstrando d'ess'arte que a actividade litteraria existia latente, irrompendo nos momentos favoraveis. Á 6 de junho de 1759 inaugurou-se na cidade da Bahia uma academia que reclamando a herança da do *Esquecidos* denominou-se — *dos Renascidos* — justificava a sua existencia pela — *necessidade d'erigir um padrão d'alegria que sentirão os habitantes da Bahia com a noticia do perfeito restabelecimento de Sua Magestade Fidelissima, depois da perigosa enfermidade, e do seu affecto á real pessoa* <sup>1</sup>.

Compunha-se de quarenta socios effectivos e setenta e seis supra numerarios <sup>2</sup>: tinha por empreza a phenix fitando os olhos no céo, e a divisa era a letra — *multiplicabo dies*.

Sabemos que quinze sessões celebrou essa academia no periodo decorrido da sua instalação até o dia 26 de abril de 1760 em que

<sup>1</sup> Formaes palavras dos estatutos approvados na primeira sessão.

<sup>2</sup> No annexo ao *Estudo Historico e Litterario* que lemos no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, sob o titulo d'*Academia Brasilica dos Renascidos*, (Rev. do dito Inst. tomo — XXXII — Part II) declinão-se todos os nomes dos academicos de numero dos supra-numerarios. Tem este documento subido valor como thermometro da cultura intellectual d'essa epocha.

deixou de funcionar, atemorizada pela despotica prisão do seu perpetuo director, o conselheiro José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello, accusado de inconfidencia e sepultado nos carceres d'uma fortaleza, onde permaneceu até o anno de 1778 no qual regressou aos seus lares.

Como mais tarde aconteceu a *Arcadia Ulysiponense* dispersarão-se os *academicos renascidos*, e dos seus trabalhos apenas nos consta que sobrevivesse uma — *Historia Militar do Brazil* — desde 1547-1726, offerecida a el-rei D. José I, e composta por José Morales, tenente-coronel d'um dos regimentos da cidade do Salvador e academico da Academia Brasilica dos Renascidos <sup>1</sup>: e outra que nesse mesmo anno de 1760 sahiu das officinas de Francisco Luiz Ameno da cidade de Lisbôa com a seguinte epigrapha: — *CULTO METRICO, Tributo Obsequioso que ás aras da Sacratissima Pureza de MARIA SANCTISSIMA, Senhora Nossa e Mãi de Deus, offerece e consagra pelas sagradas Mão do Exmo. e Romo. Senhor Dom Joseph Botelho de Mattos, Arcebispo da Bahia, Primaz do Estados do Brasil, do Conselho de S. M. F. e Presidente do Supremo Tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens, dos seus escravos o mais rendido Joseph Pires de Carvalho e Albuquerque, Fidalgo da Casa de S. Magestade, Doutor nos Sagrados Canones pela Universidade de Coimbra, Ouvidor e Provedor que foi da Comarca de Albuquerque, Cavalleiro Professo da Ordem de Christo, Alcaide-Mór da Villa de Marogogipe, e Secretario de Estado e Guerra do Brasil, Censor d'Academia Brasilica dos Esquecidos. »*

O poema annuciado tão bombasticamente não passa d'uma insulsa narrativa da vida da Santissima Virgem desde a sua conceição até a assumção, lardeada d'allegorias, antitheses e trocadilhos de genuino gongorismo.

<sup>1</sup> Parece que esta obra fôra suggerida a Moralles por outra de Ignacio Barbosa Machado, membro d'Academia dos Esquecidos a qual se intitulava: — *Exercicio de Marte, Nova Escola de Bellona, Guerra Brazílica, ou Dissertações Críticas-Historicas do estabelecimento e origens dos povos e regiões d'America, povoações, conquistas, guerras e victorias, com que a nação portugueza conseguiu o dominio das quatorze capitánias que formão a Nova Lusitania* — Bahia 1º de junho de 1723.

No vice-reinado do marquez de Lavradio, e por solicitação de seu medico o doutor José Henriques Ferreira fundou-se no Rio de Janeiro uma sociedade scientifica, que estreou seus trabalhos no dia 18 de fevereiro de 1772 no palacio do governo perante numeroso e conspicio auditorio. Tomára por objecto de suas conferencias a historia natural, physica, chimica, agricultura, botanica, cirurgia e pharmacia na parte em que taes assumptos podessem particularmente interessar ao Brasil. Fazião o corpo d'associação os homens mais illustrados que existião nesta cidade, tanto nacionaes como estrangeiros, e consta que se pozera em relação com a Academia Real das Sciencias da Suecia. Consta outrosim que possuira um *horto botanico*, sito na cerca dos extinctos religiosos jesuitas, de que era administrador Antonio José Castrioto, mui versado em materias d'agricultura.

Não sabemos ao certo a duração d'essa sociedade, mas acreditamos com o visconde de S. Leopoldo <sup>1</sup> que ao impulso impresso por esse douto engenho deveu-se o perpetuo padrão erguido por Fr. José Marianno da Conceição Velloso na sua *Flora Fluminense*.

Á cerca da existencia d'*Arcadia Ultramarina*, que alguns escriptores pensarão ter sido fundada nesta capital sob a egide do vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza, e da qual se dizião membros Claudio Manuel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga, José Basilio da Gama, Ignacio José d'Alvarenga Peixoto, Fr. José de Santa Rita Durão, e outros, oppõe-lhe o sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva mui procedentes objecções, confrontando datas, e applicando outros processos, aconselhados pela moderna hermeneutica litteraria <sup>2</sup>. Com o citado critico desconfiamos « que talvez não existisse tal *Arcadia Ultramarina* senão imaginariamente, tomando os poetas os nomes pastoris á seu bel prazer. »

<sup>1</sup> Vide Memoria supra citada impressa no tomo I da *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Braz.*

<sup>2</sup> Vide a *Introdução as Obras Poeticas de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga* e a *Noticia sobre Ignacio José Peixoto Alvarenga*—ambas fazendo parte da *Brazilia, Bibliotheca Nacional dos meliores autores antigos e modernos.*

Manuseando os autos do processo instaurado ao professor de rhetorica Silva Alvarenga descobriu o referido sr. Norberto os estatutos d'uma sociedade litteraria, que secretamente funcionava na casa de residencia do mencionado professor, sita na rua do *Cano*, hoje denominada *Sete de Setembro*. D'essa sociedade fazião parte, entre outros distinctos varões o professor de grego José Marques Pinto, Marianno José Pereira da Fonseca, alcunhado de *doutor biscoito* <sup>1</sup>, o medico Jacyntho José da Silva, o cirurgião Vicente Gomes e o mestre de latim João Manso.

Suspeitando da innocuidade de semelhante reunião entendeu o conde de Rezende, que nessa epocha <sup>2</sup> nos governava, que devera por lhes para leiro ; e, pretextando que não passava d'um *club de Jacobinos*, mandou varejar as casas dos associados, sequestrar lhes livros e papeis, e po-los á sombra das muralhas das fortalezas da Conceição e ilha das Cobras.

Sem absolver o conde de Rezende da tacha de nimio severo, que lhe irrogão acreditados historiadores, entendemos que alguma attenuação poderão encontrar em seu proceder os que attenderem á influencia do meio em que estava elle collocado, pesando-lhe immensa responsabilidade, si por bondade (quicá averbada de fraqueza, ou cumplicidade) deixasse vingar no Rio de Janeiro a planta que alastrára-se na capitania de Minas Geraes ; e si, como o visconde de Barbacena, desprezasse as primeiras denuncias para não perturbar os honrados ocios dos sabios e litteratos.

Não só nessas varias tentativas d'academias e sociedades descobrem-se vestigios d'actividade intellectual de nossos avós ; entre-vendo o valioso subsidio que poder-lhes-hia prestar o potente invento de Guttemberg procurarão aclima-lo nesta capital, prevalendo se da benigna tolerancia de Gomes Freire d'Andrade.

<sup>1</sup> Elevado pelos seus serviços e illustração á hierarchia de *marquez de Maricá*, e mui conhecido pelas suas sabias *Maximas, Pensamentos, e Reflexões*, colleccionadas e publicadas no Rio de Janeiro pelos srs. E. e H. Laemmert.

<sup>2</sup> Em 1794, cinco annos depois da mallograda conspiração mineira (dos *Inconfidentes*) e dois annos depois da execução, do alferes Joaquim José da Silva Xavier, mais conhecido por *Tiradentes*.

Rezão as chronicas que um certo Antonio Isidoro da Fonseca possuiria uma typographia, na qual fizera imprimir duas obras <sup>1</sup>: não proseguindo em outros commettimentos por expressa prohibição da côrte.

Não deve passar desaperecebido que, ao passo que o governo portuguez abafava no nascedouro os primeiros fructos da imprensa no Brazil, o gabinete de Madrid, que não lhe levava as lampas em liberalismo, permittia o estabelecimento de typographias no Mexico e no Perú logo no principio do seculo XVI (!!!).

Essa mesma potencia fundava universidades nas capitaes de suas mais opulentas colonias <sup>2</sup> e tolerava a existencia de collegios e periodicos (em Buenos-Ayres e Montevideo <sup>3</sup>) ao invéz do que practicava Portugal que não nos concedia um unico instituto d'ensino superior obrigando os filhos dos colonos a recorrerem aos da metropole á custa de pesados sacrificios de tempo e dinheiro « Era preciso que á mãi-patria se recorresse (diz o já citado sr. conselheiro Pereira da Silva) que se passassem os mares que separavão a colonia sempre que se pretendesse buscar instrucção mais ampla e variada. A só mocidade que tinha dinheiro, ou a que era coadjuvada por soccorros pecuniarios d'amigos e parentes, ou de camaras que escolhião as vezes com previa licença da côrte jovens em quem parecia madruguar talento superior, conseguirão cursar na metro-

<sup>1</sup> Eis o titulo da primeira obra.

« Relação da entrada que fez o Ex.<sup>mo</sup> R.<sup>mo</sup> S.<sup>or</sup> D. Frei Antonio de Desterro Malheiro, bispo do Rio de Janeiro, em o 1.<sup>o</sup> dia do anno de 1747, havendo sido seis annos Bispo do Reino d'Angola, d'onde por nomeação de S. Magestade e Bulla Pontifice foi promovido para esta Diocese. Compsta pelo Dr. Luiz Antonio Rozado da Cunha, Juiz de Fóra, e Provedor dos defunctos e ausentes, capellas e residuos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro na segunda officina de Antonio Isidoro da Fonseca — Anno de 1747 — Com licença do senhor Bispo. in 4.<sup>o</sup> — 20. pag. —

A segunda publicação denominada *Exame de Bombeiros* pelo sargento-mór José Fernandes Pinto Alpoim sahiu clandestinamente da mesma officina, e foi mandada recolher por carta regia de 15 de julho de 1744, sob pretexto de não se cumprir nella a pragmatica ácerca dos tratamentos.

<sup>2</sup> Como Lima, Mexico, Caracas, Valparaiso e Sancta Fé.

<sup>3</sup> Na primeira d'essas cidades publicavão-se o *Telegrapho Mercantil* e o *Annuario d'Agricultura*, e na segunda a *Estrella do Sul*.

pole as escolas mais adiantadas que ella possuia, e seguir os estudos da universidade de Coimbra, famosa pelos seus mestres e discipulos em todos os territorios do dominio portuguez <sup>1</sup>. »

Pede porém a justiça confessemos ( como já noutro lugar fizemo-lo ) que alguns melhoramentos se derão na instrucção primaria e secundaria depois das radicaes reformas do Marquez de Pombal <sup>2</sup>. Nas cidades e villas de mais importancia se fundarão escolas de primeiras letras e grammatica latina ; e nas capitaes ordenou-se a creação de aulas de grego, rhetorica, philosophia racional e moral, arithmetica, algebra e geometria. Nos seminarios episcopaes, destinados á educação do clero, existião quasi todas essas classes, generosamente franqueadas ao publico, sem o menimo onus, ou estipendio : e conserva-nos a tradição a memoria de muitos privilegiados talentos que ali beberão as primeiras noções das letras e sciencias em que mais tarde se avantajarão.

Lançada esta rapida resenha do nosso desenvolvimento litterario no seculo XVIII investiguemos e as irradiações do engenho nacional.

#### POESIA LYRICA

CLAUDIO MANOEL DA COSTA : — Á 6 de junho de 1729 nasceu este distincto poeta na sitio denominado Ribeiro do Carmo, termo da cidade de Marianna na provincia de Minas Geraes. Manifestada nos arreboes da existencia a grande propensão para as letras foi mandado por seus pais a esta cidade, afim de matricular-se no curso de humanidades, que, com esplendor, aqui mantinhão os jesuitas. Galardoado com a patente de *mestre em artes*, que parece equivalia ao diploma de *bacharel em letras*, seguiu para a universidade de Coimbra onde matriculou-se nas aulas de jurisprudencia.

<sup>1</sup> *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro* Tomo I — Livro III Sec. IV.

<sup>2</sup> A carta de lei de 6 de novembro de 1772 organisou a instrucção primaria no reino e colonias, baseando-a sobre os principios eminentemente liberaes, e os alvarás e decretos que a completarão podem ser ainda hoje consultados com grande aproveitamento. (Vide a *Historia da Instrucção Popular em Portugal* pelo sr. D. Antonio da Costa — Lisboa — 1871).

Dos felizes tempos em que frequentava esta celebre universidade datão as suas relações com as camenas, manifestadas em varias composições estampadas no anno de 1735 e sahidas dos prelos de Antonio Simões <sup>1</sup>.

Laureado com o titulo de bacharel em sciencias juridicas regressou Claudio a sua querida patria e entregou-se a advocacia, entre-meando-se com a habitual convivencia das filhas d'Apollo.

Já exposemos as duvidas que nos assaltão o espirito relativamente á existencia d'essa *Arcadia Ultramarina*, da qual pretende se que o nosso poeta fôra membro com o nome de *Glauceste Saturnio*: duvidas que não consegue dissipar a formal *Saudação á Arcadia*, que se lê na citada collecção de suas poesias <sup>2</sup>. É certo porém que havia nessa epocha na remota capitania de Minas um grupo de poetas distinctos, aos quaes qualifica o sr. F. Wolf <sup>3</sup> d'*escola de Minas*, quiçá com menos propriedade d'expressão. Ora d'esse gremio era Claudio poeminente vulto.

Por solitações do capitão-general Luiz Diogo Lobo da Silva deixou a banca d'advocacia para desempenhar as funcções de secretario

<sup>1</sup> Destinguirão-se entre ellas o *Munusculo Metrico*, romance heroico dedicado a D. Francisco d'Annuniação pela segunda vez reitor da universidade de Coimbra; o *Epicedio*, consagrado á memoria de Fr. Gaspar da Encarnação; os *Numeros Harmonicos temperados em heroica e lyrica consonancia*; e o *Labyrintho d'Amor*, poema.

As *Obras Poeticas*, forão impressas em 1763 quando o auctor já se achava de volta ao seu paiz e constituem-lhe o principal titulo de gloria. Deixou inedito um poema-historico denominado — *Villa Rica* — do qual depois, trataremos, e umas *Memorias Historicas da Capitania de Minas Geraes*, que o *Patriota* (periodico) julgava ser a propria introducção do mencionado poema — *Villa Rica*.

<sup>2</sup> Não é prova concludente de haver qualquer poeta pertencido a uma *Arcadia* a circumstancia de usar de nomes pastoris: porquanto, como muito bem o demonstrou o sr. Innocencio Francisco da Silva, Antonio Ribeiro dos Santos, conhecido por *Elpino Duriense* nunca foi socio d'*Arcadia Ulysiponense*. O mesmo aconteceu com Francisco Manoel do Nascimento, á principio denominado *Filinto Neceno*, e depois *Filinto Elysio*, sem que fizesse parte da primeira nem da segunda *Arcadia*, e João Xavier de Mattos, ou *Albano Erythreo*, que em identicas circumstancias se achava. Um capricho, ou o impulso da moda, determinava muitas vezes essas anthonomasias poeticas.

<sup>3</sup> *Le Brésil Litteraire — Histoire de la Litterature Brésilienne*.

do governo, que renunciou logo que Luiz da Cunha e Menezes tomou o bastão do mando.

Realizando o ideal de Horacio (a *aurea mediocritas*) podia-se dizer feliz o nosso benemerito compatriota: e si o egoismo lhe fosse norma d'acções nada tinha que recear das viscissitudes mundanas. Pulsava-lhe no peito porém um coração eminentemente patriótico; e insensível não poude ser aos queixumes das victimas dos rigores, ordenados pelo ministro Martinho de Mello e Castro, para tornar effectiva a cobrança do imposto de capitação, vulgarmente denominado — *derrama*. —

Das intimas practicas com o ex-ouvidor Thomaz Antonio Gonzaga, recentemente despachado para a relação da Bahia, e com outros notaveis varões, quasi todos vinculados pelo amor ás letras, resultarão certas censuras contra o violento proceder da metropole, insensivelmente convertidas em velleidades da conspiração. A presença de José Alves Maciel, que acabava de chegar d'uma viagem a Europa e aos Estados-Unidos, e todo imbuido nas ideias democraticas que ahi prevalecião, a imaginação ardente e apaixonada do dr. Domingos Vidal Barbosa, medico habil e popularissimo, combinadas com a legendaria exaltação do alferes de cavallaria Joaquim José da Silva Xavier, vulgo *Tiradentes*, derão corpo aos sonhos d'esses platonicos amadores da liberdade.

Advertido em tempo pelo coronei Joaquim Silverio dos Reis (vulgo *Joaquim Salterio*) suspendeu o visconde governador a cobrança da *derrama*, frustando a conspiração a qual d'ess'arte arrebatava o movel do descontentamento popular. Claudio, Gonzaga, Alvarenga Peixoto, que constituição o directorio, assentarão em dar por findos os seus planos e aguardarem melhor ensejo. Discordou d'esse prudente alvitre a parte exaltada, de que se tornou *chefe visível* o supradito alferes; e, accumulando imprudencia sobre imprudencia, despertou a vigilancia do capitão general que, sob pena de comprometter-se, não podia permanecer em sua apparente seguridade.

Denunciado como um dos promotores da planejada conspiração foi Claudio Manoel recolhido á cadeia de Villa Rica em estado valedudinario; não lhe valendo idade, posição e serviços para escapar

aos infamantes procedimentos com que erão tratados os suspeitos do crime de *inconfidencia e lesa magestade da primeira cabeça*.

Alquebrado o animo pelo phantasma do supplicio, que sabia estar-lhe reservado, fraqueou o nosso desventurado conterraneo nos interrogatorios a que teve de responder: cahiu em repetidas contradicções, desceu á retratacções humilhantes, e a arrependimentos, que, por honra sua, não cremos sinceros! Talvez fossem os primeiros assomos da alienação mental, que inspirou-lhe o fatal designio de terminar por suas mãos a existencia enforcando-se com um barço feito d'uma liga pendente d'um armario no dia 4 de julho de 1789 <sup>1</sup>.

Pertenceu o nosso illustre conterraneo á escola bucolista, restaurada pela primeira Arcadia; assim pois compunhão-se quasi todas as suas poesias de sonetos, cantatas, canções, cançonetas, lyras e eclogas, nas quaes predominava certa melancolia propria d'essa escola, e quiçá do character do auctor. Entre seus sonetos alguns ha dignos de particular nota, visivelmente inspirados pela assidua leitura de Petrarcha, Tasso, Ariosto e outros mestres da poesia italiana. Nas canções e cançonetas mostrou-se discipulo de Guarini e Metastasio, sem deixar de regular-se pelos exemplos de Camões, Bernardes, Lobo, Quita, etc.

É justamente celebre a fabula do *Ribeirão do Carmo*, onde sob a forma d'elegante allegoria, descreve o nascimento do ribeirão, e a sua alegre infancia; mas quando passa a narrativa dos desgraçados amores com a nymphe Eulina, arrebatada por Apollo, parece pintar-nos seus proprios amorosos infortunios.

Bellissimo é o quadro em que figura a mescla do sangue do heroe com as aguas despejadas das verdes planicies que circundão a cidade de Marianna; bem como a virulenta apostrophe contra os homens ambiciosos que *lhe estão rasgando as miseras entranhas* crendo encontrar ali fabulosas riquezas <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Vide a *Biographia* de *Claudio Manuel da Costa* por nós escripta e publicada na *Revista Popular*, tomo XII, e transcripta na *Revista do Inst. Hist.* tomo XXXII

<sup>2</sup> Pensamos ser agradaveis aos leitores dando-lhes a integra d'essa lindissima apostrophe:

Tão preciosa perola fugiu inconsciente á plastica musa de Claudio Manuel, as galas e primores descriptivos que ali se notão, e que nos offerecem um ante gosto do nativismo americano, não entravão em seu plano, nem formavão parte d'um systema preconcebido. Do proprio prologo colligimos o constrangimento com que se occupava d'assumptos, por elle considerados prosaicos.

« Aqui (dizia elle) entre a grossaria dos seus genios, que menos pudera eu fazer, que entregar-me ao ocio, e sepultar-me na ignorancia ! Que menos do que abandonar as fingidas nymphas d'estes

« Por mais desgraça minha  
 Dos thesoiros preciosos  
 Chegou noticia que eu roubado tinha,  
 Aos homens ambiciosos ;  
 E crendo em mim riquezas tão estranhas,  
 Me estão rasgando as miseras entranhas.

« Polido o ferro duro  
 Na abrazadora chamma  
 Sobre os meus hombros bate tão seguro  
 Que nem a dor que clama,  
 Nem o esteril disvello da porfia  
 Desengana a ambiciosa tyrannia

« Ah ! mortaes ! até quando  
 Vos cega o pensamento !  
 Que machinas estaes edificando  
 Sobre tão louco intento.  
 Como nem ainda no seu reino immundo  
 Vive seguro o Barathro profundo !

« Idolatrando a ruina  
 Lá penetra o centro  
 Que Appollo não banhou, nem viu Lucina ;  
 E das entranhas dentro  
 Da profanada terra  
 Buscaes o desconcerto, a furia, a guerra !

« Que exemplos vos não dita  
 Do ambicioso empenho  
 De Polydoro a misera desdita !  
 Que perigos o tenho  
 Que entregaste primeiro ao mar salgado,  
 Que desenganos vos não tem custado ! »

rios ; e no centro d'elles adorar a preciosidade d'aquelles metaes que tem attrahido a este clima os corações de toda a Europa ! Não são estas as venturosas praias d'Arcadia ; onde o som das aguas inspirava a harmonia dos versos. Turva e feia a corrente d'estes ribeiros deixa ponderar a ambiciosa fadiga de minerar a terra, que lhes tem pervertido as côres.

« A desconsolação de não poder substabelecer aqui as delicias do Tejo, do Lima e do Mondego, me fez entorpecer o engenho dentro do meu berço : mas nada bastou para deixar de confessar a seu respeito a maior paixão. Esta me persuadiu a invocar muitas vezes e a escrever a fabula do Ribeirão do Carmo, rio o mais rico d'esta capitania, que corre e dava o nome a cidade de Marianna, minha patria, quando era villa. »

Favoraveis não lhe correrão os amores com a *ingrata Eulina*, a quem Dirceu oppunha a *terna Marilia* : e nos sonetos e canções descobrem-se vestigios da dôr que semelhante repulsa lhe causava. Talvez que por essa circumstancia permanecesse elle celibatario, não seguindo o exemplo do citado amigo, que dispunha-se a accender o facho de hymineu quando lh'o vedarão os successos politicos a que já alludimos.

Não só na especie erotica, como tambem nas lyrica e elegiaca, ensaiou Claudio o seu cultissimo estro : devemos-lhe algumas odes e epicedios, recommendaveis pela alteza dos pensamentos e sonoridade do metro.

Como seus comprovincianos Basilio da Gama e Santa Rita Durão, ambicionou a palma d'epico: e, tomando por argumento a fundação da cidade que servia de séde á capitania, compoz um poema a que intitolou — *Villa Rica* — <sup>1</sup>.

Faltão-lhe todos os requisitos dos denominados — *romances*, ou

<sup>1</sup> Este poema, offerecido pelo auctor a José Antonio Freire d'Andrade, irmão do 1º conde de Bobadella, foi escripto no anno de 1773, permanecendo inedito até o de 1839 em que o sr. conselheiro José Pedro Dias de Carvalho o deu á estampa na cidade de Ouro Preto, em obsequio ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro. É precedido d'um *Fundamento Historico*, de subido valor, pela copia e segurança de informações relativas á fundação e estabelecimento das principaes cidades, villas e arraiaes da provincia de Minas.

*romanescos* —; e não podendo caber-lhe o predicado d'epico pela absoluta deficiencia de grandeza e interesse, fica-lhe restando a qualificação de *historico* bem pouco coroavel á imaginação.

Lamenta-se outrosim nesse poema a ausencia de *cór local*, e o emprego de certas imagens, pouco adequadas ao character e situação dos personagens. A taes senões, apenas remidos por algumas descrições e reminiscencias heroicas, junta-se ainda o infelicissimo emprego da rima pareada.

Nos arroubos do seu mui louvavel patriotismo julgou o sr. conselheiro Pereira da Silva entrever nos sonetos de Claudio qualidades que o emparelhavão com os primeiros engenhos poeticos. « Não se arreceiarião de certo Bocage, Petrarcha, Boscan, ou Garcilaso de la Vega, de que lhe fossem attribuidos os sonetos de Claudio Manoel (diz o illustrado critico) tanto nelles se liga e harmonisa tudo. Pensamento verdadeiramente poetico, imagens pictorescas e apropriadas, phrases cadentes, sonoras e encadeiadas com toda a perfeição; rima harmoniosa, pura, limpida e tão completa que acaba natural e suavemente o verso e forma como que uma musica doce e sentimental, cuja toada deixa o espirito commovido, arrebatado o coração, e a alma curva-se sob a impressão duradoura de suas melodias <sup>1</sup>. »

Pesa-nos discordar de tão auctorizado juizo; como porém rendemos á verdade illimitado preito e antepomos a franqueza a convenionadas reservas, diremos que o nosso compatriota está muito longe de taes modelos, que até parecem adrede buscados para deixa-lo na penumbra. Não duvidamos confessar que alguma graça nota-se em seus sonetos; a caligem porém dos lugares communs obumbra-lhes o brillantismo; e uma certa monotonia gera perenne tedio, e arreda-lhe o numeroso concurso dos leitores pouco eruditos.

GONZAGA (*Thomaz Antonio*): — Filho legitimo do licenciado (em direito) João Bernardo Gonzaga (natural do Rio de Janeiro) e

<sup>1</sup> *Varões Illustres do Brazil durante os tempos coloniaes*. Tomo II — 3ª edição parisiense — 1868 —.

de sua mulher D. Thomazia Isabel Gonzaga, nasceu na cidade do Porto em agosto de 1774. Ainda menino mandarão-no para Coimbra, graduando-se em jurisprudencia quando apenas contava dezenove annos. Ambicionando trilhar a vereda em que seu pai adquirira honrado nome, começou por juiz de fóra de Béja d'onde foi removido para varios outros termos do reino, até que em 1782 recebeu o predicamento d'ouvidor de Villa Rica. Com a maior integridade e intelligencia exerceu esse cargo, recebendo em recompensa (em 1788) a beca de desembargador da relação da Bahia, onde, em companhia de seus pais, passára os primeiros annos da puericia.

Retardava-lhe a partida para o lugar do seu destino a licença que mandára pedir á côrte para alliar-se matrimonialmente com D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas, sobrinha e tutelada do tenente-coronel João Carlos Xavier da Silva Ferrão, ajudante d'ordens do governador. Era essa senhora afamada em toda a capitania pela sua peregrina belleza, e inspirára ao severo magistrado, que já então entrára na phase calma da existencia, uma d'essas paixões, que, semelhantes á tunica de Nesso, adherem perpetuamente ao individuo.

Estava « *nesse engano d'alma ledo e cego — que a fortuna não deixa durar muito —* » na phrase de Camões, quando os acontecimentos a que anteriormente nos referimos, vierão chama-lo á realidade da vida. Suas intimas relações com os doutores Claudio Alvarenga Peixoto, Maciel, Vidal Barbosa, tenente-coronel Freire d'Andrade, conego Vieira da Silva, vigario Toledo e outros corypheus da conjuração chamada dos *inconfidentes*, motivarão-lhe a prisão na manhã do dia 23 de maio de 1789. Na conformidade da legislação vigente forão-lhe sequestrados os seus exiguos haveres, dos quaes constituíão a melhor parte oitenta e tres livros de varios autores latinos, francezes e portuguezes.

Como seus companheiros de infortunio veio Gonzaga para esta cidade, onde recolherão-no ás masmorras da fortaleza da ilha das Cobras, nas quaes permaneceu por cinco mezes, tempo exigido pelas delongas da formação da culpa. Ao cabo d'esse tempo compareceu perante seus juizes, e teve de responder a dous tediosos interrogatorios que absorverão o espaço de dous mezes e dezeseite dias.

Parece que o seu estado valetudinario determinou a remoção para o carcere provisorio, estabelecido em uma casa pertencente á ordem terceira da penitencia, onde continuou incommunicavel, e do qual só sahiu para responder aos novos interrogatorios ordenados pelos ministros d'alçada <sup>1</sup>, presidida pelo Chanceller da relação do Rio de Janeiro, conselheiro Sebastião Xavier de Vasconcellos Coitinho.

No correr d'esse processo nota o ultimo citado biographo uma notavel circumstancia ; a de ter sido Gonzaga « o unico dos conjurados que se defendeu com mais energia de character e o que melhor sustentou-se na base que procurou para a sua defeza. » Essa base fe-la consistir na absoluta e completa negativa de haver tido conhecimento da conjuração, desafiando a quem quer que fosse *insuspeito* a provar-lhe o contrario. Appellava para os testemunhos do visconde de Barbacena, e o intendente das minas, que, sem formalmente recusar-lh'os, adiavão indefenidamente a remessa fazendo com que o accusado protestasse — que não lhe servisse essa falta de prejuizo antes se julgasse provada a sua defeza *por não ser d'acreditar que um réo peça documentos falsos a um excellentissimo general e a um ministro, que vindos contrarios lhe serverião de maior damno á sua defeza*—.

Habil jurista converteu em seu pról os recursos da sciencia ; e por mais d'uma vez embarçou aos juizes, que, nos meandros das distincções e casuisticas, pretendião colhe-lo. Até, do acaso do nascimento valeu-se ; fazendo ver que sendo reinol não era crível que os conjurados o procurassem para chefe, ou conselheiro, tendo entre os naturaes sujeitos de notaveis habilitações. Adduziu a circumstancia d'achar-se despachado para a relação da Bahia para onde tencionava a partir logo que chegasse a solicitada licença para o seu consorcio, nenhum interesse mais ligando o á capitania de Minas ; e não esqueceu de mencionar o conselho de prudencia que ácerca d'arrecadação d'atrazada *derrama* dera ao intendente de Villa Rica Francisco Gregorio Pires Monteiro Bandeira.

Imperturbavel manteve-se na acareação com o conego Luiz

<sup>1</sup> Vide *Noticia sobre Thomaz Antonio Gonzaga e suas obras* pelo sr. J. Norberto de S. e S., precedendo á nova edição da *Marilia de Dirceu* — Paris — 1862 —.

Vieira da Silva, o vigario Carlos Correia de Toledo e o doutor Ignacio José de Alvarenga Peixoto, que, talvez lembrados da solidariedade entre elles existente, nada disserão que aggravasse a afflicção ao afflicto.

Fallando do modo porque alguns indiciados se houverão em seus depoimentos observa o sr. Norberto que o desditoso Xavier (*Tiradentes*), com quanto inimigo de Gonzaga, portou-se com nobreza de character distoante do proceder do mavioso amante de Marilia, o qual, desconfiando lhe fosse o dito Xavier adverso, destinou-lhe a camisola de louco numa das suas lyras <sup>1</sup>! Debil no raciocinio, mas heroico no comportamento, não maculou-se o Codro mineiro por

<sup>1</sup> Eis o passo a que alludimos:

« Ha em Minas um homem,  
Ou por seu nascimento, ou seu thesouro,  
Que aos outros mover possa  
Á força de respeito, á força d'ouro?  
Os bens de quantos julgas rebellados  
Podem manter na guerra  
Por um anno se quer a um soldado ?

« Ama a gente assisada  
« A honra, a vida, o cabedal tão pouco  
Que ponha uma acção d'estas  
*Nas mãos d'um pobre, sem respeito e louco ?*  
*E quando a commissão lhe confiasse,*  
*Não tinha pobre somma*  
*Que por paga, ou esmola lhe mandasse !*

« Nos limites de Minas,  
A quem se convidasse não havia ;  
Ir-se-hião buscar socios  
Na Colonia tambem, e na Bahia ?  
Está voltada a cõrte brasileira  
Na terra dos suissos,  
Onde as potencias vão erguer bandeira ?

« O mesmo auctor do insulto  
Mais o riso do que o temor me move :  
*Deu-lhe n'este loucura,*  
*Podia-se fazer Neptuno ou Jove.*  
*A prudencia é trata-lo por demente,*  
*Ou prende-lo e entrega-lo*  
*Para d'elle zombar a moça gente. »*

nenhuma infamia. Proferiu finalmente a alçada o seu *veredictum* <sup>1</sup> e condemnou Thomaz Antonio Gonzaga a desterro perpetuo para um presidio d'Angola e na confiscação de seus bens <sup>2</sup>.

No dia 23 de maio de 1792, terceiro anniversario de sua prisão, deixou ás plagas fluminenses demandando ás d'Africa á bordo do navio *Princeza do Brazil*.

Apenas desembarcado foi assaltado d'uma violenta febre de que poudes escapar por virtude de sua robusta compleição, e principalmente pelos cuidados d'Alexandre Roberto Mascarenhas e os carinhos de sua filha D. Juliana de Sousa Mascarenhas em cuja casa se hospedára.

Por essa dama esqueceu Gonzaga a formosa Marilia ; á ponto de consorciar-se com a opulenta africana em maio de 1793. E tão apagada parecia a antecedente affeição que, no depoimento prestado perante a auctoridade ecclesiastica declarou — *que nunca dera palavra de casamento a pessoa alguma* <sup>3</sup>!! — Sirva porém d'atenuação a tão insolito procedimento a circumstancia d'afiançarem alguns biographos que o ataque febril lhe deixara grave lesão no entendimento.

É ainda por essa lesão explicavel o estado apathico em que viveu mergulhado os derradeiros quinze annos d'amargurada existencia, entre accessos de furor e tenebrosa melancolia ; aproveitando os curtos lazeres que lhe consentião suas enfermidades para entregar-se ao exercicio da advocacia.

« A bella arvore (diz o sr. Norberto) definhou em terreno esteril para onde a transplantarão. Vegetava apenas sem folhas, sem flores, sem fructos. Astro apagado gravitava ainda no espaço, mas sem saber onde lhe ficára a luz, e como brilhára em seus dias de pompa e de gloria. Nos lucidos intervallos que tinha recordou-se uma, ou outra vez, do seu estro ; mas as cordas da sua lyra havião estalado,

<sup>1</sup> No dia 18 d'abril 1792.

<sup>2</sup> Foi depois commutada sentença em dez annos de degredo para Moçambique, sob pena de morte si voltasse a America.

<sup>3</sup> Vide a citada *Noticia* do sr. Norberto pag. 84

mas a chamma que lhe illuminára a mente se extinguiu, e nada mais pode produzir a sua musa, sem inspiração. Quinze annos arrastou assim a sua existencia — insipida, enfadonha — apenas comparada a vegetação animal. Gozava da estima dos habitantes d'esse torrão africano e de seus governadores, mas não era amado pela mulher que esposára, e que o não comprehendia, que estragou-lhe a fortuna proveniente de seu dote, e a dôr e a tristeza do proscripto o abysmarão num pelago sombrio. »

Seguindo a versão, que mais segura parece-nos, collocamos o fallecimento de Gonzaga no anno de 1807.

O melhor e mais seguro titulo da gloria litteraria de Gonzaga funda-se numa collecção de poesias eroticas conhecidas por *Marilia de Dirceu*<sup>1</sup> e divididas em tres partes<sup>2</sup>; sendo a primeira a historia dos seus felizes amores com D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas, e as duas outras as magoadas endechas do seu infortunio, ou as longinquas esperanças de melhores dias.

Nenhum outro livro em lingua portugueza (se exceptuarmos os *Lusiadas* de Camões) tem tido tantas e tão repetidas edições: prova indefectivel da sua popularidade<sup>3</sup>. Essa popularidade deveu-a principalmente as circumstancias romanescas da vida do auctor, e tambem a grande doçura e maviosidade da metrificacão.

Como Claudio Manoel era Gonzaga discipulo da escola italiana, mas suas preferencias votava-as a Petrarcha, cujos amores com Laura lhe offerecião donosos e tentadores modelos. Bucolista por imitação nem sempre guardava fidelidade ao papel que escolhera;

<sup>1</sup> Applicamos á este poeta o raciocinio que fizemos relativamente a Claudio Manoel da Costa quanto á sua filiação na supposta — *Arcadia Ultramarina*, ou em qualquer outra.

<sup>2</sup> A terceira parte das *Lyras de Marilia de Dirceu* passa por espuria aos olhos d'alguns criticos, havendo quem os attribúa ao mimoso poeta mineiro José Eloy Ottoni.

<sup>3</sup> Seguindo as indicações do sr. Innocencio da Silva (*Dicc. Bibliogr.*) calculamos em quinze as edições d'esta obra sendo a ultima a de 1862, edictorada pelo sr. B. L. Garnier em dois vol. in-12.

porquanto não raro olvidava se da pastora Marilia para traçar-nos o retrato da formosa e elegante donzella de Villa-Rica.

Cultor da forma faltava-lhe absolutamente o cunho da originalidade, como facil será d'averiguar a quem se der a pena d'entrar no confronto das suas melhores lyras com os exemplares gregos, latinos, e italianos que lhe servirão de norma <sup>1</sup>. Nem lhe queiramos mal por isso; visto como era esse achaque commum aos poetas contemporaneos, maximé dos portuguezes, cujas obras como já vimos, erão mais, ou menos reflexos das italianas, hespanholas, ou francezes.

Brazileiro d'origem, brasileiro pelo entranhado amor que consagra ao paiz de sua selecção, na qual buscava vincular-se pelo matrimonio, e por cuja liberdade formava ardentissimos votos, sendo (quanto a nós) a alma da famosa conspiração mineira de 1789, não soube (ou quiçá não poude) imprimir em seus versos o cunho do *nativismo*, que lhes daria tanto encanto, communican-

<sup>1</sup> Por motivo da publicação de *Musa Latina*, ou versão das melhores lyras de T. A. Gonzaga, dirigiu o sr. conselheiro J. F. de Castilho ao sr. dr. A. de Castro Lopes, uma eruditissima carta na qual, com sua costumada proficiencia, discutiu a questão da originalidade de Dirceu. Pedimos-lhe venia para apropriarmo-nos dos seguintes paragraphos:

« Em meu juizo, assás incompetentissimo, é Thomaz Antonio Gonzaga, na fama litteraria de que se goza, muito mais feliz do que esse desditoso na vida e na morte, em sua pessoa o fôra. Reputações ha ahi com fóros d'arca santa em que é defeso tocar; após um primeiro admirador vai-se tacitamente endoçando aquelle enleio e pasmo, e transitada na chancellaria da convenção, passa a sentença um julgado: *res judicata pro veritate habetur*.

« Não ha duvida de que as muitas edições da *Marilia de Dirceu* manifestão popularidade da obra; mas para juiz dos quilates de V. S. não é essa a questão, e sim: merece o livro o credito que tem? — é Gonzaga poeta de inspirações, de originalidade, de talento superior? — *adhuc sub judice lis est*.

« Si V. S. traductor, não houvesse timbrado em parecer mais original do que o ouvidor de Villa-Rica, facil lhe teria sido na sua *Musa Latina* restituir a Horacio, Tibullo, Gallo, Propercio, Catullo, e quiçá a alguma versão latina de Anacreonte, ou Theocrito, tantos pensamentos, phrases, versos inteiros, que, afinal no magro voluminho pouco deixaria de clara propriedade do auctor, si houveramos d'exceptuar uma ideia de lyras, e essas mesmas menos admiraveis pelo que dizem que pelo modo mimoso como dizem. »

(Vide *Correio Mercantil* de 26 de maio de 1868.)

lhes certo sabor acre, proprio dos fructos sylvestres <sup>1</sup>. Semelhante a Claudio volvia Gonzaga suas vistas para além do atlantico, parecia continuar uma toada que ouvira nas margens do Mondego, e cerrando os olhos para não ser deslumbrado pelos esplendores do nosso céu tropical vislumbrava a sonhada Arcadia por entre as brumas das classicas reminiscencias.

Relava porém que não sejamos nimio severos para com os que, intrepidos, desbravarão as veredas do obscurantismo: nem justo parece o querer aferir pelo nosso ideal ideias e tendencias que lhes norteavão a inspiração. A parte descriptiva, que hoje constitue a mór belleza da poesia nacional, era então quasi desconhecida; e uma quebra de *prosaismo* andava annexa ás pinturas dos objectos por de mais conhecidos.

Algumas outras poesias de somenos valor attribue a tradição ao desventurado amante de Marilia, como seião um poema ao naufragio da não portugueza — *Marialva* —, e um cantico a Virgem Santissima. « Acredita-se porém (diz o sr. Norberto) que essas poesias são fracos lampejos de sua musa enferma da nostalgia, torturada nos carceres e envelhecida no auxilio, e não estão á par de suas tão louvadas lyras, que antes revelão a desordem de seu espirito, o desamparo de sua inspiração, e a queda da sua intelligencia <sup>2</sup>. »

<sup>1</sup> Razão tinha Garrett quando a tal respeito escrevia estas conceituosas palavras :

« . . . . . quizera que em vez de nos debuchar no Brazil scenas d'Arcadia, quadros inteiramente europeus, pintasse os seus paineis com as côres do paiz onde os estreou. Oh! quanto não perdeu a poesia neste fatal erro! Si essa amavel, si essa ingenua Marilia, fosse como a Virginia de Saint Pierre, sentar-se á sombra das palmeiras, e em quanto lhe revoavão em torno o cardeal soberbo com a purpura dos reis, o sabiá terno e melodioso, que saltão pelos montes, a cotia fuga como a lebre da Europa, e grave passeasse pela orla da ribeira o tatú esquamoso, ella se entretivesse em tecer para o seu amigo e seu cantor uma grinalda não de rosas, não de jasmims, porém de roxos martyrios, das alvas flores dos vermelhos bagos do lustroso cafezeiro, que pintura si a desenhára com sua natural graça e ingenuo pincel de Gonzaga! »

(*Bosquejo da Historia da Poesia e da Ling. Portug.*)

<sup>2</sup> *Noticia sobre T. A. Gonzaga e suas obras loco citato.*

Pelas *Cartas Chilenas* <sup>1</sup>, virulenta satyra contra o governador de Minas-Geraes Luiz da Cunha de Menezes, forão chamados a auctoria Gonzaga, Claudio e Alvarenga Peixoto ; pensando o sr. conselheiro Pereira da Silva que talvez fossem ellas obra collectiva d'esses tres poetas coevos e intimos amigos. Inclina-se o sr. Varnhagen pela hypothese de ser o ultimo dos citados poetas o unico responsavel pela dita obra, ao passo que o sr. dr L. F. da Veiga esforça-se por provar que ao ouvidor de Villa Rica deve-se essa composição poetica. Sem documentos que possamos oppôr a formal asserção do diligente bibliophilo pedimos-lhe venia para poder ponderar que do exame do estylo, da cadencia dos metros, e até da construcção syntaxica resultou-nos a desconfiança que tão insulsa satyra, condimentada aqui, ou acolá, com o grosseiro sal do sarcasmo, possa ser obra do ameno e cavalheiresco magistrado, cujo tracto familiar deliciava aos contubernaes, quasi tanto como suas lyras nos proporcionão ainda hoje agradaveis emoções <sup>2</sup>.

Si barbaro sequestro <sup>3</sup> não nos houvesse privado dos seus the-

<sup>1</sup> Estas cartas publicadas parcialmente (7) na *Minerva Brasiliense* forão editados (13) integralmente pelo sr. dr. Luiz Francisco da Veiga (Rio de Janeiro — 1863).

<sup>2</sup> Elucidando este ponto diz o sr. Norberto :

« Ora, que não é Gonzaga o auctor das *Cartas Chilenas* está mais do que provado, não só porque se falla d'elle n'essas mesmas *Cartas* como até Gonzaga não procuraria tractar das disputas que tivera com outrem por causa d'uma amasia, e tão somente para escapar á paternidade das celebres satyras. Acresce mais que o estylo d'essas *Cartas* está muito longe do estylo do cantor d'aquellas tão famigeradas lyras, que tão grande nome lhe derão. São escriptos com muito deleixo e desalinho para serem do amaneirado auctor da *Marilia de Dirceu*. »

(Vide — *Noticia sobre I. J. d'Alvarenga Peixoto e suas obras*—inserta na nova edição das *Obras Poetica* — feita pelo sr. B. L. Garnier em 1865 —)

<sup>3</sup> Consta do auto de sequestro que forão apprehendidos na casa da residencia do desembargador T. A. Gonzaga em Villa Rica grande quantidade de papeis, guardados em gavetas e bahús, com que se encherão dois sacos d'estopa, cuidadosamente cosidos e laçados. Ainda hoje se ignora qual o destino que levarão esses papeis, que mui provavelmente nunca lhe forão restituídos. Talvez que d'esse espolio fizessem parte o *Tractado d'Educação* que o sr. Norberto diz ter visto em casa do fallecido José Amaro de Lemos Magalhães, e as *Cartas Apologeticas sobre a honestidade das usuras*, offerecidas (em manuscrito) ao Instituto Historico pelo sr. vigario Philippe José Correia de Mello.

souros litterarios é provavel que importantes obras devidas ao engenho poetico, ou sciencia juridica de Gonzaga opulentassem a litteratura dos povos que se exprimem no idioma de Camões.

ALVARENGA PEIXOTO (*Ignacio José de*): — Filho legitimo de Simão d'Alvarenga Braga e D. Angela Michaela da Cunha viu a luz do dia nesta cidade do Rio de Janeiro no decurso do anno de 1744. Parece que alvoreceu-lhe o talento poetico ao sahir da infancia; visto como aos quatorze annos, e quando ainda frequentava as aulas de preparatorios do collegio jesuitico, compunha bellos sonetos sobre assumptos historicos. Dispunha-se a receber o grão de *mestre em artes* quando na madrugada do dia 3 de março 1759 cercou Gomes Freire d'Andrade, governador e capitão general do Brasil Meredional, o collegio dos padres da Companhia e remetteu-os presos para Lisbôa, em obediencia ás ordens d'ahi recebidas <sup>1</sup>.

Interrompida aqui a carreira litteraria força era que algures buscasse completa-la; e por isso dirigiu-se a universidade de Coimbra, onde foi juntar-se ao seu parente Thomaz Antonio de Gonzaga, graduando-se ambos na mesma faculdade.

Feito o tyrocínio, conhecido pela denominação de — leitura no desembargo do paço — foi despachado juiz de fóra de Cintra, e, completado o triennio, pensou em volver á patria. Achava-se ainda em Lisbôa por ocasião das grandes solemnidades com que se effeituou a inauguração da estatua equestre d'el-rei D. José, e tomando parte no certame poetico, compoz um bellissimo soneto <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Banidos e proscriptos de Portugal e seus dominios por alvará de 19 de janeiro de 1759, forão os jesuitas desnaturalizados por outro datado de 3 de setembro do mesmo anno. Os que existião no collegio d'esta cidade embarcarão no dia 16 de março.

<sup>2</sup> Eis o soneto a que alludimos:

« A America sujeita, Asia vencida,  
Africa escrava, Europa respeitosa,  
Restaurada mais rica e mais formosa  
A fundação de Ulysses destruida

« São a base em que vemos erigida  
A colossal estatua magestosa.  
Que d'el-rei á memoria gloriosa  
Consagrou Lusitania agradecida.

de parceria com seus compatriotas Basilio da Gama, Seixas, e Silva Alvarenga.

A effusão propria de quem, após longa ausencia revê seus lares, juntou Alvarenga Peixoto a satisfação de contemplar á frente da colonia luso-americana um varão distincto pelas suas rarissimas qualidades, referimo-nos ao marquez de Lavradio, que não satisfeito de promover a lavoura e a industria, acoroçoava as sciencias, letras e artes, chegando ao extremo de fundar um theatro, a cujas representações costumava assistir. Para comprazer a esse illustre Mecenas, e á solicitações do outro Alvarenga, verteu elle do idioma italiano a *Merope* de Maffei, e compoz um drama original a que deu o titulo de *Eneas no Lacio*.

Pago o tributo ás affeições de familia dispoz-se Alvarenga a seguir para seu destino, que era a comarca do Rio das Mortes para onde viera despachado ouvidor.

Exercia esse elevado cargo de judicatura quando contrahiu matrimonio com uma senhora, alliada a uma das principaes familias da terra, e descendente d'esses audaciosos paulistas, proto-exploradores de quasi todo o Brazil. Chamava-se ella D. Barbara Heliodora Guilhermina da Silveira; e si nos dons da belleza cedia a palma á D. Maria Dorothea levava-lhe decidida vantagem nos do entendimento <sup>1</sup>.

Cremos que o estremecido amor que votava á tão virtuosa e inte-

« Mas como a gloria do monarcha justo  
É bem que aquelle heroe se communique,  
Que a fama canta, que eternisa o busto,

« Pombal junto a José eterno fique  
Qual o famoso Agrippa junto a Augusto  
Como Sully ao pé do grande Henrique. »

<sup>1</sup> O illustrado auctor das *Brazileiras Celebres* (o sr. Norberto), assim se exprime fallando da esposa d'Alvarenga.

« Superior á anante de Gonzaga pela imaginação brilhante de que era dotada, e pelo estro ardente que possuia, poude a noiva d'Alvarenga Peixoto corresponder-lhe na mesma linguagem, e o commercio das musas entreteve por algum tempo o amor em que mutuamente se abrazavão, até que os laços do consorcio os ligarão para sempre. »

(Noticias sobre I. J. d'Alvarenga Peixoto e suas obras loco citato.)

ressante senhora e as preocupações do futuro da prole determinarão-no a abrir mão das vantagens que augurava a magistratura dando preferencia a advocacia, como profissão mais tranquila e mais pingue, posto que menos deslumbrante. Fixou pois sua residencia na graciosa villa de S. João d'El-Rei, e tão adherente se mostrou aos interesses locais que ambicionou o posto de coronel do regimento de milicias da Campanha de Villa Verde, que lhe foi conferido pelo capitão-general D. Rodrigo José Menezes <sup>1</sup>.

A intelligencia e actividade de que não cessava de dar provas forão galardoadas com o acrescimo de bens e posse mansa e pacifica d'uma das mais abastadas casas de toda a capitania <sup>2</sup>.

« O seu genio emprehendedor diz o ultimo e melhor informado dos biographos <sup>3</sup>, levou-o a uma empreza gigantesca e superior ás suas forças. Não conhecendo obstaculos consumiu toda a sua fortuna e empenhou sua casa n'abertura d'um rego com grande esgoto que se prolongava por espaço de nove lagoas. Com esses trabalhos hydraulicos conseguiu desencravar as melhores minas e lavras de varios possuidores, comprehendendo para mais de quatro mil datas mineraes que estavam abandonadas por falta d'expedição das aguas. »

Si possivel fosse lograr-se neste mundo de completa felecidade poder-se-hia dizer que o coronel Alvarenga Peixoto tinha attingido á esse supremo ideal. Acariciado por uma esposa que idolatrava e de cujo cultivado engenho prelibara os gózos ; rodeado de tres angelicas creaturas, que com seus brincos infantis lhe quebravão as monotonas labutações da vida <sup>4</sup>, honrado com a estima de seus concida-

<sup>1</sup> O apreço que dava Alvarenga a essa graduação evidencia-se pela circumstancia de preferi-la ao grão academico de que até então usava e pelo qual era conhecido.

<sup>2</sup> Nas suas fazendas, engenhos, minas e lavras trabalhavão para mais de duzentos captivos.

<sup>3</sup> O sr. Joaquim Norberto Souza e Silva, a cujas investigações devemos os pormenores que vamos epilogando.

<sup>4</sup> Uma d'essas graciosas creaturas era D. Maria Iphigenia, em cuja educação aprimoravão-se Alvarenga e sua espirituosa esposa. A formosura e gentilisa d'essa menina fizerão-lhe dar entre os intimos da casa o titulo de — *princeza do Brazil*, —

dãos, alvo das bençãos dos enteados da fortuna, via escoar-se-lhe a existencia numa quasi beatitude. Si acaso surgião ligeiras contrariedades encontravão-no sobranceiro, e nem sequer, semelhantes a pequenas nuvens num ceo de maio, toldavão o horisonte de sua seguridade.

Consagrava Alvarenga os lazeres ao cultivo da poesia e convivia com seus collegas Claudio e Gonzaga, que tão bem obedecião ao sabido conselho do doutissimo Ferreira. Nas frequentes palestras e conferencias discutião-se todos os assumptos; e das abstracções metaphysicas passou-se insensivelmente ao campo da politica. O joven Maciel, de quem já fallamos, tomava parte em taes discussões, e illuminava-as com os esplendores da sua ardente phantasia. Sabem os leitores qual o resultado d'essa convivencia, verdadeiro genesis da conspiração dos inconfidentes.

Visto pelo prisma da imparcialidade apparece-nos o character d'Alvarenga Peixoto como typo da paixão impetuosa, contrastando com o animo circumspecto de Gonzaga e a excessiva timidez de Claudio. Ao primeiro d'esses poetas attribue-se o moto da bandeira da futura republica <sup>1</sup>; sendo outrosim incumbido de preparar os espiritos dos habitantes da campanha do Rio Verde, onde gozava de grande e bem merecida influencia, para o movimento revolucionario que se projectava.

Em principios do anno de 1789 encontrou-se de novo o poeta com

epitheto innocente e sem a minima allusão politica, do qual porèm se servirão mais tarde os inimigos d'Alvarenga, como prova das suas intenções anti-dynasticas !!

<sup>1</sup> Consta do processo que Claudio Manoel propozera ao principio o seguinte moto :

« *Libertas æquo spiritus* »

que não sendo adoptado substituiuira por este outro :

*Aut libertas, aut nihil*

que tambem não agradára. Então Alvarenga lembrou outro que foi acceito, contido nestas palavras :

« *Libertas quæ sera tamen.* »

(Vide *Noticia da Vida e Obras d'Alvarenga Peixoto* pelo sr. J. Norberto de S. e S.)

o alferes de cavallaria de linha Joaquim José da Silva Xavier <sup>1</sup>, que communicou-lhe o designio com que se dirigia a esta cidade do Rio de Janeiro, que não era outro se não o de attrahir adeptos para a conspiração.

Parece que grande era então o desanimo de Xavier, o qual com rude franqueza queixava-se de seus compatriotas, com raras e honrosas excepções; e si dermos credito ao depoimento de Alvarenga, pretendeu este prevalecer-se d'essa disposição d'espírito para dissuadi-lo do temerario empreendimento que sobre si tomára. Baldado porém foi tal esforço; porquanto o desventurado mancebo, como que impellido pela fatalidade, precipitou-se na voragem.

Descontando o que pôde haver de artificiosos em tal depoimento, é certo que os homens de conselho excluíam de suas deliberações o impetuoso tribuno, do qual mais tarde pensavão servir-se quando fosse preciso agitar as multidões e pôr fogo á mina revolucionaria.

Conhece-se ainda da leitura do famoso processo que fôra Alvarenga um dos mais empenhados em fazer desaparecer os vestigios da conspiração, quando informado da sua inopportunidade pela cessação da causa que lhe devera servir de pretexto.

Reserva a historia philosophica do Brazil bem severo juizo para o ignobil procedimento de Joaquim Silverio e Bazilio de Brito, que se fizerão cúmplices da conjuração para melhor conhece-la, indo depois denunciá-la ao visconde de Barbacena <sup>2</sup>. A essas duas almas negras

<sup>1</sup> Esse desditoso e heroico brasileiro exercia (por caridade) a profissão de dentista, d'onde lhe proveio a antomasia de *Tiradentes*, pelo qual era geralmente conhecido. Do expediente da sessão do Instituto Historico de 27 de setembro do corrente anno [1872] consta que o sr. Herculano Maia, possui e destina a S. M. o Imperador, uma caixinha forrada de velludo, contendo instrumentos cirurgicos da que se costumava servir Xavier para o exercicio do seu caridoso myster. Affirma o referido sr. Maia que essa caixinha pertencera a uma velha de S. José d'El-Rei, em cuja casa habitualmente hospedava-se o alferes quando ia a essa cidade.

<sup>2</sup> Supposto sejamos do numero dos que se regosijão com o mallogro dessa tentativa de independencia, cujo triumpho importaria a implantação d'uma fórma de governo contraria á nossa indole, estigmatizamos a traição de Silverio e Basilio, lamentamos os rigores exercidos para com as victimas, rigores aliás conformes á legislação vigente; assim como admiramos a firmeza, a abnegação e a corajosa morte de Xavier.

deveu-se a perseguição que, ao grado seu, teve d'exercer o capitão-general contra varões conspícuos, que honravão a patria por diversos titulos. Sem sua infame delação crêmos que a velleidade revolucionaria passaria despercebida, e que a *republica de Villa Rica* figuraria ao lado da de Platão, ou da de Thomaz Moore.

A calma que precede a tempestade illudira a Alvarenga; e despercebido achava-se em sua casa da villa de S. João d'El Rei dispondo-se a partir para as suas lavras da campanha do Rio Verde, quando no dia 20 de maio de 1789 foi prezo pelo tenente Antonio José Dias Coelho. Sem dizer o derradeiro adeus a sua desolada familia chegou o opulento fazendeiro, carregado de grilhões, á capital do vice-reino, sendo immediatamente recolhido ás masmorras da fortaleza da ilha das Cobras.

A dous unicos interrogatorios (nos dias 11 de novembro de 1789 e 14 de Janeiro de 1790) respondeu Alvarenga Peixoto: e essas duas peças do processo contristão os corações brasileiros e offerecem ao philosopho amplo ambito a cogitações. Negou no primeiro que houvesse tomado a minima parte na conspiração, affirmando que — *não tinha sido convidado por pessoa alguma para faltar ás obrigações de leal vassallo, e concorrer para que a America conseguisse a sua liberdade e se constituisse em republica* —: e buscando depois um subterfugio de rabula, accrescentou — *que não negava que muitas vezes fallára de liberdade de commercio e franquia dos portos do Brazil, a que a França e outras potencias tinham pretensões, e que pessoas sem instrucção confundião a liberdade politica com a commercial.*

No segundo interrogatorio lançou a barra a Gonzaga, accusou a todos, delatou seus mais intimos amigos, e, narrando as minuciosidades da conjuração, confessou que algumas vezes practicára sobre o assumpto principal da mesma porém *sempre hypotheticamente (!)*. Dir-se-hia que, semelhante ao naufrago, agarrava-se a qualquer objecto fluctuante, por mais fragil que elle fosse; e obcecado pelo desalento immolava os mais elevados sentimentos do homem a possibilidade de regressar aos lares, e recuperar sua sequestrada fortuna.

Satisfeitos (quiçá anojados) das retratações e subserviencia do reo deixarão-no os juizes jazer nos infectos calabouços da ilha das

Cobras, onde seus dias se passavão amargurados entre as reminiscências d'outros tempos e os remordimentos de sua consciencia. A espaços luzia-lhe as inspirações da musa, e então escrevia bellissimas lyras e sonetos, endereçados a sua carinhosa esposa.

Em obediencia á lei foi-lhe dado um defensor recahindo a escolha no dr. José d'Oliveira Fagundes, que esforçou-se por subtrahir-lhe a cabeça ao algoz allegando o fervoroso monarchismo de que sempre dera testemunho.

Fechado o curriculo das formalidades legaes foi alfim proferida a sentença que o condemnava — *a ser conduzido com baraço e pregão pelas ruas da cidade ao lugar da forca e morrer morte natural para sempre, devendo cortar-se-lhe a cabeça e ficar exposta, até que o tempo a consummisse, no lugar mais publico da villa de S. João d'El Rei; declarados seus filhos e netos in ames, e seus bens sequestrados para o fisco real.*

Mas, como noutro lugar dissemos, era tal sentença destinada a inculcar terror; visto como, desde 15 de outubro de 1790, havia a rainha fidelissima commutado a pena ultima na de degredo para costa d'Africa; de cuja commutação utilizarão-se os compromettidos, com unica excepção do temerario Xavier, que, á força de heroismo, obstinou-se em se confessar cabeça da conspiração, cingindo d'ess'arte a fronte d'aureola do martyrio!

No dia 23 de maio de 1792 alongou-se Alvaranga das nossas plagas demandando o presidio d'Ambaca, onde finou-se no anno seguinte vergado ao peso da desventura, e volvendo os derradeiros olhares para a remota região onde deixára os caros penhores d'alma <sup>1</sup>. Assim finou-se na terra do exilio uma das mais bellas

<sup>1</sup> Afiança-nos o sr. Norberto (*Braz iletras Celebres*) que D. Barbara Heleodora, com resignação verdadeiramente evangelica entregára ao ouvidor da comarca do do Rio das Mortes todo o seu cabedal inclusive uma caixa de rapé com o seu retrato circulado de pedras preciosas; e que dois dias depois da execução requereu ao juiz que, sendo ella casada por carta de metade, existindo filhos do matrimonio, e determinando as leis do reino que em todo e qualquer caso ficão livre a meação da mulher, se procedesse antes do sequestro o inventario e partilha para saber o que pertencia da meação a cada um, procedendo-se o sequestro na parte que tocava a seu marido; e salva e desembaraçada a sua, deferida favoravelmente

intelligencias do Brazil colonial, uma das mais fulgurantes estrellas da pleiade de Villa Rica.

Mais algum desenvolvimento demos a biographia do coronel dr. Ignacio José d'Alvarenga Peixoto para completar o quadro da conspiração do *Tiradentes*, que tanto impressionou nossos pacíficos avós, e tão grande repercursão operou na vida intellectual. De industria dissemos na vida intellectual, porque á essa impensada tentativa de emancipação politica prende-se o excesso de rigor e de suspicaz vigilancia que exercerão o conde de Rezende e seus congeneres contra o desabrochar das letras, e a especie d'estagnação que se nota desde essa epocha até a chegada da familia real portugueza.

Exiguo é o peculio poetico d'Alvarenga; sendo de crer que o melhor das suas obras, presa do sequestro, houvesse desaparecido, ignorando-se o lugar em que porventura ainda existão <sup>1</sup>.

Vinte sonetos, duas lyras, tres odes anacreonticas, uma cantata, e um canto umas sextilhas eis por junto, o que nos resta, e as unicas peças pelas quaes temos de formular o nosso juizo critico.

a petição deveu ella a esta circumstancia o poder amparar seus filhos da miseria da infamia, e um rapaz.

Diz-nos mais que a formosa Maria [Iphigenia] (a *princeza do Brazil*) succumbira de dor pouco depois da fatal sentença, e que um filho, por nome João Evangelista d'Alvarenga, exercera (depois de proclamada a independencia e apagada a nodoa da infamia) o cargo do professor publico de latim da villa da Campanha da Princeza, aeabando seus dias em estado de insensatez no qual conservava o estro do pai herdado, improvisando pelas ruas d'esta cidade, que sem tino percorria.

<sup>1</sup> Temos fé que pouco a pouco irão apparecendo as obras snbtrahidas d'esses nossos infelizes compatriotas: e com prazer lemos a communicacão que em sessão do Instituto Historico de 27 de setembro (de 1872) fez o sr. dr. Ladislão Neto de se haver encontrado no interior da provincia de Minas um volume manuscripto que, com toda a probabilidade, é attribuido a Gonzaga. Consta elle de varias poesias, muitas das quaes se achão impressas, da traducção d'um romance e das — *famosas Cartas Chilenas*. — No prologo diz o poeta que não podia se occupar de conspiração quem passava seus dias despreoccupado a bordar o vestido nupcial de sua noiva, e em uma nota acrescenta que lhe fôra negada a permissão de imprimir aquelle volume.

Acrescentou o mencionado sr. dr. L. Neto que o sr. tenente Alvares d'Araujo, descobridor de tão interessante manuscripto, cedeu-o ao actual presidente da provincia de Minas (o sr. senador Godoy).

Parece que era o soneto a especie que mais se afeiçoava ao estro e onde revelou qualidades eminentes que em outras circumstancias, e sob a acção d'outros elementos, te-lo-hião constituido emulo de Camões e de Bocage. São justamente celebres os dois escriptos (ou talvez improvisados) na masmorra e quando se dispunha a entrar para o oratorio.

As lyras, ou melhor odes anacreonticas, re commendão-se pela doçura e maviosidade d'expressão e pela de licadesa e candura dos sentimentos com que exprime a agra saudade que o pungia, arredado dos entes que estremecidamente amava.

Na ode dedicada ao marquez de Pombal mostrou se discipulo d'Arcadia Ulysiponense; e em estylo bucolico celebrou as grandes virtudes e relevantes serviços do ministro d'el-rei D. José <sup>1</sup>.

Na segunda, consagrada a rainha D. Maria I, sente-se o poeta arrebatado do dom prophetico, e, rasgando os horizontes do futuro, contempla nos raptos da phantasia o imponente spectaculo que offereceria ao mundo o solio bragantino collocado nas magestosas ribas guanabarenses. Fecha essa bellissima ode uma eloquente apostrophe ao inclito Affonso Henriques, posta pelo poeta na boca d'um indio, figura allegorica do Brasil <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Apreciem por si proprios os leitores da verdade da nossa proposição :

- « Grande marquez, os satyros saltando
- « Por entre as verdes parras,
- « Defendidas por ti d'estranhas garras ;
- « Os trigos ondeando
- « Nas fecundas searas ;
- « Os incensos fumando sobre as aras,
- « A nascente cidade
- « Mostrão a verdadeira heroicidade, etc.

<sup>2</sup> Eis a apostrophe :

- « Sombra illustre e famosa
- « Do grande fundador do luso imperio,
- « Eterna paz eternamente goza.
- « Num e noutro hemispherio
- « Tu vês os teus augustos descendentes
- « Dar as leis pela voz do ministerio.

A cantata a que intitulou *O Sonho*, é a amplificação do mesmo pensamento, com a macula das filigranas louvaminheiras, que, semelhantes aos lichens, absorvem a seiva da inspiração.

O amor do *patrio ninho* patentea-se, escasso e tímido, no *Canto Genethliaco*, dedicado ao governador D. Rodrigo José de Menezes por ocasião do baptizado de seu filho D. José Thomaz de Menezes. Desconhecendo como Claudio Manuel toda a superioridade da nossa natureza ousa esperar que o menino fidalgo encontre poesia na nossa terra, porque n'ella viu a luz <sup>1</sup>. Acha os morros — *negros e fechados* —; os sertões — *feios e escuros* —; a terra — *barbara, mas abençoada* —: porque produz — *riquezas que a to' o mundo admira* — e tornão — *Lisbóa a maravilha da Europa*.

Causa em verdade dó ver um poeta fazer o elogio da sua patria fundando-se em razões tão utilitarias, que mas frisão os domínios da economia politica. A ninguem porém é dado ir adiante do seu seculo, disse com summo acerto um dos maiores pensadores contemporaneos; a esthetica ainda não tinha nascido; e nas paginas dos poetas portuguezes, a excepção de Camões e Corte Real, limitadissimo espaço occupão os quadros da natureza.

As sextilhas, ou conselhos a seus filhos, são aphorismos de sabedoria practica, dictada em linguagem clara e fluente; sendo unicamente para sentir que tão curta seja a lição.

É tempo de concluir, fa-lo-hemos com o seguinte laudo.

Alvarenga Peixoto foi notavel poeta lyrico, primando mais na forma do que na substancia. Como quasi todos os seus coetaneos

« E os povos differentes  
« Que é impossivel quasi enumera-los  
« Que vem a tributar-lhes obedientes.

« A gloria de manda-los  
« Pedo ao neto glorioso teu  
« Que adorão reis para servir vassallos ! »

<sup>1</sup> « Isto que a Europa barbaria chama  
« Do seio de delicias tão diverso  
« Quão differente é para quem ama  
« Os ternos laços do seu patrio berço ! »...

foi insensível ao ambiente poetico que o circumdava; não descobriu em sua patria a fonte da Castalia, cerrava os ouvidos para não ouvir os accents da musa americana, e prestava-os attentos aos longinquos e apagados echos das veigas conimbricenses, ou dos ridentes ribeiras do Tejo.

É bem possivel que tenhamos um dia de reformar este laudo, si um feliz concurso de circumstancias, vulgarmente appellidado — *acaso* —, trazer a luz da publicidade grande numero de composições suas que como dissemos, forão sepultadas nos limbos do sequestro, e que hoje devem parar em mãos, ou avaras, ou por *demais disvelladas*.

SILVA ALVRENGA (*Manuel Ignacio da*): — Filho natural <sup>1</sup> de Ignacio da Silva Alvarenga nasceu em Villa Rica no anno de 1749. Seguia seu pai a profissão de musico com muito pouca fortuna; por isso, e talvez por conhecer no menino grande propensão para as letras, fe-lo cursar as aulas que então havia na capital de Minas; e como se lhe escasseassem os meios para maiores empreendimentos vierão em seu auxilio algumas almas caridosas permittindo-lhe poder enviar o filho para o Rio de Janeiro onde concluiu seus estudos preparatorios, partindo depois para Portugal, afim de matricular-se na universidade de Coimbra.

A sua chegada ás margens do Mondego coincidiu com a celebre reforma do marquez de Pombal, que novo aspecto deu aos estudos universitarios, pondo-os ao nivel dos progressos operados nos paizes mais adiantados da Europa. Como era d'esperar enthusiasinou-se o joven brasileiro com essa reforma; e, cheio d'effusão, saudou-a numa lindissima ode <sup>2</sup>, a qual chegando ao conhecimento do grande ministro dispertou-lhe o desejo de conhecer pessoalmente a acuctor, a quem tractou como summa benevolencia.

Ambicionou o nosso compatriota manifestar o seu reconhecimento, e nacarenciad'outros meios compoz um poema heroi-comico

<sup>1</sup> A esta circumstancia, e tambem a da côr parda, forão motivos porque se occultasse o nome da sua mãe, a qual nenhum biographo menciona.

<sup>2</sup> É a segunda da collecção de suas obras poeticas dadas novanente á estampa pelo sr. B. L. Garnier em 1854, e annotadas pelo sr. J. Norberto de S. e S.

intitulado — *O Desertor das Letras* — impresso por ordem, ou á expensas do marquez. Aos vinte e sete annos de idade recebeu o premio das suas fadigas escolasticas com o diploma de bacharel em canones ; e, precedido da sua reputação litteraria, apresentou-se na côrte, onde a prestante amizade do seu comprovinciano José Basilio da Gama abriu-lhe acesso aos salões d'aristocracia, e á convivencia dos primeiros litteratos da epocha.

Chamava-o porém ao Brazil a voz da natureza, symbolisada em seu velho pai, que pediu-lhe viesse cerrar-lhe os olhos. Não foi Alvarenga surdo a essa voz, e, deixando os esplendores da metropole, volveu aos patrios lares, d'onde, cumprido o dever filial, regressou ao Rio de Janeiro <sup>1</sup>.

Nesta cidade encontrou elle amigos e conhecidos, que lhe facultarão relações de intimidade com as principaes familias da terra, a quem suas boas qualidades e genio jovial fazião esquecer a *irregularidade da côr*.

Na banca d'advogado encontrava os meios de subsistencia, e seus ocios consagrava-os aos folguedos da musa, concorrendo com alguns outros illustrados brasileiros para o desenvolvimento d'arte dramatica, a qual, favoreada pelo marquez de Lavradio, ensaiava os primeiros titubantes passos nas plagas nichtheroyenses <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Na sua *Noticia sobre a Vida e Obras de M. I. da Silva Alvarenga*, diz o sr. Norberto: — « que ainda não é liquido si o dr. M. I. da Silva Alvarenga se estabelecera logo na cidade do Rio de Janeiro, com banca d'advocacia, ou si partira para a provincia de Minas-Geraes para ver e abraçar seu velho pai, o violinista de Villa Rica, pois talvez a essa epocha já não existisse » abraçamos a primeira versão por nos parecer mais provavel, e até por achar-se d'accordo com a proposição emittida pelo mesmo sr. Norberto na pagina anterior, que resa assim: — « Estavão emfim satisfeitas as vistas de Ignacio da Silva Alvarenga; seu filho tinha alcançado uma profissão mais lucrativa do que a sua; podia entregar-se á advocacia, não precisava viver dos tenues recursos d'arte musical, e o doutor Manoel Ignacio apressou-se em vir beijar-lhe a dextra, e agradecer os esforços que fizera para lhe completar a educação, e lhe mostrar a maneira porque havia correspondido á paternal sollicitude. »

<sup>2</sup> No tempo d'esse benemerito vice-rei existia nesta cidade um pequeno theatro em que representavão alguns curiosos, levando á scena algumas peças originaes, ou traduzidas, v. g. o *Enéas no Lacio* de Alvarenga Peixoto, e *Mélope* de Maffei, vertida em vulgar pelo mesmo Alvarenga.

Em Luiz de Vasconcellos e Souza que succedeu (em 1779) ao marquez de Lavradio, achou Alvarenga outro Mecenas, cuja munificencia manifestou-se na creação d'uma cadeira de rhetorica e poetica, provida sem concurso na sua pessoa.

Na abertura d'essa aula, feita com todo o esplendor e aparato, recitou o discipulo de Quintiliano eloquentissimo discurso, preconizando a excellencia da disciplina cujo magisterio era confiado ás suas luzes. Assistiu á solemnidade, alem do vice-rei, o bispo D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello-Branco, que rendeu-lhe publica homenagem da sua admiração.

Nessa especie de magistratura litteraria, prestou Silva Alvarenga relevantes rerviços: já acoroçoando os engenhos timidos, já preparando uma geração de pregnadores que devêrão honrar o noss<sup>o</sup> pulpito <sup>1</sup>.

Collocão alguns biographos a fundação d'*Arcadia Ultramarina*, nesse periodo da sua vida, no qual tambem fazem-no conviver com José Basilio da Gama, foragido das perseguições que lhe movião os inimigos do marquez de Pombal. Com o sr. Norberto acreditamos que pouco fundamento tem semelhante opinião, na parte relativa a Basilio da Gama, e ácerca da existencia da *Arcadia*, reportamo-nos ao que já dissemos fallando das academias e sociedades que por diversas vezes tentarão se estabelecer no Brazil colonial <sup>2</sup>.

Quer nos parecer que a origem do equivoco supra alludido, foi por

<sup>1</sup> Um dos seus mais distinctos discipulos (o conego Januario da Cunha Barbosa) caracteriza nos seguintes termos a influencia do primeiro professor de rhetorica:

« Talvez que sem as lições de Manoel Ignacio não tivessem apparecido nas cadeiras sagradas do Rio de Janeiro os Frias, os Rodovalhos, os S. Carlos, os Sampaivos, os<sup>s</sup> Ferreiras d'Azevedo, os Oliveiras, os Alvernes e outros prégadores de nomeada, que, deixando os habitos d'antiga escola, abrirão carreira luminosa aos que annunciarão com mais dignidade e efficacia as doutrinas da nossa sancta religião. » (*Rev. do Inst. H. e Geogr.* tomo III).

<sup>2</sup> O nome d'*Alcindo Palmireno* com que é designado o nosso poeta não nos parece prova convincente de haver elle pertencido a nenhuma *Arcadia*, pelas razões já por nós allegadas quando nos occupamos com as biographias de Claudio Munuel da Costa e Thomaz Antonio Gonzaga.

haver sido o nosse poeta principal promotor d'uma sociedade litteraria, que funcionava na casa da sua propria residencia <sup>1</sup>.

Mereceu ao principio essa sociedade o acolhimento do vice-rei conde de Rezende, que solícito mostrou-se em continuar o patrocínio dado por Luiz de Vasconcellos <sup>2</sup>; mas, desconfiando servisse ella de germen a alguma nova conjuração, á guisa da da inconfidencia, ordenou a suspensão dos seus trabalhos.

Revoltarão-se Alvarenga e seus amigos contra semelhante deliberação, e, contando em demasia com a discrição de todos os interessados, proseguirão nas palestras e discussões só *incidente, e accidentalmente politicas*.

Tomando o aspecto de *sociedade secreta* mais cautelosos tornarão-se os socios: infelizmente porém appareceu entre elles um Judas, conhecido pelo nome de José Bernardo da Silveira Frade, que levou ao conhecimento do conde de Rezende a existencia do gremio que elle julgava dissolvido.

Não consentindo que suas ordens fossem burladas ordenou o vice-rei a immediata prisão d'Alvarenga, do bacharel Marianno José Pereira da Fonseca, do medico Jacyntho José da Silva e do professor

<sup>1</sup> Era essa casa situada (como já dissemos) na rua do *Cano*, actualmente denominada *Sete de Setembro*, e compunha-se de dous andares; no primeiro dos quaes celebravão-se as sessões da sociedade; e o segundo servia de habitação ao referido poeta.

<sup>2</sup> No *Auto de Perguntas*, feitas a Alvarenga e aos mais annexo á citada *Noticia* do sr. Norberto, lê-se: « Respondeu que no tempo em que governava este Estado o illustrissimo e excellentissimo vice-rei, Luiz de Vasconcellos e Sousa, debaixo de sua protecção, principiára e houvera uma sociedade de gentes de letras, a qual era composta principalmente de professores de medicina, na qual se tratava e discorria sobre diversos objectos scientificos, mas que com a ausencia do mesmo vice-rei, esmorecera e acabára totalmente a mesma sociedade; porem que depois o actual vice-rei o illustrissimo e excellentissimo conde de Rezende, depois de tomar posse do governo, entrára a dar demonstrações de que a mesma se restabelecesse e expressamente fallára com elle respondente para o dito fim, pelo que elle respondente tornára a convocar os socios, fazendo-se em sua casa algumas conferencias, até que havendo uma desordem entre dous de seus socios <sup>a</sup>, o mesmo illustrissimo e excellentissimo vice-rei ordenára que não continuasse, e que, com effeito não continuára mais. »

<sup>a</sup> Grémio que foi esse o pretexto de que se serviu conde de Rezende para occultar seus verdadeiros designios.

de grego João Marques Pinto. Foi a primeira d'essas victimas recolhida á fortaleza da Conceição em dias do mez de dezembro de 1794; e ahi permaneceu todo o tempo em que se lhe formou o processo. No curto intervallo de dois mezes e dez dias (de 4 de julho a 14 de Setembro de 1795) respondeu a nove interrogatorios, presididos pelo desembargador chanceller Antonio Diniz da Cruz e Silva <sup>1</sup>,

Persuadimo-nos que o alvitre do chanceller determinou a opção do vice-rei em favor dos presos, como lhe facultava o governo da metropole <sup>2</sup>.

Restituído a seus lares continuou nas interrompidas tarefas; reabriu o curso de historia, tornou a ver seus amigos e readquiriu os livros, que lhe haviam sido sequestrados, com excepção dos que forão julgados suspeitos <sup>3</sup>. O que porém não pode recuperar foi a alegria, e o espirito jocoso com que amenisava as arduas funcções de mestre e o oneroso exercicio d'advocacia.

<sup>1</sup> Entendemos que em tal emergencia houve-se Diniz com a integridade propria do seu character, e nenhum sentimento d'odio revelou contra os accusados; antes fez em seu favor tudo o que era compativel com as delicadisimas funcções que exercia, como se demonstra do seguinte tracto do officio dirigido ao conde de Rezende em data de 18 de junho de 1797: « É preciso notar nenhum dos mesmos presos se diz, ou prova, que elles entrassem em projectos de conspiração, sendo toda a culpa que se lhes imputa, o que contra alguns se prova, a de sustentarem em conversações, ou particulares, ou publicas, que o governo das republicas deve ser preferido ao das monarchias; que os reis são uns tyrannos oppressores dos vassallos; e outras, sempre detestaveis e perigosas, principalmente na conjunctura presente <sup>a</sup>. Neste presupposto, me persuado, pelo que pertence aos presos Manoel Ignacio, professor de rhetorica, medico Jacyntho, e Mariano José, que V. Ex. os deve mandar soltar, sem maior hesitação, pois que contra estes não ha maior prova. » (Documento existente no Archivo Publico d'esta cidade e publicado na *Rev. Trim. do Inst. Historico e Geogr. Br.* tomo XXVIII. — Parte I.

<sup>2</sup> Em officio de 1.º de fevereiro de 1797 dizia o ministro do ultra-mar (D. Rodrigo de Sousa Coutinho, depois conde de Linhares) que « no caso d'entender que os accusados fossem innocentes os mandasse soltar, e na hypothese contraria os remetteste para Lisboa com os autos comprobatorios de seus crimes. »

<sup>3</sup> Nesse numero comprehendião-se a *Historia Philosophica e Politica dos estabelecimentos e do commercio dos europeus nas duas Indias* de Raynal, e o *Direito Publico Europeu, fundado nos tractados* por Mably.

<sup>a</sup> Refere-se a conjuração dos *Inconfidentes* de Minas Geraes.

Negra melancolia sombreava-lhe a existencia; e nem a propria musica, de que outr'ora se mostrára tão apaixonado, conseguia distrahi-lo. Dir-se-hia abysmado na contemplação d'um passado que de todo desapparecêra; e furtando-se á convivencia de amigos e conhecidos, relia seus predilectos livros, e revia seus maviosos versos que accintosamente recusava publicar. Venceu-lhe todavia a isenção um dos seus discipulos, que no primiero anno do vigente seculo, deu á estampa uma collecção de poesias eroticas com o titulo de *Glaura* <sup>1</sup>.

Consta que tambem fôra auctor d'uma aprimorada traducção d'Anacreonte <sup>2</sup>, e d'algumas outras poesias lyricas e satyricas, inclusive uma centuria de sonetos epigrammaticos, assestados contra o religioso franciscano Frei Raymundo, todos até hoje ineditos, e mui provavelmente perdidos.

O fausto acontecimento que presenciou a nossa cidade no dia 7 de Março de 1808 <sup>3</sup>, pareceu despertar Alvarenga da sua lethargia; e cobrando alento com a visão do auspicioso futuro que se lhe antolhava, collaborou para o jornal *O Patriota*, cujo principal redactor era o illustre mathematico Manoel Ferreira d'Araujo Guimarães.

Foi esse o ultimo clarão da lampada que de todo extinguiu-se no dia 1.º de novembro de 1814.

Posto que se houvesse estreado na poesia satyrica, compondo em verdes annos o *Desertor das Letras* <sup>4</sup>, era a lyrica a especialidade de

<sup>1</sup> Usou esse discipulo d'uma piedosa fraude para aquinhoar-nos com tão precioso thesouro: prometeu ao escrupuloso e timido poeta occultar-lhe o nome á curiosidade publica, e, faltando ao compromisso, commetteu uma indiscrição, sem a qual ver-nos-hiamos quiçá em grandes embraços bibliographicos.

<sup>2</sup> « Perdeu-se a esmerada traducção d'Anacreonte que elle fez como um dos mais habilitados e mais proprios dos seus interpretes. . . . diz o sr. Norberto na sempre citada *Noticia sobre a Vida e Obras de M. I. de S. Alvarenga*.

<sup>3</sup> O da chegada da Familia Real Portugueza.

<sup>4</sup> Este poema pertence á categoria dos heroi-comicos, e foi pautado pelos moldes da *Secchia Rapita* de Tassoni, do *Lutrin* de Boileau, do *Vert-Vert* de Gresset, do *Hudibras* de Butler, do *Rape of the lock* de Pope, sendo porem muito inferior a todos os seus modelos. Fica tambem a perder de vista do *Hyssope* de Antonio Diniz da Cruz e Silva, que mui provavelmente conheceu, posto que o não mencionasse

Silva Alvarenga, e onde se revelava todo a pujança do seu bello talento. Filiado á escola franceza, foi um dos seus mais ardentes apóstolos, e o primeiro que na nossa litteratura naturalisou os *rondós* e *madrigaes*. Serviu-lhe sempre d'oraculo Boileau, e de mestres e exemplares, Voiture, Benserade, Saint-Gelais, Dorat e Voltaire.

É a *Glaura*, de que já fizemos menção, o principal titulo da sua gloria postera; e, comquanto reconheçamos ser essa collecção somenos á das lyras de *Marilia de Dirceu*, não lhe podemos recusar o testemunho d'admiração pela suavidade do metro, e graça natural de seus quadros.

Ha nesses quadros uma cousa que summamente nos encanta, e que só de per si julgamos capaz de remir quaesquer defeitos que por ventura lhe note a critica: queremos fallar da tentativa que fez para nacionalisar a nossa litteratura, buscando seus *similes* nos objectos conhecidos entre nós, e proseguindo com mais afoiteza na senda trilhada por Botelho d'Oliveira.

Não se limitou a isso o nosso distincto conterraneo; mas antes, convicto que na poesia descriptiva está um dos elementos d'autonomia litteraria, abalançou-se a cantar as nossas arvores, fructos, flores, montanhas, rios e florestas; e, ao invéz de Claudio, descobriu poesia onde quasi todos os contemporaneos só achavão prosa *chata e chitra* <sup>1</sup>.

no *Prologo* redundante de indigesta erudicção. Abunda em situações equivocas, nas quaes pouco acatadas são as leis do decóro; descuidada é a versificação, ainda que pura e correcta a linguagem; e o espirito, principal ingridente d'essas composições, destituido d'atticismo.

<sup>1</sup> Tomemos para exemplificar a propsição que acabamos d'emittir o seguinte passo do lindissimo *rondó*, dedicado ao cajueiro :

- « Cajueiro desgraçado
- « A que fado te entregaste,
- « Pois botaste em terra dura
- « Sem cultura e sem sabor!
  
- « Fresco orvalho os mais sustenta
- « Sem temer o sol activo;
- « Só ao triste semi-vivo
- « Não alenta o doce humor.

Tremeu-lhe porém muitas vezes a mão nesses modestos ensaios; e facil é de calcular o quanto distanciou-se do ideal que para si proprio traçára. Explica-nos sufficientemente esse accidente o conego Januario da Cunha Barbosa nas seguintes reflexões:

« Desgraçadamente não era ainda chegado o tempo de tão almejada reforma: a dependencia colonial fazia necessaria a das letras. Nem os rondós, nem os madrigaes, nem outras composições de Manoel Ignacio, eminentemente brazileiras, tiverão em seus dias a voga que então merecerão outras poesias suas adubadas com as figuras e donaires da poesia portugueza. O Tejo e o Mondego erão mais applaudidos nos versos do que o Amazonas e o Prata; o louro e o myrtho muito mais do que a mangueira e o cajueiro; flores cahião da penna dos poetas que nunca se havião offerecido ás vistas brazileiras, e a mythologia com todo o seu numeroso cortejo, empunhava despotica o sceptro de seu dominio. A ideia do nosso poeta não foi ainda assim perdida, porque novos genios vão apparecendo na terra de Santa Cruz, levando ávante a difficultosa empreza de proporcionar a nossa poesia á grandeza dos objectos que de todas as partes nos cercão <sup>1</sup>. »

Voltando á apreciação da *Glaura*, não dissimularemos que a monotonia é uma das suas maculas, sendo preciso revestir-se o leitor de patriotica paciencia para levar ao cabo a sua leitura, atravez das allegorias e scenas bucolicas, cuja multiplicidade gerão o tedio, aggravado pela constancia dos mesmos metros, aliás pomposos e brilhantes.

Dava Alvarenga extrema importancia á melodia; e conhecedor dos abundantissimos recursos do opulento idioma em que escrevia, alcançou sobre Gonzaga superioridade na forma, que por certo bas-

« Curta folha mal te veste  
« Na estação do lindo agosto  
« E te deixa nù e exposto  
« Ao celeste e intenso ardor. »

<sup>1</sup> *Biographia do doutor Manoel Ignacio da Silva Alvarenga*, impressa na *Rev. do Inst. Hist. e Geog. Brazil*. tomo III.

tante tem contribuido para disfarçar-lhe a inanidade dos pensamentos <sup>1</sup>.

Além das composições poeticas, a que nos temos referido, deve-se ao nosso illustre compatriota algumas outras de finissimo quilate.

A *apoetheose poetica*, dedicada ao vice-rei Luiz de Vasconcellos, recommenda-se pela elevação que soube dar-lhe mas com todo o seu immenso talento impossivel foi-lhe evitar as syrtes dos lugares communs e digressões.

Mas feliz na segunda canção, consagrada ao natalicio da rainha D. Maria I, pintou, á imitação de Horacio, com vivissimas côres uma horrida procella em que o seu baixel teria de sossobrar sem a benigna intervenção da virtuosa princeza <sup>2</sup>.

Das quatro odes <sup>3</sup> que nos restão do benemerito professor a mais afamada è a que consagrou a erecção da estatua equestre d'el-rei D. José pela difficuldade do assumpto com que teve de lutar e pela inspiração e enthusiasmo com que saúdou esse acontecimento ; assim como pela acertada introducção que fez do genio ardente d'America e a esplendida prosopopéa do fundador da monarchia que apparece para congratular-se com a prosperidade da patria e gloriar-se da sua nobilissima progenie.

Dos seus idyllios é por sem duvida o melhor o que intitolou — *A Gruta Americana* — dedicado ao seu particularissimo amigo

<sup>1</sup> Nada nos parece mais vulgar do que o entrecho d'esse poemeto, dividido em duas partes: na primeira das quaes (os *rondós*) canta a peregrina formosura da sua amante, e na segunda (os *madriгаes*) queixa-se da sua esquivança, e prantea-lhe a prematura morte, em termos sentidos, porém triviaes. Nota-se em seus versos completa carencia d'esse sentimento intimo, que os criticos allemães denominão — *subjectivismo* —.

<sup>2</sup> Visivel é allusão a ordem emanada d'essa piedosa rainha mandando cancellar o processo em que se achavão compromettidos cidadãos conspicuos, ornamentos litterarios da capital do vice-reino do Brazil

<sup>3</sup> A primeira é dirigida a Alfonso d'Albuquerque ; a segunda á mocidade portugueza por occasião da reforma da universidade de Coimbra ; a terceira á inauguração da estatua equestre d'el-rei D. José ; e a quarta ao recolhimento do Porto, recitada na presença do vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza.

José Basilio da Gama. Preso á mythologia pela placenta classica maculou o amante de *Glaura* tão donairoza producção da sua musa com as lentejoulas arcadicas. Si acaso porém arredarmos essas parasitas para só contemplarmos o merito absoluto e intrínseco da obra reconheceremos que é um dos mais viventes florões da sua grinalda poetica.

A heroide — *Theseu a Ariadne* — tem falta completa d'originalidade e arrasta-se em imitações por demais plasticas.

A satyra — *Os Vicios* — composta no metro alexandrino, que de parceria com o cantor do *Uruguay*, buscava naturalisar entre nós offerece ligeiro specimen do gosto qua sempre manifestára pela musa de Juvenal, e avanta-se pelos quadros que esboçou d'alguns vicios dominantes na capital da monarchia portugueza (onde foi ella escripta) assim como pela naturalidade das transições.

*As Artes*, poemeto didactico recitado na sociedade litteraria d'esta cidade no dia 17 de dezembro de 1788 anniversario natalicio da rainha, fecha a collecção das poesias d'Alvarenga <sup>1</sup>. Estylo pomposo e declamatorio, louvores prodigalisados sem o necessario discernimento denotão que nenhuma inspiração presidira a sua feitura dando-lhes ares d'*obra d'encommenda*.

SOUZA CALDAS. (*Antonio Pereira de*). — Filho do commerciante Luiz Pereira de Souza, e de sua mulher D. Anna Maria de Souza, viu a luz nesta cidade do Rio de Janeiro aos 24 de novembro de 1762, e foi baptisado na igreja parochial de Santa Rita. De compleição franzina, doentia correu-lhe a primeira phase da existencia, a ponto de resolverem-se seus pais alonga-lo de suas vistas na tenra idade d'oito annos <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Referimo-nos a edição de Paris (1864) feita pelo sr. B. L. Garnier.

<sup>2</sup> Apesar d'asseveração do conego Januario de que o nosso illustre compatriota partira para Lisboa quando já cõtava *treze annos* preferimos a versão que anticipa cinco annos esse acontecimento, firmando-nos para isso na confissão do proprio poeta :

« Oito annos apenas eu contava,  
 « Quando a furia do mar abandonando  
 « Novos climas, da patria me ausentava. »  
 « A vida, em fragil lenho, demandando

Sob a direcção d'um tio seu completou na metropole portugueza os estudos de preparatorios dirigindo-se em seguida á Coimbra, onde matriculou-se na faculdade de direito. Amenisava a aridez d'esta materia cultivando a litteratura propriamente dita, e entregando-se ás sciencias naturaes, que depois da ultima reforma universataria gozavão d'extraordinario favor. Das suas excursões nesse terreno resta-nos esplendido vestigio no primeiro canto d'um poema philosophico intitulado — *As Aves* <sup>1</sup>. —

Outro fructo da sua musa, d'esta vez revestido com as louçanias da mais vigorosa imaginação, foi a *ode ao homem selvagem*, escripta quando apenas contava vinte e um annos de idade, e commungava as paradoxaes principios de J. J. Rousseau <sup>2</sup>.

A liberdade com que se exprimia nesta e noutras composições congeneres attrahirão-lhe a vigilancia do Sancto Officio ; que, des-

<sup>1</sup> Seguindo as pégadas de Gray, Thompson e Delille, pretendeu descrever as aves, conforme a classificação de Linneo: e para communicar graça a essa arida composição auxiliou-se das metamorphoses mythologicas quasi todas bebidas nas paginas de Ovidio. É um trabalho brilhante na forma, e frívolo na substancia —

<sup>2</sup> Numa nota posta no fim d'essa ode diz Stockler :

« Esta ode, aonde brilha um estro superior ao que se distingue nas mais bellas composições d'este genero escriptas na lingua portugueza, e talvez mesmo que em todas as linguas vivas, foi composta no anno de 1784, tendo o auctor apenas vinte e um annos de idade ; por occasião d'uma disputa, que em conversação amigavel casualmente se levantou entre mim e elle ácerca da vantagem da vida social. A leitura de celebre discurso de J. J. Rousseau, sobre a origem da desigualdade entre os homens, foi a occasião que motivou nossa pequena controversia. Para termina-la convidei eu o meu amigo a seguir friamente os meus raciocinios n'analyse d'aquelle eloquente discurso, procurando fazer-lhe sentir a falta de logica queem quasi todo elle se observa, quando reflectidamente se examina. Não era por certo facil trazer a este ponto um mancebo de imaginação ardente, em especial tractando-se d'analysar com frieza uma composição que, devendo ser toda razão é toda fogo, como quasi todos os escriptos que sahirão da penna d'aquelle homem extraordinario. Como quer que fosse sempre conviemos por fim que o pensamento de Rousseau seria bello para se desenvolver em uma composição poetica ; e para que a nossa lembrança não ficasse inutil, ajustamos que o auctor, cuja brilhante phantasia, promettia eleva-lo ao primeiro lugar entre os poetas lyricos portuguezes, compozesse uma ode pindarica na qual expozesse com toda a pompa e magnificencia poetica o paradoxo de J. J. Rousseau, em tanto que eu indicaria em uma ode horaciana, as verdadeiras origens e as mais immediatas vantagens do estado social . . . . . »

confiando da sua orthodoxia, deliberou chamal-o á contas ; mas, attendendo á sua juventude, e conhecendo quão imprudentes d'ordinario somos nessa quadra da vida, remetteu o para Rilhafóles, entregue aos cuidados dos padres cathechistas, afim de que no silencio e na oração se lhe robustecesse a fé religiosa. Tão edificante foi o seu proceder que antes d'expirar o praso fatal, reque- rerão seus directores espirituaes que se lhe abreviasse a provança, segurissimos sendo os penhores da sua conversão.

Profunda melancolia apoderou-se do animo do mancebo apenas volvida ao gozo da liberdade, e para dissipa-la pensarão seus parentes e amigos nas distrações que offerecem as viagens, fizeram-no partir para a França, calorosamente recommendado ao embaixador portuguez, que então era o marquez de Pombal, filho.

Por intervenção d'esse diplomatico foi o nosso patricio apresentado aos primeiros sabios e litteratos residentes em Paris ; e na sua convivencia adquirio esse finissimo gosto, que tanto distingue seus escriptos.

Regressando a Portugal proseguiu em seus estudos universitarios, e recebeu a graduação de bacharel em sciencias juridicas, passando por *estrandosos actos* (na phrase d'um dos lentes, testemunha dos seus ultimos exames).

Submettendo-se (como era de costume) ao tirocinio denominado — *leitura no desembargo do Paço* --- foi despachado juiz de fóra do Rio de Janeiro, emprego que recusou por sentir-se cada vez mais impellido, por ardente vocação, para o estado ecclesiastico.

No proposito de abreviar as deligencias ordenadas pelo direito encaminhou-se a Roma, fazendo escala por Genova. Deixou-nos elle d'essa travessia curiosa descripção numa carta endereçada a seu amigo João de Deus Pires Ferreira, notavel pela jovialidade que ahi domina, e pela erudição de que dá provas. Marea lhe porém o brilho a combinação do verso com a prosa, ensaiada com infeliz exito na *Lusitania Transformada* de Fernão Alvares d'Oriente e na d'alguns outros poetas.

Na capital do catholocismo recebeu Souza Caldas ordens sacras, inclusive o presbyterado ; e, habilitado para o exercicio do sacer-

docio, de novo demandou as plagas do Tejo, onde o aguardavam saudosos quantos de perto o haviam praticado.

Dando nova demonstração de desprendimento recusou acceitar a mitra da sua patria, que lhe offerecia o marquez de Ponte de Lima, ministro de ultra-mar, assim como a mui pingue abbadia de Lobrigos, ambicionada pelos primeiros ecclesiasticos do reino.

Embebido no estudo das sciencias e letra, só largava os livros para votar-se no confessionario ao bem das almas, e para apregoar do alto do pulpito as sublimes verdades da nossa crença.

No anno de 1801 mais pungentes se lhe tornarão as saudades de sua extremosa mãe, e embarcando-se para esta cidade <sup>1</sup> aqui chegou precedido pela fama de seus talentos e virtudes.

Ignoramos os motivos que determinarão a pequena demora do poeta em sua cidade natal e a pressa que se deu em voltar a Lisbôa <sup>2</sup> onde conservou-se até a invasão franceza.

<sup>1</sup> D'uma carta que fez-nos mercê de dirigir um distincto brasileiro, ora residente em Lisbôa, extrahimos o seguinte periodo :

« Sabe-se que foi prégador eminente: além d'outros que o affirmão, conta o barão de Itamaracá <sup>3</sup> que ouvira em Pernambuco a seu pai, e a mais pessoas que o padre Caldas, indo de Portugal para o Rio de Janeiro se demorou n'aquella cidade e por muitas vezes appareceu nos pulpitos. A fama da sua prégção até de longe despovoou lugares, e de tal modo se arrebatava prégando que parecia querer saltar do pulpito. Os ouvintes pendurados de sua eloquencia se ião alheando de si por um encantamente de força indisivel: nem havia em todo o genero e estado de gente coração que deixasse de mandar aos olhos testemunhos claros de piedade christã e compunção. »

<sup>2</sup> Nos *Varões Illustres do Brasil durante os tempos coloniaes*, tomo II pag. 205, diz o sr. conselheiro Pereira da Silva :

« Não se demorou porém muito no seu paiz natal, que lhe desagradou pelo despotismo das auctoridades da colonia. »

Creemos haver injustiça em semelhante apreciação, com referencia ao vice-reinado de D. Fernando José de Portugal, que em 14 d'outubro de 1801 succedera ao conde de Rezende. Unanimes são os nossos chronistas em tributar-lhe louvores; e no *Estudo Historico sobre os ultimos vice-reis do Brasil* escrevemos estas palavras que pedimos venia para reproduzir.

« Sempre lhano, affavel e conciliador, mais occupado com os deveres de magistrado do que com as da milicia, que tanto aprazia ao seu antecessor, forma com elle um contraste bem significativo. Desde o tempo de Luiz de Vascon-

<sup>3</sup> Antonio Peregrino Maciel Monteiro, já fallecido.

Consoante ao regimen da vida que adoptára em Lisbôa dividia Caldas o seu tempo entre o estudo, a oração, a practica da caridade em que era eminente, o confissionario, e o pulpito, qual mantinha o primado sobre todos os oradores contemporaneos, ainda hoje considerados principes da nossa eloquencia sagrada.

Era na matriz de S. Rita que costumava aos domingos explicar os evangelhos a um auditorio composto da nata da sociedade fluminense, que, nos arredores do templo antecipava a sua presença para assegurar-se dos mais commodos lugares.

Prégou tambem algumas vezes na capélla real, perante o principe regente D. João, grande apreciador dos seus talentos poeticos e oratorios <sup>1</sup>, distinguindo-o particularmente sempre que concorria ás audiencias que dava em S. Christovão, ou em Santa Cruz <sup>2</sup>.

Geralmente sabia-se que nenhum outro movel a não ser o da afeição e reconhecimento pela benevolencia com que era tratado, determinava a presença do padre Caldas no alcaçar da realeza: nada pedia para si, nem para os seus, e proverbial era a sua abnegação.

Fruindo d'avultados cabedaes, já proprios, já de sua tia, D. Antonia Vianna, que estremecidamente amava-o, nada faltava á felicidade do virtuoso sacerdote, cujo nome, acatado pelos doutos, era coberto de benções pela pobreza, a qual evangelicamente soccorria. Foi portanto verdadeiramente nefasto para a nossa cidade o dia <sup>2</sup>

cellos que não vião os povos na cadeira de vice-rei tanta benignidade, tanta doçura de maneiras, tanta fineza no tracto, caracteristico de quem se tinha afeito a manusear os primores da litteratura antiga e moderna. » (*Rev. do Inst. Híst. e Geogr. Bras.* tomo XXVIII — Parte II —).

<sup>1</sup> Asseverou-nos um respeitavel sacerdote, hoje fallecido, que num d'esses sermões tomára o padre Caldas a defeza de seu amigo, o general Stockler, comprometido no espirito do principe por intrigas da regencia de Lisboa, que accusava-o de haver sympathisado com a causa dos invasores francezes. Por meio de habilissimas allusões e referencias biblicas dissipou o prégador as nevoas que occultavão a verdade, contribuindo d'ess'arte para que o illustrado general readquirisse as boas graças do principe regente.

<sup>2</sup> Reza a tradição que a chegada do Cardeal Calepi, ou do padre Caldas, era o signal da retirada dos circumstantes, visto como prolongado costumava ser o colloquio d'esses personagens.

de março de 1814 em que divulgou-se a noticia do seu fallecimento <sup>1</sup>.

Foi sepultado na casa do capitulo do convento de S. Antonio; e, recolhidos os seus ossos numa modesta urna <sup>2</sup>, gravou-se-lhe o seguinte epitaphio, composto pelo festejado poeta mineiro José Eloy Ottoni:

« *Brasiliæ splendor, verbo, semone tonabat,*  
« *Fulmen erat sermo, verbaque fulmen erant.* »

<sup>1</sup> Tendo ouvido attribuir a diversas causas o prematuro passamento do eximio poeta dirigimo-nos ao nosso saudoso amigo, o cirurgiãomór Manoel Joaquim de Menezes (já fallecido) que constava-nos ter sido medico da casa de D. Antonia; e perguntando-lhe o que deveramos pensar a tal respeito respondeu-nos o seguinte :

« Esse homem, que faz honra á nossa litteratura, *morreu envenenado*, por uma parda da casa de sua tia D. Antonia, que tinha o governo da dita casa. A causa (que muitos annos depois veio a saber-se, por confissã o da propria culpada) foi a de ser o padre *muito caseiro*; e d'ess'arte impedir certos desmandos de que se utilisava a mencionada parda: cujo crime foi tanto mais nefando quanto nenhum odio votava ao sobrinho de sua senhora, que ingerencia alguma tinha no regimen domestico. O arrependimento da ré, que póde salvar-lhe a alma, em nada aproveitou ás letras patrias. »

Fallando sobre as disposições com que fallecera acrescentava na carta a que nos estamos referindo:

« Morreu como um philosopho christão, summamente contricto e pedindo a Deus perdão dos seus peccados. Não é exacto que houvesse elle mandado queimar nessa occasião as suas obras profanas por instigações do seu confessor; por isso que muito tempo antes o fizera, tornando-se de dia em dia mais mystico. »

<sup>2</sup> Acerca do ulterior destino d'essa urna, lê-se no *Pequeno Panorama do Rio de Janeiro*, (tomo II, pag. 376) devido á indefessa solitudine do nosso distincto amigo sr. dr. M. D. Moreira d'Azevedo:

« Procurando o Instituto Historico e Geographico Brasileiro obter os ossos do padre Caldas, não foi possivel encontra-los no convento de Santo Antonio. Com o tempo se destruiu a urna de madeira que guardava esses restos mortaes; e reunidos com outros ossos de finados se confundirão e misturarão ! Mas em uma das suas poesias diz o padre Caldas:

« *Não cuides que o homem desce*  
« *Todo inteiro á sepultura.* »

« Desappareceu o esqueleto, confundirão-se com outros os ossos d'esse sabio: o tumulo occultou o que lhe tinham confiado; mas uma sombra ficou á beira do tumulo, não entrou lá; o homem não desceu inteiro ao sepulchro: o padre Caldas deixou no mundo o seu nome. »

que um amigo, cujo nome nos é desconhecido, traduzio:

- « *Do Brazil esplendor, da patria gloria,*
- « *Discorrendo, ou fallando trovejava ;*
- « *O discurso, a dicção, a essencia, a forma ;*
- « *Tão veloz como o raio se inflamava. »*

Exiguo é o espolio litterario do padre doutor Antonio Pereira de Sousa Caldas: consistindo em dous volumes de *Poesias Sacras e Profanas*, dadas ao prelo em Paris no anno de 1821, por seu sobrinho Antonio de Sousa Dias. Forão essas *Poesias* esmeradamente correctas polo seu desvellado amigo o tenente-general Francisco de Borja Garção Stockler, profundo mathematico e mimoso poeta. A traducção dos Psalmos de David, que sós formão o primeiro volume, é a mais preciosa que possui a litteratura portugueza, e pode rivalisar (se não exceder) com a mui celebrada de Maffei, feita para o idioma italiano.

Verdade é que d'essa versão cabe unicamente ao nosso poeta a auctoridade da metade, sendo a restante devida ao mencionado Stockler <sup>1</sup>.

Tradição constante é que muitas e optimas poesias mas sobre assumptos profanos forão por elle lançadas ao fogo quando determinou-se a abraçar o estado ecclesiastico ; e o conego Januario refere na supracitada biographia que o illustrado abbade Correia da Serra recorreu debalde a todos os meios para dissuadi-lo de semelhante proposito, mostrando-se profundamente sentido d'essa perda, e com especialidade de de duas tragedias, cujo valor conhecia e apreciava.

<sup>1</sup> No *Discurso sobre a lingua e a Poesia Hebraica*, precedente á traducção do Psalterio, diz esse distincto litterato:

« Foi esta reflexão (junta ao desejo de fazer publica a traducção da primeira metade do Psalterio, executada por um homem de não vulgar engenho, meu particular amigo, que a morte me roubou ha pouco mais de tres annos) que me determinou a traduzir os psalmos que faltavão (menos o 18.º) na traducção do meu amigo; ou porque os reservasse para o fim, ou porque os seus papeis soffressem descaminho antes de chegarem á minha mão: e eu entendi que, ainda fazendo patente a inferioridade dos meus talentos para obras de tal natureza, fazia algum serviço ao publico, enchendo aquelles vãos o melhor que me fosse possivel. »

Sabemos ainda que os poucos versos profanos, subtrahidos a essa hecatombe de nova especie, forão os que se achavão por mãos d'amigos, que se recusarão restitui-los; sendo mais tarde incorporados na collecção de suas obras.

Conta-se tambem que escrevera uma serie de cartas no gosto das de Montesquieu nas quaes desenhava á largos traços as costumes da cõrte do Rio de Janeiro <sup>1</sup>, e discutia com summa proficiencia algumas theses politicas e philosophicas.

A acreditar-mos, como devemos, no testemunho do seu principal biographo <sup>2</sup> muitos maiores forão as perdas dos escriptos d'esse ameno litterato. Ardente e convicto propugnador do dogma catholico compoz muitas refutações ás doutrinas heterodoxas, commentou diversos auctores sagrados e ecclesiasticos, dirigiu a varios individuos epistolas, repletas d'erudicção e d'atilamento, e finalmente escreveu numerosos sermões, panegyricos, e homilias, que,

<sup>1</sup> O codice que continha essas cartas perdeu-se na Europa para onde fora remetido com o fim de ser dado a estampa, e as poucas publicadas em alguns numeros da Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, fazião parte d'uma preciosa collecção pertencente a Manuel Candido de Miranda, que as podera copiar, sendo mais tarde offerecidas ao dito Instituto pelo seu fallecido socio correspondente José Domingos d'Attaide Moncorvo.

Cremos comprazer aos nossos leitores extractando da carta 48<sup>a</sup> o seguinte paragrapho relativo á liberdade da imprensa :

« Seja portanto licito imprimir-se tudo, com tanto que se respeite a existencia de Deus, a sua providencia, a immortalidade d'alma, e os principios que amparão a propriedade, a honra, a liberdade e a vida do cidadão. Ninguem diga que é licito matar, profanar a santidade do vinculo conjugal, e esbulhar o proprietario do que é seu: ninguem porque para esse fim com escriptos insidiosos, pensamentos e expressões obscenas, ninguem ouse columniar outro homem, e muito mais se este foi encarregado da publica felicidade. — Acabe todavia o apparatus perseguidor das letras, com que tribunaes e censores embargão por toda a parte a imprensa, e quando apparecerem violados os principios da fé e moral civil, haja acção fornecida pela lei e intentada pelos cidadãos, o pelo magistrado contra o auctor e o impressor do escripto perverso ou calumnioso, e provado o crime, sejam castigados com proporcionaes ao delicto. »

(*Revista do Inst. Hist. e Geogr. Bras.* tomo III)

<sup>2</sup> O conego Januario da Cunha Barbosa, que o conhecera pessoalmente, e até consta gozára da sua privança.

como dissemos, lhe firmarão a reputação de consummado orador sacro <sup>1</sup>.

Como sóe acontecer evaporarão-se os sermões de Caldas, presidindo talvez a isso o máo fado que perseguiu a outros exímios prédigadores nossos, acerca do que alguma coisa diremos em tempo e lugar apropriado.

Distincto por varios predicados é como lyrico que especialmente recommenda se o nosso benemerito conterraneo á admiração da posteridade ; e como tal passamos a considera-lo.

Temos para nós que o padre Sousa Caldas foi o primeiro e mais abalisado interprete da poesia sagrada na litteratura portugueza : que cingindo-se, na forma, á escola de Garção e de Diniz inspirou-se principalmente nas paginas de Milton, Klopstock e Rousseau (J. B.)

A ode *sobre a existencia de Deus*, que, com chave adamantina abre a collecção de suas *Poesias Sacras*, é uma das mais magestosas concepções que possuem as poesias de todos os povos antigos e modernos ; e, á despeito de certa emphase que ahi prevalece, recommenda-se pela sublimidade da ideia, arrojo dos tropos, e delicadesa das imagens. Infinitamente superior a d'Ovidio é a pintura que faz do cahos, d'onde, á voz do Omnipotente, surge a criação. Infeliz porém foi a tentativa de paraphrasear as primeiras palavras do Genesis, nas quaes descobriu Longino um dos mais frisantes exemplos do sublime <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> D'esses manuscriptos teve conhecimento o bispo D. José Caetano da Silva Coutinho, que de coração lamentava o extravio de tão valiosos thesouros litterarios.

<sup>2</sup> Avalie o leitor de justiça da nosso reparo cotejando o seguinte da Vulgata :

« *In principio creavit Deus cælum et terram. Terra autem erat inanis et vacua, et tenebra erant super faciessi abym et Spiritus Dei ferabatur super aquas.*

« *Dixit que Deus: fiat lux. Et facta est lux* » com a versão paraphrastica de Caldas :

« A luz se faça ; e subito creada  
 « A luz resplandecendo  
 « A voz ouvia que aviventa o nada ;  
 « D'entre as trevas se foi desenvolvendo  
 « O cahos que estendendo  
 « A horrenda face, tudo confundia  
 « A terra, e o mar, e os ceos, e a noite, e o dia. »

Rivalisa com o inspirado auctor de *Missiada* quando na ode X descreve a paixão de Christo e nos raptos do enthusiasmo exclama:

- « Escurece-te, ó sol, no meio dia
- « A noite negra e feia,
- « De esquadrão das trevas rodeada
- « Sob o manto nublado, o teu luzeiro
- « Abafe triumphante.

A ode V *sobre a virtude da religião christã*, é, no conceito de Stockler — uma das mais bellas composições poeticas que honrão a poesia portugueza, não tanto pela grandeza do objecto como pela regularidade do seu desenho, e belleza d'execução. — Abundando no alvidramento de tão auctorizado mestre pedimos venia para ponderar que lhe notamos demasiada amplidão e o emprego de certos lugares communs quanto á nós mal cabidos: *salvo meliore judicio*.

A *Cantata a Creação*, em que desenvolve a these iniciada na ode *sobre a existencia de Deus*, foi por sem duvida inspirada pelos reminiscencias de Milton, Klopstock, ou talvez mais particularmente pelas assiduas leituras das obras de Young e Gray. Nota-se nella muita novidade de concepção, e atrevimento de figuras a que não estamos costumados.

Singular e lisongeira homenagem recebeu a ode *sobre a necessidade da revelação*, sendo coroada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa em um aparatoso concurso poetico. Ha nessa ode bellezas de purissima agua, e uma unção que deixa embalsamada a alma do leitor.

Consideramos a cantata — *Pigmalião* — como a mais mimosa joia do cofre de ricas poesias profanas; e supposto lhe assignemos lugar á inferior ode *Dido* pode ainda merecer as honras d'uma confrontação com o inimitavel artefacto do emulo de Ferreira. Pena é que o auctor, pagando tributo, as ideias do tempo, desperdiçasse seu opulentissimo estro com serodias amplificações da mythologia grega. No horisonte das letras não havia ainda assomado a revolução romantica; e muito fazia o nosso compatriota desbravando o terreno da tradição, e procurando no christianismo o elemento esthetico que os classicos se obstinavão em desconhecer-lhe.

Manuseando a collecção dos versos do padre Souza Caldas obser-

vará o leitor uma quasi que completa ausencia de *cór local*, nascida da sua prolongada residencia alem do athantico, e tambem da convivencia com os poetas portuguezes da segunda *Arcadia*, que, como sabemos, seguia reverente os passos da primeira.

Uma só vez afastou-se elle da trilha quando (em verdes annos) engenhou o poemeto didatico intitulado — *As Aves*, — ácerca do qual alguma coisa dissemos em uma nota.

O tom declamatorio de que se serviu é exuberante prova que faltava-lhe o sentimento do que dizer. Deixando os paternos lares e quando despia as faixas infantis apagadas reminiscencias devera conservar da terra natal, cuja habitação só lhe foi grata quando nella se estabeleceu a còrte lusitana.

O unico tracto d'essa tumida composição aspirante a fóros de philosophica, é o seguinte, em que á proposito da coruja, declama nestes termos :

« Nem tua crua indole se abranda  
Nos climas do Brazil onde amor vive  
D'exquisitos deleites, de finezas,  
E de ternas meiguices rodeado :  
Paiz aonde as Musas, que risonhas,  
Carinhosas o berço me embalarão,  
Outra Hypocrene rebentar fazião,  
Outro Parnaso excelso e sublimado  
Aos ceos levantarião, se ao ruido  
De pesados grillhões jamais podessem  
As filhas da Memoria acostumar-se.  
Alli a terra com perenne vida  
Do seio liberal desaferrolha  
Riquezas mil, que o lusitano avaro  
Ou mal conhece, ou mal aproveitando,  
Esconde com ciume ao mundo inteiro.  
Alli, ó dor !,.. ó minha patria amada !  
A ignorancia firmou seu rude assento,  
E com halito inerte tudo damna,  
Os erros diffundindo e da verdade  
O clarão offuscando luminoso.  
Alli servil temor e abatimento  
Os corações briosos amortece,  
E emquanto a natureza desenhava

D'outro Eden as campinas deleitosas  
 A estúpida ambição com mão mesquinha  
 Transtornou seu magnifico projecto  
 E só parece aparelhar abrigo  
 As aves que do dia se arreceão  
 E procurão da noite a sombra triste..."

Prescindamos do encargo d'analysar as injustiças contidas nesse trecho em que o nosso estimavel compatriota, qual novo myrmidão, até parece envergonhar-se da sua procedencia portugueza, abundando nos lugares communs, inspirados pela assidua leitura dos encyclopedistas francezes. Não sejamos porém nimio severo, lembrando-nos do conceituoso verso de Horacio.

... . . . . *Pictoribus atque poetis  
 Quidlibet audendi semper fuit æqua potestas.* »

#### POESIA EPICA

BASILIO DA GAMA (*José*): — Filho legitimo de Manuel da Costa Villas-Boas e de D. Quiteria Ignacia da Gama viu a luz do dia na villa de S. José do Rio das Mortes (provincia de Minas Geraes) no decurso do anno de 1740. Ainda na puericia deixou o lar domestico e veio para o Rio de Janeiro frequentar as mui justamente celebres aulas dos padres jesuitas.

Mediante poderosas recommendações de sua familia que sabe-se hoje <sup>1</sup> gozava de certa preponderancia obteve a protecção do briga-

<sup>1</sup> Coube ao sr. conselheiro Pereira da Silva a gloria d'elucidar esse ponto da biographia do nosso poeta, provocando da parte de seus parentes explicitas informações concernentes á sua genealogia; das quaes consta que descendião seus progenitores de fidalgos portuguezes, possuidores d'um solar em Barcellos desde o tempo d'el-rei D. Pedro I, havendo outrosim se distinguido em varias epochas no serviço do Estado.

Foi uma boa fortuna do sr. Pereira da Silva; visto como sabida é a repugnancia que ainda entre nós tem as familias em fornecer dados biographicos de seus maiores receiosos, quiçá, do *máu uso que d'elles porventura se possa fazer*, ou pensando que irão com isso animar *espírito d'especulação (!!!)*. Por mais d'uma vez havemos naufragado nesses mesmos recifes quando, em bem das cousas patrias, buscamos colher noticias relativas aos nossos homens celebres.

gadeiro José Fernandes Alpoim e por ella a do bispo D. Frej Antonio do Desterro, e a do capitão general Gomes Freire d'Andrade.

Costume era do instituto de Loyola attrahir ao seu gremio os mancebos mais talentosos que lhe cursavão nas aulas, e como nesse numero consideravão a José Basilio foi admittido na classe de *irmão escolastico*, aguardando-se o complemento de idade para a definitiva profissão.

Oppuzerão-se porém a esse anhelos estrondosos e inesperados acontecimentos; sendo certo que o anathema fulminado contra a Companhia de Jesus só de leve feria o nosso compatriota. Gozou elle do privilegio outorgado aos que ainda não se achavão vinculados pelos derradeiros votos; e, utilizando-se da magra pitaça dos *cem reis diarios* resolveu continuar seus estudos no seminario de S. José d'esta cidade. A morte do conde de Babadella, que se constituiria seu principal protector, determinou-o a passar-se ao reino para ver se lhe era possivel dar livre expansão a sua vocação pelas letras.

Chegamos a um dos pontos mais difficeis da biographia do nosso illustre conterraneo: estamos em presença d'um enigma cuja decifração confessamos ingenuamente não havermos encontrado.

Posto que nobres não fruião seus pais de fortuna capaz de ministrar-lhe uma pensão na Europa; e indubitavel é que com a exigua somma de *tres mil reis mensaes*, lhe era absolutamente impossivel proseguir em seus estudos no reino.

Inprimia-lhe outrosim um especie d'estigma a roupeta de S. Ignacio; e nenhum dos seus protectores queria comprometter-se com o poderoso ministro que tão profundo odio consagrava a essa roupeta. Nesta apertada conjunctura bem amargurados deverão ser os dias que então se lhe deslisavão, longe da patria e da familia.

Si dermos fé aos escriptores jesuitas forão elles, que, compadecidos da misera sorte do seu ex-collegial, lhe estenderão mão misericordiosa, proporcionando-lhe os meios de trasladar-se a Roma, e empregar-se num seminario. Pretendem ainda que por sua influencia tivera elle entrada n'*Arcadia Ramana*, onde tomara

o nome de *Termino Sepilio* <sup>1</sup>. Ignora-se o motivo da sua ida a Napoles, bem como da subita resolução que tomara de regressar a Lisbôa.

O pessimo acolhimento que teve n'esta ultima cidade, sua partida precipitada para o Rio de Janeiro, e immediato regresso ás margens do Tejo indicão que se achava elle compromettido como partidario dos jesuitas e auctorisção até certo ponto a versão a que nos referimos.

Novo Orestes parecia perseguido pelas Eumenides, que nesse caso era a desconfiança do marquez de Pombal contra todos que julgava affeiçoados, ou reconhecidos á Companhia de Jesus. Pairando sobre o joven brasileiro graves suspeitas de manter relações com esses regulares foi constrangido a assignar no tribunal da Inconfidencia termo de, no certo prazo de seis mezes embarcar-se para Angola, d'onde não devera sahir sem expressa ordem do governo.

Disponha-se a cumprir tão cruel sentença quando lhe despertão a ideia de conciliar-se as boas graças do grande ministro saudando o consorcio de sua filha D. Maria Amalia com um fidalgo d'antiquissima linhagem <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> O snr. Vanhagem (barão do Porto-Seguro) combate essa versão allegando « que o nosso patricio possuia em si bastante recommendação para, independente de proteccões, entrar para a Arcadia Romana. »

Pedimos venia para discordar do tão respeitavel asserção; conhecendo a nenhuma importancia dada nas grandes capitaes da Europa a qualquer estrangeiro que se apresente, desacompanhado de valiosas recommendações. Releva (em que pese ao nosso patriotismo) que nos convençamos, de que por mais brilhante que fosse o talento de José Basilio, não passava elle d'uma gota d'agua, perdida no grande oceano da côrte de Clemente XIII.

<sup>2</sup> Com summa destreza introduz n'esse epithalamio um finissimo elogio ao marquez, que, como sabemos, não era insensivel aos efluvios da myrrha poetica. Agourando a recém-casada gloriosa progenie diz-lhe:

« Não lhe mostres na patria a estranha terra  
Os antigos illustres que passarão,  
Mostra-lhes o grande Avô, em que se encerra  
Quanto os heroes d'antiguidade obrarão,

Em boa hora escreveu Basilio da Gama es ses bellissimos versos, que, semelhantes a lyra d'Orpheu, amolecerão o coração do ministro, o qual, revogando a ordem do exilio, chamou-o para seu lado na qualidade d'official de secretaria d'estado dos negocios do reino.

No exercicio d'esse honroso e lucrativo emprego recebeu elle as distincções de cavalleiro do ordem de S. Thiago e escudeiro fidalgo da casa real: sendo outrosim a quadra mais venturosa da sua attribulada existencia.

Ao cultivo das musas destinava os seus curtos lazeres: dirigindo-se ora ao Mecenas, ora aos que mais de perto lhe tocavão <sup>1</sup>.

É de presumir que fosse então que ideiasse e levasse ao cabo a execução do seu poema *Uraguay*, e não na epocha que entendeu assignar-lhe na primeira edição do dito poema <sup>2</sup>.

« E basta-lhes na paz, na dura guerra  
Que se lembrem um dia que beijarão  
A mão seguro arrimo da corôa,  
A mão que da ruina ergueu Lisbôa. »

Alludindo depois a sua miserrima situação exclama:

« Eu não verei passar seus doces annos,  
Alma d'amor e de piedade cheia:  
*Esperão-me os desertos africanos*  
Aspera, inculta e monstruosa arêa  
Ah! tu faze cessar os tristes damnos... »

<sup>1</sup> Sirva d'exemplo da primeira cathegoria o seguinte lindissimo soneto:

« Ergue de jaspe globo alvo e rotundo.  
E em cima a estatua d'um heroe perfeito;  
Mas não lhe lavres nome em campo estreito,  
Que o seu nome enche a terra e o mar profundo.  
Mostra no jaspe, artifice fecundo,  
Em muda historia tanto illustre feito,  
Paz, justiça, abundancia e firme peito  
Isto nos basta á nós e ao nosso mundo.  
Mas porque pode um seculo futuro,  
Peregrino que o mar de nós afasta  
Duvidar quem anima o jaspe duro  
Mostra-lhe mais Lisbôa, rica e vasta  
E o commercio, e um lugar remoto e escuro  
Chorando a hypocrisia. Isto lhe basta. »

<sup>2</sup> Diz elle que durante a sua residencia na capital do catholicismo tivera a primeira lembrança da sua epopéa ao ver « que muitas pessoas o buscavão só para

Para assim pensar claro é que abraçamos a hypothese que apresenta-o na Cidade Eterna protegido dos jesuitas, não sendo por isso crível, que sob sua immediata dependencia, ideiasse uma obra em que são elles tão maltratados e da qual tão queixosos sempre se mostrarão.

O argumento e o plano do poema revelão manifesto designio de comprazer o primeiro ministro d'el-rei D. José, e a dedicatória a Francisco Xavier de Mendonça Furtado <sup>1</sup>, que governára as capitánias do Pará e Maranhão, e que nessa qualidade puzera em execução o tratado de limites de 1750 mostrando-se tão inexoravel perseguidor dos discipulos de Loyola, deixa bem patente o animo hostile de que fazia alarde contra seus antigos protectores.

Do pinaculo do favor e da fortuna despenhou-se o nosso patricio no pégo da desventura; e para isso bastou que o fallecimento d'el-rei D. José precipitasse das regiões do poder o marquez de Pombal.

Ao invéz do que praticára para com os jesuitas (quicá arrependido da sua feia acção) não quiz José Basilio alistar-se na numerosissima phalange dos abyssinios; antes aproveitou-se de todos os ensejos para tributar ao ministro decahido o preito da sua gratidão <sup>2</sup>.

saberm com fundamento noticias do Uruguay, testemunhando um extranho contentamento de encontrarem um americano que os podia informar miudamente de todo o succedido. A admiração que causava a extranheza de factos entre nós tão conhecidos, fez nascer as primeiras ideias d'este poema. »

(Vide a 1.<sup>a</sup> edição do *Uruguay* Lisboa — 1769 — pag. 12).

<sup>2</sup> Irmão de Sebastião José de Carvalho e Mello, conde d'Oeiras e marquez de Pombal.

<sup>3</sup> Numa ode dedicada, por essa epocha, ao marquez de Pombal diz :

« Não o vil interesse de ouro, ou prata  
 Não a esperanza de honras,  
 A minha voz levanta ! Nem da plebe  
 De subitas catastrophes amiga  
 As tumultuosas ondas me arrebatão :  
 É só, é só a gloria  
 É o amor da virtude que me inflama :  
 Debalde os mares turbidos co'o vento,  
 Que brama e ronca ao longe  
 Tentão com furia enorme a immovel rocha  
 Que o grosso sólo d'agua estala e quebra  
 Sobre o fixo cachopo alcantilado

Como era d'esperar custou-lhe esse acto de honradez acerbos dissabores, vendo-se na dura necessidade de pedir demissão do emprego d'onde tirava o pão quotidiano, vindo, qual o legendario Ahasvero, demandar refugio ás plagas guanabarenses.

Não lhe offerecerão ellas a almejada guarida; porquanto vemo-lo de novo atravessar o oceano e fixar residencia em Lisboa, não sabendo-se quaes os meios de subsistencia que encontrára nessa cidade.

Acabrunhado de desgostos e contrariedades <sup>1</sup>, evocou ainda a musa epica e compoz pelos fins do anno de 1791 um poema intitulado *Quitubia*, em louvor d'um chefe africano que se distinguira pelejando em prol dos portuguezes e contra os invasores hollandezes. Ou pela pequenez do assumpto, ou pela frieza da imaginação do auctor, mingoado é o conceito de que gosa esse poema na republica das letras.

Desconhecidos nos são os pormenores da ultima quadra da sua vida e apenas consta-nos que fizera parte d'Academia Real das Sciencias, a cujas sessões costumava concorrer, até que, por conselho de seus medicos, partira para Coimbra afim d'utilisar-se das preconisadas aguas da Mó, que parece não lhe haverem aprovei-

« Em vão no ar saltando  
Em crespas e branca espuma cae desfeito.  
Magnanimo marquez, tu com sereno  
Intrepido semblante  
Encarando a fortuna surgir ouves  
Da ingratição o monstro abominavel  
Tu com placido espirito olhas cercado  
De imposturas e affrontas  
« Satyras vis de petulantes monos.. »

<sup>1</sup> Uma das maiores porque teve de passar foi por sem duvida a da publicação da *Resposta Apologetica ao poema intitulado O URAGUAY*; na qual era atrozmente insultado com a circumstancia aggravante de ser dada ao prelo desesete annos depois que viera a lume o poema, e quando, privado d'amigos e protectores, curtia todas as angustias da pobreza, senão da miseria. Ainda que no frontespicio d'essa ver-rina se lêa que fôra impressa em Lugano (em 1786) visivel é que sahira d'alguma das mais favorecidas officinas typographicas de Lisboa, onde inimigos gozavão d'extraordinaria influencia, abusando do animo religioso e tímido da rainha D. Maria I

tado, visto como succumbiu á cruel e tenaz enfermidade na cidade de Lisboa a 31 de julho de 1795, sendo sepultado na igreja da Boa Hora no sitio de Belem.

Além das obras de que havemos feito menção, escreveu o nosso conterraneo um poema didascalico que intitidou — *Declamação Tragica* — no qual ora seguiu suas proprias inspirações, ora buscou imitar o poeta francez Dorat <sup>1</sup>.

Occupa o *Uruguay* a primazia entre os nossos poemas epicos pela admiravel unidade d'acção e extrema delicadeza com que soube entretecer os episodios e as descripções.

Alargado pela critica moderna o circulo de Popilio, em que os aristotelicos pretendião circumscrever o sujeito das epopeas, é fóra de duvida que o *Uruguay* pode pertencer á cathegoria do *Affonso o Africano*, da *Malaca Conquistada* e do *Naufragio de Sepulveda*.

Rapida e animada é a acção d'este poema <sup>2</sup>, grandioso o scenario que se desdobra nas pictorescas margens do Uruguay <sup>3</sup>, onde a Companhia de Jesus lançára os alicerces d'um poderosissimo estado theocratico, cuja constituição admira aos manuseadores de nossas chronicas e curiosos das patrias tradições. Si geral não é o interesse do escolhido thema, cumpre confessar que na epocha em que a obra foi dada á estampa dispertava ella a attenção dos gabinetes da Europa, sobresaltada pela ruidosa queda d'essa poderosa associação, que tão fundas raizes havia lançado no solo do christianismo. Sabia-se que os pobres indios que resistirão ás forças combinadas

<sup>1</sup> Claudio José Dorat, nascido em Paris em 1734 e fallecido em 1780, tornou-se notavel pela facilidade e graça de suas composições poeticas que formão vinte volumes em 8º. sendo de todas a mais celebre a denominada — *Declamação Theatral* — que serviu de modelo á de José Basilio da Gama, ácerca da qual não emittimos juizo algum por nos ter sido impossivel colhe-la ás mãos. O silencio porém que a seu respeito guardão todos os biographos, parece-nos indicar que não seria ella titulo com que podesse seu nome passar á posteridade.

<sup>2</sup> Durou pouco mais de seis mezes: de 17 de janeiro de 1756 até os fins de julho do dito anno.

<sup>3</sup> Damos ao poema o nome d'*Uruguay*, porque assim o denominou o auctor, e assim o denominavão os contemporaneos.

da península iberica não passavão de *manequins*, movidos por fios electricos, cujo centro achava-se em Roma.

A verdade historica impunha Gomes Freire d'Andrade para protagonista do poema <sup>1</sup>; mas a pujante phantasia de José Basilio foi algures procurar um personagem, que, á imitação de Heitor na Iliada, e de Turno na Eneida, interessão muito mais aos leitores. Claro é que nos referimos a Cacambo.

De feito, a bellissima pintura que nos traça d'esse chefe indio, seu character ousado e generoso, o sentimento d'amor patrio que o anima dão-lhe um colorido original, um *americanismo*, que devera ser mais tarde interpretado pelos delicadissimos pinceis de Cooper, Irving e Longfellow. O sonho do heroe, no qual lhe apparece Cepé, pedindo-lhe vingança e suggerindo a ideia d'atear fogo no acampamento europeu, é uma das mais esplendidas concepções que conhecemos. Notavel pela energia d'expressão, posto que demasiado extensa, é a falla do supradito Cacambo a Gomes Freire, bem como a resposta d'este em que sobresaem os rarissimos predicados que ornavão sua bellissima alma. Dir-se-hia que Heitor e Achilles se achavão em colloquio, e que a linguagem d'um valia a do outro <sup>2</sup>.

Verdadeiramente homerica é a apostrophe de Cacambo:

« . . . Oh ! general, eu te agradeço  
 « As settas que me dás, e te prometto  
 « Mandar-t'as bem de pressa uma por uma,  
 « Entre nuvens de pó no horror da guerra.  
 « Tù as conhecerás pelas feridas,  
 « Ou porque rompem com mais força os ares. »

<sup>1</sup> Motivos de gratidão para com esse illustre general, deverão tambem actuar no animo do poeta, que não descuidou-se de introduzir na sua epopéa o brigadeiro Alpoim, a quem devia a sua apresentação ao governador e ao bispo.

<sup>2</sup> Garrett, inquestionavelmente o mais fino critico que conta a litteratura portugueza, assim se exprime fallando d'este poema :

« . . . O *Uruguay*, de José Basilio da Gama, é o moderno poema que mais merito tem na minha opinião. Scenas naturaes mui bem pintadas, de grande e bella execução descriptiva; phrase pura e sem affectação, versos naturaes sem ser prosaicos, e quando cumpre sublimes sem ser guindados; não são qualidades communs. Os brasileiros principalmente lhe devem a melhor corôa de sua poesia, que nelle

## RESUMO DE

A sinistra figura de Balda, reclamada talvez pela lei dos contrastes, destaca-se d'essa atmospherã d'heroicidade: elle é quem envenena o Heitor guarany, para livremente dispor da mão da graciosa Lindoya em beneficio de seu afilhado Baldeta.

O quadro da morte da heroina, inspirado pelas reminiscencias de Cleopatra, é o mais donairoso episodio do poema, e no nosso conceito preferivel ao tão celebrado d'Ignez de Castro nos Luisadas de Camões.

Pago o tributo d'admiração a esse primor da nossa litteratura, não dessimularemos que não é tão original como aprouve a alguns dos nossos çriticos figura-lo. Quem detidamente estuda-lo conhecerá que o nosso illustrado compatriota pediu á litteratura italiana, em que era versadissimo, o paradigma d'essa ficção <sup>1</sup>.

A descripção do incendio das aldeias uruguayanas, onde se erguião magestosos templos, e sumptuosas casas de habitação dos jesuitas, é feita com uma tal exactidão minuciosidade que revelão conhecimentos topographicos, bebidos, ou em assiduas leituras das *annuas* e outros documentos da ordem, ou em visita que o auctor houvesse feito a asses estabelecimentos <sup>2</sup>.

é verdadeiramente nacional, e legitima americana. Magoa é que tão distincto poeta não limasse mais o seu poema, lhe não desse mais amplidão, e quadro tão magifico o acanhasse tanto. Si houvera tomado esse trabalho, desapparecerião algumas incorrecções d'estylo, algumas repetições e um certo disalinho geral, que muitas vezes é belleza, mas continuado e constante num poema longo, é defeito. »

(*Bosquejo da Historia da Lingua e da Poesia Portug.*)

<sup>1</sup> Petrarca descrevendo a morte de *madonna Laura* tinha dito :

« Pall no, ma più che neve bianca  
« Che nza vento in un bel colle fiocchi  
« Par posar come persona stanca  
« Qua un dolce dormir ne' suoi belli occhi  
« Esse to 'l spirito già da lei diviso  
« Era uel che morir chiaman gli sciocchi  
« Mori bella pareo nel suo bel viso. »

<sup>2</sup> Apresentando esta hypothese inclinamo-nos por ella; tanto mais que sabemos costumarem os jesuitas fazer viajar seus mais talentosos discipulos, preparando-os d'ess'arte para o arduo mister de missionarios.

O episodio da feiticeira Tanajura, que num vaso de chrystalina  
agua.

- « Entre despedachados edificios  
« . . . . . viu Lisboa  
« Com o solto cabello descomposto  
« Tropeçando em ruinas encostar-se  
« Desamparada dos habitadores  
« A rainha do Tejo, e solitaria  
« No meio de sepulchros procurava  
« Com seus olhos soccorro, e com seus olhos  
« Só descobria d'um e d'outro lado,  
« Pendentes muros e inclinadas torres.  
« Vê mais o luso Athlante que forceja  
« Por sustentar o peso desmedido  
« Nos roxos hombros. Mas do ceo sereno,  
« Em branca nuvem prouida donzella  
« Rapidamente desce, e lhe apresenta  
« Da sua mão espirito constante,  
« Genio d'Alcides, que de negros monstros  
« Despeza o mundo, e enxuga o pranto á patria. . . »

É introduzido esse episodio em honra do então conde d'Oeyras, (mais tarde marquez de Pombal) a quem, como já vimos, buscava por todos os meios ser agradavel.

Ahi mesmo fere Basilio da Gama a seus primeiros protectores ; com tetricas côres desenha-lhes a politica, e faz-se echo de insinuações que a severidade historica ainda não deu por provadas.

Na pintura d'abobada do templo jesuitico, aliás riquissima pela mestria com que soube combinar as côres e a diversidade dos toques, mostra-se animado dos mesmos sentimentos rancorosos, e accumula contra seus antigos mestres um acervo de accusações que seriam monstruosas, si não fossem muitas d'ellas ridiculas <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Não se induza d'estas nossas palavras que abjuramos o juizo que em varios escriptos havemos emittido em relação aos jesuitas : longe d'isso ; estamos cada vez mais convicto de que a sua influencia, benefica no principio, e quando inspirada pela lição do Evangelho, não tardou em tornar-se funesta, isto é, quando a era dos santos foi substituida pela dos politicos. A imparcialidade historica pede porem que protestemos solemnemente contra as injustiças, e até calumnias, de que tem sido victimas os confrades de Nobrega e Anchieta.

Incontestavel é que da combinação do sublime com o ridiculo podem resultar bellezas de primeiro quilate ; e que melhor do que quaesquer outros soberão o grande dramaturgo inglez <sup>1</sup> o inspirado auctor do *Fausto* <sup>2</sup>, e o eximio cantor da *Legendas dos Seculos* <sup>3</sup> combinar esses antagonicos elementos, fazendo jorrar a luz das trevas : acreditamos porém que fôra o nosso patricio infeliz no ensaio que nessa especie desejou fazer ; quando, em seguida ao formosissimo quadro da morte de Lindoya, apresentou-nos em scena.

« Com as chaves no cinto o irmão Patusca  
« De pesada, enormissima barriga. . <sup>4</sup> »

Digamos, para terminar, duas palavras, ácerca do estylo e da metrificacão adoptados pelo poeta. Brillhante de imagens, muitas das quaes recommendaveis pela singularidade e acerto com que forão empregadas, é quasi sempre pura e correcta a sua dicção ; hem como louvavel o arrojio com serviu do endecassyllabo solto, em vez da oitava rima, em que a escola camoniana julgava consubstanciada á epopéa.

DURÃO (*José de Sancta Rita*): — Guardão quasi todos os biographos silencio ácerca da data do nascimento e a filiação d'este nosso illustre compatriota <sup>5</sup> limitando-se a informar que vira a luz do dia no arraial do Infecionado, termo da cidade episcopal de Marianna na provincia de Minas-Geraes.

A absoluta falta d'aulas de instrucção secundaria, que então existia na sua provincia natal obrigou-o a vir frequentar nesta capital o curso, que com tanto brillhantismo, mantinhão os regu-

<sup>1</sup> Shakspeare.

<sup>2</sup> Goethe.

<sup>3</sup> Victor Hugo.

<sup>4</sup> Esta creação, digna do *Hyssope* ou do *Desertor das Letras*, é mal cabida num poema da ordem do *Uruguay*.

<sup>5</sup> Nos *Varões Illustres do Brasil durante os tempos coloniaes* (tomo 1) diz o sr. conselheiro J. M. Pereira da Silva que « José de Santa Rita Durão nasceu no anno de 1736 sendo seus ascendentes os honestos e abastados mineiros, o sargento-mór Paulo Rodrigues Durão e D. Anna Garcez de Moraes. »

lares da Companhia de Jesus, passando-se depois a Portugal onde tomou o habito agostiniano em 12 de outubro de 1738. e doutorou-se em theologia na universidade de Coimbra em 1756 <sup>1</sup>.—

O talento oratorio de Durão revelou-se pela primeira vez de modo esplendido na oração congratulatoria prégada na cathedral de Leiria (em 1758) pelo feliz restabelecimento d'el-rei D. José, escapo do attentado da noite de 3 de setembro d'esse mesmo anno.

Desde essa data até a de 1762 ignoramos as circumstancias da vida do nosso personagem, sendo de crer que no ministerio do pulpito, do confessionario e no cumprimento dos deveres religiosos occupasse o seu tempo. No anno porém a que nos referimos (de 1762) deu-se uma occurrencia que attrahiu sobre o esperançoso graciano a attenção publica. Queremos fallar da celebre pastoral em que o bispo de Leiria D. João Cosme da Cunha <sup>2</sup> fulminava os discipulos de Loyola com os raios da sua indignação applaudindo em termos descomedidos, a sua expulsão de Portugal. Não poude Fr. José Durão mostrar-se indifferente ás injustas arguições articuladas contra seus antigos mestres; e rasgadamente tomou-lhes a defesa, sem calcular as consequencias, que d'esse acto lhe poderiam provir <sup>3</sup>. Ora, dava-se o caso do que o superior de seu convento <sup>4</sup> fosse irmão do bispo, cuja pastoral tanto incommodara ao nosso patricio e quiza lhe provocára alguns motejos; e d'ahi uma serie de miseraveis revindictas que summamente o molestarão, levando-o ao extremo d'expatriar-se.

Ha muito que desejava emprehender-se uma viagem a Italia

<sup>1</sup> O referido senhor conselheiro Pereira daSilva affirma que Durão se doutorara em 1756 e professára em 1758; ao passo que nos *Épicos Brasileiros* diz o sr. Varnhagen ignorar si essa profissão se fizera antes, ou depois do doutoramento. No seu *Diccionario Bibliographo* resolve o sr. Innocencio da Silva este litigioso ponto pelo modo porque acima ficou apontado.

<sup>2</sup> Mais conhecido pelo nome de *cardeal da Cunha*.

<sup>3</sup> Folgamos de registrar esse nobre procedimento do illustrado brasileiro que serve de contraste com o d'outro nao menos illustrado sobre cuja memoria paira a feia nodoa da ingratição.

<sup>4</sup> Chamava-se elle Fr. Carlos da Cunha.

luminoso fóco das letras e artes ; e pois prevaleceu-se da oppor-  
tunidade para implorar a necessaria licença, que facilmente lhe  
foi outorgada. Deixando o solo portuguez encaminhou-se para  
Hespanha, cujas cidades curiosamente visitou, quando, tornando se  
suspeito d'espião, foi preso, e guardado em custodia no castello de  
Segovia <sup>1</sup>.

Recuperada a liberdade proseguiu em sua peregrinação dirigin-  
do-se á Italia, cuja capital religiosa, e hoje tambem politica, visitou  
venerabundo.

Conforme o testemunho de Fr. José das Dores (citado pelo  
sr. Varnhagen no *Florilegio da Poesia Brasileira*) despiu nessa  
cidade o habito de agostíniano e passou a categoria de sacerdote  
secular <sup>2</sup>.

Não sabemos o tempo que demorou-se nas margens do Tibre,  
sendo certo que já em 1772 achava-se elle de volta a Portugal ins-  
crevendo-se no concurso aberto para um dos lugares d'oppositores  
vagos na universidade de Coimbra, cuja direcção fôra confiada ao  
nosso benemerito conterraneo D. Francisco de Lemos de Faria  
Pereira Coutinho <sup>3</sup>.

Parece que pouco depois volvera ao primitivo estado monastico  
do qual nunca mais apartou-se ; a elle certamente pertencia quando  
em 1778 recitou uma erudita e eloquente oração (chamada de

<sup>1</sup> Lavrava nessa epocha a guerra entre Portugal e Hespanha, que só foi termi-  
nada pelo tratado feito em Paris a 10 de fevereiro de 1763.

<sup>2</sup> Apreciando esse facto assim se exprime o mencionado sr. Varnhagen :

« Que motivos teria para secularisar-se não será facil averiguar, a não admittir-  
mos a conjunctura tão natural da inconstancia de character que tantas vezes acom-  
panha as almas exaltadas.

<sup>3</sup> Nascido na freguezia de S. Antonio de Jacotinga (municipio do Rio de Janeiro)  
aos 4 d'abril de 1735 e fallecido a 16 d'abril de 1822. Foi irmão do famoso juris-  
consulto João Pereira Ramos d'Azeredo Coutinho, e seguindo a carreira ecclesi-  
astica, chegou as mais elevadas dignidades. Teve a honra de ser nomeado pelo  
marquez de Pombal reitor e reformador da universidade de Coimbra, sendo por  
ultimo agraciado com a mitra episcopal d'essa diocese e com titulo de conde  
d'Arganil. Deputado ás cortes constituintes não chegou a tomar ahi assento.

*sapiencia*) escripta em lingua latina, e confiada, segundo o estylo, a um dos mais modernos oppositores <sup>1</sup>.

Aos deveres do magisterio juntou Durão o exercicio d'alguns cargos da ordem, onde consta que gozára da dignidade de prior, sendo bem quisto de todos os confrades: José Agostinho de Macedo, seu contemporaneo, dá fé do respeito e consideração, que rodeavão o nosso compatriota, e abona a grande facilidade que tinha em improvisar tendo-o por vezes ouvido dictar as estancias do seu poema a um pardo que comsigo levára do Brasil, que lhe servia de criado e amanuense.

Como sóe acontecer aos que se abrigão á sombra dos claustros placida escoou-se-lhe a existencia, terminada a 24 de janeiro de 1784 no hospicio do *Colleginho*, sito á rua dos Cavalleiros, e pertencentes aos monges agostinianos, conhecidos em Portugal por *gracianos*.

Imperecedouro padrão da gloria litteraria de Fr. José de Sancta Rita Durão é o poema epico intitulado *O Caramurü*, e dado á estampa doze annos depois do *Uruguay*. <sup>2</sup>

Explicando aos leitores o movel que determinára a feitura d'essa obra diz no prologo:

« Os successos do Brazil não merecião menos um poema do que

<sup>1</sup> Fallando d'essa peça d'eloquencia official diz o sr. Varnhagen.

« Se bem que algumas vezes empolado e com uma, ou outra hyperbole, passa por uma das mais eloquentes peças em latim que se tem proferido em tal acto d'ostentação solemne. Por vezes é sublime; algumas vezes emprega tal concisão que em poucas palavras encerra muita belleza e philosophia. Tal é a pintura que faz dos melhores reis portuguezes, que longe de se conservarem sempre na sua côrte, visitavão de continuo as terras interiores do seu reino, como um bom pai de familia, que vai ver seus filhos já homens d'elle apartados para crear e felicitar novas familias « *Hæc indoles, hæc facies, hæc primeva gentes ex crat:* » diz depois o orador poeta. — Toca nas sciencias com variada lição e não vulgar conceito, e em referencia aos antigos descobrimentos portuguezes diz que pelos esforços do principe navegador nascião no seu tempo *ilhas com o nascer dos dias.* »

(EPICOS BRASILEIROS — *Notas ao Caramurü.*)

<sup>2</sup> O CARAMURU. poema epico do descobrimento do Brazil, sahio pela primeira vez a luz em Lisboa no anno de 1781 impresso na regia officina typographica. Foi vertido em lingua franceza por Eugenio Monglave e publicado em Paris no anno de 1829.

os da India. Incitou-me a escrever este o amor da patria. Sei que minha profissão exigiria de mim outros estudos ; mas estes não são indignos de um religioso, porque o não forão de bispos e bispos sanctos ; e o que mais é de sanctos padres, como S. Gregorio Nazianzeno, S. Paulino e outros. »

Collige-se d'estas palavras que tivera o auctor em mira seguir as pégadas de Camões nos *Lusiadas*, de José Agostinho de Macedo n'*Oriente* ou de Sá de Menezes na *Malaca Conquistada*, parece-nos porém que se aproximou mais do *Naufragio de Sepulveda* de Jeronymo Corte Real, ou da *Uysséa* de Gabriel Pereira de Castro.

O facto do Caramurú é uma formosa lenda, semelhante a muitas outras que circundão o berço dos povos ; mas no tempo de Durão não havia ainda o esmeril da critica depurado a verdade historica da ficção romanesca <sup>1</sup>.

Admittindo, como pretende Hegel, que o interesse das epopéas deve ser relativo e não absoluto, que as legendas podem, de concomitancia com os factos historicos, fornecer assumpto para as epopéas, indubitavel é que na tradição do naufragio de Diogo Alvares Correia encontrou o vate agostiniano materia digna para tão vasto commettimento. Rezão as chronicas que prestou o referido Correia poderoso auxilio ao primeiro donatario da Bahia Francisco Pereira Coutinho ; e que, prevalecendo-se do dominio que soubera grangear sobre o animo dos indigenas, concorrera para a fundação da cidade do Salvador.

O que mais encanta-nos neste poema é o quadro dos usos e costumes das selvagens brazilicos, pela primeira vez descriptos na linguagem das musas, principalmente a magnifica pintura dos tribus guerreiras, capitaneadas pelo intrepido Jararaca, que traz-nos a lembrança a admiravel descripção dos povos gregos marchando contra Troya, tal como no-la figura Homero no livro II da Iliada.

A morte do prisioneiro, destinado a servir de pasto ao appetite antropophago dos inimigos, tem um cunho d'originalidade, que

<sup>1</sup> Vide a interessantissima memoria do sr. Varnhagen publicada no tomo X da *Rev. Trim. do Instituto Historico* com titulo « *O Caramurú perante a historia.* »

sobremodo o recommendão a admiração dos amadores das bellezas nativas. Descobre-se aqui *cor local* prenuncio de futura originalidade litteraria.

Posto que inferior ao de Lindoya é o episodio de Moema estimavel por mais d'um titulo ; e pôde ser comparado ao de Ariadne nas bodas de Peleo e de Thetis. Virulenta é apostrophe que dirige ao seu ingrato amante, a quem todavia menos odeia do que a preferida rival <sup>1</sup>.

Outro lindissimo episodio é o da estatua da ilha do Pico <sup>2</sup>, thema d'um gracioso romance cantado por Fernando do som da cithara para distrahir seus companheiros do infortunio.

Vislumbrou o nosso poeta o grande partido que das crenças religiosas dos indigenas poderia tirar ; infelizmente porém fracos são os subsidios que a seu dispor tinha e d'esses mesmos pouco aproveitou-se ; preocupado como se achava d'ostentar seus vastissimos conhecimentos theologicos.

Arrastado pela sublimidade da materia esquece as leis da verosimelhança ; prega a Gupeva um sermão, digno do mais illustrado auditorio, e absorve-se numa metaphysica de todo incomprehensivel a rude intelligenza do chefe americano.

Em pontos de verosimelhança não era o nosso auctor na da escrupuloso ; assim, por exemplo, faz o retrato de Paraguassú como se pertencesse ella á raça caucasica, e sacrifica a cada instante a historia e a chronologia quando, á exemplo de Camões, põe na boca do protagonista a narrativa dos acontecimentos ocorridos na

<sup>1</sup> « Tão dura ingratidão menos sentira  
 « E este fado cruel doce me fôra,  
 « Si a meu despeito triumphar não vira  
 « Essa indigna, essa infame, essa traidora ;  
 « Por serva, por escrava te seguira  
 « Si não temera de chamar senhora  
 « A vil Paraguassú, que sem que o creia,  
 « Sobre ser-me inferior, é nescia e feia. »

<sup>2</sup> Acerca da existencia d'essa estatua pode-se consultar com proveito a excellent memoria do sr. José de Torres denominada — *Originalidade da navegação do oceano atlanti co septentrional e do descobrimento de suas ilhas pelos portuguezes no XV seculo.*

recente] colonia] dando-lhe por ouvinte o commandante da não franceza que o transportava a Europa. O sonho de Paraguassú é tão repleto de ingruencias que chegão a obscurecer-lhe o brilho da concepção.

Cultor desvellado dos classicos conseguiu Durão ser mais correto do que Basilio da Gama, que lhe excedia em delicadesa de gosto; e favorecido pelas vantagens meironomicas da rima é tambem menos dura a versificação, sem que seja de todo escoimado de prosaismo.

Mereceu o *Caramurú* juizos do mais competentes contrastes, dos quaes, por brevidade, apenas citaremos Garrett.

« Muito havia que a tuba epica estava entre nós silenciosa, quando Fr. José Durão a embocou para cantar as romanescas aventuras do Caramurú. O assumpto não era verdadeiramente heroico; mas abundava em riquissimos e variados quadros, era vastissimo campo sobre tudo para a poesia descriptiva. O autor atinou com muitos dos tons, que devião naturalmente combinar-se para formar a harmonia do seu canto, mas de leve o fez; só se estendeu em os menos poeticos objectos; e d'ahi esfriou muito do grande interesse que a novidade do assumpto e a variedade das scenas promettia. Notarei, por exemplo, o episodio de Moema, que é um dos mais gabados, para demonstração do que assevero. Que bellissimas cousas da situação d'amante brazileira, do do heroe, do lugar, do tempo não podera tirar o auctor, se tão de leve não houvera desenhado este, assim como outros paineis? »

« O estylo é ainda por vezes affectado: lá surdem aqui e alli seus *gongorismo*; mas onde o poeta se contentou com a natureza e com a simples expressão da verdade, ha oitavas bellissimas, ainda sublimes <sup>1</sup> »

SÃO CARLOS (*Fr. Francisco de*): — Francisco Carlos da Silva, que na ordem franciscana tomou o nome de Fr. Francisco de S. Carlos, nasceu nesta cidade do Rio de Janeiro aos 13 d'agosto de

<sup>1</sup> *Bosquejo da Hist. da Ling. e da Poes. Port.*

1763 e baptisou-se na freguezia da Sé como filho legitimo de José Carlos da Silva, e de D. Anna Maria de Jesus.

Entrando para o convento de S. Bernardino n'antiga villa (hoje extincta) de S. Antonio de Sá (*vulgo Macacú*) logo ao sahir da puericia, ali professou apenas attingida a idade canonica.

Mandado para o collegio da capital seguiu com aproveitamento os estudos, e das mãos do energico bispo D. José Joaquim de Mascarenhas Castello Branco recebeu todas as ordens, inclusive o presbyterado; sendo pouco depois nomeado professor substituto, ou *passante*, para nos servirmos da terminologia claustral.

Em 1790 mandarão-no seus superiores para a cidade de S. Paulo, onde por espaço de cinco annos exerceu as funcções de lente de theologia dogmatica. Regressando a patria recebeu a nomeação de commissario dos terceiros de Ordem da Penitencia que fructuosamente exerceu até sua partida para a capitania de Minas Geraes em companhia do capitão-general Bernardo José de Lorena. Nessa excursão levava S. Carlos a incumbencia de visitar as ordens terceiras e confrarias nessa capitania que observavão a regra franciscana.

Dois annos depois achava-se elle de volta ao Rio de Janeiro, e começava a apparecer nos pulpitos onde adquiriu cedo tão grande nomeada que o bispo Mascarenhas pediu-lhe fosse reger no seminario de S. José a cadeira d'eloquencia sagrada.

D'esse nobre e arduo mister foi duas vezes distrahido no curto periodo de cinco annos para ir administrar (como guardião) os conventos do Bom Jesus (na ilha d'este nome), e de N. S. da Penha (na provincia do Espirito Santo). Coube-lhe mais tarde (em 1813) a cobiçada honra de dirigir o convento d'esta capital, o que fez com summo proveito e gloria para a ordem, que galardoou o conferindo-lhe successivamente os titulos de definidor, e visitador geral da provincia da Immaculada Conceição <sup>1</sup>.

Por occasião da chegada da familia real (em 1808) foi o douto franciscano convidado para pregar um dos sermões recitados nas

<sup>1</sup> Denominação dada a toda ordem franciscana no Brazil

festividades que se celebrarão, e consta-se que o príncipe regente (que foi depois el-rei D. João VI) confessára que jamais ouvira tão tão eloquente orador.

Na forma da praxe, religiosamente observada nesse tempo, recebeu Fr. F. de S. Carlos a patente de — *pregador-regio* — que lhe conferia grandes insenções na ordem e summa consideração no seculo.

Não se limitou a isso a satisfação do príncipe regente : porquanto sabemos que o nosso digno compatriota gozou das prerogativas d'examinador da Mesa de Consciencia e Ordem.

A vida sedentaria a que desde mancebo se condemnára prejudicou-lhe a tal ponto a saude que viu-se estrangido a desamparar o pulpito alguns annos antes da sua morte, occorrida a 6 de maio de 1829 <sup>1</sup>.

Reservando para lugar competente o exame da influencia que sobre o pulpito brasileiro exercera S. Carlos consideremo-lo aqui tão sómente como poeta e estudemos perfunctoriamente a sua mais importante obra a que deu o titulo d'*Assumpção*. Não pertence este poema a categoria dos historicos, nem dos romanescos, ninguem porém lhe contestará os predicados de legendario e mystico.

Gizado pelo modelo da *Messiada* e do *Paraizo Perdido* seguiu muito de perto as pégadas de Sannazaro no seu (hoje tão justamente esquecido) poema appellidado — *De Partu Virginis*; — e sobre tela destituída de interesse dramatico conseguiu bordar painel de lindas e variegadas côres, realçadas por finissimos toques.

Admittida, como já fizemos para com outros identicos poemas, a theoria de Hegel, nenhum escrupulo resta-nos de considerar a

<sup>1</sup> Fazendo o retrato d'esse eximio orador poeta disse o sr. conselheiro Pereira da Silva :

« Era bella e vistosa a sua figura ; pela elegancia e expressão assemelhava-se a sua physionomia a de S. Basilio, como no-lo pintão as gravuras antigas, e no-lo descrevem as velhas chronicas. Os seus olhos grandes e negros patenteavão o fogo que lhe ardia dentro d'alma. A boca rasgada e formosa deixava sahir uma voz como que musical, que deslisava d'um orgão perfeitamente organizado. »

VAROES ILUSTRES DO BRAZIL durante os tempos coloniaes, tomo II, — 3.<sup>a</sup> edição — (Paris — 1868.)

*Assumpção* como uma epopéa sacra, na qual o maravilhoso é ministrado pelas crenças e tradições christãs, que a Chateaubriand parecião infinitamente superiores as divindades da mythologia greco-romana.

Na *Prefação* explica o nosso illustre conterraneo os motivos que o determinarão a dar a estampa esse poema, e com a maior modestia, quiçá humildade, confessa que nunca quizera *campar por poeta*, não lhe havendo jamais vindo a imaginação traçar uma epopéa. Acrescenta estas singulares e tocantes expressões: « Esta ligeira producção a que dou o nome de *Assumpção*, não é mais do que um brinco da minha phantasia sobre a maior solemnidade da sancta Virgem a qual solemnidade desde os primeiros annos consagrei um especial affecto. Porém para mais espaçar, e lisongear melhor a minha devoção, eu procurei dar-lhe um arremedo, ou sombra d'epico, admitt'ndo-lhe invocação, narração, machinas, episodios, etc, etc. Bem entendido que nem por isso se hão d'exigir essas intrigas delicadas, esses desenvolvimentos de nó mui sagazes, esses dialogos bem manejados; e sobre tudo essas alegorias muito allambicadas que alguns traductores, aferrados aos seus auctores, advinhão em suas traducções. Servi-me dos versos endecasyllabos, ou heroico-rimados dois e dois por mais commodo e facilidade. Tenho nos nacionaes alguns exemplos, nos estrangeiros infinitos. Que estes sejam os versos proprios para cantar grandes successos já o disse Horacio remettendo se a Homero: *Res gestæ, regumque, ducumque et tristia bella*, etc. E verdade que a rima dois e dois, ou *similiter desinentia* dos latinos concorre pouco para a bella euphonia de metrificacão em vulgar. Dei tarde por este erro; e as vezes ha males que são irremediaveis. »

Espelha se nas palavras que acabamos de citar a candida alma de Fr. F. de S. Carlos, que em tempo algum de sua vida armou á popularidade, nem ambicionou a propria gloria litteraria, delicioso nectar que a tantos tem enobriado. Era-lhe acto de devoção a poesia, como a de S. Gregorio de Nazianzo; e todo absorto na contemplação dos mysterios da nossa religião, dir-se-hia que, á guisa dos *mediuns* do spiritismo, escrevia seus dulios cantos inconsci-

ente dos primores que lançara sobre o papel, convertido em tela raphaelesca.

Forma o argumento do poema a pia crença de que a Virgem Maria vivera em Epheso o periodo d'expectação que precedeu a sua gloriosa assumpção<sup>1</sup>; e nesse limitadissimo ambitoolveu-se a imaginação do poeta produzindo oito cantos de regulares dimensões.

Estrea-se por uma bellissima invocação a sua heroina no gosto a que hoje se chamaria *romantico*, e apartada da classica imitação homérica.

Neste ponto, bem como em alguns dos seus melhores episodios, deve-se considerar o vate seraphico como um dos percusores da escola que só muito depois devera plantar seus ovantes pendões sobre as derrocadas ameias do classicismo.

No primeiro canto descreve a partida da Virgem d'Epheso para o céu e o caloroso recebimento que ahi lhe fazem os anjos e apóstolos. A pintura do carro de triumpho, circumdado d'emblemas sagrados, recommenda-se pela sua particular graça e perfeição.

O conciliabulo, que o principe das trevas celebra nos antros da terra, para impedir a miraculosa assumpção de Maria é desenhado com o vigoroso pincel do Homero britanico, que por mais d'uma vez passou-o as mãos do bardo fluminense. A falta d'originalidade que nelle se nota, e os frequentes syncretismos, aliás communs a Dante, Tasso, Milton e Klopstok, não embação o brilho das imagens que ahi resplandecem.

<sup>1</sup> Um dos mais eruditos e eloquentes escriptores ecclesiasticos contemporaneos, assim se expressa :

« Nada nos resta ácerca da residencia de Maria em Epheso ; explica-se facilmente esta omissão pelas preocupações da epocha. Depois da resurreição do Salvador os apóstolos, unicamante occupados com a propagação da fê, consideravão como secundario tudo o que não entrava de modo directo e saliente nesse vital interesse. Compenetrados de sua alta missão, entregues á salvação das almas, esquecerão-se tão profundamente de si proprios, quo apenas nos deixão pequeno numero de documentos incompletos sobre os trabalhos evangelicos, que mudarão a face do globo ; de sorte que a que sua historia assemelha-se a um epitaphio sublime, porem meio apagado, a que falta o começo e o fim ; »

(LA VIERGE) — *Histoire de la Mère de Dieu et de son Culte, par l'abbé Orsini* —

Nem menos feliz foi no quadro que traçou do paraiso, no qual, com summa mestria, soube intercalar a graciosissima pintura das fructas e aves do novo continente.

Esta, quanto a nós, preciosa pedra do seu diadema introduziu-a o poeta como que á medo ; dando aos leitores a seguinte ingenua desculpa.

« Na descripção do Paraizo servi-me d'algumas fructas e aves americanas : sendo tudo obras do mesmo Creador : tanto direito tem de ser cantado o rouxinol como o colibri, a pera como o ananaz... »

Nos cantos quarto e quinto desdobra-se o maggestoso parorama das perseguições movidas ao christianismo pelos imperadores pagãos. Destacão-se d'ahi episodios lindissimos, taes como o da paixão de Christo e a descripção da cidade do Rio de Janeiro, onde o dom prophetic, que os antigos attribuião aos poetas, fe-lo contemplar os epicos destinos reservados a sua querida patria.

Consagra o canto septimo a narrativa da segunda sublevação dos espiritos infernaes e a sua derradeira derrota pelos anjos e apóstolos capitaneados pelo archanjo Miguel.

No oitavo e ultimo canto, o mais fraco de todos, descamba visivelmente a acção e como que precipita-se. Figura a entrada triumphante de Maria na cidade de Deus, e do affectuoso acolhimento que ahi lhe fazem a seu Filho e toda a côrte celestial.

Já alludimos a principal macula do poema; isto é, a confusão do sagrado com o profano; e a unica attenuante que lhe podemos descobrir é a que favorece seus predecessores no mesmo delicto ; referimo-nos á luta que em suas phantasias devera-se travar entre a educação classica e a inspiração christã.

As infracções, que tambem se descobrem d'alguns preceitos aristotelicos, resultão da natureza do assumpto, e ainda do pouco empenho do auctor de cingir a frente da laurea epica.

Pode-se lançar por conta da falta de lima e d'apressada publicação os descuidos de linguagem e negligencias de metrificaçãõ.

Quanto aos primeiros quer nos parecer que a assidua leitura dos livros francezes, e o superficial estudo dos nossos monumentos classicos concorressem grandemente para tal imperfeição que aos

mais desprevenidos olhos se patenteia, mingoando-lhe o merito litterario.

Melhor do que ninguem conhecia o auctor as incorrecções e lacunas do seu trabalho; e consta que assiduamente se dera a aperfeiçoallo, aparelhando-o para nova e mais castigada edição. Consta tambem que nessa revisão fôra auxiliado pelos conselhos d'alguns amigos de bastante illustração e criterio (entre outros pelo conego Januario e o conselheiro Ledo); e que não podendo dar á estampa a citada edição fizera legado do manuscripto a uma sua irmã, a qual, solicitada pelo mencionado conego Januario para que lhe confiasse a obra do seu amigo cedendo-lhe todos os lucros eventuaes, recusara-se a esse convenio, exigindo o peremptorio embolso da quantia de doze contos de reis. Era o conego assás conhecedor do nosso mercado litterario para submeter-se a tão exageradas condições; resultando d'ahi continuar inedita a obra prima do padre-mestre S. Carlos.

Incumbido pelo sr. Garnier de presidir a uma nova edição que pretendia fazer do supracitado poema pensamos ser mais feliz do que o nosso predecessor; e, por intermedio d'um respeitavel magistrado, dirigimo-nos á sobrinha do poeta, residente na provincia do Rio Grande do Sul, em cujo poder affirmavão-nos parar o manuscripto. Ateve-se a dita senhora a tradicional quantia de *doze contos de reis*, mallogrando-se d'ess'arte mais uma tentativa; e vendo-nos obrigado na referida segunda edição (impresa em Paris em 1862) a cingirmo-nos a primeira (publicada no Rio de Janeiro em 1819), feitas apenas leves correccções typographicas <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Acreditamos comprazer aos leitores offerecendo-lhes por complemento do que acababamos de dizer a importante carta dirigida pelo sr. M. d'Araujo Porto-Alegre ao primeiro secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

« Amigo e sr. dr. Lagos.— Como me disse que está imprimindo a biographia do padre-mestre S. Carlos, tal qual a escrevera o auctor do *Plutarcho Brasileiro*, rogo-lhe que accrescente em forma de nota supplementar, ou como muito bem lhe parecer, as seguintes idéas que colhi no convento de Santo Antonio; não só da boca do nosso illustre socio honorario, o padre-mestre Mont'Alverne, como do defunto padre-mestre Sampaio e outros, com quem tive a gloria de praticar no tempo em que aquella ordem era um viveiro de homens illustres.

« Conheci o padre-mestre S. Carlos; ouvi-o pregar uma só vez, e ainda con-

## ELOCUENCIA

Fechadas hermeticamente todas as valvulas do pensamento só restava o pulpito para a livre expansão da verdade; por isso é que a eloquencia sacra prosperou em Portugal até sob o ferrenho dominio dos Philippes.

Conhecemos a liberdade, quiçá ousadia, com que se expressava o grande padre Vieira, e as admoestações, que, em nome da lei eterna, dirigia aos grandes e poderosos da terra. Por demais sabida é a extre-

servo a lembrança daquelle homem superior, daquelle membro do triumvirato oratorio, que tanto enobrecen aquella casa: o padre-mestre S. Carlos era a graça deslizando com toda espontaneidade por um caminho de flôres, em quanto que o padre-mestre Sampaio era a belleza circumdada de todos os atavios da eloquencia: a estes dous homens se juntava o padre-mestre Mont'Alverne, escudado da força da philosophia e da austeridade dos padres da igreja. Estas lembranças me entristecem muito, amo os frades, e devo ser grato aos serviços que as ordens têm prestado a civilisação do velho e novo mundo. Vamos ao caso.

« Logo depois da publicação do poema *Assumpção da Virgem* varios criticos derão ao auctor a sua opinião; e levado das considerações de illustres religiosos, do Ledo, Januario e outros litterados, o padre mestre S. Carlos começou a refundir a sua obra, preparando-a para uma nova edicção. Adoeceu, soffreu por algum tempo, esperando melhoras, mas ao fim foi levado á enfermaria do convento, aonde findou seus dias, como costumão os religiosos, e muito mais um homem daquelle esphera e de uma inqualificavel modestia.

« Na ultima visita que lhe fez o padre-mestre Mont'Alverne, já quando o poeta encarava a morte com toda a resignação, rolou a conversação sobre o seu poema, sobre as criticas que soffreu, e nessa mesma circumstancia disse o moribundo:— que levava o pesar de não ter podido reimprimir a sua obra com todas as alterações que lhe fizera, não só no todo, como em muitas partes, pois havia composto alguns episodios e augmentado outros.

« E nisto todo tremulo se debruça, cava debaixo do travesseiro, e tira um volume, e mostra-o ao seu amigo; era o da primeira edicção, todo riscado, emendado, escripto á margem, intercalado com folhas manuscritas, e augmentado com caderninhos no mesmo formato, tudo escripto pelo proprio punho; nitidamente feito, e prompto para sahir á luz da imprensa.

« Eis aqui o meu poema, diz elle ao seu amigo, possa esta obra dar algum realce a nossa ordem no Brazil. Sinto morrer sem mostrar que fui docil á opinião dos amigos e criticos que me honrarão. Eis aqui uma obra cuja historia é simples mas curiosa; porque nasceu debaixo de inspirações alheias ao apparecimento dessas creações: aqui nada houve de profano, nada do que pertence ao seculo.

« Na minha primeira guardiania, que pouco ou nada me dava a fazer, comecei

ma facilidade de pensar e a facundia dos povos meridionaes, onde a eloquencia, mais do que em qualquer outra parte, é um dom natural.

Logo no primeiro periodo da nossa historia litteraria encontramos os venerandos vultos de Fr. Eusebio de Mattos, e do padre Antonio de Sá, illustres representantes da oratoria ecclesiastica, e cuja potente voz chamava ao arrependimento as ovelhas extraviadas do rebanho de Christo, e por varias vezes assignalamos o desenvolvimento que nos diversos ramos das letras, sciencias e artes, imprimiu o instituto de Loyola.

por devoção e desenfado a compor alguns hymnos a Nossa Senhora : era uma pura devoção. Depois de haver borrado algum papel senti o innocente desejo de unir todas aquelles cantos em um todo, e dar-lhe uma forma mais ampla e mais digna de minha devoção, d'essa'arte empregava o meu tempo nobremente, encurtava-o com o trabalho, e tinha mais um vehiculo por mar onde fizesse sahir as emoções da minha alma, e mesmo o amor da patria; não havia idéa de poema, e muito menos da publicação.

« A obra foi crescendo, e á proporção que avultava foi-me tambem crescendo o desejo de a embellezar com algumas descripções brazileiras; com algumas pinturas do nosso bello paiz; mostrei-a, quando regressei a esta casa, á alguns companheiros; mostrei-a tambem a alguns distinctos seculares, e todos me aninarão a progredir e a publica-la. Levei na publicação mais o desejo de testemunhar minha devoção a Virgem Nossa Senhora do que o amor da gloria mundana; e vós bem o sabeis, pois a minha vida foi o fiel retrato da minha alma.

« Arrependi-me de a ter publicado, porque eu fui o primeiro a conhecer as imperfeições logo que sahiu á luz, e muito mais lamentei a minha precipitação quando ouvi a opinião dos sabios; já era tarde. O que fazer para desfazer um erro? Melhora-la; fiz quanto pude para isso, como se vê ali. Os gregos quando escrevião em suas obras *Faciebat* tinham toda a rasão; porque as obras d'arte nunca se acabão, e o homem morre fazendo-as. Ha sempre que corrigir, ha sempre incertezas e mui fundadas desconfianças da propria capacidade.

« Aqui está um filho que me fez passar dias mui felizes e tormentosos durante a sua formação, aqui está a sentença terrivel do que eu fui na terra, e o documento da minha incapacidade. Não me arrependo inteiramente de a ter escripto; porque nelle está o nome da minha Santa Virgem porque nelle ha o meu amor pela minha patria. Não o posso imprimir; seja feita a vontade de Deus.

« O padre-mestre Mont'Alverne acudindo ao seu desejo e penetrado dos sentimentos d'uma nobre amisade e do lustre da sua ordem pediu-lhe o poema para publica-lo immediatamente, protestando-lhe todo o seu empenho e brevidade na boa execução.

« Está dado, respondeu-lhe o moribundo; e eu vos agradeço, meu bom amigo; está dado á minha irmã, e não posso arrepiar carreira, nem desfazer o que me dictou o coração n'um dia bem triste.

« Talvez que ella possa haver algum lucro desse meu trabalho; porque o

A supressão d'esse instituto occasionou algum abalo na instrucção da juventude, sendo felizmente menos sensivel no Rio de Janeiro, graças ao bispo D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco. Aos cuidados d'esse energico prelado deveu a nossa terra a formação d'uma pleiade de prégadores, que, perante o principe regente e a sua illustrada còrte, mantiverão com lustre a gloria do nome brasileiro <sup>1</sup>.

Lançando saudosos olhares sobre essa quadra dos seus verdes

Brazil independente não é o que foi; o que agora sinto já o disse nos meus versos, e o disse inspirado pela Virgem, que foi sempre a minha musa.

« Morto o poeta passou o manuscripto ás mãos de sua legitima herdeira, tal qual elle o tinha dentro de um sacco de seda encarnada.

« O conego Januario, de sempre feliz memoria para as letras braziliás, perguntando ao padre-mestre Mont'Alverne por aquella obra, soube d'esse religioso qual fôra o seu destino.

« Procurou a irmã viuva do poeta, e offereceu se para a publicação da obra, ficando ella com todos os lucros da empreza; mas aquella senhora não quiz; e em vez desta generosa offerta propoz a venda do poema pela quantia de doze contos de réis, pensando talvez que a impressão daria mais do que isso.

A vista do exposto o conego recuou por todas as razões obvias.

« Sei que essa senhora foi para a provincia de S. Pedro, mas não sei para que lugar, e si hoje é viva ou morta.

« Qual será o destino e qual terá sido a sorte do poema *d'Assumpção* em uma terra como a nossa, onde se pôde dizer francamente, e por factos constantes e recentes, que as tabernas e confeitarias são os frequentes depositos dos manuscriptos e dos titulos preciosos da nossa historia. O meu amigo sabe que já comprei assucar embrulhado n'um diploma de senador e com assignatura do fundador do Imperio; que não é raro vir manteiga envolvida n'uma carta de conselho, ou em papeis de alta monta; e isto não é só aqui, paiz novo, terra do positivo e do concreto: tambem la pela Europa acontece o mesmo; os homens são iguaes em toda a parte.

« Os sermões do grande Sampaio andão por ahi repetidos por officiaes da oratoria; os do nosso bom conego Januario forão vendidos pelo portador que os levou, a quatro e seis mil reis! É immenso o catalogo de obras perdidas! Imprima tudo o que tiver; porque além da traça, bicho e cupim, temos a indifferença que é o peior de todos os insectos mãos. »

(*Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo III da 2ª serie. — Anno 1848.)

<sup>1</sup> Ainda que todos os oradores, aqui mencionados florescessem no seculo XIX, comprehendemo-los no movimento litterario do XVIII, pela razão anteriormente allegada.

annos dictou o padre-mestre Mont'Alverne as seguintes eloquentes palavras :

« Um dos primeiros cuidados do principe regente chegando ao Rio de Janeiro foi realçar o esplendor e a magestade do culto. Habil politico o principe sabia que só a religião é dado sustentar os imperios e fortificar as instituições. A fundação da capella real do Rio de Janeiro, monumento immortal da piedade de D. João VI, foi a arena onde se mostrou em toda a sua pompa o genio brasileiro. Oradores costumados aos triumphos do pulpito erão rivalisados por jovens pré-gadores, que, animados com as suas primeiras victorias, ardião por ganhar novas corôas. Era então a epocha dos grandes acontecimentos; e os successos que se reproduzião dentro e fóra do paiz, offerecião amplos materiaes á eloquencia do pulpito. Nós podemos affirmar com todo o orgulho da verdade que nenhum pré-gador transatlantico excedeu aos oradores brasileiros. A riqueza da dicção reunia-se a pureza do estylo e a força d'argumentação ; e para que não faltasse uma só belleza a doçura e amenidade d'expressão augmentava os encantos e a magia da acção. Assim verificou-se este pensamento d'um escriptor francez (cuido ser o sr. de Beauchamp) que a lingua de Camões pronunciada por um brasileiro, devia realisar todos os prodigios e todas as seduccões da harmonia. O senhor D. João VI costumava dizer que elle possuía no Rio de Janeiro uma selecção de pré-gadores que não lhe permittia lembrar os que deixara em Portugal <sup>1</sup>. »

É de tradição entre nós que o primado do pulpito no vestibulo do seculo XIX pertenceu ao padre Sousa Caldas, cuja meiga palavra arroubava os auditorios, e tão fundas impressões deixoa nos animos dos que tiverão a dita d'ouvi-lo. Não nos consta que nenhum sermão, ou sequer homilia, houvesse escapado ao menospreço, senão desdem, com que d'ordinario se considerão as producções d'este genero. Quem sabe mesmo si o eximio orador as confiou algum dia ao papel, ou si nas aras do improviso evaporava-se a essencia do pensamento ?!

Assigna-se geralmente o segundo lugar ao padre-mestre S. Carlos,

<sup>1</sup> OBRAS ORATORIAS de *Fr. Francisco de Mont'Alverne*— *Discurso Preliminar*. Estas obras forão edictoradas pelos srs. E. e H. Laemmert em quatro volumes illustrados com o retrato do auctor. (Rio de Janeiro 1853.)

cujo esboço biographico ficou anteriormente traçado. Temos apenas conhecimento de quatro sermões attribuidos ao preclaro fluminense, sobre os quaes vaines, com habitual franqueza, emitir o nosso desautorizado juizo <sup>1</sup>.

O panegyrico de S. Anna, prégado na capella da fazenda dos Marinheiros no anno de 1788, avanta-se pela opulencia dos pensamentos e naturalidade da linguagem. Esmaltão-no *similis* de graça e candura inexcediveis, como por exemplo o seguinte:

« Quando eu vejo n'um bosque duas arvores tenroscadas entre si, fazendo de seus troncos um tronco commum, offerecendo ao viajor fatigado uma sombra salutifera, e na fecundidade dos seus fructos um espectáculo pomposo aos olhos do conhecedor, eu vejo um quadro perfeito do estado conjugal. »

Resta-nos do celebre prégador uma oração funebre, recitada na capella real do Rio de Janeiro por occasião das exequias da rainha D. Maria I, que pode ser equiparado á mui famosa de Bossuet em honra de Henriqueta de Inglaterra, du pieza d'Orléans. Há mais d'um lugar visivelmente inspirado pela lição da obra prima do bispo de Meaux, e pede a verdade se diga que o franciscano fluminense igualou, senão excedeu, ao maior luminar do pulpito francez <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> A existencia dos dois ultimos sermões aqui perfunctoriamente analysados foi nos revelada pela leitura da interessante memoria do sr. dr. B. F. Ramiz Galvão, intitulada — *O Pulpito no Brazil*.

<sup>2</sup> Para que por si proprio avalie o leitor da justiça do nosso asserto transcreveremos um dos trechos parallelos:

« O' nuit desastreuse ! ó nuit effroyable ! où retentit tout à coup, comme un édit de tonnerre, cette étonnante nouvelle : MADAME se meurt ! MADAM est morte ! Qui de nous ne sentit frappé à ce coup, comme si quelque tragique accident avait désolé sa famille ? Au premier bruit d'un mal si étrange on accourt à S. Coud de toutes parts ; on trouve tout consterné, excepté le cœur de cette princesse : partout on entend des cris, partout on voit la douleur et le désespoir et l'image de la mort. Le roi, la reine, monsieur, toute la cour, tout le peuple, tout est abatu, tout est désespéré ; et il me semble que je vois l'accomplissement de cette parole du prophète : « Le roi pleurera, le prince sera désolé, et les malins tomberont au peuple de douleur et d'étonnement. »

Eis a imitação do padre-mestre S. Carlos :

« E direi, portuguezes, aquelle sussurro triste e pavoroso que vossos corações presagos regeitaram como ave de máo agouro ?!... Aquella voz surda, que sahia pela boca do povo, e que dizia como em segredo : « Nossa rainha está muito mal,

Digna da facundia d'um Chrysostomo é o final da primeira parte em que traça com tetricas côres o painel das riquezas, pompas, luxo e lisonja que sóem circundar a realza destacando-se d'esse ambiente a humildade da piedosa filha de D. José, que no throno edificava a quantos se lhe aproximão pelas seraphicas virtudes que adornão sua bellissima alma.

A extrema modestia do nosso illustre comprovinciano bem patente se torna na proposição do sermão prégado, na capella real a 7 de março de 1809, em acção de graças pelo anniversario da chegada da familia real.

Oiçamo-lo:

« Oremos pela conservação da familia real, e demos graças ao Senhor de te-la salvado de tantos perigos. Eu não farei mais que repeti-las para melhor esquentar os brios da vossa gratidão. Si eu não desempenhar a grandeza do objecto contentai-vos com o atrevimento de o inculcar. Em materia tão sublime o ser ousado é já ser eloquente. Eu me satisfaço em excita-la nos vossos corações. Serei semelhante a esses cirios de pequena luz, mas que na extremidade da canna manejada por uma mão destra em breves instantes illuminão todo o templo na hora da sua solemnidade. As aves não são capazes de defender as cidades, mas aquellas que estavam no Capitolio, despertando as guardas com o seu estrepito, salvarão Roma do poder dos gaulezes. »

No decurso d'esse formosissimo sermão encontrão-se primorosos quadros da guerra peninsular, especialmente a da leva de broqueis contra o tredo invasor, e o da batalha de Vimieiro, pelejada entre sir Arthur Wellesley (mais tarde lord Wellington) e o marechal Junot. Serviu-lhe ainda de guia Bossuet no retrato (tão favorecido!) do general inglez modelando-o pelo do grande Condé.

A oração gratulatoria proferida na igreja de S. Francisco de

nossa rainha perece, morre! » Oxalá que não fôra: verificou-se; morreu: aqui a tendes morta. Morta? Eu me reporto; não; viva, porque os justos não morrem! Era necessario que se rompesse esse muro de divisão que impedia-lhe de ver o seu Deus sem enigmas; era necessario que olhos que forão sempre inundados de lagrimas estancassem o pranto, e vissem aquella formosura sempre antiga e sempre nova, como diz S. Agostinho. »

Paula (a 12 de maio de 1819) por motivo do nascimento da sra. D. Maria da Gloria, então princeza da Beira, e depois rainha de Portugal, é a mais fraca das que temos noticia; mas que ainda assim encerra bellezas de primeiro quilate.

Sob pena d'abusar da paciencia do leitor é-nos impossivel resistir ao desejo de fazer uma derradeira citação, característica da brilhante phantasia do eximio cantor d'*Assumpção da Virgem*. Depois de ter convidado os brasileiros a se regosijarem pelo nascimento d'augusta princeza exclama :

« Em quanto a mim, si eu fôra lisongeadado pelos mimos da fortuna daria um espectáculo que publicaria assás o alvoroço do meu patriotismo. Éu ajuntaria uma pequena collecção d'amigos confidentes de meu coração, e introduzindo-os nos penetraes de meu asylo verião um gabinete rico de tudo que o Hydaspes é capaz de lavar de mais primor, de tudo que a aurora cria de mais precioso, de tudo que a Arabia lagrymeja de mais perfumante, de tudo que a primavera offerece de mais lisongeiro aos olhos e ao olfacto; alli estaria um quadro, obra prima de Protogenes e Timantes, nella ver-se-hia a augusta menina no regaço das Graças que á porfia lhe consagrarião osculos, carinhos, agrados. Á seus pés o Genio do Brazil derramando com profusão de folhetas d'ouro, saphiras, esmeraldas, topasios e diamantes. Nas decorações apparecerião as Parcas estendendo o fio d'ouro de seus dias innocentes, mas aquella que corta com a tesoura inexoravel, ver-se-hia maneatada e coberta de cadeias. D'outro lado estarião as filhas da Memoria prodigalizando epinicios, genethliacos, natalicios para serem cantados ao som das lyras immortaes do cysne de Smyrna, da trombeta do Mincio e do Tejo finalmente para dar mostra da minha religião, eu os levaria diante do meu prototypo do Calvario; e curvando-me em sua presença, diria com todo o acatamento :  
« Ó Deus, que presidis ao nascimento dos reis, e tendes em vossa  
« mão os seus corações, por que suspendestes o golpe que se ia  
« descarregar sobre o innocente Isaac no alto do Moria por não  
« faltardes com o successor que tinheis promettido á Abrahão,  
« vosso servo fiel; vós que tambem promettestes ao fundador da  
« nação portugueza que na decima sexta geração attenuada, sus-

« citareis uma nova alampada, o que já virão nossos pais, e nós agora  
 « acabamos de ver, recolhe no thesouro das vossas ternuras pater-  
 « naes a joia que nos destes. Seja este dia um dia do céo sobre a  
 « terra nos fastos do povo portuguez; perpetue-se a sua memoria  
 « de pais e filhos, de boca em boca, de geração em geração, até o  
 « porvir dos seculos mais remotos » — Tal seria o meu cortejo,  
 mais vós, senhores, que tendes os meios ponde em execução a obra;  
 já vos tracei o modelo. »

Nota-se neste, aliás gracioso quadro, falta de concisão, e certo proposito d'ostentar erudição, o que não era habitual no douto franciscano. Ahi como em outros lugares, ha locuções susceptiveis d'aperfeiçoamento, si porventura o auctor destinasse taes trabalhos á publicidade, e observasse o nunca assás repetido conselho de Horacio.

« . . . . . Vos ó  
 « *Pompilius sanguis, carmen reprehendit, quod non*  
 « *Multa dies et multa litura coercuit, atque*  
 « *Perfectum decetis non castigavit ad unguem* <sup>1</sup>. »

Pelos excerptos, adrede offerecidos, julgamos assás justificada a antonomasia de *sereia do pulpito* que lhe derão os seus contemporaneos.

SAMPAIO (*Fr. Francisco de Sancta Theresa de Jesus*):— Nascido nesta cidade do Rio de Janeiro em agosto de 1778, foi filho de Manuel José de Sampaio e de sua mulher D. Helena da Conceição. Mostrou desde a puericia grande propensão para as letras e o fallecimento de sua extremosa mãe determinou-lhe a vocação para o claustro, tomando em 14 de outubro de 1793 o habito franciscano no convento da ilha do Bom Jesus.

A fama d'um eminente professor que possuia a sua ordem em S. Paulo levou-o a essa amena cidade, onde conservou-se por algum tempo. Em outubro de 1802 sabemos-lo de volta a patria para receber o presbyterado, sendo pouco depois nomeado lente de theologia e eloquencia sagrada. Occupou varios cargos da ordem,

<sup>1</sup> *Epistola ad Pisones, vers. 291—294.*

como guardião, secretario da visita, definidor, etc ; e cabendo-lhe a honra de prégar diante do príncipe regente D. João demonstrou-lhe este o seu apreço agraciando-o com os títulos de prégador regio, e examinador da mesa da consciencia e ordens. Não menores testemunhos d'estima recebeu do illustrado bispo do Rio de Janeiro D. José Caetano da Silva Coitinho, que escolheu-o para censor episcopal, e do nosso primeiro imperador, que em 1824 galardoou-o com o diploma de deputado da bulla da cruzada.

Atravessou o atlantico seu renome litterario ; do que serve-nos de prova a honrosa escolha que d'elle fez a Academia de Bellas Letras de Munich para seu socio correspondente.

Achacosos lhe correrão os derradeiros annos da existencia terrena, terminada no convento de S. Antonio d'esta cidade aos 13 de outubro de 1830.

Tomou o padre mestre Sampaio activa parte nos acontecimentos que determinarão a nossa emancipação politica ; redigindo um periodico intitulado, *O Regulador* (em 1822) e mais tarde collaborando para o *Diario Fluminense*, (de 1824-1825). Persuadido de que a maçonaria era uma poderosa alavanca com a qual podia-se abalar as muralhas do absolutismo e firmar a independencia nacional não trepidou em incorrer nas censuras ecclesiasticas constituindo-se orador d'algumas lojas maçonicas, como por exemplo a do *Commercio e Artes* <sup>1</sup>.

Tarde convenceu-se de que não era a politica o seu elemento, e as frequentes decepções porque passou derramarão fel no seu outr'ora placido viver, mergulharão-lhe em negra melancolia, e numa inação fatalissima a saúde. As vivas instancias dos amigos e admiradores raro conseguão faze-lo sahir da cella, onde, qual novo Estylita, aguardava a morte com serenidade, ou antes soffreguidão d'espírito.

Discipulo da grande escola dos pregadores francezes do seculo de Luiz XIV mostrou particular predilecção por Massillon e

<sup>1</sup> Vide a *Exposição Historica da Maçonaria no Brazil* por M. J. de Menezes,

Bossuet : tomando o primeiro para modelo dos sermões e o segundo para exemplar das orações funebres.

Escasso é o espolio oratorio do erudito franciscano ; porque como muito bem ponderava um seu dignissimo irmão de habito : « Todas as producções que illustrarão a longa carreira de tantos prédigadores estão sumidas no esquecimento, á excepção d'um pequeno numero de discursos impressos separadamente, e que apenas se encontrão nas mãos d'algun amator. Um destino fatal persegue o Brazil os seus filhos : suas riquezas naturaes, suas mais raras preciosidades e os innumeraveis escriptos, destinados a justificar a maravilhosa intelligencia dos brazileiros, parecem condemnados á dissipação e a ruina. Como esses brilhantes insectos, que contentes d'ostentar aos raios do sol o seu magnifico esmalte de azul e ouro, brincão, folgão, gozão e morrem sem curar do futuro, nós trabalhamos por uma gloria ephemera ; nos fatigamos por escolher as orações do momento, sem nos lembrarmos da posteridade. Uma multidão de parasitas aproveitão-se das fadigas dos mais eminentes oradores ; e em quanto recolhe ouro e applausos cospe nos grandes nomes a quem devem sua reputação <sup>1</sup>. »

Dos poucos monumentos oratorios que conhecemos attribuidos a Fr. Francisco de Sampaio escolheremos para estudo o sermão da primeira dominga d'advento, prédigado na capella real no anno de 1811, o d'acção de graças pelo restabelecimento do imperador o sr. D. Pedro I, e a oração funebre do cardeal Caleppi.

O primeiro d'esses sermões é uma felecissima imitação d'outro justamente celebre do abalisado bispo de Clermont <sup>2</sup> ; rivalisando a sublimidades dos pensamentos com a pompa da linguagem, e uma erudicção ecclesiastica, jamais igualada por nenhum dos seus emulos. Copiosas e apropriadas citações dos livros sanctos e dos padres da igreja abrilhantavão-lhe os discursos e communicavão-lhe certo ar solemnne e magestoso que muito concorria para realçar-lhes o merito.

<sup>1</sup> *Discurso Preliminar ás Obras Oratorias de F. Francisco de Mont' alverne.*

<sup>2</sup> E o da segunda-feira da terceira semana da quaresma, conhecido pelo do *pequeno numero dos eleitos.*

Apreciemos este riquissimo quadro do juizo final :

« . . . Eu tremo, diz S. Gregorio de Nazianzo, quando se representa o dia em que J. Christo entrara commigo em juizo convencendo-me de crimes que eu julgava perdoados, apresentando-me em face os meus peccados como accusadores, oppondo contra as minhas iniquidades os beneficios que recebi d'elle pedindo-me contas da formosura da sua imagem impressa sobre mim e desfigurada pelas nodoas mais vergonhosas, obrigando-me a pronunciar a sentença contra mim mesmo para que eu não possa queixar-me que soffro injustamente <sup>1</sup> . . . . »

O sermão prégado no *Te Deum* que a corporação dos ourives do Rio de Janeiro fez celebrar pelo restabelecimento do fundador do imperio, pertence á ordem dos politicos, e recommenda-se pelo admiravel quadro, que, na peroração, traçou das vantagens do regimen constitucional, julgando-o identificado com a existencia do heroe do Ypiranga: e desvendando depois a prespectiva de grandeza e prosperidade, que acreditava destinada a nossa patria, dirige ao Altissimo esta ardente prece:

« Mostra-nos, ó Deus, tua omnipotencia nesta victoria que desejamos conseguir para que se não diga — aqui existiu o imperio do Brazil; as revoluções internas pelas divergencias da nação, a volubidade de sua politica, a falta de energia no systema de governo o lançou no abysmo. — Completa a obra que começaste, e os seculos serão testemunhas da permanencia de nossa prosperidade e de nossa gratidão, verás no seio de tua Esposa essas nações indigenas que errão pelos bosques adorando os seus *manitós*; a escravidão as

<sup>1</sup> Confronte-se com o lugar parallelo de Massilon :

« Or, je vous demande, et je vous demande frappé de terreur, ne separant pas en ce point mon sort du vôtre, et me me mettant dans la même disposition où je souhaite que vous entriez, je vous demande donc: Si J. Christ paraissait dans ce temple, au milieu de cette assemblée, la plus auguste de l'univers, pour nous juger, pour faire le terrible discernement des boucs et des brebis, croyez-vous qui le plus grand nombre de tout ce qui sommes ici fût placé à la droite? croyez-vous qu'il s'y trouvât seulement dix justes, que le Seigneur ne peut trouver autrefois en cinq villes tout entières? Je vous demande: vous l'ignorez, je l'ignore moi-même, vous seul, ó mon Dieu! connaissez ceux qui lui appartiennent, nous savons du moins que les pécheurs ne lui appartiennent pas. . . . »

havia espantado e as fazia viver no retiro: a liberdade e a independência lhe mostrarão em tua cruz o sangue que as remiu e que lhes offerece nos braços da Igreja o berço de seu renascimento moral. Que harmonia não terão os seus canticos quando o homem da natureza apparecer aos pés dos seus altares com o homem social celebrando tuas misericordias ?

« Apressae, Senhor, o momento de gozares d'este espectaculo, e a tua gloria terá um horisonte infinitamente mais dilatado. *Fiat, fiat !!* »

Reservamos para o fim a gemma mais preciosa do cofre oratorio do padre-mestre Sampaio, isto é, a sua oração funebre do cardeal Caleppi, pautada pelos mais bellos modelos legados pela aguia de Meaux.

Prestava-se a vida do illustre prelado aos mais arrojados raptos da eloquencia, havendo tomado valiosa parte nos memoraveis eventos que assignalarão os pontificados de Pio VI e de Pio VII. Conhecia o orador os recursos d'essa bella alma tendo-lhe cabido a ventura de praticar intimamente com o delegado da santa sé nesta côrte e colhido piedosamente de seus labios as expansões e confidencias dos derradeiros dias; opulento de taes vantagens ideou o primor d'arte, que a imprensa felizmente conservou-nos.

Contemplemos o bello retrato que logo no exordio nos esboça d'esse varão, verdadeiramente apostolico.

« . . . Homem inabalavel no meio dos philosophos do seculo elle conservou os austeros principios de suas virtudes, e se atrevia a fallar de Deus diante d'aquelles que affectavão não conhecer o Ente Supremo: homem incorruptivel, os prazeres, a molleza das diversas côrtes que elle visitou não puderão alterar o seu systema de vida: homem desinteressado, o ouro e a prata, esses idolos que, debaixo d'altares chapeados de ferro, são incensados pela avareza, não tinham culto em sua casa; ministro zeloso da gloria da Igreja, elle a salvou a custo dos maiores sacrificios da sua pessoa; embaixador respeitavel diante dos reis, elle appareceu na sua presença coberto de gloria, mereceu a sua amizade, foi attendido em suas pretensões, triumphou nas occasiões mais difficultosas, fez admirar sua eloquencia e força dos seus discursos no meio das lanças e das espadas,

conservou emfim toda a dignidade do seu caracter diante d'aquelles a cujos pés os grandes se gloriavão de poderem apparecer humildes ! »

Tempo é d'assentarmos um juizo ácerca do merito litterario de Fr. Francisco de S. Thereza de Jesus Sampaio: consideramo-lo orador distincto, theologo eminente, conhecedor da difficilima arte d'alliar a alteza da ideia com a magnificencia da dicção, e jamais sacrificando uma á outra. Apesar d'esses inegaveis dotes continuamos a dar preferencia a Fr. Francisco de S. Carlos <sup>1</sup>, que foi para a nossa eloquencia o que S. Basilio ou S. Gregorio de Nazianzo tinhão sido para a grega: prototypo da doçura, e d'essa meiguice que chamou-se — *uncção* —. Sahião-lhe espontaneas as imagens, e, como o das abelhas de Hymetto, tinha o mel das suas palavras dulcissimo sabor. Fr. Francisco de Sampaio foi o nosso S. João Chrysostomo: magnifico, pomposo, solemne; mas sempre rhetorico, sempre attento ao effeito que seus atrevidos tropos e arrojadas figuras, deverião produzir no animo dos ouvintes. Dir-se-hia que S. Carlos, esquecido da propria individualidade, só se preocupava da conversão dos fieis, ou dos louvores do Christianismo; ao passo que Sampaio, por suas pictorescas enargueias e actualisados conceitos, parecia solicitar os applausos dos auditorios.

MONT'ALVERNE (*Fr. Francisco de*): — Chamava-se no seculo Francisco José de Carvalho e nasceu nesta cidade do Rio de Janeiro aos nove d'agosto de 1784 sendo filho legitimo de João Antonio da Silveira e de D. Anna Francisca da Conceição.

Não sabemos si por vocação, ou por condescendencia com o desejo de seus pais, deliberou entrar para ordem franciscana, tomando o habito no convento de S. Antonio d'esta cidade, no dia 28 de junho de 1801.

« Ter um filho frade (diz o sr. Magalhães) era no Brazil colonial d'esse tempo grande honra para uma familia; além de que, não havendo então no paiz academia alguma onde os moços talentosos se habilitassem para a practica do qualquer sciencia, não sabião os

<sup>1</sup> Vide o que a tal respeito dissemos no nosso *Curso Elementar de Litteratura Nacional* (Lição XXVIII) impresso em Paris em 1862.

país que direcção dar aos que mostravão grande aptidão para o estudo, senão dedica-los á Igreja, si lhes faltavão meios de manda-los estudar em Coimbra <sup>1</sup>. » Sendo ainda collegial acompanhou á provincia de S. Paulo Fr. Antonio de Sancta Ursula Rodovalho, que ia desempenhar as funcções de guardião, e no convento da capital d'essa provincia seguiu com summo proveito o curso de theologia, regido pelo abalisado mestre Fr. Ignacio de S. Justina.

Das mãos do virtuoso bispo D. Matheus d'Abreu Pereira recebeu todas as ordens sacras, e continuando a bem merecer dos seus superiores foi nomeado prégador e *passante* do collegio de S. Paulo quando apenas contava vinte e cinco annos d'idade. De volta a sua cidade natal foi escolhido para lente de prima; e pouco tempo depois (1816) entrava para ambicionada classe dos prégadores regios <sup>2</sup>, subindo successivamente aos cargos de theologo da nunciatura e examinador da mesa da consciencia e ordens (1818); guardião do convento da Penha (na provincia do Espirito Sancto); secretario da provincia (1824): e custodio da meza (1825).

Occupava nessa epocha a sé d'esta diocese D. José Caetano da Silva Coitinho, de honrosissima memoria, a quem não podião passar desapercibidos os raros predicados do illustre franciscano; assim pois apressou-se em nomea-lo examinador synodal e professor de rhetorica do seminario de S. José, devendo outrosim reger, por substituição, as cadeiras de philosophia e theologia dogmatica do referido estabelecimento.

Conhecido o merito litterario de Mont'Alverne emularão as acade-

<sup>1</sup> *Opusculos Historicos e Litterarios* — Biographia do padre-mestre Fr. Francisco de Mont'Alverne — Vienna — 1865. —

<sup>2</sup> Eis os termos com que apreciava elle essa sua nova situação :

« Lançado na grande carreira da eloquencia em 1816 como prégador regio, oito annos depois que nella entrarão S. Carlos, Sampaio, monsenhor Neto, e o conego Januario da Cunha Barbosa, tive de luctar com esses gigantes da oratoria, que tantos louros tinhão ganhado, e que forcejavão por levar de vencida todos os seus dignos rivaes. O paiz sabe quaes forão meus successos nesse combate desigual: elle apreciou meus esforços, e designou o lugar a que eu tinha direito entre os meus contemporaneos; pertence á posteridade sancionar esse juizo. »

(*Discurso Preliminar ás Obras Oratorias de Fr. Francisco de Mant'Alverne* — Rio de Janeiro 1853.)

mias e sociedades por admitti-lo em seu gremio, o instituto historico de França, o historico e geographico do Brazil, a sociedade amante do instrucção e muitas outras proclamarão-no seu socio, cabendo porém a associação denominada — *Ensaio Philosophico do Rio de Janeiro* a solemne consagração do titulo de *genuino representante da philosophia do espirito humano no Brazil*, que conferiu-lhe em sessão de 11 de fevereiro de 1849.

Desde do anno de 1836 apagára-se-lhe o lume dos olhos do douto religioso; que, apesar d'essa irregularidade de direito (da qual foi dispensado pelo internuncio apostolico monsenhor Bedini) exerceu ainda os cargos de custodio, definidor adjuncto, definidor geral, e finalmente, para annuir aos vehementes desejos de seu discipulo Fr. Antonio do Coração de Maria e Almeida, então provincial, prestou-se a leccionar na sua ordem philosophia e theologia dogmatica.

Foi o derradeiro esforço d'essa robusta e brilhante intelligencia perdida para as letras patrias no dia dois de dezembro de 1858, em que succumbio a um violento ataque de cabeça.

Geralmente sentida foi semelhante morte, e aos seus despojos terrenos prestarão-se honras excepcionaes; entre outras a de ser embalsamado pelo habilissimo cirurgião dr. Antonio José Peixoto, e a de gravar-se sobre a sua lapide sepulchral uma inscripção commemorativa dos seus talentos e serviços, prestados á religião e á patria.

O imperador, que o estimava particularmente e muitas provas de consideração lhe liberalisára em vida, quiz que o cadaver do benemerito franciscano fosse conduzido em sua galeota de S. Domingos de Nictheroy, onde fallecera, até o caes do Pharoux, acompanhando-o ao ultimo jazigo um seu camarista ajudante de campo. A beira da campa recitou o sr. Porto-Alegre sentidas e eloquentes palavras, em nome dos seus discipulos; e tambem alguma cousa dissemos por parte do Instituto Historico e Geographico, que nessa occasião indignamente representavamos.

Façamos preceder ao juizo que sobre tão eminente pregador importa-nos emittir rapida apreciação da sua importancia

como philosopho, até para apreciarmos si bem avisado andou o *Ensaio Philosophico* outorgando-lhe o titulo a que alludimos.

Aureolava a frente do padre-mestre Mont'Alverne a reputação d'eminente philosopho, além da de consummado orador; sendo certo que para para essa reputação havia grandemente concorrido a brilhante pleiade de mancebos estudiosos, a quem leccionára no seminario episcopal de S. José. É possível que tal renome, augmentando-se na razão directa do tempo que fosse decorrendo, se tornasse colossal, e, eclipsando a quaesquer outros, servisse de typo, ou antes de mytho do philosopho brasileiro. Em má hora porém pensarão alguns amigos em quebrar o encanto d'essa especie do *fetichismo* dando á estampa<sup>1</sup> um volume das postillas, que a seus alumnos dictára, quando incumbido da regencia da cadeira de philosophia.

Escriptas para as necessidades do ensino e com o unico fito de supprir as lacunas do Genuense, ou methodisar o anachronico Storeknaus, não passavão de meros apontamentos, simples notas, que da palavra colorida do mestre recebião luz e calor.

Facil é porem d'averiguar a natureza e tendencia das doutrinas que predominavão em seu ensino: e infelizmente erão ellas sensualistas, taes como as preconisava Condillac, Tracy, Cabanis e outros philosophos francezes do XVIII seculo.

Nos ultimos tempos do seu magisterio mostrou-se entusiasta admirador da escola eclectica de Cousin, como se deprehe de das seguintes palavras, que temos a pag. 105 do mencionado *Compendio*.

« O systema sublime de mr. Cousin é apenas conhecido no Brazil, e por desgraça seus trabalhos philosophicos ainda não estão completos nem impressos, ou conhecidos aqui em obras posteriores. Eu forcejarei entretanto por aproveitar o que elle tem feito, e restaurar com elle o systema philosophico. »

A facuadia do orador serviu de pedestal a estatua do philosopho;

<sup>1</sup> O volume a que nos referimos foi edictorado pelo sr. Francisco Luiz Pinto e impresso na typographia nacional no anno de 1859.

que sem ella não houvera jamais grangeado nomeada igual a de Fr. José Polycarpo, ou ainda a do conego Januario.

Passemos avante ; e respeitosos curvemo-nos perante o derradeiro representante da eloquencia classica do pulpito brasileiro, do ultimo elo da gloriosa cadeia dos prégadores da côrte de D. João VI.

Esse vulto venerando, que muitos dos contemporaneos se recordão de ter encontrado nas ruas e praças d'esta cidade, apoiado ao braço do escravo, preto, que trazia a memoria o jáo Antonio da legenda camoniana, é desenhado por um dos seus primeiros discipulos, nos seguintes e vigorosos traços :

« Era Mont'Alverne d'alta estatura, d'uma organização forte, musculosa e secca ; curvava-se um pouco para adiante quando caminhava, porque, bastante myope desde a sua juventude, procurava ver onde punha os pés, fóra d'isso mantinha-se direito com a cabeça levantada. Tinha o rosto longo, descarnado, pallido, e severo e que tão bem se moldurava o negro capuz do cenobita. Muito alta a fronte, que para cima se ia alargando, mal coberta de cabellos, tanto pelo começo da calvicie, como pelo circilio, e que pretos tinham sido na mocidade. Grandes, rasgados e bem desenhados os olhos, em que se expressava o enthusiasmo na constante dilatação das palpebras e firmeza do olhar. Os supercilios, contrahidos sempre pelo habito do meditação, e por esse esforço que fazem os myopes para ver, formavão um profundo rego sobre a raiz do nariz, o qual, longo e direito, se elevava, descrevendo com a linha da base um angulo ligeiramente obtuso. A boca e os labios mui contorneados e moveis erão d'uma bella forma, e exprimião desdem e desgosto, talvez pelos trabalhos intellectuaes e monotonia da vida. Posto que grave de character e de costumes era mui expansivo, e ria-se com prazer entre amigos. Sua faculdade moral com facilidade se exaltava ; applaudia com transporte o bello e o sublime em todas as cousas, e do mesmo modo se indignava de tudo o que lhe parecia moralmente feio e reprehensivel.

« . . . . .

« A voz de Mont'Alverne era forte, prolongada flexivel e d'um imbre cavernoso, e aspero ; o que porem nelle não erão defeito antes

lhe augmentava a energia, e dava-lhe uma vibração metálica que retinia no mais vasto templo, e perfeitamente se ouvia nos corredores internos. Declamava com muita emphase, como quem tão fortemente sentia o que expressava, accentuando todas as syllabas que echoavão por modo tal que nenhuma se perdia. Seus movimentos cuidadosamente estudados, erão sempre estudados e sempre precisos, largos e magestosos, e tão sublime dominava o pulpito, que seu olhar inspirado impunha silencio, e não se pode imaginar mais perfeito modelo de orador sagrado. Tantos annos foi mestre no pulpito e fóra d'elle e onde estão os discipulos? O genio é raro, e mesmo para imita-lo é necessario talento, que tambem anda escasso. Os mestres desenvolvem, aperfeiçoão as faculdades dos que as tem, mas não as creão <sup>1</sup>. »

Com todos esses dotes, que de boa vontade lhe concedem quantos, como nós, tiverão a dita d'ouvi-lo, occupa Fr. Francisco de Mont'Alverne o terceiro lugar na hierarchia dos grandes prégadores da ordem franciscana do Rio de Janeiro.

Procurando elevar-se até S. João Chrysostomo, ou S. Basilio ficava mais visinho de S. Epiphanio, ou de Santo Ephren, e d'entre os paradigmas que lhe forneceu a grande escola franceza indubitavel é que approximou-se mais de Flechier do que de Bossuet, de Mascaron do que de Massilon. Ao ouvir os accents d'essa palavra inspirada com sentimento de melancolia vislumbra o imparcial observador os primeiros symptomas de decadencia do pulpito.

Ainda que fosse muitas vezes feliz nos sermões *quaresmaes*, onde patenteava robustez de logica e vehemencia d'elocução, v. g. na bellissima pintura dos derradeiros momentos do peccador retardatario em sua converção, foi todavia nos panegyricos que o illustre orador fluminense conquistou inmarceveis louros.

Para não fallar senão do ultimo, verdadeiro canto de cysne, em que sublimou-se as mais altas regiões da eloquencia, trascrevamos textualmente esse pomposo exordio, no qual, collocado em circums-

<sup>1</sup> *Opusculos Historicos e Litterarios*. Biog. de Mont'Alverne, pelo sr. Magalhães (barão d'Araguaya). Esta edição, impressa sob as vistas do auctor, consta de oito volumes tendo por edictor o sr. B. L. Garnier.

tancias excepcionaes, fruiu do privilegio da immodestia que assiste algumas vezes aos grandes homens, privilegio de que se utilizarão S. João Chrysostomo, S. Agostinho, Bossuet e sobretudo o nosso padre Antonio Vieira.

« Senhor (disse elle dirigindo-se ao imperador, o senhor D. Pedro II) já não é dado ignorar d'este impeto divino que arremessou através de mil azares esses homens escolhidos para mudarem a face da terra.

« É inutil fingir desconhecer a origem d'essas façanhas singulares, de que justamente se ensoberbece a bella filha do céo. Expiacões cruentes preludiavão essa regeneração que os seculos esperavão com extrema anciedade. Holocaustos espontaneos ensaiavão essa renuncia de si mesmo, essas quebras do egoismo a que estava ligada a purificação da especie humana; mas todos esses rasgos de dedicação, todos esses brios da magnanimidade ficavão muito longe das provas a que erão chamados os representantes do novo progresso racional. Repellidos por tantas revezes, desanimados com tantas derrotas, os mais experimentados contendores cederão á arena, que elles havião coberto de ruinas. Convinhão outros meios, erão mister empenhos d'outra ordem. Louros ainda não estimados, uma aureola de que ainda não havia noticia, premios ainda não concedidos, podião só reanimar a constancia d'esses mantenedores que devião achar-se á braços com todas as difficuldades, vencer todos os prejuizos. Só um diadema em que se prendia a immortalidade com todos os seus fulgores e toda a magia d'uma felicidade interminavel, era digno de compensar tantos suores, e corôar tantas fadigas.

« Todos os annos derão conhecimento d'esse abalo com que o mundo foi sacudido, e poz em desuso as ideias recebidas. As ágapes dos confessores condemnavão esses festins marcados com o estigma d'atrocidade, e com os excessos da intemperança, batalhões de virgens, mandadas á morte por conservar sua pureza, cobrião de confusão essas mulheres que não tinham pejo d'assistir em completa nudez as]ceias voluptuosas de Tigelino, nas alamedas dos seus jardins profusamente illuminados; e a matança do lago Fucino para satisfazer aos caprichos d'um despota, que recebia os ultimos emboras da magestade do povo-rei, era contrastada por esses milhões

d'homens amontoados nos amphitheatros consummidos nas fogueiras, e despedaçados nos cavalletes afim de justificar que a hora da salvação tinha chegado, e que a humanidade estava regenerada. Cada seculo apresentava peripecias ainda não apreciadas: as flagellações rivalisavão as scenas do martyrio; a penitencia vinha sentar-se no lugar das perseguições, e as virtudes pacificas substituirão os postos da heroicidade. Um só homem recopilou todos esses meritos e obteve as mais ardentes ovações. Os arroubos d'abnegação evangelica, o espirito de reforma, a ostentação da Omnipotencia Divina bastão para da-lo a conhecer. — Os anjos o chamarão *Pedro*, o lugares do nascimento accrescentou-lhe o appellido d'*Alcantara*.

« Não, não poderei terminar o quadro que acabei de bosquejar: compellido por uma força irresistivel a encetar de novo a carreira que percorri vinte e seis annos, quando a imaginação está extincta, quando a robustez da intelligencia está enfraquecida por tantos esforços, quando não vejo as galas do sanctuario, e eu mesmo pareço estranho a aquelles que me escutão, como desempenhar esse passado tão fertil de reminiscencias; como reproduzir esses transportes, esse enlevo com que realcei as festas da religião e da patria? *É tarde, é muito tarde*. Seria impossivel reconhecer um carro de triumpho neste pulpito, que ha desoito annos é para mim um pensamento sinistro, uma recordação afflitiva, um phantasma inferno e impetuoso, a pyra em que arderão meus olhos, e cujos degraos desci, só e silencioso para esconder-me no retiro do claustro.

« Os bardos de Thabor, os cantores do Hermon e do Sinai, batidos da tribulação, devorados de pesares, não ouvindo mais os echo repetirem as estrophes dos seus canticos nas quebradas das suas montanhas pictorescas, não escutando a voz do deserto que levava ao longe a melodia dos seus hymnos, penduravão seus alaúdes nos salgueiros que bordavão o rio da escravidão; e quando os homens que apreciavão as suas composições, quando aquelles que se deleitavão com o perfume de seu estylo, e a belleza de suas imagen vinhão pedir-lhes a repetição d'essas epopeas, em que perpetuavão a memoria dos seus antepassados, e as maravilhas do Todo-Poderoso, elles cobrião suas faces humedecidas de pranto, e abandonavão as

cordas frouxas e desafinadas dos seus instrumentos musicaes ao vento da tempestade.

« Religião divina, mysteriosa, encantadora, tu que dirigiste meus passos na vereda escabrosa da eloquencia; tu a quem devo todas as minhas inspirações; tu minha estrella, minha consolação, meu unico refugio, toma esta corôa... Si dos espinhos que a cercão rebentar alguma flor, se das sylvas que a enlação reverdecem algumas folhas, si um enfeite, si um adorno renascer d'estas vergontas, já seccas, deposita nas mãos do imperador para que a suspenda, como um tropheo, sobre o altar do grande homem, a quem elle deveu seu nome, e o Brazil a protecção mais decidida. »

Reconhecendo, com todos os nossos criticos, que é este um dos mais primorosos exordios de que se gloria a eloquencia nacional, e dada a devida venia á emphase com que o orador falla de si, ainda assim entendemos que se lhe pode com justiça estranhar o abuso das amplificações e periphrases, e os excessivos lugares communs em que abundou. Preferimos a esse celebre tracto do famoso panegyrico o seguinte quadro da morte do sancto, que se nos figura traçado pelo pincel de Buonarotti:

« O lidador já tinha dobrado a meta do estadio que levára de vencida. Exhausto de forças cahiu sobre montões de palmas e grinaldas que merecera por sua perseverança. Pedro d'Alcantara está rodeado de seus irmãos que o observão, chorão e admirão. O pobre de Jesus Christo despe o seu habito e pede outro mais velho em que se envolva depois de morto. O superior olha em torno de si, e não encontrando quem ostente igual desprezo veste a reliquia inestimavel e lhe dá em troca a sua tunica. O corpo do penitente assemelha-se a raizes dissecadas: sua pelle está denegrida e queimada com o fogo da mortificação: o frio da morte agita seus membros, lividos e descarnados. Um moço religioso se aproxima e intenta estender sobre elle um lençol: — retira-te, grita-lhe o luctador, ainda ha perigo; o inimigo está em presença, ainda não cessou o combate! — O justo imprime seus labios no signal adoravel da redempção... Pedro d'Alcantara subiu ao throno de Deus!! »

Aqui ha por certo menos tropos e figuras, porém mais pensamento

e conceitos engenhosos: a palavra cobre a ideia como a tinta da penna aviva o debucho do lapis.

Nas orações funebres ficou Mont'Alverne somenos ao padre-mestre Sampaio, e não attingiu aquelle grao de perfeição que La Harpe tanto recommendára. Todavia algumas ha merecedoras de particular nota, como sejam a do summo pontifice Pio VII e a da imperatriz do Brazil, a senhora D. Leopoldina. Esta ultima sobre tudo, granjeou-lhe immensa popularidade pela circumstancia de que os floreiros oratorios não destoavão da verdade historica; e que as virtudes d'augusta princeza não encontravão oppugnadores, ainda no gremidos mais extremados adversarios do seu imperial esposo. Admireo mos esta delicadissima ethopeia:

« Para gloria da dynastia imperial, a primeira imperatriz será a desesperação de todas as que lhe succederem. Para gloria da religião a virtude conduziu todos os seus passos; e quando a verdade, apagando as inscripções pomposas que a lisonja consagra aos reis, vier julgar suas acções, confessará que a imperatriz brasileira possuia um coração ainda maior do que os seus destinos, cioso do esplendor do seu augusto esposo, indifferente ao brilho ephemero do seculo, compadecido com os desgraçados, que ella foi religiosa sem fanatismo, grande sem altivez, modesta sem affectação, mã carinhosa, esposa terna, o amor, as delicias, o objecto constante do amor dos brazileiros. »

Nessa mesma afamada oração funebre lê-se o seguinte conceito digno por sem duvida da mascula eloquencia do sabio bispo de Meaux.:

« Deus esmaga nas barreiras do tumulo todos esses gigantes da terra; dilacera a purpura dos reis; quebra os sceptros e as corôas; e estende a mão á virtude, que se levanta gloriosa no meio de todos esses destroços magnificos, sobre o pó da jerarchias, do fausto e das mais brilhantes condecorações! »

Da apostolica liberdade com que fallava perante os grandes da terra deu mais d'uma brilhante prova, sendo (quanto a nós) a mais frisante a apologia que fez dos direitos do povo e a consagração do principio revolucionario que lemos no memoravel sermão prégado na igreja de S. Francisco do Paula á 25 de março de 1831, doze

dias antes d'abdição do primeiro imperador. Julgamos descobrir ali alguma coisa de semelhante ás sagradas philippicas do desditoso Savanarola. Parece já ouvir-se o rugido do trovão percursor da tempestade.

Perpassando pelo esmeril da critica descobrem-se nas obras oratorias de Fr. Francisco de Mont'Alverne não poucos defeitos; uns intrinsecos e outros extrinsecos. Assim, por exemplo, copiosas são as redundancias, nem sempre apropriadas as citações, excessiva prodigalidade de referencias á historia grega e romana, demasiado amor ao colorido do estylo e aos fogos fatuos da imaginação. Como elle proprio reconheceu <sup>1</sup> sossobrou por vezes nos parceis do gallicismo; e, por necessidade d'ocasião descurou-se da lima de Vieira e de Fr. Luiz de Souza.

## HISTORIA

ROCHA PITTA (*Sebastião da*): — Nascido na cidade da Bahia aos 3 de maio de 1660 foi filho do desembargador chanceller da relação João da Rocha Pitta <sup>2</sup>. No collegio dos jesuitas fez os estudos preparatorios e recebeu a patente de mestre em artes com a qual matriculou-se na universidade de Coimbra, graduando-se em canones no anno de 1682.

De volta a patria não consta seguisse a carreira da magistratura, nem se entregasse ao mister d'advogado, parecendo mais propenso á milicia, visto como exerceu o cargo de coronel do regimento privilegiado de infantaria d'ordenanças, e depois do seu consorcio com D. Brites d'Ameida retirou-se para a fazenda que possuia nas circumvisinhanças d'antiga villa (hoje cidade) da Cachoeira.

Consagrou os honrados ocios da vida agricola á intimas practicas com as musas, de que nos sobraão vestigios nos trabalhos d'*Academia Brazilica dos Esquecidos*. Consta que tambem tentara a forma romanesca compondo em castelhano uma imitação do lau-

<sup>1</sup> Vide o *Discurso Preliminar* pag. XII e XIII.

<sup>2</sup> Preferimos a versão do conego Januario da Cunha Barbosa a do abbade Barbosa Machado que (na sua *Bibliotheca Lusitana*) affirma terem sido progenitores do nosso historiador João Velho Godim de D. Brites da Rocha Pitta.

reado *Palmeirim de Inglaterra*, cujo exito não foi por certo dos mais animadores.

Conheceu Rocha Pitta que mui diversa era vereda que lhe cumpria trilhar, e, voltou-se todo para estudos mais positivos, concebendo o plano de uma historia geral do Brazil que até então só possuia chronicas, e algumas narrativas de viajantes.

Para execução do seu patriotico projecto deixou as apraziveis ribas do Paraguassú; e, dirigindo-se a capital, consummiu alguns annos em investigar os archivos publicos e particulares, principalmente os das ordens religiosas, abundantes em documentos do mais subido valor.

Em suas pesquisas e indagações conheceu o grande partido que poderia tirar do conhecimento dos idiomas estrangeiros; e, sem calcular o tedio que lhe resultaria d'entregar-se em idade madura as minudencias grammaticaes, aprendeu francez, inglez, hollandez e italiano para ler nos originaes os documentos de que necessitava.

Não contente com esse louvavel esforço tomou ainda o expediente de transportar-se a Lisboa e interrogar a sybilla da historia nacional, cuja tripode se assenta principalmente na Torre do Tombo.

Ao cabo de tantas lucubrações deu á estampa no anno de 1730 uma obra intitulada — *Historia d'America Portugueza desde o anno de 1500 de seu descobrimento até o de 1724.* —

Favoravel foi o acolhimento que dos contemporaneos recebeu essa obra: el-rei D. João V galardoou com o diploma de fidalgo da sua casa e cavalleiro da ordem de Christo, e a *Academia Real da Historia Portugueza* admitti-o em se gremio na classe dos supra numerarios, com expressões de muito louvor.

Satisfeitos seus ardentes anhelos regressou Rocha Pitta ao lar domestico, consagrando o restante da vida aos dizeres d'esposo e de pai d'extensa prole, de quem recebia reiteradas provas d'amor e veneração. Alcançou á avançada idade de setenta e oito annos, finando-se na sua cidade natal a 2 de dezembro de 1738.

Pertence a Rocha Pitta a escola dos historiadores mais preocupados da forma do que da substancia, mais artistas do que philo

sophos. Fazem a narrativa dramatica dos acontecimentos, aprazem-se em multiplicar pictorescas descripções, buscão os contrastes como se dispõem na tela os effeitos da luz.

Dir-se-hia que pelos fastos da Grecia e Roma pautava elle os successos occorridos d'este lado do atlantico; e as lendas e tradições populares acolhia-as sempre que apresentavão alguma conformidade com as dos modelos classicos.

Outro grave defeito lhe apontão os criticos, e vem a ser a summa facilidade com que distribue titulos de capacidade e a profusão dos epithetos encomiasticos com que mimoséa a quantos nesse longo periodo vierão governar a colonia luso-americana.

É por sem duvida estranho que tendo a mão abundante messe de monumentos historicos tão mesquino, e quiçá improficuo, partido soubesse d'elles extrahir, preferindo-lhes mal apuradas versões, repletas de inverosimelhanças e antimonias.

Até no estylo, incontestavelmente a melhor parte da obra, não está immune de censuras, recalhando estas com especialidade sobre o abuso das figuras d'ornato e constantes trocadilhos, com que, procurava abrilhantar a dicção, e talvez disfarçar a penuria de logica. Verdade é que não era esse defeito considerado como tal na epocha em que escrevia o nosso laborioso compatriota, que em Vieira, nos dois condes da Ericeira, em D. Antonio Caetano de Souza, e em tantos outros achava emeritos companheiros. Entendemos porém cumprir doloroso dever assignando-lh'o, visto como o exemplo e auctoridade dos mestres exerce, e sempre exerceu, incalculavel influencia.

Nos esplendores do estylo revelou Rocha Pitta o antigo tracto com a poesia; e passos ha na sua obra iguaes, senão excedentes, as tão conhecidas como louvadas magnificencias de Barros. Para, d'entre muitos citar apenas um, faremos selecção da seguinte pintura que da nossa terra desenhou seu patriotico pincel.

« Do Novo Mundo, tantos seculos escondido e de tantos sabios calumniado, onde não chegarão Hannon em suas navegações, Hercules Lybeo com suas columnas, nem Hercules Thebano com suas empresas, é a melhor porção o Brazil; vastissima região, felicissimo terreno, em cuja superficie tudo são fructos, em cujo

(postoque tinha mais de generoso do que de absoluto) entendendo que extorsões e injustiças lhes crescião a elles os interesses, sentião que o conde tratasse com affabilidade e observancia das leis aos moradores e naturaes d'aquellas capitancias por esta causa quizerão o desgostar antes de o chegarem a remover coarctando-lhe a jurisdicção e o soldo; mas o conde que na grandeza de principe via excessiva distancias que havia do seu estado e nascimento á fortuna e condicção d'aquelles animos ambiciosos e grosseiros, entregando o governo aos do conselho do Recife, depois de o haver exercido prospera e heroicamente seis annos, se embarcou para a Hollanda no de mil seiscentos e quarenta e tres, lançando a offensa mais á parte do desprezo do que da vingança. »

Pelo que havemos extractado pensamos que no animo dos leitores ter-se-ha gerado a convicção de que o primeiro historiador brasileiro foi mais discipulo de Herodoto que de Thucydides, de Tito Livio do que de Tacito, de João de Barros do que de Couto e Castanheda.

Com franqueza e lealdade lhe apontamos bellezas e defeitos; iniquo porém seria recusar-lhe o testemhanho dos reaes serviços prestados a historia patria <sup>1</sup> nas copiosas noticias que diligentemente colheu e de que soube algumas vezes utilizar-se.

JABOATÃO (*Frei Antonio de Santa Maria*): — Viu a luz do dia no sitio denominado *Jaboatão* termo da cidade do Recife (Pernambuco) e professou na ordem franseiscana ao 12 de dezembro de 1787 devendo por tanto ter nascido em 1700, ou talvez antes d'essa epocha <sup>1</sup>. Exerceu diversos cargos, entre outros o de chronista,

<sup>1</sup> Assim pensando claro é que discordamos do juizo que acerca d'este escriptor emittiu Southey no prefacio da sua *Historia do Brasil* quando disse:

« A unica historia geral do Brazil que existe é a d'*America Portugueza* de Sebastião da Rocha Pitta, obra magra e mal alinhavada, que só na falta d'outra tem podido passar por valiosa. »

<sup>2</sup> O sr. Innocencio pensa que o nascimento de Jaboatão devera ter sido pelo anno de 1693 supposto que professára aos vinte e dois. Ignoramos o fundamento da hyphotese do illustrado bibliographo, sendo o nosso calculo baseado na idade canonica (17 annos) antes da qual não é licito professar nas ordens religiosas.

centro tudo são thesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas; tributando os seus campos o mais util alimento, as suas minas o mais fino ouro, os seus troncos os mais suaves balsamos, e os seus mares o ambar mais selecto: admiravel paiz, a todas as luzes rico, onde prodigamente profusa a natureza se desentranha em ferteis producções, que, em opulencia da monarchia e beneficio do mundo, apura a arte; brotando as suas canas espremido nectar, e dando as suas fructas sasonada ambrosia, de que forão mentida sombra o licor e vianda, que aos seus falsos deuses attribuia a culta gentilidade.

« Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno, nem madrugada mais bella a aurora; o sol em nenhum outro he mispherio tem os raios tão dourados, nem os reflexos nocturnos tão brilhantes; as estrellas são as mais benignas e se mostram sempre alegres; os horizontes, ou nasce o sol, ou se sepulte, estão sempre claros; as aguas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aqueductos, são as mais puras; é enfim o Brazil terreal paraizo descoberto onde tem nascimento curso os maiores rios; domina salutifero clima: influem benignos astros, e respirão-se auras suavissimas, que o fazem fertil e povoado de innumerables habitantes: posto que, por ficar debaixo da zona torrida o desacreditassem e dessem por inhabitavel Aristoteles, Plinio e Cicero, e com os gentios Padres da Igreja, Santo Agostinho e Beda, que, a terem experiencia d'este feliz orbe, seria famoso assumpto de suas elevadas pennas, aonde a minha recêa voar; posto que o amor da patria me dá as azas e a sua grandeza me dilata a esphera. »

Como o illustre auctor das *Decada d'Asia* antepunha Rocha Pitta o patriotismo á imparcialidade; e raro luzia para os adversarios de sua grei e crença o sol da justiça. Contemplou porém na excepção o excelso principe que mais d'um lustro governou a parte septentrional d'America Portugueza então denominada — *Brazil Hollandez*. — Apreciando as causas da sua retirada aproveita-se do ensejo para tributar-lhe merecidos encomios nestas eloquentes palavras:

« Pouco satisfeitos os deputados da companhia occidental de Hollanda do procedimento do conde de Nassau em Pernambuco

gozando d'estima e consideração geraes. Foi membro d'*Academia Brasilica dos Esquecidos* ignorando-se a data do seu fallecimento.

Escreveu varias obras sendo de todas as mais notavel a que intitulou *Novo Orbe Seraphico Brasilico*, ou *Chronica dos Frades Menores da Provincia do Brasil* — <sup>1</sup>, cuja primeira parte foi impressa em Lisboa no anno de 1761 e a segunda no Rio de Janeiro de 1859-1861 á expensas do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, que tambem fez reimprimir a primeira parte, tornada extremamente rara.

Fornece esta chronica abundantes subsidios aos estudiosos da nossa historia; tanto mais apreciaveis quanto seu auctor parece não ter em mira senão relatar factos concernentes á sua ordem. Assim, por exemplo, dando conta da fundação dos conventos de Iguarassú, Parahyba, Recife e *Pajuca* (sic) menciona successos que dizem respeito á guerra honllandeza, e fallando dos bemfeitores das casas religiosas raro deixa omissos os cargos que exercerão e os acontecimentos em que tomarão activa parte.

Algumas inexactidões escaparão ao chronista franciscano, parte assignaladas no erudito parecer apresentado ao Instituto Historico pelo fallecido conselheiro Diogo Soares da Silva de Bivar <sup>2</sup>, parte apontadas nas notas que adicionamos ao ultimo volume da nova edição.

Adoecia Jaboatão do achaque gongorico e reçumbra em suas paginas o mau gosto seiscentista. Pura e escorreita é sua linguagem, que ao mais escrupuloso purista não repugará o fôro de classico. Confessamos porém que pouco amena se faz a leitura de tal obra pela demasiada extensão dos periodos, e infindas digressões, que complicão o sentido do texto, e gerão o tedio.

<sup>1</sup> O titulo por extenso, tal qual se lê no frontispicio, é o seguinte — *Orbe Seraphico, novo, brasilico, descoberto, estabelceido e cultivado a influxos da nova luz de Italia, estrella brilhante da Hespanha, luzido sol de Padua, astro maior do ceo de Francisco, o thaumaturgo portuguez Santo Antonio, a quem vai consagrado como theatro glorioso esta Chronica dos Frades Menores da mais stricta e regular observancia da Provincia do Brazil.*

<sup>2</sup> Vide *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* tomo II.

Faltava-lhe tambem o preciso discernimento para joeirar os factos, escoimando os das fabulas populares: excessiva era a sua piedade para entregar-se ao onus anatomico d'onde resultaria a ruina de muitas d'essas formosissimas legendas que lhe havião embalado o berço. Aceita a critica as obras como ellas são, e jamais como deverião ser: attende particularmente as circumstancias que modificão o rigor dos principios, e dá o devido desconto á influencia dos meios que actuarão sobre o animo dos escriptores.

MADRE DE DEUS (*Fr. Gaspar da*): — Descenden e d'uma familia illustre e das que primeiro povoarão a capitania de S. Vicente, nasceu na fazenda de S. Anna, termo da villa de S. Vicente no anno de 1730 e falleceu na villa (hoje cidade) de Santos em principios de 1800. Professou na ordem de S. Bento onde exerceu os primeiros cargos, inclusive o d'abbade geral. Foi socio correspondente d'Academia Real das Sciencias de Lisboa, á qual dedicou sua principal obra, intitulada — *Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente, hoje chamada de S. Paulo, do Estado do Braz l.* — Sahirão ellas pela primeira vez da officina typographica da dita Academia no anno de 1797.

Escreveu mais *Not cia dos annos em que se descobriu o Brazil e e das entradas das religiões e suas fundações, etc.* <sup>1</sup>: *Memorias* <sup>2</sup>: e *Historia das minas de S. Paulo e da expulsão dos jesuitas* <sup>3</sup>.

Os trabalhos historicos de Fr. Gaspar da Madre de Deus recomendão-se pela escrupulosa exactidão com que expõe os factos, escudando-se sempre em valiosos documentos, de cuja genuidade não pode restar a minima duvida. Seu estylo é fluente e despido

<sup>1</sup> Impressa na *Revista Trimensal do Instit. Hist.* tomo II.

<sup>2</sup> Estas interessantissimas *Memorias* forão igualmente impressas na *Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro.*

<sup>3</sup> O precioso codice, acima mencionado, foi offerecido ao mesmo Instituto por nosso primo e bom amigo o sr. bacharel José Feliciano Fernandes Pinheiro, a quem tambem se deve o donativo da curiosa *Nobliarchia Paulistana* do sargento-mór Pedro Taques d'Almeida Paes Leme. Ambos esses documentos havião pertencido a seu pai o visconde S. Leopoldo. A *Nobliarchia* começou a publicar-se no tomo XXXII de *Revista* e chegou á sua conclusão no XXXIV.

quando acabão as antigas, nem se podendo fixar o ponto de partida das novas ideias. Na deficiencia porém de melhor methodo seguimos o mais geralmente praticado pelos que nos hão precedido na senda, que ora timidamente trilhamos.

Acontecimentos extraordinarios assignalarão logo em seu começo o seculo XIX: a invasão de Portugal e a consequente transmigração da familia real para o Brazil, mudou essencialmente a physionomia da colonia, convertida em asylo da dynastia bragantina. Secundado por um dos espiritos mais emprehendedores que até então tinham dirigido a não do Estado <sup>1</sup> o principe regente D. João inaugurou uma epocha de progresso d'onde dimanarão todos os melhoramentos que paulatinamente se forão operando. A abertura dos portos ao commercio de todas as nações amigas, a abolição do systema colonial, que jungia o nosso commercio ao da metropole; a criação das academias militar, de marinha e medico-cirurgica, a d'aula do commercio, o estabelecimento d'uma imprensa regia, e algumas outras providencias secundarias, despertarão os brazileiros do lethargo em que jazião.

Para procedermos methodicamente no rapido bosquejo que vamos traçar d'este periodo, dividi-lo-hemos em tres epochas: começando a 1<sup>a</sup> do principio do seculo até a proclamação da independencia; a 2<sup>a</sup> desd'então até a maioridade do senhor D. Pedro II e a 3<sup>a</sup> abrangendo os tempos contemporaneos.

### PRIMEIRA EPOCA (1800 — 1822)

Quando no clepsydro do tempo escoou-se o XVIII seculo entrava o Brazil na sasão da primavera, e do centro para a perepheria circulava a seiva do vigor e do esperança. Em fertil terreno lançada a semente rapida foi a germinação e saborosos os fructos que d'ahi provierão.

Maravilhado dos esplendores d'este abençoado sólo, e grato ao

<sup>1</sup> D. Rodrigo de Sousa Coitinho, depois conde de Linhares e justamente denominado de — *ministro-cidadão* —.

d'ornatos, como convinha á natureza do assumpto: a linguagem da mais legitima vernaculidade.

AYRES DO CASAL (*Padre Manuel*): — Supposto nascesse em Portugal julgamos dever comprehender este illustre ecclesiastico no catalogo dos principaes escriptores que da nossa terra se occuparão no periodo a que nos estamos referindo.

Escassas são as noticias biographicas que a seu respeito possuímos, constando apenas que fôra presbytero secular do grão priorado do Crato, residira muitos annos no Brazil, regressára ao reino em companhia d'el-rei D. João VI, recolhendo-se a uma cella da casa do Corpo Santo pertencente á Congregação do Oratorio, e aggravando-se-lhe a sua enfermidade de nervos fallecera pouco depois de haver volvido á patria.

A unica obra que d'elle existe intitula-se — *Corographia Braziliica, ou relação historico-geographica do reino do Brazil*. — Pela primeira vez impressa no Rio de Janeiro no anno de 1817 em dous tomos, em razão de haver-se tornado extremamente rara foi novamente estampada na mesma cidade no anno de 1845.

Apesar dos numerosos erros historicos e inexatidões geographicas, que se notão neste escripto, ninguem lhe contestará a gloria de haver desbravado o terreno que outros deverão mais tarde cultivar com maior primor; « sendo certo (como observa o sr. Varnhagen) que até seus erros servem para provar o muito que desde então temos adiantado em taes estudos. » Deparão-se nesta obra esclarecimentos e noções particularissimas que algures debalde se procurarião, e lidos com o devido cuidado offerecem um dos mais abundantes mananciaes historicos. O estylo é d'ordinario simples, e por vezes deleixado.

### TERCEIRO PERIODO (Seculo XIX)

Adoptando a divisão por periodos litterarios nas ordem dos seculos não desconhecemos a incongruencia de semelhante classificação, visto como prolongão-se indeterminadamente no seguinte as ideias dominantes no anterior, não se sabendo ao certo

affectuoso acolhimento dos seus subditos americanos parece haver o principe regente concebido o plano de fixar entre nós a sua residencia.

Novo e inesperado incremento recebeu o Rio de Janeiro, e em geral todo o Brazil, com o exodo da côrte portugueza, cumprindo notar se que a esta circumstancia deveu se a visita d'algns sabios estrangeiro, nomeadamente do famoso Humboldt.

Entre os escriptores d'esse tempo distinguirão-se na :

#### POESIA

FRANCISCO DE MELLO E FRANCO, formado em medicina pela universidade de Coimbra e natural do Paracatú (Minas Geraes) que escreveu um poema heroi-comico, moldado pelo *Hyssope* de Diniz, posto que muito inferior, tanto na concepção como no desenvolvimento do plano. Intitulou-o — *O Reino da Estupidez* <sup>1</sup>, — servindo-lhe d'assumpto o motejo contra alguns lentes de Coimbra, adversos á reforma ordenada pelo marquez de Pombal. Diz-se que para essa satyra concorrera José Bonifacio d'Andrada; e tão bem souberão guardar o sigillo que ninguem suspeitou d'elles recalhindo as desconfianças sobre os doutores Ricardo Raymundo Nogueira e Antonio Ribeiro dos Santos, que por esse motivo forão alvos da malquerença de seus collegas <sup>2</sup>.

JOSÉ ELOY OTTONI, tambem natural de Minas (nascido em 1764 n'antiga villa do Principe, e hoje cidade do Serro) avantajou-se como poeta lyrico, e legou-nos mimosas composições, em que se revelou discipulo da escola bocagiana. Nota-se-lhe decidido pendor para a poesia religiosa, quer traduzindo, ou antes paraphraseando primorosamente, os *Proverbios* de Salomão, e o *Livro de Job* <sup>3</sup> já escrevendo lindissimas glosas do *Miserere* e do

<sup>1</sup> Este poemeto tem tido tres edições e foi incorporado á collecção dos Satyricos portuguezes do *Parnaso Lusitano*.

<sup>2</sup> Vide *Diccionario Bibliogr.* do sr. Innocencio da Silva, tom. III.

<sup>3</sup> Tivemos a honra d'edictorar essa joia da litteratura nacional fazendo-o preceder d'um *Discurso sobre a Poesia Religiosa no Brasil* — Rio de Janeiro — 1851

*Stabat Mater*, vulgarizadas pela *Tribuna Catholica*, periodico que redigimos pelos annos de 1850-1851.

BARTHOLOMEU ANTONIO CORDOUIL, ácerca do qual apenas sabemos ser originario de Goyaz, haver recebido um gráo academico na universidade de Coimbra, e ter residido na capital do Brazil, patenteando seu talento metrico em algumas composições de merito, colligidas pelo conego Januario no seu *Parnaso Brasileiro*.

O PADRE SILVERIO, chamado da *Paraopeba*, foi auctor d'uma lindissima metamorphose, escripta em redondilha maior, a que denominou — *Fabula do Morro do Ramos* — estimavel pela graça e ingenuidade que d'ella reçumbra. Foi este um felicissimo ensaio da poesia popular, que com o decurso do tempo, constituirá um dos caracteristicos da nossa litteratura.

O CONEGO JANUARIO DA CUNHA BARBOSA, a quem tanto devem as letras patrias, contribuiu com o seu contingente para a opulencia da nossa poesia, compondo igualmente uma bellissima metamorphose, no gosto das de Diniz, a que deu o nome de *Nictheroy*<sup>1</sup>.

O principal defeito d'esta obra consiste, quanto a nós no demasiado escrupulo com que cingiu-se aos classicos modelos, desprezando os estimulos da inspiração e não tirando todo o partido da magnificencia da natureza que lhe moldurava o quadro.

FRANCISCO VILLELA BARBOSA (*marquez de Paranaguá*): — Nascido nesta cidade do Rio de Janeiro aos 20 de novembro de 1769 foi para Portugal na tenra idade de dezoito annos, e seguindo com proveito o curso de mathematica e engenharia logrou ser nomeado

<sup>1</sup> Eis em que termos o apreciava um atilado critico estrangeiro, que por largos annos viveu entre nós (Santiago Nunes Ribeiro).

« . . . Na primosa e brilhante metamorphose de *Nictheroy* a fabula é fundada sobre as bellas ficções da Grecia, mas a novidade da scena descripta pelo sr. conego Januario, a grandiosa ideia de dar ao colossal mancebo megatherios e mamouts por animaes domesticos, a agglomeração de combros e penhascos que elle sotopõe uns aos outros; a serra dos Orgãos escada immensa que lhe deve servir para assaltar os ceos, tem um não sei que d'americano, que mais facil é sentir do que explicar ».

(*Minerva Braziliense*, vol. I. — pag. 115).

lente d'academia de marinha, para cujo uso escreveu um compendio da geometria, muito estimado pelo seu methodo e clareza. Abraçando, como bom brasileiro, a causa da independencia da sua patria prestou-lhe relevantes serviços, devidamente remunerados com varios empregos e distincções, nomeadamente com o titulo nobiliario de marquez de Paranaguá. Sendo ainda estudante publicou uma *Collecção de Poesias* (em 1794), que parece haverem desagradado a censura, como se revela da circumstancia d'apparecerem mutiladas algumas folhas dos poucos exemplares que em suas diligencias bibliographicas poude descobrir o sr. Innocencio F. da Silva. Mais duradouro e melhor padrão da sua gloria poetica offerece-nos a *Cantata* intitulada — *A Primavera* — que grangeou a honra de ser inserta no tomo VI, parte I, das *Memorias d'Academia Real das Sciencias de Lisboa* <sup>1</sup>. Bem que inspirada pela diutiurna lição dos classicos, especificadamente de Camões, Bernardes, e Fernão Alvares d'Oriente, cujos metros tanto procurou imitar, descobrem-se ahi alguns toques de originalidade, certo colorido americano, que revelão no auctor reminiscencias da patria e dos esplendores do seu privilegiado clima. Pena é que não levasse mais longe essa tendencia, e dispozesse em sua palheta todos as vivissimas cores da nossa flora tropical. Os seicentismos que lhe notão alguns criticos são minimas nugas que nem se quer lhe embacião o brilho, como no-lo demonstra a estima liberalisada pelos contemporaneos e o juizo corroborativo da posteridade.

JOAQUIM JOSÉ LISBOA. D'este ameno e popularissimo poeta apenas sabemos que fôra alferes do regimento de Villa Rica, d'onde parece ter sido natural. Trasladando-se a metropole, afim de solicitar o favoravel deferimento d'algumas pretencões que tinha, publicou no anno de de 1802 uma collecção de versos pastoris, com o titulo — *Joquino e Tamisa* — contendo um elogio, uma ode anacreontica, uma sylva, e quatro quadras glosadas. Dois annos depois deu a estampa a sua *Descripção Curiosa dos principaes producções, rios e animaes do Brazil, principalmente da capitania de Minas-Geraes*.

<sup>1</sup> Foi depois transcripta no *Parnaso Brasileiro* caderno 2º.

Apesar da monotonia, resultante do verso octossyllabo, e do descuidado emprego de certas locuções nimio vulgares, temos em subida conta essa composição do nosso conterraneo, e consideramo-la como feliz proseguimento do louvavel empenho iniciado por Botelho d'Oliveira, de tornar conhecidas as riquezas, naturaes do nosso paiz, e de derramar pelas classes illiteratas o germen da instrucção. É ainda outra tentativa do nativismo querendo romper o involucro da plastica imitação

Alguns outros poetas, como João Gualberto Ferreira dos Sanctos Reis, traductor do poema de Prudencio do Amaral (*Carmen de Sacchari opificio*) as *Georgica Brazileira* (de José Rodrigues de Mello); e Luiz Paulino d'Oliveira Pinto da França, mantiverão no primeiro quartel do presente seculo a reputação litteraria da sua provincia natal (a da Bahia). Este ultimo sobretudo gozou da fama d'excellente poeta, sendo para lamentar que se perdessem quasi todos os seus escriptos restando-nos unicamente a descripção d'um naufragio e dois sonetos, composta em occasiões bem solemnes <sup>1</sup>.

#### PROSA

Não só na poesia, mas ainda na prosa contou nessa epocha o Brazil engenhos peregrinos, como fossem:

D. JOSÉ JOAQUIM DA CUNHA D'AZEREDO COITINHO, natural do districto de Campos dos Goytacazes (provincia do Rio de Janeiro) e pertencente a uma antiga e abastada familia. Seguindo a carreira

<sup>1</sup> O primeiro d'esses sonetos foi recitado junto ao tumulo de D. Affonso Henriques, erecto na cathedral de Coimbra, quando, por ordem de Junot, ia proceder-se ao desarmamento dos dois regimentos da cavallaria de Chaves e Almeida: e o outro composto poucas horas antes de fallecer ao sahir a barra do Rio de Janeiro que demandára (a 7 de setembro de 1823) á bordo do brigue *Treze de Maio*, incumbido d'uma missão diplomatica, felizmente mallograda. Affirmou-nos pessoa fidedigna (o fallecido brigadeiro Zepherino Pimentel Moreira Freire) que o referido Luiz Paulino, tendo obtido do governo imperial licença para desembarcar, recolhera-se á casa do desembargador Garcez Palha, d'onde fôra transportado em braços (pelo seu pessimo estado de saúde) para o navio que o devera conduzir a Europa, fallecendo logo ao sahir da nossa barra.

ecclesiastica chegou a elevada hierarchia de bispo de Pernambuco, e mais tarde d'Elvas, cuja diocese deixou de reger para occupar o cargo do inquisidor-geral. Foi deputado ás cortes constituintes e membro d'Academia Real das Sciencias de Lisboa. D'entre seus numerosos escriptos faremos selecção do *Ensaio Economico sobre o commercio de Portugal e das suas colonias*, dado a lume por ordem da dita d'Academia (no anno de 1794) sendo vertido em varios idiomas cultos da Europa <sup>1</sup>. Propoz-se o douto prelado tornar bem patente a opulencia das possessões portuguezas referindo muitas particularidades concernentes ao Brazil, que erão de todo desconhecidas. Dividido em tres partes tratou na primeira dos interesses que a metropole podia tirar da riquissima colonia americana, na segunda analysou a situação presente e futura das outras situadas n'África, Asia e Oceania; consagrando a terceira parte ao estudo das vantagens que mutuamente se poderião conceder Portugal e as demais nações da Europa. Com elevação de vistas muito superior a de quasi todos os publicistas contemporaneos traçou a larga via do progresso que cumpria trilhar para subtrahir o reino ao abatimento em que cahira, e rasgando o veo do futuro entreviu o grandioso porvir destinado a sua olvidada patria.

JOSÉ DA SILVA LISBOA (*visconde de Cayrú*): — Nascido na cidade do Salvador da Bahia no anno de 1756, póde ser considerado como o continuador das largas vistas do bispo Azeredo Coitinho, e merece ser denominado de *pai da economia politica brazileira* <sup>2</sup>. De facto foi elle quem em 1804 deu ao prelo os *Principios d'Economia Politica para servir de introducção a tentativa economica*: — quem juntando a theoria a acção influiu poderosamente para a revogação do ominoso systema colonial, aconselhando ao principe regente

<sup>1</sup> Consta-nos que d'esse opusculo derão-se mais duas edições, sempre ás expensas d'Academia: sendo a segunda (de 1816 corrigida e acrescentada pelo auctor; e a terceira, dado á estampa em 1828, reproducção da anterior)

<sup>2</sup> Antes que se manifestasse sob esse aspecto já se fizera conhecido publicando (de 1801-1808) uma obra em sete tomos com o titulo de — *Principios de Direito Mercantil e leis da marinha, etc.* — a primeira que existiu em lingua portugueza, e que, apesar de todos os progressos do seculo — « conserva n'actualidade (diz em critico) o mesmo interesse que lograra na epocha da sua publicação. —

que promulgasse a carta regia de 24 de janeiro 1808 ; quem primeiro lecionou entre nós a importantissima sciencia d'Adão Smith. Abarcando em sua vastissima erudicção quasi todos os ramos de conhecimentos humanos. Silva Lisboa (agraciado depois com o titulo de visconde de Cayrú) foi um escriptor polygrapho <sup>1</sup>, um verdadeiro paladino da imprensa, na qual sustentou-se firme e impreterito até os derradeiros momentos d'existencia, finalisada a 20 d'agosto de 1835. Em quasi todos os escriptos polemicos do nosso patricio nota-se certo azedume as vezes combinado com altas dozes d'essa ironia, a que os inglezes chamão de *humour*. Classico por indole faltava ao seu estylo a ductilidade necessaria ao publicista.

## PHILOLOGIA

ANTONIO DE MORAES E SILVA:— Nasceu na cidade do Rio de Janeiro no anno de 1755, e sendo mandado á universidade de Coimbra para estudar direito, comprometteu-se com o Sancto Officio em cujos carceres permaneceu por espaço de dous annos. Passando-se depois á Inglaterra serviu de secretario particular do embaixador portuguez, visconde de Balsemão, e utilizando-se da sua escolhida livraria começou a feitura do *Diccionario da Lingua Portuguesa*, dado á estampa em 1789. Não foi a primeira edição mais do que resumo methodico do indigesto vocabulario de D. Raphael Bluteau, mas na segunda, publicada em 1813, ergueu o mais vasto monumento lexicologico que até hoje possuímos. Compoz outrosim um *Epitome de Grammatica Pórtugueza*, que viu a luz da imprensa em Lisboa nó anno de 1806 e parece que tambem escrevera uma *Grammatica Philosophica*, que nunca chegou a imprimir-se <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> No anno de 1829 publicou a *Historia dos Principaes Successos Politicos do Imperio do Brazil*, enfadonha e deficiente chronica muito somenos a bem merecida reputação do auctor.

<sup>2</sup> Numa carta inedita (que temos á vista) mandada de Pernambuco a seu amigo José da Silva Lisboa exprimia-se Moraes nestes termos:

« O padre Caldas me escreveu que o defuncto conde de Linhares havia mandado entregar a vossa mercê e ao doutor Marianno um manuscripto meu de Grammatica

Diz-se que a causa de haver-se Moraes elevado ao pinaculo da philologia portugueza, partira dos motejos que sobre a sua defeituosa pronuncia e viciosa locução lhe dirigião alguns condiscipulos da universidade. Tomando d'elles o mais nobre dos desforços applicou-se assiduamente ao estudo do idioma vernaculo, e em breve tempo conseguiu tão amplo cabedal de conhecimentos que todos lhe cederão a primazia. Ainda hoje sua auctoridade faz fé em pontos de linguagem, e nenhum dos que lhe tem succedido nesse mister, hão attingido a tão alto gráo de perfeição. Devem-se-lhe igualmente algumas versões do inglez e do francez, especificadamente da *Historia de Portugal*, composta no primeiro d'esses idiomas por uma sociedade de litteratos, a qual addicionou notas e esclarecimentos de subida importancia. Depois de haver por alguns annos advogado n'antiga villa (hoje cidade) do Recife, recolheu-se ao seu engenho da Moribeca, onde o forão surprehender os acontecimentos politicos de 1817. Nessa difficilima provação houve-se com raro criterio, respeitado por ambas as parcialidades, e mantendo uma neutralidade que nenhum outro soube imitar. No regaço da familia, que estremecidamente o amava, chegou a bem avançada idade, fallecendo no anno de 1824. É por certo honrosissimo para nós outros brasileiros que o homem que mais profunda e scientificamente versou a lingua de Camões e de Barros tivesse visto a luz do dia d'este lado do athlantico.

## MEMORIAS HISTORICAS

CONEGO LUIZ GONÇALVES DOS SANTOS: — Foi natural do Rio de Janeiro e nascido no anno de 1767. Abraçando, por sincera vocação, a vida ecclesiastica recebeu ordens sacras das mãos do bispo

para se dedicar ao principe da Beira, e se imprimir na typographia regia. Cuido que essa officina está occupada em obras de maior importancia que esse insignificante trabalho que terá cabimento com as tenças obrigadas dos marzaganistas; nos quaes termos e bem fundada supposição, porque sei as custezas publicas, e mais para obra nada esmerada, rogo-lhe que se pode nisto influir alguma cousa, me faça o favor de mandar por via do amigo João de Deus o tal papel que eu principalmente destinava para deixar a alguns amigos uma prova publica da minha gratidão, ainda que o monumento não fosse de grande apreço, nem de perpetuidade. »

Mascarenhas, e, ainda mancebo votou-se ao magisterio da lingua latina no antigo seminario da Lapa, succedendo pouco depois ao padre doutor Goulão na regencia da cadeira de philosophia racional e moral. Agraciado com o habito de Christo em 1825 foi em 1839 provido num dos canonicatos da cathedral e capella imperial do Rio de Janeiro, que assiduamente exerceu até a epocha da sua morte, occorrida no dia 1.º de dezembro de 1844. Prescindindo d'analyse dos numerosos opusculos e artigos jornalisticos que escreveu sobre assumptos politicos e religiosos, nos quaes ostentou sempre grande ardor tribunico, occupar-nos-hemos tão sómente da sua obra de maior tomo, e que particularmente se prende á epocha que estudamos. Intitulou-a elle -- *Memorias para servir á historia do reino do Brazil; escriptas na cõrte do Rio de Janeiro em 1821 e offerecidas a S. M. El-Rei D. João VI* —. Sahirão ellas dos prelos da officina regia de Lisboa no anno de 1825-1826. Acerca do quilate litterario d'esse escripto, seja-nos licito repetir aqui o que n'outro lugar dissemos: « Não são por certo estas Memorias um modelo d'elegancia e atticismo de linguagem: nenhum sopro philosophico anima suas paginas d'onde foge espavorida a critica ao ruido de continuas e bombasticas hyperboles. São porém um vasto repositório onde irá buscar o futuro historiador d'essa epocha elementos para a sua obra, não o isentando porém da tarefa de joeirar os factos. Faltava a Luiz Gonçalves dos Santos os dotes de historiador: compillador infatigavel nunca devera passar de chronista; o honrado e virtuoso sacerdote não podia offerecer em suas Memorias o attractivo que a malidicencia empresta ás de Saint-Simon <sup>1</sup>. »

PIZARRO E ARAUJO (*Mosenhor José de Sousa Azevedo*): — Nascido nesta cidade do Rio de Janeiro no anno de 1753 fez os estudos preparatorios em sua patria passando-se depois a Coimbra a fim de seguir o curso de canones, em que graduou-se. Decidindo-se pela carreira ecclesiastica recebeu em Lisboa todas as ordens,

<sup>1</sup> Vide — O CONEGO LUIZ GONÇALVES DOS SANTOS — SUA VIDA E SUAS OBRAS — *Estudo Biographico pelo Conego Doutor J. C. Fernandes Pinheiro*, impresso na *Rev. Trím. do Inst. H. e G.* tomo XXV (anno de 1862).

sendo em seguida despachado conego da cathedral do Rio de Janeiro. Cubiçoso de conhecimentos historicos deu-se á severas e assiduas pesquisas traçando em 1781 os primeiros lineamentos das suas — *Memorias Historicas do Rio de Janeiro, e das provincias annexas á jurisdicção do vice-rei do Estado do Brazil* — Compõe-se de nove volumes, impressos nesta capital de 1820-1822, e representão o fructo de suas visitas as igrejas e capellas do bispado no periodo decorrido de 1794-1799. Munido de licença regia volveu ás margens do Tejo no anno de 1801, e, angariando as hõas graças do principe regente, trocou a sua cadeira canonical da sé fluminense por outra da mesma categoria na patriarchal de Lisbõa, que occupou até regressar para o Brazil acompanhando a familia real. Reintegrado em sua antiga conezia addicionou-lhe os cargos de procurador geral das tres ordens militares. Foi successivamente elevado a hierarchia de monsenhor arcipreste, conselheiro e condecorado com a venera da ordem da Torre e Espada, aposentando-se em 1828 com as honras de ministro do supremo tribunal da justiça. Posto que sempre arredio da politica foi eleito deputado á primeira camara a qual teve a honra de presidir. Na avançada idade de setenta e sete annos falleceu d'um ataque apopleptico passeando no jardim botanico (á 14 de maio de 1830).

As *Memorias Historicas do Rio de Janeiro* peccão por absoluta falta de methodo e a confusão de subsidios d'inestimavel valor com outros de pequeno, ou nenhum merecimento. Quem quizer utilizar-se das riquezas que ahi se occulta deverá revestir-se de paciencia benedictina e fabricar para seu proprio uso um fio d'Ariadne que lhe permitta entrar e sahir desassombradamente nesse labyrintho.

Relativamente a tão vasta monographia associamo-mos aos laudo do sr. conselheiro Pereira da Silva formulado nestas palavras :

« Nas *Memorias Historicas do Rio de Janeiro* não se vê o philosopho extrahindo lições para esclarecer o povo. Descobre-se unicamente o homem que indagou todos os acontecimentos por mais pequenos ; estudou-os em sua nudez e fidelidade, e os mani-

festa ao mundo ingenua e modestamente, e com a mais escrupulosa consciencia <sup>1</sup>. »

#### ESTABELECIMENTOS LITTERARIOS

Grande importancia teve nessa epocha um acto de regia munificencia do principe D. João, facultando ao publico (em 1810) a escolhida bibliotheca que consigo transportára, composta de mais de sessenta mil volumes, e cuja guarda confiára a dois esclarecidos ecclesiasticos <sup>2</sup>. Na deficiencia que então havia de livros foi semelhante acto applaudido pelos estudiosos, que sedentos correrão a saciar-se em tão copioso manancial. Forma essa bibliotheca o fundo da hoje denominada — Publica — acrescentada com varias doações e compras que a tem gradualmente opulentado; posto que ainda se conserve longe dos desejos e aspirações dos cultores das patrias letras <sup>3</sup>.

#### JORNALISMO

Tambem data d'esse tempo a apparição da primeira revista litteraria <sup>4</sup> dirigida pelo mathematico Manuel Ferreira d'Araujo Guimarães, natural da cidade da Bahia, e lente d'Academia Militar

<sup>1</sup> VARÕES ILLUSTRES DO BRASIL *durante os tempos coloniaes* — tomo II — 3ª edição — Pariz — 1868.

<sup>2</sup> Os padres-mestres Fr. Gregorio Viegas (fluminense) e Fr. Joaquim Dámaso (da congregação do Oratorio.)

<sup>3</sup> Poucos sabem que nas minas d'essa bibliotheca encerra-se um thesouro de extraordinario valor bibliographico: referimo-nos a preciosa collecção de oitenta e seis volumes in folio coordenada pelo abbade Barbosa Machado, e constante de interessantissimos opusculos, adquiridos nas feiras e banquetas dos alfarrabistas, arrematações judicarias e vendas particulares; a que o infatigavel abbade corria no proposito de subtrahir ao extravio e coordenar documentos, que, sem essa louvavel diligencia, lamentariamos hoje como irremediavelmente perdidos.

<sup>4</sup> A *Gazeta do Rio de Janeiro*, sahida da imprensa regia a 10 de setembro de 1808, foi o primeiro periodico politico publicado nesta cidade. Consta da *Memorias Historicas e Politicas da Provincia da Bahia* pelo coronel Accioli (tomo I — pag. 308) que em janeiro de 1811 facultou o conde dos Arcos ao arcebispo o poder d'escolher censores entre as pessoas illustradas começando desde logo a publicação d'uma gazeta intitulada — *A Idade d'ouro*.

d'esta cidade, onde falleceu em 1838 na idade de sessenta e um annos. Intitulava-se essa revista *O Patriota* tendo por collaboradores Sylvestre Pinheiro Ferreira, Domingos Borges de Barros (depois visconde da Pedra Branca), José Saturnino da Costa Pereira José Bonifacio d'Andrade e Silva, Marianno José Pereira da Fonseca (depois marquez de Maricá) etc <sup>1</sup>. Contem documentos (ineditos) de grande importancia e relativos a historia politica, litteraria, ecclesiastica, etc do Brazil e de Portugal; bellissimas poesias, succulentos artigos, concernentes á industria, sciencias e artes, e varios outros assumptos apreciaveis e difficilimos alguns d'encontrar. Ouvem-se ahi os primeiros vagidos da critica, e o verbo balbuciente das discussões scientifico-litterarias.

Não fecharemos o cyclo sem fazer honrosa menção d'outro periodico, que supposto publicado em paiz estrangeiro (Londres), occupava-se seriamente com os negocios de Portugal e Brazil, prestando d'ess'arte relevantissimos serviços. Redigia-o um distincto compatriota nosso (Hypolito José da Costa Pereira) e intitulava-se — *O Correio Braziliense, Armazem Litterario*. Começou a sahir a lume em junho de 1803 e continuou com a maior regularidade até 1822, franqueando suas columnas ás opiniões as mais adiantadas em politica e religião, o que valeu-lhe a defesa, imposta pela regencia de Lisboa, de penetrar em Portugal.

## SEGUNDA EPOCHA (1822—1840)

O brado do Ypiranga, repercutindo pelos montes e quebradas do Brazil, annunciou a existencia d'uma nova e vivaz nacionalidade, que, semelhante a multicôr borboleta, desprendia-se do casulo colonial. Releva porém confessar que esse magno evento politico pouca influencia exerceu sobre a indole da nossa litteratura. Os

<sup>1</sup> Consta essa revista, ou antes *jornal litterario, politico, mercantil*, como se denominava, de tres volumes, sendo o primeiro no formato de 8º pequeno e os dois outros no de 8º grande. Imprimiu-se na imprensa regia desde o principio do anno de 1813 até o fim do de 1814

paladinos da liberdade, os pregoeiros dos novos principios, fazião garbo de subserviencia ás tradições arcadicas, e docilmente continuavão no novo imperio a escola litteraria que florescia em Portugal pelos fins do seculo XVIII e começos de XIX.

Como de costume evidenciaremos o nosso asserto descendo ao terreno positivo dos factos e fazendo uma breve resenha dos typos caracteristicos da epocha em cada genero, ou especie.

## POESIA

NATIVIDADE SALDANHA (*José da*)— Natural de Pernambuco, onde nascera em 1796, e onde fizera seus estudos preliminares antes de partir para Coimbra em cuja universidade cursou as aulas de direito civil e canonico, no qual graduou-se. Quando ainda frequentava os bancos universitarios deu ao prelo umas *Poesias offerecidas aos amantes do Brazil*<sup>1</sup>, nas quaes avultão as odes em honra dos valorosos pernambucanos que no seculo XVII havião combatido contra os hollandezes. Consta que volvendo a patria abriu um escriptorio d'advocacia, do qual tirava meios de folgada e honesta subsistencia, quando veio distrahi-lo de tão honroso mister a revolução republicana de 1824. Tomando activa parte nesse movimento serviu de secretario ao presidente Manuel de Carvalho, sendo, pelo mallogro d'essa tentativa, obrigado a expatriar-se. Refugiando-se em Londres e depois em Paris viveu por algum tempo dos soccorros que lhe ministravão antigos condiscipulos de Coimbra, embarcando-se depois para os Estados-Unidos, d'onde, depois de curta residencia, trasladou-se ao Mexico, sempre perseguido pelo má fortuna. Na capital d'essa republica diz-se haver fallecido em estado d'extrema miseria.

D'alludida collecção de poesias destacão-se as odes pindaricas em que celebrizou a gloria dos heroes pernambucanos. Citão-se como selectas as consagradas a memoria d'André Vidal de Negreiros, D. Antonio Philippe Camarão, Henrique Dias, e Francisco Rebello, cognominado — *Rebellinho*. —

<sup>1</sup> Formão um pequeno volume de 135 pag. in-8. impressas na typographia da universidade no anno de 1822.

São taes odes moldadas pelas d'Antonio Diniz de Cruz e Silva, conseguindo por vezes emparelhar com o original. Descambão porém nos mesmos defeitos da emphase e da empollação, que quasi todos os poetas contemporaneos confundião com a sublimidade. Quanto a linguagem é ella essencialmente vernacula e immune d'esses idiotismos, que não raro se encontrão nos melhores escriptores d'um e d'outro hemispherio.

JOSÉ BONIFACIO (*d'Andrada e Silva*): — Nascido n'antiga villa de Sanctos (provincia de S. Paulo) aos 13 de junho de 1763 trasladou-se a Coimbra apenas terminado o seu curso de humanidades. Nessa celebre universidade frequentou com igual assiduidade as aulas de direito civil e philosophia natural, graduando-se em ambas as faculdades. Indo para Lisboa com designio de seguir a magistratura dissúadiu-o d'isso o duque de Lafões convidando-o a applicar-se ás sciencias naturaes, para o que mostrava grande propensão. Fe-lo o referido duque entrar para a Academia Real das Sciencias (de que era presidente) conseguindo do governo pensionar o moço brasileiro para ir em diversos paizes da Europa aperfeçoar os seus conhecimentos. Visitou successivamente Hespanha, França, Italia, Allemanha, Dinamarca, Suecia, Noruega, Hollanda, Suissa e Inglaterra, achando-se de volta a Portugal no primeiro anno do presente seculo. Recebeu então a nomeação de intendente geral das minas com o predicamento de desembargador da relação do Porto, e conjunctamente o diploma de lente de metalurgia e geognesia da universidade de Coimbra. Por occasião da invasão franceza em 1807 organisou para a defeza do paiz um corpo academico de que foi nomeado major e depois tenente-coronel. Occupou mais tarde o lugar de intendente da policia da cidade do Porto, em cujo emprego houve-se com grande energia a abnegação. Saudades da patria o trouxeão ao Brazil em 1819, e recolhendo-se a sua provincia natal, ahi o forão encontrar os acontecimentos politicos dos annos de 1821-1822. Não é para este livro a enumeração dos relevantes serviços prestados nessa epocha pelo conselheiro José Bonifacio, a quem não se póde contestar o honroso titulo de — *ministro da independencia*. — Omittiremos outrosim as tribulações que lhe amargurarão a existencia para unicamente registrar o facto de

ter sido elle escolhido pelo fundador do imperio (em 7 de Abril de 1831) para tutor de S. M. o senhor D. Pedro II e das suas serenissimas irmãs. A 6 d'abril de 1838 exhalou o ultimo suspiro no pictoresco sitio de S. Domingos de Nictheroy <sup>1</sup>.

Durante o seu desterro em Bordéos (1825) publicou José Bonifacio as *Poesias Avulsas de Americo Elysio* nas quaes se recommendão algumas odes horacianas, e cantatas no gosto de J. B. Rousseau. Notão-se tambem ahi versões de Hesiodo, Pindaro, Virgilio, Ossian, Young, etc.

Apparecem fóra d'essa collecção algumas outras poesias, como seja a ode aos gregos, impressa no tomo X das *Memorias d'Academia Real das Sciencias de Lisboa* e reproduzida no 4º caderno do *Parnaso Brasileiro*.

Em todas as suas composições mostrou-se o nosso benemerito conterraneo seguidor das formas classicas da poesia portugueza, trilhando as pégadas de Garção, Antonio Ribeiro dos Sanctos e sobretudo de Philinto Elysio, que parece lhe haver servido de principal paradigma. Seus versos são harmoniosos e castiça a dicção.

DOMINGOS BORGES DE BARROS:—(*Visconde da Pedra Branca*). Viu a luz do dia na provincia da Bahia pelos fins do seculo passado e dirigindo-se (como quasi todos os seus compatriotas favorecidos da fortuna) as poeticas ribas de Mondego formou-se na faculdade de direito. Foi depois viajar, e estando em Pariz em 1810 ligou-se em intima amizade com o eximio poeta Francisco Manuel do Nascimento, que inspirou-lhe decidido amor pelos classicos. Eleito deputado ás côrtes geraes constituintes da nação portugueza nellas tomou assento, como representante da sua provincia natal. Tornou-se notavel nesse venerando congresso pela apresentação d'uma proposta concedendo ao sexo feminino todos os direitos politicos.

<sup>1</sup> A gratidão nacional, depois de se ter feito esperar pelo longo periodo de cincoenta annos, acaba de desendividar-se erguendo-lhe (no dia 7 de setembro de 1872) uma estatua pedestre na praça de S. Francisco de Paula. Foi essa estatua, fundida em Paris pelo sr. Rochet e feita á expensas d'uma subscrição, agenciada pelo Instituto Historico Geographico Brasileiro. —

Coube-lhe a honra de ser o primeiro representante diplomatico do Brazil em França concorrendo grandemente para que esse país reconhecesse a nossa emancipação politica. Eleito senador fez parte da organização primitiva d'esse corpo, que illustrou muitas vezes com sua palavra e luminosos pareceres. Havendo feito uma prolongada residencia na Europa regressou a seus lares, e philosophicamente aguardou a morte que visitou-o no anno de 1855.

Alem d'uma excellente traducção do poema de Legouvé intitulado — *O Merecimento das Mulheres* <sup>1</sup>, — publicou em Pariz em 1825 dois volumes de Poesias offerecidas ás senhoras brasileiras por um bahiano, cuja leitura, diz o senhor Fernando Denis, lhe inspirára o mais vivo interesse. Nos ultimos annos de vida compoz um novo volume de poesias, tambem dedicado a suas patricias, e escreveu um poemeto intitulado — *Os Tumulos* — imitado d'outro d'igual titulo do laureado poeta italiano Hugo Foscolo.

Primava Borges de Barros na especie erotica e mostrava-se discipulo aproveitado de Bocage, cuja versificação buscava imitar, dulcificando-a com certos requiebros. Na correcção da forma era Philinto seu mentor; e pode-se por isso considerar o seu estylo como dos mais correctos que entre nós tem existido.

Com grande imparcialidade e summa precisão julgou-o o sr. Porto-Alegre quando disse:

« Como poeta pertencia á escola classica, mas o seu genero favorito, o da sua natureza erotica, o impedia d'eleva-se aos arrojos varonis das musas inflamadas, purista e suave metrificador gozará por muito tempo de boa nomeada <sup>2</sup>. »

MANUEL ALVES BRANCO (*Visconde de Caravellas*) — : Foi igualmente natural da Bahia e nascido no anno de 1797. Destinando-se primeiramente ás sciencias naturaes seguiu o curso d'essas materias até o quarto anno da universidade de Coimbra, e mudando subitamente de proposito deu-se ao estudo das leis conseguindo a sua formatura em 1823.

<sup>1</sup> Sahiu dos prelos da imprensa regia do Rio de Janeiro no anno de 1813, assignado com a inicial B\*\*\*, do appellido do traductor.

<sup>2</sup> Elogio dos socios do Instituto fallecidos no anno de 1855 impresso na *Rev. Trimensal* tomo XVIII — *Supplemento*.

Chegando a Bahia, pouco depois da retirada do general Madeira (1824), exerceu o cargo de juiz do crime, sendo depois despachado juiz de fóra de Santo Amaro, e d'ahi removido para igual magistratura nesta cidade do Rio de Janeiro. Em 1830 tomou assento na camara dos deputados entre os membros do partido liberal, e teve grande parte na redacção do código do processo criminal (hoje modificado pelas leis de 3 de dezembro de 1841 e 20 de setembro de 1871). Chamado em 1832 ao thesouro nacional, na qualidade de contador geral, introduziu nessa repartição utilissimas reformas, e se fez de tal modo conhecido que logo ascendeu ao ministerio, encarregado-se das pastas da justiça e negocios estrangeiros. Em 1837 foi escolhido senador pela sua provincia, e em 1840 occupou o ministerio da fazenda, por escolha do regente Arujo Lima (depois visconde e marquez d'Olinda). Voltou ao ministerio em 1844 iniciando então uma serie de medidas economicas, que augmentarão progressivamente as rendas publicas. Foi elle quem organisou o conselho de ministros, creando o lugar de presidente como centro de gravidade; teve assento no conselho d'Estado, e foi agraciado com o titulo de segundo visconde de Caravellas. Falleceu nesta côrte no dia 13 de junho de 1855.

Não nos consta que jamais confiasse á imprensa qualquer collecção de poesias, e apenas conhecemos duas odes, registadas nas columnas da *Minerva Braziliense* (tomo I. pag. 46 e 82). São consagradas a primeira — *a primavera* — e a segunda — *á liberdade* — motivo da proclamação da constituição portugueza de 1820. Notaveis pela elevação de pensamento e magestade de versificação revelão assidua convivencia com os escriptos de Philinto Elysio <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Pode-se incluir entre os poetas brasileiros que continuarão as tradições arcaicas com um talento secundario na invenção mas de primeira força quanto a forma a Manuel Odorico Mendes, natural da cidade de S. Luiz do Maranhão, estrenno paladino das ideias liberaes, tanto na imprensa como na camara dos deputados, de que foi membro durante as primeiras legislaturas.

Só conhecemos como fructo da sua musa original o *hymno a tarde*, echo remoto da escola philintista, tão recommendavel pela correcção e pureza de linguagem como immune a inspiração.

Como traductor deixou-nos Odorico trabalhos primorosos, v. g. as trage-

## JORNALISMO POLITICO

Crescido foi o numero de periodicos politicos que vierão a lume nesta cidade apenas proclamadas as bases da constituição que as côrtes consiituintes da nação portugueza erão chamadas a legislar <sup>1</sup>.

Com a partida d'el-rei e a consequente regencia do principe D. Pedro recrudescu o ardor politico, e entre os periodicos que se tornarão orgãos das novas ideias figurarão em primeira plana o *Reverbero*, redigido pelo padre Januario da Cunha Barbosa e Joaquim Gonçalves Ledo, e o *Regulador Brasileiro* de lavra do padre mestre Fr. Francisco de S. Thereza de Jesus Sampaio <sup>2</sup>. O descomedimento de linguagem da mór parte d'esses periodicos, e os perniciosos principios de que muitos d'elles se fizerão pregoeiros cohonestarão certas medidas repressivas da livre manifestação do pensamento, por sem duvida uma das mais gloriosas conquistas do regimen liberal.

A primeira lei reguladora d'esse direito foi promulgada no anno de 1823 e deveu-se a iniciativa d'alguns prestantes cidadãos que tinham assento na assemblea constituinte.

No anno seguinte (1824) começou a apparecer o *Espectador Brasileiro*, mais tarde metamorphoseado em *Jornal do Commercio*

dias *Merope* e *Tancredo* de Voltaire, e a versão esmeradissima das obras poeticas de Virgilio.

Consta que tambem se occupava em trasladar para o nosso idioma (que tão proficientemente conhecia) as obras de Horacio, e que deixára completa e em estado de subir ao prelo a traducção da *Iliada* de Homero.

<sup>1</sup> Em 1821 publicavão-se nesta capital os seguintes periodicos — *Amigo do rei e da nação*, *Sabbatina Familiar*, *Patriota*, *Conciliador do Reino-Unido*, *Constitucional*, *Espelho*, *Reverbero* e *Malagueta* — (Vide a Memoria do sr. dr. Moreira d'Azevedo intitulada — *Origem e Desenvolvimento do Imprensa no Rio de Janciro* — impressa na *Rev. Trim. do Inst. Historico*, tomo XXVIII—(1865).

<sup>2</sup> Nesse mesino anno (1821) começou a publicação do *Diario do Rio de Janciro*, fundado por Zephirino Victor Meirelles, e consagrado a noticias locaes e annuncios. Vendia-se cada numero avulso a 20 reis d'onde lhe veio o nome vulgar de *Diario de Vintem* (Vide Mem. supra citada).

que, pela constancia e tino de suas administrações, attingiu as colossaes proporções em que actualmente se acha <sup>1</sup>.

A *Astréa* habilmente redigida pelos deputados José e Joaquim Vieira Souto e Antonio José do Amaral <sup>2</sup>, foi extremado orgão do liberalismo exaltado, ao passo que a *Aurora Fluminense* <sup>3</sup>, escripta por outro deputado (Evaristo Ferreira da Veiga), fazia ao governo uma opposição, tão vigorosa nos principios como moderada e amena na linguagem, dando d'ess'arte o primeiro exemplo da discussão cavalheiresca. Por isso recebeu-a o publico com particular estima; os seus numeros erão ardentemente desejados, e suprema influencia exercerão os seus conselhos na direcção que tomarão os negocios politicos em seguida da revolução d'abril.

A abdicção do primeiro imperador produziu, como era d'esperar, grande exacerbação nos animos, reflectida na virulenta linguagem da imprensa periodica. Arreineçavão-se mutuamente os representantes dos partidos politicos os mais grosseiros insultos e doestos, e não trepidavão diante das mais inverosimeis calumnias, seguindo talvez a maxima alludida por Beaumarchais <sup>4</sup>. Excepção feita d'um ou outro artigo em que a musa de Juvenal ou d'Aretino por vezes inspirava chistosas satyras, ou quando os echos longinquos dos libellistas francezes dictavão eloquentes verrinas, pouco tinha a litteratura que respigar nessa enfezada seara.

Na atmosphera impregnada de mephiticos vapores surgiu um Jornal critico e litterario, pertencente a especie conhecida hoje pela denominação — *humoristica* —. Era elle o *Simplicio*, glorioso

<sup>1</sup> Foi empreza d'um francez chamado Emilio Seignot Plancher, dono d'uma typographia sita na rua do Ouvidor. Publicava-se tres vezes por semana e tornava-se diaria no tempo dos trabalhos legislativos. Em 1827 mudou o titulo d'*Espectador Brasileiro* para o de *Jornal do Commercio*.

<sup>2</sup> Começou a publicar-se em 1826 e durou até 1832.

<sup>3</sup> Sahiu o primeiro numero d'esse periodico da typographia do *Diario* em 21 de dezembro de 1827 e cessou de publicar-se em dezembro de 1835.

<sup>4</sup> *Calomniez, calomniez, quelque chose en restera.*

ascenden'e de muitos outros de igual jaez, que mais ou menos lhe trilharão as pegadas <sup>1</sup>.

Entre os annos de 1835-1836 emprehenderão alguns mancebos (hoje anciãos respeitaveis por suas luzes, experiencia, e serviços) duas publicações em que a discussão dos principios politicos, litterarios e artisticos occupassem o espaço que costuma consagrar-lhes a imprensa dos paizes cultos. Esses generosos tentames denominarão-se — *o Chronista* — e o — *Jornal dos Debates* —. Recommendamos a sua leitura a quantos de coração se interessão por conhecer o desenvolvimento que temos tido desde a epocha da nossa emancipação politica, assegurando-lhes que nesses periodicos encontrarão, em estado de larvas, muitas das doutrinas ora predominantes, assim como malogradas muitas e viçosas esperanças.

Ao fundar a epocha em que nos achamos (1839) veio a luz a primeira revista verdadeiramente litteraria, órgão d'uma associação que então constituiu-se nesta cidade, da qual mais d'espço occupar-nos-hemos <sup>2</sup>.

Apreciando a influencia do jornalismo nessa epocha eis como se exprime o sr. dr. Moreira d'Azevedo na sua por nós tão consultada Memoria: « ..... devemos observar que raro era durante o reinado do primeiro imperador apparecer um periodico consagrado ás letras, ou ás sciencias; dominava o jornalismo politico; erão as publicações órgãos dos partidos, a imprensa a arena onde cada facção, cada partido, se guerreava: cada jornal tinha a côr de seu partido; usava-se da imprensa, não como um meio d'entretenimento ou instrucção, senão como uma arma de defeza, ou de ataque; assim devera acontecer em uma epocha de reconstrucção social,

<sup>1</sup> Forão elles: *O Simplicio da Roça*, *O Simplicio Antigo*, *O Simplicio Rigorista*, *A Verdadeira Mãe do Simplicio*, *O Filho do Simplicio*, *O Novo Simplicio Poeta* e a *Mulher do Simplicio*. Este ultimo periodico deveu sua fundação a Francisco de Paula Brito, typographo de grande talento e perseverança, que chegou, por seus proprios esforços, a constituir-se um dos principaes edictores da nossa terra, e a cujas animações levarão muitos esperançosos mancebos a não desacoroçarem em suas tentativas litterarias.

<sup>2</sup> Referimo-nos a *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*.

que presidia um novo systema de governo, á inauguração d'um imperio, á outorga d'uma carta constitucional.

## ELOQUENCIA PARLAMENTAR

Antes da solemne proclamação da independencia fôra convocada pelo principe-regente (a 3 de junho de 1822) uma *assemblea geral constituinte e legislativa* do reino do Brazil, a qual devera compor-se de *cem deputados*.

Parecerá talvez exagerado esse numero a quem attender ao estado d'atrazo em que ainda estavamos ; a experiencia porém demonstrou que não errára muito em seus calculos o arbitrador de semelhante algarismo, porquanto enviarão as provincias á esse augusto congresso varões notaveis pela sua sciencia e firmeza de character. « O que mais illustrado havia no paiz (diz o sr. dr. Homem de Mello) tudo quanto este possuia de tradições administrativas e habilitações practicas, achava-se reunido no seio da nova assemblea. Todas as classes elevadas e importantes da sociedade estavam ahi dignamente representadas : o clero, a alta magistratura, e a administração superior do Estado. Entre os eleitos figuravão juriconsultos de nota, litteratos de merecimento provado, e militares cheios de illustração e serviços <sup>1</sup>. »

Alguns membros d'essa assemblea havião pertencido ás côrtes de Lisboa de 1822, onde deixarão honroso nome. Erão elles Antonio Carlos, Araujo Lima <sup>2</sup>, Moniz Tavares, Vergueiro, José Ricardo, Fernandes Pinheiro <sup>3</sup> Feijó e Alencar.

A essa brilhante pleiade juntarão-se e J. J. Carneiro de Campos <sup>4</sup>, L. J. de Carvalho e Mello <sup>5</sup> ; J. da Silva Lisboa <sup>6</sup> ; Martin Francisco ;

<sup>1</sup> *A Constituinte perante a Historia* — 2.<sup>a</sup> edição — Rio de Janeiro — 1868. —

<sup>2</sup> Depois visconde e marquez d'Olinda.

<sup>3</sup> Mais tarde visconde de S. Leopoldo.

<sup>4</sup> Elevado depois a visconde e marquez de Caravellas.

<sup>5</sup> Posteriormente visconde da Cachoeira

<sup>6</sup> Barão e visconde de Cayrú.

José Bonifacio; Maciel da Costa <sup>1</sup> Nogueira da Gama <sup>2</sup> Pereira da Cunha <sup>3</sup>; Montezuma <sup>4</sup>; Rodrigues de Carvalho, Carneiro da Cunha, Araujo Vianna <sup>5</sup> Mariano P. da Fonseca <sup>6</sup>, et c. etc.

Nos porfiados debates ahí travados exerceu incontestavel primazia Antonio Carlos Ribeiro d'Andrada Machado e Silva, cuja palavra ardente, gesto aprimorado e larga experiencia, collida nas côrtes de Lisboa, onde vimo-lo constantemente na estacada em defesa de nossos preteridos direitos, conferia-lhe por tacito accordo a direcção d'assemblea. « Sua imaginação (diz o citado sr. dr. Homem de Mello) rica e fecunda, sua variada e brilhante erudicção, seu mesmo busto magestosamente tallado, allumiado pelas irradiações d'uma intelligencia esplendida, tudo assegurou á sua palavra essa omnipotencia grandiosa, que fórça as convicções, e constitue o segredo dos grandes oradores. O talento da eloquencia brilhava-lhe na fronte sulcada pelo infortunio; cada debate era um trophéo, cada discurso um louro que ajuntava á sua corôa d'orador. Sua palavra auctorizada dominava as discussões e intervinha para decidir o pleito, como o raio rebenta entre trevas para desfazer a tempestade e serenar o horisonte. Quando occupava a tribuna, suas palavras inflamadas pelo entusiasmo, rebentavão em borbotões, e vasavão-se nos moldes d'uma eloquencia animada por um pensamento viril <sup>7</sup>. »

O segundo lugar na galeria dos oradores constituintes cabe por certo a seu irmão Martim Francisco Ribeiro d'Andrada, caracter grave, mixto de Phocion e de Catão. Com voz pausada, e bem pronunciado accento paulistano, seguia placidamente a argumentação como um calculo mathematico, sciencia em que era versadissimo. Chamavão-no os contemporaneos — *o dymnamico da tribuna* —.

<sup>1</sup> Visconde e marquez de Queluz.

<sup>2</sup> Visconde e marquez de Baependy.

<sup>3</sup> Visconde e marquez de Inhambupe.

<sup>4</sup> Visconde de Jequetinhonha.

<sup>5</sup> Visconde e marquez de Sapucahy.

<sup>6</sup> Visconde e marquez de Maricá.

<sup>7</sup> *Const. perante a Historia* pag. 10-11.

Quando porém sentia vibrar-se-lhe a fibra do patriotismo quebrava-se o gelo da dialectica e as lavas do Hecla fulminavão os adversarios. Antonio Carlos foi o nosso Demosthenes e Martim Francisco o nosso Cicero.

Completava José Bonifacio a *triade andradina*, homem de gabinete muito mais do que de tribuna, só apparecia nella quando era preciso defender seus actos como ministro, ou moderar o debate, deter os impetos da opposição, ou quando collocado a sua frente pelas vicissitudes politicas.

Representava José da Silva Lisboa a erudicção classica; seus discursos, intercalados de citações, erão mais academicos do que parlamentares. Luiz José de Carvalho e Mello, José Joaquim Carneiro de Campos e João Severiano Maciel da Costa, exhibião constantes provas de profundos estudos juridicos e administrativos. Montezuma e Alencar erão ardentes apóstolos das ideias liberaes, em cujas fronteiras guerrilhavão os padres José Custodio Dias, Moniz Tavares e o fazendeiro parahybano Carneiro da Cunha. Este ultimo sobretudo mostrava-se entusiasta pela democracia, cuja forma de governo se lhe antolhava mais consentanea á prosperidade do paiz.

Nas conferencias e trabalhos de commissões prestavão relevantissimos serviços os que, não se sentindo votados á tribuna, receavão afrontar-lhe os perigos.

Tal foi a esplendida arena que á eloquencia parlamentar offereceu a assemblea constituinte, dissolvida a 13 de novembro de 1823 por causas que não é da nossa competencia averiguar.

Estabelecido definitivamente o regimen constitucional tiverão assento em uma, ou outra camara (a dos deputados e a dos senadores) quasi todos os que havião feito parte da primeira assemblea legislativa.

A essa cohorte de impavidos lidadores, reunirão-se muitos outros, cujos nomes a posteridade repete reverenciosa. O padre Diogo Antonio Feijó, caracter spartano, com ser mais homem d'acção do que da palavra, obteve alguns triumphos oratorios em criticas circumstancias. Era principalmente escrevendo que revelava os rarissimos predicados de sua grande alma, espelhada nesse estylo nervoso, conciso e d'admiravel bom senso.

Bernardo Pereira de Vasconcellos possuía a argúcia e a finura do estadista, e flagellava os contrários com hervadas setas da mais pungente ironia. Servia-lhe de contraste Honorio Hermeto Carneiro Leão <sup>1</sup>, que, sem ambages, marchava direito ao inimigo, e semelhante aos antigos *pugis*, luctava braço a braço retirando-se vencedor ou mal ferido d'arena.

Miguel Calmon du Pin e Almeida <sup>2</sup>, que ainda bem moço representára na constituinte a sua provincia natal (a da Bahia) mostrou-se na camara dos deputados e mais tarde no senado, orador elegante, de formas correctas e amenas, arrebatando o auditorio pela magia da sua voz argentina, que lhe mereceu a antonomasia de *canario*.

Outro orador cuja palavra meiga e fluente prendia a attenção dos ouvintes foi Antonio Peregrino Maciel Monteiro <sup>3</sup>, esforçado paladino na memoravel cruzada emprehendida contra a regencia do padre Feijó.

Formado na solidão de Itú e opulento d'erudição apresentou-se Francisco de Paula Souza e Mello na camara dos deputados, e depois no senado, como verdadeiro typo do orador parlamentar, mais cuidadoso da victoria dos principio do que sedento d'ovações e applausos. Burilada na memoria dos contemporaneos ficou a sua melancolica e imponente physionomia e sua voz compassada parece ainda reboar nos abobadas das duas casas do parlamento.

Francisco Alves Machado de Vasconcellos, igualmente originario da heroica provincia de S. Paulo, possuía a eloquencia brilhante e colorida dos grandes oradores francezes do tempo da restauração Foy e Manuel erão principalmente seus modelos.

Joaquim Gonçalves Ledo, o distincto jornalista que já vimos colaborar com Januario numa das primeiras gazetas da epocha da independencia, não tomou assento na primeira e dissolvida assemblea, mas representou com grande esplendor a sua provincia

<sup>1</sup> Depois visconde e marquez de Paraná.

<sup>2</sup> Visconde e marquez d'Abrantes.

<sup>3</sup> Mais tarde barão de Itamaracá, e ministro plenipotenciario do Brazil em Lisboa, onde falleceu.

(a do Rio de Janeiro) na camara de 1826 e na seguinte legislatura. Malquistado com o imperador, com quem privára, fez-lhe violenta e acrimoniosa opposição pondo ao serviço dos liberaes os thesouros da sua facundia.

Lino Coitinho, Odorico Mendes, Evaristo, Vieira Souto, Amaral, e tantos outros, militavão com galhardia nas fileiras opposicionistas durante o primeiro reinado, pugnando pela fiel observancia dos principios constitucionaes, e no periodo regencial ganharão esclarecido nome alguns d'esses mesmos lidadores, reforçados com os robustos talentos d'Alves Branco, Candido Baptista d'Oliveira, Joaquim José Rodrigues Torres <sup>1</sup> e os srs. Antonio Pereira Rebouças, Antonio Paulino Limpo d'Abreu <sup>2</sup>, ainda hoje vivos.

## MEMORIAS HISTORICAS

SILVA LISBOA (*Balthasar da*): — Nasceu na cidade do Salvador da Bahia aos 6 de janeiro de 1761 e era irmão mais moço de José da Silva Lisbôa (visconde de Cayrú) com o qual já nos occupamos. Mandado á Coimbra para completar seus estudos formou-se ali em direito civil e canonico, havendo frequentado com muito aproveitamento o curso de sciencias naturaes. Por sua applicação e excelente proceder mereceu a protecção do bispo D. Francisco de Lemos o qual recommendou-o a Martinho de Mello e Castro, que então regia o ministerio da marinha e ultramar. Despachado juiz de fóra do Rio de Janeiro mostrou n'esse emprego notavel energia de character, não duvidando incorrer nas iras do conde de Rezende, que, para desaggravar o seu ajudante d'ordens, convencido da complicitade no monopolio das farinhas, obrigou-o a embarcar-se para Lisbôa no praso fatal de tres dias.

Plenamente justificado das falsas arguições de que era victima foi promovido a ouvidor da comarca dos Ilheos, sendo cumulativamente incumbido da inspecção do córte das madeiras.

<sup>1</sup> Depois visconde de Itaborahy.

<sup>2</sup> Visconde d'Abaeté.

Separadas mais tarde as attribuições da ouvidoria das de juiz conservador das matas, optou por este ultimo lugar, que por espaço de vinte annos exerceu com summa vantagem do serviço publico.

Proclamado o systema liberal prestou o juramento á constituição portugueza, como d'elle se exigia, declarando ao mesmo tempo — que lhe parecia que ella não fazia a felicidade da nação —.

De bom grado adheriu á independencia da patria; e vindo ao Rio de Janeiro conseguiu desfazer a má impressão causada no animo de José Bonifacio pela inexacta apreciação dos seus serviços nos districtos da Cachoeira, Rio de Contas e Valença.

Recolhido á vida privada deu-se a advocacia, de que foi distraído pela honrosa escolha que d'elle fez o governo imperial para ir reger uma das cadeiras do curso juridico de S. Paulo. Não lhe consentirão porém as enfermidades, concomitantes da velhice, que prestasse mais esse assignalado serviço; assim pois, regressando a esta cidade, entregou-se todo a coordenação das numerosas notas e apontamentos que colleccionára para a vastissima obra, que intitolou — *Annaes do Rio de Janeiro*, e que deu a estampa nos annos de 1834-1835 <sup>1</sup>.

Socio de varias academias e institutos saudou com effusão o estabelecimento do Instituto Historico e Geographico Brasileiro <sup>2</sup>: e animado por esse sacro enthusiasmo que ás vezes na tarde da vida quer tentar os emprehendimentos da juventude, dispunha-se a levar ao prelo novos e importantes trabalhos quando ouvindo o clangor da trombeta da morte adormeceu para a eternidade no dia 14 d'agosto de 1840.

<sup>1</sup> Formão sete volumes de 8º impressos nesta cidade na typographia de Seigno Plancher.

<sup>2</sup> No relatorio, lido na primeira sessão solemne d'esse Instituto, serviu-se o secretario perpetuo (conego Januario) d'estas palavras com referencia ao conselheiro-Balthasar da Silva Lisboa:

« É o nosso decano da litteratura brazileira, cujas forças em tão avançada idade parece que se renovarão á noticia da fundação do nosso Instituto, e o animarão a enriquece-lo com muitos e preciosos escriptos, que nos tem enviado e continua a enviar.

De quantos escriptos sahirão da sua douta e laboriosa penna <sup>1</sup> goza de indubitavel superioridade os supra alludidos — *Annaes do Rio de Janeiro* —.

Bem longe está tão preciosa collecção de factos, collidos nas fontes documentaes, ou hauridos nos archivos da tradição, de merecer o nome de historia; porquanto nenhum vislumbre de critica transparece em suas paginas, nenhum systema philosophico anima e esclarece a narração d'esses factos. São antes memorias historicas repletas de subsidios de inapreciavel valor, materia prima para mais methodico commettimento. Comparadas com as de monsenhor Pizarro levão-lhe a primazia na pureza e elegancia da phrase. Como Fr. Bernardo de Brito, D. Antonio Caetano de Souza e outros ficou esmagado sob o colossal volume de documentos que juntára, quíz franquear os thesouros de sua erudicção e naufragou nos baixios da obscuridade. Semelhantemente as de seu emulo necessitão estas Memorias d'um novo fio d'Ariadne.

FERNANDES PINHEIRO (*José Feleciano — Visconde de S. Leopoldo*) Natural d'antiga villa (hoje cidade) de Santos, provincia de S. Paulo; viu a luz do dia a 9 de maio de 1774 sendo filho do coronel José Fernandes Martins e de sua mulher D. Theresa de Jesus Pinheiro. Sob a direcção do venerando vigario dr. José Xavier de Toledo fez os primeiros estudos transferindo-se a Coimbra quando apenas contava dezoito annos d'idade. Em 1799 obteve o grão de bacharel formado em direito civil e canonico, e dirigindo-se a Lisboa para solicitar um lugar de magistrado travou conhecimento com Fr. José Marianno da Conceição Velloso, que dirigia a officina do Arco do Cego. Sob os auspicios do sabio botanico estreou Fernandes Pinheiro sua carreira litteraria, revelando desd'então decidido gosto e aptidão Esteve por tres annos empregado nesse util estabelecimento, durante os quaes

<sup>1</sup> Consta que tambem publicára um — *Discurso historico, politico e economico aos progressos e estado actual da philosophia natural portugueza, acompanhado d'algumas reflexões sobre o estado do Brazil* — Lisboa — 1786 — uma — *Memoria topographica e economica da comarca dos Ilheos* — inserta no tomo IX das *Memorias d'Academia Real das Sciencias de Lisboa*; e uma dissertação com o titulo — *Riqueza do Brazil em madeiras de construcção e carpintaria* — Rio de Janeiro 1824.

verteu para a lingua vernacula varios trabalhos de reconhecida utilidade <sup>1</sup>.

Em dezembro de 1801 voltou a patria, onde demorando-se limitadissimo tempo, partiu para a provincia do Rio Grande do Sul, cuja alfandega ia incumbido de crear e reger como juiz. No exercicio do cargo d'auditor das tropas acompanhou o exercito portuguez em sua campanha contra Montevideo, e assistiu as batalhas e combates (de 1810-1811) de que mais tarde devera ser historiador.

Os acontecimentos do anno de 1821 arrojão no na arena politica e sendo eleito deputado ás cortes de Lisboa pelas provincias do seu nascimento e da sua residencia, optou pela primeira.

Posto que lhe fallecessem os dotes d'orador subiu por mais d'uma vez á tribuna em defeza dos direitos dos seus constituintes e em questões de limites revelou desde logo extraordinaria proficiencia.

Mallogradas todas as tentativas de conciliação entre o novo reino e a sua antiga metropole soltou o principe D. Pedro d'Alcantara o brado do Ypiranga e no mappá das nações inscreveu o imperio do cruzeiro. Vendo d'ess'arte terminada a sua missão regressou Fernaudes Pinheiro ao Brazil, e ainda outra vez eleito por duas provincias (as de S. Paulo e Rio Grande do Sul) tomou assento n'assemblea constituinte como representante da primeira.

Quem se der ao trabalho de manusear o *Diario* d'essa assemblea verá repetidas vezes citado o nome do deputado paulista, quer nos

<sup>1</sup> Forão elles a *Cultura Americana, contendo uma relação do terreno, clima producção e agricultura das colonias britannicas no norte d'America e nas Indias Occidentaes com observações sobre as vantagens e desvantagens de se estabelecer nellas, em comparação com a gran-Bretanha e a Irlanda*. Traduzido da lingua ingleza. Lisboa — 2 vol. in 4.º — 1799.

DISCURSO apresentado á Mesa d'Agricultura sobre varios objectos relativos á cultura e melhoramento interno do reino — igualmente vertido do inglez — Lisboa — in 4. — 1800. —

*Historia Nova e Completa d'America*, colligida de diversos auctores, por J. F. Fernandes Pinheiro — 1807.

pareceres de commissões, ou em projectos de magna importancia <sup>1</sup>, quer nas discussões parlamentares.

Dissolvida a constituinte foi escolhido para presidir a provincia do Rio Grande do Sul, onde seus serviços forão de tal magnitude que indigitarão-no a confiança da corôa que chamou-o para seus conselhos <sup>1</sup> na qualidade de ministro do imperio (21 de novembro de 1825).

<sup>1</sup> Como fosse o da criação dos cursos juridicos, apresentado em sessão de 14 de julho de 1823.

<sup>2</sup> Constão esses serviços d'uma petição que endereçou ao governo imperial em 1843. Nesse importante documento dizia elle :

« . . . Houve o imperador por conveniente collocar á testa de cada uma das provincias delegados de sua confiança e o supplicante teve a honra de ser nomeado presidente e primeiro administrador da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul. Veda a modestia que seja elle que inculque a valia e importancia dos actos, com que se disvelou por corresponder a tão benevola escolha: as obras lá fallarão por si; simplesmente apontará a colonia estrangeira de S. Leopoldo, fundada á margem do rio dos Sinos, a cinco leguas da cidade capital, por um rio navegavel, outr'ora covil de numerosa escravatura immoral e das prevaricações dos seus inspectores, no antigo sitio do feitoriado da linho e canhamo, transformado hoje em um estabelecimento normal de industria, visitada com interesse e admiração pelos viajantes; — outra colonia, composta do superfluo da povoação d'esta, no districto das Torres, não tão florescente, talvez por terein-na desviado do seu primeiro assento, e internado para o das — Tres Forquilhas —; aberto e em effectivo exercicio em Porto Alegre um hospital para asylo da humanidade desvallida de toda a provincia; — dadas as disposições e ordens para uma estrada de communicações entre aquella provincia e a de S. Paulo, projecto que examinado e conhecido de maior vantagem foi recommendado por aviso expedido pela secretaria d'estado dos negocios do interior, datado de 17 de agosto de 1825, ao presidente de S. Paulo, que da sua parte coadjuvasse essa empreza; — e sem transcurar tantos e tão diversos ramos d'administração interna, sustentou o peso d'uma guerra, que subitamente rebentou, pela insurreição da Cisplatina em abril de 1825, com as rendas da provincia, que presidia, as quaes, por bem entendida economia e vigilante fiscalisação, subirão a seiscentos e tres contos, setecentos e trinta e nove mil, setecentos e vinte e sete reis, sem outros soccorros da capital que o de petrechos, munições, como consta do balanço remettido em janeiro de 1826 ao thesouro publico em meio de lucta com varia fortuna, principalmente depois do desastre da batalha de Sarandi, desaparecimento do commandante das armas, o barão do Serro Largo, fatalidade que deixou a linha da fronteira desguarnecida, e levou o supplicante aos ultimos apuros para cobrir da invasão, emposou ao seu successor no referido mez de janeiro d'aquelle governo sem o desfalque d'um palmo de territorio, provida a segurança da provincia, pagas as tropas de soldos, abastecidos os armazens, e uma reserva de cento e trinta e tres contos, setecentos e vinte e cinco reis, nos cofres da thesouraria provincial. »

Esteril também não foi o seu ministerio, de que sobraão provas na collecção das leis e actos do governo : teve a gloria de ver realisado o seu projecto relativo aos cursos juridicos, sendo elle quem levou a sancção a carta de lei de 11 d'agosto de 1827; quem deu nova organisação a escola de medicina da côrte, em cujo salão dos actos solemnes vê-se o seu retrato, quem finalmente reformou, sob melhor plano, a academia das bellas artes.

Escolhido senador pela provincia de S. Paulo recebeu da imperial munificencia os titulos de visconde de S. Leopoldo e conselheiro d'Estado. Nessa respeitavel corporação teve o honroso encargo de redigir-lhe as actas, e de guardar os votos por escripto dos demais conselheiros.

Seus profundos e conscienciosos estudos em materias diplomaticas disignarão-no para negociador dos tratados celebrados com a republica de Buenos Ayres (de 24 de maio de 1827), com a Grã-Bretanha (de 17 d'agosto do mesmo anno); com a Prussia (de 9 de julho ainda d'esse anno).

Continuou no segundo reinado a merecer elevado conceito dos estadistas que dirigirão o timão do Estado, podendo-se citar entre outros testemunhos, o aviso da secretaria d'estado dos negocios estrangeiros de 25 d'outubro de 1837 nomeando-o presidente da commissão encarregada d'averiguar os limites naturaes do Brazil.

Alvo de perseguições e esbulhos por parte dos sediciosos que no dia 20 de setembro de 1835 havião pretendido quebrar o elo da integridade brazileira cooperou activamente para a reacção legalista operada a 15 de junho do anno seguinte. Dos factos supra alludidos existem ainda na provincia, e fóra d'ella, testemunhas coevas.

Nomeado veador das Augustas Princezas, as senhoras D. D. Januaria e Francisca, assistiu como tal as solemnidades da coroação de S. M. o Imperador, mas sentindo-se alquebrado de saude retirou-se ao seio de sua familia, fallecendo na cidade de Porto Alegre no dia 6 de julho de 1847.

Não pertenceu o visconde de S. Leopoldo a grei dos que fazem da lettras andaimes para se elevarem ás eminencias do poder : no bulicio das graves preocupações politicas recordava-se saudoso do

remanso do gabinete, e sempre que lhe era licito ia refocilar-se nos jardins da litteratura.

Levado em 1838 por negocios de familia a sua cidade natal aproveitou-se dos forçados lazeres para colleccionar apontamentos tendentes a reabilitar a memoria de dois illustres conterraneos <sup>1</sup>; e quando, cedendo ás vivas instancias do conego Januario da Cunha Barbosa, assumiu a presidencia perpetua do Instituto Historico e Geographico Brasileiro mostrou-se sensivel a essa distincção compondo algumas memorias, que, com prologos de muito louvor, tem sido citadas por competentes e imparciaes juizes <sup>2</sup>.

Finalisaremos este tosco esboço biographico louvando-nos no juizo que ácerca do seu merito litterario formulou o nosso prestimoso amigo o sr. dr. Homem de Mello.

« O visconde de S. Leopoldo é um dos escriptores mais notaveis da litteratura brazileira. Longe de prender-se na exposição descarada dos acontecimentos, com uma sobriedade inimitavel, discute moralisa os factos, e cinge a um tempo em sua frente os louros de historiador e publicista.

« Ha em seus escriptos alguma cousa de seductor, uma singelesa d'estylo que faz-nos amar a verdade e honrar a virtude. O visconde de S. Leopoldo possúe todos os dotes d'um perfeito historiador: suas obras o attestão. Perante as gerações futuras seu nome symbolisára um dos mais notaveis periodos litterarios do Brazil <sup>3</sup>. »

A obra de maior tomo, e a que principalmente se dirigem os elogios que acabamos de citar, intitula-se *Annaes da Provincia de S. Pedro do Sul* <sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Referimo-nos ao opusculo, publicado por deliberação do Instituto Historico, com o titulo — *Da Vida e Feitos d'Alexandre de Gusmão e de seu irmão Bartholomeu Lourenço de Gusmao*.

<sup>2</sup> Podem-se ler todas essas memorias na *Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. Braz.*, ou na collecção que separadamente d'ellas se fez — Rio de Janeiro 1839.

<sup>3</sup> *Esboços Biographicos* insertos na *Bibliotheca Brazileira* — Rio de Janeiro — 1862. —

<sup>4</sup> Teve esta obra duas edições: a primeira em dois volumes impressos no Rio de Janeiro e em Lisboa — (1819--1822) e a segunda dada a luz em Paris em 1839 num só volume.

ACCIOLI (*Ignacio — de Cerqueira e Silva*): — D'este laborioso escriptor apenas sabemos que era natural de Coimbra, nascido em 1808, e que ainda menino acompanhára seu pai, despachado desembargador da relação da Bahia. Foi commendador da ordem da Rosa, cavalleiro das do Cruzeiro e Christo, tenente coronel honorario do exercito, coronel da guarda nacional, e chronista do imperio.

Existem da sua lavra alguns trabalhos importantes, e especialmente a *Chorographia Paráense* (impressa na Bahia em 1833) e as *Memorias Historicas e Politicas da Provincia da Bahia* (tambem ahi impressas em seis tomos entre os annos de 1835-1852).

Abundante messe de conhecimentos historicos, e ainda litterarios, offerecem essas *Memorias*; encontram-se ahi preciosas informações, succulento fructo de indefessas pesquisas. Ao approximar-se porém dos tempos contemporaneos descae o auctor da imparcialidade, e confunde por vezes as mui diversas funcções de promotor e de juiz.

### TERCEIRA EPOCHA (1840 — ...)

Marca o começo d'esta epocha o fim da menoridade do segundo imperador. Por quasi dois lustros estorceu-se o Brazil em convulsões politicas nas quaes a onda da democracia veio quebrar-se d'encontro ás tradições monarchicas. Firmarão-se as instituições, solemnemente juradas em 1824, mediante algumas concessões feitas ao espirito innovador, exaradas no *Acto Addicional*.

A parcialidade politica cujo triumpho levou a regencia Pedro d'Araujo Lima (marquez d'Olinda), iniciou uma serie de medidas reorganisadoras, tendentes a robustecer a auctoridade, e firma-la sobre a larga base da confiança publica.

Como sempre acontece a calma politica foi seguida do florescimento litterario; os animos, até então distrahidos, e quiçá indifferentes, começarão a voltar-se para as sciencias e letras, que, fatigadas da longa hibernação, aguardavão sofregas a alvorada da nova era.

Convencidos da utilidade do collectivismo ensaiarão timidamente

alguns varões prestimosos o estabelecimento de sociedades, em que se discutissem theses de reconhecida vantagem e se concertassem os meios practicos de diffundir pelo povo a vacina da instrucção.

De todas essas tentativas foi por certo a mais bem fadada a da criação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, devida a iniciativa do marechal Raymundo José da Cunha Mattos, e do conego Januario da Cunha Barbosa. Foi-lhe carinhosa mãe a Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional <sup>1</sup>, e guiou-lhe os vacillantes passos o seu primeiro e benemerito secretario. A este illustrado ecclesiastico, a quem sr. Varnhagen, com grande propriedade denomina de *noss' abbade Corrêa da Serra* <sup>2</sup>, coube principalmente a gloria da fundação do Instituto Historico e Geographico, que tantos e tão reaes serviços tem prestado, e tão grande lustre lança sobre as letras patrias.

Já anteriormente, e sob o impulso do mesmo patriotico empenho, começára o conego Januario a publicação do *Parnaso Brasileiro* (de 1829-1830), destinado a vulgarisar as producções poeticas

<sup>1</sup> Em sessão do conselho administrativo d'essa sociedade de 18 de Agosto de 1833 apresentarão os referidos Cunha Mattos e Januario a proposta contendo as bases da fundação do novo Instituto, a qual foi approvada, depois de larga discussão. No dia 21 d'esse anno, pelas onze horas da manhã, achando-se reunidos no salão da dita Sociedade Auxiliadora vinte e sete membros convidados para organização do Instituto, sob a presidencia do marechal Francisco Cordeiro da Silva Torres, e procedendo-se a eleição do presidente e mais funcionarios obtiverão maioria de votos para presidente o visconde de S. Leopoldo, para vice-presidentes o marechal Cunha Mattos, e o conselheiro Candido José d'Araujo Vianna, primeiro secretario o conego Januario, segundo o dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, orador o major Pedro d'Alcantara Bellegarde; e thesoureiro José Lino de Moura.

<sup>2</sup> José Francisco Correia da Serra, mais conhecido pela denominação afrancezada — *d'abbade Correia da Serra*, foi presbytero secular, doutor em canones pela universidade de Coimbra, conselheiro de fazenda, e ministro plenipotenciario de Portugal juncto ao governo dos Estados-Unidos d'America. Tomou assento nas cortes de 1823, onde era geralmente acatado pelo seu saber e virtudes. Membro de numerosas associações scientificas e litterarias da Europa auxiliou poderosamente ao duque de Lafões na criação d'Academia Real das Sciencias de Lisboa redigindo os primitivos estatutos, que forão approvados por aviso regio de 24 de dezembro de 1778. Correia da Serra viu a luz em Serpa no anno de 1740 e falleceu na villa das Caldas em 1823.

dos principaes talentos nacionaes. Não era porém propicia a sasão; e portanto teve de suspender a mallograda tentativa, que ainda assim chegou ao seu 4º volume, servindo d'elencho a outros similares commettimentos.

Nos ultimos dias da menoridade podia-se dizer que bruxoleava no horisonte a aurora da regeneração litteraria.

#### POESIA LYRICA E EPICA

Mimosa planta, que tanto se assemelha a sensitiva, recebe a poesia os primeiros influxo das revoluções litterarias; expande-se ao sol da liberdade, abre suas corollas aos bafejos da paz, definha e fenece ao sopro crestador das discordias civis, ou o ao mephitico ambiente do despotismo. Não subírahiu-se a poesia brasileira a essa lei cosmogonica: tambem contou seus dias d'angustia, suas horas de desanimo, quando a toga inconsutil do Ypiranga ameaçava dilacerar a revolta pompeando nas ribas do Guajará e do Guahyba.

Fugindo ás palustres emanações de mesquinha politica partia para a capital da civilisação um mancebo, cheio de fé no futuro, e já conhecido por auspiciosas producções poeticas <sup>1</sup>; e á semelhança de Garrett, arrojava ao Sena os grillhões do classicismo, proclamando rasgadamente a revolução romantica.

Coincidia essa epocha com a da florescencia do romantismo: Chateaubriand, Victor Hugo, Lamartine, Delavigne, Alfredo de Vigny e Alfredo de Musset, plantavão os novos pendões sobre os demantelados muros d'antiga escola.

Como facil era de prever apaixonou-se o joven brasileiro pelas doutrinas dominantes, inclinando-se especialmente pelas de Lamar-

<sup>1</sup> O sr. Domingos José Gonçalves Magalhães (actualmente barão d'Araguaya) foi nomeado em 1836 addido á legação brasileira em Paris, tendo anteriormente dado á estampa um volume de *Poesias* nas quaes se encontrão os primeiros vestigios de seu grande talento. No prologo confessava-se discipulo dos poetas portuezes, servindo-se d'essas textuaes expressões: — nossos mestres, isto é aquelles que mais se avantajarão na poesia e que nos podem instruir com o exemplo, hem como Ferreira, Camões, Garção, Diniz e Philinto Elisio .»

tine, em razão de certa analogia que logo descobriu entre a sua indole e a do poeta das *Meditações e Harmonias Religiosas*.

Manifestou-se a methatese num brilhante artigo, estampado numa revista scientifica, litteraria e artistica, que então se publicava em lingua portugueza na capital da França <sup>1</sup>. Esse succulento trabalho que modestamente intitulou — *Ensaio sobre a historia litteraria do Brazil* — é o alpha da nova escola, o germen de numerosas producções que vierão opulentar as letras patrias.

Eis como a apreciava uma das mais robustas intelligencias contemporaneas (o sr. F. de S. Torres-Homem):

« Esta producção d'um novo genero é destinada a abrir uma éra á poesia brazileira. Permitta Deus que ella não fique solitaria no meio da nossa litteratura, como uma sumptuosa palmeira no meio do deserto. Apesar de tudo cremos que o tempo futuro não conseguirá riscar da memoria dos admiradores das musas o nome do auctor dos *Suspiros Poeticos* <sup>2</sup>.

Tal foi o titulo escolhido pelo reformador para a sua nova collecção de versos, querendo juntar a theoria á pratica, e patentear ao mundo sua inteira conversão ao romantismo <sup>3</sup>.

Qual de nós, mancebos d'esse tempo, não se recorda de haver lido com enthusiasmo e entregue aos archivos da memoria, tão bellos canticos repassados de melancolia, como ao *Christianismo na cathedral de Milão*, ás *ruinas de Roma*, ao *clarão da lua*, á *uma noite no Colyséo*, e no *carcere de Tasso em Ferrara*?! Quem não declamou emphatico a lindissima ode — *Napoleão em Waterloo*? — Não nos desperta hoje taes poesias identica sensação, ou porque os gelos da

<sup>1</sup> Denominava-se — *Nictheroy* — *Revista Braziliense* — e era redigida por alguns mancebos esperançosos, hoje notabilidades do nosso paiz. Erão elles os srs. Salles Torres-Homem, (visconde de Inhomerim) Magalhães, (barão de Araguaya) Pereira da Silva, (conselheiro) Azeredo Coitinho, (conselheiro) Porto-Alegre (consul geral e grande dignitario da ordem da Rosa).

<sup>2</sup> *Nictheroy*, pag. 245

<sup>3</sup> Estas poesias vierão pela primeira vez a lume em Paris no anno de 1835 com o titulo de *Suspiros Poeticos e Saudades*: a segunda collecção é tambem de Paris (1859), e a terceira faz parte das suas *Obras completas* (Vienna 1865).

velhice nos hajão arrefecido a phantasia, ou talvez porque o lapso do tempo tenha desbotado o viço d'essas esplendorosas flores. *Habent sua fata libelli*, dizia judiciosamente Terenciano Mauro, no seu poema de *Syllabis* <sup>1</sup>.

Incontestavel é que pasmosa influencia exerceu sobre os destinos da nossa poesia o auspicioso livro do sr. Magalhães. Perdeu a Arcadia um dos seus melhores pastores; interromperão-se os idyllios, vasados nos moldes de Quita, ou de Curvo Semedo; cessarão as centurias de sonetos, inspirados pelos d'Elmano, e até as odes de Diniz e de Philinto ficarão privados de devotados cultores.

Um joven artista que então viajava pela Europa e se ligára por fraternal amizade com o cantor dos *Suspiros Poeticos e Saudades*, a quem a litteratura devera mais tarde venerar no sympathico nome de Porto-Alegre, trouxe o seu contingente para o edificio que se architectava. Collaborador assiduo do *Nietheroy* abrihantou-lhe as paginas com os *Contornos de Napoles*, formosissima narrativa de viagens, resplendente d'erudicção archeologica, da qual se destaca — *A Voz da Natureza* — *Canto sobre as ruinas de Cumas*. —

Neste magnifico trecho, atravez d'algumas incorrecções plasticas, transluz a inspiração byroniana, parecendo moldado pelo *Childe Harold*, que fazia as delicias da mocidade contemporanea.

Do contacto dos dois illustres brasileiros resultou grande proveito para a obra que ambos emprehenderão: o sr. Magalhães dotou-a do sentimento philosophico, quiçá elegiaco, e o sr. Porto-Alegre communicou-lhe a inponencia de sua imaginação e o entranhado amor da patria. Ora, esse amor constitue o que os allemães denominão — *nativismo* —, e é, quanto a nós, a mais solida e duradoura face da nova escola. Impossivel se tornando no Brazil o regresso para os tempos medievaes, onde ia se prender o fio interrompido da poesia trovadorista (*romana, romanense, ou romantica*), restava-nos a segunda das suas physionomias, isto é, (como diz Wolf) « a expressão do genio nacional, livre dos impecilhos convencionaes. »

Releva a confessar que difficilimo era o commettimento dos re-

<sup>1</sup> Este verso anda indebitamente attribuido ora a Horacio, ora a Marcial.

formadores : porquanto faltavão-nos elementos autochtones, vida propria e independente, numa palavra — originalidade. — Filhos de portuguezes continuavamos a quem do athlantico tradições, usos e costumes da velha Europa, ligeiramente modificados pela acção do clima, e pela concurrencia de dois novos factores—o indigena e o africano.

Para moldura do aparatoso quadro ahi estava a natureza americana com todas as suas galas e magnificencias : d'ella apossou-se o sr. Porto-Alegre nas suas *Brazilianas*, monumento imperecedouro de poesia descriptiva. *A Destruição das Florestas*, plangente brado d'indignação contra os modernos iconoclastas da natureza, e o *Corcovado*, hymno, ou antes psalmo, dictado pelo mais puro e santo entusiasmo, são finissimas pedras do riquissimo diadema, que adorna a frente do inspirado poeta <sup>1</sup>.

Fechou a triada reformista um moço maranhense que em Coimbra já se assignalára por descommunal talento e viçosa imaginação ; chamava-se elle Antonio Gonçalves Dias. Foi em 1846 que veio pela primeira vez ao Rio de Janeiro, e ahi publicou um volume de poesias com o titulo de — *Primeiros Cantos*. — Servem-lhe de peristylio seis lindissimas canções, ou canticos, denominado — *Poesias Americanas* <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> *A Destruição das Florestas* — *Braziliana em tres cantos*, foi pela primeira vez impressa no Rio de Janeiro em 1845, o *Corcovado* sahiu dos prelos da mesma cidade em 1847—Mais tarde reuniu o sr. Porto-Alegre todas as suas *Brazilianas* num só volume, dado á estampa em Vienna no anno de 1863.

<sup>2</sup> A primeira canção (a do exilio) escripta em Coimbra em julho de 1843 e estampada num jornal litterario d'essa cidade appellidado — *O Trovador*,—tornou-se eminentemente popular, e revelou os subidos dotes intellectuaes de que era dotado o auctor. Todos sabem que nos referimos a que assim começa.

« Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o sabiá  
As aves que aqui gorgeião  
Não gorgeião como lá...

Nosso céo tem mais estrellas,  
Nossas varzeas tem mais flores,  
Nossos bosques tem mais vida  
Nossa vida mais amores... »

Sob tão modesta apparencia notava-se ahí uma verdadeira revolução, o aproveitamento do factor — indigena — que acima assignalamos. E foi esse o que mais impressionou ao severo patriarcha da moderna litteratura portugueza, que, d'abundancia de coração, escreveu estas memoraveis palavras :

« *Os Primeiros Cantos* são um bello livro ; são inspirações d'um grande poeta. A terra de Sancta Cruz, que já conta outros no seu seio, póde abençoar mais um illustre filho.

« O auctor não o conhecemos ; mas deve ser muito joven. Tem os defeitos do auctor ainda pouco amestrado pela experiencia ; imperfeições de lingua, de metrificacão, d'estylo. Que importa ? O tempo apagará essas maculas, e ficarão as nobres inspirações, estampadas nas paginas d'este formoso livro.

« Quizeramos que as *Poesias Americanas*, que são como o portico do edificio, occupassem nelle maior espaço. Nos poetas transatlanticos ha por viade regra demasiada reminiscencia da Europa. Esse Novo Mundo que deu tanta poesia a Saint Pierre e a Chateaubriand, é assás rico para inspirar e nutrir os poetas que crescem á sombra das suas selvas primitivas <sup>1</sup>. »

Seguiu o nosso saudoso conterraneo o conselho de tão abalisado mestre : aprimorou o seu estylo <sup>2</sup>, desvendou os mais reconditos

<sup>1</sup> Vide o artigo do sr, Alexandre Herculano publicado na *Revista Universal Lisbonense* (tomo VII—anno de 1847-1848) sob o titulo de—*Futuro Litterario de Portugal e do Brazil*.

<sup>2</sup> As *Sextilhas de Fr. Antão*, incorporadas aos *Segundos Cantos*, servem de prova ao que acima dissemos. Eis como lhes explica a formação o sr dr. Antonio Henriques Leal :

« Aprentára Gonçalves Dias ao exame e critica do Conservatorio Dramatico do Rio de Janeiro outro drama, *Beatriz de Censi*, sem nome d'auctor e por letra estranha.

« Desfecharão os censores os mais desapiedados golpes contra o pobre escripto desapadrinhado, e o reprovirão, assacando-lhe primeiramente *erros crassos de linguagem*, e isto num *portuguez de contrabando*. O poeta, que sabia e manejava a lingua como mestre, sentiu-se d'affronta ; e jurando para si tomar vingança dos censores compoz as *Sextilhas de Fr. Antão*, provando d'ess'arte, que alem d'escrever como Castilho e Herculano, quando queria tambem o fazia numa linguagem particular e privativa d'uma epocha determinada. Foi nobre desforço, e a resposta cabal e satisfactoria. » (Vide a *Biographia de A. Gonçalves Dias* pelo sr. dr. A. Henriques Leal precedendo ao 1º volume das suas *Obras Posthumas*.)

segredos da metrificacão e nos seguintes cantos deixou mais ampla margem ás *poesias americanas*.

Discipulo de Garrett, Espronceda e Zorilla na forma lyrica, que particularmente adoptára, foi beber nas fontes da poesia e do romance anglo-americano o novo ideal, fornecido pelo naturalismo germanico e pela theogonia e usança dos povos, que, em epochas pre-historicas, havião habitado o novo continente. Washington Irving, Fenimore Cooper, Audubon, Emerson, Cullen Bryant, e Longfellow lhe fornecirão modelos, que, com admiravel mestria, soube adaptar á nossa natureza tropical e aos costumes e tradições dos nossos aborigenes.

Arrostado pela impetuosidade do seu genio ultrapassou Gonçalves Dias o verdadeiro alvo; pesquisando nos velhos chronistas e viajantes os rastos apagados da vida selvagem e de suas ideias theogonicas, e combinando-as com os raros fragmentos ainda existentes nas reminiscencias de seus degenerados netos, enamorou-se da sua pictoresca linguagem e serapintou o opulento idioma portuguez de neologismos barbaros e quiçá anti-euphonicos. Quer-nos parecer que nada perderião essas poesias se d'ellas fossem banidos os *borés*, os *tacapes*, os *piagas*, os *manitós*, os *maracás*, os *anhanqás* e quejandos.

Compulsadas as producções dos nossos mais auspiciosos poetas facil é d'apreciar a funesta influencia que sobre elles exercera o contagio d'esse mal entendido americanismo. Temos por crença que não é adulterando a lingua dos nossos avós herdada, que nos havemos de distanciar da litteratura luso-européa: devendo servir-nos de lição o modo porque procedem os norte-americanos, a cujos principaes escriptores acolhe e reverencia a critica anglo-européa.

Congenita parece ser a epopéa á indole da raça portugueza: não nos deve portanto maravilhar que os tres protagonistas da reforma litteraria no Brazil consagrassem seu estro a essa forma poetica.

*A Confederação dos Tamoyos*<sup>1</sup> foi o titulo escolhido pelo sr. D.

<sup>1</sup> Impressa pela primeira vez no Rio de Janeiro em 1857, teve mais edicções: a

J. Gonçalves de Magalhães para o seu poema, cujo assumpto ministrou-lhe a resistencia que as tribus indigenas oppuzerão ao dominio portuguez. O heroe (Aimbire), á semelhança de Cacambo, jura vingar sobre os conquistadores a morte de seu amigo e companheiro de infancia (Comorim), e para a grande empreza que planeára toma conselho do velho cacique Pindobuçú.

Optimamente pintado está o congresso dos chefes tamoyos, em cujo gremio avulta a grave figura de Pindobuçú, ornado de plumas negras em signal de luto pela morte de seu filho Comorim. Embelece esse magestoso quadro a physionomia do velho propheta, o bardo Coaquira, fiel interprete das vontades do Altissimo, e a cuja voz obedecem o raio e a morte. Não perde porém Aimbire o seu lugar de honra nessa veneranda assembléa; sua voz é ouvida com respeito pelo seu acrisolado valor e larga experiencia que dos costumes e intenções dos portuguezes adquirira.

Ha no canto quarto uma descripção da marcha das nações indigenas, digna de Homero, e superior a que já havíamos admirado no *Caramurú* de Sancta Rita Durão. O gracioso typo de Iguassú rivalisa com o de Lindoya no *Uruguay* de J. Basilio da Gama.

Jagoanháro, sobrinho do valente Tebiriçá, converte-se ao christianismo á vista dos esplendores do nosso culto, e renunciando o proposito de desligar seu tio d'alliança portugueza constitúe-se-lhe o mais estrenuo paladino. Riquissima é a visão d'esse chefe, na qual descortina o futuro triumpho da cruz e o grandioso porvir de de sua patria.

Resistimos ao desejo d'analysar todo o poema para particularmente recommendar a attenção dos leitores as nobilissimas figuras d'Anchieta e Nobrega que ahi apparecem taes quaes no-las revelão as chronicas do tempo e a grata memoria dos povos a quem evangelisarão.

A pequenez do argumento e os escassos meios de que dispunhão os selvagens para arcarem contra a civilisação européa

de Coimbra (1864) e a de Vienna (no mesmo anno) sob as vistas immediatas do auctor que consideravelmente melhorou-a.

acabrunha o character dos principaes personagens. Notão-se outrossim neste poema algumas inverosimelhanças, como sejam a de prestar aos filhos das florestas ideias e sentimentos que não podião ter. Pode-se-lhe ainda observar que o desfecho é desfavoravel ao protagonista, cujo triumpho aliás importaria a condemnação d'essa civilisação, de que o auctor é um dos mais illustres representantes.

*Colombo* denomina-se a vasta epopea (em quarenta cantos e um prologo) que em 1866 publicou em Vienna d'Austria o sr. Manoel d'Araujo Porto-Alegre.

. Grave injustiça fôra o querer medir os templos d'Ellora e os de Solomão pelos compassos de Vitruvio, ou de Vignola : o poeta brasileiro rompeu com a impetuosidade do seu genio os diques d'Aristoteles e de Horacio, declarou-se em plena insurreição contra as regras e convenções escolasticas. Descobre-se no *Colombo* alguma coisa da *Divina Comedia* de Dante, do *Orlando Furioso* d'Ariosto, do *Paraiço Perdido* de Milton, da *Messiada* de Klopstock, sem esquecer o *Mahâbhârata* e o *Râmâyana* que lhe fornecirão mais d'uma brilhante inspiração.

Com a audacia do genio abre o poema por um prologo, (flagrante violação da unidade de lugar) em que nos apresenta o quadro d'agonia da dominação arabe na Hespanha, illuminado pelos esplendores da victoria de Fernando e Isabel. Proprio de Shakspeare é o dialogo entre o monarcha christão e Boabdil, ultimo rei de Granada : contrasta o orgulho d'um com a fatidica resignação do outro. Só um artista que nos museus de Italia, França, Allemanha, Hollanda, Belgica e Hespanha contemplára os prodigios da esthetica, podia-nos tão magistralmente descrever a Alhambra, esse mimo arabe suspenso nos jardins andaluzes. Julgamos ler uma pagina de Walter Scott e transportados a bem longinquos tempos ao chegarmos a narração do torneio com que os hespanhóes celebrarão a sua victoria.

Penetrando, através d'essa magnifico portico, no poema sentimo-nos presos por uma fascinação que nos desvaira os sentidos: despenhão-se em catadupas os mais arrojados tropos, as mais graciosas figuras. Magnifica é a descripção da tempestade que subitamente assaltou os navegantes no archipelago das Canarias a que se seguiu

uma estupenda erupção volcanica. No canto oitavo, um dos mais formosos, admira-se o episodio de Leonor, cuja physionomia foi traçada com o pincel de Corregio.

Lugar commum e escolho de vulgares talentos é a descripção do inferno e a do espirito máo, que as peiores acções induz o homem. Arrostando o sr. Porto-Alegre esse perigo, e conseguiu interessar, e ainda ser original, depois de Dante e de Milton. O seu Pamorphio é uma creação que honraria o cantor de Beatriz; e que Miguel Angelo teria aproveitado para grava-lo no tecto da Sextina. O festim de Nero e a tetrica figura de Tigelino patenteão por seus profundos estudos d'antiguidade romana; assim como attestão os cantos XXI, XXII e XXIII sua vastissima sciencia d'archeologia mexicana e peruviana.

Contão-se por milhares as bellezas d'este poema, no qual (como em todas as obras humanas) descobre a mais benevola critica alguns senões. Cremos que não forão bem guardadas as proporções avultando demasiadamente o episodio de Pamorphio em prejuizo d'acção principal; que houve exuberancia d'erudicção e quiçá abuso d'expressões technologicas, arredando de suas paginas não pequeno numero de leitores, nem sempre dispostos a consultar dictionarios, ou antes glossarios; e até parece-nos que fraqueou no desfecho a opulentissima imaginação do poeta, attendo-se por demais a tradição historica.

Quem porventura visitou as ruinas do Parthenon d'Athenas, ou do Colysêo de Roma poderá só fazer ideia da impressão que na animo dos amadores da nossa nascente litteratura causa a vista do inacabado monumento, que, sob o nome dos *Timbyras*, legou o posteridade o mallogrado poeta A. Gonçalves Dias <sup>1</sup>.

Nos quatro cantos, que semelhantes as columnas de derrocado templo, attestão a grandiosidade da traça, caminha-se de surpresa em surpresa, deslumbrado por tantas maravilhas, e chega-se a acreditar que talvez fosse esse o verdadeiro typo da moderna epopea brazilica.

<sup>1</sup> Os fragmentos existentes d'esse poema forão incorporados á 5ª edicção das suas *Poesias* impressas em Paris (1870) e edictoradas pelo sr. B. L. Garnier.

## POESIA DRAMMATICA

Para haver em tudo conformidade entre a reforma do sr. Magalhães e a de Garrett teve tambem aquelle a gloria de reerguer do seu abatimento a scena nacional. Foi no anno de 1839 e no theatro de S. Pedro d'Alcantara, então denominado — *Constitucional Fluminense* — <sup>1</sup>, que subiu ao palco a primeira tragedia d'assumpto brasileiro escripta por um brasileiro.

<sup>1</sup> Pensamos que interessará aos leitores a seguinte resenha dos theatros que existião (até a epocha a que nos referimos) nesta cidade do Rio de Janeiro. Do vice-reinado do marquez de Lavradio data a primeira casa da opera sita no largo do Capim (hoje Praça do general Osorio) na qual se representou a peça intitulada — *Os Encantos de Medea* —. Havendo ardido essa casa obteve Manuel Luiz do mesmo vice-rei a competente licença para edificar outra num terreno proximo ao palacio. Levarão-se ahi á scena as mais populares peças do repertorio de Molière, e d'Antonio José, e a infallivel *Ignez de Castro*, tão grata a nossos avós. Nesse theatro, sempre favorecido pelo marquez, servia de pintor scenographo o talentoso artista Leandro Joaquim. Continuou a prosperar no vice-reinado de Luiz de Vasconcellos, applaudindo o publico a excellente voz d'actriz Joaquina da Lapa, mais conhecida pela — *Lapinha* — e as facecias do actor Ladislau. Pouco frequentado se viu no vice-reinado do taciturno conde de Rezende, e nos dois seguintes, que precederão a chegada da familia real.

Convertida em côrte a capital da colonia importava que mais vastas fossem as proporções do theatro; e convencendo-se d'isso Fernando José d'Almeida, vulgo — *Fernandinho* —, alcançou do príncipe-regente auctorisação para edificar outro theatro, que, pelo desenho do marechal João Manuel da Silva, ergueu-se num terreno pantanoso visinho á igreja da Lampadosa. Essé theatro, chamado de *S. João* abriu-se no dia 12 d'outubro de 1813 com o drama lyrico — *O Juramento dos Numes* —, e a peça dramatica — *O Combate de Viméio* —. Uma companhia de canto, dirigida por um certo Ruscolli, a de dança por um Lacombe e a dramatica da celebre actriz Marianna Torres, representarão nesse theatro cuja orchestra dirigia o famigerado Marcos Portugal. Por occasião do juramento da constituição do imperio (a 25 de março de 1824) e quando subia ao palco o drama sacro *Vida de S. Hermenegildo* pegou fogo em todo o edificio, que dentro de poucas horas ficou reduzido a um montão de ruinas. Reedificado pelos esforços do mesmo empresario (Fernando J. d'Almeida) ponde franquear suas portas ao publico (já com o nome de *imperial theatro de S. Pedro d'Alcantara*) no dia 22 de Janeiro de 1826 (anniversario natalicio da imperatriz) fazendo o cantor Fazziotti o papel de *Tancredo*.

Durante o tempo que esteve fechado o theatro acima alludido, deu principio o actor Victor Porfirio de Borja a outro de acanhadas proporções na rua do Lavradio

Denomina-se — *Antonio José, ou o Poeta e a Inquisição* — que figurava no palco de sua patria cem annos depois de haver subido á fogueira da inquisição lisbonense <sup>1</sup>.

Fallando do pasmoso successo que teve a sua representação, assim se explica o auctor no *Prologo* da novissima edição <sup>2</sup>.

« Si devesse julgar do merito d'esta tragedia pelos applausos que lhe prodigalisou o publico nas repetidas vezes que subiu á scena, eu me acrditaria auctor feliz, isento de censuras, attendendo ao enthu-

onde hoje se vê, o *Grande Oriente Maçonico*, faltavão-lhe porém os meios de levar ávante tal empreza.

Em 1826 fundou-se um theatrinho particular na rua dos Arcos, onde representavão alguns artistas de merito, como por exemplo Ludovina Soares da Costa. Durou esse theatrinho mais de dez annos, sendo substituido por outro (tambem particular) sito no largo do Rocio (praça da Constituição). No dia 4 de abril de 1826 reabriu-se o theatro de S. Pedro d'Alcantara com a representação d'uma opera italiana, seguida d'um dansado, e d'um elogio em verso.

A revolução de 7 d'abril trouxe a dissolução de todas as companhias, retirando-se do paiz as de canto e dansa, e indo a dramatica representar na Praia Grande (Nichteroy), mudando até de nome o theatro de S. Pedro que passou a chamar-se — *Constitucional Fluminense* —.

Introduzindo-se a discordia entre os actores, forão uns trabalhar no da rua dos Arcos, enquanto outros emprehenderão a edificação d'um novo na rua do Cotovello, ao principio denominado da *Praia de D. Manuel*, e depois de *S. Januario*. No dia 2 d'agosto de 1834 inaugurou-se elle solemnemente com a representação do drama *Misanthropia e Arrependimento*.

No dia 2 de dezembro de 1833 começou o famoso actor João Caetano dos Santos a trabalhar num theatrinho da Praia Grande, levando á scena o drama — *O príncipe amante da liberdade, ou a independencia da Escossia* —.

Pela mesma epocha lembrarão-se alguns dos seus amigos e admiradores d'edificar um theatro para as suas representações e escolherão para isso o sitio do Val longo (hoje rua da Imperatriz).

A reorganisação do theatro *Constitucional Fluminense*, que era mantida por uma associação, permittiu ao referido João Caetano de apparecer no seu tablado, onde colheu bastos louros. Foi a 7 de setembro de 1839 que reabriu-se esse theatro com a representação da tragedia — *Olgiato* — do sr. D. J. G. de Magalhães.

(Vide o *Pequeno Panorama, ou Discripção dos principaes edificios do Rio de Janeiro* pelo sr. dr. M. D. Moreira d'Azevedo. — Vol. III.)

<sup>1</sup> Como já dissemos foi Antonio José da Silva queimado num auto de fé em Lisboa no anno de 1739.

<sup>2</sup> A de Vienna d'Austria, incorporada na das suas Obras Completas (1865).

siasmo com que foi recebida, e os elogios que mereceu, particularmente o quinto acto.

« Tal acolhimento esteve bem longe dos meus presentimentos. Ou fosse pela escolha d'um assumpto nacional, ou pela novidade da declamação (substituindo a monotona cantilena com que os actores recitavão seus papeis pelo novo methodo natural e expressivo, até então desconhecido entre nós) o publico mostrou-se attencioso, e recompensou as fadigas do poeta. »

Não se illudia o auctor na apreciação das causas de tão favoravel e inesperado exito; vibrára elle a fibra do patriotismo evocando o nome do martyr do Sancto Officio, immolado nas aras da intolerancia e do despotismo, longe da terra em que deixára o berço, e as eloquentes tiradas philosophicas correspondião ao gosto dos contemporaneos, mais attentos a ellas do que ao fio dos acontecimentos. Com quanto nos declare solemnemente no citado *Prologo* — que não seguia nem o rigor dos classicos nem o desalinho dos romanticos — parece que maior era o seu pendor para estes ultimos; e que os dramas de Victor Hugo e Alexandre Dumas lhe erão mais agradaveis do que as tragedias de Corneille e Racine.

Alterando essencialmente a verdade historica, relativa a Antonio José, emprestando-lhe sentimentos e paixões que nunca teve, nem podia ter, conservou-lhe o character passivo, incompativel com o de protagonista d'uma tragedia.

Estes, e outros defeitos que se lhe podem notar, são compensados por infinitas bellezas, sobresahindo entre ellas uma versificação fluente e melodiosa que agrada o ouvido sem adormecer a intelligencia.

A representação d'*Olgiato*, tragedia em cinco actos tirada da historia de Milão, assignala a epocha mais gloriosa do nosso theatro, em que o actor João Caetano dos Santos, seguindo os conselhos e a direcção dos srs. Magalhães e Porto-Alegre, tomou a peito restaurar ou melhor crear, a arte dramatica no Brazil.

Odioso era o character do personagem (Galeazzo Visconti) intoleravel a sua tyrannia, contra a qual se revoltão os mancebos Olgiato, Lampugnano e Carlos Visconti, que para livrarem a patria do seu jugo, não achão outro recurso senão o do assassinato; que o auctor

vê-se obrigado a justificar, ou pelo menos attenuar, envolvendo especiosos argumentos nas roupagens gregas e romanas, rejuvenecidas por Alfieri.

Não tendo sido feliz na escolha do assumpto releva confessar que delle tirou o sr. Magalhães todo o partido possível; já afastando da scena o libidinoso tryanno, cuja linguagem não deixaria d'offender a pudicicia dos espectadores, já evitando a effusão de sangue, do qual tão sequiosos se mostravão os ultra-romanticos, oiçamos a sua profissão de fé dramatica.

« Não posso de modo algum acostumar-me com os horrores da moderna escola, com essas monstruosidades de caracteres preternaturaes, de paixões desenfreadas e ignobeis, de amores licenciosos, de linguagem requintada, á força de querer ser natural; emfim com essa multidão de personagens e de apparatusos *coups de theatre*, como dizem os francezes, que estragão a arte e o gosto e convertem a scena em uma bacchanal, ou em uma orgia de imaginação, sem fim algum moral, antes em seu damno <sup>1</sup>. »

Comprehende-se facilmente que devera travar-se no espirito do illustre reformador porfiosa lucta entre as tradições classicas e as afoitezas romanticas. Foi talvez por isso que, querendo naturalisar no nosso theatro um dos primores da scena ingleza (o *Othelo*), deu preferença a pallida imitação de Ducis ao vigoroso original de Shakspeare.

Quem manusear ambas as tragedias reconhecerá de prompto que só por excesso de timidez deixou a margem a grandiosa composição do emulo de Sophocles para enobrecer em seus cadentes versos a pobre e insignificante parodia do poeta francez <sup>2</sup>. Oxalá que em algum dos seus lazeres quizesse elle hoje reparar essa falta!

Temos por vezes pronunciado o nome de João Caetano justo é que alguma coisa digamos ácerca da parte que coube-lhe na grande obra do laureado poeta fluminense.

<sup>1</sup> Vide o *Prologo* da tragedia *Olgiato* edição de Vienna 1865.

<sup>2</sup> A confrontação do papel d'Othelo, interpretado pelos srs. Rossi, e Salvini, com o que fazia as delicias do publico fluminense, quando confiado ao fallecido João Caetano dos Santos, tornará bem saliente esta asserção.

Havia no nosso patricio uma combinação de Garrick e de Talma esplendoroso talento, alma sensível e apaixonada, sympathica e movel physiomomia, gestos naturaes, voz agradavel, numa palavra tudo o que sóe electrizar as platéas. Faltava-lhe porém estudo, docilidade, e esse estremecido amor d'arte que se empenha em transmittir a outros a scintilla do genio. Por orgulho, se não por inveja, arredava de si os que podião secundar-lhe a acção, e, com o seu exemplo e animações, constituirem uma escola dramatica, verdadeiramente nacional.

Outro grave erro de João Caetano, d'onde dimanarão, e estão dimanando, funestissimas consequencias, consistiu em vogar nas aguas d'uma falsa popularidade, em lisongear o máo gosto da multidão, accomodando ao seu estragado paladar as peças do seu repertorio, no qual os *dramalhões* e *atoleimadas farças* tomavão o lugar das tragedias, dramas e comedias <sup>1</sup>.

Não era possivel que na renovação do theatro fosse esquecida a comedia <sup>2</sup>; incumbiu-se d'ella o sr. Manuel d'Araujo Porto-Alegre. Foi elle auctor do *Espião de Bonaparte*, e do *Sapateiro Politicão*, que o publico applaudiu, quando levadas a scena no theatro *Constitucional Fluminense*, mas que não nos é possivel apreciar por se conservarem ineditas, com outras muitas que consta-nos haver composto em varias epochas. Apenas conhecemos a *Angelica e Firmino*, impressa na *Minerva Braziliense*, e a *Estatua Amazonica*,

<sup>1</sup> Fallando d'esse mallogrado talento assim se expressava o sr. Araujo Porto-Alegre:

« Lisongeadado por uma mocidade ardente por amigos interesseiros, vaidoso desses triumphos preparados, cheio de si mesmo, confiado nos bellos predicados com que a natureza o dotara, quiz caminhar sosinho, perlustrar o resto do immenso espaço que lhe faltava conquistar; esqueceu-se de que não havia estudado assás, e de que não era ainda um piloto, e não conhecia essa nautica difficil, longa, que assegura a rota, faz triumphar das tempestades, e dos perigos imprevistos. Tomava a nuvem por Juno, as festas concertadas por ovações espontaneas e improvisadas, os seus amigos pelo publico, as suas inspirações como sublimes. »

(*Guanabara* — Vol. II pag. 100).

<sup>2</sup> Posto que ordinariamente escripta em prosa obstinão-se os criticos em considera-la como parte integrante da poesia dramatica, em memoria da sua antiga forma.

dada estampa no supplemento que comotitulo de *Bibliotheca Guanabarensis*, então publicava essa revista <sup>1</sup>. É uma chistosa satyra á leviandade com que alguns viajantes fallão do nosso paiz, e especificadamente á noticia que o conde de Castelleau dera de haver encontrado no rio Negro uma pedra lavrada com inscrições hieroglyphicas, as quaes só na sua escaldada imaginação haviam existido.

Dotado de finissimo talento d'observação estava talvez destinado a Luiz Carlos Martins Penna a ser o nosso Molière, ou Goldoni, si mais propicias lhe houvessem sido as circumstancias. No pouco que d'elle possuímos hæ quadros de admiravel exactidão, typos curiosissimos, como o do *Irmão das Almas*, do *Noviço*, do *Juiz de Paz da Roça*, do *Judas em sabbado d'alleluia* e do *Dilettante* etc.

#### ROMANCE

O extraordinario desenvolvimento que tomou em França a forma romanesca nos tempos que se seguirão a restauração e a revolução de julho actuou poderosamente sobre a nossa litteratura. Vimos-nos inundados de traducções e imitações das obras de A. Dumas, F. Soulié, Balzac, V. Hugo, Eugenio Sue, V. d'Arlincourt, etc.

Faltavão porem a taes romances os caracteres do *nativismo*; não parecião escriptos para o nosso publico, e nenhuma referencia nelles se encontrava aos usos e costumes brazileiros.

Esta lacuna veio felizmente preencher o sr. dr. Joaquim Manuel de Macedo dando ao prelo o gracioso romance intitulado — *A Moreinha* <sup>2</sup>.—É um verdadeiro quadro de costumes nacionaes, copia-

<sup>1</sup> Intitula-se — *Estatua Amazonica, comedia archeologica*, dedicada ao illmo sr. Manuel Ferreira Lagos — por M. d'Araujo Porto-Alegre, Rio de Janeiro 1851.

<sup>2</sup> A primeira edição é de 1844 (Rio de Janeiro) e a ultima (4<sup>a</sup>) de Paris, (1872) tendo por edictor o sr. B. L. Garnier.

Cinco annos antes da publicação da *Moreinha*, e quando o auctor contava apenas, dezoito annos, computzera um romance intitulado — *O Forasteiro* — de de que acaba de dar uma nova edição. Consideramo-lo como um fructo temporão do seu gentilissimo talento.

dos ao natural, e como que surprehendidos nos arcanos da intimidade. Simples e natural a acção, bem desenhados os personagens, vivo e sustentado o dialogo, e chistosas as situações comicas.

No verso da medalha notão-se algumas desigualdades d'estylo, revelando mão ainda não adestrada; extrema parcimonia nas descripções e pinturas locaes, quiça receoso do abuso que d'ellas se estava fazendo, e continua-se a fazer-se.

Esse mesmo tom familiar que o fez tão bem acceito nos salões e camarins das damas e donzellas foi um escolho em que por vezes naufragou, como reconhecerá quem consagrar-lhe detida attenção. A linguagem pareceu-nos tambem um pouco descuidada, talvez pelo principio do poeta Gresset escolhido para epigraphe <sup>1</sup>.

Serviu a *Moreninha* de primeiro élo a uma aurea cadeia de romances, consagrados pela opinião publica, que conferiu ao sr. dr. Macedo o titulo de *Balzac brasileiro*.

Um homem que, aos seus proprios e unicos esforços deveu a modesta posição que occupou na sociedade, e cujo brilhante talento revela-se nas obras que d'elle possuímos, numa palavra Antonio Gonçalves Teixeira e Souza, participou da gloria de ser um dos creadores do romance nacional.

Manifestára desde verdes annos grande amor ás letras e decidido culto á poesia do que deu provas numa collecção de versos confiados ao prelo com o titulo de — *Canticos Lyricos* <sup>2</sup>.

O favoravel acolhimento d'essa producção do moço poeta serviu-lhe de incentivo para maior empreendimento; filiando-se d'esta feita a reforma do sr. Magalhães e Porto-Alegre. Inspirando-se numa legenda da seu paiz natal (Cabo-Frio) engenhou uma poema-

<sup>1</sup> « *Trop, occupé pour corriger  
Je vous livre mes reveries  
.....  
J'en fais pour me désennuyer.*

<sup>2</sup> Rio de Janeiro — typogr. de Paula Brito — 1841-1842 — em dois vol.

romance em cinco cantos em versos hendecasyllabos soltos a que denominou — *Os Tres Dias d'um Noivado* <sup>1</sup>.

É esta inquestionavelmente a obra prima de Texeira e Souza na qual combinou com summa habilidade o elemento poetico e o romanesco attrahindo o leitor pelo interesse d'acção, brilhantismo de imagens, e cadencia de metrificacão. Perfumão outrosim suas paginas certa fragrancia de flores sylvestres, e notão-se em suas descripções estudo e observacão das scenas da natureza americana « Busquei (diz elle) ser moral e religioso em toda a minha obra, e sempre que o pude, dar-lhe um character, ou typo nacional, isto é, escrevi como brasileiro <sup>2</sup>. »

Apesar da manifesta intençãõ d'imprimir em sua obra o cunho da nacionalidade visiveis sãõ os emprestimos que fez Teixeira e Souza dos auctores da escola romantica franceza, que entãõ dominava.

Sob o influxo d'essa escola achou-se sempre o nosso talentoso conterraneo por mais brasileiros que fossem os assumptos.

Desde o *Filho do Pescador* <sup>3</sup> até *A Providencia* <sup>4</sup> deu successivamente a luz uma serie de romances, recommendaveis pelos fulgores da imaginaçãõ, vivos toques de costumes, quadros da natureza, principalmente no ultimo, do qual se destacaõ as poeticas pinturas d'aldeia de S. Pedro, da procissãõ dos Passos e da fazenda de Campos Novos.

Tinha porém Teixeira e Souza decidida paixãõ pelo maravilhoso, e deixára-lhe fundas impressões no animo a assidua leitura dos romances d'Anna de Radcliffe, de pavorosa memoria. Aprazia-se com os devaneios de Byron e de Victor Hugo e mostrava particular

<sup>1</sup> Impresso na mencionada typographia de Paula Brito (Rio de Janeiro) no anno de 1841.

<sup>2</sup> Vide o que ajuntou as notas do poema sob o titulo de — *Desenfado*. —

<sup>3</sup> Publicado pela primeira vez na typographia de Paula Brito na anno de 1844.

<sup>4</sup> Impressa nesta cidade no anno de 1854 na typographia *Correio Mercantil* — Forma 4 tomos.

devoção pelas inverosimelhanças de V. d'Alencourt e de Frederico Soulié.

N'ardente fornalha da composição arrojava os mais heterogeneos elementos ; faltava-lhe tempo e disposição para depurar impurezas, e gravar á buril os acanthos do estylo Alem de que (digamo-lo com franqueza) obedecia o nosso conterraneo á peor das inspirações — *a da musa da fome* ; — por isso que só nos ultimos annos da existencia deveu á munificencia imperial honesto e trabalhoso pão para si, mulher e filhos <sup>1</sup>.

## HISTORIA E BIOGRAPHIA

A criação do Instituto Historico Geographico Brasileiro marcou *albo lapillo* o começo da era dos estudos profundos e conscienciosos ácerca dos annaes patrios. Offerecem suas *Revistas* vasto repositório de documentos pouco conhecidos, ou de todo ignorados, e as numerosas memorias, lidas em seu gremio pelos socios ou meramente offertadas á associação, discutem importantes questões, e fixão a verdadeira intelligencia de muitos pontos letigiosos.

Não se limitou a esse, aliás importante resultado, o impulso impresso pelo Instituto, mas tambem acoroçoou a publicação de obras circumscriptas na orbita de sua esphera d'actividade. Uma d'essas obras que primeiro apparecerão foí o — *Compendio da Historia do Brazil* — pelo general J. I. d'Abreu e Lima <sup>2</sup> para uso da mocidade brazileira.

No prologo diz o auctor: « Servi-me em grande parte do trabalho alheio, porque nem me era possivel compulsar archivos, e muito menos repassar centenares de livros para recolher um ou outro facto, uma, ou outra relação, quando antes de mim tinham alguns praticado esse exame: portanto a minha obra não é uma composição inteiramente original, mas uma compilação de varios auctores, que julguei mais habilitados, pondo todo o meu esmero em reunir de todos elles

<sup>1</sup> Occupava quando falleceu (no dia 4. de dezembro de 1861) o emprego d'escrição do commercio d'esta cidade do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Sahiu dos prelos dos srs. E. e H. Laemmert no anno de 1843 em dois volumes

o maior numero de factos, que me foi possivel, organisando-os depois em serie por meio de uma mui exacta deducção chronologica. »

As melhores e mais puras fontes não recorreu porém o auctor: sendo certo que Beauchamp e o sr. Fernando Denis ministrarão-lhe quasi todos os subsidios. Ora, o primeiro d'esses escriptores não passa d'um compillador, e até plagiario de Roberto Southey, de nenhuma reputação gozando por isso no mundo litterario, como exuberantemente o demonstrou o sr. Varnhagen no erudito parecer apresentado ao Instituto Historico, e approved em sessão de 19 de junho de 1844. Os equivocos do sr. Fernando Denis, aliás desculpaveis num escriptor estrangeiro, reproduziu-os sem o minimo correctivo; e, quando desamparado de guias e entregue ás proprias investigações, foi superficial e injusto, como aconteceu ao narrar os successos da revolução pernambucana de 1817.

Estes defeitos, que a imparcialidade critica força-nos a apontar, não nos impedem de reconhecer no *Compendio da Historia do Brazil* de J. I. d'Abreu e Lima bastante methodo na coordenação das materias, algum escrupulo nas datas e certa amenidade d'estylo.

Importantissima monographia dos principaes successos occorridos na provincia de Pernambuco encontra-se nas *Memorias Historicas* d'essa provincia, organisada por José Bernardes Fernandes Gama e que vierão a lume d'entre os annos de 1844-1848. Abrangem o periodo decorrido desde o seculo do descobrimento até o ultimo anno do XVIII.

Precede as ditas Memorias um *Ensaio Topographico-Historico*, repleto de noticias e dados interessantes, e cuja consulta será sempre de grande proveito a quem desejar conhecer cabalmente o theatro em que se desdobrarão os epicos acontecimentos da guerra hollandeza.

Parece que não é de todo extreme d'inexactidões esse *Ensaio*, pelo que temos lido e ouvido, mas por outro lado nenhum conhecemos no mesmo genero em que não se descubra esta, ou aquella tacha.

Na primeira parte do trabalho historico, limitou-se o auctor a

<sup>1</sup> Vide *Revista Trimensal do Inst. H. e G. Brazil*. tomo VI.

extractar e compillar (principalmente no periodo da guerra hollandeza) os velhos chronistas commettendo por vezes o desaso de deixa-los contradizerem-se mutuamente. Cremos que tambem não foi mais afortunado tratando da *guerra dos mascates*, cujas causas e consequencias deixa d'apontar para perder-se num dedalo de minudencias ociosas. Por todos esses senões facil é de conhecer que faltava a Fernandes Gama os predicados d'historiador philosopho, nem sequer compensados pelas graças do estylo.

Pensamos não haver um só brasileiro que desconheça e conteste os relevantes serviços prestados á historia patria pelo illustre litterato o sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, derradeiramente agraciado com o titulo de barão de Porto Seguro. Exuberantes testemunhos de suas preciosas elucubrações fornecem as paginas da *Revista do Instituto* desde a sua fundação, e numerosas outras publicações esparsas nos jornaes do velho e novo continente, bem como em varias brochuras impressas em separado.

Prescindindo d'analyse de todas essas importantes publicações, apenas (e muito de passagem) tractaremos da sua monumental — *Historia Geral do Brazil* — dada á estampa em Madrid pelos annos de 1854-1857.

É o mais seguro e abundante manancial de factos que conhecemos; e não raro nos havemos utilizado de seus thesouros para a composição dos nossos mesquinhos trabalhos. Feliz concurso de circumstancias permittiu que perlustrasse os archivos nacionaes e estrangeiros, manuseasse ignotos codices, e encontrasse o fio da verdade no labyrintho das conjecturas. Cabal sciencia de idiomas, ainda pouco vulgares, po-lo em contacto com estranhas testemunhas e as facilidades da sua posição official (a de diplomatico) facultou-lhe o accesso das bibliothecas e depositos de reconditos manuscriptos. Ao invéz de Rocha Pitta, logrou d'essas vantagens os maiores proventos para a nossa historia, e erigiu-lhe um mounmento mais duradouro do que o bronze (*monumentum ære perennius*).

Fazendo esta publica e solemne manifestação do apreço que votamos a obra do sr. Varnhagen reservamo-nos o direito de dissentir d'algumas da suas apreciações (como por vezes havemo-lo

feito), e bem assim d'offerecer-lhe alguns ligeiros reparos pelo que diz repeito a forma.

Entendemos que peccou o illustrado escriptor condensando em poucas paginas grande numero de factos e desterrando para as notas e esclarecimentos finaes o que melhor cabida teria no texto. Resultou d'ahi certa confusão e ausencia de methodo, que em extremo prejudica a consulta da obra.

Observa-se outrosim algumas desigualdades d'estylo, ora aspirando ao archaismo, ora descanbando no desalinho. Quer-nos parecer que foi isso resultante da interrompida composição, sendo muito para sentir que não sobrassem ao auctor lazares para homologar o seu trabalho, e eleva-lo ao nivel em que todos esperavamos encontra-lo.

Consola-nos a expectativa da nova e promettida edição em que por certo vão desaparecer essas nugas para deixarem ver em todo o brilho e magestade a primeira historia do Brazil, devida as doudas investigações d'esse distincto e infatigavel escriptor

A historia anedoctica, ou biographia de varões illustres, foi em todos os tempos um dos mais fructuosos meios de popularisar as grandes acções, e tornar venerandos certos nomes. Assim o pensou e comprehendeu o sr. J. M. Pereira da Silva quando reuniu diversos estudos que acerca dos nossos homens notaveis escrevera sob o titulo *Plutarcho Brazileiro* <sup>1</sup>. Mais tarde, reconhecendo a inconveniencia de semelhante titulo, mudou-o para o de—*Varões Illustres do Brazil durante os tempos coloniaes* <sup>2</sup> fazendo-lhe não poucas emendas e additamentos.

Admiramos no sr. conselheiro Pereira da Silva uma das mais vivas e brilhantes imaginações da nossa terra; possui o encanto da palavra, a magia das descripções, sua penna, semelhante á vara de Moysés, faz rebentar a limpha da poesia do arido deserto da chronica. Mesquinhos acontecimentos, insignificantes intrigas de colonos,

<sup>1</sup> Sahiu esta obra da typographia dos srs. E. e H. Laemmert no anno de 1847 formando dous vol. de 8º gr.

<sup>2</sup> Existem mais duas edicções ambas de Pariz (a de 1858 e a de 1868).

luctas dos porconsules metropolitanos avultão, crescem, e chegam a ter interesse dramatico.

Por outro lado tem o opulento estylista os defeitos das suas qualidades: prefere relatar as coisas como deverão ser e não como realmente forão; desdenha o esmerilhar factos, verificar datas, harmonisar apparentes ncongruencias; e, cavalgando no Mezzeppa da phantasia, devora o espaço e toca a meta arrebatando estrepitosos applausos do publico attonito e estupefacto. A critica porem, como outr'ora Platão perante Dionysio de Syracusa, faz reservas e tacitos protestos <sup>1</sup>.

Releva confessar (e de bom grado fazemo-lo) que nas duas ultimas edições mais escrupuloso mostrou-se o illustrado biographo e mais d'uma homenagem rendeu ás admoestações da critica <sup>2</sup>.

*Biographias d'alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernambuco*, tal é o titulo que para sua obra escolheu o sr. Antonio Joaquim de Mello, imprimindo-a na cidade do Recife (em 3 vol. de 8º gr.) entre os annos de 1858-1860.

Acreditamos que ás affeições particulares mais do que aos grandes interesses da historia attendeu o sr. Mello nas biographias a que nos estamos referindo. Á excepção de tres a quatro vultos todos os outros são inteiramente desconhecidos fóra da provincia, e seus feitos de tal arte secundarios que precisas forão assiduas pesquisas e indagações (a que aliás se entregou o auctor) para explicar-lhe a razão d'existencia.

Como auxiliar historico não é destituido de valor e trabalho do biographo pernambucano, que se recommenda pela abundancia de documentos, tão raros, como authenticos. O estylo é fluente e de grande correcção.

<sup>1</sup> Lamentamos que João Francisco Lisboa, que no seu *Jornal de Timon*, revelou tanta propensão para a historia, e que tão bem parecia comprehender suas severas leis, deixasse em expectativa uma *Historia do Maranhão*, cujos lineamentos lançara no referido *Jornal*.

<sup>2</sup> O mesmo sr. conselheiro Pereira da Silva é auctor de duas obras de grande importancia, referimo-nos a *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro* — (Pariz 1864—1868); e *Segundo Periodo do Reinado de D. Pedro I — Narrativa Historica* (Rio de Janeiro 1871).

## JORNALISMO LITTERARIO

A calma dos espiritos, produzida pela maioridade do segundo imperador, permittiu a fundação do journalismo exclusivamente litterario.

Alem da *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, a que nos temos frequentemente referido, algumas outras fizerão sua apparição com pequenos intervallos e vario successo.

*O Ostensor Brasileiro* começou a publicar-se no anno de 1845, sob a direcção dos snrs. Vicente Pereira de Carvalho Guimarães e João José Moreira, colloborado pelos srs. Porto-Alegre, dr. J. M. de Macedo, Teixeira e Souza, J. Albanõ Cordeiro e J. A. de Lemos Magalhães. Enrequecido d'estampas representando os nossos monumentos e as effigies d'alguns brasileiros celebres prestou bons e reaes serviços as letras nacionaes.

*O Archivo Medico Brasileiro*, revista mensal de medicina e cirurgia, publicou-se com toda a regularidade, graças aos esforços do seu principal redactor o sr. dr. Ludgero da Rocha Ferreira Lapa. Ainda que restrictamente scientifico encontrão-se em suas columnas artigos de subido interesse litterario.

D'entre os annos de 1843-1844 imprimiu-se nesta capital uma revista consagrada ás sciencias letras e artes, denominada — *Minerva Braziliense* redigida por uma pleiade de robustos, ou promettedores talentos. Em suas paginas ensaiou a critica os primeiros tentames, e da erudita e delicada penna de Santiago Nunes Ribeiro sahirão apreciações tão justas como profundas. Sua analyse do concurso á cadeira publica de philosophia é um primor, ques Gustavo Planche e Sainte-Beuve terião assignado.

*Iris* appellidou-se um periodico de religião, bellas artes, sciencias letras, historia, poesia, romance, noticias e variedades, colloborado por uma associação de litteratos, presidido pelo sr. conselheiro J. Feliciano de Castilho. Nessa preciosa colleccão incluem-se trabalhos de grande valia, alguns dos quaes ficarão infelizmente interrompidos pela suspensão do periodico no mez de junho de 1849.

Ha tambem ahi alguns ensaios criticos destinados a inocular o gosto da esthetica, e a substituir a odienta polemica pela cortez discussão litteraria.

Em principios de 1848 começou a publicar-se o primeiro jornal religioso, redigido pelos srs. monsenhor dr. Miranda Rego e padre dr. Patricio Moniz, aos quaes mais tarde tambem nos associamos. Era o nosso proposito instruir o povo nas verdades da sancta crença que professamos e combater a propaganda socialista que então devastava a França. Luctavamos nessa arena quando a grave molestia e lamentavel morte do principal redactor (monsenhor Miranda Rego) obrigou-nos a suspender o certame.

Buscamos depois preencher a lacuna que d'um jornal religioso existia na nossa imprensa, e fundamos em 1854 outro sob a denominação de *Tribuna Catholica* —<sup>1</sup> que sustentou-se até a nossa partida para a Europa.

O *Guanabara*, revista mensal, artistica, scientifica e litteraria, redigida por uma associação de litteratos, veio a luz no anno de 1850 e manteve-se em seu honroso posto até o fim do de 1855. Quem se der ao trabalho de manusear-lhe as paginas achar-se-ha generosamente retribuido pela agradavel leitura de succulentos e amenissimos artigos concernentes aos fins da sua instituição. Mais firmes são tambem os passos da critica litteraria, que todavia não pode ainda desenvencilhar-se das peas de tradicionaes contemplações e dos compromissos de mutuos elogios.

Apesar do poderoso escudo que o amparava<sup>2</sup> seguiu o *Guana-bára* a sorte dos seus predecessores sendo substituido (nas mesmas condições) pela *Revista Brazileira*, cuja suprema direcção assumiu o conselheiro Candido Baptista d'Oliveira. Imprimiu-lhe esse douto brazileiro um cunho mais particularmente scientifico, sem todavia excluir o elemento litterario, do que sobrão documentos nos onze numeros publicados de 1857-1864. Pensamos a ninguem offender

<sup>1</sup> Era esse periodico poderosamente, auxiliado pelo sabio e virtuoso bispo D. Manuel do Monte Rodrigues d'Araujo, (conde de Irajá), de saudosissima memoria.

<sup>2</sup> Nos ultimos tempos da publicação d'esta Revista era o deficit da sua receita coberto pela munificencia do cofre imperial.

dizendo que o melhor trabalho critico ahi publicado foi o do sr. Soares d'Azevedo, relativo ao poema — *A Confederação dos Tamoyos*. —

A iniciativa do sr. B. L. Garnier deveu-se a *Revista Popular*<sup>1</sup>, que nos quatro annos de sua existencia offereceu vastissimo theatro á todas vocações, prestando com isso relevantes e incontestaveis serviços.

#### EPILOGO

Transpondo o limiar dos tempos coevos occupamo-nos tão sómente com os que primeiro se mostrarão no horisonte das patrias letras, imitando nisso o sol, que, ao nascer, doura os cimos das montanhas, deixando na sombra veigas e quebradas.

Lamentamos que o circulo de Popilio, que voluntariamente nos traçamos, tolhesse-nos a apreciação dos vultos proeminentes e esperançosos engenhos da nova geração litteraria, d'essas iriantes phalenas que ahi estão a surgir da chrysalida cuja formação e desenvolvimento toscamente esboçamos.

<sup>1</sup> Forma uma collecção de 16 volumes in 4.º

FIM

# INDICE ANALYTICO

DAS

## MATERIAS CONTIDAS NESTE VOLUME

---

### LIVRO NONO

LITTERATURA PORTUGUEZA : — ORIGENS — 5 — PRIMEIRO PERIODO — 15 —  
*Romances, ou Novellas de Cavallaria* — 15 — *Cançoneiros* — 16 — *Príncipes*  
*Escretores* — 19 — *Chronistas* — 22 — Fernão Lopes — 22 — G. Eannes d'Azurara — 23 — Ruy de Pina — 24 — Garcia de Rezende — 26 — *Instituições Scientificas e Litterarias* — 29 — SEGUNDO PERIODO — 33 — *Poesia Lyrica e Didactica* — Bernardim Ribeiro — 35 — Falcão (C.) — 38 — Sá de Miranda — 39 — Ferreira (A.) — 44 — Caminha — 46 — Bernardes (D.) — 49 — Camões — 54 — *Poesia Epica* — Camões — 58 — *Poesia Dramatica* — 70 — Gil Vicente — 72 — Escola de Gil Vicente — 78 — D. Luiz (Infante) — 79 — Antonio Ribeiro (*Chiado*) — 79 — Jeronymo Ribeiro — 80 — Antonio Prestes — 81 — Camões — 82 — Escola Classica — 85 — Jorge Ferreira (de Vasconcellos) — 85 — Sá de Miranda — 87 — Ferreira — 90 — *Romance* — Bernardim Ribeiro — 95 — *Mentna e Moça* — 95 — Barros (João de) — 97 — *Chronica do Imperador Clarimundo* — 97 — Moraes (Francisco de) — 99 — *Chronica de Palmerim de Inglaterra* — 99 — *Historia* — 101 — Barros — *Decadas da India* — 101 — Castanheda — 103 — *Historia do Descobrimto e Conquista da India pelos portuguezes* — 104 — *Biographia* — Damião de Góes — 106 — *Viagens* — 109 — Mendes Pinto (Fernão) — 110 — *Peregrinação* — 111 — TERCEIRO PERIODO — 114 — *Poesia Lyrica* — 121 — Rodrigues Lobo — 122 — *Corte n'Aldeia* — 123 — *Eclogas, Romances e Primavera* — 124 — *Poesia Epica* — 125 — Pereira de Castro — 125 — *Ulyssea* — 125 — Sá de Menezes (Franc.) — 128 — *Malaca Conquistada* — 129 — Quevedo e Castello Branco — 131 — *Affonso Africano* — 132 — *Poesia Dramatica* — 135 — Mello D. Francisco Manuel — 137 — *O Fidalgo Aprendiz* — 139 — *Historia* — Couto

— 139 — *Decadas da India* — e *Soldado Practico*—140— Brito (Fr. Bernardo de — 143 — *Monarchia Lusitana* — 144 — *Biographia* — Souza (Frei Luis de) — 146 — *Annaes de D. Joao III* — 148 — *Vida de D. Frei Bartholomeu dos Martyres* — 149 — *Historia de S. Domingos particular do reino e conquistas de Portugal* — 150 — Freire d'Andrade (Jacintho) — 152 — *Vida de D. João de Castro* — 153 — *Eloquencia e Epistolographia* — Vieira (Antonio) — 155 — QUARTO PERIODO — 166 — *Poesia Lyrica* — Garção — 174 — Diniz — 177 — *Odes Pindaricas* 179 — Quita — 182 — *Poesia Elegiaca* — Dias Gomes — 189 — *Poesia didactica* — Macedo (J. Agostinho) — 194 — F. Manoel do Nascimento (*Philinto Elysio*) — 196 — *Poesia Satyrica* — Diniz — *Hyssope* — 200 — Nicoláo Tolentino — 204 — Bocage — 209 — *Poesia Epica* — Macedo (J. A.) — *Oriente* — 222 — *Poesia Dramatica* — 225 — *A Baixa Comedia* — 227 — Antonio José — 228 — Nicoláo Luiz — 234 — *Restauração Arcadica* — 236 — Manuel de Figueiredo — 237 — Garção — *O Theatro Novo e a Assembléa, ou Partida* — 239 — Diniz — *O Falso Heroismo e Iphigenia em Tauride* — 240 — Freire (*Candido Lusitano*) — Traducção d'Athalia e d'outras tragedias — 240 — Quita — *A Castro, Astarto, Hermione, e Lycore* — 240 — 241 — *Opera* — 241 — *Romance* — Theodoro d'Almeida — 242 — *Feliz Independente* — 244 — *Eloquencia* — Macedo (J. Agostinho) — 246 — *Historia* — D. Antonio Caetano (de Sousa) — 248 — *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza* — 248 — *Biographia* — Barbosa Machado — 250 — *Bibliotheca Lusitana* — 250 — *Epistolographia* — Gusmão (Alexandre de) — 252 — QUINTO PERIODO — 257 — *Poesia Lyrica* — 258 — *Dona Branca e Camões* — 260 — *Adozinda* — 260 — *Romanceiro* — 260 — *Cartas d'Echo a Narciso* — 261 — *Os Ciumes do Bardo* — 261 — *A Noite do Castello* — 261 — *A Primavera* — 261 — *A Harpa do Crente* — 262 — José Freire de Serpa — 262 — Mendes Leal — 263 — João de Lemos — 263 — Bulhão Pato — 264 — Thomaz Ribeiro — 264 — João de Deus — 265 — *Poesia Satyrica* — Xavier de Novaes — 269 — Roussado — *Poesia Dramatica* — 269 — *Um Auto de Gil Vicente* — 272 — Philippa de Vilhena — 272 — *O Alfaceme de Santarem* — 272 — *Frei Luiz de Souza* — 272 — *Comedias de Garrett* — 274 — *Os Dous Renegados* — 274 — *Romance* — 274 — Eurico — 276 — *O Monge de Cister* — 275 — *Lendas e Narrativas* — 276 — *A Mocidade de D. João V* — 276 — *Um anno na Córte* — 277 — Arnaldo Gama — 278 — Camillo Castello Branco — 278 — Julio Diniz — 278 — *Historia* — 279 — A. Herculano — *Historia de Portugal* — 280 — Rebello da Silva — *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII* — 283 — *Eloquencia Sagrada e Parlamentar* — 284 — *O Beneficiado Malhão* — 284 — *Oradores Parlamentares* — 285 — José Estevão — 286 — *Critica Litteraria* — 288 —.

## LIVRO DECIMO

LITTERATURA LUSO-BRASILEIRA : — 293 — PRIMEIRO PERIODO — 294 — Bento Teixeira Pinto — *A Prosopopéa* — 298 — *Dialogo das Grandezas do Brazil*

— 300 — *Tractado Descriptivo do Brazil* — 301 — Manuel de Moraes — *Historia d'America* — 302 — Gregorio de Mattos — 303 — Eusebio de Mattos — 307 — Antonio de Sá — 308 — Botelho d'Oliveira — 309 — *Musica do Parnaso* — 311 — SEGUNDO PERIODO — 312 — *Poesia Lyrica* — Claudio Manuel da Costa — 321 — *Fabula do Ribeirão do Carmo* — 324 — Poema intitulado — *Villa Rica* — 326 — Gonzaga — 327 — Lyras denominadas — *Marilia de Dirceu* — 332 — Poema dedicado ao naufragio da não — *Marialva* — 334 — Cantico a Virgem Santissima — 334 — *Cartas Chilenas* — 335 — Alvarenga Peixoto — 336 — Silva Alvarenga — 346 — *O Desertor das Letras* — 351 — *Glaura* — 352 — *A Gruta Americana* — 354 — A heroide — *Theseu a Ariadne* — 355 — *A Satyra aos Vicios* — 355 — *O poemeto ás Artes* — 355 — Souza Caldas — 355 — *Poesias Sacras e profanas* 361 — *A ode á existencia de Deus* — 363 — *Idem sobre a virtude da religião christã* — 364 — *Idem sobre a revelação* — 364 — A cantata — *Pigmalião* — 364 — *O poemeto — As Aves* — 365 — *Poesia Epica* — Basilio da Gama — 366 — *O Uruguay* — 369 — *O Quitubia* — 371 — *A Declamação Tragica* — 372 — Juizo sobre o poema — *Uruguay* — 372 — Analyse do referido poema — 372 — Durão (Santa Rita) — 376 — *O poema — Caramurú* — 379 — Juizo de Garrett acerca d'esse poema — 382 — São Carlos (Fr. Francisco de) — 382 — *O poema — A Assumpção da Virgem* — 384 — *Eloquencia* — 389 — São Carlos (Fr. F. de) — 392 — Sampaio (Fr. F. de) — 396 — *Mont'Alverne (Fr. F. de)* — 401 — *Historia* — Rocha Pitta — 411 — *Jaboatão* — 415 — *Madre de Deus (Fr. Gaspar da)* — 417 — Ayres do Casal — 418 — TERCEIRO PERIODO — 418 — PRIMEIRA EPOCHA — 419 — *Poesia* — F. de Mello e Franco — 420 — J. Eloy Ottoni — 420 — B. A. Cordovil — 421 — *O Padre Sylverio (de Paraopeba)* 421 — *O Conego Januario* — 421 — F. Villela Barbosa — (*Marquez de Paranaguá*) — 421 — J. J. Lisboa — 422 — João Gualberto, Prudencio do Amaral, J. Rodrigues de Mello, Luiz Paulino P. da França — 423 — *Prosa* — 423 — Azeredo Coutinho — 423 — J. da Silva Lisboa (Visconde de Cayrú) — 424 — *Philologia* — A. de Moraes e Silva — 425 — *Memorias Historicas* — Conego Luiz Gonçalves dos Santos — 426 — Monsenhor Pizarro — 427 — *Estabellimentos Litterarios* — 429 — *Jornalismo* — 429 — *Segunda Epocha* — 430 — *Poesia* — 431 — *Natividade Saldanha* — 431 — José Bonifacio (d'Andrade) — 432 — D. Borges de Barros (Visconde da Pedra Branca) — 433 — M. Alves Branco (Viscon de Caravelas) — 434 — *Jornalismo Politico* — 436 — *Eloquencia parlamentar* — 439 — *Memorias Historicas*, Silva Lisboa (Balthazar da) — 443 — Fernandes Pinheiro (Visconde de S. Leopoldo) — 445 — Accioli — 450 — TERCEIRA EPOCHA — 450 — *Poesia lyrica e epica* — 452 — Gonçalves de Magalhães (Barão d'Araguaya) — 452 — Porto Alegre (Manoel d'Araujo) — 454 — Gonçalves Dias (Antonio) — 455 — *A Confederação dos Tamoyos* 457 — *Colombo* — 459 — *Os Tymbiras* — 460 — *Poesia Dramatica* — 461 — *Romance* — 466 — J. M. de Macedo — *A Moreninha* — 467 — Teixeira e Souza (Antonio Gonçalves) — 467 — *Os tres dias d'um noivado* — 468 — *O filho do pescador e a Providencia* — 468 — *Historia e biographia* — 469 — Abreu e Lima (general) *Compendio da historia do Brasil* — 470 — Fernandes da Gama — *Memorias historicas de Pernambuco* — 470 — Varnhagen (barão do Porto Seguro) *Historia Geral do*

*Brazil*—471—Pereira da Silva, *Plutarcho brasileiro, Varões illustres dos tempos coloniaes*—472—Mello (A. J.), *Biographias de alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernambuco*—473—*Jornalismo litterario*—474—*Revista trimensa<sup>l</sup> do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*—474—*O Ostensor brasileiro*—474—*O Archivo medico*—474—*A Minerva braziliense*—474—*O Iris*—474—*A Tribuna Catholica*—475—*O Guanabara*—475—*A Revista brasileira*—475—*A Revista Popular*—476—*Epilogo*—476.

FIM DO INDICE.

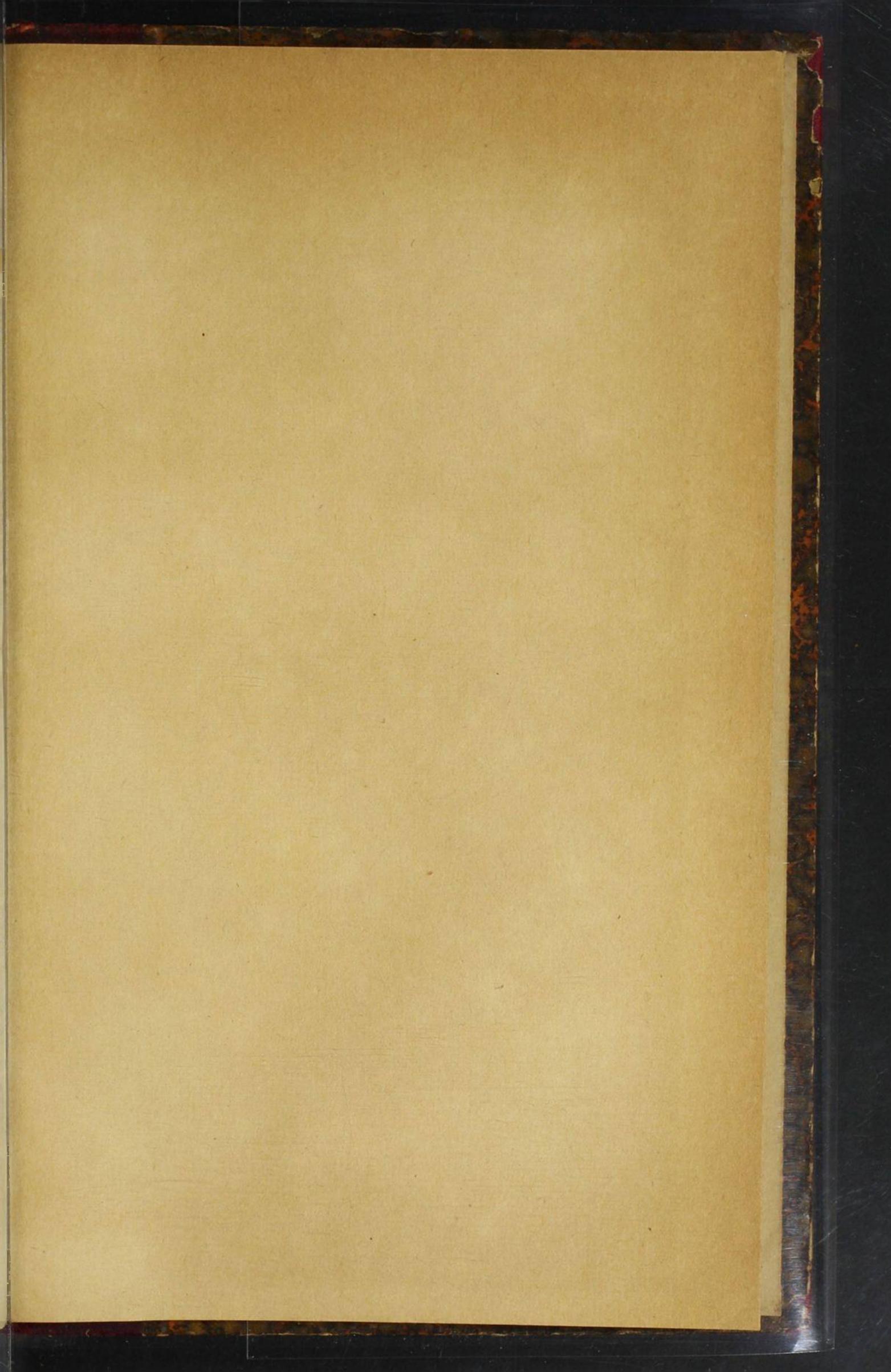
---

## ERRATA PRINCIPAL

---

Além de alguns erros, faceis de corrigir, escapou na revisão o equívoco seguinte :

Na divisão da litteratura hespanhola (Tom. I, pag. 374) em vez de *cinco* periodos leia-se *quatro*, como se deprehende da leitura do Livro XIII.



010071

